



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

***CONQUISTA-DORES E CORONISTAS:
AS PRIMEIRAS NARRATIVAS SOBRE
O NOVO REINO DE GRANADA***

JUAN DAVID FIGUEROA CANCINO

BRASÍLIA

2016

JUAN DAVID FIGUEROA CANCINO

***CONQUISTA-DORES E CORONISTAS:
AS PRIMEIRAS NARRATIVAS SOBRE O NOVO REINO DE GRANADA***

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Linha de pesquisa: História cultural, Memórias e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Jaime de Almeida

BRASÍLIA

2016

Às minhas avós e meus avôs, que nasceram e viveram na região dos muíscas: Maria Cecília, Nina, Miguel Antonio e José Ignacio

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas e instituições que me ajudaram de mil e uma formas a completar satisfatoriamente o doutorado:

- ❖ A meu orientador, o prof. Dr. Jaime de Almeida, por ter recebido com entusiasmo desde o começo a iniciativa de desenvolver minha tese sob sua orientação; pela paciência e tolerância com as mudanças do tema; pela leitura cuidadosa, os valiosos comentários e sugestões; e também porque ele e sua querida esposa Marli se esforçaram para que minha estadia no Brasil fosse o mais agradável possível, tanto no DF como em sua linda casa de Ipameri.
- ❖ Aos membros da banca final pelas importantes contribuições para o aprimoramento da pesquisa: os profs. Drs. Anna Herron More, Susane Rodrigues de Oliveira, José Alves de Freitas Neto e Alberto Baena Zapatero.
- ❖ Aos profs. Drs. Estevão Chaves de Rezende e João Paulo Garrido Pimenta pela leitura cuidadosa e as sugestões durante o exame geral de qualificação, embora as partes do trabalho que eles examinaram tenham mudado em escopo e temática.
- ❖ Ao Programa de Estudante Convênio de Pós-graduação (PEC-PG) pelo indispensável suporte financeiro.
- ❖ Ao corpo docente e administrativo da Pós-graduação em História da UnB.
- ❖ A minha mãe Carolina, meu pai Mario e minha irmã Paola. Pelo amor, o apoio incondicional e a comunicação apesar da distância. E também a todos meus queridos avós, tios, primos e sobrinhos.
- ❖ Ao prof. Dr. César Augusto Ayala, sua esposa Ruby e seu filho Ares. Por me estimular a ingressar no programa de doutorado de história na UnB e por me contagiar com sua paixão pela cultura e pela história brasileira. Seu aconchegante apartamento em Bogotá é como um pequeno “recôncavo brasileiro” em meio aos frios Andes colombianos.
- ❖ A Ángel Alberto Rodríguez pela impecável elaboração dos mapas.
- ❖ A meus companheiros e companheiras nas disciplinas que cursei no PPGHIS.

- ❖ Aos colegas da revista de estudantes da pós-graduação, *Em Tempo de Histórias*, por sonharmos juntos esse projeto editorial e tentarmos melhorar o Qualis: Renata, Dayane, Mayra, Pedro, Ana, Rafael e Victória.
- ❖ A meu colega antropólogo e companheiro de caminhada Camilo Andrés Luna por sua motivação, sua amizade, por ter lido e comentado partes da tese e apoiar a procura de informação.
- ❖ A Alejandra Bello Urrego pela confiança, o carinho, o espírito crítico e a agudeza de pensamento.
- ❖ A Julio Santillán Aldana pela curiosidade, as cumplicidades, o companheirismo e o apoio com as gestões administrativas depois da defesa.
- ❖ Aos meus outros amigos e amigas mais próximos durante esses quatro anos e meio de doutorado: Ada, Carlos, Cristiane, Greyci, Eduardo, Lediane, Leonardo, Moisés, Carlos Andrés, Salatiel, Janeth, Walkiria e Mônica. Por me lembrarem que a vida ultrapassa os limites da Academia e que as fronteiras entre países são imaginárias.
- ❖ À “turma da bike” pelas brincadeiras, os papos descontraídos tomando um delicioso suco ou um açaí e as pedaladas domingueiras pelo Eixão embaixo dum sol escaldante.
- ❖ A Cristiane Rodríguez Kozovits e Sabrina Steinke pela revisão gramatical de algumas seções da tese.
- ❖ A minha *sangha* em Brasília, o grupo de meditação Zen Planalto: Anamaria, Pedro, Verônica, Jacyara, Daniel e a monja Sodô. Porque me permitiu degustar o espírito do budismo japonês com um toque tropical, e em muitas ocasiões foi um refúgio e um oásis durante a escrita da tese.
- ❖ Às paisagens, céus, cachoeiras, plantas e animais que cativaram meu coração e meus sentidos no cerrado brasileiro.

...vinieron [los españoles] a montón para sacar el quinto y repartir mil y ochocientas esmeraldas, entre grandes y pequeñas [...] riqueza nueva y admirable y que jamás se vio tanta ni tan fina piedra junta.

Francisco López de Gómara, *La historia de las Indias*, capítulo LXXII: “Descubrimiento de las esmeraldas”, 1552.

...y que son tan notorios los servicios del dicho adelantado don Gonzalo Jiménez de Quesada que fue el tercero capitán del descubrimiento de estas Indias, porque después del descubrimiento de la Nueva España de Hernán Cortés y, después de él, don Francisco Pizarro que descubrió el Perú, fue el tercero descubrimiento el de este Nuevo Reino y capitán general de este dicho descubrimiento el dicho adelantado don Gonzalo Jiménez de Quesada.

“Información de méritos y servicios de Gonzalo Jiménez de Quesada”, 1577.

...a lo largo del siglo XVI – y de allí en adelante hasta nuestros días –, quienes se refieren al indio colombiano y venezolano han tenido que vérselas no tanto con los prejuicios foráneos en abstracto, sino con aquellos forjados a la luz de las grandes civilizaciones de Perú y de México.

Carl Henrik Langebaek, *Los herederos del pasado. Indígenas y pensamiento criollo en Colombia y Venezuela*, 2009.

RESUMO

Em 1537 um bando de 179 espanhóis capitaneados por Gonzalo Jiménez de Quesada irrompeu no planalto central da atual Colômbia, habitado pelos indígenas muíscas. Na tese examinamos de que maneira começou a ser imaginada pelos peninsulares essa região – denominada Novo Reino de Granada – nos dois primeiros tipos discursivos com informação circunstanciada sobre a mesma: as *relações* dos conquista-dores endereçadas ao rei Carlos V, e três obras gerais elaboradas por coronistas do império: a segunda parte da *História general y natural de las Indias* (pub. 1851) de Gonzalo Fernández de Oviedo; a *Brevíssima relación de la destrucción de las Indias* (pub. 1552) de Bartolomé de las Casas; e *La historia de las Indias* de Francisco López de Gómara (pub. 1552). Nesse corpus textual sobressaem três representações do Novo Reino: como o pior cenário da “destruição das Índias” narrado por Las Casas; como a rica terra das esmeraldas para Oviedo e Gómara; e como o “terceiro reino” e a “terceira conquista” das possessões espanholas na América, de acordo com Quesada. Sugerimos que esses *topoi* discursivos tiveram desdobramentos na imaginação patriótica local ao longo do período colonial e republicano, com a identificação dos muíscas como a terceira “civilização” pré-colombiana.

ABSTRACT

In 1537 a group of 179 Spaniards captained by Gonzalo Jiménez de Quesada irrupted in the central plateau of Colombia, inhabited by the Muisca culture. We explore how this region – named the New Kingdom of Granada – began to be imagined by peninsular authors in the first two discursive types that contained detailed information about it. The first type includes the *relaciones* of “conquest” addressed to King Charles V. The second type includes three general works produced by chroniclers of the empire: the second part of *Historia general y natural de las Indias* (pub. 1851) by Gonzalo Fernández de Oviedo; *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* (pub. 1552) by Bartolomé de las Casas; and *La historia de las Indias* by Francisco López de Gómara (pub. 1552). In this textual corpus three representations of the New Kingdom stand out: the worst manifestation of the "destruction of the Indies" narrated by Las Casas; the rich land of emeralds in Oviedo and Gomara; and the "third realm" and "third conquest" of the Spanish possessions, according to Quesada. We suggest that these discursive topoi were echoed in the local patriotic imagination during the colonial and republican period that identified the Muisca as the “third civilization” of pre-Columbian America.

RESUMEN

En 1537, un grupo de 179 españoles capitaneados por Gonzalo Jiménez de Quesada irrumpieron en la meseta central de la actual Colombia, habitada por los indígenas muiscas. La tesis explora cómo comenzó a ser imaginado esta región – llamada Nuevo Reino de Granada – en los dos primeros tipos discursivos con información detallada al respecto: las relaciones de “conquistadores” dirigidas al rey Carlos V y tres obras generales producidas por coronistas del imperio: la segunda parte de la *História general y natural de las Indias* (pub. 1851) de Gonzalo Fernández de Oviedo, la *Brevíssima relación de la destrucción de las Indias* (pub. 1552) de Bartolomé de las Casas, y *La historia de las Indias* de Francisco López de Gómara (pub. 1552). En este corpus textual sobresalen tres representaciones del Nuevo Reino: como el peor escenario de la "destrucción de las Indias" narrado por Las Casas; como la rica tierra de esmeraldas para Oviedo y Gomara; y como el "tercer reino" y la "tercera conquista" de las posesiones españolas en América, según Quesada. Sugerimos que esos tópicos discursivos tuvieron ecos en la imaginación patriótica local durante el período colonial y republicano, con la identificación de los muiscas como la “tercera civilización” precolombina.

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Figura 1. El <i>adelantado</i> Alonso Fernández de Lugo apresenta as autoridades guanches a Fernando e Isabel	16
Figura 2. Frontispício de <i>Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada</i> , escrita por Lucas Fernández de Piedrahita	20
Mapa 1. O Novo Reino de Granada no momento da invasão	
Mapa 2. Território ocupado pelos muíscas no século XVI	27
Figura 3. Jiménez de Quesada no frontispício da <i>Historia general de los hechos de los castellanos</i> (1601-1615) de Antonio de Herrera	57
Mapa 3. As rotas das três primeiras expedições europeias	6
Figura 4. Armas de Gonzalo Jiménez de Quesada	104
Figura 5. Armas de Hernán Cortés	105
Figura 6. Primeiro folho de uma das cópias da <i>relação</i> de Lebrija e San Martin	114
Figura 7. Ilustração da <i>Brevíssima relação</i> publicada pela família De Bry	163
Figura 8. Gravura do prólogo do <i>Claribalte</i>	181
Figura 9. Frontispício da edição <i>princeps</i> da <i>Historia general</i>	185
Figura 10. Página manuscrita da <i>Historia general</i> de Oviedo	189
Figura 11. Ilustração da <i>Histoire naturelle</i> ou “manuscrito Drake”	231
Figura 12. Frontispício de <i>La historia de las Indiasy nuevo mundo</i>	239

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1. Breve contexto da invasão ao Novo Reino	51
1.1 Os muíscas antes do contato	51
1.2 Quesada, Fernández de Lugo e a expedição a Santa Marta	56
1.3 A longa marcha de Quesada e sua hoste	61
1.4 A chegada ao território muísca e as primeiras impressões	63
1.5 Os protocolos da invasão	64
1.6 O encontro de três conquista-dores	66
1.7 Visões cambiantes sobre a “conquista” dos muíscas	68
1.8 As aspirações de Quesada pelo Novo Reino	72
1.9 Um período conturbado: 1539-1550	74
Capítulo 2. O Novo Reino no horizonte comparativo com a Nova Espanha e o Peru	78
2.1 As <i>Cartas de relação</i> de Cortés e o <i>imperium</i> mexica	79
2.1.2 A disseminação e repercussão das <i>Cartas de relação</i>	81
2.3 A exibição de semióforos e nativos americanos na Europa	82
2.4 A ressonância da invasão da Nova Espanha no Peru	84
2.4.1 As primeiras notícias do Peru	84
2.5.1 O imaginário das riquezas do Peru	87
2.5.2 A ressonância do Peru no Novo Reino de Granada	89
2.6 O “terceiro reino” das Índias espanholas	93
2.7 Quesada como o terceiro conquista-dor das Índias e a retórica do mérito	96
2.8 Os bens simbólicos e a ausência dos muíscas	101
Capítulo 3. As primeiras notícias e <i>relações</i> sobre o Novo Reino	106
3.1 A dupla motivação das <i>relações</i> de Índias	106
3.2 Algumas características das <i>relações</i> de Índias	108
3.3 As primeiras <i>notícias</i> sobre a terra dos muíscas	110
3.3.1 As atas de Cartagena	112
3.4 As <i>relações</i> dos capitães e a mediação de Oviedo	113
3.5 Federmán, Oviedo e os manuscritos perdidos de Quesada	116
3.5.1 O “Epítome de la conquista” e Jiménez de Quesada	119
3.6 O conteúdo das <i>relações</i>	120

3.6.1 A tradição narrativa recebida	120
3.6.2 Representações dicotômicas dos indígenas: panches e muíscas	123
3.6.3 Os senhores muíscas: ricos, poderosos e de muitos vassallos	128
3.6.4 A representação da riqueza	137
Capítulo 4. O frade, o conquista-dor e os índios do Novo Reino	144
4.1 Las Casas e a política em relação às Índias	144
4.2 Las Casas: representante dos pacifistas na Corte	146
4.3 As Leis Novas e uma <i>relação</i> bem copiosa	149
4.4 A última viagem e a gestação da <i>Brevísima</i>	151
4.5 A batalha dos escritos e a publicação da <i>Brevísima</i>	152
4.6 A percepção da riqueza de Quesada na Espanha e as acusações	155
4.7 Novas acusações contra Quesada e a viagem pela Europa	157
4.8 O primeiro muísca na Europa	160
4.9 Uma relação <i>brevíssima</i> com uma pretensão enorme	161
4.9.1 Características editoriais e textuais da <i>Brevíssima</i>	161
4.9.2 Conteúdo e repercussão da <i>Brevíssima</i>	162
4.9.3 O Novo Reino de Granada na <i>Brevíssima relación</i>	166
4.9.4 As fontes da <i>Brevíssima</i> e a circulação de informação sobre o Novo Reino	167
Capítulo 5. Fernández de Oviedo e o Novo Reino por escrito	176
5.1 Oviedo: de cortesão a funcionário imperial	176
5.2 Oviedo, escritor e historiador do Novo Mundo	179
5.3 As Índias e os <i>índios</i> na primeira parte da <i>História general</i>	183
5.4 A versão da <i>Historia general</i> não publicada em vida de Oviedo	190
5.5 Oviedo e os informantes sobre o Novo Reino em Santo Domingo	191
5.6 O encontro entre Oviedo e Quesada	193
5.7 A natureza do Novo Reino na última versão da <i>Historia general</i>	197
5.8 A decadência do conquista-dor e os heróis do Novo Mundo	189
5.9 Heróis e vilões do Novo Reino de Granada na <i>Historia general</i>	201
5.10 A voz narrativa de Oviedo e os indígenas do Novo Reino	204
Capítulo 6. Oviedo e as riquezas do Novo Reino	207
6.1 Os interesses colonizadores de Oviedo e o Novo Reino de Granada	207
6.1.1 Oviedo em Santa Marta e os primeiros indícios de esmeraldas	207
6.1.2 Oviedo, Las Casas e as governações de Terra Firme	209
6.1.3 Segunda tentativa com a governação de Santa Marta	212
6.1.4 A “pacificação” dos indígenas de Santa Marta e Cartagena	214
6.1.5 Oviedo e a procura da governação de Cartagena	215
6.2 A riqueza do Novo Reino na <i>Historia general</i>	217
6.2.1 As esmeraldas do Novo Reino de Granada na <i>Historia general</i>	219

Capítulo 7. Gómara e o Novo Reino por escrito	234
7.1 A formação e as redes de Francisco López de Gómara	234
7.2 Gómara, Cortés e a escrita da história	236
7.3 Breve comparação entre a <i>História de las Indias</i> e a <i>Historia general</i>	240
7.4 As imagens de Hernán Cortés e Francisco Pizarro	242
7.5 A construção do herói Cortés e suas sociabilidades	243
7.6 Características do capítulo sobre o Novo Reino	245
7.6.1 Os indígenas indefinidos	246
7.6.2 A terra das gemas verdes	248
7.6.3 Quesada e sua imagem como “descobridor”	249
Conclusão e epílogo	252
Fontes e bibliografia	274
Anexos	302

INTRODUÇÃO

Começamos com dois cenários da expansão ibérica no final do século XV e primeira metade do XVI.

Primeiro cenário. No outono de 1491, o exército da Espanha cristã encontra-se acampado a poucos quilômetros da cidade de Granada, o último remanescente dos territórios invadidos pelos muçulmanos desde o século VIII na Península ibérica. Sob o comando do rei Fernando de Aragão, constrói-se em poucas semanas um povoado de pedra e tijolo como base permanente de operação. Conta-se que os soldados-operários, principalmente de Castela, queriam batizar *Isabel* a cidade, em honor à rainha, porém ela optou pelo nome *Santa Fe*, já que ali nunca haviam pousado pé os seguidores de Alá. Foi desde esse novíssimo centro urbano que Fernando e Isabel, depois de um assédio de vários meses, aceitaram a rendição do emir Abū ‘Abd Allāh Muḥammad, conhecido pelos espanhóis como Boabdil, no dia 2 de janeiro de 1492. Completava-se assim a “reconquista”, o passo mais importante para a unificação das coroas de Castela e Aragão, o que lhes valeu o título de reis católicos por parte do papa Alexandre VI. Rapidamente o emirado de Granada foi transformado em Reino e subsumido nas lógicas castelhanas.¹

Pouco antes da queda de Granada, os reis recebem em Santa Fe a visita de um navegante italiano pouco conhecido até então. Chamava-se Cristóvão Colombo e promovia um arrojado projeto que nenhum poderoso havia decidido respaldar: a estranha ideia de viajar às Índias pelo caminho marítimo do ocidente. A intermediação do confessor da rainha facilitou a presença de Colombo no acampamento real. Felizmente para o navegante, os monarcas respaldaram a quimera náutica e contribuíram com 20.000 maravedies. Talvez assim conseguissem recuperar um pouco suas arcas exaustas pela guerra. O italiano prometia trazer de volta grandes riquezas minerais e as almeçadas especiarias do Oriente. O plano de Colombo veio a concretizar-se ao assinar as *capitulações* de Santa Fe,² uma espécie de contrato com os reis, por meio do qual obteve o monopólio da aventura expedicionária e uns títulos que lhe

¹ Sobre o contexto da fundação de Santa Fe e a tomada de Granada cf. CEPEDA ADÁN, José. “La ciudad de Santa Fe, símbolo de una época”. In: *Cuadernos de Historia Moderna*. No. 13, 1992, p. 73-79; KAMEN, Henry. *Spain, 1469-1714. A society in conflict*. Harlow, UK: Pearson Longman, 2005, p. 34-40.

² Chamadas assim pelo lugar onde se assinaram.

aproximavam aos nobres da Espanha. Em maio de 1492, Colombo partiu de Granada para encaminhar-se ao porto de Palos, disposto a embarcar no Mar Oceano.³

Em fevereiro do mesmo ano, e também em Santa Fe, os reis *capitularam* a “conquista” de La Palma e Tenerife com o sevilhano Alonso Fernández de Lugo. Essas duas ilhas faziam parte do Arquipélago das Canárias, e estavam repletas de associações míticas para os europeus desde a Idade Média. Também eram conhecidas como as Ilhas Afortunadas. Lugo teve um papel central na última fase da invasão do arquipélago que, a partir desse momento, se converteria tanto em um ponto intermediário de abastecimento e recrutamento para a expansão no continente americano, quanto numa espécie de “laboratório” onde se testaram diferentes métodos de guerra contra populações aborígenes. E tal como ocorreria com os nativos do Caribe uns anos à frente, a população *guanche* das Canárias foi escravizada e dizimada, deixando alguns traços na nascente literatura da expansão. Não por acaso, o humanista italiano Pedro Mártir de Anglería – que também participou da toma de Granada – começou sua famosa série de cartas conhecida como *Orbe Novo*, com uma referência à “conquista” das Ilhas Afortunadas. Uma vez finalizada essa etapa, Lugo retornou à Corte em 1496 com nove “reis” ou *menceyes* canários em sinal do triunfo das armas cristãs e submissão efetiva dos nativos à Coroa, uma espécie de troféus de guerra vivos (ver figura 1). Repetia uma prática inaugurada por Colombo com as autoridades nativas das Antilhas.⁴

³ Sobre o contexto das capitulações de Colombo cf. MOLINA MARTÍNEZ, Miguel. “Aproximación a las relaciones entre Granada y el Nuevo Mundo”. In: *Boletín AEPE*, Nos. 40-41, p. 52-56.

⁴ Sobre o papel das Canárias como “laboratório” da expansão oceânica cf. FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Before Columbus. Exploration and colonisation from the Mediterranean to the Atlantic, 1229-1492*. Londres: Macmillan Education, 1987, p. 203-217. Sobre Fernández de Lugo e os *menceyes* canários cf. RUMEAU DE ARMAS, Antonio. *Fernández de Lugo en la corte de los Reyes Católicos, 1496-1497*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952; GAMBÍN GARCÍA, Mariano. “Un guanche en la corte de los Reyes Católicos. Tras los pasos de don Enrique Canario, el último mencey de Icod”. In: *Revista de Historia Canaria*, No. 185, 2003, p. 125-157.



Figura 1. El *adelantado* Alonso Fernández de Lugo apresenta as autoridades guanches a Fernando e Isabel. De uma pintura mural na prefeitura de San Cristóbal de la Laguna, Tenerife. Tomado de *Wikimedia Commons*.

Segundo cenário. Em março de 1537, um grupo de 179 espanhóis e um número indeterminado de auxiliares indígenas capitaneados pelo licenciado andaluz Gonzalo Jiménez de Quesada chegaram ao planalto central da atual Colômbia, depois de quase um ano de travessia desde a recentemente fundada cidade de Santa Marta – no litoral caribe –. Durante a longa marcha, cerca de dois terços da tropa morreram. Um ano antes, Quesada embarcara com a posição de Tenente de Governador na frota de Pedro Fernández de Lugo, o filho do mencionado Alonso e segundo *adelantado* das Canárias, que por sua vez havia negociado com Carlos V a “conquista” e “pacificação” da governação de Santa Marta e as terras desconhecidas que se estendiam ao sul em 1535. Assim, das Ilhas Afortunadas, a segunda geração de conquista-dores⁵ da família Fernández de Lugo passava às Índias ocidentais americanas à procura de lucros e poder.

A hoste de Quesada era a primeira que pisava nessas férteis comarcas localizadas a 2.600 m.a.n.m., as quais chamaram sua atenção pelo clima ameno e constante ao longo do ano, a abundância de população, os campos densamente cultivados, as minas de sal, alguns aspectos da cultura material e, notadamente, o ouro e as esmeraldas. Portanto, em vez de retornar imediatamente à costa para informar sobre o novo território ao *adelantado* Lugo, de quem dependia legal e financeiramente, o *licenciado* resolveu ficar em território muísca e seus

⁵ Esse conceito será explicado mais à frente.

arredores por mais tempo. Quesada só retornaria à Espanha no final de 1539 a fim de entregar a quinta parte das riquezas correspondente à Coroa e negociar a posse das novas terras com outros dois invasores que inesperadamente se depararam com as mesmas nos começos daquele ano: Nicolás de Federmán, procedente da Venezuela e pertencente ao grupo de Jorge de Espira,⁶ e Sebastián de Belalcázar, vindo de Quito e companheiro de armas de Francisco Pizarro e Diego de Almagro.

A princípio os indígenas encontrados não receberam uma denominação genérica, mas posteriormente os coronistas⁷ coloniais e os escritores da pós-independência os designaram como: moxcas, moscas, mwiskas, muiscas, mozcas, muexcas, muxcas, muyscas e chibchas.⁸ Hoje em dia, os antropólogos referem-se ao grupo étnico como Muíscas e reservam o termo Chibcha para denotar uma macro família linguística que abrange a área do Circum-Caribe.⁹ Aqui nos ateremos a essa nomenclatura. Os muíscas estavam organizados em um mosaico de cacicados de extensão variável e em processo de consolidar estruturas regionais mais centralizadas. De acordo com as primeiras fontes, o chefe mais poderoso da região era o cacique Bogotá, ou simplesmente “o Bogotá”.

Quesada batizou Novo Reino de Granada o território dos muíscas em homenagem à cidade onde havia nascido e/ou crescido, e também – se dizia – pela semelhança com o “velho” reino de Granada na Península ibérica. A palavra *granada* faz referência a uma fruta oriunda do Oriente Próximo – a romã – e vem do latim *malum granatum*, que significa “maçã com grãos”.¹⁰ De acordo com as fontes, a paisagem e as construções indígenas da savana de Bogotá lhe trouxeram supostas reminiscências do vale cercado de serras nevadas e salpicado de

⁶ Seu nome em alemão era Georg Hohermuth von Speyer. Foi sucessor de Ambrósio de Alfinger como governador da província de Coro, no atual território venezuelano, entre 1535 e 1540.

⁷ Esse conceito também será explicado mais adiante, juntamente com *corônicas*, que usamos como sinônimo de histórias.

⁸ GLASSNER, Martin. “The Chibchas: a history in re-evaluation”. In: *The Americas*, Vol. 26, No. 3, 1970, p. 302. “Chibcha” foi o etnônimo que o intelectual e político Joaquín Acosta cunhou no *Compendio histórico del descubrimiento y colonización de la Nueva Granada* (1848).

⁹ Em 1888, Max Uhle expôs a hipótese da existência da família linguística chibcha. Por sua vez, o antropólogo Kirchoff propôs o conceito de área cultural chibcha em 1943, baseado em afinidades culturais e linguísticas. Contudo, o uso do termo muísca em lugar de chibcha está longe de ser generalizado na comunidade acadêmica hoje em dia.

¹⁰ Por sua vez, a voz portuguesa *romã* vem do árabe *rummân*. A fruta foi trazida à América pelos viajantes ibéricos durante o processo de colonização. Porém, na Colômbia seu consumo é raro na atualidade. Sobre a origem do topônimo andaluz Granada cf. POCKLINGTON, Robert. “La etimología del topónimo ‘Granada’”. In: *Al-Cantara. Revista de Estudios Árabes*. Vol. IX, No. 2, Madrid, 1988, p. 376-402. O autor demonstra que o nome se origina na designação medieval da cidade como “a Vermelha”, mas não necessariamente remete a uma identificação com a fruta. Entretanto, ao ser transplantado à América, o topônimo sofreu uma estreita ligação simbólica com a romã desde o começo. Assim se evidencia, por exemplo, no escudo de Santa Fé de Bogotá, adornado com várias romãs.

alcáceres de estilo mourisco perto do Mediterrâneo, só que o primeiro estava governado por “reis” ou “senhores” *índios* ao invés de sarracenos. E, tal como sua homônima europeia, a invasão da Granada americana marcou a culminação de um grande ciclo expansivo do povo hispânico nas Américas, cujos picos mais próximos datavam de 1519 e 1532, correspondentes à penetração na Mesoamérica e nos Andes centrais, respectivamente. O primeiro povoado fundado pelos espanhóis no Novo Reino foi chamado Santa Fe de Bogotá.¹¹ Nele se evocava tanto a Santa Fe granadina, à maneira de réplica da mesma, quanto o nome do principal “senhor” indígena submetido que governava a região, o qual foi morto em 1538. Tal conjugação de termos ibéricos e nativos foi usual nas práticas toponímicas dos espanhóis durante a expansão imperial.¹²

~ ~ ~

Quando Quesada voltou a Castela em 1539 não levava consigo um governante autóctone como troféu de guerra à semelhança de Alonso Fernández de Lugo, mas com ele viajou um jovem muísca sobrinho de um dos principais caciques da região, cristianizado como don Gonzalo de Huesca. O caudilho andaluz também transportou *relações* para notificar ao imperador acerca de mais um lugar “ganho” ao outro lado do Mar Oceano. Começava assim a circulação ampliada de bens, pessoas e informações desse pequeno recanto da América do Sul, localizado a meio caminho entre os dois pólos principais do império em formação: a Nova Espanha, erigida como vice-reino em 1535, e a Nova Castela, elevada a Vice-reino do Peru em 1544. Justamente esses dois espaços tornar-se-iam os principais referentes de comparação e emulação do Novo Reino de Granada por parte das elites letradas *criollas* ao longo do período colonial, que reclamaram desde o começo o terceiro lugar em primazia nas Índias ocidentais para sua “pátria” adotiva ou geográfica: como o cenário da terceira “conquista” e o terceiro “conquistador”, como sede do terceiro reino mais rico e, eventualmente, como berço da terceira civilização pré-colombiana, abaixo somente dos mexicas e os incas.¹³

¹¹ Também escrito Santafé de Bogotá. Na época colonial geralmente se conhecia como Santa Fe. O gentílico de seus habitantes é *santafereños*.

¹² TUCKER, Gene Rhea. “Place-names, conquest, and empire: Spanish and Amerindian conceptions of place in the New World”. Tese de Doutorado em História. Arlington: Universidade de Texas, 2011.

¹³ A concepção dos muíscas como a terceira “civilização” pré-colombiana foi popularizada por Joaquín Acosta, o criador do etnônimo *chibcha*. Porém, tratou-se de um processo de longa duração que começou no final do século XVIII e prolongou-se até o século XX. A esse respeito cf. GUARÍN, Oscar. “La civilización chibcha y la construcción de la nación neogranadina”. In: *Universitas Humanística*, No. 70, 2010, p. 205-222; Idem. “De bárbaros a civilizados: la invención de los muíscas en el siglo XIX”. In: GÓMEZ LONDOÑO Ana María (ed.). *Muiscas: representaciones, cartografías y etnopolíticas de la memoria*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005, p. 229-245; FIGUEROA, Juan David. “El *Compendio* de Joaquín Acosta y la construcción de memoria en

Podemos denominar *terceiridade* o conjunto desses *topoi* de grandeza do Novo Reino de Granada. Com tal termo nos referimos ao argumento de que ele ocupava o “terceiro lugar” nas Índias em diferentes ordens de coisas: a riqueza, as façanhas de invasão e “conquista”, e a sofisticação de sua vencida cultura originária. Para compreender essa ideia de grandeza, lembremos que no universo mental colonial, tudo estava rigidamente hierarquizado e pertencia a uma escala discernível de saliência ou pequenez, desde o plano individual até os conglomerados humanos, as ações, e inclusive os elementos naturais. Cabe pontuar que em ocasiões alguns autores explicitaram sua expectativa de que o Novo Reino não ocupasse o terceiro lugar, mas sim o primeiro ou o segundo. Por exemplo, na *Probanza* de Quesada transparece tal ideia no que tange aos trabalhos e padecimentos prévios à “conquista” dos muíscas e sua riqueza.¹⁴

Paralelamente às reivindicações de relativa notoriedade por parte dos escritores locais, houve uma queixa referente ao que eles percebiam como uma negligência historiográfica em relação à Nova Espanha e Peru. Segundo esses letrados, sem disputar diretamente a proeminência desses dois vice-reinos, o tratamento dado a seu próprio “reino” nas histórias gerais do império espanhol era muito reduzido, de forma que passava praticamente despercebido. Uma de suas justificativas para tomar a pluma era, justamente, reparar essa injustiça. Assim, na primeira corônica publicada a tratar com exclusividade o Novo Reino – a *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada* (1688) – o bispo mestiço Lucas Fernández de Piedrahita¹⁵ escrevia na década de 1660:

Reconocidas cuantas historias se han escrito de Indias, y viendo en ellas tratadas tan de paso las conquistas del Nuevo Reino de Granada, *siendo el tercero en grandeza y majestad* de todos los que hay en esta dilatada Monarquía, extrañé muchas veces que á tan glorioso asunto hubiese faltado aplauso especial de alguna pluma curiosa...¹⁶

Nueva Granada (1830-1848)”. Dissertação de Mestrado em História. Bogotá: Universidade Nacional da Colômbia, 2007.

¹⁴ Cf. o capítulo 2. Por exemplo, em uma fonte muito mais tardia lemos: “este Reino que en sí es el más rico y abundante de los que Reyes de España tienen en ambas Américas”. FINESTRAD, Joaquín de. *El vasallo instruído en el estado del Nuevo Reino de Granada y en sus respectivas obligaciones*. Bogotá: Universidad Nacional, 2000 [1789], p. 103.

¹⁵ Antes de Piedrahita escreveram-se outras corônicas sobre o Novo Reino de Granada, mas só viriam a ser publicadas nos séculos XIX e XX. Sobre esse autor cf. RESTREPO, Luis Fernando. “The ambivalent nativism of Lucas Fernández de Piedrahita’s *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada* (1688)”. In: BAUER, Ralph; MAZZOTTI, José Antonio (eds.). *Creole subjects in the colonial Americas. Empires, texts, identities*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009, p. 334-354.

¹⁶ FERNÁNDEZ DE PIEDRAHITA, Lucas. *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada*. [Sevilla?]: [Thomas López de Haro?], 1688, “Al lector”, grifos nossos.

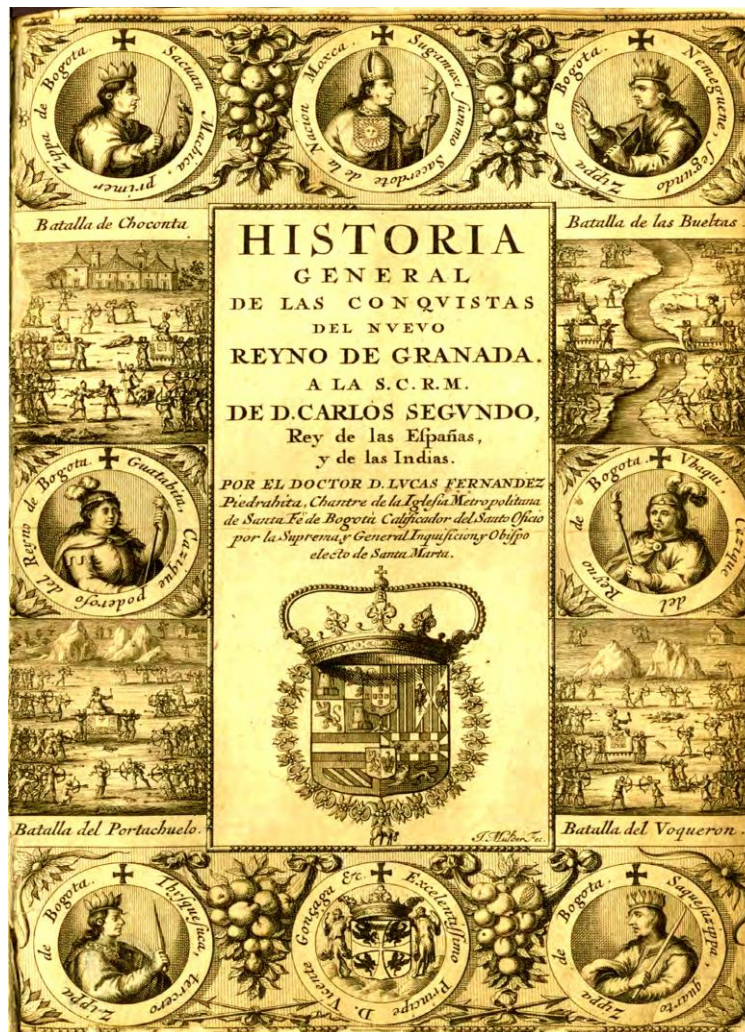


Figura 2. Frontispício de *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada*, escrita por Lucas Fernández de Piedrahita.

Um coetâneo de Piedrahita, o *criollo* Juan Rodríguez Freyle, descendente de um conquista-dor companheiro de Quesada, perguntava-se por esses mesmos anos em seu manuscrito de história local:

...cuál haya sido la causa por la cual los historiadores que han escrito las demás conquistas han puesto silencio en esta [a do Novo Reino de Granada, que denomina “mi patria”], y si acaso se les ofrece tratar alguna cosa de ella para sus fines, es tan de paso que casi la tocan como a cosa divina por no ofenderla. O quizá lo hacen porque como su conquista fue poco sangrienta, y en ella no hallaron hechos que celebrar, lo pasan todo en silencio.¹⁷

¹⁷ RODRIGUEZ FREYLE Juan. *El carnero*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979, p. 9.

Há indícios de que esse *topos* de grandeza negligenciada não terminou no período colonial. Com efeito, quase um século após a independência, quando o país estava organizado formalmente como República democrática centralista e ostentava um nome que lembrava a figura de Cristóvão Colombo – Colômbia¹⁸ –, encontramos mais ecos de *terceiridade* na pluma dos letrados porta-vozes da cultura hegemônica. Assim, pouco depois da criação da Academia Colombiana de Historia (1902) e do fim da guerra civil mais sangrenta do século XIX e começos do XX,¹⁹ um dos fundadores do mencionado órgão se queixava amargamente:

Familiares son al mundo entero los nombres de Pizarro y de Cortés, así como los de otros muchos de los conquistadores de América, y todo niño sabe quiénes eran los incas y los aztecas; pero pocos conocen los nombres de Jiménez de Quesada, de Belalcázar, de Federmann y demás soldados que sojuzgaron nuestro país; y es general la ignorancia sobre el reino de los chibchas.²⁰

Bastem esses exemplos, tomados dentre outros que consideramos desnecessário citar, para sublinhar a percepção de descuido historiográfico do Novo Reino, sempre em chave comparativa com a Nova Espanha e o Peru. Desde uma perspectiva mais ampla, constatamos que tal sensação de invisibilidade inseriu-se em um processo de formação da consciência *criolla* nas *politeias* americanas por oposição à identidade peninsular, que tem sido estudado principalmente nos dois últimos cenários mencionados. O sentimento de diferença com relação aos espanhóis nascidos na Europa foi reconhecido e “explicado” com recurso a influências ambientais e astrológicas do Novo Mundo pelo menos desde a década de 1570.²¹ No final do século XVI os *criollos* já eram vistos como um grupo diferenciado na maioria das regiões ibero-americanas, incorporando alguns dos preconceitos raciais que eram aplicados também aos indígenas.²² Se desde a Metrópole gerou-se um discurso colonial da “crioulização”, nos entornos locais americanos emergiram expressões culturais e moderadamente políticas como o *criollismo* e o patriotismo *criollo*, como reação a essas categorizações, que em alguns casos

¹⁸ O país recebeu o nome de República de Colômbia na Constituição de 1886.

¹⁹ Denominada Guerra dos Mil Dias.

²⁰ POSADA, Eduardo. “Introdução” de AGUADO, Frei Pedro de. *Recopilación historial*. Bogotá: Imprenta Nacional, 1906, Vol. 1, p. VII.

²¹ Trata-se de uma referência aos *criollos* em LÓPEZ DE VELASCO, Juan. *Geografía y descripción universal de las Indias* (1570). Antes disso, a palavra *crioulo* [para designar os negros nascidos na América] foi usada pelos portugueses no contexto da escravidão africana. Sobre a formação da categoria *criollo* e *créole* cf. a nota seguinte.

²² Cf. BAUER, Ralph; MAZZOTTI, José Antonio. “Introduction”. In: idem (eds.). *Creole subjects in the colonial Americas. Empires, texts, identities*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009, p. 4-7.

transmitiam uma percepção de ressentimento.²³ Consideramos importante atentar para esses fenômenos só de forma tangencial porque ultrapassam os limites cronológicos da tese.

~ ~ ~

Nessa tese analisamos o começo do longo processo de construção imaginária do Novo Reino de Granada como entidade discernível nas Índias espanholas. Partimos do pressuposto de que a escrita foi um dos importantes mecanismos de “invenção” performativa desse “reino”, e que serviu para dar legitimação ao domínio e posse hispana sobre o mesmo. Entretanto, esse processo não foi linear nem suave: na escala macro, ele esteve imerso nas acras lutas políticas do período em torno de diferentes paradigmas da colonização; e na escala micro, enfrentou diversos atores civis e religiosos que pretendiam conseguir melhores posições, reputação e controle sobre os indígenas e os recursos.

Ao longo dos capítulos, examinamos os dois primeiros tipos discursivos com informação circunstanciada sobre o Novo Reino que circularam no âmbito monárquico, os quais são cronológica e conceitualmente anteriores às corônicas locais mais extensas elaboradas desde fins do século XVI em diante que citamos na seção precedente. Por uma parte, as primeiras *relações* do espaço, dos recursos considerados atrativos e dos habitantes originários, bem como das ações dos invasores. Os primeiros a escrever de forma mais detalhada sobre esses diversos aspectos foram Gonzalo Jiménez de Quesada e alguns de seus capitães de *compaña*.²⁴ Suas *relações* endereçadas ao rei e ao Conselho de Índias, somadas a outros documentos como processos judiciais e cartas de missionários, circularam no entorno régio entre conquista-dores, funcionários reais, membros do clero, cosmógrafos e coronistas, e serviram para diferentes fins: informar, reclamar, imaginar e dar contorno a um território

²³ Sobre as expressões culturais do patriotismo *criollo* no Peru e a Nova Espanha cf. BRADING, David. *Orbe indiano. De la monarquía católica a la República criolla*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991. A formação da consciência *criolla* foi um processo multifacetado que teve manifestações bem diversas. Para o Novo Reino se encontram interessantes reflexões em VILLAMIZAR, Carlos Vladimir. *La felicidad del Nuevo Reyno de Granada: el lenguaje patriótico en Santafé (1791-1797)*. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2012. De acordo com o autor, no espaço neogranadino o incipiente patriotismo *criollo* não parece ter gerado uma extensa literatura, com contadas exceções como a *Historia general* de Piedrahita, *El carnero* de Rodríguez Freile e o *Panegyrico sagrado* de Solís y Valenzuela. Para o século XVII neogranadino cf. MANTILLA, Luis Carlos. “Los presupuestos teóricos del criollismo en la obra del colombiano [sic.] Luis de Betancur y Figueroa (1634)”. In: *Revista Complutense de Historia de América*, No. 22, Madrid, 1996, p. 121-138. Para uma aproximação geral do tema cf. LAVALLÉ, Bernard. “Criollismo y protonacionalismo en América del Sur (Siglos XVI y XVII)”. In: *Historia y Cultura*. Universidad de Cartagena, Año 2, No. 2, 1994, p. 9-13.

²⁴ A *compaña* era um pequeno grupo de invasores que formavam parte de um corpo expedicionário. Estavam divididas hierarquicamente em divisões de gente “a pé” e “a cavalo”, comandadas por capitães que geralmente investiam mais dinheiro e recebiam maiores porções do botim.

desconhecido até então. Outros documentos de especial significado são as *Probanzas de mérito y servicios* dos conquista-dores, que constituem uma variedade particular de *relações* e tem chamado cada vez mais a atenção do mundo acadêmico. Como exemplo desse gênero textual, focamos na *Probanza* de Quesada.

As três primeiras histórias gerais da América constituem o segundo tipo discursivo e documental da pesquisa: a *História general y natural de las Indias* (parte II, pub. 1851) de Gonzalo Fernández de Oviedo, a *Brevíssima relación de la destrucción de las Indias* (1552) de Bartolomé de las Casas e *La historia de las Indias* de Francisco López de Gómara (1552). Especificamente abordamos as seções atinentes ao Novo Reino de Granada, tentando compreender as correspondências, sobreposições ou discordâncias tanto entre essas histórias gerais, quanto entre elas e as *relações* da primeira etapa.

Embora a segunda parte da *Historia general y natural* de Oviedo – na qual trata do Novo Reino – tenha permanecido inédita até o século XIX, as obras de Las Casas e Gómara ofereceram ao público leitor da época uma caracterização sumária e icônica, mesmo que desde perspectivas diametralmente opostas, das comarcas percorridas e das ações realizadas por Quesada e sua tropa. Elas se tornaram os títulos de referência erudita com maior autoridade até a publicação da *Historia natural y moral de las Indias* (1590) de Joseph de Acosta e as *Décadas*²⁵ de Antonio de Herrera (pub. 1601-1615), com as quais conformariam o corpus básico da biblioteca histórica colonial, que caberia chamar canônico.²⁶ Foram uma engrenagem do processo de “invenção da América” como um todo, e de cada território de colonização por separado. Quando Fernández de Piedrahita e Rodríguez Freyle se queixavam da negligência que sofriam suas comarcas natais, justamente era esse conjunto de textos que tinham em mente. As histórias de Oviedo, Las Casas e Gómara foram também armas discursivas usadas como “provas” nas acaloradas discussões da agenda indiana.²⁷

Temos a intenção de oferecer uma aproximação original dessas fontes, com uma leitura muito atenta de suas linguagens, contextos de produção – materiais e mentais – e os itinerários biográficos dos autores. Pretendemos contribuir com a análise de aspectos micro, relativos a

²⁵ Esse é o nome mais popular. Seu título original é *Historia general de los hechos de los castellanos en las Islas y Tierra Firme del mar Océano que llaman Indias Occidentales*.

²⁶ Entendendo biblioteca no sentido de um conjunto de obras chave consagradas pela tradição. Aqui só nos referimos às obras que tratam da conquista da América e seus espaços desde uma ótica geral, entendendo que houve muitas outras menos abrangentes do ponto de vista geográfico, notadamente as relativas à Nova Espanha e ao Peru.

²⁷ As quais serão explicadas mais adiante.

cada obra e as interconexões entre elas, assim como a relação dialética entre as narrativas e os mundos dos autores.

A seguir, as principais questões que norteiam a pesquisa: como foi representado e imaginado o Novo Reino de Granada nas primeiras *relações* e corônicas gerais de América? Como se deu a mediação entre essas *relações* e as corônicas? Quais aspectos idiossincráticos relativos ao Novo Reino são elencados nesses documentos, em contraste com a Nova Espanha, o Peru e outros entornos das Índias ocidentais? De que forma a referência ao Novo Reino, seus invasores e grupos indígenas figuraram – ou não – nas discussões centrais da agenda indiana em meados do século XVI, e por quê? Quais as concordâncias e discordâncias entre eles e por quê? De que forma influíram os interesses e visões de mundo dos principais atores da expansão hispana – a Coroa, os conquista-dores e *encomenderos* e o clero – nesses documentos?

Cabe fazer algumas precisões temáticas. Em primeiro lugar, a tese não toma em conta a visão dos muíscas sobre a intrusão por parte dos ibéricos. Ainda que este tema seja interessante, não faz parte dos objetivos e carece-se de documentos para tal fim. Diferentemente do acontecido na Nova Espanha e Peru, o Novo Reino não contou com uma literatura elaborada pelas etnias originárias sobre o processo de “conquista” castelhana.²⁸ Por conseguinte, os textos usados refletem a perspectiva ibérica, embora possam ter deslizamentos e mediações das vozes de indígenas informantes em alguns pontos. Em segundo lugar, focamos particularmente em três elementos das representações²⁹ escritas do ponto de vista ibérico: 1) a terra e suas riquezas, 2) os habitantes originários (os indígenas muíscas e panches) e 3) os próprios conquista-dores, notadamente os caudilhos líderes das primeiras três expedições na área: Quesada, Federmán e Belalcázar. Em terceiro lugar, ao longo da pesquisa três personagens merecem destaque tanto enquanto autores como enquanto atores: Gonzalo Jiménez de Quesada, que representa o conquista-dor tornado *encomendero* e coronista mais influente no Novo Reino de Granada; Gonzalo Fernández de Oviedo, que encarna o ponto de vista do funcionário imperial e coronista oficial; e Bartolomé de las Casas, que representa o

²⁸ E em alguns casos com colaboração de etnias indígenas, *exempli gratia*, na Nova Espanha. A esse respeito lembramos os trabalhos sobre os “conquistadores índios” na linha da Nova História da Conquista que comentaremos no capítulo 1.

²⁹ A discussão sobre as representações sociais nas ciências sociais é assaz ampla e complexa. Para uma boa panorâmica com ênfase na historiografia, na qual retoma as contribuições de outros autores como Roger Chartier, cf. RICŒUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007. Na tese usaremos representação e imagem (discursiva) como sinônimos.

articulador da rede de evangelização pacifista e conselheiro não oficial da Coroa. A figura de López de Gómara também é relevante, mas, em menor medida que as três anteriores.

~ ~ ~

Cabe fazer algumas precisões sobre um topônimo que aparecerá repetidamente na tese: Novo Reino de Granada. Conforme indicamos, ele corresponde à designação dada aos territórios incorporados por Gonzalo Jiménez de Quesada à Coroa espanhola em 1537, seguindo o habitual esquema colonial de nomear as terras “descobertas” como se fossem uma extensão ou réplica de determinadas partes da Espanha, e acrescentando o adjetivo *novo*, em alusão, muitas vezes, às regiões nativas dos invasores.³⁰ Podem-se elencar bastantes exemplos análogos, a começar por Nova Espanha e passando por Nova Galícia, Nova Castela, Nova Andaluzia, Nova Cádiz, Nova Santander, Nova Estremadura, dentre outros.

Num primeiro momento, a área do *Nuevo Reyno de Granada* – na grafia original – ou mais habitualmente, *Nuevo Reyno*, correspondia basicamente ao altiplano central da cordilheira oriental da Colômbia. Essa era justamente a extensão de terra que aproximadamente ocupavam os muíscas, em terras de clima frio, entre os 2.000 e 3.000 m.s.n.m. Para fins expositivos, quando usemos o topônimo Novo Reino de Granada ou sua forma abreviada Novo Reino, o referente geográfico será esse: as comarcas muíscas invadidas por Quesada e sua companhia. Também empregaremos a denominação Novo Reino de Granada *stricto sensu* com a mesma conotação. Aquele é o principal referente geográfico da pesquisa.

Num segundo momento, com a instalação da Audiência de Santa Fé em 1550 e da arquidiocese da Nova Granada (1564), o topônimo começou a adquirir um significado mais geral, chegando a cobrir a região central e norte da atual Colômbia, inclusas as governações de Santa Marta, Cartagena e parte de Popayán.³¹ Na pesquisa, referir-nos-emos a esses territórios

³⁰ Em palavras do cronista Antonio de Herrera y Tordesillas, “[Jiménez de Quesada] dio el nombre de la ciudad, y el reyno, porque era natural de Granada, aunque en el descubrimiento tuvieron parte el adelantado Belalcazar y Nicolao [sic] Federman”. HERRERA, Antonio de. *Descripción de las Indias occidentales*. Madrid: Imprenta Real, 1601, p. 42. MCFARLANE, *Colombia before Independence. Economy, society and politics under Bourbon rule*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 6.

³¹ De acordo com Antonio de Herrera y Tordesillas, o distrito da Audiência de Santa Fé de Bogotá compreendia a província do Novo Reino, as governações de Santa Marta, Cartagena e parte da de Popayán. HERRERA. *Descripción*, op. cit., p. 41. Lucas Fernandez de Piedrahita em sua *opera prima* oferece uma descrição do espaço ampliado do Novo Reino: “de suerte que, mirando en esta forma el Nuevo Reino, tiene de longitude más de ochocientas leguas y de latitude cuatrocientas, en que se comprenden las provincias que hoy se llaman equinociales de Antioquia y Popayán, y las de Cartagena, Santa Marta, Venezuela, Caguan, Mérida, Guayana, Cumaná, Maracapan y San Juan de los Llanos”. Porém, um pouco depois Piedrahita dá uma descrição sintética e mais usual do Novo Reino: “pero lo que al presente conserva el nombre, y es la parte más principal de todas,

como Novo Reino de Granada *ampliado*. Cabe anotar que dois autores analisados na investigação – Gonzalo Fernández de Oviedo e, em menor medida, Bartolomé de las Casas – tiveram uma importante ligação vital com as zonas litorâneas desse dilatado espaço, o que gerou desdobramentos nas obras que escreveram.

Num terceiro momento, durante o século XVIII, o topônimo foi associado com uma entidade política muito mais vasta: o Vice-reino da Nova Granada (1717-1723; 1739-1819) que incluía a maior parte da atual Colômbia, Venezuela, Equador e Panamá.³² A denominação Nova Granada a secas começou a ser empregada desde o final do período colonial para referir-se ao marco geográfico vice-real bolivariana (1819-1830), mais conhecida como Grande-Colômbia. Os outros dois foram Equador e Venezuela.

Depois da independência, a Nova Granada sofreu uma mutação semântica, pois foi um dos três estados resultantes da dissolução da Colômbia Assim, ao longo do século XIX, a Nova Granada adquiriu o sentido mais restrito da República que depois viria a ser chamada Colômbia e que conserva muito *grosso modo* os mesmos limites até os dias de hoje, descontando o istmo de Panamá e outras porções.³³ Dada essa ressignificação do topônimo Nova Granada, os autores do século XIX frequentemente o aplicavam anacronicamente para a época colonial, designando com ele o espaço republicano *antes* da emancipação.³⁴ Na presente tese não empregaremos essa acepção dos topônimos Nova Granada ou Novo Reino de Granada.

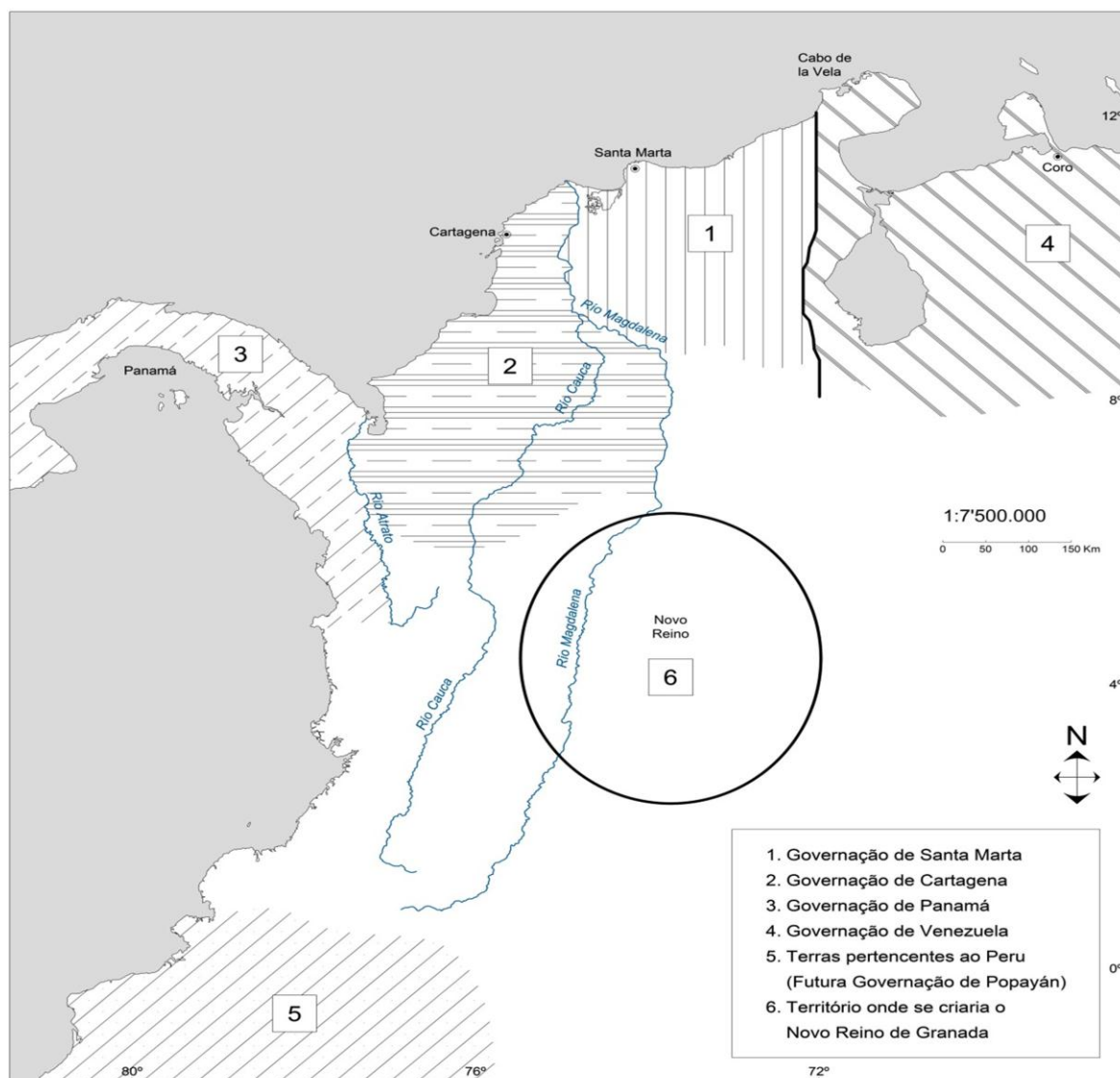
tendrá (mediéndolo por el aire) ochenta leguas de norte a sur y pocas menos leste ó éste”. FERNÁNDEZ DE PIEDRAHITA. *Historia general*, op. cit., p. 4.

³² Também era conhecido como vice-reino de Santa Fé ou simplesmente *o Reino*.

³³ Não se deve confundir a Colômbia bolivariana com a posterior República de Colômbia, estabelecida em 1886. O gentílico usado pelos naturais da Nova Granada era *neogranadinos* ou *granadinos*.

³⁴ Assim ocorreu notadamente nas primeiras histórias nacionais como a de Joaquín Acosta, José Antonio de Plaza e José Manuel Groot.

Mapa 1. O Novo Reino de Granada no momento da invasão³⁵



~ ~ ~

³⁵ Mapa elaborado por Ángel Rodríguez com as indicações do autor. Adaptado de LUTZ GÓMEZ, Pedro. “El problema de la ubicación espacial del Nuevo Reino de Granada al momento de su creación”. In: *Memoria y Sociedad*, Vol. 4, No. 4, 2000, p. 153.

A pesquisa cobre principalmente os anos 1539-1552, correspondentes à parte final do reinado de Carlos V.³⁶ Ao longo dessa “longa década” os assuntos americanos passaram ao primeiro plano na agenda imperial. Duas questões se destacaram.

Em primeiro lugar, entre 1538 e 1541, o Peru se viu sacudido por uma “guerra civil” entre os dois principais bandos de conquista-dores: almagristas e pizarristas. Cinco anos depois, um novo conflito mobilizou os pizarristas contra o primeiro vice-rei. O licenciado Pedro de La Gasca – representado como herói nas fontes do período – foi enviado para impor a ordem, se bem que com amplas concessões para os insubordinados. Tais conflitos no território que rendia mais lucros à Coroa ameaçaram as finanças régias e reafirmaram as ressalvas que existiam em relação aos conquista-dores e *encomenderos*, vistos como uma possível ameaça para o poder central.³⁷

Em segundo lugar, na Península teve lugar um intenso debate que incidiu diretamente na produção escriturária sobre o Novo Reino de Granada. Os dois assuntos centrais eram: 1) a legalidade da “conquista” violenta como mecanismo para submeter os grupos indígenas; 2) o tipo de aproveitamento econômico que se podia extrair deles. Outros temas que também foram ardorosamente ventilados tinham a ver com a evangelização do *índio*, sua incorporação ao ordenamento jurídico e cultural castelhano, e como pano de fundo, sua “natureza” e status como seres humanos.³⁸

Em torno desses problemas se expressaram várias correntes de opinião, verdadeiras comunidades políticas que pressionavam por diferentes formulações legais. Simplificando um pouco, três grandes grupos são reconhecíveis em meados do século.³⁹ Em um extremo do espectro estavam aqueles que advogavam pelo “bom tratamento” dos indígenas: pediam o

³⁶ O príncipe Carlos de Gante ocupou o trono da Espanha em 1516 e do Sacro Império Romano em 1519. Em 1517 as Cortes o aclamaram como rei Carlos I da Espanha. Por sua vez, foi o imperador Carlos V de 1519 a 1556. Para uma aproximação geral ao período cf. KAMEN. *Spain, 1469-1714*, op. cit., p. 65-127.

³⁷ ELLIOT, John. “A conquista espanhola e a colonização da América”. In: BETHEL, Leslie (org.). *América Latina colonial*, Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 135-194.

³⁸ Na verdade, todos esses pontos começaram a ser debatidos desde os primórdios da invasão, porém nos anos 1542-1552 os debates foram mais intensos. Cf. PAGDEN, Anthony. *The fall of natural man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

³⁹ Tomamos o conceito de “comunidade política” da historiadora Caroline Cunill. Parece-nos mais apropriado do que a categorias “partido político” ou “movimento social”, empregados por outros autores. Cf. CUNILL, **Caroline**. “Fray Bartolomé de las Casas y el oficio de defensor de indios en América y en la Corte española.” In : *Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Edição digital*: <http://nuevomundo.revues.org/63939>. Última consulta 15-VI-2016. Antonio Acosta enfatiza os elementos econômicos na conformação desses grandes “blocos de interesse” e a falta de homogeneidade no interior dos mesmos. ACOSTA, Antonio. “Los orígenes de la crisis de 1541-1543 en la política indiana de la monarquía”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, Vol. 62, No. 2, 2005, p. 103-134.

encerramento das “conquistas”, se opunham radicalmente à *encomienda*, à escravatura, e propunham diversas formas de evangelização “pacífica”. Esse grupo congregava em sua maioria membros das ordens mendicantes – notadamente dominicanos e franciscanos –, os quais receberam o respaldo de caciques indígenas e funcionários da administração imperial. Alguns especialistas denominam-nos “indigenistas”, mas preferimos chamá-los pacifistas à falta de outro termo mais apropriado.⁴⁰ No outro extremo do espectro estavam os partidários da *encomienda*, da invasão violenta e do trabalho forçado. Tal era o grupo majoritário e estava composto por burocratas, eclesiásticos, altos membros da administração e, em geral, todo o conjunto de conquista-dores e *encomenderos*. Vamos designá-lo comunidade *encomendera* ou belicista.⁴¹

A Coroa e os defensores do poder real constituem o terceiro coletivo claramente reconhecível na arena política. Sua postura ideológica oscilou de acordo com a conjuntura. Embora durante os reinados de Carlos V e Felipe II tenham se identificado mais com os pacifistas, nem sempre os monarcas e seu séquito andaram de mãos dadas com o projeto das ordens religiosas, e respaldaram aos belicistas em várias ocasiões.⁴² No plano legal a Coroa tendeu a proteger o indígena e concebeu a “conquista” como um problema moral que devia ser debatido e justificado teológica e juridicamente; porém, na prática permitiu muitos atropelos dos colonizadores por conta das molas do próprio sistema de expansão imperial. Devido ao caráter acomodaticio da Coroa, o que mais compete à tese é o enfrentamento entre pacifistas e belicistas que teve expressão na escrita da história.

~ ~ ~

A Corte era a principal arena onde essas comunidades se enfrentavam. Tentemos identificar seus porta-vozes e olhar mais de perto o jogo de interesses que ali se teciam. No

⁴⁰ *Indigenismo* é um conceito que nos parece anacrônico para essa época, e transmite a impressão de que esse grupo estaria orientado pela “boa vontade” em relação aos ameríndios, mas esse tema daria lugar a uma discussão de caráter moral e filosófico. Cabe lembrar que os debates sobre a legitimidade da guerra fracionaram o humanismo quinhentista. As posições em prol ou contra o uso das armas não eram rotuladas como belicistas ou pacifistas na época. Os escritores renascentistas usavam dois adjetivos contrários: “marcial” e “irenista” – derivado de Irene, deusa grega da paz e a prosperidade –. Cf. CASTILLA URBANO, Francisco. “Concordia y discordia en el Renacimiento: el pensamiento sobre la guerra en la primera mitad del siglo XVI”. In: *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*. Ano 16, No. 32, 2014, p. 25-52.

⁴¹ FRIEDE, Juan. “Fray Bartolomé de las Casas, exponente del movimiento indigenista español del siglo XVI”. In: *Zeitschrift für Ethnologie*, Vol. 78, N. 2, 1953, p. 239-256.

⁴² Tradicionalmente se considera a Carlos V um monarca mais protecionista e a Felipe II como mais predisposto a respaldar os interesses dos colonos. Por exemplo, Felipe II esteve a ponto de legalizar a perpetuidade das *encomiendas* por conta dos milionários oferecimentos que recebeu do coletivo belicista. Entretanto, esse tema ainda é matéria de discussão.

grupo pacifista, resulta evidente o protagonismo de frei Bartolomé de Las Casas. Ele era respaldado por outros religiosos influentes como o cardeal e conselheiro real Francisco Jiménez de Cisneros, teólogos da Escola de Salamanca como Francisco de Vitoria e Domingo de Soto, e vários bispos do Novo Mundo. Suas afinidades ideológicas coligem-se dos escritos que elaboraram e das ações coletivas que empreenderam. Suas múltiplas reivindicações chegaram a influir nas decisões da Coroa e plasmaram-se na legislação, com particular força na década de 1540, ao serem promulgadas as chamadas Leis Novas.⁴³

Na coletividade *encomendera* sobressaem personagens como o jurista Juan López de Palacios Rubio, conselheiros áulicos como os bispos Juan Rodríguez de Fonseca e García de Loaysa, junto com os poderosos Lope de Conchillos e Francisco de los Cobos,⁴⁴ de enorme influência na Corte; da mesma forma, grandes condutores da invasão como Hernán Cortés e Francisco Pizarro, que conseguiram ingressar nas fileiras da nobreza titulada. Em um escalão inferior estavam caudilhos de menor influência, como Gonzalo Jiménez de Quesada. E obviamente, contavam com porta-vozes letrados como Juan Ginés de Sepúlveda, Gonzalo Fernández de Oviedo e Francisco López de Gómara.

Cada grupo desenvolveu seus próprios circuitos de sociabilidade e comunicação. Por exemplo, Las Casas estava conectado com uma ampla rede de eclesiásticos e burocratas pacifistas no Ultramar, que encaminhavam para ele relatórios e cartas sobre os abusos dos colonos. Durante sua primeira viagem à Espanha, contou com o auxílio de frei Antonio de Montesinos, uma das primeiras vozes que protestaram contra a exploração indígena. O autor da *Brevíssima relación* chegou a incluir diretamente na designação de numerosos bispos nos território americanos, inclusive no Novo Reino de Granada.⁴⁵ A comunidade *encomendera* estava mais fragmentada em conglomerados regionais que designavam procuradores para

⁴³ Trataremos mais extensamente esse tema no capítulo 4.

⁴⁴ Rodríguez de Fonseca, García de Loaysa, Lope de Conchillos e Francisco de los Cobos lucravam diretamente dos negócios indianos, como titulares absenteeístas de *encomiendas* e beneficiários de outras empresas da Coroa. A respeito de Lope de Conchillos e Francisco de los Cobos cf. respectivamente: FRANCO SILVA, Alfonso. “El primer oro de las Indias. La fortuna de Lope Conchillos, secretario de Fernando el Católico”. In: *Historia. Instituciones. Documentos*. No. 33, 2006, pp. 123-171; KENISTON, Hayward. *Francisco de los Cobos. Secretary of the Emperor Charles V*. University of Pittsburgh Press, 1960. Da mesma forma que o coronista Fernández de Oviedo, Francisco de los Cobos começou sua carreira como protegido de Lope de Conchillos.

⁴⁵ No entanto, convém lembrar que nem todos os pacifistas eram lascasianos. DUSSEL, Enrique. *El episcopado hispanoamericano. Institución misionera en defensa del indio*. México: Centro de Reflexión Teológica, 1979, p. 57-107.

defender seus interesses na Corte.⁴⁶ Também contou com as alianças matrimoniais entre alguns de seus membros.

O papel dos homens de letras e o uso dos impressos como ferramenta de pressão política foi fundamental para ambos os coletivos. De fato, os primeiros livros relativos à América foram escritos por belicistas.⁴⁷ Quanto ao coletivo pacifista, tardou mais tempo em utilizar-se dos serviços da prensa de tipos móveis. Porém, desde muito cedo houve escritos que circularam de forma manuscrita com denúncias das crueldades perpetradas pelos ibéricos e recomendações de reforma, mas foi o conjunto de opúsculos publicados por Las Casas em começos da década de 1550 – incluída a *Brevíssima relación* – o primeiro a defender explicitamente a postura pacifista e gerar um considerável efeito nos meios letrados da época.

~ ~ ~

A tese situa-se no campo das representações da cultura letrada na época colonial ibero-americana, e mais especificamente, a literatura da “conquista” no século XVI. Embora o foco seja o Novo Reino de Granada, os pontos de referência e comparação permanentes são o Peru e a Nova Espanha, assim como o próprio âmbito peninsular. Desse modo, tentamos evitar o risco de desconhecer as múltiplas conexões dos entornos coloniais e de singularizar demais uma experiência que, seguramente, teve muitos elementos em comum com outros espaços do continente. Resulta mais interessante pensar nas *conexões* – por vezes sutis – entre diferentes processos e atores que as historiografias centradas em recortes nacionais muitas vezes passam por alto.

Nosso enfoque é hermenêutico, já que reconhecemos que oferecemos uma interpretação entre muitas outras possíveis.⁴⁸ Todas são por definição limitadas, pois as janelas que abrimos para aproximar-nos de outras épocas estão condicionadas por nosso presente, por aquilo que menosprezamos ou que damos relevo. Porém, acreditamos que há versões mais ricas e sugestivas do que outras, por exemplo, ao usarmos mais – e novas – fontes, respeitarmos mais

⁴⁶ Por exemplo, o coronista Bernal Díaz del Castillo foi um dos procuradores dos *encomenderos* da Nova Espanha na década de 1540-1550.

⁴⁷ Pedro Mártir de Anglería e Martín Fernandez de Enciso. Mártir de Anglería foi membro do Conselho de Índias e também lucrou com negócios americanos. Enciso foi um conquista-dor e empresário que participou da invasão às ilhas caribenhas e o Darién.

⁴⁸ RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 1996.

sua singularidade, submetemos o trabalho à discussão dos pares e sermos mais conscientes das inevitáveis interferências de nossos pontos de vista.

As entidades de análise que tratamos são, fundamentalmente, os *textos* e as *ações* de seres humanos concretos no decorrer do século XVI. Ambas são importantes. Nesse sentido a reconstrução de contextos teve para nós um valor intrínseco e não foi meramente um caminho para dar embasamento à compreensão dos textos. Assim, interessam-nos tanto os atores-autores quanto aquilo que escreveram. A seguir explicitamos os principais elementos conceituais a respeito de cada elemento: os textos e os atores-autores.

~ ~ ~

Partimos da premissa de que os textos são objetos visíveis portadores de sentido – isto é, *semióforos* – compostos de um suporte e de signos de escrita.⁴⁹ Acolhemos a proposta de Krzysztof Pomian de estudá-los tanto a partir de seu caráter discursivo quanto material, e a indicação de que eles destinam-se não só a ser lidos, mas também a ser vistos e, em alguns casos, preservados e colecionados. Nessa mesma direção, Jacques Lafaye escreve:

El impreso, el libro sobre todo, es a la vez algo ideal y concreto, vehículo de ideas y objeto material [...] La consideración del libro primitivo (entendiendo este adjetivo con el significado que tiene aplicado en la historia de la pintura) es ilustrativa de una realidad permanente: el libro es producto híbrido, depende a la par del medio cultural, del capital y del mercado.⁵⁰

Em sintonia com essa proposta, concedemos valor à “história” por trás de cada uma das fontes da pesquisa, paralelamente a seus conteúdos guardados entre capa e capa. Com mais exatidão, focamos na confecção das seções específicas que tangem ao Novo Reino de Granada, sendo que os capítulos dos livros estudados foram compostos em várias etapas.⁵¹

Tanto os textos quanto as condições de sua elaboração têm uma historicidade que é importante respeitar, na medida do possível. Por exemplo, na época que nos ocupa, a palavra oral e os manuscritos ainda tinham proeminência sobre os impressos como mecanismos de

⁴⁹ De acordo com Pomian a categoria *textos* inclui “as publicações periódicas, jornais, impressos oficiais, folhas soltas, cartazes, manuscritos e escritos à máquina, partituras, quadros numéricos, inscrições, placas com nomes de rua ou de instituição, dísticos juntos a quadros ou a outros objectos expostos, marcas de fábrica, rótulos, tabuletas”. Seus suportes físicos podem ser muito variáveis: metais, papel, pedra, etc. POMIAN, Krzysztof. “*História cultural, história dos semióforos*”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François (coord.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Ed. Estampa, 1998, p. 82.

⁵⁰ LAFAYE, Jacques. *Albores de la imprenta. El libro en España y Portugal y sus posesiones de ultramar (siglos XV y XVI)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002, p. 14-15.

⁵¹ Isso se aplica especialmente à *História general* de Oviedo

transmitir informação, embora estes últimos estivessem em constante aumento no império de Carlos V.⁵² Nota-se, dentre os personagens que nos ocupam, uma avidez por receber as “notícias” mais recentes do que estava acontecendo ao outro lado do Atlântico, na forma de *relações* e informes orais e escritos. E a testemunha visual tinha enorme peso como critério de veracidade.

Na Península ibérica, a palavra escrita era um dispositivo restrito a grupos privilegiados⁵³ e estava estreitamente associada às diversas formas do poder: régio, eclesiástico, jurídico e erudito. No contexto colonial, tal vínculo era ainda mais marcado, dada a ligação com a figura do dominador (rei, conquista-dor, frade, *encomendero* ou funcionário real); também, por causa da desqualificação que sofreram as linguagens ágrafas – e as formas de escrita não alfabética– das comunidades nativas.⁵⁴ Cabe lembrar que a escrita alfabética foi tomada como um dos índices mais salientes de “civilidade” na ótica do povo invasor.

As relativamente poucas obras impressas em um mar de manuscritos – descontando os impressos menores como pasquins e folhas soltas – estavam imersas nas lógicas de patrocínio e dependência próprias do Antigo Regime, as quais agiam como condicionantes da enunciação. Por exemplo, eram dedicadas ou dadas como presente aos poderosos em espera de retribuições simbólicas e materiais.⁵⁵ Também eram rigidamente vigiadas e reguladas pela Inquisição e o poder real, muitas vezes sofrendo vetos para sua impressão ou disseminação, com especial ênfase, no caso daqueles impressos que versavam sobre “coisas de Índias”.⁵⁶ Tais restrições não eram sempre aplicadas com igual rigidez a todos os textos, e se acentuaram particularmente a partir do reinado de Felipe II.⁵⁷

⁵² PIEPER, Renate. “Cartas, avisos e impresos: Los medios de comunicación en el imperio de Carlos V”. In: *Actas del Congreso Internacional "Carlos V y la quiebra del humanismo político en Europa (1530-1558)"* (Madrid, 3-6 de julio de 2000). Madrid: Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2001, p. 431-441.

⁵³ Sem desconhecer que houve leitores e escritores nas camadas populares, como mostrou o estudo de Carlo Ginzburg *O queijo e os vermes* para o caso italiano no século XVII.

⁵⁴ CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Como escrever a história do Novo Mundo. Histórias, epistemologias e identidades no mundo Atlântico do século XVIII*. São Paulo: EDUSP, 2012.

⁵⁵ Para o caso francês cf. CHARTIER, Roger. “Poder y escritura: el príncipe, la biblioteca y la dedicatoria (siglos XVI-XVIII)”. In: *Manuscripts*, No. 14, 1996, p. 193-210.

⁵⁶ FRIEDE, Juan. “La censura española del siglo XVI y los libros de historia de América”. In: *Revista de Historia de América*, No. 47, 1959, p. 45-94; CALVO, Hortensia. “The politics of print: the historiography of the book in early Spanish America”. In: *Book History*, Vol. 6, 2003, p. 277-305.

⁵⁷ BAUDOT, Georges. “Felipe II frente a las culturas y a los discursos prehispánicos de América. De la transculturación a la erradicación”. In: *Caravelle*, No. 78, 2002, p. 37-56.

Consideramos que os textos não só “refletem” práticas sociais e políticas, mas também são constitutivas das mesmas.⁵⁸ Em outras palavras, mais que espelhos de uma realidade externa, as *relações* e corônicas analisadas foram maneiras particulares de agir e gerar sentidos no mundo. Adotar essa perspectiva implica questionar uma concepção simplista da função referencial do discurso histórico, que desconhece as diferentes mediações que intercedem em sua elaboração. Isso não quer dizer que os documentos abordados fossem uma invenção mental sem nenhuma atadura com o mundo externo.⁵⁹ Também evitamos cair nesse extremo. Como afirma Rolena Adorno, a referencialidade da biblioteca indiana era mais retórica e polêmica do que “histórica”, porém, por trás de cada texto havia gente real com experiências vividas concretas⁶⁰ e parte delas eram capturadas nas letras delineadas no papel.

Embora as corônicas analisadas sejam abordadas às vezes como obras eruditas, na época eram recebidas como fontes de eventos recentes e, como assinalamos antes, armas discursivas nos principais debates do período. Em certo sentido, estariam mais próximas do jornalismo do que a historiografia em termos atuais.⁶¹ Por outro lado, também são perceptíveis diversos graus de uma curiosidade etnográfica e naturalista incipiente, que não se reduz a uma mera tecnologia de dominação, como propõem certas pesquisas.

Ao analisar os textos levamos em consideração as estratégias e convenções retóricas dos autores.⁶² Diferentemente de outras abordagens que substituem completamente a ideia de autoria pela noção de discurso, para nós é importante restituir a especificidade de cada texto e a voz de seu(s) escritor(es) – mesmo que nos interstícios –, sem desconhecer que eram sujeitos que desempenhavam muitos papéis sociais e tinham perspectivas disciplinares por vezes contraditórias, as quais transparecem em seus escritos. Eles eram herdeiros de tradições discursivas procedentes do universo judeu-cristão, do mundo clássico e do período medieval, que em grande medida condicionavam o que podiam ou não podiam dizer e redigir.⁶³ Por outra

⁵⁸ ADORNO, Rolena. *The polemics of possession in Spanish American Narrative*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2007, p. 4.

⁵⁹ Por exemplo, à maneira de certa leitura das obras de Hayden White e outros estudiosos contemporâneos do discurso histórico.

⁶⁰ *Ibid*, p. 6.

⁶¹ BALLESTEROS-GAIBROIS, Manuel. *La novedad indiana. Noticias, informaciones y testimonios del Nuevo Mundo*. Madrid: Ed. Alhambra, 1987.

⁶² Sobre a importância da retórica na confecção das crônicas coloniais cf. BORJA, Jaime Humberto. *Los indios medievales de Fray Pedro de Aguado. Construcción del idólatra y escritura de la historia en una crónica del siglo XVI*. Bogotá: CEJA, ICAHN, Universidad Iberoamericana, 2002, p. 58-61.

⁶³ Para um exemplo do estudo das tradições discursivas na obra de Joseph de Acosta e a lógica da semelhança no projeto de “extirpar idolatrias” cf. RODRÍGUES DE OLIVEIRA, Susane. “Semelhantes enganos: a América e os

parte, a paráfrase e a cópia eram muito frequentes nos escritores do período. Essas práticas não acarretavam uma desqualificação comparável à que emergiria com a noção de autoria e direitos autorais em sentido moderno.⁶⁴ E ao igual que hoje, os textos não existiam isoladamente: circulavam, remetiam a outros textos ou os criticavam. Destarte, o universo intertextual da literatura relativa ao Novo Mundo era muito marcado. Nesse processo eles reforçavam representações do social e a natureza que existiam previamente, e ao mesmo tempo ajudaram a erodir as antigas e criar outras novas.

Procuramos prestar atenção ao que leituras anteriores passaram por alto ou não sublinharam com suficiente ênfase: o fragmento, o detalhe, o aparentemente marginal, que em outros recortes mais “macro” não são examinados. Essa é uma das vias em que podem ser feitas novas “descobertas” no oceano da reconstrução histórica, não meramente com a consulta de novas fontes. Também tentamos evitar um enquadramento prévio dos textos em tendências historiográficas, literárias ou ideológicas por vezes muito esquemáticas. Nesse sentido, os “paratextos” – dedicatória, proêmios, notas de rodapé, etc. – fornecem pistas de leitura que vale a pena observar.⁶⁵

~ ~ ~

Os quatro personagens centrais da tese (Quesada, Oviedo, Las Casas e Gómara) dominaram a escrita e redigiram uma enorme quantidade de documentos ao longo de suas vidas. Podem ser considerados *homens de letras*, eruditos, provavelmente à exceção de Quesada.⁶⁶ Todos compuseram extensas narrativas de história indiana que designaremos com um dos termos usados na época: *corônicas*. Dedicaram muitas horas à sua composição, em alguns casos décadas. Resulta claro que Oviedo, Las Casas e Gómara se autorrepresentavam

incas no discurso de José de Acosta”. In: MUNIZ, Diva do Couto Gontijo; SENA, Ernesto Cerveira de (org.). *Nação, civilização e história. Leituras sertanejas*. Goiânia: PUC Goiás, 2011, p. 173-189.

⁶⁴ MILLÁN DE BENAVIDES, Carmen. *Epítome de la conquista del Nuevo Reino de Granada. La cosmografía española del siglo XVI y el conocimiento por cuestionario*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2001, p. 38-39.

⁶⁵ Para uma introdução ao universo do livro antigo espanhol e às mudanças de sua estrutura formal cf. REYES GÓMEZ, Fermín de los. “La estructura formal del libro antiguo español”. In: *Paratesto*, 2010. No. 7, p. 9-59.

⁶⁶ Para Matthew Restall, Quesada era *letrado* e educado, mas não era um “homem de letras”. Consideramos que a apreciação está sujeita a debate. RESTALL, Matthew; FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *The conquistadors. A very short introduction*. Nueva York: Oxford University Press, 2012, capítulo 1.

como *coronistas*, e assim eram chamados.⁶⁷ Talvez Quesada não se concebesse assim, mas também escreveu corônicas de temas americanos e europeus.

Optamos pelas vozes *coronista* e *corônica*, ao invés das mais convencionais *cronista* e *crônica*, por duas razões. Em primeiro lugar, queremos restituir algumas palavras que foram adquirindo certas conotações particulares no contexto hispânico no decorrer dos séculos XVI e XVII. Cabe mencionar que, nesses séculos, muitos significantes e significados eram bastante móveis no contexto ibérico, ainda mais em “zonas de contato”⁶⁸ colonial como aquelas em que transitavam os personagens de nosso estudo. No que tange ao termo *crônica*, no Renascimento foi perdendo seu sentido medieval – próximo dos *anais* –, de mero registro de acontecimentos em estrita ordem cronológica, sem adornos estilísticos, passando a entender-se como *história* de eventos recentes, com maior elaboração narrativa. Com efeito, em um dos tratados mais populares sobre o gênero – o *Genio de la historia*, 1651 –, o frade humanista Jerónimo de San José escrevia o seguinte ao tratar dos “vários nombres que se dan a la historia”:

Llámase [la historia] también Crónica; y nuestra lengua española que no sufre aspereza, ni dificultad en la pronunciación y sonido de las palabras, y por eso añade o quita letras a las dicciones ásperas, pareciéndosele esta [crónica] *le añade una o en la primera sílaba diciendo Coronica, y de ahí coronista*; aunque los muy escrupulosos eruditos siempre retienen la propiedad griega, diciendo crónica y cronista, y aun la ortografía de aquella lengua retienen escribiendo con *h* chrónica [...]. *Es, pues, Corónica la historia difusa de alguna República eclesiástica, religiosa o seglar ajustada a los años, aunque no tan ceñida y precisamente como los anales o diarios.*⁶⁹

Temos então que, por volta de 1650, o gênero erudito de história, no sentido da época, também era chamado comumente *crônica*, *chrônica* e – com um ar caracteristicamente espanhol – *corônica*. Como assinala Walter Mignolo, os vocábulos vieram a tornar-se sinônimos. É frequente subsumir nas chamadas *crônicas de Índias* o vasto conjunto de textos que lidaram com o referente colonial e pré-colombiano. Entretanto, preferimos seguir a indicação de Mignolo e outros especialistas⁷⁰ de restringir a acepção de *corônica* ao gênero histórico-literário glosado por San José, diferenciando-o de outros tipos discursivos como as

⁶⁷ No caso de Gómara, Oviedo e Quesada, convém lembrar que também compuseram obras de história contemporânea europeia, como se verá nos respectivos capítulos em que tratemos desses personagens.

⁶⁸ Retomando o sugestivo conceito de PRATT, Marie Louise. *Imperial eyes. Travel writing and transculturation*. Londres e Nova York: Routledge, 2008.

⁶⁹ SAN JOSÉ, Jerónimo de. *Genio de la historia por el P. F. Geronimo de S. Joseph carmelita descalzo*. Madrid: Imprenta de Don Antonio Muñoz del Valle, 1763 [1651], 2ª edição, p. 40. Citado também em MIGNOLO, Walter. “Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista”. In: MADRIGAL, Luis Íñigo (coord.). *Historia de la literatura hispanoamericana*. Vol. 1. Madrid: Cátedra, 1992, p. 76.

⁷⁰ Ibid. STOLL, Eva. “Competencia escrita, pragmática textual y tradiciones discursivas en la historiografía colonial (en los siglos XVI y XVII)”. In: CASTEL, Víctor; CUBO DE SEVERINO, Liliana (ed.). *La renovación de la palabra en el bicentenario de la Argentina. Los colores de la mirada lingüística*. Mendoza: Editorial FFyL-UNCuyo, 2010, p. 1274-1284.

relações, embora se trate de formas narrativas híbridas e complexas, com muitas imbricações e nuances entre elas.⁷¹ Assim sendo, usaremos histórias e corônicas de Índias como sinônimos.⁷²

Em segundo lugar, empregamos deliberadamente o conceito *coronista*, não só na acepção óbvia de redator de corônicas, mas também por uma ressonância que gostaríamos de ressaltar: sua proximidade ortográfica e histórica com a Coroa. Convém lembrar que desde o século XV, nos reinos hispânicos apareceu o ofício do coronista oficial: um funcionário ao serviço das casas régias.⁷³ Ao longo desse século a escrita da história com fins “propagandísticos” foi tomando relevo, e se reforçou com a união das coroas de Castela e Aragão. No reinado de Carlos V a tendência continuou, de maneira que vários funcionários letrados desempenhavam essa função *ao mesmo tempo*. Dos quatro personagens principais da tese, um deles – Oviedo – ostentou a posição de *coronista real* durante vários anos, sancionada por meio de uma nomeação oficial e o pagamento de um salário. Paralelamente a Oviedo, Juan Ginés de Sepúlveda, Pedro Mexía e Alonso de Santa Cruz também agiam como coronistas oficiais de Carlos V, para não nomear aos que poderíamos rotular de coronistas não-oficiais do reinado, como Gómara,⁷⁴ e inclusive Quesada.⁷⁵ Por sua vez, poder-se-ia considerar Las Casas uma espécie de coronista contestatário, que recebeu o aval tácito do monarca para elaborar suas obras.

Descontando este último, todos esses “historiadores” circundavam a corte e, como seria de esperar, tinham em comum a defesa da monarquia hispânica, uma visão providencialista e profundamente patriótica⁷⁶ do papel histórico que a Espanha parecia estar chamada a cumprir no Novo Mundo. David Brading e outros autores denominam escola imperial essa tendência

⁷¹ ROSS, Kathleen. “Historians of the conquest and colonization of the New World: 1550 -1620”. In: GONZÁLEZ EHEVERRIA, Roberto; PUPO-WALKER, Enrique. *The Cambridge History of Latin American literature*. Cambridge: Cambridge University Press, T. 1, 2008, p. 103.

⁷² Uma das diferenças era pragmática: enquanto as histórias-corônicas as escreviam os homens de letras, as *relações* podiam ser compostas por qualquer um com competência escrita. Porém, no entorno indiano essa separação não se respeitou sempre, como anota Mignolo em “Cartas, crônicas”, op. cit.

⁷³ O estudo mais recente e completo é: KAGAN, Richard. *Los cronistas y la Corona. La política de la historia en las edades Media y Moderna*. Madrid: Centro de Estudios de Europa Hispánica y Marcial Pons Historia. 2010.

⁷⁴ Que escreveu uns *Annales del emperados Carlos V*. Conta-se com uma só edição em inglês. LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Annals of the emperor Charles V*. Oxford: Clarendon Press, 1912.

⁷⁵ Sabe-se que também escreveu uns “Anales del emperador Carlos V”, hoje extraviado.

⁷⁶ Entendendo que se trata de um patriotismo de Antigo Regime. Pátria e patriotismo são palavras frequentemente usadas nas fontes do período no mundo hispânico. Cf. THOMPSON, I. A. A. “Castile, Spain and the monarchy: the political community from *patria natural* to *patria nacional*”. In: KAGAN, Richard; PARKER, Geoffrey (ed.). *Spain, Europe and the Atlantic world. Essays in honour of John H. Elliot*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 125-159.

historiográfica.⁷⁷ Contudo, para os propósitos da tese, não devemos desconhecer que distou muito de ser um grupo unificado e que entre eles havia profundas rivalidades. Essas oposições e divergências entre os coronistas áulicos é um dos temas que exploraremos, tanto entre eles quanto com a tendência mais claramente diferenciada de Las Casas, em relação à representação do Novo Reino de Granada.

~ ~ ~

Ademais de coronistas, os protagonistas da tese agiram como conquista-dores em algum momento de suas vidas, ou – no caso de Gómara – tiveram relações orgânicas com esse coletivo. Propomos o termo conquista-dor em substituição do habitual *conquistador*. Analiticamente, referem-se à mesma categoria sociocultural.⁷⁸ A “época de ouro” dos conquista-dores situa-se entre os anos 1519-1570, aproximadamente. Tiveram características como: o *ethos* guerreiro de sua forma de vida, associadas a ideais cavaleirescos; as aspirações de elevação social por meio de seus serviços à Coroa; origem nas camadas médias da sociedade, principalmente do sul de Castela; e os profundos vínculos clientelistas e de parentesco que os ligavam entre si, só para citar algumas.

O vocábulo conquistador procede de *conquista*, que pertence ao âmbito militar. Acredita-se que o segundo fosse empregado pela primeira vez em castelhano no século XII.⁷⁹ Do ponto de vista semântico, tais conceitos estão emparentados com descobrir, descobrimento e descobridor, que vêm da cosmografia e cujos primeiros usos registrados em castelhano datam

⁷⁷ BRADING. *Orbe indiano*, op. cit., p. 12.

⁷⁸ A literatura sobre os conquista-dores é ampla e variada, desde os estudos encomiásticos até os mais críticos e informados documentalmente na vertente da Nova História da Conquista. Para caracterizações gerais do grupo cf. SOLADO, Francisco de. “El conquistador hispano: señas de identidad”. In: idem. (coord.). *Proceso histórico al conquistador*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p. 15-36; RESTALL; FERNÁNDEZ-ARMESTO. *The conquistadors*, op. cit.; PAGDEN, Anthony. “Identity formation in Spanish America”. In: CANNY, Nicholas; PAGDEN, Anthony (eds.) *Colonial identity in the Atlantic World, 1500-1800*. Princeton: Princeton University Press, 1987, p. 51-93; STERN, Steve. “Paradigmas de la conquista: historia, historiografía y política”. In: *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana*, No. 6, p. 7-39. Uma sugestiva análise dos mitos e narrativas dos conquista-dores e a forma como se perpetuam até a atualidade é RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. As contranarrativas da conquista não têm recebido muita atenção. Um interessante artigo a esse respeito é HERNÁNDEZ, Bernat. ““Por honrar toda la vida pasada con tan buen fin”. Los cargos de conciencia en la figura del anticonquistador”. In: BARAIBAR, Álvaro et al (eds.). *Hombres de a pie y de a caballo (conquistadores, cronistas, misioneros en la América colonial de los siglos XVI y XVII)*. Nueva York: Universitat Autònoma de Barcelona, 2013, p. 117-131.

⁷⁹ A primeira ocorrência identificada é no *Poema del Mio Cid* (ca. 1140). CARRISCONDO ESQUIVEL, Francisco Manuel. “Las palabras del Emperador: descubrimiento frente a conquista”. In: *Hispanic Research Journal*, Vol. 15, No. 4, 2014, p. 286.

do século XIV.⁸⁰ Outros verbos que faziam parte da mesma rede conceitual eram: ganhar, tomar, povoar, fundar e pacificar.⁸¹ Seu significado tinha uma orientação temporal: primeiro se descobria, depois se conquistava/ganhava/pacificava, e por último se fundava/povoava. No começo, a conquista estava estreitamente ligada à noção de guerra justa, aplicando-se às terras retiradas aos “infiéis” por meio das armas. No continente americano a noção foi ampliada, já que, no olhar europeu, os indígenas não eram infiéis – estritamente falando –, senão pagãos e idolatras.⁸²

Diferentemente de descobrimento, que nunca foi questionado, o termo *conquista* se viu envolto na intensa disputa discursiva entre belicistas e pacifistas em meados do *Quinhentos*. Os primeiros entenderam a passagem à América como uma extensão natural da “reconquista”. Por exemplo, Gómara expressava um ponto de vista recorrente em *La historia de las Indias*: “Comenzaron las conquistas de indios acabada la de los moros, porque siempre guerreasen españoles contra infieles”.⁸³ Para os segundos, na medida em que implicava uma ação violenta, a conquista era ilegítima. Las Casas desenvolveu esse argumento em vários tratados, a começar pelo *Memorial de los remedios* (escrito em 1542), onde manifestou:

Este termino o nombre *conquista* para todas las tierras y reinos de las Indias descubiertas y por descubrir, es término y vocablo tiránico, mahoméico, abusivo, improprio e infernal. Porque en todas las Indias no ha de haber *conquistas* contra moros de Africa o turcos o herejes que tienen nuestras tierras, persiguen los cristianos y trabajan de destruir nuestra sancta fe, sino predicación del Evangelio de Cristo.⁸⁴

O frade dominicano falou em *invasão* ao invés de conquista, conceito que atualmente é adotado por alguns especialistas e que também utilizaremos na tese, assim como “conquista” entre aspas.⁸⁵ Da mesma forma, Las Casas foi lança em riste contra o termo – e os sujeitos que o encarnavam – *conquistador*, substituindo-o por *tirano* e objetando qualquer implicação de heroicidade.

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ GRUNBERG, Bernard. “Le vocabulaire de la ‘conquista’. Essai de linguistique historique appliquée à la conquête du Mexique d’après les chroniques des conquistadores”. In: *Histoire, Économie et Société*. Vol. 4, No. 1, 1985, p. 3-27.

⁸² Embora alguns autores os chamassem infiéis, como na citação de Gómara em seguida.

⁸³ LÓPEZ DE GÓMARA. *Historia general de las Indias y vida de Hernán Cortés*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979, Dedicatória, p. 8.

⁸⁴ LAS CASAS, Bartolomé de. “Memorial de los remedios”. In: CASTAÑEDA, Paulino et al. (ed.). *Obras completas*. Madrid, 1995, vol. 13, p. 117, grifos nossos. A crítica de Las Casas ao conceito de conquista aplicado às Índias encontra-se também na *Brevíssima* e na *Historia de las Indias*. É claro que Las Casas não estava contra a legitimidade das conquistas per se: aquelas encaminhadas contra os mouros, os turcos e os hereges eram permitidas.

⁸⁵ Na *Brevíssima relación* Las Casas escreveu: “lo que ellos [los conquista-dores] llaman conquistas, siendo *invasiones* violentas de crueles tiranos”. *Brevíssima relación*, Capítulo sobre a Nova Espanha, grifos nossos.

Por meio do hífen aplicado a conquista-dor, queremos, em primeiro lugar, questionar o emprego pouco reflexivo do termo no meio acadêmico.⁸⁶ O termo *conquista* leva consigo associações semânticas implícitas com diversas camadas de significação que muitas vezes não são reconhecidas: por uma parte, uma conotação religiosa e providencialista ligada às campanhas contra os inimigos do cristianismo na Idade Média europeia; pela outra, um vínculo com ações guerreiras que são consideradas legítimas e heroicas. Concordamos com o historiador mexicano José Luis Pérez: “El término *conquista* suaviza las implicaciones de calificar una acción militar como invasión; su elección tiene una connotación valorativa y en ocasiones política”.⁸⁷

Em segundo lugar, pretendemos chamar a atenção para uma consequência dramática da expansão espanhola do século XVI: a dor que gerou em muitos indígenas e nos próprios conquista-dores, que quase nunca se sentiram satisfeitos e bem recompensados, e frequentemente se queixavam dos incriveis sofrimentos que suportaram para servir à Coroa. Isso não significa que os ibéricos fossem mais violentos que outros invasores europeus, nem que no mundo indígena reinasse perfeita paz e harmonia, como sugere o mito do bom selvagem. Também não implica desconhecer que os processos de instalação agressiva de uns povos nos territórios ocupados por outros são uma das constantes da história humana dos últimos milénios. Como propõe David Day, geralmente esses processos reproduzem os mesmos protocolos: a justificação legal, a representação por meio dos mapas dos “novos” territórios, o genocídio das sociedades invadidas, o batismo das novas terras com toponímia estrangeira e a escrita de histórias fundacionais, dentre outros.⁸⁸

~ ~ ~

⁸⁶ Parece-nos que isso é mais forte na área de história, e que na antropologia se prestam mais ao uso de “invasão”. Os conceitos de “contato” ou diálogo cultural nos parecem bem problemáticos. Usamos também invasor o intruso como sinônimos de conquista-dor.

⁸⁷ PÉREZ FLORES, José Luis. “Indígenas guerreros de la Nueva España del siglo XVI. La representación de sí mismos como conquistadores”. In: *Fronteras de la Historia*, Vol. 18, No. 1, p. 18. De acordo com Arndt Brendecke: “Los conceptos de ‘descubrimiento’ y ‘conquista’ ya solo se pueden usar en un sentido muy restringido desde que se tiene más presente que conservan una jerarquía de la época colonial. Son conceptos que connotan a los europeos como actores y a los pueblos indígenas como objetos de su acción, y así implican siempre la subalternidad de los sometidos”. BRENDECKE, Arndt. *Imperio e información. Funciones del saber en el dominio colonial español*. Madrid: Iberoamericana, Vervuert, 2012, Introducción.

⁸⁸ DAY, David. *Conquista. Una nueva historia del mundo moderno*. Barcelona: Editorial Crítica, 2006.

Como hipótese, consideramos que embora os conquista-dores tivessem características genéricas que se podem identificar em todos os “reinos” de Índias, também apresentavam diferenças e idiossincrasias regionais refletidas nas narrativas que elaboravam. Os estudos mais numerosos referem-se à Nova Espanha e o Peru, enquanto territórios periféricos ou semiperiféricos do império espanhol como o Novo Reino de Granada têm sido relativamente menos abordados, tanto na ótica prosopográfica como biográfica. Assim, as pesquisas de nomes como Hernán Cortés e Francisco Pizarro ocupam o primeiro lugar, enquanto figuras “menores” como Quesada, Belacázar e Federmán têm gerado menos interesse, fora dos âmbitos locais da Colômbia, a Venezuela e o Equador, ou bem da antiga Metrópole, com uma aproximação muitas vezes hagiográfica: ora são vistos como fundadores da “nação” pela “história pátria”, ora são considerados heróis pela historiografia nacionalista espanhola.

Certamente, nas últimas décadas aumentou o número os estudos críticos das narrativas e antinarrativas da conquista do Novo Reino de Granada.⁸⁹ Porém nenhum deles foca especificamente na interação entre as *relações* de Quesada e seu grupo com o primeiro *corpus* de histórias gerais, com a notável exceção do livro *Ximénez de Quesada, cronista* do americanista espanhol Demétrio Ramos, do qual a presente tese é tributária em vários sentidos.⁹⁰ O mais relevante é a metodologia, que consiste em buscar a genealogia textual de cada corônica no entorno comum de troca intelectual e política em que se gestaram. Em palavras de Louise Bénat-Tachot: “Llevar a cabo una investigación sobre las fuentes en este caso obliga a reconstruir en sentido ascendente la red de relaciones e intercambios entre los intelectuales, cosmógrafos, pilotos, etc., en un mismo lapso de tiempo”.⁹¹ Apesar de que a hipótese central do livro de Ramos tenha sido rebatida por Cármen Millán de Benavides,⁹² e da

⁸⁹ A presente seção não tem a pretensão de ser um estado de arte exaustivo, pois escapa aos alcances da introdução. No capítulo 1 citamos bibliografia específica dos estudos mais recentes da conquista e dos conquista-dores individuais. A respeito das narrativas encomiásticas elaboradas nos séculos XVI e XVII cf. RESTREPO, Luis Fernando. *Un nuevo reino imaginado. Las Elegías de varones ilustres de Indias de Juan de Castellanos*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1999; FRANCIS, Michael. *Invading Colombia: Spanish accounts of the Gonzalo de Quesada expedition of conquest*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2007; GAMBOA, Jorge Augusto. *Encomienda, identidad y poder. Los encomenderos y conquistadores del Nuevo Reino de Granada vistos a través de las probanzas de méritos y servicios (1550-1650)*. Bogotá: ICAHN, 2002.

⁹⁰ RAMOS, Demetrio. *Ximénez de Quesada, cronista*. Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1972.

⁹¹ BÉNAT-TACHOT, Louise. “López de Gómara: identificación de las fuentes y elaboración textual”. In: ARELLANO, I. (ed.). *Edición y anotación de textos coloniales hispanoamericanos*. Madrid/Berlim: Editorial Iberoamericana/Vervuert, 2014, p. 91. A autora reconhece sua dívida metodológica com Ramos ao estudar as fontes da *Historia* de Gómara.

⁹² A professora Millán demonstrou que o “Epítome de la conquista del Nuevo Reino de Granada” não foi de autoria de Quesada, mas sim – provavelmente – de Alonso de Santa Cruz. Baseou-se em uma análise textual do

tendência do autor a reflexões especulativas e “psicologizantes”, *Ximénez de Quesada, cronista* é um texto que conserva sua agudeza. Também nos beneficiamos da cuidadosa reconstrução que Ramos faz da relação intelectual entre Quesada e Oviedo, à qual tentamos contribuir com novos elementos no capítulo 5. Infelizmente, o trabalho de Ramos é pouco conhecido e citado no meio acadêmico.

As investigações relativas às representações dos grupos indígenas nas *relações* e corônicas neogranadinas do período colonial também experimentaram um requinte nas últimas duas décadas, principalmente na vertente da análise do discurso.⁹³ Obviamente, essa temática está estreitamente ligada à auto-imagem projetada pelos conquista-dores e seus sucessores. No final das contas, ao descrever, narrar, qualificar e classificar os ameríndios, os espanhóis e *criollos* letrados também se estavam definindo a si próprios por oposição a esse *outro* que rejeitavam. Os trabalhos nessa linha são de qualidade desigual e têm se concentrado nas corônicas dos religiosos franciscanos Frei Pedro de Aguado e Frei Pedro Simón.⁹⁴ Com exceção de um artigo pioneiro de François Correa,⁹⁵ e do livro de Carl Henrik Langebaek *Los herederos del pasado*,⁹⁶ que oferece um bom panorama de conjunto, falta conceder suficiente atenção aos muíscas e aprofundar a abordagem comparativa com os demais contextos coloniais.

Outrossim a imagem dos conquista-dores e dos indígenas, aspectos das representações do Novo Reino de Granada que estudamos na tese, como as ideias de riqueza e sua assimilação ao “terceiro reino” nas Índias, também têm sido pouco tratadas. Cabe fazer menção das contribuições de Gregorio Saldarriaga em torno dos “imaginários alimentares” de abundância e escassez no século XVI,⁹⁷ a investigação de Kris Lane a respeito da produção e circulação das

manuscrito, atentando para indícios pouco considerados em leituras prévias. MILLÁN DE BENAVIDES. *Epítome de la conquista*, op. cit.

⁹³ Usamos a expressão análise de discurso em sentido lato, sem associá-la necessariamente a metodologia transdisciplinar da Análise Crítica do Discurso (ACD), teorizada por Teun A. van Dijk e outros autores. Para uma leitura das corônicas coloniais sobre o Brasil com as ferramentas do ACD cf. PUCCINELI ORLANDI, *Terra à vista. Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

⁹⁴ BOLAÑOS, Álvaro Félix. *Barbarie y canibalismo em la retórica colonial. Los indios pijaos de Fray Pedro Simón*. Bogotá: Cerec, 1994; TOVAR ZAMBRANO, Bernardo. *La colonia en la historiografía colombiana*. Bogotá: La Carreta, 1984.

⁹⁵ CORREA, François. “El imperio muisca: invención de la historia y colonialidad del poder”. In: GÓMEZ LONDOÑO, Ana María (ed.). *Muiscas: representaciones, cartografías y etnopolíticas de la memoria*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005, p. 200-226.

⁹⁶ LANGEBAEK, Carl Henrik. *Los herederos del pasado. Indígenas y pensamiento criollo en Colombia y Venezuela*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2009, Vol. 1.

⁹⁷ SALDARRIAGA, Gregorio. *Alimentación e identidades en el Nuevo Reino de Granada siglos XVI y XVII*. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2012.

esmeraldas neogranadinas durante a etapa colonial⁹⁸ e o estudo da imaginação patriótica no século XVIII de Carlos Villamizar.⁹⁹

Por fim, recebemos inspiração da dinâmica historiografia das Américas oriunda do Brasil. Devemos citar os títulos de Ronald Raminelli referidos às imagens dos ameríndios durante a Colônia;¹⁰⁰ a clássica obra de Sérgio Buarque de Holanda sobre a mitologia da colonização portuguesa, com significativas referências ao contexto hispânico, a busca do Eldorado e as esmeraldas neogranadinas;¹⁰¹ a análise em chave comparativa das linguagens da colonização de Eduardo França Paiva;¹⁰² e os estudos das representações sobre o *índio* na literatura da colonização de Manuela Carneiro da Cunha.¹⁰³ Na fase inicial do projeto de pesquisa também nos servimos bastante da pujante história da historiografia brasileira do século XIX, notadamente as propostas de Manoel Luiz Salgado Guimarães e Valdeci Lopes de Araújo.

~ ~ ~

Conforme mencionado anteriormente, as principais fontes em torno das quais se desenvolve a pesquisa são:

- *As relações* do Novo Reino de Granada elaboradas por Quesada e os capitães de sua expedição. Todas elas foram transcritas e publicadas durante os séculos XIX e XXI. Em alguns casos, conta-se com várias transcrições de diferentes qualidades. Várias delas também podem ser lidas em suas versões manuscritas e

⁹⁸ LANE, Kris. *Colours of paradise. The emerald in an age of gunpowder empires*. New Haven y Londres: Yale University Press, 2010. Porém, Lane não se aprofunda nas representações discursivas sobre as esmeraldas neogranadinas.

⁹⁹ VILLAMIZAR. *La felicidad del Nuevo Reyno de Granada*, op. cit.

¹⁰⁰ RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor-Edusp-Fapesp, 1996.

¹⁰¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2000.

¹⁰² FRANÇA PAIVA, Eduardo. *Uma história lexical da Ibero-América colonial entre os séculos XVI e XVIII*. Belo Horizonte e São Paulo: Autêntica, 2015.

¹⁰³ CUNHA, Manuela Carneiro da. “Imagens de índios no Brasil: o século XVI”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, Vol. 4, No. 10, p. 91-110. Cf. também CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC, 1992; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). *Índios no Brasil*. São Paulo: SMC, 1992.

digitalizadas em duas plataformas: o Portal de Arquivos Espanhóis (PARES¹⁰⁴) e o Portal de Arquivos Europeus.¹⁰⁵

- As três primeiras obras gerais nas quais aparece narrada a invasão do território muísca: a segunda parte da *Historia general y natural de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo, a *Brevíssima relación de la destrucción de las Indias* de Bartolomé de las Casas e *La historia de las Indias* de Francisco López de Gómara. Na medida do possível, consultamos tanto as edições modernas como as *princeps* em formato digitalizado.¹⁰⁶ A maioria das citações são das edições modernas.

- *A Probanza de méritos y servicios* de Quesada e seu escudo de armas. Existe uma transcrição recente da *Probanza*.¹⁰⁷

Também consultamos os seguintes materiais do período, que nos ajudaram a reconstruir os contextos discursivos: outros documentos e obras de autoria de Oviedo, Las Casas, Quesada e Gómara; corônicas do Novo Reino de Granada ampliado da segunda metade do século XVI em diante; outras histórias gerais da América; *relações* e corônicas do Peru e da Nova Espanha.

Cabe fazer duas precisões. Em primeiro lugar, optamos por utilizar as versões impressas em desmedro de documentos de arquivo. O estudo dos originais das *relações* e das obras maiores em que aparece narrado o Novo Reino pode ampliar nossa compreensão das mesmas, especialmente do processo que mediou entre os manuscritos e o texto impresso. Porém, esse objetivo está fora dos alcances da pesquisa.¹⁰⁸ Em segundo lugar, salvante o escudo de armas de Quesada, privilegiamos as fontes textuais-alfabéticas sobre as imagéticas. Nos anexos incluímos algum material iconográfico com um propósito meramente ilustrativo. Futuramente, seria enriquecedor realizar estudos sobre as primeiras representações gráficas do Novo Reino de Granada, seus conquista-dores e os grupos indígenas que o habitavam.

~ ~ ~

¹⁰⁴ <http://pares.mcu.es>.

¹⁰⁵ <https://www.archivesportaleurope.net>.

¹⁰⁶ Para as digitalizações dessas obras usufruímos dos serviços de: <https://archive.org>; <http://iberoamericadigital.net/>... (Biblioteca Nacional)

¹⁰⁷ Em GAMBOA. *Encomienda, identidad y poder*, op. cit.

¹⁰⁸ Outro material que não se inclui é a vasta documentação administrativa relativa ao Novo Reino de Granada, depositada nos arquivos colombianos e espanhóis.

A metodologia desenvolvida na tese é de natureza qualitativa e indutiva, e foi construída paralelamente ao processo de pesquisa. Ela se compõe de três grandes eixos: a) reconstrução de itinerários biográficos; b) análise de textos/discursos/semióforos; c) orientação comparativa.

a) Reconstrução de contextos e itinerários biográficos. Consiste em reconstruir os contextos biográficos dos autores estudados, sua formação intelectual, militar, política e seu meio socioeconômico. Tudo isso com dois propósitos: por um lado, compreender a influência da trajetória biográfica individual na escrita do corpus textual da pesquisa, levando em conta a funcionalidade política que poderia ter; por outro, estabelecer o ambiente intelectual e cultural histórico destes sujeitos. Ou seja, trata-se de determinar o lugar social dos personagens, de acordo com o enfoque de Michel de Certeau.¹⁰⁹ Em um ambiente de frágil embasamento institucional do saber histórico e letrado em geral – como no caso da América Hispânica colonial – as redes informais, a instrução autodidata, os grupos de discussão entre amigos, puderam ter grande relevância, como mostrou o trabalho de Renán Silva sobre os “ilustrados” da Nova Granada no final do século XVIII.¹¹⁰ Ligado ao anterior, também consideramos importante levar em conta as diversas sociabilidades dos sujeitos, em sintonia com o estudo de Gilberto Loaiza em torno das modalidades associativas na Colômbia durante o século XIX¹¹¹ e também com o supracitado *Ximénez de Quesada, cronista* de Demetrio Ramos. Mas os contextos não são enxergados aqui como meros panos de fundo fixos que possibilitam compreender os discursos e percursos pessoais, senão como espaços culturalmente constituídos dos quais participam os próprios textos e atores em consideração.¹¹²

¹⁰⁹ Para a análise de trajetórias individuais são úteis as considerações de Michel de Certeau sobre o “lugar social” da disciplina histórica e dos historiadores. CERTEAU, Michel de. “L’opération historiographique”. In: *L’écriture de l’histoire*. Paris: Gallimard, 1975, especialmente a seção “Un lieu social”, pp. 64-79. Há tradução ao português.

¹¹⁰ SILVA, Renán. *Los ilustrados de la Nueva Granada 1760-1808: Genealogía de una comunidad de interpretación*. Medellín: Banco de la República/EAFIT, 2002. Para um bom panorama do ofício de escrever história na Península ibérica no século XVI, com ênfase na figura do “jurista historiador” cf. CUART MONER, Baltasar. “Escribir libros de historia. Algunas reflexiones sobre juristas historiadores durante el siglo XVI”. In: DE DIOS, Salustiano de; INFANTE, Javier; TORIJANO, Eugenia (eds.). *Juristas de Salamanca, siglos XV-XX*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2009, p. 81-110. O autor insere Quesada na categoria de juristas historiadores (p. 92-94). Para uma contextualização da atividade intelectual na América hispânica colonial cf. ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (eds.). *Historia de los intelectuales en América Latina*, Vol. 1. Madrid: Katz Editores, 2008.

¹¹¹ LOAIZA, Gilberto. *Sociabilidad, religión y política en la definición de la nación (Colombia, 1820-1886)*. Bogotá: Universidad Externado, 2011.

¹¹² Tomo esta proposta de RESTREPO. *Un Nuevo Reino*, op. cit., p. 14.

b) Análise de textos/discursos. Como acima indicado, assume-se a premissa de que todo produto cultural é um objeto visível portador de significação. Isto é, um *semiósforo*, segundo a definição do historiador polaco Krzysztof Pomian. Portanto, as determinações materiais e formais dos textos e as imagens que formam o corpus da pesquisa, tais como a capa, as ilustrações, os epígrafes, etc., podem subministrar informação valiosa.

Por outra parte, os textos que vão ser estudados pertencem, na sua maioria, ao gênero de discurso narrativo. As categorias conceituais para analisar estes textos inspiram-se na teoria de Paul Ricœur sobre a narrativa histórica e a “operação historiográfica”, em dois de seus livros: *Tempo e narrativa* e *A memória, a história, o esquecimento*.¹¹³ Para Ricœur, interpretar uma narrativa é um ato hermenêutico que não se limita a esclarecer a intenção do autor (a mensagem que ele queria transmitir), nem as estruturas do significado inerentes ao texto, o que quer dizer, sem relação com o referencial externo nem o contexto. Compreender e explicar uma narrativa não se limita simplesmente a iluminar uma de suas partes, mas sim a relação das partes com a totalidade, e também com elementos contextuais. Quanto à classificação das narrativas, Ricœur argumenta que elas fazem parte de tradições, de formas padronizadas culturalmente de *tramar* os discursos. Naturalmente, há tipologias de *tramas*¹¹⁴ que se repetem em determinadas épocas, e cada *trama* está submersa em convenções culturais típicas, mesmo as narrativas historiográficas. Nesse sentido, resulta ilustrativo analisar a tradição narrativa sobre o Novo Reino de Granada, de maneira a encontrar as “narrativas mãe” – ou fontes de discurso – e as narrativas derivadas que muitas vezes copiam tacitamente o que tomam de outros textos.

Outra dimensão metodológica chave é a *intertextualidade*, quer dizer, a tendência dos textos de diferentes formas e gêneros a referir-se obliquamente entre si durante décadas e inclusive séculos, aspecto que foi muito marcado na historiografia colonial.¹¹⁵ Na análise das narrativas também resulta fundamental atentar para a linguagem usada na época na qual foram escritas. A chamada história conceitual é uma ferramenta útil nesse sentido, que permite rastrear a variação dos significados de algumas palavras semanticamente carregadas no

¹¹³ RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa*, Vol. I. Campinas: Papirus Editora, 1994; idem. *A memória, a história e o esquecimento*, op. cit.

¹¹⁴ Ou enredos.

¹¹⁵ KORNFELD, Eve. “Encountering “the Other”: American intellectuals and Indians in the 1790s”. In: *The William and Mary Quarterly*, Vol. 52, No. 2, 1995, p. 288.

contexto colonial.¹¹⁶ Eis alguns exemplos que abordaremos ao longo dos capítulos: *índio, senhor, reino, conquista e behetria*.

C) Orientação comparativa. Na tese adotamos uma orientação comparativa entre as *relações* e corônicas alusivas ao Novo Reino de Granada, por uma parte, com as do Peru e Nova Espanha, pela outra. Entretanto, é importante ressaltar que não se trata estritamente de um exercício de história comparada, o qual privilegia a seleção de objetos de mediana e longa duração e concede um grau de tratamento semelhante às diversas entidades comparadas, sejam países, regiões, indivíduos, etc.¹¹⁷ Não é nosso caso. Ao longo dos capítulos nos concentramos no Novo Reino desde o ponto de vista das problemáticas e a documentação. Dar a mesma amplitude aos outros dois centros do império espanhol nas Américas teria exigido um enorme tempo e esforço, uma vez que foram epicentros coloniais com uma produção escriturária muito mais extensa que o Novo Reino. Portanto, optamos por uma comparação *seletiva* de alguns autores e obras chaves, ou partes delas. Em certo sentido, a lógica comparativa se impõe pelo próprio ordenamento hierárquico da imaginação e a sociedade colonial; pelos entrecruzamentos das diversas histórias especiais de cada região nas obras dos cronistas imperiais; e pela mesma experiência dos conquista-dores, que muitas vezes participaram em sucessivas frentes de expansão, como foi o caso de Belalcázar, que esteve presente nos Andes centrais e depois passou ao Novo Reino, por citar um só exemplo.

~ ~ ~

A tese consta de sete capítulos. O primeiro é de caráter contextual. Nele oferece-se um panorama da etnia dos muisca na antessala da invasão ibérica e delineiam-se os principais

¹¹⁶ Essa perspectiva metodológica foi enunciada por KOSELLECK, Reinhart. “História dos conceitos e história social”. In: *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2006, p. 97-118. Cf. também KIRSHNER, Tereza Cristina. “A reflexão conceitual na prática historiográfica”. In: *Textos de História: revista do programa de pós-graduação em história da UnB, Brasília*, Vol. 15, No. 1/2, p. 49-61; FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (dir.). *Diccionario político y social del mundo ibero-americano. La era de las revoluciones, 1750-1850, [Iberconceptos I]*. Madrid: Fundación Carolina-Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales-Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009. Cf. a introdução de Fernández Sebastián, na qual delineada as pautas teóricas e metodológicas, “Hacia una historia atlántica de los conceptos políticos”, p. 25-45.

¹¹⁷ Para alguns apontamentos sobre o método da história comparada com ênfase no contexto colombiano cf. MEDINA, Medófilo. “La historia comparada: retos y posibilidades para la historiografía colombiana”. In AYALA DIAGO, César Augusto (ed.). *La historia política hoy: Sus métodos y las ciencias sociales*. Bogotá, Universidad Nacional, 2004, p. 15-32.

aspectos da expedição de Gonzalo Jiménez de Quesada, ressaltando as conexões organizativas com a “conquista” das ilhas Canárias. A exposição avança até o ano 1550, quando se estabeleceu a sede duma Real Audiência na cidade de Santa Fe de Bogotá. O capítulo se baseia principalmente em literatura secundária, levando em consideração o estado mais recente da discussão, principalmente com as contribuições da chamada Nova História da Conquista, da qual tomamos certa distância na avaliação “não traumática” que faz da incorporação dos muíscas ao império hispânico.

O objetivo do capítulo 2 é apresentar a invasão do Novo Reino e suas primeiras representações discursivas em chave comparativa com o espaço de experiência da Nova Espanha e do Peru, cujas primeiríssimas *relações* exploramos sumariamente: as *Cartas* de Hernán Cortés e alguns curtos relatórios dos soldados *peruleros* que se disseminaram como opúsculos por vários reinos europeus. Argumentamos que em um primeiro momento o referente do Peru pesou muito no horizonte de expectativas dos conquista-dores do Novo Reino, que esperavam se deparar com outro Peru – que por então era sinónimo de imensas riquezas – nas terras ao sul do litoral de Santa Marta. Um pouco mais à frente, o referente da Nova Espanha também começou a incidir na imaginação histórica local, e assim emergiu o *topos* da *terceiridade* do Novo Reino, que é bastante claro na *Probanza de méritos e servicios* de Quesada e se repete em outras obras desde o final do século XVI.

O capítulo 3 detalha o corpus inaugural de *relações* e notícias escritas pelos membros das expedições de Quesada e Federmán, endereçadas em quase todos os casos ao imperador Carlos V, com uma dupla motivação: informar sobre os atrativos econômicos da terra e requerer mercês reais. Consta-se o importante papel de Oviedo na recopilação de várias delas, que incluiu na *História general y natural de las Índias*, se bem que com a mediação de sua própria voz e pontos de vista. Nesse corpus textual estão as primeiras descrições da terra nomeada Novo Reino de Granada e seus habitantes originários: os muíscas e os panches, inimigos tradicionais daqueles. A dose de *admiratio* que eles geraram nos conquista-dores não se equipara com a suscitada pelo Tahuantinsuyo nem pelo império culhua-mexica. Porém, encontram-se alguns sinais de relativa “grandeza” muísca como as vivendas dos caciques, chamadas alcáceres, e a representação das autoridades nativas como *senhores índios* de muitos vassalos.

O capítulo 4 está dividido em três seções. A primeira se concentra na figura do dominicano Bartolomé de las Casas e a gestação de sua *Brevíssima relación*. A segunda seção

foca na estância de Quesada na Europa e as acusações que recebeu por parte dos pacifistas pela tortura e morte dos caciques de Bogotá. Já a terceira seção interpreta o capítulo consagrado ao Novo Reino de Granada na *Brevíssima relación* que até agora não tem recebido suficiente atenção na comunidade acadêmica. Proponho que ele tem relevância no enredo da obra, dado que se situa ao final dos 40 anos de tiranias crescentes descritos por Las Casas. Assim sendo, o Novo Reino de Granada – junto com a governação de Popayán – é retratado como o pior do inferno que os espanhóis e os alemães fizeram no Novo Mundo. Quesada e sua coorte recebem destaque negativo como os mais baixos vilões da destruição, porém os muíscas aparecem como indígenas sem um elemento particularmente distintivo.

O capítulo 5 passa a considerar o itinerário do funcionário real e coronista Gonzalo Fernández de Oviedo, e sua *Historia general y natural de las Indias*. Oviedo representa a némesis de Las Casas como um dos principais porta-vozes do coletivo belicista e seu arqui-inimigo durante várias décadas. Não obstante, ambos os personagens também possuem várias similitudes como a intensa procura de informação recente, sua incipiente curiosidade etnográfica e sua ótica crítica de muitos conquista-dores. Além do mais, levamos em conta a elaboração das seções atinentes ao Novo Reino de Granada na segunda parte da *Historia general* de Oviedo e a versão retocada da primeira parte, que permaneceu inédita até o século XIX. Elas constituem um verdadeiro mosaico textual que mistura vários gêneros, incluindo, notadamente, duas *relações* da invasão: as dos capitães San Martín e Lebrija e o “Gran cuaderno” de Quesada. Na multifacetada obra de Oviedo identificamos os germes mais precoces de idealização do Novo Reino de Granada e sua “conquista”, em marcado contraste com a representação de Las Casas.

O capítulo 6 mantém o foco na figura de Oviedo e seu interesse pessoal pelo Novo Reino de Granada ampliado, indicando quatro momentos em que ele esteve a ponto de assumir as governações de Santa Marta ou de Cartagena. Posteriormente, aprofundamos no elemento material que capturou atenção do coronista por essa terra: as esmeraldas. Elas constituíram um forte atrativo não só para ele, mas também para os círculos da corte e os comerciantes, e forneceram um segundo item idiossincrásico do Novo Reino na época – além do já referido por Las Casas –, que é descrito como a “terra das esmeraldas”. A partir das menções de esmeraldas na obra de Oviedo e das tradições discursivas a propósito dessas gemas no contexto renascentista, indaga-se pelas razões do fascínio que essas pedras neogranadinas receberam em meados do *Quinhentos*.

O capítulo 7, de menor extensão que os anteriores, presta atenção ao polêmico Francisco López de Gómara e sua *La historia de las Indias y conquista de México*, a qual expressa o consenso que reinava no coletivo belicista em torno da figura de Hernán Cortés como o mais eminente “conquista-dor”, e os invasões do México e do Peru como as mais meritórias. No mencionado livro o Novo Reino de Granada constitui um espaço marginal sem nenhuma feição especialmente notória, com exceção das esmeraldas, tal como em Oviedo. O capítulo que lhe é dedicado é de extensão curta e sua narrativa uniforme não se diferencia muito das dos outros espaços periféricos da América. O capítulo está teleologicamente orientado ao achado das almeçadas gemas verdes por Quesada, de forma ainda mais marcada que a narrativa de Oviedo. Assim, os significantes *Novo Reino de Granada* e *esmeraldas* se enlaçam ainda mais e corroboram a hipótese de que o que mais chamou a atenção naquele recanto dos Andes meridionais foi justamente esse mineral. Esta ideia é reforçada na conclusão geral da tese mediante a menção de outros exemplos tomados do século XVII.

CAPÍTULO 1

BREVE CONTEXTO DA INVASÃO AO NOVO REINO

1.1 Os muíscas antes do contato

Ao que parece, os muíscas eram um grupo relativamente recente em comparação com a longa história de assentamentos na região andina da Colômbia, que remonta a mais de 9.000 anos a.n.e. Por volta do segundo milênio a.n.e. apareceram grupos de agricultores e ceramistas na região, durante o denominado período Herrera. Posteriormente, entre os séculos VII e IX n.e., houve duas ondas migratórias procedentes do norte que deram origem ao povo muísca.¹¹⁸

Os cálculos sobre a demografia muísca no momento do contato oscilam entre 300.000 e mais de 5 milhões de habitantes. Pesquisas recentes sugerem uma população que quase com bastante probabilidade ultrapassou os 500.000 habitantes, e que pode ter atingido entre 1 e 1.5 milhões.¹¹⁹ Isso colocaria os muíscas como o maior grupo indígena do norte da América do Sul, só ultrapassado no continente por organizações estatais como os mexicas, os incas e possivelmente os maias, embora estes últimos já estivessem em declínio no momento da intrusão espanhola.

Atualmente os antropólogos consideram que os muíscas estavam organizados em *cacicados* agrícolas e sedentários, com uma formação estatal incipiente. Todavia, não existe acordo sobre a estrutura territorial macro que formavam nem a composição e número dos diversos *cacicados*. Eram uma confederação? Quais eram os maiores *cacicados*? Eram duas confederações supra-regionais – ou mais – enfrentadas entre si, como afirmam os coronistas? Ou tratava-se de uma sorte de mosaico de *cacicados*, de diferentes tamanhos, que mantinham relações diversificadas entre eles, só em alguns casos antagônicas? Essa última parece ser a hipótese mais provável.¹²⁰

¹¹⁸ URIBE, Maria Victoria. “Las sociedades del norte de los Andes”. In: ROJAS RABIELA, Teresa (dir.) e MURRA, John V. (codiretor). *Historia de América Latina*, vol. 1. España: Editorial Trotta-Unesco, 1999, p. 325 e 337.

¹¹⁹ VILLAMARIN, Juan; VILAMARIN, Judith. “Native Colombia: contact, conquest and colonial populations”. In: *Revista de Indias*, Vol. LXIII, No. 227, p. 125. Michael Francis propõe a cifra de 230.000 habitantes só para a província de Tunja na véspera da conquista. FRANCIS, Michael. “Población, enfermedad y cambio demográfico, 1537-1636. Demografía histórica de Tunja: Una mirada crítica”. In: *Fronteras de la Historia*, Vol. 7, p. 35.

¹²⁰ Como varemos mais adiante.

Nas primeiras *relações* se fala em duas grandes províncias ou “reinos” que lutavam pela supremacia regional: Bogotá e Tunja.¹²¹ Cada província estava regida por um “grande senhor” que recebia a mesma designação da sua terra – “porque así llaman al que la señorea”¹²² –, o qual comandava muitos outros caciques com menos autoridade, que por sua vez também tinham poder sobre grupos menores, até chegar às células familiares. De acordo com essas fontes, tratava-se, pois, de uma estrutura piramidal. As *relações* também indicavam que cada cacique ocupava um “vale” e tinha numerosos “vassalos”.

Hoje em dia, alguns investigadores mantêm a ideia de Bogotá e Tunja como as duas unidades políticas supra-regionais.¹²³ Não obstante, outros estudos questionam essa divisão e optam por um modelo mais descentralizado, composto por cacicados independentes de diversos tamanhos e configurações, nucleados não só ao redor de Bogotá e Tunja, mas também de Duitama, Sogamoso e talvez de outros centros de poder regional.¹²⁴ Segundo essa perspectiva – que adotaremos em nossa pesquisa –, dentro de cada centro regional ou cacicado composto, havia diversos cacicados subordinados. Por exemplo, Suesca, Tibacuy e Ubaté eram subordinados a Bogotá.¹²⁵ Porém, os vínculos entre os cacicados subordinados e o núcleo central eram bastante fracos por cima do entorno local, diferentemente de organizações como os incas. Por outra parte, é cabível que também existissem cacicados pequenos que se governavam de forma autônoma.

¹²¹ FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias*. Vol. 3. Madrid: Atlas, 1959, p. 106-107.

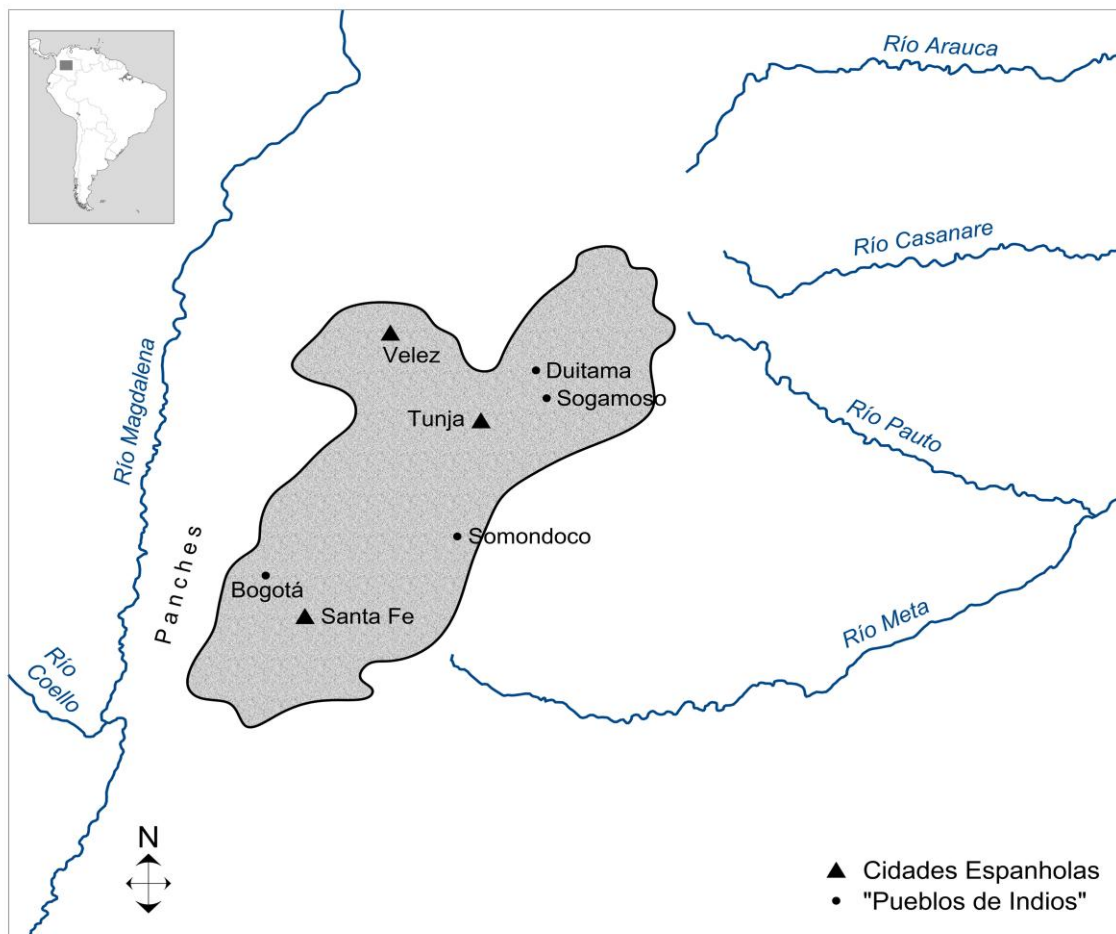
¹²² *Ibid.*, p. 107.

¹²³ Por exemplo, VILLAMARIN, Juan; VILLAMARÍN, Judith. “Chiefdoms: The prevalence and persistence of “señorios naturales” 1400 to European conquest”. In: SALOMON, Frank e SCHWARTS, Stuart (eds.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas*. Vol. III, Parte 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 577-667.

¹²⁴ GAMBOA, Jorge Augusto. “Las instituciones indígenas de gobierno en los años posteriores a la Conquista: caciques y capitanes muisca en el Nuevo Reino de Granada (1537-1650)”. In: FLORENTINO, Manolo; VALENCIA VILLA, Carlos (eds.). *Imperios ibéricos en comarcas americanas*. Bogotá, Universidad del Rosario, 2008, p. 136-164; *idem*. *El cacicazgo muisca en los años posteriores a la Conquista: del sihipkua al cacique colonial, 1537-1575*. Bogotá: ICANH, 2010; LUCENA SALMORAL, Manuel. *El indofeudalismo chibcha, como explicación para la fácil conquista quesadista*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1975; LANGEBAEK, Carl Henrik. *Mercados, poblamiento e integración étnica entre los muisca. Siglo XVI*. Bogotá: Banco de la República, 1987.

¹²⁵ LANGEBAEK. *Mercados*, op. cit., p. 35. Langebaek distingue 5 “confederações de cacicados”: Bogotá, Tunja, Duitama, Sogamoso, cacicados independentes do noroeste e capitánias teguas do sudeste. *Ibid.*, p. 34-39.

Mapa 2. Território ocupado pelos muíscas¹²⁶



Por sua vez, cada cacicado estava estruturado em uma complexa rede de relações hierárquicas entre senhores de diferente status, designados nos documentos coloniais como capitães.¹²⁷ Eles se encarregavam de governar suas parentelas e coordenar as tarefas que o cacique lhes encomendava, como lavrar sua terra, coletar tributos e organizar os homens para a guerra. Por outra parte, todas as autoridades tradicionais tinham funções tanto políticas quanto religiosas, uma vez que os dois âmbitos não estavam separados. Desta forma, cabia aos capitães manter o culto aos seres sobrenaturais e aos antepassados. Os especialistas religiosos,

¹²⁶ Mapa elaborado por Ángel Rodríguez com as indicações do autor. Adaptado de FRANCIS, Michael. *Invading Colombia: Spanish accounts of the Gonzalo de Quesada expedition of conquest*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2007, p. 12. A categoria “pueblos de índios” é da época colonial.

¹²⁷ RESTREPO, Luis Fernando. *El Estado impostor. Apropiaciones literarias y culturales de la memoria de los muíscas y la América indígena*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2013, p. 21.

que os espanhóis designaram como *jeques* ou *mohanes*, eram simultaneamente capitães na maioria das vezes.¹²⁸

A máxima autoridade dos caciques ou *pshihiquas*¹²⁹ diferenciava-os do resto da população por códigos de respeito que impressionaram aos espanhóis, como por exemplo, a proibição de olhar diretamente para eles ou serem transportados em *literas* ou *andas*.¹³⁰ O sistema de sucessão entre *pshihiquas* era matrilinear, o que significa que o legatário de cada cacique vinha a ser o filho primogênito da sua irmã.¹³¹

No que diz respeito ao padrão de assentamento, os muíscas não se congregavam em centros urbanos ou “cidades”. Pelo contrário, a maioria da população morava em pequenas aldeias espalhadas pelo território, cujo tamanho podia variar entre algumas dezenas ou milhares de vivendas. Suas habitações eram feitas de madeira, palha e terra, e provavelmente careciam de construções ou outros objetos de pedra. Em contraste com as vivendas e povoados indígenas do “comum”, as residências dos caciques eram maiores, mais imponentes e estavam protegidas por altos *cercados*. Justamente essa foi a palavra que escolheram os invasores para descrevê-las, e em todas as *relações* registrou-se um sentimento de admiração perante elas. Gonzalo Jiménez de Quesada também se referiu a esses conjuntos de edificações como “palácios” ou *alcázares*; daí o nome de *Valle de los Alcázares* dado à savana de Bogotá nos primórdios da invasão.¹³²

Os muíscas tinham uma economia baseada na agricultura bastante diversificada. Além do milho, a batata e a quinoa cultivavam outros vegetais e legumes autóctones, dos quais dispunham em abundância.¹³³ Paralelamente, desenvolveram outras atividades comerciais, mineiras e artesanais, dependendo das possibilidades ecológicas e recursos de cada localidade. Destacavam-se na elaboração de ourivesaria e em belos tecidos de algodão que os cristãos denominaram *mantas*.¹³⁴ Exploravam minas de esmeraldas e de sal, os dois produtos que – junto com o ouro – mais chamaram a atenção dos primeiros invasores ibéricos.¹³⁵

¹²⁸ GAMBOA. “Las instituciones”, op. cit., p. 10.

¹²⁹ Também escrito *sijipcuas*. A análise mais completa sobre os *pshihiquas* e a transformação do sistema de cacicados depois da invasão encontra-se em GAMBOA. *El cacicazgo muisca*, op. cit.

¹³⁰ Embora alguns desses códigos de respeito sejam questionados atualmente, por exemplo, *ibid*, capítulo 1.

¹³¹ VILLAMARÍN e VILLAMARÍN. “Chiefdoms”, op. cit., p. 588.

¹³² No capítulo 3 examinamos a percepção espanhola dos *cercados* muíscas.

¹³³ Para uma análise bastante completa da dieta múisca cf. GARCÍA, Jorge Luis. “The foods and crops of the Muisca: a dietary reconstruction of the intermediate chiefdoms of Bogotá (Bacatá) and Tunja (Hunza) Colombia”. Tese de Mestrado em Antropologia. Orlando: University of Central Florida, 2005.

¹³⁴ Tornaram-se um dos principais itens do tributo indígena.

¹³⁵ No capítulo 3 ampliamos a descrição desses elementos por parte dos invasores ibéricos.

Cabe advertir que o ouro e outros bens de luxo – como as conchas marinhas – eram obtidos por meio de uma dilatada rede de intercâmbio que ligava os muíscas com outros grupos indígenas, a qual se estendia até o litoral caribe e talvez até a América Central. Tanto os produtos locais como os obtidos de outras etnias eram trocados em mercados localizados em diferentes pontos do território. Esses mercados e redes comerciais permaneceram – transformados – até depois da invasão, e foram outros elementos bastante ressaltados nas fontes ao longo do século XVI e analisados atualmente.¹³⁶

Tradicionalmente os muíscas foram considerados uma cultura relativamente homogênea, que falava a língua chibcha e partilhava uma mesma cosmovisão. Entretanto, cada vez se dá mais atenção às variações regionais do ponto de vista linguístico, religioso e da organização social. Por exemplo, as investigações de Maria Stella González de Pérez demonstraram que os muíscas não constituíam uma massa linguística uniforme,¹³⁷ e outras pesquisas atentam para variações em outros planos. Nesse sentido, Jorge Augusto Gamboa questiona-se até que ponto os muíscas constituíam uma unidade étnica, e propõe utilizar o etnônimo *muisca* em sentido mais geográfico que cultural.¹³⁸

Do nosso ponto de vista, mesmo que seja importante atentarmos para a falta de homogeneidade entre as comunidades, corre-se o risco de cair em certa supervalorização das pequenas diferenças socioculturais acima dos elementos comuns, desatendendo inclusive o que algumas fontes coloniais indicavam. Cabe levarmos em consideração o coronista Frei Pedro de Aguado, que escrevia na década de 1570 em relação aos habitantes originários do Novo Reino de Granada: “puesto caso que desde el Valle de la Grita, discurriendo por toda la provincia de Bogotá, hasta los últimos fines de Tunja y sus comarcas, *sea una manera de gente, y en pocas cosas, asi de la lengua como de las cerimonias de su religion, difieren y varíen...*”.¹³⁹ De forma parecida, o autor anônimo de uma *relação* elaborada por volta de 1560 escreveu: “Son los

¹³⁶ Sobre os mercados muíscas cf. LANGEBAEK. *Mercados*, op. cit. Diversas fontes do século XVI descrevem os muíscas como muito “tratantes” e apresentam um importante desenvolvimento da atividade comercial em sua sociedade. Cf. também FRANCIS, Michael. “‘Muchas hipas, no minas’. The muíscas, a merchant society. Spanish misconceptions and demographic change”. Tese de Mestrado em História. Alberta: University of Alberta, 1993.

¹³⁷ GONZÁLEZ DE PÉREZ, María Stella. “El estudio de la lengua muisca”. In: *Maguaré* (Bogotá), No. 5, 1987, p. 183-193; COBO BETANCOURT, Juan Fernando. “Colonialism in the periphery: Spanish linguistic policy in New Granada, c. 1574-1625”. In: *Colonial Latin American Review*, Vol. 23, No. 2, 2014, p. 120.

¹³⁸ “Sus formas de organización social y política, sus sistemas de creencias e incluso las lenguas que hablaban eran similares, pero tenían diferencias tan importantes como para que sea difícil considerarlos pertenecientes a una misma etnia o cultura”. GAMBOA, *El cacicazgo muisca*, op. cit., p. 16.

¹³⁹ AGUADO, Frei Pedro de. *Historia de Santa Marta y Nuevo Reino de Granada*. Tomo I. Madrid: Establecimiento Tipográfico de Jaime E. Ratés, 1916, p. 259, grifos nossos.

señores y caciques desta cibdad [Tunja] y los naturales *de la mysama suerte y trato y manera de vivir y ritos y serimonias* que los de Santa Fe sin haber diferencia ninguna”.¹⁴⁰

1.2 Quesada, Fernández de Lugo e a expedição a Santa Marta

A exploração e invasão do atual território colombiano teve lugar em várias etapas, que iniciaram pouco depois da primeira viagem de Cristóvão Colombo às Antilhas. Pode se propor a existência de três fases.¹⁴¹ A primeira delas compreende os anos 1492-1510 e se caracterizou por incursões de saqueio no litoral caribe em busca de botim de guerra e indígenas que eram vendidos como escravos. A segunda fase abarca os anos 1510-1536 e correspondeu ao estabelecimento dos primeiros assentamentos costeiros permanentes. As fundações mais importantes foram as cidades de Santa Marta (1525) e Cartagena (1533), que eram a base de governações com o mesmo nome. A terceira fase abrange os anos 1536-1550 e assinalou-se pela penetração nas três cordilheiras andinas, assim como o encontro com as populações aborígenes mais volumosas, dentre elas os muiscas.

A campanha comandada por Gonzalo Jiménez de Quesada¹⁴² foi a primeira a pisar no território muísca. Pouco se conhece acerca das primeiras décadas de vida deste indivíduo.¹⁴³ A evidência aponta que nasceu na região de Andaluzia, provavelmente em 1509.¹⁴⁴ Porém, ainda se debate se era natural da cidade de Córdoba ou de Granada,¹⁴⁵ último território retomado aos mouros pelos reis católicos em 1492. Na idade dos vinte anos serviu como soldado nas campanhas italianas, antes de retornar à Ibéria para estudar Direito na Universidade de Salamanca, um dos principais centros de ensino superior da Península desde a Idade Média. O

¹⁴⁰ ANÓNIMO, “Visita de 1560”. In: TOVAR, Hermes (ed.). *No hay caciques ni señores. Relaciones y visitas a los naturales de América, siglo XVI*. Barcelona: Sendai Ediciones, 1988, p. 76, grifos nossos.

¹⁴¹ GAMBOA, Jorge Augusto (ed.). *Encomienda, identidad y poder. Los encomenderos y conquistadores del Nuevo Reino de Granada vistos a través de las probanzas de méritos y servicios (1550-1650)*. Bogotá: ICAHN, 2002, p. 16.

¹⁴² O primeiro sobrenome também era escrito como Ximénez.

¹⁴³ O historiador colombo-lituano Juan Friede Alter (1901-1990) foi o maior especialista na vida de Quesada. A melhor biografia sobre este personagem segue sendo FRIEDE, Juan. *El adelantado Don Gonzalo Jiménez de Quesada*. Bogotá: Intermedio, 2005 (1ª ed. 1979). Porém, sente-se falta de um estudo atualizado sobre o conquista-dor andaluz. Para um balanço historiográfico das biografias de Quesada cf. RUEDA ENCISO, José Eduardo. “Juan Friede y su búsqueda de El adelantado don Gonzalo Jiménez de Quesada”. In: *Fronteras de la Historia*, No. 10, p. 331-349.

¹⁴⁴ A data de nascimento em 1509 é aceita por Friede e Michael Francis. Já Manuel Lucena Salmoral acredita que fosse em 1506. LUCENA SALMORAL, Manuel. *Ximénez de Quesada, el caballero de El Dorado*. Madrid: Ediciones Anaya, 1989, p. 13-14.

¹⁴⁵ Tal incerteza começou desde já desde as primeiras *relações* e corônicas. Assim, no “Epítome de la conquista del Nuevo Reino de Granada” afirma-se que Quesada era residente de Granada – mas não natural dessa cidade –, enquanto Las Casas e Gómara escrevem que havia nascido em tal urbe.

aprendizado para a advocacia lhe dera o domínio do latim e a familiaridade com a cultura escrita da época, habilidade que aproveitaria depois para escrever várias *relações*, textos de conteúdo histórico e participar de muitos pleitos. Devido a sua formação acadêmica, Quesada foi apelidado *o licenciado*, título aplicado às pessoas com estudos em leis que dava certo prestígio e era pouco comum entre os invasores da América.¹⁴⁶ Então fazia parte do estamento dos *letrados*, que teve um destacado papel na configuração da monarquia espanhola.¹⁴⁷ Na década de 1530, exerceu por breve tempo sua profissão na Real Audiência de Granada antes de optar por atravessar o Atlântico em companhia de seus irmãos Hernán Pérez de Quesada¹⁴⁸ e Francisco Jiménez de Quesada, ao que parece motivados pela ruína moral e econômica da família, por causa de um processo judicial contra seu tio materno Jerónimo de Soria, um dos principais tintureiros da cidade de Córdoba.¹⁴⁹



Figura 3. Jiménez de Quesada no frontispício da *Historia general de los hechos de los castellanos* (1601-1615) de Antonio de Herrera, Década sexta.

¹⁴⁶ Na Castela do século XVI, o Direito era considerado o melhor meio para conseguir um posto oficial. Os graduados em Direito podiam obter o título de bacharel, licenciado ou doutor, sendo o segundo uma posição intermediária entre os outros dois. RICAPITO, Joseph V. “El licenciado Vidriera o la historia de un fracaso”. In: *Actas del XI Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. California: Universidad de California, 1992, p. 201-208.

¹⁴⁷ ELLIOT, John H. *España y su mundo (1500-1700)*. Madrid: Taurus, 2007, p. 38.

¹⁴⁸ Note-se a diferença dos sobrenomes com seu irmão Gonzalo.

¹⁴⁹ FRIEDE. *El adelantado*, op. cit., p. 25-26.

Os três Quesadas embarcaram rumo à América com Pedro Fernández de Lugo (c. 1475-1536), filho de um influente personagem da expansão ibérica no século XV: o primeiro *adelantado* do arquipélago das Canárias e capitão geral de Berbería, chamado Alonso Fernández de Lugo (c. 1456-1525).¹⁵⁰ Durante sua infância serviu na Corte como pajem da rainha Isabel.¹⁵¹ Pedro participou ao lado de seu pai na invasão das ilhas Palma e Tenerife, a qual completou-se na década de 1490, e tomou parte em campanhas na costa norte da África.¹⁵²

Assim, Pedro Fernández de Lugo era um conquista-dor de segunda geração. Já em sua idade madura, em meio a dificuldades econômicas e com a ajuda de seu filho, obteve uma *capitulação* dos Reis Católicos para a “conquista” e povoamento da governação de Santa Marta, depois de vários anos de negociação com a Coroa.¹⁵³ Antes disso, tentara infrutuosamente conseguir uma mercê para a o rio da Prata, que se imaginava erroneamente rico em jazidas argentíferas.¹⁵⁴ O território concedido a Lugo em 1535 começava a partir do litoral do Caribe sul-americano, mas seus limites com as outras governações estavam pouco definidos, pois que os conhecimentos geográficos eram bastante precários à época. Ao leste, estendia-se até o Cabo da Vela, na área contígua à província de Venezuela, cuja exploração fora conferida de forma exclusiva à família de banqueiros Welser, no final da década de 1520.¹⁵⁵ A oeste, abrangia até o Rio Grande da Magdalena, que marcava o limite com a vizinha governação de Cartagena de Índias, em posse do conquista-dor madrileno Pedro de Heredia. Ao sul, a *capitulação* indicava vagamente que a governação de Santa Marta prolongava-se até “la Mar del Sur, con tanto que no entréis em los limites ni términos de las otras provincias que

¹⁵⁰ Como veremos, o pai de Pedro era homônimo de seu filho Alonso Luis. Cf. BONNET Y REVERÓN, Buenaventura. B. “Alonso Fernández de Lugo y sus conquistas en África”. In: *Revista de Historia*, No. 37, La Laguna, 1933, p. 138-149.

¹⁵¹ RUMEAU DE ARMAS, Antonio. *Fernández de Lugo en la corte de los Reyes Católicos, 1496-1497*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952, capítulo 8; y GAMBÍN GARCÍA, Mariano. “Un guanche en la corte de los Reyes Católicos. Tras los pasos de don Enrique Canario, el último mencey de Icod”. In: *Revista de Historia Canaria*, No. 185, 2003, p. 138.

¹⁵² Para uma breve caracterização biográfica de Lugo e a organização da expedição a Santa Marta, com documentação original, cf. DE LA ROSA OLIVERA, Leopoldo. “Don Pedro Fernández de Lugo prepara la expedición a Santa Marta”. In: *Anuario de Estudios Atlánticos*, No. 5, 1959, p. 399-444. Já o coronista oficial Pedro Mártir de Anglería referiu-se à “conquista” das Canárias como antessala da expansão no Ultramar na sua primeira “década” da obra *De orbe novo*.

¹⁵³ O filho, Alonso Luis, foi o encarregado de negociar com a Coroa. Como resultado disso, se assinaram vários documentos prévios e finalmente as *capitulaciones*.

¹⁵⁴ A governação do Rio da Prata foi dada a Pedro de Mendoza, que morreria na empresa. LUCENA SALMORAL, Manuel. “La capitulación de Fernández de Lugo para Santa Marta y su relación con la conquista del Río de la Plata”. In: MORALES PADRÓN, Francisco (coord.). *I Coloquio de Historia Canario-Americano (1976)*. Las Palmas de Gran Canaria: Cabildo de Gran Canaria, 1976, p. 66-83.

¹⁵⁵ Como pagamento pelo dinheiro emprestado a Carlos V pelos banqueiros germanos.

están encomendadas a otros gobernadores”.¹⁵⁶ No documento final, Lugo era autorizado a: “conquistar, pacificar y poblar” nessa vasta extensão territorial, que fazia parte da ainda difusa Terra Firme ou Castela de Ouro, a qual despontava como uma das áreas mais promissoras depois do México e o Peru.

Em novembro de 1535, Pedro Fernández de Lugo partiu no comando de uma frota composta por 10 barcos e uns 1.200 passageiros. Dentre os membros da tripulação cabe mencionar seu filho Alonso Luis Fernández de Lugo – homônimo de seu avô –, futuro herdeiro das posições do pai e concorrente dos Quesada pelo controle do Novo Reino de Granada. Antes de partir o *licenciado* Gonzalo recebeu o cargo de *lugarteniente* ou Tenente de Governador, que lhe outorgava a faculdade para administrar justiça na província indiana.¹⁵⁷ Também se deslocaram abastados integrantes da elite canária que ajudaram a financiar as despesas e alguns religiosos, conforme disposto na *capitulação*.¹⁵⁸ Como dado curioso, sabe-se que tomaram parte na travessia dois filhos de uma autoridade autóctone das Canárias, já cristianizados.¹⁵⁹ A literatura consultada não indica a presença de mulheres europeias – ou nativas canárias – na frota de Lugo, as quais só viajariam ao Novo Reino de Granada ampliado na década de 1540.¹⁶⁰ Então, podemos afirmar que a “conquista” das terras muíscas – pelo menos em sua fase inaugural – foi um empreendimento conduzido por varões, e que esteve pautado por normas de conduta e códigos fundamentalmente androcêntricos, em consonância com a experiência histórica hispânica coetânea.

A cidade-porto de Santa Marta encontrava-se em situação agonizante depois da morte do segundo governador, García de Lerma, em 1532.¹⁶¹ A paisagem ecológica e humana litorânea sofreu a contínua a depredação desde começos do século XVI e os habitantes originários haviam resistido às tentativas de submissão. Algumas comunidades aceitaram a

¹⁵⁶ Capitulação da governação de Santa Marta com Pedro Fernández de Lugo, 1535, in FRIEDE, *Documentos inéditos para la historia de Colombia*, T. III. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1956, p. 198.

¹⁵⁷ Quesada recebeu tal posição em 10 de novembro de 1535 na cidade de Santa Cruz de Tenerife. DE LA ROSA OLIVERA, “Don Pedro Fernández de Lugo”, op. cit., p. 422.

¹⁵⁸ Por exemplo, dois ilenhos dignos de menção foram os capitães Lázaro Fonte e Gómez del Corral, quem voltaremos a encontrar em outros capítulos. BORREGO PLÁ, María del Carmen. “La fundación de San Miguel de las Palmas de Tamalameque: un infierno verde en la Santa Marta del siglo XVI”. In: *XI Coloquio de Historia Canario-americano*, Tomo 3, 1994, p. 42.

¹⁵⁹ O caso é mencionado, mas não analisado, por BORGES, Analola. “Notas para un estudio sobre la proyección de Canarias en la conquista de América”. In: *Anuario de Estudios Atlánticos*. No. 20, 1974, p. 13.

¹⁶⁰ Sobre a imigração de mulheres hispanas às Américas cf. MAURA, Juan Francisco. *Españolas de Ultramar en la historia y en la literatura*. Valencia: Universitat de València, 2005.

¹⁶¹ O primeiro governador e fundador de Santa Marta foi o sevilhano Rodrigo de Bastidas, que ocupou tal posição entre 1524 e 1527.

autoridade espanhola, mas a maioria optou pela luta armada ou buscou refúgio nas terras altas da Sierra Nevada de Santa Marta.¹⁶² Muitos outros também pereceram por causa do “inimigo invisível” representado pelos micróbios do Velho Continente, perante os quais os ameríndios não estavam protegidos.

Aos três meses após o desembarque, Lugo e seus homens já estavam em situação desesperada. Nesse contexto, decidiu-se organizar uma expedição militar em direção ao sul, remontando o curso do rio grande da Magdalena. A finalidade era dupla. Do ponto de vista oficial interessava encontrar a fonte da importante artéria fluvial, que alguns pensavam que daria acesso ao Mar do Sul – Oceano Pacífico – ou inclusive à imaginada serra da Prata;¹⁶³ e mais importante, perseguia-se localizar uma via de comunicação terrestre com o Peru, que tinha sido invadido quatro anos atrás. Para os homens que se lançavam ao desconhecido era muito tentador deparar-se com novas terras e habitantes, outros “Perus” e “Cajamarca” com inúmeras riquezas para usufruir sem concorrentes, como figura em vários *probanzas de servicio* deles recolhidos anos depois.¹⁶⁴ Da mesma forma, nas *capitulações* entre Lugo e a Coroa previa-se o encontro com ricos caciques indígenas:

...declaramos y mandamos que si en la dicha vuestra conquista y gobernación se cautivare y prendiere algún cacique o señor, que de todos los tesoros, oro, plata o piedras o perlas que se hubiere de él por vía de rescate o en otra cualquier manera, se nos de la sexta parte de ello y lo demás se reparta entre los conquistadores, sacando primeramente nuestro quinto.¹⁶⁵

Uma motivação suplementar e muito mais urgente para a incursão no interior consistia na falta de abastecimentos suficientes para todos os recém-chegados a Santa Marta, que corriam o risco de morrer de fome e ameaçavam insubordinar-se.¹⁶⁶ Além disso, as *entradas* nas comunidades indígenas circunvizinhas não tinham representado muito lucro econômico, necessário para amortizar as grandes despesas da viagem. Para piorar o panorama, Alonso

¹⁶² A Sierra Nevada de Santa Marta é uma cadeia montanhosa isolada dos Andes, localizada apenas a 52 km do Mar do Caribe. Alcança as maiores alturas do país (5.775 m.s.n.m.). Para um panorama da invasão do Caribe colombiana no século XVI cf. TOVAR PINZÓN, Hermes. “El Caribe colombiano en la historia del siglo XVI”. In: *Relaciones y visitas a los Andes. S. XVI. T.II*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1995, p. 17-80.

¹⁶³ LUCENA SALMORAL. “La capitulación”, op. cit.; FRIEDE, Juan. “Las ideas geográficas en la conquista del Nuevo Reino de Granada”. In: *Revista Geográfica* [Instituto Panamericano de Geografía e Historia]. Tomo 15, No. 41, p. 45-66.

¹⁶⁴ FRANCIS. *Invading Colombia*, op. cit., p. 9-10. Sobre as *probanzas de servicio* cf. o capítulo 2 dessa tese.

¹⁶⁵ FRIEDE. *Documentos inéditos*, op. cit., p. 200-201.

¹⁶⁶ Por exemplo, essa é a opinião dos coronistas Juan de Castellanos e Lucas Fernández de Piedrahita em suas respectivas obras históricas. Do nosso ponto de vista, a fome é um fator que não pode ser desatendido, como mostra a pesquisa de Carmen Mena com relação à penetração no espaço geograficamente próximo do Darién. MENA GARCÍA, Cármen. “La frontera del hambre: construyendo el espacio histórico del Darién”. In: *Mesoamérica: Plumsock Mesoamerican Studies*, CIRMA, Ano 24, No. 45, 2003, p. 35-65.

Luis, filho do *adelantado*, fugiu à Espanha em março sem notificar a dom Pedro, para não voltar até a década de 1540. Levava consigo o ouro e as pérolas arrecadadas nas imediações de Santa Marta depois da chegada da expedição, inclusive a parte que correspondia ao rei. Seu desesperado pai viu-se levado a abrir um processo judicial contra o próprio filho por fraude à Coroa e a ele mesmo. Por tal razão, Lugo *júnior* seria preso quando chegou à Península.¹⁶⁷ O velho *adelantado* escrevia ao rei em agosto de 1536 informando-lhe da desesperada situação:

Los soldados que vinieron conmigo creían llegar, cargar de oro y volver al instante ricos; descorazonaron cuando sólo hallaron guerra, sin pueblo alguno de paz, y aún más, al saber la cédula de Vuestra Majestad para que no se toque a las sepulturas.¹⁶⁸ Así son vueltos más de 200 muertos otros 200 y de los que se quedan cada día se me van.¹⁶⁹

Don Pedro só sobreviveria até outubro do mesmo ano, deixando a província à deriva por algum tempo, até a chegada do seguinte emissário da Coroa, o licenciado Jerónimo de Lebrón de Quiñonez.¹⁷⁰ A chamada “traição” de Alonso Luis de Lugo e muitos outros comportamentos julgados como inadequados até sua morte em 1556, fariam dele um dos protagonistas da invasão ao Novo Reino mais odiados pelos coronistas locais e imperiais, a começar por Bartolomé de Las Casas e Gonzalo Fernández de Oviedo, como veremos mais à frente.¹⁷¹

1.3 A longa marcha de Quesada e sua hoste

A pressão pela subsistência e a pressão pelo ganho – indispensável para custear as despesas contraídas – aparecem como importantes motivações do movimento em direção ao sul de Santa Marta. Contudo, não foi uma decisão improvisada. De fato, em um dos documentos preliminares à *capitulação* assinada de 1535, estipulava-se que os Lugo construiriam seis embarcações “para el descubrimiento del Rio Grande”.¹⁷² Por outra parte, é importante levar em consideração que os governadores precedentes já tinham avançado no reconhecimento do espaço interior ao longo do referido rio e sua ribeira, mesmo que não tenham chegado a atingir os Andes.¹⁷³

¹⁶⁷ Os detalhes da estada de Alonso Luis de Lugo na Península serão tratados no capítulo 4.

¹⁶⁸ Referia-se a uma *real cédula* que proibia o saque das sepulturas indígenas.

¹⁶⁹ OTTE, Enrique. “Los Botí y los Lugo”. In: Francisco Morales Padrón (coord.). *III Coloquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas, Cabildo Insular de Gran Canaria, 1980, vol. 1, p. 72.

¹⁷⁰ No capítulo 3 oferecemos mais detalhes da chegada de Lebrón ao Novo Reino.

¹⁷¹ Sobre a imagem negativa de Lugo para Las Casas e Oviedo cf. os capítulos 4 e 5 respectivamente.

¹⁷² FRIEDE. *Documentos inéditos*, op. cit. p. 166.

¹⁷³ Esse ponto será tratado no capítulo 2.

Quesada foi escolhido para conduzir a expedição ao interior da governação. Ela estava integrada por uns 800 espanhóis divididos em dois grupos, mais um número indeterminado de guias e cargueiros indígenas, além de escravos africanos. A eles somaram-se ainda mais nativos americanos durante a longa peregrinação.¹⁷⁴ Por volta de 80 cavalos e 600 castelhanos iriam por terra, em companhia de Quesada, divididos em oito companhias de infantaria. O restante se deslocaria a bordo de cinco bergantins pelas águas do Magdalena para encontrar-se com os homens de terra num ponto chamado Sompallón, localizado a cem léguas da costa. É importante mencionar os nomes de quatro capitães de infantaria, porque eles foram autores de *relações* que serão analisadas posteriormente: Juan de San Martín, Antonio de Lebrija, Gómez del Corral e Juan del Junco.¹⁷⁵

Os expedicionários saíram de Santa Marta em 6 de abril de 1536, isto é, depois do escape de Alonso e antes da morte de Pedro, da qual só saberiam muitos meses mais tarde. A viagem esteve cheia de dificuldades, tanto para os que remontavam o rio quanto os de pé.¹⁷⁶ Sem entrar em detalhes, cabe destacar que várias embarcações sofreram um naufrágio logo no início, e as remanescentes tiveram que regressar à costa. Um novo destacamento de navios foi enviado para reunir-se com o resto da tropa. No total, cerca de três quartos dos homens pereceram por causa de doenças e desnutrição. Alguns poucos foram vítimas de ataques de onças e jacarés, assim como flechas envenenadas dos indígenas “caribes” da beira do rio. Finalmente, os dois grupos se uniram em Sompallón e avançaram juntos até La Tora – a atual cidade de Barrancabermeja. A partir daí começaram a ascensão da Cordilheira Oriental, primeiro pelo curso do rio Opón e depois através de tortuosas trilhas por serras e montanhas selváticas e chuvosas. Em começos de março de 1537, quase um ano depois da partida, 179 europeus – e seus colaboradores africanos e indígenas – puseram pé nas aldeias muíscas.

¹⁷⁴ Francis e Gamboa concordam neste ponto. Francis assinala que havia pelo menos um escravo mouro (FRANCIS, *Invading*, op. cit., p. 7). Já Gamboa é mais ousado e afirma que quando os espanhóis chegaram ao território muisca estavam acompanhados por “miles de aliados de la región de Santa Marta y el Río Magdalena, sin contar los que se fueron uniendo al grupo por el camino. Además, venían varios esclavos negros y algunos moriscos que también empuñaron las armas.” GAMBOA, Jorge Augusto. “Los muiscas y la conquista española: nuevas interpretaciones de un viejo problema”. In: ídem. (comp.). *Los muiscas en los siglos XVI y XVII. Miradas desde la arqueología, la antropología y la historia*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2008, p. 116-139

¹⁷⁵ Os outros quatro capitães de terra eram Juan de Céspedes, Pedro Fernández de Valenzuela, Lázaro Fonte e Gonzalo Suárez. Por sua vez, o destacamento fluvial também estava conduzido por vários capitães.

¹⁷⁶ Para uma boa reconstrução e análise do périplo de Quesada cf. AVELLANEDA, José Ignacio. *La expedición de Gonzalo Jiménez de Quesada al mar del sur y la creación del Nuevo Reino de Granada*. Bogotá: Banco de la República, 1995, p. 3-34. Para uma reflexão acerca das condições de vida cotidiana durante as primeiras seis expedições cf. ídem, “La vida cotidiana en la Conquista”. In: CASTRO CARVAJAL, Beatriz (ed.). *Historia de la vida cotidiana en Colombia*. Bogotá: Editorial Norma, 1996, p. 15-56.

1.4 A chegada ao território muísca e as primeiras impressões

Os sobreviventes se depararam com agrupações autóctones cuja forma de vida contrastava com aquela dos nativos do litoral de Santa Marta, das Antilhas e do vale do Magdalena. As *relações* do primeiro período destacam a existência de muitos povoados, a agricultura extensiva, as fastuosas construções da elite, a marcada hierarquia social, os tecidos de algodão, as minas de sal e de esmeraldas, a ourivesaria e a abundância de mercados e população, dentre outros aspectos.¹⁷⁷ O contraste entre as incríveis dificuldades da viagem e o advento à terra fértil é um denominador comum das primeiras fontes escritas que se perpetuaria por meio dos coronistas coloniais, e em alguns casos, adquiriu conotações bíblicas de chegada à terra prometida.¹⁷⁸ O entorno natural do altiplano e a vegetação de clima frio, muito diferente do “inferno verde” das regiões baixas, agradaram aos intrusos, que caracterizaram a região como uma “terra boa”, abastada e sã, apta para estabelecer-se nela.¹⁷⁹

Destarte, durante quase dois anos Quesada e seus homens permaneceram isolados de qualquer contato com outros europeus. Desde acampamentos itinerantes, circularam ao longo do altiplano e dos vales da Cordilheira Oriental, nunca satisfeitos com as riquezas expoliadas aos habitantes originários, principalmente ouro e esmeraldas.¹⁸⁰ Inclusive se aventuraram além das imediações do Novo Reino, com o intuito de corroborar rumores de palácios cheios de ouro e misteriosas tribos de ricas mulheres amazonas.¹⁸¹ A reação das autoridades muíscas perante os invasores variou. Algumas ofereceram resistência armada desde o começo; outras tentaram se isolar e outras poucas colaboraram com eles desde muito cedo.¹⁸²

¹⁷⁷ No capítulo 3 estudamos em detalhes essas *relações*.

¹⁷⁸ AVELLANEDA. *La expedición*, op. cit. RESTREPO, Luis Fernando. *Un nuevo reino imaginado. Las Elegías de varones ilustres de Indias de Juan de Castellanos*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1999.

¹⁷⁹ Sobre a representação da abundância em relação ao território do Novo Reino do ponto de vista ibérico cf. SALDARRIAGA, Gregorio. *Alimentación e identidades en el Nuevo Reino de Granada siglos XVI y XVII*. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2012, capítulo 1.

¹⁸⁰ Esse aspecto da relativa insatisfação dos conquista-dores dos muíscas é ressaltado acertadamente por LUCENA SALMORAL. *El indofeudalismo*, op. cit. Porém, consideramos que autor não faz suficiente justiça ao significado subjetivo e econômico do achado de esmeraldas em terras muíscas.

¹⁸¹ Na *relação* de San Martín e Lebrija, afirma-se que Hernán Pérez de Quesada e outros homens aproximaram-se de um ponto a três ou quatro jornadas das míticas mulheres: “teniendo siempre más noticias de las que había, y que eran muy ricas de oro, y que de ellas se trae el mismo oro que hay en esta tierra y en la de Tunja. Por este camino se descubrieron valles de grandes poblaciones”.

¹⁸² Um caso de “colaboração” foi a curta aliança com o chefe indígena chamado Sagipa, sucessor do cacique Bogotá, durante a qual os ibéricos e os muíscas empreenderam uma campanha conjunta contra os indígenas panches, inimigos tradicionais dos segundos.

1.5 Os protocolos da invasão

Em vários aspectos, o punhado de espanhóis que irromperam nas aldeias muíscas reproduziram os mesmos protocolos que seus compatriotas vinham aplicando desde as Antilhas, tais como: a busca de alianças com os chefes locais, o aproveitamento da infraestrutura e os bens de subsistência autóctones, a tomada de reféns, o uso seletivo de violência extrema para castigar e aterrorizar, e a ampliação das fronteiras ao ritmo da procura de riquezas. As demonstrações de violência pública foram uma arma bastante efetiva, como a amputação massiva de mãos, narizes ou orelhas.¹⁸³ A tortura – aplicada principalmente aos caciques – também foi recorrente. Porém, os muíscas opuseram menos resistência armada do que outros grupos de maior tamanho e hierarquização social como mexicas e incas, ou bem coletivos menores e mais voláteis como os temidos “caribes”, conhecidos por usar flechas impregnadas de erva letal.

Se as perdas humanas por conflitos violentos entre muíscas e europeus não foram muito elevadas, as epidemias ocasionadas pelos germes transportados pelos invasores seriam devastadoras, notadamente as de varíola. A mais severa que está documentada nesta área geográfica ocorreu nos anos 1558-1559, que, segundo o coronista frei Pedro de Aguado causou a morte de 15.000 indígenas.¹⁸⁴ Porém, repetiram-se outros surtos nas décadas seguintes.¹⁸⁵ Calcula-se que em menos de cem anos a partir da invasão, a população muísca caiu em quase 80% e, diferentemente de outras etnias americanas, não se recuperaria durante o restante do período colonial.¹⁸⁶ Existe consenso de que *como etnia* discernível os muíscas não ultrapassaram a segunda metade do século XVIII, embora pessoas com seu fenótipo e vários de seus costumes sobrevivam disseminados nas populações camponesas dos atuais departamentos de Cundinamarca e Boyacá.¹⁸⁷

¹⁸³ GAMBOA. *El cacicazgo muisca*, op. cit., p. 221. Sobre um conquista-dor particularmente violento no contexto da invasão muísca cf. MIRA CABALLOS, Esteban. “Terror, violación y pederastia en la Conquista de América: el caso de Lázaro Fonte”. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, No. 44, p. 37-66.

¹⁸⁴ Apud VILLAMARÍN, Juan; VILLAMARÍN, Judith. “Epidemias y despoblación en la sabana de Bogotá, 1536-1810”. In: COOK, Noble David; LOVELL, George (eds.). *Juicios secretos de Dios. Epidemias y despoblación en Hispanoamérica colonial*. Quito: Abya-Yala, 2000, p. 146.

¹⁸⁵ FRANCIS, Michael. “Población, enfermedad y cambio demográfico, 1537-1636. Demografía histórica de Tunja: Una mirada crítica”. In: *Fronteras de la Historia*, No. 7, Bogotá, 2002, p. 35.

¹⁸⁶ Existem poucos registros da população muísca posteriores ao século XVII. Para uma estimativa cf. VILLAMARÍN e VILLAMARÍN, “Native Colombia”, op. cit.

¹⁸⁷ Por exemplo, a antropóloga Marta Zambrano chama a atenção a respeito da presença de população muísca na cidade de Bogotá até o século XIX. ZAMBRANO, Marta. “Memoria y olvido en la presencia y ausencia de indígenas en Santa Fe y Bogotá”. In: *Desde el Jardín de Freud*. [Revista do Grupo de Pesquisa em Psicanálise e Cultura da Universidade Nacional da Colômbia], No. 4, 2004, Bogotá, p. 56-68.

Voltando ao fio diacrônicos dos eventos, embora os espanhóis penetrassem primeiro nas comarcas do cacique denominado por eles Bogotá, que tinha fama de ser o mais poderoso, este conseguiu fugir e permaneceu escondido por vários meses. Então os cristãos enveredaram em direção norte, guiados por informações sobre o “nascimento” das esmeraldas, que acharam na jurisdição do cacique Somondoco¹⁸⁸ – ou Somindoco –. Pouco depois, atraídos por rumores de outro poderoso *senhor* indígena, avançaram ainda mais ao norte até o cercado do chefe que chamaram Tunja, a quem conseguiram capturar em agosto de 1538.¹⁸⁹ No processo, tentavam reproduzir a tática que já havia sido ensaiada com Moctezuma II Xocoyotzin e com Atahualpa: o derrocamento do líder de estruturas políticas piramidais, logo substituído pela autoridade castelhana.

O Tunja foi liberado assim que pagou seu resgate, mas despojaram-no do poder. O destino do Bogotá foi diferente. Depois da apreensão do Tunja os espanhóis descobriram o seu paradeiro e chegaram à noite. Ao tentar escapar por segunda vez, foi ferido e morto, mas conheceu-se sua identidade só algum tempo depois. A captura do cacique Tunja em agosto de 1538 representou o lucro mais vultoso da expedição: mais de 140.000 pesos de ouro e umas 280 esmeraldas.¹⁹⁰ Entretanto, os rumores de um “tesouro” ainda maior, possuído por Bogotá, continuaram a atizar as esperanças. O Bogotá finalmente foi localizado e assassinado em uma batalha noturna. Seu sucessor, chamado Sagipa, estabeleceu uma efêmera aliança com os espanhóis, mas sua negativa de revelar o lugar secreto das riquezas de seu predecessor, mesmo sob tortura, certamente lhe custou a vida. Com ele, as lendárias riquezas do Bogotá permaneceram inalcançáveis.

Tanto Sagipa quanto o sucessor do Tunja – chamado Aquiminzaque em algumas fontes – sofreram torturas e mortes violentas, que deram origem a numerosos processos judiciais contra os conquista-dores envolvidos.¹⁹¹ Destaque-se desde já que Bogotá, Tunja e Somondoco foram as autoridades tradicionais muíscas consideradas mais importantes nas primeiras

¹⁸⁸ A esse respeito ampliamos no capítulo 3.

¹⁸⁹ Entretanto, de acordo com Jorge Gamboa – e ao contrário de toda a tradição historiográfica recebida –, num primeiro momento Quesada não se reuniu com o verdadeiro cacique senão com um de seus parentes, chamado Quiminza. O verdadeiro cacique, de nome Eucaneme, só apareceu quando se sentiu seguro. GAMBOA, “Los muíscas”, op. cit., p. 129.

¹⁹⁰ Esse tema também será tratado no capítulo 3.

¹⁹¹ Luis Fernando Restrepo estudou a representação das mortes de Sagipa e Aquiminzaque nas letras neogranadinas, enfatizando a violência simbólica e real mobilizada pelos ibéricos. RESTREPO, *El Estado impostor*, op. cit.

relações, embora só as duas primeiras conservassem tal caracterização na historiografia colonial e da etapa nacional.

1.6 O encontro de três conquista-dores

Nos começos de 1539, um acontecimento inesperado teve lugar. Quesada foi notificado que duas expedições independentes se aproximavam do altiplano. Uma delas era comandada por Nicolás de Federmán¹⁹² (c. 1505-1542) e procedia da governação de Venezuela, que, como indicamos, era controlada pelos Welser. Federmán era natural da cidade de Ulm, nos estados germânicos, e contava com uma experiência prévia na governação de Venezuela entre 1529 e 1531, sob as ordens de Ambrosio de Alfinger.¹⁹³ Depois de passar três anos na Europa, ele retornara à cidade de Coro em 1535 como Tenente de Governador de Jorge de Espira,¹⁹⁴ ou seja, a mesma posição que tinha Quesada ao viajar para Santa Marta. A outra campanha estava liderada por Sebastián de Belalcázar (c. 1480-1551).¹⁹⁵ Tratava-se de um experiente veterano nas Índias, mais velho e menos culto que Quesada e Federmán. Ele havia participado da invasão ao Tahuantisuyu ao lado de Pizarro e Almagro. Na tentativa de construir seus próprios domínios ele se afastou dos irmãos Pizarro e empreendeu marcha ao norte, fundando Quito (1534) Popayán (1537) e outras cidades no sul do atual território colombiano, no que depois se tornaria a governação de Popayán.

A chegada desses dois caudilhos despertou em Quesada o temor de perder o Novo Reino, pois eles também exigiam direitos sobre a região. Nesse contexto, o *licenciado* andaluz optou por uma estratégia dupla. Em primeira instância, a fundação de três centros urbanos para afiançar seu comando: Santa Fe de Bogotá, que seria a cabeceira do distrito e atualmente é a capital da República de Colômbia; Tunja, a 130 km em direção nordeste; e Vélez, a 63 km de Tunja em direção noroeste.¹⁹⁶ Com os novos povoados criaram-se os primeiros *cabildos* ou

¹⁹² Ou originalmente Nikolaus Federmann. Para um breve estudo da expedição cf. AVELLANEDA, José Ignacio. “The men of Nikolaus Federmann: conquerors of the New Kingdom of Granada”. In: *The Americas*, Vol. 43, No. 4, p. 385-394.

¹⁹³ Esse é o nome castelhanizado. O nome original em alemão era Ambrosius Ehinger.

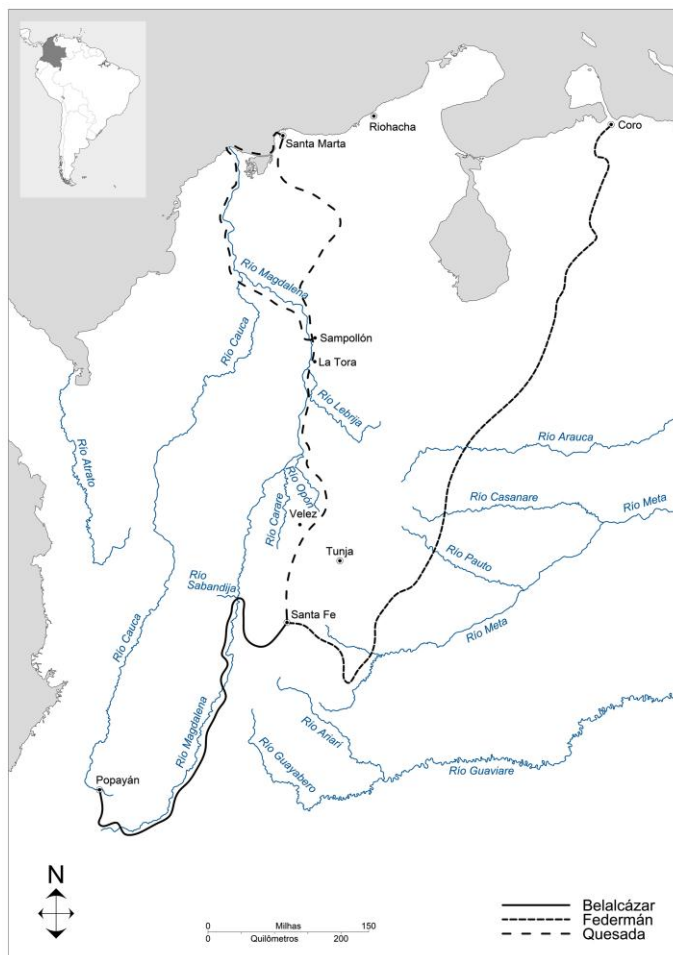
¹⁹⁴ Sobre ele, remetemos à nota 6 da introdução.

¹⁹⁵ Note-se que existem variações na grafia dos sobrenomes desses dois personagens, algo muito comum entre os “conquistadores”. Federmán também é grafado Fedreman, e Sebastián de Belalcázar, Benalcazar. Para uma breve biografia de Belalcázar cf. LOCKHART, James. *The men of Cajamarca. A social and biographical study of the first conquerors of Peru*. Austin e Londres: University of Texas Press, 1972, p. 122-129.

¹⁹⁶ Para um bom estudo dos primeiros anos de Santa Fe de Bogotá cf. MEJÍA PAVONY, Germán Rodrigo. *La ciudad de los conquistadores 1536-1604*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2012. Para uma discussão das diversas hipóteses da fundação de Santa Fe cf. SALCEDO SALCEDO, Jaime. “Un vestigio del *cercado* del señor de Bogotá en la traza de Santafé”. In: *Ensayos. Historia y Teoría del Arte*. No. 20, 2011, pp. 155-192.

governos locais hispanos. Em segunda instância, para evitar confrontações armadas, subornou¹⁹⁷ e negociou com Federmán e Belalcázar para viajar com ele à Espanha e dirimir diretamente na Corte as pretensões mútuas.

Mapa 3. As rotas das três primeiras expedições europeias¹⁹⁸



Os três comandantes dispuseram-se a descer o Magdalena em maio de 1539 para cruzaram o Atlântico, não sem antes parar por dois meses no porto de Cartagena. Estavam acompanhados de 21 membros da alta hierarquia de suas companhias, dentre eles vários

¹⁹⁷ Por exemplo, Quesada entregou esmeraldas a Federmán.

¹⁹⁸ Mapa elaborado por Ángel Rodríguez com as indicações do autor. Adaptado de FRANCIS. *Invading Colombia*, op. cit., p. 15.

capitães das expedições que haviam recebido partes substanciais dos despojos.¹⁹⁹ Com eles, deslocaram-se as primeiras mercadorias e *notícias* do Novo Reino de Granada para o Velho Continente; e ouro e esmeraldas. Por outra parte, nesse mesmo ano um jovem muísca atravessou o Atlântico, como mencionamos na introdução.²⁰⁰

Os três comandantes deixaram no altiplano a maior parte de suas tropas, que constituíram o grupo básico de colonização e da repartição de *encomiendas*.²⁰¹ O licenciado distribuiu a terra e os indígenas tributários entre os homens de maior status das três expedições, que somavam 105 varões ibéricos.²⁰² Isto significou o desmembramento dos grandes cacicados e a reorganização do mapa político precedente na escala regional. Hernán Pérez de Quesada, irmão de Gonzalo, ficou a cargo do governo em 1539, coordenando novas expedições menores e dando continuidade ao precário processo de imposição da autoridade castelhana. Tal processo avançaria nas décadas de 1540 com a chegada de outras expedições, a instauração de uma Real Audiência em Santa Fe e o envio dos primeiros grupos de missionários mendicantes encarregados da evangelização dos nativos.²⁰³ Entretanto, como mostram as pesquisas que comentaremos na seção seguinte, a imposição ibérica nunca se completou realmente ao longo do século XVI, ao contrário do que arguíram os conquista-dores em suas versões dos fatos.

1.7 Visões cambiantes sobre a “conquista” dos muíscas

Nos últimos anos, vários aspectos da interpretação tradicional acerca da “conquista” dos muíscas vêm sendo reconsiderados. Notadamente, no que tange a informações transmitidas pelos coronistas dos séculos XVI e XVII, boa parte das quais saíram vitoriosas da virada socioeconômica da historiografia colombiana das décadas de 1960 e 1970, e que ainda se reproduzem de maneira pouco crítica, por exemplo, nos manuais escolares. A inspiração para as novas perspectivas sobre essa etapa histórica deve-se em parte à corrente revisionista

¹⁹⁹ A lista desses homens e suas respectivas “partes” encontra-se em AVELLANEDA. *La expedición*, op. cit., p. 304.

²⁰⁰ No capítulo 4 ampliamos esse tema.

²⁰¹ Sobre a distribuição das primeiras *encomiendas* cf. GAMBOA. *El cacicazgo muisca*, op. cit., p. 159.

²⁰² MUÑOZ ARBELÁEZ, Santiago. *Costumbres en disputa. Los muíscas y el imperio español en Ubaque, siglo XVI*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2015, p. 4.

²⁰³ Sobre a evangelização da população muísca e seus problemas no século XVI cf. FRANCIS, Michael. “‘La tierra clama por remedio’: la conquista espiritual del territorio muisca”. In: *Fronteras de la Historia*, Vol 5, p. 93-118; LÓPEZ RODRÍGUEZ, Mercedes. “Los hombres de dios en el Nuevo Reino: curas y frailes doctrineros en Tunja y Santafé”. In: *Historia Crítica*, No. 19, 1999, pp. 129-152; ídem. *Tiempos para rezar y tiempos para trabajar. La cristianización de las comunidades muíscas durante el siglo XVI*. Bogotá, ICANH, 2012.

denominada Nova História da Conquista (NHC) ou *New Conquest History*.²⁰⁴ Dois autores que se enquadram nessa tendência são Jorge Augusto Gamboa e Michael Francis.²⁰⁵

Em um sugestivo artigo, Gamboa aplicou ao caso dos muíscas os mesmos questionamentos que Matthew Restall – um dos principais representantes da NHC – havia formulado no livro *Sete mitos da conquista espanhola* em relação a outros espaços coloniais.²⁰⁶ Para tanto, Gamboa examina através do crivo crítico e com uma ampla experiência nos arquivos coloniais, “ideias errôneas e preconceitos” relacionados com sete pontos geralmente aceites, que poderiam ser enunciados assim: 1) a conquista foi realizada por um exército profissional; 2) tratou-se da vitória de um punhado de espanhóis que combateu heroicamente contra milhares de guerreiros indígenas; 3) o fator decisivo foi o talento militar excepcional dos ibéricos, especialmente dos líderes, ou seja, indivíduos como Colombo, Cortés, Pizarro ou Quesada; 4) a conquista espanhola foi um processo rápido, fácil e total; 5) outro fator que coadjuvou bastante foi o problema comunicativo entre os dois bandos, habilmente explorado pelos espanhóis;²⁰⁷ 6) a conquista implicou uma catástrofe de proporções incalculáveis para os indígenas; 7) os espanhóis eram superiores aos nativos do ponto de vista cultural, técnico e religioso, e tal condição foi determinante para sua vitória.

Sem entrar em pormenores, alguns pontos da análise de Gamboa resultam significativos para nosso tema. Para começar, ele contesta o protagonismo exclusivo atribuído aos aventureiros espanhóis e ao líder da primeira expedição, Quesada. Convincentemente, propõe que não foi só o reduzido grupo de 179 hispanos que entrou no altiplano muísca em 1537, pois com eles vinham “milhares de aliados indígenas da região de Santa Marta e do rio Magdalena, sem contar os que se foram unindo ao grupo pelo caminho”.²⁰⁸ Para usar cifras comparativas, em uma expedição comandada por Hernán Pérez de Quesada aos *Llanos* orientais em 1540, por

²⁰⁴ Para uma aproximação geral a esta corrente cf. RESTALL, Matthew. “The New Conquest History”. In: *History Compass*, Vol. 10, No. 2, p. 151-160. Porém, não todas as reinterpretações sobre a conquista muísca recebem influxo de essa corrente. Por exemplo, o interessante artigo, LONDOÑO, Eduardo. “La conquista del cacicazgo de Bogotá”. In: *Boletín Cultural y Bibliográfico*, Vol. 25, No. 16, 1988, p. 23-33.

²⁰⁵ Também caberia incluir aqui os trabalhos de outros pesquisadores e pesquisadoras da história do Novo Reino de Granada como José Ignacio Avellaneda, Kris Lane, Santiago Muñoz Arbeláez e Marta Herrera.

²⁰⁶ GAMBOA. “Los muiscas”, op. cit.. RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Edição original em inglês. Gamboa retomou e desenvolveu estas ideias no capítulo 2 do livro *El cacicazgo muísca*, op. cit., p. 191-253.

²⁰⁷ O quinto “mito”, diferentemente dos outros, não procede dos coronistas senão do filósofo e linguista Tzvetan Todorov no seu clássico estudo *A conquista da América. A questão do outro* (1982). A meu ver, a discussão sobre o problema da comunicação durante o processo de invasão da América é mais complexa que o tratamento que lhe dá Gamboa e requereria uma abordagem aprofundada.

²⁰⁸ GAMBOA. “Los muiscas”, op. cit., p. 121.

exemplo, os espanhóis eram 280 e estavam acompanhados por cerca de 8.000-10.000 guerreiros muíscas. Obviamente, todos esses “aliados ameríndios”²⁰⁹ não foram mencionados pelos coronistas nem pelos historiadores do século XIX, e a notoriedade recaiu assim completamente em homens espanhóis com nome próprio, aqueles “varões ilustres das Índias” celebrados nos épicos versos de Juan de Castellanos, um dos primeiros memorialistas do Novo Reino de Granada.

Gamboa também chama a atenção para a problemática concepção global da “conquista” como uma vitória completa e fulminante, ideia atrelada à da rápida extinção dos muíscas e o total apagamento de sua memória-história. Essas visões foram muito caras aos historiadores do século XIX, a começar pelo general Joaquin Acosta, criador do etnônimo *chibcha*.²¹⁰ De fato, para Gamboa e outros pesquisadores da NHC, o próprio uso do termo “conquista” criou a falsa imagem de um domínio absoluto do território que contribui a encobrir “todos os fracassos e conquistas incompletas”, para não mencionar que os principais conquista-dores em termos numéricos realmente foram os nativos americanos e não os hispanos, como se argumenta no livro *Indian conquistadors*.²¹¹ Essas considerações estão em ressonância com os questionamentos do conceito de “conquista” expostos na introdução da presente tese.

Nessa mesma linha, Gamboa questiona três eventos que tradicionalmente se tomavam como ponto de referência para assinalar a conclusão do processo de “conquista” e marcar o começo do período da “colônia”: 1) a morte dos governantes nativos, 2) a fundação de cidades e 3) a repartição de *encomiendas*. Ele propõe que, no Novo Reino de Granada, a derrota dos chefes não significou o final das comunidades muíscas no curto prazo, tão só a volta a uma situação anterior em que vários cacicados de menor tamanho lutavam para se opor aos demais.²¹² Os espanhóis tiveram que submeter cada grupo separadamente por meio da repressão e de alianças políticas.

²⁰⁹ Embora consideremos que não seja a melhor, adotamos a expressão “aliados indígenas” tal como usada pelos autores da NHC. Do nosso ponto de vista, se aplicada de forma geral para todos os grupos nativos que combateram junto com os ibéricos, corre-se o risco de ocultar situações de coerção nas quais os ditos “aliados” não agiram de forma completamente voluntária.

²¹⁰ Oscar Guarín chamou a atenção sobre esse ponto em “La civilización chibcha y la construcción de la nación neogranadina”. In: *Universitas Humanística*, No. 70, 2010, p. 205-222.

²¹¹ MATTHEW, Laura; OUDIJK, Michel (eds.). *Indian conquistadors. Indigenous allies in the conquest of Meso America*. University of Oklahoma Press, 2007.

²¹² A transformação dos cacicados em *encomiendas* como uma forma mista ou híbrida de organização social hispano-ameríndia a partir da segunda metade do século XVI foi analisada por Santiago Muñoz Arbeláez em *Costumbres en disputa*, op. cit.

Pode-se acrescentar que a tese de uma rápida e definitiva vitória espanhola parece ainda mais arraigada no caso dos muíscas do que em outros povos americanos. No influente artigo sobre esse grupo ameríndio, publicado no *Handbook of South American Indian*,²¹³ o antropólogo norte-americano Alfred Louis Kroeber indicou que sua resistência aos espanhóis foi fragmentada e ineficaz. Supostamente, não defenderam as “cidades” nem livraram grandes batalhas. O essencial da “conquista” dos muíscas teria se completado em menos de um ano, e assim que a “desesperada resistência” dos caciques de Tausa, Simijaca, Ocabita e Subachoque foi controlada e já no final de 1541, “the last of the Chibcha had submitted”.²¹⁴ Kroeber remata com um juízo peremptório relativo à incapacidade defensiva dos muíscas que reproduz o imaginário da época colonial: “Their political structure, which had not sufficed to overcome even the unorganized Panche [seus inimigos tradicionais], failed conspicuously to hold against Spanish aggression”.²¹⁵

Ao invés de pensar uma “conquista” rápida e total, condensada nos anos 1537-1540, Jorge Gamboa e outros pesquisadores fazem um convite para estender bastante o escopo temporal. Segundo ele, a dominação efetiva foi um processo que se prolongou por mais de cinquenta anos e que “nunca se completou realmente”.²¹⁶ Em relação a este mesmo assunto, Michael Francis enfatizou as fracas bases da evangelização muísca ao longo dos séculos XVI e XVII, e a permanência de muitas práticas e cultos tradicionais, apesar das diferentes tentativas e estratégias usadas para extingui-los.²¹⁷ Assim, para este historiador norte-americano, a “conquista espiritual” dos muíscas teve muitas dificuldades para concretizar-se nos primeiros cem anos após a invasão.²¹⁸

²¹³ Manual universitário norte-americano publicado na década de 1940, com grande influência nos estudos antropológicos do século XX. Seria interessante fazer uma pesquisa mais aprofundada em torno da forma como são representadas nesse texto as comunidades indígenas que habitavam o território colombiano.

²¹⁴ KROEBER, Alfred Louise, “The Chibcha”. In: STEWARD, Julian (ed.). *Handbook of South American Indian*. Vol. 2, *The Andean civilizations*. Washington: Government Printing Office, 1946, p. 897.

²¹⁵ Ibid.

²¹⁶ GAMBOA. “Los muíscas”, op. cit., p. 128.

²¹⁷ Dentre elas, cabe mencionar a campanha para “erradicar idolatrias” conduzida pelo arcebispo franciscano de Santa Fe, Frei Luis Zapata de Cárdenas, na década de 1570, a qual foi considerada uma sorte de “solução final” para acabar com a persistência da religião muísca. Para uma análise da percepção dos objetos materiais muíscas como “ídolos do diabo” e as tentativas de sua eliminação ao longo do século XVI cf. BOTERO, Clara Isabel. *El redescubrimiento del pasado prehispánico de Colombia: viajeros, arqueólogos y coleccionistas, 1820-1945*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia / Universidad de los Andes, 2006, p. 25-30; PINEDA, Roberto. “Demonología y antropología en el Nuevo Reino de Granada (siglos XVI-XVIII)”. In: OBREGÓN, Diana (ed.). *Culturas científicas y saberes locales*. Bogotá: Centro de Estudios Sociales (CES), 2000. p. 23-88.

²¹⁸ Francis e outros autores como Rodríguez transmitem a ideia de que o processo de evangelização foi bem mais completo no México e o Peru, mas temos dúvidas a esse respeito. Essa imagem de um domínio colonial mais

Um postulado que encontramos mais problemático da NCH é que a “conquista” não teria sido um acontecimento traumático para as comunidades indígenas. Corre-se o risco de exagerar a capacidade de resiliência e recuperação dos muíscas e outros povos nativos, subsumindo o conflitivo e em muitos níveis devastador choque com os ibéricos num acontecimento a mais numa história conflitiva e complexa por antonomásia, retornando a uma sorte de “lenda rosa”.²¹⁹ Gamboa escreve:

En conclusión, la llegada de los conquistadores no fue asumida como un enorme cataclismo por las sociedades indígenas, sino como un hecho más de una larga y compleja historia, frente al cual no se sumieron en la desesperación, sino que desarrollaron múltiples estrategias para superarlo, trascenderlo y aprovecharlo. Pensar que los indios se hundieron en el caos y la desesperanza es menospreciarlos, negándoles la posibilidad de ser actores sociales creativos.²²⁰

Ao contrário de Gamboa, do nosso ponto de vista, a chegada dos espanhóis não constituiu só “um fato mais” na história dos muíscas. Ela representou uma disjunção, uma ruptura em muitos sentidos que justificadamente poderia ser rotulada de catastrófica e traumática, embora não constituísse a aniquilação de toda a população nem o apagamento súbito da sua cultura, como tradicionalmente se argumentava.²²¹ Certamente, os muíscas não foram extintos – como outros grupos aborígenes – nem temos que continuar lamentando o desaparecimento total de sua cultura na linha de alguns autores contemporâneos de cunho anti-imperialista;²²² mas também não cabe dizer que eles sofreram simplesmente a substituição de seus governantes nativos pelos cristãos.

1.8 As aspirações de Quesada pelo Novo Reino

Voltemos nossa atenção para a viagem do *licenciado* à Europa. A agenda que o levou lá era dupla. Por uma parte, alegraria que o Novo Reino de Granada faria parte legalmente, da governação de Santa Marta, mas não dentro dos limites da governação de Nova Castela ou da

acabado na Mesoamérica e nos Andes centrais não seria tributária de uma longa tendência interpretativa que começou com os coronistas dessas duas regiões?

²¹⁹ Cabe aplicar esse mesmo questionamento de “dulcificar” em parte o processo de choque cultural e dominação a algumas seções do livro *Costumbres en disputa* de Muñoz Arbeláez, embora o autor esteja ciente desse risco, como afirma na introdução.

²²⁰ GAMBOA. “Los muíscas”, op. cit., p. 132.

²²¹ Sobre a perspectiva da “conquista” como trauma cultural são interessantes as considerações de Fernando Restrepo in *El Estado impostor*, op. cit., e de Muñoz Arbeláez, *Costumbres en disputa*, op. cit.

²²² Estamos pensando concretamente em Eduardo Galeano e sua influente obra *As veias abertas da América Latina*.

governança de Venezuela, como pretendiam respectivamente Belalcázar e Federmán.²²³ Por outra parte, Quesada estava disposto a dar mais um passo para peticionar o governo das suas “descobertas” como entidade separada da província matriz – Santa Marta –, tal como haviam feito antes dele Hernán Cortés, que peticionou diretamente ao rei o governo da Nova Espanha, ultrapassando a autoridade de seu chefe Diego Velásquez, governador de Cuba, e outros caudilhos em seus respectivos contextos.²²⁴ A meta pessoal de Quesada era a mesma que aspiravam muitos de seus conterrâneos que embarcaram para as Índias: administrar uma província pacificada do império como um homem de riqueza e status.²²⁵ Em tal cenário, qualquer elemento que o ajudasse a realizar esse objetivo podia servir, por exemplo, a articulação de sua imagem pública como legítimo conquista-dor, *pacificador* e *povoador* das comarcas muíscas, e a apresentação das mesmas de forma atraente para os interesses imperiais.

Contudo, diferentemente de Cortés, tal tentativa não resultou nada fácil para o *licenciado*. Desde sua chegada à Península, ele teve de enfrentar acusações de fraude, tortura e assassinato dos caciques muíscas por parte das facções de conquista-dores rivais, e de desfalque de bens da Coroa pelo Conselho de Índias. Também contou com a oposição de Frei Bartolomeu de Las Casas, que estava no auge de sua campanha de evangelização pacífica na Corte. De fato, o *licenciado* foi um dos “tiranos” cujas ações mais veementemente denunciou Las Casas na *Brevíssima relación de la destrucción de las Indias* (1552).²²⁶ Por outra parte, confrontou-se juridicamente com Alonso Luis de Lugo pela posse da governança do Novo Reino de Granada. Como mencionado acima, o pai deste último, o *adelantado* Pedro, havia morto em Santa Marta seis meses depois da partida dos expedicionários a terras muíscas.

Depois de prolongadas gestões, Quesada conseguiu librar-se de várias inculpações, mas perdeu sua pretensão suprema à governança do Novo Reino de Granada, e sofreu a proibição de voltar por vários anos. Só retornaria em 1550 com o título honorífico de Marechal, uma

²²³ As pretensões de governo sobre o Novo Reino de Granada também foram feitas pelas províncias de Cartagena e Panamá. LUTZ GÓMEZ, Pedro. “El problema de la ubicación espacial del Nuevo Reino de Granada al momento de su creación”. In: *Memoria y Sociedad*, Vol. 4, No. 4, 2000, p. 147-156.

²²⁴ Com efeito, Cortés havia sido encarregado pelo governador de Cuba, Diego Velásquez, para uma viagem de reconhecimento no litoral mesoamericano, mas não de “conquista”. A recorrente tendência dos conquista-dores a ultrapassar as ordens de seus superiores e tomar posse de uma província para eles próprios é analisada em RESTALL, Matthew; FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *The conquistadors. A very short introduction*. Nueva York: Oxford University Press, 2012.

²²⁵ *Ibid.* A ambição das classes espanholas menos abastadas de administrar uma província pacificada do império é dramatizada por Miguel de Cervantes Saavedra na figura de Sancho Panza – escudeiro de dom Quixote de la Mancha –, que aspirava a tornar-se governador de uma ínsula.

²²⁶ Trataremos amplamente sobre este aspecto no capítulo 4.

pensão vitalícia e um escudo de armas, dentre outras mercês.²²⁷ Contudo, até seu decesso em 1579 nunca se sentiu bem recompensado. Esse foi outro aspecto compartilhado com a maior parte dos conquista-dores.²²⁸

O que aconteceu com Federmán e Belalcázar após atravessar o Atlântico em 1539? O primeiro não teve melhor sorte que Quesada. Morreu na Europa em 1542 depois de sofrer prisão e prolongados litígios com a casa dos Welser, seus patrões, sendo acusado de fraude e deslealdade com a Coroa.²²⁹ Dos três caudilhos, Belalcázar foi o mais bem sucedido. Retornou às Índias em 1541 com os títulos de *adelantado* e governador da província de Popayán, que poderia ostentar até seu falecimento dez anos depois.²³⁰ De tal modo, dos três cabecilhas de invasão que se encontraram nas terras muíscas em 1539, só Quesada regressaria anos depois, desenvolveria sua vida ali e manteria suas pretensões sobre esse território.

1.9 Um período conturbado: 1539-1550

Durante a estada de Quesada na Europa (1539-1550) se terminou resolvendo a disputa em torno da jurisdição do Novo Reino. Em um primeiro momento, passou a formar parte da governação de Santa Marta, que por sua vez dependia da Real Audiência de Santo Domingo como instância superior de governo e administração de justiça.²³¹ No entanto, em 1547 o Conselho de Índias resolveu instalar uma Real Audiência em Santa Fe de Bogotá, a qual estaria integrada por vários funcionários civis chamados ouvidores, cuja primeira comitiva chegou em 1550.²³² Em 1550 Santa Fe receberia seu primeiro bispo e em 1564 tornar-se-ia sede de uma

²²⁷ Sobre as mercês recebidas por Quesada cf. FRIEDE. *El adelantado*, op. cit., p. 107-108.

²²⁸ De acordo com Restall e Fernández-Armesto, existia una cultura de estar mal recompensados (*badly-done-by-culture*) entre os conquista-dores ibéricos. Para esses autores, Quesada havia interiorizado mais essa cultura do que outros pares. RESTALL; FERNÁNDEZ-ARMESTO. *The conquistadors*, op. cit. Porém, achamos que era uma característica comum desse grupo social, e podia ser tão aguda em Quesada quanto em outros de sua classe. Lembremos, por exemplo, que, apesar da magnitude da “conquista” e das prebendas que Hernán Cortés recebeu de Carlos V, o invasor de México se sentiu mal correspondido pela Coroa até sua morte. A esse respeito cf. MARTÍNEZ, José Luis. “Hernán Cortés: la declinación y el fin”. In: *Revista de la Universidad de México*. No. 465, octubre de 1989, pp. 9-22.

²²⁹ AVELLANEDA. “The men of Nikolaus”, op. cit., p. 385. Uma boa reconstrução dos últimos anos de Federmán in THOMAS, Hugh. *The golden age. The Spanish empire of Charles V*. Londres: Penguin Books, 2010, p. 393-394.

²³⁰ LOCKHART, *The men of Cajamarca*, op. cit., p. 127.

²³¹ MAYORGA GARCÍA, Fernando. *Real Audiencia de Santafé en los siglos XVI-XVII. Historia, visitas, quejas y castigos del primer tribunal con sede en la ciudad*. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá, 2013, p. 25-26.

²³² *Ibid.* Sobre a instalação da Audiência e uma análise de caso das redes familiares de um dos ouvidores cf. também RAMÍREZ OCAMPO, Natalia. “Encomiendas, delitos y poder. El caso de la familia Montañón en la Real Audiencia de Santa Fe 1553-1561”. In: *Historia 2.0. Conocimiento Histórico en Clave Digital*. Bucaramanga. No. 9, 2015, p. 64-82.

arquidiocese. Com tal proceder, a cidade fundada por Quesada chegou a ser o centro de uma entidade independente de Santo Domingo e com proeminência sobre Santa Marta. A escolha de Santa Fe como a sede do novo organismo, ao invés de Santa Marta ou outro centro urbano do entorno, é um indicador da importância relativa atribuída às comarcas recentemente invadidas nos Andes centrais da atual Colômbia. Em teoria, a nova Audiência teria jurisdição sobre o território que denominamos Novo Reino de Granada ampliado, se bem que em boa medida essa autoridade foi apenas nominal.²³³ Ao mesmo tempo, a nomeação de ouvidores como máxima autoridade delegada para coordenar os assuntos locais buscava reafirmar o poder da monarquia e substituir os personagens que haviam conduzido de forma irregular e vertiginosa essas províncias no lapso de treze anos.

Com efeito, previamente à instalação da Audiência, sucederam-se sete governadores no Novo Reino: Gonzalo Jiménez de Quesada (1537-1539), seu irmão Hernán Pérez de Quesada (1539-1540), Gonzalo Suárez Rendón²³⁴ (1540-1543), Alonso Luis de Lugo (1543-1544), Lope Montalvo de Lugo²³⁵ (1544-1545), Pedro de Ursúa²³⁶ (1545-1547) e Miguel Díaz de Armendáriz (1547-1550).²³⁷ Desde 1538, as relações entre esses homens e suas coortes marcharam sob o comum denominador das rivalidades pessoais e faccionais, a começar pelos membros da expedição de Quesada;²³⁸ as diferenças continuaram entre Belalcázar, Federmán e Quesada, e mais adiante entre Lugo e os irmãos Quesada; e a esse padrão se incorporaram os novos ibéricos conforme chegavam.

Desta forma, impôs-se a lógica de bandos nucleados em torno dos principais caudilhos, que respondiam a dinâmicas clientelistas características do mundo hispano.²³⁹ Uma das facções

²³³ Portanto, a jurisdição incluía não só o marco do Novo Reino de Granada *stricto sensu*, mas também as províncias de Santa Marta, Cartagena, San Juan e uma parte de Popayán. Entretanto, o poder sobre outras regiões fora do flanco oriental, e comunicação com elas, foram bastante fracos. Em muitas matérias essas outras províncias mantinham uma comunicação direta com a Coroa. Sobre a configuração das regiões do Novo Reino de Granada ampliado cf. PALACIOS, Marco; SAFFORD, Frank. *Colombia. País fragmentado, sociedad dividida*. Bogotá: Editorial Norma, 2002. MCFARLANE, Anthony. *Colombia before Independence. Economy, society and politics under Bourbon rule*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

²³⁴ Foi um dos participantes da expedição de Quesada, com a posição de capitão de cavalaria. Também foi fundador da cidade de Tunja.

²³⁵ Era parente de Alonso Luis de Lugo e veio com ele ao Novo Reino.

²³⁶ Era sobrinho de Miguel Díaz de Armendáriz.

²³⁷ Também escrito Díez de Armendáriz. Primeiro visitador geral do Novo Reino de Granada. GAMBOA, *El cacicazgo muisca*, op. cit., p. 272. Os cinco primeiros governadores *ad hoc* foram de índole militar e os dois últimos de caráter civil.

²³⁸ No capítulo 3 comentamos algumas delas.

²³⁹ RESTALL; ARMESTO. *The conquistadors*. STERN, Steve. “Paradigmas de la conquista: historia, historiografía y política”. In: *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana*, Tercera Serie, No. 6, 2º bimestre, 1992, p. 7-39. Sobre os grupos e facções nos primeiros anos da Audiência de Santa Fe e a influência de

principais congregou-se ao redor de Quesada, que, depois de voltar da Espanha, conservou e ampliou suas redes de poder entre os antigos conquista-dores e novos *encomenderos* neogranadinos.²⁴⁰ É oportuno ressaltar que embora estivesse fragmentado por ódios e pleitos, em ocasiões este coletivo mostrou formas de ação perante a Coroa que buscava salvaguardar seus interesses em conjunto. Esse panorama de desavenças dificultou a implantação da autoridade real e criou uma situação de relativo caos até as primeiras décadas do século XVII, se não mais adiante.²⁴¹

No centro das rivalidades estava a legitimidade com que agiam os partidários de cada grupo quando repartiam os botins de guerra, que quase sempre consistiam em ouro, esmeraldas e população indígena repartida em forma de *encomiendas*.²⁴² Cada um dos governadores as redistribuiu entre suas comitivas e adeptos, desconhecendo em grande parte as decisões de seus predecessores.²⁴³ Dessa forma apareceram *encomenderos* despossuídos desde os primeiros anos da colônia. O próprio Quesada foi um dos prejudicados, e uma de suas petições durante sua estada na Península foi, justamente, a restituição de suas *encomiendas*.²⁴⁴

A principal expressão das desavenças foram pleitos judiciais entre indivíduos e famílias, alguns dos quais passavam de uma geração à seguinte, gerando grandes despesas de tempo e dinheiro.²⁴⁵ Quando o juiz de residência²⁴⁶ e *visitador* Miguel Díaz de Armendáriz

Quesada cf. BONNET VÉLEZ, Diana. “Entre el interés personal y el establecimiento colonial. Factores de confrontación y de conflicto en el Nuevo Reino de Granada entre 1538 y 1570”. In: *Historia Crítica*, Número extra, 2009, p. 52-67; idem. “La implantación del orden colonial en el Nuevo Reino de Granada”. In: *Istor. Revista de Historia Internacional*. Ano 10, No. 37, 2009, p. 3-19.

²⁴⁰ Sobre os grupos e facções nos primeiros anos da Audiência de Santa Fe e a influência de Quesada cf. BONNET VÉLEZ, Diana. “Entre el interés personal y el establecimiento colonial. Factores de confrontación y de conflicto en el Nuevo Reino de Granada entre 1538 y 1570”. In: *Historia Crítica*, Número extra, 2009, p. 52-67; idem. “La implantación del orden colonial en el Nuevo Reino de Granada”. In: *Istor. Revista de Historia Internacional*. Ano 10, No. 37, 2009, p. 3-19.

²⁴¹ MAYORGA. *Real Audiencia*, op. cit.

²⁴² LÓPEZ. *Tiempos para rezar*, op. cit. p. 24. Além dos elementos assinalados por López como objeto de disputa, acrescentamos as esmeraldas, que desde o começo da “conquista” motivaram muitos pleitos entre os invasores e colonos.

²⁴³ GAMBOA, *El cacicazgo muisca*, op. cit., p. 272.

²⁴⁴ Finalmente, foi restituída, mas ele nunca se sentiu completamente satisfeito.

²⁴⁵ A esse respeito, o Novo Reino não foi uma exceção com relação aos outros territórios da monarquia composta dos reinos ibéricos. Essa situação se viu refletida na literatura de ficção e na historiografia do período. A esse respeito cf. ARAM, Bethany. “From the courts to the Court: history, literature, and litigation in the Spanish Atlantic world”. In: *Colonial Latin American Review*, Vol. 21, No. 3, December 2012, p. 343-364; GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. *Myth and archive. A theory of Latin American narrative*. Durham e Londres: Duke University Press, 1998, p. 43-92. Sobre a importância do estamento dos advogados durante a última etapa colonial neogranadina cf. URIBE URÁN, Victor Manuel. *Vidas honorables. Abogados, familia y política en Colombia, 1780-1850*. Medellín: Banco de la República-EAFIT, 2009.

²⁴⁶ Os *juízos de residência* eram feitos a todos os funcionários espanhóis nas Índias ao acabar o tempo de sua gestão. Entretanto, muitas vezes os próprios juízes – que amiúde viravam governadores *ad hoc* – também eram

chegou a Santa Fe com o propósito de supervisionar a aplicação das Leis Novas e avaliar a gestão dos governantes prévios, escreveu ao rei para informar-lhe acerca do desalentador panorama do Novo Reino:

Más pleitos hay de despojados que hay en la Real Chancillería²⁴⁷ de Vuestra Majestad en Valladolid. Casi en todos se pide restitución, por haber sido despojados de sus indios sin haber sido oídos ni vencidos por fuero ni por derecho [...] La causa de tanto pleitos como digo, ha sido la grande confusión que los que han gobernado en esta tierra han tenido consigo mismos, y puesto en ella con su variedad en el proveer de los indios el licenciado Jiménez [de Quesada], que acá no ha parecido hasta ahora, ni su procurador como Vuestra Majestad se lo tiene mandado.²⁴⁸

Os pleitos com maior transcendência chegavam ao Conselho de Índias, enquanto outros eram tratados na própria Audiência. Contudo, vale a pena ressaltar que as tensões entre os antigos conquista-dores e colonos do Novo Reino não ocasionaram enfrentamentos armados entre eles, como ocorreu no caso do Peru nas décadas de 1530 e 1540, onde lutaram, primeiro, dois bandos de invasores rivais – almagristas versus pizarristas –, e depois, estes últimos contra os delegados da monarquia.²⁴⁹ O mau exemplo do Peru gravitaria sobre a consciência régia nas décadas a seguir e contrastaria com a aparentemente calma e leal Audiência de Santa Fe.

Além dos conquista-dores, *encomenderos* e funcionários reais, outro importante ator europeu no Novo Reino foram os homens de Deus²⁵⁰ enviados para cristianizar as populações nativas e velar pela saúde espiritual dos compatriotas leigos. Já as primeiras três expedições à região contavam com a participação de religiosos.²⁵¹ Limitemo-nos a assinalar que uma parte do incipiente clero neogranadino representou os interesses do coletivo pacifista, e foi um relevante canal de comunicação com a monarquia sobre os excessos e delitos de seus fregueses hispanos, como demonstram as pesquisas de Juan Friede.²⁵²

julgados e achados culpados. Esse foi o caso de vários juízes de residência que estiveram no Novo Reino, como o próprio Díaz de Armendáriz.

²⁴⁷ Sinônimo de Audiência. Era o termo aplicado às altas cortes em Valladolid e Granada.

²⁴⁸ Carta de Diez de Armendáriz al Rey, sobre sua actuação no Novo Reino como juiz de residência (13 de fevereiro de 1547). In COLMENARES, Germán (ed.). *Lecturas de historia colonial II. Las Leyes Nuevas y su promulgación en la Nueva Granada (1542-1550)*. Bogotá: Universidad de los Andes, 1968.

²⁴⁹ Sobre as guerras civis do Peru na época colonial existe uma abundante bibliografia.

²⁵⁰ Tomo a expressão de LÓPEZ RODRÍGUEZ. “Los hombres de dios”, op. cit.

²⁵¹ Sobre os membros do clero nas primeiras seis expedições ao Novo Reino cf. AVELLANEDA, José Ignacio. *The conquerors of the New Kingdom of Granada*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995, p. 134-136.

²⁵² Sobre o clero pacifista no Novo Reino, FRIEDE, Juan. “Los franciscanos en el Nuevo Reino de Granada y el movimiento indigenista del siglo XVI”. In: *Bulletin Hispanique*. T. 60, No. 1, 1958, p. 5-29; ARIZA, Alberto. *Fray Bartolomé de las Casas y el Nuevo Reino de Granada: V centenario del nacimiento del Protector de los americanos*. Bogotá: Editorial Kelly, 1974. As críticas dos pacifistas do Novo Reino e sua conexão com Bartolomé de Las Casas serão tratadas no capítulo 4.

CAPÍTULO 2

O NOVO REINO NO HORIZONTE

COMPARATIVO COM A NOVA ESPANHA E O PERU

Em 1537, quando Quesada e seus homens irromperam no planalto muísca, fazia pouco tempo que outros grupos invasores haviam sacudido as bases do “império” da Tríplice Aliança²⁵³ e do Tahuantinsuyo, começando a impor uma nova ordem política, econômica e cultural na Mesoamérica e nos Andes centrais, respectivamente. Em julho de 1521, as hostes de Hernán Cortés e seus aliados indígenas assaltaram violentamente a cidade-ilha de Tenochtitlán, terminando com 93 anos de domínio mexica na região. Em novembro de 1532, Francisco Pizarro capturou o governador inca Atahualpa e o manteve como refém na cidade de Cajamarca; menos de um ano depois foi julgado e tragicamente executado. Jauja, a primeira capital do Peru espanhol, fundou-se em 1534.

As penetrações no México e o Peru tiveram – cada uma por separado – um notável impacto no rumo subsequente da expansão ibérica e nas políticas da Coroa de Castela relativas aos nativos americanos. Elas serviram de base, por exemplo, para afiançar a luta do dominicano Frei Bartolomé de las Casas contra a exploração dos indígenas e o poder dos *encomenderos*.²⁵⁴ Também transformaram a imagem sobre o Novo Mundo e seus povos nativos, e atuaram como um poderoso incentivo para a incursão em novas zonas do continente por parte da Espanha e outras potências europeias.²⁵⁵

De acordo com vários historiadores, a intrusão no atual território colombiano além do espaço conhecido das governações de Santa Marta, Cartagena e o litoral do Pacífico, viu-se impulsionada pelo sucesso da invasão ao Tahuantinsuyu; e esta, por sua vez, inspirou-se em parte e contou com a participação de indivíduos e capital resultante da invasão da

²⁵³ O termo “império azteca” não se usava no século XVI e só se popularizou no século XIX, sobretudo a partir das obras de William Hickling Prescott. A etnia que ainda por vezes é chamada azteca identificava-se com termos como mexica, alcoholhua e tenochca. CARRASCO, David. *The aztecs. A very short introduction*. Nueva York: Oxford University Press, 2002, p. 11.

²⁵⁴ Este tema será tratado no capítulo 4. Um bom resumo em KEEN, Benjamin. *La imagen azteca en el pensamiento occidental*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984, p. 83-88. HANKE, Lewis. *Aristotle and the American Indian. A study in race prejudice in the modern world*. Bloomington y Londres: Indiana University Press, 1959.

²⁵⁵ BRADING, David. *Orbe indiano. De la monarquía católica a la República criolla*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991, p. 40.

Mesoamérica.²⁵⁶ Nessa medida, pode-se argumentar que houve uma cadeia de influências recíprocas e escalonadas das duas primeiras “conquistas”, em termos cronológicos, sobre a(s) subsequente(s). Para os fins desse capítulo, é relevante prestarmos atenção a um aspecto desse processo: a circulação de informação de assuntos indianos na primeira metade do século XVI e sua possível irradiação ao Novo Reino de Granada.

2.1 As *Cartas de relação de Cortés e o imperium mexica*

Em primeiro lugar, convém atentar para a difusão daquilo que Manuel Ballesteros-Gaibrois batizou de “novidade indiana”.²⁵⁷ Trata-se das primeiras notícias²⁵⁸ das novas terras americanas que circularam publicamente conforme avançava o processo de reconhecimento e invasão, cujos autores eram variados: clérigos, burocratas, membros das hostes e magistrados, dentre outros. Obviamente, no século XVI a informação transmitia-se principalmente por via da palavra falada, mas é muito difícil aceder à documentação que dê conta desse meio de comunicação, seja no Novo Reino ou em outros cenários. No entanto, a disseminação de informação por via da escrita – impressa e manuscrita – também jogou um papel relevante na formação de representações acerca das novas terras, agindo de forma conjugada com as versões orais.²⁵⁹

No caso do México, o primeiro e mais importante texto que circulou em formato impresso foram as *Cartas de relação* elaboradas por Hernán Cortés (c. 1484-1547) e encaminhadas ao rei Carlos V entre 1519 e 1525.²⁶⁰ Elas tornar-se-iam a principal fonte de discurso para boa parte das histórias subsequentes da “conquista” na região. De especial

²⁵⁶ Cf., por exemplo, MCFARLANE, Anthony. *Colombia before Independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 8. McFarlane refere-se especificamente à procura de novas civilizações nas terras entre o Caribe e o Peru como motor para a exploração dos Andes colombianos.

²⁵⁷ BALLESTEROS-GAIBROIS, Manuel. *La novedad indiana. Noticias, informaciones y testimonios del Nuevo Mundo*. Madrid: Ed. Alhambra, 1987.

²⁵⁸ No primeiro dicionário monolíngue de castelhano elaborado por Sebastián de Covarrubias, define-se o vocábulo *noticia* como “el conocimiento de alguna cosa”. *Parte primera del tesoro de la lengua castellana o española*. Madri: Melchor Sánchez, 1674 [1611], p. 123. O termo *noticia* era bastante usado nos séculos XVI - XVIII. Pensemos nas *Noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme* (1627) de Frei Pedro Simón e nas *Noticias secretas de América* (pub. 1826) de Jorge Juan y Antonio de Ulloa.

²⁵⁹ De acordo com Carina Johnson: “word of mouth also played an important role in the transmission of information. Both written and verbal accounts of the New World exerted a persuasive pull during the late 1520s, serving as enticements to journey there.” JOHNSON, Carina. *Cultural hierarchy in Sixteenth-century Europe. The Ottomans and Mexicans*. Nova York: Cambridge University Press, 2011, p. 10

²⁶⁰ Tratava-se de cinco cartas, a primeira das quais está perdida.

interesse resulta a segunda *Carta*, que narra a toma de Tenochtitlán.²⁶¹ Nela Cortés enfatizou a magnificência e riqueza da “província” de Culúa ou México²⁶² e nos benefícios que sua anexação representava para o rei Carlos, a quem habilmente chamou *imperador*.²⁶³

Percebe-se uma retórica da grandeza para qualificar as novas terras e sua gente, que contrasta com tudo o que havia sido escrito até então acerca de outros grupos ameríndios. Tal retórica estava recheada com uma “terminologia admirativa” associada a termos como admiração e maravilha, e verbos como maravilhar-se e admirar-se. Era um campo semântico e lexical usado como elemento persuasivo no contexto indiano.²⁶⁴ Assim, recorrendo à hipérbole e à repetição, Cortés escreveu no próêmio da segunda *Carta* que esse “grandísimo señorío” era regido por um “grandísimo señor” chamado Muteccuma,²⁶⁵ e dentre suas “grandes ciudades de magníficos edificios y de grandes tratos y riquezas” havia uma “más maravillosa y rica de todas llamada Temustitlán [Tenochtitlán] que está por maravillosa arte edificada sobre una grande laguna”.²⁶⁶ Igualmente realçou as ações realizadas por ele mesmo e sua companhia de uma forma que ressoava com as façanhas dos romances de cavalaria, muito populares à época, interpretando-as como o cumprimento de um plano providencial.

A *Carta* oferece elaboradas descrições de diversos aspectos da cultura material mexicana. Por exemplo, em um trecho célebre, o autor expôs as inúmeras abundâncias dos mercados de Tenochtitlán:

...donde hay todos los géneros de mercaderías que en todas las tierras se hallan así de mantenimientos como de vestidos, joyas de oro y de plata y de plomo, de latón, de cobre, de estaño, de huesos, de conchas, de caracoles [...] [e continua a enumeração de materiais de construção, aves, mamíferos, ervas, medicamentos, etc.] se venden todas las cosas cuantas se hallan en toda la tierra, que demás que las que he dicho son tantas y de tantas calidades que por prolijidad y por no me ocurrir tantas a la memoria y aun por no saber poner los nombres no las expreso.²⁶⁷

²⁶¹ CORTÉS, Hernán. “Segunda relación”. In: *Cartas de relación*. Edición, introducción y notas de Ángel Delgado Gómez. Madrid: Castalia, 1993, p. 159-244.

²⁶² Província de México ou Culúa foi a forma como Cortés designou o território da Tríplice Aliança.

²⁶³ Carlos acabava justamente de ser eleito *imperador* do Sacro Império Romano Germânico. Sobre o significado do conceito império na época e o uso estratégico da palavra imperador por Cortés cf. PAGDEN, Anthony. Estudo introdutório a CORTÉS, Hernán. *Letters from Mexico*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2001, p. LIV.

²⁶⁴ ÁLVAREZ MORENO, Raúl. “El admirarse como forma de enfrentar la nueva realidad americana”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, vol. 61, No. 2 (2004), p. 413-430.

²⁶⁵ Posteriormente apareceriam outras variantes para o nome do governante mexicana. Bernal Díaz del Castillo o denomina Montezuma, e foi que se tornou a forma mais comum em espanhol e outras línguas.

²⁶⁶ CORTÉS. “Segunda relación”, op. cit., p. 159.

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 234 e 236. Tempo depois, Bernal Díaz também faria uma impressionante descrição do mercado de Tlatelolco e do primeiro avistamento de Tenochtitlán.

O recurso às analogias com a Europa,²⁶⁸ com a cultura moçárabe²⁶⁹ e com a história do Mediterrâneo oriental também serviram para aquilatar as dimensões do *imperium* bárbaro. Dessa forma, Cortés procurava avivar o interesse do monarca e preparar o terreno para reclamar no futuro próximo o governo das novas comarcas. Paralelamente, coadjuvaram na criação de um senso de familiaridade que facilitou a anexação simbólica e militar.²⁷⁰

Dessa forma, pode-se dizer que a avaliação que o conquista-dor faz dos mexicas é bastante favorável. Ele reconhece suas realizações e capacidade criadora. No entanto, Cortés também advertiu o que considerava o lado sombrio dessa cultura “bárbara”, de acordo com seus parâmetros judeu-cristãos, ligado notadamente aos sacrifícios humanos e à idolatria.²⁷¹ A seu ver, essas práticas legitimavam a invasão e submissão dos indígenas.

No que diz respeito à nomeação, vale a pena mencionar que o conquista-dor nascido na Estremadura propôs chamar Nova Espanha aos territórios invadidos. Tratava-se de um topônimo inovador, já que na época ainda não existia Espanha como entidade unificada,²⁷² e era um indicador da grandeza atribuída às comarcas governadas por Moctezuma II Xocoyotzin. Já o uso do adjetivo *nova* denotava a apropriação simbólica das mesmas, tendência replicada a partir daí por outros líderes de invasão, porém circunscritos a *reinos* particulares – Castela, Andaluzia, Granada, etc. –, e não ao conjunto imaginário dos mesmos – Espanha –. Assim, para citar os dois casos que mais nos interessam, Francisco Pizarro capitulou a governação de Nova Castela, e Quesada, como vimos, pretendia a do Novo Reino de Granada.²⁷³

2.1.2 A disseminação e repercussão das *Cartas de relação*

As notícias da Nova Espanha coadjuvaram a transformar a concepção europeia das Américas, limitada até então às Antilhas e às regiões litorâneas do Circumcaribe. Certamente os mexicas apareceram como o grupo aborígene mais civil e político, e também mais economicamente aproveitável. O atrativo amplificou-se porque os informes haviam sido elaborados pelo líder dos eventos e estavam escritos em romance. Aliás, Cortés inauguraria a figura do “conquistador-coronista”, na qual se encaixariam posteriormente Quesada e outros

²⁶⁸ Por exemplo, a comparação de Tenochtitlán com Sevilha e Córdoba.

²⁶⁹ Por exemplo, chamou *mesquitas* aos templos.

²⁷⁰ Concordamos nesse ponto com PAGDEN. Estudo introdutório, op. cit.

²⁷¹ KEEN. *La imagen azteca*, op. cit., p. 80.

²⁷² PADGEN. Estudo introdutório, op. cit., p. LIV-LX.

²⁷³ Repare-se que na etapa de expansão no Caribe, Colombo aplicou uma toponímia que não enfatizava o adjetivo *novo*.

caudilhos.²⁷⁴ Seu estilo literário recebeu elogios por parte de comentaristas diversos, que concordaram em qualificar as *Cartas* de obras primas. Com bastante rapidez elas foram impressas, vertidas a outros idiomas e assimiladas por um segmento do público europeu.²⁷⁵ A tradução ao latim da segunda e terceira carta, feita em Nuremberg em 1524, acompanhada de um mapa de Tenochtitlán, contribuiu para a divulgação das informações e a representação // apropriação mental de uma nova parte do mundo.

A principal audiência estava formada por nobres, mercadores, intelectuais humanistas e eclesiásticos da chamada república internacional das letras.²⁷⁶ Todavia, os panfletos, boletins e impressos de notícias em grandes folhas constituíram outro canal de transmissão para além desses círculos socioprofissionais.²⁷⁷ Obviamente, a informação sobre as novas terras era de singular valor para os poderes europeus nos primórdios do processo expansionista, embora ainda se discuta sua verdadeira repercussão.²⁷⁸

2.3 A exibição de semióforos e nativos americanos na Europa

Desde a etapa inicial da invasão, Cortés despachou emissários para a Europa com amostras de ouro, prata e manufaturas autóctones, bem como seres das novas terras. Com eles pretendia presentear ao monarca e providenciar evidência física das recentes “conquistas”, que respaldasse as notícias transmitidas por meio da escrita.

A primeira encomenda foi enviada em julho de 1519 sob a supervisão de Francisco de Montejo e Alonso Hernández Portocarrero, que viajaram junto com a Corte itinerante castelhana durante o inverno e primavera de 1520.²⁷⁹ Os objetos que levavam foram expostos em Sevilha e Tordesilhas, enquanto o ouro foi retido na Casa de Contratação.²⁸⁰ Entre outras coisas, a exibição contava com duas sofisticadas “rodas” de madeira cobertas com ouro e prata,

²⁷⁴ Voltaremos sobre essa categoria no capítulo 3, ao tratar dos textos elaborados por Quesada.

²⁷⁵ Para uma estimulante análise da recepção da segunda *Carta* de Cortés que incorpora o estudo dos paratextos e imagens que acompanhavam as primeiras edições cf. WRIGHT, Elizabeth. “New World news, ancient echoes: a Cortés letter and a vernacular Livy for a new king and his wary subjects (1520–23)”. In: *Renaissance Quarterly*, Vol. 61, No. 3, 2008, p. 711-749.

²⁷⁶ GRAFTON, Anthony. “A sketch map of a lost continent: the Republic of Letters”. In: *World made by words. Scholarship and community in the modern West*. Cambridge, MS: Harvard University Press, p. 9-34.

²⁷⁷ KEEN, La imagen azteca, p. 77; JOHNSON, *Cultural hierarchy*, p. 5.

²⁷⁸ Sobre a importância geoestratégica do conhecimento impresso relativo aos territórios extraeuropeus. cf. BURKE, Peter. *História social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Porém, ainda existe debate sobre a repercussão dessas obras no público letrado europeu da época.

²⁷⁹ THOMAS, Hugh. *Rivers of gold. The rise of the Spanish empire, from Columbus to Magellan*. Nova York: Random House, 2005, capítulo 31.

²⁸⁰ A Casa de Contratação foi uma agência monopolista da Coroa espanhola, que controlava as atividades e a arrecadação de impostos no Novo Mundo.

as quais haviam sido enviadas por Moctezuma a Cortés. Juntamente com os belos objetos mesoamericanos viajaram seis aborígenes totonacas, que viriam a serem alguns dos primeiros habitantes originários das Américas a cruzar o Atlântico, e também a ser retratados pictoricamente com base em um modelo real.²⁸¹

Dispõe-se de vários testemunhos das impressões que os objetos e os “exemplares” de terras longínquas despertaram em alguns protagonistas do mundo renascentista.²⁸² Assim, o pintor Alberto Durero expressou sua admiração e deleite com as seguintes palavras:

También he visto las cosas que alguien le trajo al rey de la nueva tierra del oro: un sol todo hecho de oro, de una braza de ancho, y también una luna toda de plata, igual de grande, y asimismo dos cuartos llenos de equipo similar, y también toda clase de armas, arneses, proyectiles, defensas maravillosas, extraños trajes, ropas de cama y toda clase de cosas maravillosas para todos los usos, que hay mucho más de bello que de asombroso en ellas. Todas estas son cosas de alto precio, y alguien las ha valuado en cien mil gulden. Y sin embargo en todos los días de mi vida no existe nada que haya deleitado tanto mi corazón como estas cosas. Porque vi entre ellas maravillosas cosas artificiales y me asombré ante los sutiles ingenios de las gentes de tierras ignotas.²⁸³

O humanista italiano Pedro Mártir de Anglería – que seria designado Cronista Real de Castela – também registrou seu assombro diante dos novos *semióforos* e seres humanos vindos do ultramar.²⁸⁴ Convém indicar que, desde a primeira viagem de Colombo, Mártir manifestou seu entusiasmo em relação às “coisas maravilhosas” do Novo Mundo e foi um dos primeiros popularizadores das *Cartas* de Cortés por meio de suas próprias missivas escritas e latim e reunidas em grupos de dez unidades textuais conhecidos como *décadas*, publicadas posteriormente como *De Orbe Novo decades*.²⁸⁵ Dadas suas conexões com a Corte, a imagem positiva transmitida por ele sobre os vislumbres da Mesoamérica provavelmente teria alguma repercussão nas primeiras decisões dos monarcas relativas a essas regiões.

²⁸¹ KEEN. *La imagen azteca*, op. cit., p. 73. Os totonacas foram um dos “aliados” de Cortés contra os mexicas. No lapso de poucos anos também passariam à Espanha os primeiros indígenas mexicas. CLINE, Howard. “Hernando Cortés and the Aztec indians in Spain”. In: *The Quarterly Journal of the Library of Congress*, Vol. 26, No. 2, 1969, p. 70-90.

²⁸² KEEN, *La imagen azteca*, op. cit., p. 73-80.

²⁸³ Citado em FEEST, Christian. “Una evaluación europea del arte americano”. In: ROSTKOWSKI, Joëlle y DEVERS, Sylvie (coord.). *Destinos cruzados. Cinco siglos de encuentros con los amerindios*. México: Siglo XXI Editores, 1996, p. 95. A expressão “maravilhosas coisas artificiais” também foi traduzida como “maravilhas da arte”, o que tem gerado polêmica.

²⁸⁴ KEEN. *La imagen azteca*, op. cit., p. 73-74.

²⁸⁵ A primeira edição das três primeiras “Décadas” é de Alcalá de Henares (1516). Mártir tratou da conquista do México na quarta e quinta *décadas* (1ª ed. 1521-1523).

2.4 A ressonância da invasão da Nova Espanha no Peru

Stuart B. Schwartz e James Lockhart consideram que não houve umnexo causal direto entre a invasão do México e do Peru. Para eles, essas grandes áreas centrais permaneceram bastante isoladas uma da outra durante os primórdios da etapa expansiva.²⁸⁶ Segundo esses autores, quando Pizarro capturou Atahualpa, o exemplo que o inspiraria teria sido sua própria experiência em Terra Firme com os caciques locais e não a do autor das *Cartas de relação*. Por sua vez, John Elliot assinala que entre primeiros invasores do Peru, somente dois tinham participado da “conquista” do México previamente.²⁸⁷ Não obstante, concordamos com outros estudiosos em que os ecos de Tenochtitlán devem ter despertado muito o interesse daqueles que desejavam aventurar-se no Ultramar e “descobrir” outros conglomerados indígenas ricos e sofisticados.

Um dado significativo é que, quando Hernán Cortés visitou a Espanha em 1528 para peticionar mercês diretamente com Carlos V, coincidiu na Corte com Francisco Pizarro – que de acordo com algumas versões era seu primo²⁸⁸ –. Acredita-se que tal encontro não programado facilitou a concessão das capitulações de Toledo, que autorizaram a incursão de Pizarro nas terras sul-americanas com os títulos de governador, *adelantado* e capitão geral do Peru. Em palavras de um dos especialistas nesse processo histórico: “it was the dazzling inspiration of the conquest of Mexico that made it easy for Pizarro to recruit keen young adventurers in his native Trujillo de Extremadura”.²⁸⁹

2.5 As primeiras notícias do Peru

As notícias sobre as “terras de Levante” que viriam a denominar-se Peru geraram-se gradualmente por parte de diversos autores e atores ao longo das décadas de 1520-1530, conforme se ampliava a fronteira da Terra Firme desde o istmo de Panamá ao longo do Pacífico. Em 1525 imprimiu-se em italiano uma breve carta de Pedro Árias Dávila, governador de Panamá, reportando o envio de um de seus tenentes para explorar ao sul.²⁹⁰ O *adelantado*

²⁸⁶ LOCKHART, James; SCHWARTZ, Stuart. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 110-112.

²⁸⁷ ELLIOT, John. “A conquista espanhola e a colonização da América”. In: BETHEL, Leslie (org.). *América Latina colonial*, Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 171. Na década de 1530, Pedro de Alvarado foi um dos poucos caudilhos que se movimentaram entre América Central e o Peru.

²⁸⁸ Cf. por exemplo, HEMMING, John. *The conquest of the incas*. Londres: Macmillan, 1970, capítulo 1.

²⁸⁹ Ibid.

²⁹⁰ BALLESTEROS-GAIBROIS. *La novedad Indiana*, op. cit., p. 155. A carta de Ávila foi editada em inglês por Markham, 1865. Também conhecido como Pedrarias Dávila.

Pascual de Andagoya encaminhou uma nova carta ao rei comunicando mais avanços nessa direção, a qual permaneceu inédita até recentemente.²⁹¹ Um as epístolas de 1533 atribuídas ao licenciado Juan de Espinosa foram traduzidas ao italiano, ao alemão e ao francês, esta última como *Nouvelles certaines des isles [sic] du Peru*.²⁹² Um ano depois foi impresso em Sevilha um curto escrito atribuído a Cristóbal de Mena intitulado *La conquista del Peru, llamado la Nueva Castilla*, com traduções ao italiano e ao francês.²⁹³ Como reação a esse opúsculo anônimo, no mesmo ano e cidade Francisco López de Jerez publicou *Verdadera relación de la conquista del Peru*.²⁹⁴ Esse corpus textual inicial completar-se-ia na década de 1550 com três obras maiores: a *Historia general de las Indias* de Francisco López de Gómara (1552),²⁹⁵ que também tratou da invasão do México; a primeira parte de *La chronica del Peru* de Pedro Cieza de León (1553), que também inclui importante informação sobre o Novo Reino de Granada ampliado;²⁹⁶ e a *Historia del descubrimiento y conquista del Peru* de Agustín de Zárate, publicado em 1555 em Amberes.²⁹⁷

Os impressos das décadas de 1520 e 1530 são os que mais nos interessam, pois se situam na véspera da expedição de Quesada. Em geral, trata-se de um conjunto de textos pouco elaborados, produzidos ao calor dos acontecimentos e reproduzidos como folhas volantes e folhetos. Para termos uma ideia dos conteúdos, *La conquista del Peru* narra uma sequência de eventos que poder-se-ia resumir assim: a partida dos irmãos Francisco e Hernando Pizarro de Panamá - a chegada a Cajamarca - o aprisionamento e morte de Atahualpa²⁹⁸ - a divisão do botim de ouro e prata - o retorno a Castela de 25 membros da expedição.

²⁹¹ “Carta de Pascual de Andagoya (22 de julio de 1539)”. In: TOVAR PINZÓN, Hermes (ed.). *Relaciones y visitas a los Andes. S. XVI. T. I*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1993, p. 95-98.

²⁹² O texto original em espanhol perdeu-se. O título em italiano era *Copia delle lettere del Prefetto della India Nova Spagna [sic]*. O texto em francês foi impresso em Lyon por François Juste, o mesmo editor de François Rabelais. Ao que parece, foi escrito em Panamá, aonde chegavam mais rapidamente as notícias sobre o Peru. Cf. “Nouvelles certaines des isles du Peru (Lyon, 1534)”. Edição, tradução e notas de Kurt Baldinger e José Luis Rivarola. In: *Revista de Filología Española*, Vol. LXXII, No. 3-4, 1992, p. 429-454. Contém um estudo introdutório, transcrição do francês e tradução ao espanhol.

²⁹³ [MENA, Cristobal de?]. “La conquista del Peru, llamada la Nueva Castilla (1534)”. In: *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*, Vol. 64, No. 8, p. 175-186.

²⁹⁴ López de Jerez – ou Xerez – era o secretário da primeira expedição a Cajamarca. BRADING, *Orbe indiano*, p. 45-46. O livro foi reeditado em Madrid em 1891.

²⁹⁵ No capítulo 7 abordamos esse livro, especialmente no que diz respeito ao Novo Reino de Granada.

²⁹⁶ No ano 1553 a primeira parte foi impressa simultaneamente em Antuérpia e Sevilha. Em 1554 se seguiram três novas edições em Antuérpia.

²⁹⁷ A terceira parte da *Historia general* de Oviedo, terminada na segunda metade da década de 1540, também trata sobre o Perú, mas permaneceu inédita até o século XIX.

²⁹⁸ Chamado Atabalipa no texto. Em outras fontes também é designado como Tabalica, Atabalica, Atabalique, Atabalico e Atabaliba. BALDINGER; RIVAROLA. Estudo crítico. “Nouvelles certaines”, op. cit., p. 447.

Esses escritos não são tão detalhados quanto as *Cartas* de Cortés, nem dão relevo de maneira semelhante ao novo conglomerado indígena. Um dado significativo das cartas atribuídas a Espinosa e Mena, por exemplo, é que se referem a Francisco Pizarro como “governador” e a Atahualpa como “grande senhor” ou “cacique”. Contudo, retratam-no como a autoridade máxima sobre outros caciques, cada um com muitas pessoas sujeitas a ele.²⁹⁹ A pompa da sua autoridade também aparece referenciada, *exempli gratia*, ao ser carregado em liteiras por muitos subordinados que limpavam o caminho por onde se deslocava. Nesse sentido, surpreende a semelhança com as primeiras descrições dos caciques muíscas que comentaremos mais adiante.

Quiçá o principal aspecto realçado nessas cartas e *relações* sejam os metais preciosos arrebatados aos incas. Isso é perceptível no título da versão francesa de *La conquista del Peru*, que apresenta essas regiões como “la principale mine d'or [sic.] du monde, naguere découverte, & conquise”.³⁰⁰ As *Nouvelles certaines des isles du Peru* também fazem menção “des richesses inextimables d'or et d'argent et pierres precieuses en celle province” e consigna o seguinte sobre Cuzco, capital do Tahuantinsuyo: “[Es] un señorío y país que es el más rico que hay en todo el mundo. Hay en ese país un templo cuyas paredes son todas de oro y de plata y lo llaman la Casa del Sol, la cual vigila mucha gente de guerra”.³⁰¹ Assim, nessas precoces versões francesas de opúsculos espanhóis, o Peru é representado como uma terra de inestimável riqueza – ora uma mina, ora um país –, além de todo o conhecido até então. Seja dito de passagem, a miragem de um suntuoso templo chamado Casa del Sol também seria procurada no entorno do território muísca por parte de Hernán Pérez de Quesada e seus homens um pouco mais adiante.³⁰²

²⁹⁹ Por exemplo, *ibid.*, p. 447.

³⁰⁰ O título completo é: “*L’histoire de la TERRE NEVVE DV Peru en l’Inde Occidentale, qui est la principale mine d’or du monde, naguere découverte, & conquise, & nommie la nouvelle Castille*”. Foi publicado em 1545 em Paris. A edição é de Jacques Gohory, o primeiro tradutor de Maquiavel e do *Amadis de Gaula*. BOWEN, W. H. “L’histoire de la terre neuve du Peru”. In: *Isis*, Vol. 28, No. 2, 1938, p. 330-340.

³⁰¹ “*Nouvelles certaines*”, *op. cit.*, p. 449-450.

³⁰² Segundo uma *relação* anônima da “conquista” de Santa Marta e o Novo Reino, a Casa del Sol era um “suntuoso templo” localizado a quinze jornadas do Novo Reino de Granada. “*Relación de Santa Marta*”. In: *Relaciones y visitas a los Andes. S. XVI. T. I*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1995, p. 127. Em 1541, Pérez de Quesada organizou uma expedição à procura desse templo, que terminou em um rotundo fracasso.

2.5.1 O imaginário das riquezas do Peru

Cabe anotar que os botins apropriados pelos homens de Cajamarca – para usar a expressão de James Lockhart – foram os mais espetaculares de toda a espoliação do Novo Mundo, maiores inclusive do que os raptados pelos espanhóis no império mexicano e no território muísca, como veremos. Cálculos modernos os estimam em mais de 1,5 milhões de pesos.³⁰³ Certamente, esse foi o núcleo de atração para os contemporâneos, ainda mais se levamos em consideração que a imensa extração de prata do cerro rico de Potosí continuaria a engrossar as arcas dos monarcas de Castela e através daí o resto da Europa.³⁰⁴ Em palavras do historiador peruano Jorge Basadre: “[o nome de Peru] sonó universalmente como fascinador anuncio de riqueza y de bienestar”.³⁰⁵ Daí em diante, o Peru tornar-se-ia sinónimo de enormes fortunas. Expressões em castelhano como “poseer el Perú” ou “vale un Perú” assim o demonstram.³⁰⁶

Em 1534 chegou à Espanha o primeiro carregamento de metais preciosos do Tahuantinsuyo junto com alguns conquista-dores. Liderando a comitiva ia Hernando Pizarro,³⁰⁷ encarregado de levar um milionário presente para Carlos V que incluía belas obras de ourivesaria incaicas. Ele escreveu ao monarca em 14 de janeiro desse ano:

...suplico á V. M. sea servido de mandar que en la casa de la Contratación de Sevilla no pongan ympedimiento ninguno [al tesoro] sino que libremente me lo dexen llevar ante V. M., porque es cosa que asta oy no se ha visto en yndias otra semejante ni creo que lo ay en poder de ningún príncipe.³⁰⁸

Tal como o tesouro mexicano que excitou a imaginação de Durero, as peças incaicas foram exibidas durante alguns dias na Corte sevilhana, mas ao que parece, ainda não foram deslocados seres humanos das terras incaicas para serem mostrados nos recintos europeus. Em grande medida, esse presente foi oriundo do legendário resgate que Atahualpa pagou para obter sua libertação, descrito da seguinte forma em *Nouvelles certaines*:

³⁰³ LOCKHART, James. *The men of Cajamarca. A social and biographical study of the first conquerors of Peru*. Austin e Londres: University of Texas Press, 1972, p. 13. O autor comenta que o botim era: “beyond anything seen or dreamed of in the Indies to that date”.

³⁰⁴ A mineração de prata em Potosí começou de forma sistemática durante a administração do vice-rei Toledo (1569-1581), empregando massivamente a mão de obra indígena mediante a manipulação do antigo sistema inca da *mit'a*.

³⁰⁵ Citado em THURNER, Mark. “The founding abyss of colonial history: or ‘the origin and principle of the name of Peru’”. In: *History and Theory*, Vol. 48, No. 1, 2009, p. 48.

³⁰⁶ *Ibid.*; BRADING, *Orbe indiano*, op. cit. p. 46.

³⁰⁷ Irmão de Francisco Pizarro, que junto com Diego de Almagro foram os principais caudilhos da invasão ao Peru.

³⁰⁸ *Colección de documentos para la historia de Chile desde el viaje de Magallanes hasta la batalla de Maipó, 1518-1818*. Colectados y publicados por José Toribio Medina, Tomo IV. Santiago de Chile: Imprenta Ercilla, 1889, p. 192-193.

El dicho Atabalica, viéndose prisionero y temiendo ser muerto, prometió a los cristianos darles una casa llena de oro de veinte pies de altura y de dieciocho de ancho, cosa que fue hecha como había prometido, y todo el oro que estaba en esta casa como otro Que hizo poner asciende en total a tres millones de castellanos, y asimismo dio tan gran cantidad de plata que no se sabría contar.³⁰⁹

O episódio da casa – ou sala em outras versões – repleta de ouro seria reproduzido, complementado e magnificado nas sucessivas corônicas da biblioteca peruana e indiana, assim como o não cumprimento da promessa de liberdade feita pelos espanhóis.³¹⁰ E no imaginário colonial, os eventos de Cajamarca viriam a adquirir um caráter quase mítico e a ter vários entrecruzamentos, por exemplo, com a lenda do Eldorado, apropriada pelos *criollos* limenhos no século XVII como parte da sua agenda patriótica.³¹¹

Contudo, a proverbial riqueza peruana não foi o único a chamar a atenção do público europeu. Também choveram críticas contra o escandaloso juízo e estrangulamento de Atahualpa, a começar pelos integrantes do coletivo pacifista. Na verdade, despontaram duas metanarrativas contrapostas. Na obra citada de López de Jerez, secretário da primeira expedição a Cajamarca, Atahualpa aparece como um tirano e os trágicos eventos do abatimento dos incas leem-se em chave heroica: “¿Cuándo se vieron en los antiguos ni modernos tiempos tan grandes empresas llevadas a cabo por un puñado de osados compatriotas, contra tantas gentes y pueblos, tantos cielos, tantos climas, tantos mares, y tantas tierras no vistas ni sabidas? ¿Cómo se igualarán en el futuro?”.³¹² Na versão francesa de *La conquista del Peru* compara-se o “valente” Pizarro com “o [sic.] gentil VESPUCE, o [sic.] hardy COLUMBE”, a quem “l’Europe universelle leur est a perpetuite obligée en recompense de leurs incroyables labeurs, et espouventables entreprises”.³¹³ Punha-se em marcha a idealização de Pizarro.

Em contraposição, para a corrente de opinião de eclesiásticos pacifistas, o panorama era bem diferente. O influente teólogo dominicano Francisco de Vitoria (c. 1483-1546) foi uma das primeiras vozes que se indignou com a execução do governante inca e a excessiva avidez

³⁰⁹ “Nouvelles certaines”, op. cit., p. 449. Aí também consta uma pormenorizada lista dos objetos que formavam o presente para Carlos V.

³¹⁰ John Hemming, cuja narrativa sobre a conquista dos incas é uma das mais populares atualmente, segue fielmente a crônica de Xerez no relativo ao resgate de Atahualpa, que estaria composto de peças de ouro e prata. HEMMING, *The conquest of the incas*, op. cit., capítulo 2. James Lockhart tem uma opinião semelhante: “Atahualpa, now a prisoner, promised to fill a room with gold and silver in return for his life, and, as most say, for his liberty as well”. LOCKHART. *The men of Cajamarca*, op. cit., p. 11.

³¹¹ MAZZOTTI, José Antonio. “El Dorado, paradise and supreme sanctity in Seventeenth-century Peru: a creole agenda”. In: BAUER, Ralph; MAZZOTTI, José Antonio. *Creole subjects in the colonial Americas. Empires, texts, identities*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009, p. 375-411.

³¹² Citado por BRADING. *Orbe indiano*, op. cit., p. 46.

³¹³ BOWEN. “L’histoire de la terre”, op. cit., p. 338.

por ouro, terra e trabalho indígena dos invasores do Peru. Em uma carta de 1534 a seu correligionário Miguel de Arcos, Vitoria escreveu: “Pero, a lo que yo he entendido de los mismos que estuvieron en la próxima batalla de Tabalipa [Atahualpa], nunca Tabalipa ni los suyos habían hecho ningún agravio a los cristianos, ni cosa por donde los debiesen hacer la guerra”.³¹⁴ Também manifestou que as “cosas de Índias” lhe gelavam o sangue. Mais à frente, Bartolomé de las Casas amplificaria a denúncia da “conquista” do Tahuantinsuyu e adotaria uma postura ainda mais radical, chegando a postular a total restituição das terras e bens usurpados aos indígenas.³¹⁵ A figura de Pizarro, um homem tosco, iletrado e consumido em uma cruenta guerra contra seu anterior sócio Diego de Almagro, também carecia do charme do invasor de Tenochtitlán e pintava sua aura de um tom criminal.³¹⁶

2.5.2 A ressonância do Peru no Novo Reino de Granada

Resulta plausível que o *adelantado* Fernández de Lugo ou o licenciado Gonzalo Jiménez de Quesada – graças à sua educação formal – lessem as *Cartas* de Hernán Cortés antes de embarcar para América. É ainda provável que caísse em suas mãos alguma das notícias impressas relativas ao Peru que indicamos anteriormente. Mas não resta dúvida de que o rumor transmitido por meio da fala³¹⁷ sobre as novas “descobertas” chegou a seus ouvidos, e aos de muitos outros membros da expedição de Lugo, alimentando as imaginações e aspirações de concretizar os dois principais sonhos dos espanhóis nas Índias: a elevação social e o lucro pessoal.³¹⁸

³¹⁴ VITORIA, Francisco de. “La conquista del Perú. Carta dirigida a Miguel de Arcos”. In: *Relecciones sobre los indios y el derecho de guerra*. Madrid: Espasa Calpe, 1975, p. 20.

³¹⁵ SOMEDA, Hidefuji. “Las Casas y el problema de la perpetuidad de la encomienda en el Perú”. In: *Histórica*, vol. V, No. 2, 1981, p. 263-294. Las Casas acreditava que o império inca em sua totalidade devia ser restituído a Tito Cusi Yupanqui, um neto de Huayna Cápac, que foi o último Inca que governou antes da intrusão dos espanhóis. MACCORMACK, Sabine. *On the wings of time. Rome, the Incas, Spain, and Peru*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2007, p. 55.

³¹⁶ BRADING. *Orbe indiano*, op. cit., p. 46. Assim, a idealização de Francisco Pizarro viu se parcialmente obstruída pelas guerras civis entre almagristas e pizarristas.

³¹⁷ Para um estudo do papel do rumor em um processo posterior da Nova Granada, mas com algumas considerações aplicáveis ao conjunto do período colonial cf. EARLE, Rebecca. “Information and disinformation in late colonial New Granada”. In: *The Americas*, Vol. 54, No. 2, p. 167-184.

³¹⁸ Sobre as principais aspirações dos conquista-dores cf. STERN, Steve. “Paradigmas de la conquista: historia, historiografía y política”. In: *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana*, No. 6, p. 7-39. O autor menciona outra poderosa aspiração – denomina-a utopia ou paradigma – que era a conversão religiosa. Sobre as motivações de Pedro Fernández de Lugo para viajar a Santa Marta cf. LUCENA SALMORAL, Manuel. “La capitulación de Fernández de Lugo para Santa Marta y su relación con la conquista del Río de la Plata”. In: MORALES PADRÓN, Francisco (coord.). *I Coloquio de Historia Canario-Americano (1976)*. Las Palmas de Gran Canaria: Cabildo de Gran Canaria, 1976, p. 66-83.

Com efeito, no horizonte de expectativas³¹⁹ dos europeus que participaram da invasão da região muísca, o referente do Peru era o que primava. Em primeira instância, sabe-se que a aproximação ao país dos incas teve uma repercussão imediata na governação de Santa Marta, como se ilustra mediante a seguinte anedota. Em 1528, um navio espanhol destinado a Sevilha aportou na cidade. Não era raro que tal evento acontecesse, pois Santa Marta recebia com certa regularidade barcos dirigidos à Península ibérica. Porém, nesta ocasião a embarcação gerou uma grande excitação, já que carregava alguns dos “tesouros” que Francisco Pizarro e seus homens haviam coletado no litoral do Pacífico – em incursões perto da atual cidade de Tumbes –, os quais continham peças de cerâmica, vasilhas de metal, roupa fina e algumas lhamas, descritas como “ovelhas” nas fontes. Eram as primeiras evidências do império andino. Pizarro abrigava a esperança de que esses obséquios agradassem aos reis e lhe ajudassem a obter os direitos sobre as comarcas recém-percorridas.³²⁰

Pouco depois da passagem do barco, Rodrigo Álvarez Palomino, governador de Santa Marta naquele momento, se apressou em organizar uma força expedicionária com o objetivo de localizar a origem dos chamativos animais antes do retorno de Pizarro. De acordo com uma *relação* anônima que repousa no Arquivo de Índias em Sevilha:

Palomino [...] había dicho a algunos amigos suyos, que determinaba de no volver a Santa Marta hasta llegar a donde vinieron dos ovejas que habían pasado por allí, por Santa Marta, que venían del Peru para la Corte. Y estas eran dos ovejas que Pizarro había hallado en los primeros descubrimientos y las enviaba a que las viesen [...] diciendo el Palomino que pensaba, con la ayuda de Dios, llegar primero a donde ellas se criaban, que no Pizarro ni los de la Mar del Sur.³²¹

O governador García de Lerma, sucessor de Álvarez Palomino, continuou com a mesma fixação e organizou cerca de doze explorações ao sul. Tentativas idênticas replicaram-se desde o Darién, a governação de Cartagena e as Antilhas.³²² Todavia, foram infrutuosos, pois careciam de suficientes homens, fundos e abastecimentos, e estavam baseados em ideias

³¹⁹ Sobre este conceito cf. KOSELLECK, Reinhart. “‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativa’: duas categorias históricas”. In: *Futuro pasado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006, p. 305-327.

³²⁰ Cf. FRIEDE, Juan. “Las ideas geográficas en la conquista del Nuevo Reino de Granada”. In: *Revista Geográfica* [Instituto Panamericano e Geografía e Historia]. Tomo 15, No. 41, p. 49; LUCENA SALMORAL, Manuel. *Ximénez de Quesada, el caballero de El Dorado*. Madrid: Ediciones Anaya, 1989, p. 26-27; FRANCIS, Michael. *Invading Colombia: Spanish accounts of the Gonzalo de Quesada expedition of conquest*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2007, p. 1.

³²¹ Anônimo. “Relación de Santa Marta”, op. cit., p. 133.

³²² FRIEDE. “Las ideas geográficas”, op. cit., p. 49. FRANCIS. *Invading Colombia*, op. cit., p. 9. Friede fornece variados exemplos dessas tentativas, inclusive desde o território da Venezuela.

geográficas que presumiam que Santa Marta era uma ilha e que existia apenas uma curta distância entre os mares do Norte e o do Sul.³²³

O atrativo do Peru continuou crescendo na década de 1530, quando os rumores da terra dos incas já estavam confirmados, provocando um êxodo que colocou a sorte de Santa Marta em risco.³²⁴ A *relação* acima citada oferece um testemunho impactante, que nos faz evocar cenas semelhantes da atualidade, como os *balseros* cubanos que se lançam em barcas improvisadas à procura da costa da Flórida, ou imigrantes do norte da África arriscando-se nas águas do Mediterrâneo para tentar chegar à Europa:

Estando las cosas en este estado, con las grandes nuevas que venían del Peru cada día, viéndose los conquistadores de Santa Marta pobres y fatigados y pensando ser gente que podían pasar por todas partes, estaban todos desabridos y deseosos de se ir al Peru. Había muchos que se echaban a nado, pasando navíos por allí, para que los navíos los tomasen, por no dar el gobernador licencia a ninguno para que saliesen de la tierra, y el gobernador estaba muy fatigado porque no se podía valer con la gente.
325

Assim, quando a expedição de Pedro Fernández de Lugo partiu da ilha de Tenerife em direção à América do Sul em 1535, a situação da província de Santa Marta era lamentável e o fascínio do Peru muito forte. Nas *capitulações* que Lugo negociou com a Coroa, não há menção explícita ao Peru, mas especificou-se que a governação de Santa Marta se estendia de “mar a mar” e o *adelantado* comprometia-se a construir seis embarcações para remontar o curso do rio Magdalena.³²⁶ Do ponto de vista do rei e seus ministros, parece que o principal interesse era a busca de uma via terrestre mais expedita entre o Caribe e as terras capitaneadas por Pizarro, que diminuiria as despesas e o tempo da viagem. Entretanto, desde a ótica do próprio Lugo e seus companheiros, resultava mais atrativo que o impulso para arriscar suas vidas em direção ao sul fosse o de achar outros “Perus” e “Cajamarcas”, ao invés de uma simples passagem terrestre para um lugar que já havia sido penetrado e saqueado. Ou seja, topar com *novas terras*. Assim se deduz da documentação produzida por Quesada e sua hoste.³²⁷ Na recriação do saque da residência do cacique de Tunja, cheia de peças de ouro, o coronista Juan de Castellanos versifica as seguintes expressões por parte de um dos espanhóis em presença de Quesada: “¡Pirú! ¡Pirú! ¡Pirú! Buen Licenciado, que ¡voto a tal! que es outro

³²³ FRIEDE. “Las ideas geográficas”, op. cit., p. 45-66.

³²⁴ FRANCIS. *Invading Colombia*, op.cit., p. 2. FRIEDE., “Las ideas geográficas.”, op. cit., p. 45-66. Palacios e Safford, pelo contrário, falam em superpopulação da província de Santa Marta. PALACIOS, Marco; SAFFORD, Frank. *Colombia. País fragmentado, sociedad dividida*. Bogotá: Editorial Norma, 2002.

³²⁵ Anónimo, “Relación de Santa Marta”, op. cit., p. 154.

³²⁶ O texto das *capitulações* encontra-se em FRIEDE. *Documentos inéditos para la historia de Colombia*, T. III. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1956.

³²⁷ FRANCIS. *Invading Colombia*, op. cit., p. 9-10.

Caxamalca”.³²⁸ Em outra *relação* da época relata-se que, ao atravessar a zona de Neiva e Timaná – um pouco mais ao sul do altiplano muísca –, os caudilhos de Belalcázar disseram-lhe que haviam encontrado “outro México”.³²⁹

Por outra parte, o referente, ou melhor, a experiência³³⁰ do Peru foi levada efetivamente – e não de forma imaginária – ao Novo Reino por Belalcázar e sua gente, os chamados *peruleros*, que haviam passado previamente pelo Tahuantinsuyu.³³¹ Como vimos, Belalcázar foi um dos invasores de Cajamarca que resolveu seguir sua própria senda em direção ao norte, afastando-se do clã *pizarrista*. Em sua longa travessia, ele e seus companheiros hispanos não andavam sozinhos. Com eles ia um enorme contingente de indígenas denominados *yanaconas* procedentes do Chinchaisuyu,³³² que combateram nas filas dos conquista-dores e se assentaram nas atuais terras colombianas. Ou seja, ao Novo Reino de Granada chegaria um bom número de habitantes incaicos, levando consigo sua bagagem cultural.³³³ Talvez pudéssemos aplicar a categoria de conquista-dores índos para alguns deles.

A percepção dos *peruleros* não era muito favorável por parte dos primeiros invasores do Novo Reino de Granada, que os enxergavam como gente chegada para complicar o que já havia sido repartido. Juan de Castellanos menciona o seguinte dos “maus conselheiros” de Hernán Pérez de Quesada durante a ausência de seu irmão Gonzalo: “venidos del Perú, de cuya parte, *pendetur omne malum*. ¡Dios quisiera que nunca gente dél en esta tierra hubiera puesto pies a gobernallo! Hubiéranse excusado pesadumbres, pues todos ó los más que vienen traen un olor y aun sabor de cherinolas”.³³⁴ Na Espanha também surgiu uma imagem negativa dos *peruleros*, sobretudo a partir da guerra civil entre pizarristas e almagristas, e dos desafios

³²⁸ CASTELLANOS, Juan de. *Elegías de varones ilustres de Indias*. Madrid: M. Rivadeneira, 1857, p. 176. *Voto a tal* era uma expressão de admiração, usual nos livros de piratas e cavaleiros. Na obra de Juan de Castellanos, que foi uma das primeiras corônicas escritas sobre o Novo Reino de Granada, abundam as referências ao Peru, enquanto as relativas ao México escasseiam.

³²⁹ “Relación de los encuentros que lucieron en el Perú el Adelantado Benalcazar, don Pedro de Alvarado, Almagro, Pizarro y otros capitanes. Trata sobre la entrada en el Dorado; sin fecha ni firma”. In: *Colección de documentos para la historia de Chile desde el viaje de Magallanes hasta la batalla de Maipó, 1518-1818*. Coletados y publicados por José Toribio Medina, Tomo IV. Santiago de Chile: Imprenta Ercilla, p. 192.

³³⁰ No sentido de Reinhart Koselleck.

³³¹ *Perulero* era um vocábulo polissêmico. Além de ser aplicado para os primeiros invasores do Tahuantinsuyu, também se usou para descrever mercadores peruanos, seus agentes na Península, e comerciantes espanhóis com interesses econômicos nos Andes centrais. Nos três casos tinha uma conotação pejorativa. Cf. FRANCIS, Michael (ed.). *Iberia and the Americas: Culture, politics and history*, Vol. 1. Santa Barbara: ABC-Clio, 2006, p. 863.

³³² O Chinchaisuyu correspondia ao *suyu* ou província mais populosa do Tahuantinsuyu, localizado na área ocupada pelo atual Equador até a divisa com a Colômbia.

³³³ MATA LLANA PELÁEZ, Susana, “Yanaconas: indios conquistadores y colonizadores del Nuevo Reino de Granada. Siglo XVI”. In: *Fronteras de la historia*, Vol. 18, No. 2, 2013, p. 21-45.

³³⁴ CASTALLEANOS, *Elegía de varones*, op. cit., p. 178. A palavra *cherinola* tem uma conotação de grupo de ladrões ou vilões.

lançados aos representantes da Coroa no marco da aplicação das chamadas Leis Novas em 1544.³³⁵

2.6 O “terceiro reino” das Índias espanholas

Na seção anterior ilustramos como o fascínio do Peru esteve muito presente na etapa que culminou com a invasão das terras muíscas. Por sua parte, a ressonância do México foi certamente menor, dada a maior distância temporal e geográfica. Ora, existem indícios de que, depois dessa fase e ao longo do período colonial, a gravitação do significante *Peru* persistiu, e o significante *Nova Espanha* aumentou nos textos que versavam sobre o Novo Reino de Granada, na medida em que este passou a ser percebido como o “terceiro reino” das Índias espanholas. Isso, pelo menos, no que diz respeito à imaginação de um segmento letrado de seus habitantes e das pessoas vinculadas a seu governo. A seguir vamos examinar dois exemplos de fontes impressas na Península que põem de manifesto tal tendência.

O capitão Bernardo de Vargas Machuca (1577-1662) foi um membro da baixa nobreza castelhana que permaneceu mais de duas décadas na América em busca de fama e fortuna, a maior parte delas no Novo Reino de Granada. De volta ao Velho Continente ele publicou o livro *Milicia y descripción de las Indias* (1599) e redigiu um cuidadoso ataque às ideais de Bartolomé de Las Casas, publicado postumamente como *Apologías e discursos de las conquistas occidentales*.³³⁶ Ocupar-nos-emos apenas do primeiro desses textos, que consiste principalmente em um tratado militar aplicado ao contexto indiano, com informação de primeira mão para possíveis aventureiros, soldados e mercenários que ainda quisessem tentar a sorte nesta margem do Atlântico.

Em *Milicia y descripción de las Indias* há várias alusões ao Novo Reino de Granada e sua capital, a cidade de Santa Fe de Bogotá. Por exemplo:

...es cabeza de todo el Nuevo Reino de Granada, que fue el tercer reino que se pobló en las Indias. Poblóla don Gonzalo Jiménez de Quesada, caballero granadino. / En esta ciudad reside Audiencia real y el presidente es gobernador y capitán general; tiene muchas gobernaciones que están subordinadas á la real Audiencia y tiene caja real.³³⁷

³³⁵ Sobre essas leis, cf. o capítulo 4.

³³⁶ VARGAS MACHUCA, Bernardo de. *Milicia y descripción de las Indias*. Madrid: Librería de Victoriano Suárez, 1892 [1599], 2 vols.; idem, *Apologías y discursos de las conquistas occidentales*. España: Junta de León y Castilla, 1993.

³³⁷ VARGAS MACHUCA. *Milicia y descripción*, op. cit., Vol. 2, p. 191. Grifo nosso. Nos últimos anos, a obra de Vargas Machuca tem despertado maior interesse entre os especialistas. Cf. o estudo introdutório de Kris Lane para a primeira tradução ao inglês, LANE, Cris. “Introductory study” de VARGAS MACHUCA, Bernardo de. *The Indian militia and description of the Indies*. Durham e Londres: Duke University Press, 2008, p. XI, passim.

Cabe destacar três elementos semânticos da anterior citação: 1) *terceiro* 2) *reino* 3) *povoado*. Mais à frente, Vargas Machuca acrescenta que não foi unicamente o *terceiro* reino povoado nas Índias, mas também o *último*, ao defini-lo como o “postrer reino que se pobló”.³³⁸ Quer dizer, o Novo Reino de Granada, a Nova Espanha e o Peru teriam uma condição similar entre si, que os diferenciaria dos demais territórios americanos. Eles seriam um trio exclusivo de *reinos* indianos. Obviamente, povoar e povoado são empregados como eufemismos de invadir e colonizar.³³⁹

Outro indício encontra-se no livro *Genealogías del Nuevo Reino de Granada*, escrito pelo funcionário peninsular Juan Florez de Ocariz (ca. 1600 - ca. 1670) e publicado em Madri entre 1674 e 1676.³⁴⁰ Trata-se do primeiro nobiliário da Audiência de Santa Fe, que contém o registro das famílias com pretensões de notoriedade. No extenso prelúdio, o autor enfatiza a prosperidade da terra e seu caráter equiparável não só com outras “repúblicas” indianas com o mesmo número de residentes hispanos, mas também com as maiores dentre elas. Comenta que a partir das “conquistas” da Nova Espanha e o Peru, foi chegando mais e mais gente nobre à América:

...y lo fue la más de la que vino a la provincia de Santa Marta y Nuevo Reino de Granada: y después de conquistadas, y pobladas, ha ido viniendo más, y más nobleza, de que se hallan ilustradas las Repúblicas, que son distrito de su Real Cancillería [Real Audiência], *que pueden competir no tan solamente a las iguales en número de vecindad sino a las mayores*, por haberse trasplantado aquí mucho de lo selecto de los *reinos* y señoríos de León, Castilla, Galicia, Navarra, Cantabria, Aragón, Portugal, Granada, el Andalucía y otros, y de las Provincias de que se forman, que de todo el mundo han venido a estas...³⁴¹

A comparação torna-se mais específica ao tratar da cidade de Santa Fe de Bogotá, que o autor coteja com a Cidade de México e Lima, capitais dos vice-reinos indianos. Começa narrando as humildes origens de Santa Fe, que de acordo com a tradição recebida tinha doze

³³⁸ VARGAS MACHUCA, *Milicia y descripción*, op. cit., vol. 2, p. 192.

³³⁹ Porém, outras fontes revelam que a caracterização como “reino” não foi exclusiva desses três grandes espaços. Também foi aplicada ao reino de Quito, à Guatemala, a Charcas (no Alto Peru) e inclusive ao espaço mais marginal do Chile. RAMOS, Demetrio. “Los reinos de las nuevas Españas y su persistencia en los años de la emancipación”. In: *España: reflexiones sobre el ser de España*. Madrid: Real Academia de la Historia, 1998, p. 257 e 262. Ramos argumenta que a denominação de reino correspondia na maioria dos casos ao território abarcado por cada Real Audiência. Outros autores chamaram a atenção sobre a polissemia da voz “reino” no mundo hispânico e o caráter diferencial entre os reinos ibéricos e os americanos. Cf. VILLAMIZAR, Carlos Vladimir. *La felicidad del Nuevo Reyno de Granada: el lenguaje patriótico en Santafé (1791-1797)*. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2012.

³⁴⁰ FLÓREZ DE OCÁRIZ, Juan. *Genealogías del Nuevo Reino de Granada*. Madrid: Joseph Fernández de Buendía, 1674 e 1676, 2 vols.

³⁴¹ *Ibid.*, Vol. 1, p. 1 do Prelúdio. Grifos nossos.

casas muito rústicas levantadas por Quesada e seus homens, mas que com o passar dos anos foi crescendo em tamanho e atributos:

...de modo que hoy es competencia de la de los Reyes, ó Lima, en el Perú, y la de México de la Nueva España, y aunque no es tan populosa como las dos, en su tanto es de igual lustre, y nobleza, cristiandad, y policía, autoridad de magistrados, y suntuosidad de edificios, con tres mil vecinos. Dióle el rey título de ciudad a 27 de julio de 1540, y el 3 de diciembre de 1548 privilegio de armas para sí y su provincia, que son en campo dorado una águila rampante, coronada de oro, y en cada pie una granada coronada, asida del mástil, y por orla unos ramos con granadas de oro en campo azul; y lustróla Su Majestad con el renombre de *muy noble y muy leal* en 27 de agosto de 1565. Erigióse obispal el de 1561 y el de 1564, arzobispal.³⁴²

Esse pequeno compêndio de atributos urbanos nos coloca diante de uma das características centrais da América hispânica colonial: a honra e a nobreza como princípios ordenadores da sociedade. O interessante aqui é que esses elementos não só regiam entre indivíduos, mas também entre coletividades, incluídos os povoados, províncias e reinos. E nesse contexto a lógica da comparação impõe-se, ou melhor, a capacidade de concorrer – *competir*, em palavras de Flórez de Ocariz – entre si por dignidades e privilégios. Não se pode esquecer que o livro foi redigido por petição do *cabildo* de Santa Fe, integrado por alguns descendentes dos “conquistadores” da terra, ávidos por manter sua posição social e prerrogativas. Assim, Flórez de Ocariz, como porta-voz da elite *santafereña*, orienta seu discurso à exaltação da coletividade urbana e seus habitantes considerados prestantes.³⁴³

O pressuposto que subjaz no texto comentado é que, da mesma forma que as pessoas, as cidades podiam enobrecer-se. O genealogista serve-se da comparação com Lima e México para apoiar esse argumento, e outorga explicitamente a Santa Fe o “terceiro lugar das cidades de Índias”, e o primeiro no Novo Reino de Granada.³⁴⁴ Quer dizer que Santa Fe competia por reconhecimento simbólico tanto internamente com Santa Marta, Cartagena, Popayán e Tunja, quanto externamente com as capitais do Peru e Nova Espanha. Nesse sentido, a descrição dos atributos de Santa Fe, como a cidade “Metrópole, cabeça de Reino”, é bem mais extensa do que a consagrada ao resto de cidades e vilas na órbita da Audiência, com as quais estabelece

³⁴² Ibid., p. 117-118.

³⁴³ A respeito da maneira como a cidade de Santa Fe reivindicou seus privilégios perante as outras vilas e cidades da Real Audiência, cf. MARTÍNEZ-GARNICA, Armando. “Poblamiento, jurisdicción y estatus en la experiencia urbana neogranadina”. Comunicação apresentada no XII Simpósio da Associação Ibero-americana de Filosofia Política. Bogotá, 12-13 de outubro de 2011. Disponível em: http://www.proyectos.cchs.csic.es/polis/sites/default/files/docpolis/armando_martinez_garnica_poblamiento_jurisdiccion_y_estatus_en_la_experiencia_urbana_neogranadina.pdf. Última consulta: 4-XII-2014.

³⁴⁴ FLÓREZ DE OCÁRIZ. *Genealogias*, op. cit., Vol. 1, p. 118.

uma nítida diferenciação.³⁴⁵ Tal como no caso da cidade de México e de Lima, aqui vemos que as qualidades consideradas meritórias de Santa Fe de certa forma se hipostasiam para o circuito geográfico mais amplo de toda sua jurisdição.³⁴⁶ Em outras palavras, a preeminência atribuída a Santa Fe expande-se ao marco da Audiência. Um processo metonímico parecido aconteceria tempo depois com a representação sobre os muíscas como terceira civilização americana, hipostasiada para todo o território neogranadino.

2.7 Quesada como o terceiro conquista-dor das Índias e a retórica do mérito

Começamos esta seção com um breve deslocamento temporal para o século XIX. Em 1861, o geógrafo, comerciante e historiador amador e nobre britânico Clements R. Markham (1830-1916) publicou a tradução para o idioma inglês de algumas seções da corônica de frei Pedro Simón, relativas à expedição de Pedro de Ursúa e o infausto Lope de Aguirre em busca do Eldorado, ao longo do rio Amazonas.³⁴⁷ Na introdução à mencionada obra, Markham alude à inesperada reunião entre Quesada, Federmán e Belalcázar no planalto oriental dos Andes colombianos, lar da “civilização chibcha”,³⁴⁸ e faz umas algumas considerações sobre o episódio:

This was, in many respects, a very remarkable meeting. The great conqueror of New Granada, Don Gonzalo Ximenes de Quesada, and his colleague, the Adelantado Pedro Fernandez de Lugo, in exploring the course of the river Magdalena, had discovered the country of the civilized Chibchas, and reached the plateau of Bogota in 1537. The history of the conquest of New Granada, which is equal in interest to those of Mexico or Peru, has not yet found a Prescott; although the Chibchas were more civilized than the Aztecs, prodigious wealth was derived from the sack of their cities, and the adventures of the Quesada's were as romantic as those of Cortes or Pizarro.³⁴⁹

Importa-nos destacar a perspectiva em chave comparativa da citação, em virtude da qual se interpretam diferentes aspectos da história do Novo Reino à luz dos processos e atores

³⁴⁵ Na antiga Grécia, o termo *metrópole* referia-se às cidades a partir das quais se criaria mais tarde uma colônia. No entorno hispano, o termo *metrópoli* aplica-se tanto para as ciudades como para as igrejas com preeminência sobre um conjunto mais amplo: “Ciudad principal, de la qual han salido muchas poblaciones circunvecinas dependientes della [...] Usamos deste termino en las Iglesias Catedrales Arzobispales, que tienen debajo de si otras sufragáneas, y al dicho arzobispo llamamos Metropolitano.” *Parte primera del tesoro de la lengua castellana o española.*, op. cit., p. 109. As cidades-metrópole também se chamavam “cabeça de reino”.

³⁴⁶ Tratou-se de um fenômeno corriqueiro na cidade de México e Lima. VILLAMIZAR, *La felicidad*, op. cit., p. 44.

³⁴⁷ A corônica de Simón foi escrita em começos do século XVII, e só a primeira parte foi impressa em vida do autor. As seções traduzidas ao inglês publicaram-se como SIMÓN, frei Pedro. *The expedition of Ursua and Aguirre in search of El Dorado and Omagua*. Londres: Hakluyt Society, 1861. A introdução foi elaborada por Markham, que também foi o autor de *The conquest of New Granada*. Londres: Smith, Elder & Co., 1912.

³⁴⁸ Esse conceito foi cunhado por Joaquín Acosta, o artífice do etnônimo *chibcha*, como mencionado na introdução.

³⁴⁹ MARKHAM, Clements. Introdução a SIMÓN. *The expedition*, op. cit., p. X.

oriundos do México e o Peru. De acordo com tal ótica, esses três entornos americanos formariam uma sorte de tríade sobressalente desde vários pontos de vista: 1) o grau de desenvolvimento das sociedades ameríndias, qualificadas de “civilizações”;³⁵⁰ 2) o “interesse” do processo de “conquista”; 3) as façanhas do líder de cada invasão;³⁵¹ 4) a riqueza da terra achada pelos ibéricos.³⁵² Por outra parte, retomando um lugar comum que se origina nos coronistas dos séculos XVI e XVII,³⁵³ Markham objeta o fato de que, diferentemente do Peru e da Nova Espanha, essas feições tão chamativas da história do Novo Reino ainda não encontraram um “Prescott”, em alusão a William Hickling Prescott (1796-1859), o historiador americanista mais reconhecido do século XIX.

Markham menciona as “aventuras de Quesada, que foram tão românticas quanto as de Cortés e Pizarro”. Sabe-se que no século XIX a representação dos *extremeños* Hernán Cortés e Francisco Pizarro como os maiores ícones da “conquista” da América já estava arraigada no imaginário ocidental, em boa medida graças às obras de Prescott.³⁵⁴ No entanto, tudo parece indicar que Quesada era uma figura pouco conhecida fora das fronteiras da Nova Granada, e justamente o autor amador britânico queria que se reparasse tal negligência histórica.

Mediante este exemplo, aproximamo-nos da representação de Quesada como o conquista-dor por antonomásia do Novo Reino – acima de Federmán e Belalcázar –, e *um dos três* mais salientes da América hispânica, porém negligenciado. Markham não foi o primeiro nem seria o último a apresentar tal imagem historiográfica. A nosso ver, uma das primeiras versões da mesma foi construída pelo próprio Quesada através de seus escritos privados e públicos, muito inclinado a exagerar suas ações e atribuir-se um protagonismo em nada inferior a Cortés e Pizarro. Assim aparece claramente na *relação* ou *probanza de méritos y servicios* que Quesada encaminhou ao rei por meio de seu irmão Melchor,³⁵⁵ dois anos antes de morrer.

³⁵⁰ No caso, ele só menciona os “astecas” e os chibchas, mas à luz de outras referências de sua obra está claro que também leva em consideração aos incas. Talvez seja conveniente lembrar aqui que o conceito contemporâneo de civilização maia surgiu mais tardiamente, o consenso sobre a imagem dos maias como uma civilização sofisticada só frutificou no século XIX, depois do achado das grandes cidades na floresta mesoamericana. Cf. TARACENA ARRIOLA, Arturo. “La civilización maya y sus herederos. Un debate negacionista en la historiografía moderna guatemalteca”. In: *Estudios de Cultura Maya*, Vol. XXVII, 2006, p. 43-55.

³⁵¹ Cortés, Pizarro e Quesada.

³⁵² Por enquanto, interessa-nos focar nos pontos 2 e 3.

³⁵³ Como Castellanos, Aguado, o próprio Simón, Fernández de Piedrahita e Rodríguez Freile.

³⁵⁴ RESTALL, Matthew. *Seven myths of the Spanish Conquest*. Nueva York: Oxford University Press, 2003, p. 7.

³⁵⁵ Diferentemente de seus irmãos que atravessaram o Atlântico, Melchor de Quesada permaneceu na Espanha. De acordo com alguns historiadores, sua profissão foi o sacerdócio.

As *probanzas* eram relatórios que deviam elaborar todos os conquista-dores e serviam de justificativa para solicitar favores reais na forma de ofícios, títulos e aposentadorias.³⁵⁶ Trata-se de ricas fontes informativas acerca das expedições das quais participaram, os grupos indígenas violentados, as cidades fundadas, os cargos desempenhados e alguns aspectos da vida cotidiana da sociedade colonial. Esses documentos também refletem um “discurso sobre a identidade” dos atores,³⁵⁷ formando um verdadeiro gênero discursivo que foi mudando com a passagem do tempo.³⁵⁸ Promoviam a ideia de que as vitórias eram produto de fatos gloriosos executados por personagens excepcionais, e cada autor pretendia ressaltar seus méritos em detrimento dos de seus colegas. Quanto à sua estrutura, continham o depoimento do solicitante e as declarações de várias testemunhas que, como regra geral, corroboravam as informações do primeiro.³⁵⁹

O caso de Quesada não é uma exceção à regra. Como parte da estratégia de exaltação pessoal para conseguir favores régios, na parte introdutória de sua *Probanza* – redigida por Melchor – afirma-se expressamente que ele foi o terceiro capitão das Índias:

...y que son tan notorios los servicios del dicho adelantado don Gonzalo Jiménez de Quesada que fue el tercero capitán del descubrimiento de estas Indias, porque después del descubrimiento de la Nueva España de Hernán Cortés y, después de él, don Francisco Pizarro que descubrió el Perú, fue el tercero descubrimiento el de este Nuevo Reino y capitán general de este dicho descubrimiento el dicho adelantado don Gonzalo Jiménez de Quesada...³⁶⁰

Na argumentação dos irmãos Quesada, o mérito da conquista do Novo Reino de Granada – que Gonzalo “descubrió, conquistó y ganó” –, estriba em dois elementos: 1) a dificuldade intrínseca da empresa; 2) a riqueza das terras anexadas. Examinemos cada deles um por separado.

Com relação ao primeiro ponto, o próprio *licenciado* enfatiza um pouco mais adiante o enorme “trabalho” de sua marcha desde Santa Marta até os Andes. Esse esforço não teria equivalente em outras expedições espanholas do século XVI:

³⁵⁶ GAMBOA, Jorge (ed.). *Encomienda, identidad y poder*. Bogotá: ICAHN, 2002, p. 6.

³⁵⁷ *Ibid.*, p. 6. Nessa mesma linha de análise situa-se RESTREPO, Luis Fernando. *Un nuevo reino imaginado. Las Elegías de varones ilustres de Indias de Juan de Castellanos*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1999.

³⁵⁸ RESTALL, Matthew; FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *The conquistadors: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2012, capítulo 1.

³⁵⁹ Para uma interessante análise do caráter fictício das *probanzas* como parte fundamental da “economia das mercês” no mundo ibérico cf. FOLGER, Robert. “«Es benemérito para cualquier oficio»: Cervantes interpelado”. In: STROSETZKI, Christoph (ed.). *Visiones y revisiones cervantinas: Actas selectas del VII Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2011, p. 353-362.

³⁶⁰ Probanza de Quesada, in GAMBOA (ed.). *Encomienda, identidad*, op. cit., p. 167. Grifos nossos.

...digo que ya se sabe, así por la notoriedad del hecho como por las crónicas españolas que tratan de este nuevo mundo de Indias, cómo yo, como capitán de esta hazaña, descubrí, conquisté y poblé este Nuevo Reino de Granada, saliendo de la costa del mar del norte a este descubrimiento con setecientos hombres, cuyos trabajos y cuyo trabajo en descubrimiento nunca otros semejantes se vio en las Indias ni aún se espera que se verá [...] Y así por general consentimiento de todos los habitantes en Indias a este descubrimiento del reino se le da el primer lugar de desventuras espantosas y de trabajos nunca vistos y de otras calamidades nunca pensadas en la imaginación de los hombres indianos...³⁶¹

“Desventuras espantosas”, “trabalhos nunca vistos”, “calamidades” fazem parte de uma tática retórica que associa a ideia de padecimentos às de serviços e virtudes. Como mostrou José María Lacarra, a exaltação do padecimento em prol de uma causa nobre e patriótica é característica dos romances de cavalaria castelhana na tardia Idade Média, a qual operou como um modelo de conduta social para vários setores sociais.³⁶² O cavaleiro cristão devia levar uma vida sofrida e suportar com resignação os dissabores e carências que topasse em seu caminho. *Exempli gratia*, na popular biografia cavaleiresca *El victorial* (c. 1436) de Gutierre Díaz de Games encontramos plasmado um claro elogio de vida ascética:

...los caballeros, en la guerra, comen el pan con dolor; los vicios de ella son dolores y sudores; un buen día entre muchos malos. Pónense a todos trabajos, tragan muchos miedos pasan por muchos peligros, aventuran sus vidas a morir o vivir. Pan mohoso o bizcocho, viandas mal adobadas; a horas tienen, a horas non nada.³⁶³

Esse e outros aspectos do *ethos* de vida cavaleiresca estiveram muito presentes no universo mental e nos códigos sociais que transplantaram à América as primeiras gerações de conquista-dores.³⁶⁴ No caso das agonias dos invasores do Novo Reino de Granada durante a marcha em direção aos Andes, pode-se argumentar que não só Quesada, mas também seus companheiros de armas – e mais à frente as corônicas locais – irão dar-lhes realce, até alcançar, quiçá, a categoria de *topos* discursivo.³⁶⁵ Por outra parte, chama a atenção no último trecho citado da *Probanza* que, para apoiar sua versão, Quesada invoque a autoridade das corônicas

³⁶¹ Ibid., p. 160. Grifos nossos.

³⁶² LACARRA, José María. “Ideales de vida en la España del siglo XV: el caballero y el moro”. In: *Aragón en la Edad Media. Estudios de economía y sociedad*, No. 5. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1983, p. 303-319. O conceito de tipo ideal aplicado a esse caso é nosso acréscimo.

³⁶³ Fragmento de *El victorial* ou *Crónica de Pero Niño* apud Lacarra, *ibid.*, p. 306.

³⁶⁴ CARMONA FERNÁNDEZ, Fernando. “Conquistadores, utopía y libros de caballería”. In: *Revista de Filología románica*. No. 10, 1993, p. 11-30. Os estudos pioneiros sobre a circulação de romances de cavalaria nas Índias no século XVI são de Irving Leonard.

³⁶⁵ Avellanada chamou a atenção para a recorrência do tema, mas não usou o conceito *topos*. AVELLANEDA, José Ignacio. *La expedición de Gonzalo Jiménez de Quesada al mar del sur y la creación de Nuevo Reino de Granada*. Bogotá: Banco de la República, 1995, p. 17. Ao descrever outras “entradas” realizadas por ele depois da “pacificação” dos muíscas, Quesada chega a comparar-se com Hércules: “casi se podía decir con pacificar las dichas sierras y tornar allanar esta provincia y yo, como otro Hércules, vaya esto sin jactancia dicho, que bien sé que no merezco este nombre, ni allego al que he dicho, con mucho nacido para los trabajos de las Indias y ser para este nuevo mundo otro como lo fue el que he [544 r.] nombrado para el otro antiguo, aunque todo es una creación y un mundo, pero le llaman así”. GAMBOA (ed.). *Encomienda, identidad*, op. cit., p. 162.

“que tratan de este nuevo mundo de Indias” e a opinião dos espanhóis estabelecidos nesse lado do Atlântico – “todos los habitantes en Indias” –. Porém, nos resta corroborar até que ponto as histórias gerais do século XVI transmitiam ou não essa visão.

Na primeira parte da *Probanza*, Melchor pontua que seu irmão teve que andar por muito mais tempo e em condições muito piores do que Cortés e Pizarro antes de fazer sua “conquista”, e perdeu muitas mais vidas humanas naquele esforço: “Pero los servicios del adelantado Jiménez de Quesada nadie me podrá negar que no haya sido con mayor trabajo, peligro y dificultad”.³⁶⁶

Passando ao segundo ponto – a riqueza das terras invadidas – Quesada é enfático: embora a Nova Espanha e o Peru ocupassem uma extensão maior de terra, o Novo Reino de Granada era perfeitamente comparável com eles em “qualidade e riqueza”: “pues yo era el tercero capitán y ésta era la postrera cosa tras las dos que ya están dichas y aún algunos la hacen la primera, aunque no en el tamaño en la calidad y riqueza”.³⁶⁷

Como podemos apreciar, a escrita de Quesada torna-se bastante exagerada ao afirmar que o Novo Reino de Granada era, de acordo com alguns, não a terceira, mas sim a “primeira conquista” das Índias. Não só o ouro achado lhe garantiria esse lugar, mas também as esmeraldas. Trata-se de um bem material de considerável importância nos escritos relativos ao Novo Reino dos séculos XVI e XVII, sobre o qual voltaremos várias vezes ao longo dessa tese.³⁶⁸ Em palavras do *licenciado*:

...hubo una particularidad *en este negocio que fue Dios servido guardar para mí solo* y que yo solo fuese el que la descubriese para Vuestra Majestad y para los gloriosos reyes de España, sus descendientes, que fue *lo de las minas de esmeraldas* que cuando la conquista se descubrieron y las que después en prosecución de los tiempos se han ido descubriendo y descubren cada día, lo cual nunca ha alcanzado, hasta el día de hoy, ningún príncipe fiel o infiel que sepamos, en todo el orbe de la tierra...³⁶⁹

Evidentemente, a argumentação de Quesada deve ser lida com olho crítico. Ela visa convencer ao monarca de quão rentável havia sido a incorporação do Novo Reino de Granada para as arcas imperiais, quão árdua a empresa e quão paupérrimas as dádivas por ele recebidas em comparação com Cortés e Pizarro, que em retribuição pelos serviços oferecidos, foram nomeados marqueses,³⁷⁰ receberam enormes *encomiendas* e uma grande renda anual. Cabe

³⁶⁶ Ibid., p. 158.

³⁶⁷ Ibid., p. 160. Sobre o particular significado de *qualidade* à época cf. FRANÇA PAIVA, Eduardo. *Dar nome ao novo. Uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, capítulo 4.

³⁶⁸ Especialmente no capítulo 6.

³⁶⁹ Ibid., p. 161. Grifos nossos.

³⁷⁰ O que, dito seja de passagem, garantiu a esses dois conquista-dores o ingresso na alta nobreza peninsular.

anotar que Quesada também havia adquirido *encomiendas* e uma remuneração anual de 2.000 ducados.³⁷¹ Todavia, a evidência sugere que devido à alta taxa de inflação no Novo Reino de Granada e a diversas despesas – como o financiamento de novas campanhas de conquista –, esse capital não lhe permitiu librar-se das penúrias econômicas.³⁷² Situação paradoxal se se leva em consideração que ele e seus companheiros transportaram à Espanha uma grande quantidade de ouro e esmeraldas expropriadas aos muíscas.³⁷³ Assim, além de frustrado e desventurado cabe ao conquista-dor o qualificativo de pobre.³⁷⁴ Por outra parte, o título de marechal, concedido primeiro, e de *adelantado*, muito depois, também não lhe pareceram suficientes.³⁷⁵

2.8 Os bens simbólicos e a ausência dos muíscas

Quesada formou parte do núcleo de *encomenderos* no Novo Reino de Granada, um grupo de poder sobre o qual se organizou a nova colônia, que controlava o governo local através dos *cabildos* e constituiu verdadeiras linhagens perpetuadas por várias gerações.³⁷⁶ Eles desenvolveram um estilo de vida senhorial e marcial calcado da metrópole espanhola, com várias práticas simbólicas que visavam configurar sua identidade corporativa e demarcar seu lugar em meio as outras camadas da sociedade, para manter seus instáveis privilégios. Entre tais práticas contava-se a procura de títulos de fidalguia e nobreza;³⁷⁷ o ingresso às ordens

³⁷¹ FRIEDE, Juan. *El adelantado Don Gonzalo Jiménez de Quesada*. Bogotá: Intermedio, 2005, p. 108.

³⁷² *Ibid.*, p. 109. Em sua *probanza* Quesada lamentava-se que outros “conquistadores” do Novo Reino de Granada, com muitos menos méritos que ele, haviam sido recompensados com maiores *encomiendas*. Sobre a penúria econômica de Quesada cf. RUIZ RIVERA, Julián B. “De conquistador a colonizador: perfil antiheroico de Jiménez de Quesada”. In: *Actas del Congreso de Historia del Descubrimiento*. Vol. 2. Madrid: Real Academia de la Historia, 1992, p. 579-605.

³⁷³ Na viagem à Europa, Quesada dilapidou as grandes riquezas que levou consigo das terras muíscas, e inclusive teve que solicitar empréstimos para retornar à América. FRIEDE. *El adelantado*, op. cit., p. 109. Vários cronistas o acusam de dar-se a uma vida luxuosa e perder muito dinheiro em apostas. Além disso, deve ter gastado boa parte de seu dinheiro em juízos e fianças.

³⁷⁴ QUESADA GÓMEZ, Catalina. “Gonzalo Jiménez de Quesada: la retórica frente al infortunio”. In: BARRERA, Trinidad (coord.). *Herencia cultural de España en América: poetas y cronistas andaluces en el Nuevo Mundo. Siglo XVI*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2007, p. 159-180.

³⁷⁵ Quesada recebeu o título de *adelantado* após a morte de Alonso Luis de Lugo. Na *probanza de méritos* sua petição era a seguinte: “pues a los marqueses del Valle y Pizarro, que el uno descubrió la Nueva España y el otro el Perú, se le habían dado cada veinte mil vasallos con jurisdicción y cada sesenta mil ducados de renta, cuya renta haya más crecido y mucho más número que éste que a mi rata por cantidad se me diese ocho mil vasallos de la misma manera y veinte mil ducados de renta.” GAMBOA (ed). *Encomienda, identidad*, op. cit., p. 160.

³⁷⁶ Além das obras já citadas sobre a *encomienda*, pode-se mencionar o estudo pioneiro de Germán COLMENARES. *La provincia de Tunja en el Nuevo Reino de Granada*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1997.

³⁷⁷ Sobre a concepção de fidalguia no mundo hispano cf. GAMBOA (ed.). *Encomienda, identidad*, op. cit., p. 25-26; BURKHOLDER, Mark A. “Honor and honors in colonial Spanish America”. In: JOHNSON, Lyman;

militares; o vestido luxuoso e uso de cavalos; as vivendas e ostentação. Igualmente, a criação de narrativas heroicas, nas quais se podem incluir várias corônicas de Índias, assim como as citadas *Genealogías del Nuevo Reino de Granada e Milicia y descripción de las Indias*. Por último, os códigos heráldicos (escudos de armas e insígnias).³⁷⁸

Justamente na esfera desses últimos, cabe fazer uma comparação entre os escudos de armas de Quesada, Pizarro e Cortés. É necessário ter presente que esses códigos não pressupunham o reconhecimento de nobreza nem fidalguia *per se*; eram só uma mercê de alto valor simbólico, cujas “narrativas visuais” podem ser interpretadas.³⁷⁹ Quais os elementos que nelas se destacam? Quais as similitudes e diferenças com relação às terras invadidas e seus habitantes originários?

Quesada obteve seu escudo de armas mediante real cédula de 21 de maio de 1546, durante seu *soggiorno* europeu antes de voltar ao Novo Reino.³⁸⁰ O documento original faz um breve relato de seu périplo desde o litoral de Santa Marta até o interior montanhoso, detalhando os grandes obstáculos naturais e humanos que apareceram, tal como na *probanza*.³⁸¹ Relata a entrada pelo rio Grande [Magdalena], a falta de comida e o encontro com “índios de guerra”:

...pasando en el camino grandes trabajos y dificultades, todo por nos servir. / Y que llegado al dicho Nuevo Reino de Granada con la gente que llevabais, que era poca porque la más se os había muerto en el camino, conquistasteis y pacificasteis los naturales de ella [os muíscas] y lo pusisteis todo bajo nuestro yugo y señorío real, de donde se hubo de nuestros quintos gran cantidad de oro y plata y esmeraldas, de más de lo que adelante siempre se habrá de la dicha tierra...³⁸²

O escudo está dividido em duas metades (ver a figura 4). A inferior ostenta uma montanha “semeada de esmeraldas” em lembrança dessa pedra tão apetecida, e coroada por umas árvores verdes “en campo de oro”, também em recordação do metal dourado.³⁸³ Na parte superior refulge um leão com uma espada desembainhada na mão, “en memoria del ánimo y esfuerzo que tomásteis em subir por el dicho río arriba con tanto trabajo a descubrir y ganar el

LIPSETT-RIVERA, Sonya (eds.). *The faces of honor. Sex, shame and violence in colonial Latin America*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1998, p. 19-24.

³⁷⁸ A respeito das práticas simbólicas dos encomenderos cf. RESTREO. *Un nuevo reino*, op. cit., p. 108-120.

³⁷⁹ RODRÍGUEZ, María Inmaculada. “La construcción heráldica del Imperio carolino en América. Los primeros escudos nobiliarios y urbanos”. In: DE MARIA, Sandro; LÓPEZ DE CORSELAS, Manuel Parada (eds.). *El imperio y las hispanias de Trajano a Carlos V*. Bologna: Bononia University Press, 2014, p. 521.

³⁸⁰ PAZ Y MELIÁ, Antonio. *Nobiliario de conquistadores de Indias*. Madrid: Sociedad de Bibliófilos Españoles, 1892, p. 82-84.

³⁸¹ O texto encontra-se em FRIEDE. *El adelantado*, op. cit., p. 310-312.

³⁸² *Ibid.*

³⁸³ Para Juan Friede a imagem da montanha representa a ascensão da meseta muisca.

dicho Nuevo Reino”. Na borda exterior estão desenhados quatro luas e quatro sois “de oro e plata”, e coroando tudo (na parte do timbre³⁸⁴) um elmo fechado, mais um leão brandindo uma espada, e umas asas pretas.

Já Hernán Cortés recebeu seu escudo de armas em 1525 (ver a figura 5) e Francisco Pizarro chegou a obter três entre 1529 e 1537.³⁸⁵ Resulta interessante que nos emblemas desses dois personagens, os elementos alusivos à invasão dos respectivos impérios ameríndios são muito mais explícitos do que ocorreu com Quesada. Assim, no caso de Cortés, destacam dentre outros itens: três coroas em memória dos três “senhores” indígenas que venceu –Moctezuma, Cuitlahuiatzin e Cuauhtemoc –; uma imagem da cidade de México-Tenochtitlán e ao redor, uma cadeia com as cabeças de sete capitães locais que viviam ao redor do lago Texcoco e que também foram depostos pelos ibéricos.³⁸⁶ Da mesma forma, nos escudos de Pizarro ressaltam várias peculiaridades incas: a cidade de Tumbes –no primeiro escudo, concedido em 1529–; a cidade de Cuzco, o cacique Atahualpa e sete senhores vencidos do incário –no segundo e terceiro escudos, concedidos em 1537–.³⁸⁷

Está evidente que a representação gráfica da derrota violenta dos governantes mexicas e incas é muito mais explícita do que se representa no escudo de Quesada. As cabeças de soberanos derrocados e as cidades indo-americanas denotam uma iconografia triunfalista que ostenta seus “troféus” alegóricos, símbolo de grandeza usurpada a outros e glória da monarquia. Em contraste, nas armas de Quesada os elementos explicitamente muíscas brilham por sua ausência, enquanto os bens materiais (ouro e esmeraldas) estão presentes.

Será que o anterior é um indício de que os muíscas não ocupavam no século XVI um lugar simbólico de magnificência enquanto povo submetido? Por enquanto, adiantemos que no texto acima comentado da *Probanza* de 1577 também não há menção específica dos muíscas nem signos de deslumbramento por qualquer aspecto da sua cultura.³⁸⁸ Não poderia ser maior o

³⁸⁴ Em heráldica a palavra timbre refere-se ao adorno que aparece no topo do escudo.

³⁸⁵ Cortés já contava com seu próprio escudo familiar, uma vez que seu pai fazia parte da baixa nobreza. Por essa razão, ele só teve que incorporar a esse escudo as novas armas concedidas pelo imperador. Cf. RODRÍGUEZ. “La construcción heráldica”, op. cit. p. 523.

³⁸⁶ FRIEDE, Juan. “The Coat of Arms of Hernando Cortés”. In: *The Quarterly Journal of the Library of Congress*, Vol. 26, No. 2, 1969, p. 67.

³⁸⁷ RODRÍGUEZ. “La construcción heráldica”, op. cit., p. 523-524. No terceiro escudo de Francisco Pizarro, Atahualpa aparecia cativo, acorrentado, com os braços abertos e apoiando suas mãos em dois cofres de ouro. Outro elemento característico dos Andes eram as lhamas. Seria sugestivo fazer uma pesquisa mais ampla de caráter comparativo sobre a iconografia indígena e americana nos escudos dos invasores espanhóis.

³⁸⁸ Os únicos indígenas que aparecem mencionados como grupo específico são os da serra de Gualí, a cuja “pacificação” se dedicou Quesada depois de retornar da Espanha.

contraste com as *Cartas de relação* de Cortés e inclusive com as primeiras “notícias” dos incas.

Como já vimos, a *Probanza* também é muito enfática em relação à opulência e os bens materiais do Novo Reino de Granada. Mais à frente complementaremos esses sinais de relativa “invisibilidade” dos muíscas e a preponderância da atenção dada ao ouro e às esmeraldas quando examinarmos as primeiras *relações* e histórias gerais acerca do Novo Reino de Granada.



Figura 4. Armas de Gonzalo Jiménez de Quesada. (Archivo Duque de Alba, vitrine 34-1)³⁸⁹

³⁸⁹ Tomado de LÓPEZ-FÁNJUL DE ARGÜELLES, Carlos. “La imaginación heráldica en la España del siglo XVI. Las armerías de los caciques y los muebles americanos”. In: *Historia y Genealogía*. Universidad de Córdoba (Espanha), No. 5, 2015, p. 263.



Figura 5. Armas de Hernán Cortés.

CAPÍTULO 3

AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS E *RELAÇÕES* SOBRE O NOVO REINO

Nesse capítulo, vamos nos adentrar no universo das cartas e narrações – ou *relações* de forma genérica – elaboradas pelos participantes das três primeiras expedições ao Novo Reino de Granada, ou bem por dois coronistas reais³⁹⁰ a partir da informação de primeira mão transmitida pelos invasores.³⁹¹ O recorte temporal abarca os anos 1539-1550, aproximadamente.³⁹² Vamos desconsiderar a análise das *probanzas* de mérito, os numerosos papéis judiciais e administrativos, assim como as *relações* posteriores a 1550, quando se estabeleceu a Real Audiência em Santa Fe e o processo de “conquista” e “pacificação” completou-se nominalmente.

O capítulo está dividido em três grandes seções. Na primeira, oferecemos uma contextualização geral das *relações* de Índias até o reinado de Carlos V. Na segunda, examinamos os elementos contextuais das *relações* atinentes ao Novo Reino e seus autores. Na terceira, focamos no conteúdo das mesmas, com a finalidade de identificar e analisar seus grandes eixos temáticos.

3.1 A dupla motivação das *relações* de Índias

Desde os primórdios da expansão ultramarina, a Coroa espanhola promoveu a remessa de relatos e informações relativas aos lugares, costumes e “coisas de Índias”, à medida que avançava o processo de reconhecimento e incorporação das terras, e que os mecanismos administrativos se tornavam mais complexos.³⁹³ Já na carta encaminhada pelos Reis Católicos a Cristóvão Colombo com indicações para sua quarta viagem (1502-1504), ordenou-se-lhe:

³⁹⁰ Fernández de Oviedo e Alonso de Santa Cruz.

³⁹¹ Ou seja, trata-se em alguns casos de “fontes construídas” ou mediadas pelos coronistas mencionados na nota anterior.

³⁹² Levando em consideração as datas limites das fontes consultadas.

³⁹³ Cf. MIGNOLO, Walter. “Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista”. In: MADRIGAL, Luis Íñigo (coord.). *Historia de la literatura hispanoamericana*. Vol. 1. Madrid: Cátedra, 1992 p. 57-116; DE SOLANO, Francisco de. “Significación y tipología de los cuestionarios de Indias”. In: *Cuestionarios para la formación de las relaciones geográficas de Indias. Siglos XVI-XIX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1988, p. XVII-XXVI; BUSTAMANTE, Jesús. “El conocimiento como necesidad de Estado. Las encuestas oficiales sobre Nueva España durante el reinado de Carlos V”. In: *Revista de Indias*, 2000, vol. LX, No. 218, p. 33-55.

“facer memória [de todas las dichas islas, y de la gente que en ellas hay y de la calidad que son, para que de todo nos traigas entera relación”.³⁹⁴

Na primeira etapa de expansão, a Coroa muitas vezes limitou-se a exortar aos líderes das expedições o registro por escrito dos bens de interesse econômico conseguidos, e eles por sua vez podiam fazer o mesmo requerimento a seus capitães subordinados. As pessoas encarregadas de elaborar tal cômputo eram os escrivães – ou *letrados* – que deviam estar presentes em cada nova invasão e fundação.³⁹⁵ Um bom exemplo é o documento com as instruções que Quesada recebeu antes de empreender a jornada ao longo do rio Magdalena, no qual o *adelantado* Lugo ordenava-lhe verter no papel unicamente o relacionado com o lucro material.³⁹⁶ Contudo, o próprio Quesada e muitos outros conquista-dores fizeram algo a mais: escreveram relatórios ou reportes conhecidos na época como *relações*, que não se limitavam a uma mera listagem das *riquezas* havidas, senão que descreviam outros aspectos da terra e do curso de eventos vividos, para serem encaminhadas ao rei ou ao Conselho de Índias, instituição estabelecida oficialmente em 1525.³⁹⁷ As motivações que operavam na redação de tais documentos eram de diversa ordem. Porém, cabe ressaltar a necessidade de notificar o achado de novas terras com o intuito de solicitar rendas, títulos, vassalos ou propriedades, ou bem denunciar as injustiças de indivíduos rivais: a crueldade com os indígenas, os comportamentos ilegais ou os agravos percebidos na distribuição de riquezas, cargos, terra e seres humanos.³⁹⁸

Então, constatamos que na elaboração das *relações* houve principalmente duas forças motoras. Por uma parte, uma demanda muito concreta da esfera institucional por contar com informações fidedignas ou “notícias certas” dos novos territórios, as quais tinham um propósito pragmático em sintonia com o adágio de “conhecer para governar melhor”. Cabe anotar que tal procura foi-se fazendo mais específica e assídua conforme avançava a colonização, alcançando

³⁹⁴ Apud MIGNOLO. “Cartas, crônicas”, op. cit., p. 59.

³⁹⁵ MALAGÓN-BARCELÓ, Javier. “The role of the *letrado* in the colonization of America”. In: *The Americas*, Vol. 18, No. 1, p. 7. Sobre os escribas presentes nas primeiras seis expedições ao Novo Reino de Granada cf. AVELLANEDA NAVAS. *The conquerors of the New Kingdom of Granada*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995, p. 132-133.

³⁹⁶ MILLÁN DE BENAVIDES, Carmen. *Epítome de la conquista del Nuevo Reino de Granada. La cosmografía española del siglo XVI y el conocimiento por cuestionario*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2001, p. 73.

³⁹⁷ Na época também se usava o verbo *relacionar* ou os verbos compostos “dar relação” ou “fazer relação”. Antigamente como agora, o vocábulo *relação* era polissêmico. Ele procede dos verbos latinos *relatio* e *narratio*, que em um de seus sentidos correspondem ao atual substantivo *relato*. Segundo o *Diccionario de autoridades*, no século XVI o vocábulo *relação* significava “la narración o informe que se hace de alguna cosa que sucedió”. Outros termos emparentados semanticamente com *relação* eram *notícia* e *memória*.

³⁹⁸ MACCORMACK, Sabine. “Ethnography in South America: the first two hundred years”. In: SALOMON, Frank e SCHWARTS, Stuart (eds.). *The Cambridge history of the natives peoples of the Americas*. Vol. III, Parte 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 12.

maior sofisticação durante o reinado de Felipe II, mas já desde o reinado de seu pai Carlos estava presente, e mais especificamente depois da invasão do México.³⁹⁹ Por outra parte, uma motivação pessoal dos autores, que visava realçar seu papel individual em cada frente de expansão, bem como o atrativo econômico dos respectivos territórios, em busca de prebendas, favores ou ações por parte da Coroa.⁴⁰⁰

3.2 Algumas características das *relações de Índias*

Como tipo discursivo, as *relações* podem ser definidas de forma ampla como narrações ou descrições de experiências pessoais no Novo Mundo, de um escopo limitado no tempo e no espaço.⁴⁰¹ Elas apresentam várias características marcantes. Em primeiro lugar, um forte componente de retórica notarial.⁴⁰² Nesse sentido, um aspecto importante era o fato de serem endereçadas a uma autoridade superior por parte de testemunhas presenciais e fornecerem – idealmente – informação fidedigna sobre sucessos recentes. Diferentemente das corônicas e *histórias*, as *relações* não eram escritas ordinariamente com o propósito ostensivo de publicação e circulavam em forma manuscrita – frequentemente em forma de cartas –, o que as liberava de certas exigências estilísticas, *verbi gratia*, o cultivo de uma linguagem mais elaborada e os vínculos com a cultura letrada por meio de citações ou reflexões eruditas.⁴⁰³ Na maioria dos casos elas tinham uma considerável marca da linguagem oral, sendo que seus autores em muitos casos eram semiletrados.⁴⁰⁴

Em segundo lugar, nas *relações* de Índias se dá expressão a certa sensibilidade geográfica e etnográfica em embrião, que varia um pouco de um autor para outro, mas geralmente é patente, mesmo que tangencialmente. No caso dos invasores do Novo Reino

³⁹⁹ Sobre a gestão de informação no império espanhol cf. BRENDECKE, Arndt. *Imperio e información. Funciones del saber en el dominio colonial español*. Madrid: Iberoamericana, Vervuert, 2012.

⁴⁰⁰ Nesse sentido, as *relações* têm pontos em comum com as *probanzas de méritos*. Pode-se argumentar que as *probanzas* eram uma variedade particular de *relações*. Para uma interessante abordagem das *relações* e seus múltiplas finalidades e formatos em PORTUONDO, María M. *Secret science. Spanish cosmography and the New World*. Chicago y Londres: The University of Chicago Press, 2009, p. 64.

⁴⁰¹ María M. Portuondo apresenta uma definição ampla das *relações* que preferimos à mais limitada de Mignolo. *Ibid.*

⁴⁰² González Echevarría analisou o enorme peso da retórica notarial no processo de invasão da América e seu nexos com as *relações*. GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. *Myth and archive. A theory of Latin American narrative*. Durham y Londres: Duke University Press, 1998, p. 43-92.

⁴⁰³ MIGNOLO. “Cartas, crônicas”, op. cit.

⁴⁰⁴ STOLL, Eva. “Competencia escrita, pragmática textual y tradiciones discursivas en la historiografía colonial (en los siglos XVI y XVII)”. In: CASTEL, Víctor; CUBO DE SEVERINO, Liliana (ed.). *La renovación de la palabra en el bicentenario de la Argentina. Los colores de la mirada lingüística*. Mendoza: Editorial FFyL-UNCuyo, 2010, p. 1274-1284.

pode-se atentar que eles não contavam unicamente com o precedente das cartas de Colombo, Cortés, Vespúcio e outros “pioneiros” da descrição da América que já circulavam impressos na época; eles também podem ter tido contato com a literatura de viagens europeia, um gênero que germinou justamente entre o final do século XV e o começo do séculos XVI, sobre a base dos relatórios de mercadores, soldados, embaixadores e emissários eclesiásticos.⁴⁰⁵ Nesse *corpus* em gestação criou-se uma linguagem de investigação etnológica, atenta para os costumes, crenças e formas de organização sociopolítica dos povos não-europeus.⁴⁰⁶ Evidentemente, tal orientação descritiva do social diferia muito da moderna antropologia, já que o termo *etnografía* não era uma categoria usada pelos atores. Porém, vamos emprega-la como um sinônimo de descrição cultural incipiente.

Não obstante, a descrição das sociedades encontradas pelos viajantes europeus não deve ver-se como um produto “neuro” de mera curiosidade, mas também – e talvez predominantemente – como a expressão de um claro interesse estratégico em conhecer para dominar melhor.⁴⁰⁷ Nesse sentido, para a Coroa espanhola era um assunto relevante saber mais acerca de aspectos como os sistemas de governo, a tributação e os costumes dos nativos americanos,⁴⁰⁸ para não falar do projeto de conversão religiosa dos missionários enviados ao Novo Mundo, que se interessaram desde o começo pelos cultos e crenças autóctones como uma base para impor a religião católica, o que os levou a gerar, também, suas próprias *relações* e *corônicas*.⁴⁰⁹

Em terceiro lugar, e paralelamente a essa tendência de observação e descrição de cunho mais empírico e “moderno”, tal literatura também tem traços do fascínio pelo exótico e *maravilhoso* dos países remotos, alimentado por uma longa tradição ocidental de imaginar o *outro* de maneira fantasiosa e impregnada de estereótipos culturais. Tópicos como as mulheres amazonas, os homens monstruosos, os antropófagos e as cidades de ouro formavam parte da cultura popular e erudita dos homens que vieram para a América e estiveram presentes na

⁴⁰⁵ ELSNER, Jás; RUBIÉS, Joan-Pau. “Introduction”. In: idem (eds.). *Voyages and visions. Towards a cultural history of travel*. Londres: Reaktion Books, 1999, pp. 1-56.

⁴⁰⁶ MACCORMACK. “Ethnography in South America”, op. cit., p. 101, 123 e 126.

⁴⁰⁷ Para uma leitura não simplista sobre as conexões entre conhecimento e poder cf. BRENDECKE. *Imperio e información*, op. cit.

⁴⁰⁸ BUSTAMANTE. “El conocimiento”, op. cit.

⁴⁰⁹ Sobre o projeto missionário e a literatura sobre América cf. BRADING, David. *Orbe indiano. De la monarquía católica a la República criolla*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

maioria das narrações do período, influenciando fortemente o que esperavam encontrar ali e o que efetivamente acreditaram achar.⁴¹⁰

3.3 As primeiras notícias sobre a terra dos muíscas

Para melhor compreendermos o contexto de produção das primeiras notícias sobre o Novo Reino, retomemos e complementemos alguns aspectos do périplo de Quesada e as expedições subseqüentes na região, tratados brevemente no capítulo 1.

Depois do naufrágio dos bergantins destinados a remontar o curso do Rio Grande da Magdalena para encontrar os homens que marchavam por terra conduzidos por Quesada em 1536, um segundo destacamento de 5 barcos foi enviado desde Santa Marta, sob o comando do capitão Diego Hernández Gallego.⁴¹¹ Dessa vez, as embarcações conseguiram navegar com sucesso pela artéria fluvial e reunir-se com a gente do *licenciado* andaluz, que estava aguardando em um ponto chamado Sompallón. Os dois corpos avançaram juntos algumas léguas ao sul até outro lugar batizado como La Tora, em um dos flancos da Cordilheira Oriental. A partir daí saíram várias expedições menores de reconhecimento por um afluente do Magdalena – o rio Opón – e acima das montanhas próximas, nas quais divisaram-se populações muíscas pela primeira vez.⁴¹²

Perante as boas novas de comarcas povoadas e abastecidas, em dezembro de 1536 Quesada decidiu empreender a ascensão com as pessoas sadias, e conveio com Gallegos para que ele ficasse no rio com os doentes e alguns homens de guarda, esperando pelo seu retorno. Entretanto, por causa das condições precárias e provavelmente por ataques dos indígenas da zona, Gallegos se viu forçado a retornar a Santa Marta, aonde chegou em abril de 1537,⁴¹³ com um bergantim a menos e só a metade da tropa hispana. Ele foi o primeiro a reportar o achado das comarcas muíscas com base na comunicação oral dos expedicionários comissionados por Quesada desde La Tora.⁴¹⁴

⁴¹⁰ Historiadores gregos como Heródoto, Diodoro Siculus e Estrabo foram traduzidos ao latim pelos humanistas e suas obras se venderam bastante bem nos primórdios do século XVI. Eles forneceram modelos para compor detalhadas descrições sobre gentes pouco familiares. GRAFTON, Anthony. *New worlds, Ancient texts. The power of tradition and the shock of discovery*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1992, p. 40-41.

⁴¹¹ Gallego era lugarteniente do *adelantado* Pedro Fernández de Lugo e licenciado em leis, como Quesada. A relação entre ambos não foi muito cordial. FRIEDE, Juan. *El adelantado Don Gonzalo Jiménez de Quesada*. Bogotá: Intermedio, 2005, p. 35-36.

⁴¹² Os capitães San Martín e Lebrija, dois autores de uma *relação* que analisaremos mais à frente, participaram dessas explorações.

⁴¹³ Ou seja, justo quando Quesada estava entrando na região muísca.

⁴¹⁴ Tratava-se por tanto de uma dupla mediação: a versão dos expedicionários e a versão de Gallegos.

No mês seguinte, aportou na cidade litorânea Jerónimo Lebrón de Quiñonez, enviado pela Audiência de Santo Domingo para atuar como governador interino em lugar do *adelantado* Pedro Fernández de Lugo, que havia morrido de forma inesperada em outubro do ano anterior e cujo filho, Alonso, voltara para a Espanha, como anotado no capítulo 1.⁴¹⁵ Pois bem, contando com as informações fornecidas por Gallegos, Lebrón encaminhou pelo menos três cartas a Carlos V. Nas duas primeiras missivas, escritas no ano 1537, ele deu indicações escritas acerca da região dos muíscas, misturadas com expectativas e imaginações.⁴¹⁶ Algumas das novidades concerniam à ordem do superlativo em relação à população, à terra, à riqueza e à cultura material: “había una gran población de muchos buhíos⁴¹⁷ y muchas muestras de oro, tan grandes como ollas, y muchas mantas [...] y habían traído gran nueva de ella [la tierra] de ser muy llana y muy fértil [...] y muy ancha y muy grandes campos en ella”.⁴¹⁸

Lebrón referia-se também a uma suposta “Laguna de la sal”, localizada a vários dias de caminho do ponto alcançado pelos expedicionários, onde: “habia muchos bohios y [...] abía mucho oro y mantas y otras cosas [...] y que de allí para adelante había muy grandes poblaciones y que en ellas había mucha cantidad de oro y piedras”.⁴¹⁹ A existência da suposta laguna cercada de abastadas aldeias só pode ter sido indagada – ou imaginada – indiretamente, uma vez que os indígenas que atuavam como *lenguas*⁴²⁰ com toda probabilidade não falavam a língua dos muíscas. Porém, ela se baseava em elementos reais que tinham a ver com a importância do comércio do sal na sociedade muísca. De fato, as amostras de intercâmbio de

⁴¹⁵ Lebrón ocupava o cargo de *alcalde mayor* de Santo Domingo e supõe-se que era natural de Tenerife. Mais à frente organizaria uma expedição ao território muísca. A respeito de Jerónimo Lebrón e seu pai cf. BORGES, Analola. “La región Canaria en los orígenes americanos”. In: *Anuario de Estudios Atlánticos*, No. 18, p. 262. Fernández de Oviedo também trata sobre Lebrón no capítulo XIV da terceira parte da sua *Historia general y natural de las Indias* (Madrid: Ediciones Atlas, 1959, p. 95-96). O irmão de Jerónimo Lebrón foi um dos primeiros *visitadores* da Nova Espanha e teve importantes conexões com a rede pacifista, notadamente com Bartolomé de las Casas.

⁴¹⁶ As três cartas estão datadas em 9 de maio de 1537, 10 de agosto de 1537 e 5 de junho de 1538. Foram reproduzidas parcialmente em FRIEDE, Juan. *Gonzalo Jiménez de Quesada a través de documentos inéditos*. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1960, p. 127-131. A carta de 10 de agosto foi transcrita na íntegra in: LANGEBAEK, Carl Henrik. *Indios y españoles en la antigua provincia de Santa Marta, Colombia. Documentos siglos XVI y XVII*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2007, p. 9-12. Cabe anotar que os membros do *cabildo* de Santa Marta também encaminharam uma carta ao rei sobre o mesmo assunto, datada em 20 de novembro de 1537. Nela, avisavam dos rumores de um suposto cacique “Guazis, que es muy rico y poderoso”, e dos provados sinais “do Perú”, o que se pode interpretar simplesmente como índices de evidente prosperidade. FRIEDE. *Gonzalo Jiménez*, op. cit., p. 131-132.

⁴¹⁷ A palavra bohío ou buhío é de origem taíno e se refere a uma cabana elaborada com materiais como madeira e palha.

⁴¹⁸ *Ibid.*, p. 128.

⁴¹⁹ *Ibid.*, p. 130. A menção das “pedras” refere-se a gemas preciosas, e mais especificamente, acreditamos que a esmeraldas. Na primeira carta também se menciona a procura da laguna da sal.

⁴²⁰ Intérpretes nativos.

um sal de origem diferente ao marinho ao longo do rio Magdalena – e em menor medida tecidos de algodão – foram interpretadas pelo bando de Quesada como indício de uma sociedade indígena mais densa e “política”, encorajando-os a prosseguir a marcha.

Já na terceira carta, escrita em meados do ano seguinte – 1538 – o entusiasmo do governador interino recuou ao comunicar a total incerteza sobre a sorte de Quesada e sua hoste:

...porque, según la gran tardanza, o há de ser cosa muy rica o están desbaratados y perdidos, porque há ya dos años y tres meses que partieron de esta ciudad [Santa Marta], y temo que [...] no hayan llegado a tierra donde les haya sucedido algún infortunio y trabajo, lo cual plega a nuestro Señor no haya permitido ni permita.⁴²¹

3.3.1 As atas de Cartagena

Lebrón e as outras autoridades do litoral não obteriam confirmações acerca do destino da expedição até junho de 1539, quando Quesada, Federmán, Belalcázar e alguns membros de alta categoria de suas comitivas pararam em Cartagena por dois meses a caminho para a Espanha. Nessa conjuntura produziu-se a segunda onda de informação escrita sobre os muíscas. Consistia das declarações que os mencionados três conquista-dores e mais dois⁴²² prestaram perante Antonio de Aragón, o procurador-síndico da mencionado porto, entre 2 e 5 de julho de 1539.⁴²³ Os depoimentos foram ordenados por Juan de Santa Cruz que, por sua vez, estava encarregado de proceder ao juízo de residência⁴²⁴ do governador Pedro de Heredia, acusado de fraude à Coroa.⁴²⁵ Como resultado, Santa Cruz enviou Heredia à Espanha para dar sua defesa na Corte.

De acordo com Juan Friede, as declarações de Quesada e seus companheiros foram levadas à Península por Heredia e apresentadas no Conselho de Índias em março de 1540,

⁴²¹ Ibid., p. 133. Na sequência, Lebrón informava das precárias condições das pessoas de Santa Marta e afirmava que ele mesmo havia despachado pelo Rio Grande quatro embarcações em busca de Quesada, mas ainda esperava seu retorno. Certamente, depois se pensou que Quesada e seus homens tinham morrido, pelo qual os pertences de Quesada e seus acompanhantes foram vendidos em leilão como bens de defuntos. Ibid., p. 38.

⁴²² Pedro de Puelles, integrante da expedição de Belalcázar e Gonzalo de la Peña, tesoureiro da mesma. Para Friede, todos esses depoimentos “constituyen los primeros datos fidedignos sobre la extraordinaria jornada [ao território muísca]”. Ibid., p. 66.

⁴²³ Os documentos incluem as impressões do próprio Antonio de Aragón. “Actas hechas en Cartagena ante el licenciado de Santa Cruz sobre el descubrimiento del Nuevo Reino de Granada”, 1539. In: FRIEDE, Juan. *Documentos inéditos para la historia de Colombia*, T. V. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1956, p. 201-216.

⁴²⁴ Essa prática se explicou no capítulo 1 (nota 128).

⁴²⁵ LUTZ GÓMEZ, Pedro. “El problema de la ubicación espacial del Nuevo Reino de Granada al momento de su creación”. In: *Memoria y Sociedad*, Vol. 4, No. 4, 2000, p. 154. O licenciado Santa Cruz chegou a Cartagena em 1538 comissionado para aplicar o juízo de residência contra Pedro de Heredia. Pouco depois, este último se deslocou para a Espanha e Santa Cruz permaneceu em Cartagena até 1540. Não se deve confundir este licenciado com o cosmógrafo Alonso de Santa Cruz.

como parte do material utilizado para reclamar o território do Novo Reino e gestar uma segunda capitulação da província de Cartagena.⁴²⁶ A transcrição e publicação desses documentos – que denominaremos “atas de Cartagena” – devem-se ao historiador Juan Friede. Mesmo que não sejam *relações* em sentido estrito, serão tomadas como parte das primeiras notícias sobre a meseta muísca.

3.4 As *relações* dos capitães e a mediação de Oviedo

Durante o mesmo período de espera em Cartagena, dois capitães de infantaria da hoste de Quesada, chamados Juan de San Martín e Antonio de Lebrija, que viajavam com o *licenciado* rumo à Península com suas consideráveis partes do botim, escreveram a primeira *relação* sobre a invasão do Novo Reino, a qual foi encaminhada ao Conselho de Índias através da Real Audiência de Santo Domingo.⁴²⁷ O imperador Carlos V foi informado da mesma por meio de um resumo elaborado pelo relator do Conselho.⁴²⁸ Eram as primeiras notícias de certa extensão sobre os muíscas que chegavam à Corte, depois das cartas de Lebrón.

San Martín e Lebrija eram conquista-dores com certa experiência nas Índias, e participaram em explorações pelo Rio Magdalena antes da expedição de Fernández de Lugo. Do primeiro, sabe-se que nasceu em Burgos e tomou parte nas guerras de Itália antes de cruzar o Atlântico. O segundo era natural de Extremadura e neto de Elio Antonio de Nebrija, considerado o principal humanista espanhol do século XVI e autor de várias obras de grande significado histórico, como a famosa *Gramática castelhana* de 1492.⁴²⁹ Depois da viagem de

⁴²⁶ Segundo a anotação marginal no documento, cf. FRIEDE, *Documentos inéditos para la historia de Colombia*, T. III. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1956, p. 20. Pedro de Heredia conseguiu uma segunda capitulação de Cartagena e apresentou no Conselho de Índias um arrazoado para provar que “las tierras de Bogotá que llaman Nuevo Reino de Granada, caen y se incluyen dentro de los límites de la dicha provincia de Cartagena”. Citado por HERRERA ÁNGEL, Marta. *Popayán, la unidad de lo diverso. Territorio, población y poblamiento en la provincia de Popayán, siglo XVIII*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2006, p. 46.

⁴²⁷ Existem várias transcrições e edições dessa *relação*. A mais cuidadosa é “Relación del Nuevo Reyno: carta y relación para Su Magestad que escriben los oficialesde [sic] V(uest)ra M(ages)t(ad) de la provincia de Santa Marta (1539). In: TOVAR PINZÓN, Hermes. *Relaciones y visitas a los Andes. S. XVI. T.III*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1995, p. 93-117.

⁴²⁸ Tratar-se-ia da relação de outra relação, como se pode constatar pelo título do documento: “Relación de una carta [de relación] que los capitanes Juan de San Martín y Antonio de Lebrija, tenientes de oficiales que han sido en la provincia de Santa Marta, escriben a Vuestra Majestad acerca de lo sucedido en esta provincia”, in: FRIEDE. *Documentos inéditos*, T. V, op. cit., p. 262-265.

⁴²⁹ MARTÍN BAÑOS, Pedro. “Frey Marcelo de Lebrija (1479?-1543), primogénito del humanista Antonio de Nebrija. Ensayo bio-bibliográfico (I)”. In: *Revista de Estudios Extremeños*, T. LXIII No. 2, 2007, p. 617-654; idem. “Documentos referentes al humanista Antonio de Nebrija y sus descendientes en el Legado Paredes del Archivo Histórico Provincial de Cáceres”. In: CHAPARRO GÓMEZ, César; MAÑAS NÚÑEZ, Manuel; ORTEGA SÁNCHEZ, Delfín (coords.). *Nulla dies sine línea. Humanistas extremeños: de la fama al olvido*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2009, p. 197-217. Chama-nos a atenção que esses dois

1539, tanto San Martín quanto Lebrija ficaram na Espanha.⁴³⁰ Ao que parece, os dois autores eram semicultos, e nenhum deles pode ser considerado um “homem de letras”.

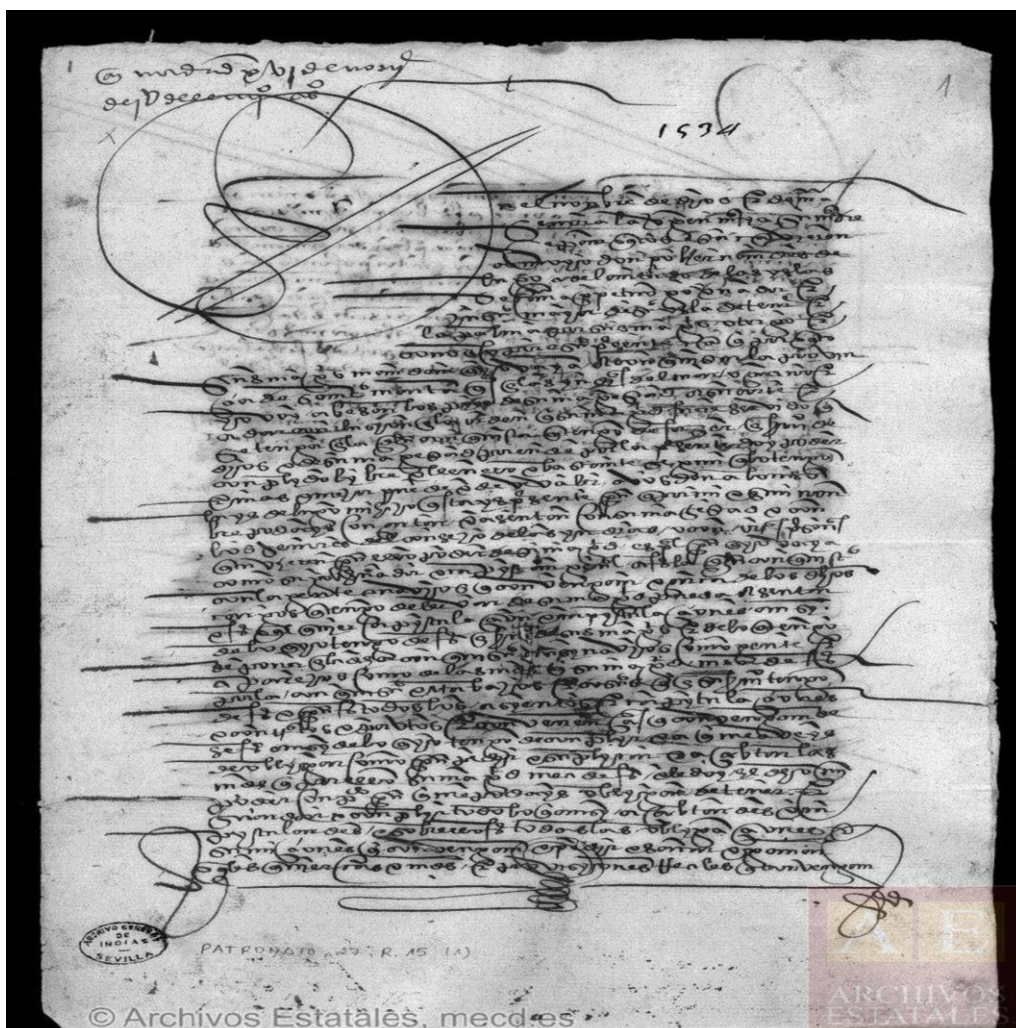


Figura 6. Primeiro folho de uma das cópias da *relação* de Lebrija e San Martín. AGI, Patronato, 27, R. 15.

artigos do historiador espanhol Pedro Martín Baños não sejam citados na historiografia colombiana e que, portanto, o parentesco entre o capitão Antonio de Lebrija e o humanista Nebriga seja ignorado.

⁴³⁰ Lebrija morreu pouco depois de chegar, em 1540 ou 1541. Desconhece-se a data de morte de San Martín.

O documento de Lebrija e San Martín foi consultado e copiado *verbatim* por Fernández de Oviedo, naquele momento coronista real e *alcaide* da Fortaleza de Santo Domingo. Além dessa versão, conservam-se duas cópias feitas por diferentes escribas da mesma *relação* no Arquivo Geral de Índias.⁴³¹ Ao cotejar rapidamente essas cópias com a transcrição de Oviedo constata-se uma significativa correlação, o que indica que ele se ateve ao texto original quase totalmente. O historiador, ademais, recebeu informação de viva voz de outros dois participantes da mesma *entrada*: o capitão de infantaria Juan del Junco e o capitão de bergantim Gómez del Corral.⁴³² Esses dois relatórios orais e escritos foram usados por Oviedo na confecção da segunda parte da sua *Historia general y natural de Indias*, que embora estivesse pronta em meados do século XVI, permaneceu inédita até três séculos depois.⁴³³

Mais uma *relação* dos eventos da expedição de Quesada, datada cerca de dez anos depois das supracitadas (ca. 1550), é atribuída a outro capitão de bergatim da expedição de Quesada: Antonio Díaz Cardoso.⁴³⁴ É conhecida como “Relación anónima” ou “Relación de Santa Marta” e constitui outra fonte relativamente minuciosa sobre os muíscas e sua “conquista”.⁴³⁵ Diferentemente da *relação* de Lebrija e San Martín, não foi conhecida por Fernández de Oviedo, permanecendo inédita até 1916. Díaz Cardoso era português e também chegou às Índias antes da armada de Lugo, tomando parte em várias *entradas* no espaço litorâneo de Santa Marta. Ao contrário dos outros capitães de Quesada comentados, ficou no Novo Reino e se tornou *encomendero*.

⁴³¹ No Arquivo de Índias de Sevilha (AGI), conservam-se duas cópias da *relação* de Lebrija e San Martín feitas por diferentes copistas. A primeira encontra-se no catálogo com o seguinte título: “Relación descubrimiento de Santa Marta” (Patronato, 27, R. 14); possui a data errada de 1536. A segunda figura no catálogo como “Relación descubrimientos provincia de Santa Marta” (Patronato 2, 27, R. 15). Ambos os documentos estão digitalizados em <https://www.archivesportaleurope.net>. Não existe um estudo comparativo sobre essas duas cópias, nem sua correlação com a versão oferecida por Oviedo.

⁴³² Enquanto Gómez del Corral chegou às Índias com a armada de Fernández de Lugo, Juan del Junco esteve presente desde antes dessa expedição, participando da “conquista” de Cartagena com Pedro de Heredia. Os dois capitães deixaram o Novo Reino depois da viagem de Quesada e nunca retornaram.

⁴³³ No capítulo XI do livro XXVI da *Historia general*. Esse tema será tratado no capítulo 5.

⁴³⁴ Tal atribuição foi feita por Friede e subscrita por Michael Francis.

⁴³⁵ Conserva-se uma cópia no AGI com o título “Relación del descubrimiento y población de Santa Marta” (Patronato, 27, R. 9), e a data errada de 1532. Disponível em <https://www.archivesportaleurope.net>. Existem várias transcrições e edições. A primeira apareceu em *Relaciones históricas de América* (Espanha, 1916). A mais cuidadosa é “Relación de Santa Marta”. In: TOVAR PINZÓN, Hermes (ed.). *Relaciones y visitas a los Andes. S. XVI*. T. I. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1995, p. 125-188.

3.5 Federmán, Oviedo e os manuscritos perdidos de Quesada

Para além dos capitães da expedição de Quesada, o próprio *licenciado* e seu rival Federmán também deixaram constância escrita das respectivas jornadas ao Novo Reino de Granada.⁴³⁶ Antes de examinar brevemente cada caso, é importante mencionar que tanto Quesada quanto Federmán se enquadram no tipo do “conquistador-coronista”, que já vimos despontar com Hernán Cortés no capítulo 2. Bernal Díaz del Castillo, Álvaro Núñez Cabeza de Vaca e Pedro Cieza de León também se enquadram nessa categoria. No Novo Reino de Granada – além de Quesada e Federmán –, cabe citar Juan de Castellanos e mais tardiamente Bernardo de Vargas Machuca.⁴³⁷ Na figura do conquistador-coronista fusionaram-se dois ideais caros ao Renascimento: o cultivo das letras e o cultivo das armas. De acordo com Ernst Robert Curtius, em nenhum lugar nem época esses dois paradigmas estiveram tão próximos quanto na Espanha do *Século de Ouro*, como se evidencia na figura de vários escritores daquele período que durante uma etapa de suas vidas também foram soldados, ou vice-versa.⁴³⁸

No que diz respeito à atividade escriturária de Federmán, conserva-se um relato de sua primeira experiência na governação de Venezuela no final da década de 1520, que ele escreveu ao retornar a sua cidade natal em 1532. Foi publicado postumamente – e talvez retocado – por seu cunhado em 1557, com um título bastante curioso: *HISTORIA INDIANA. Una preciosa y amena historia del primer viaje de Nicolaus Federmann, el joven, natural de Ulm, emprendido desde España y Andalucía a las Indias del mar Océano, y de lo que allí le sucedió hasta su retorno a España. Escrito brevemente y de amena lectura.*⁴³⁹ O opúsculo contém informação etnográfica de diversas “nações” da Amazônia venezuelana, como os xideharas, ayamanes, cayones, xaguas, caquetíos, cuybas e outros grupos. É uma pena que Federmán não tenha deixado um relato de sua passagem de poucos meses pelo território

⁴³⁶ Segundo James Lockhart, Belalcázar era iletrado. Entretanto, no AGI conservam-se várias cartas assinada por ele, como: “Carta de Sebastián de Belalcázar a Carlos I”, datada em 20 de dezembro de 1544 (Patronato, 192, No. 1, R. 37). Transcrita como “Carta del Adelantado Belalcázar al Emperador. Cali 20 de diciembre de 1544”. In: *Revista Cespedesia*. N° 51-52, Vol. XIV, Cali, 1985. O documento digitalizado está disponível em <https://www.archivesportaleurope.net>.

⁴³⁷ Os dois trataram da conquista do Novo Reino e dos muíscas na segunda metade do século XVI.

⁴³⁸ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europea y Edad Media latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1955, Vol. 2, p. 257. Ao que nos parece, o caso de Federmán indica que não só os espanhóis respondiam a esse protótipo. Como tipo genérico de escritor, o conquistador-coronista tem antecedentes nos generais romanos que deixaram uma narração de suas façanhas, como Júlio César, autor da famosa *Guerra das Gálias*, em que narra a invasão dos atuais territórios franceses como testemunha e participante.

⁴³⁹ O cunhado de Federmán chamava-se Hans Kiffhaber. A edição princeps é da cidade de Hagenau. O manuscrito original perdeu-se. Há uma tradução modernizada ao espanhol por Juan Friede: FEDERMÁN, Nicolás de. *Historia indiana. Traducida por primera vez directamente del alemán por Juan Friede.... Seguida del itinerario de la expedición*. Madrid: ARO - Artes Gráficas, 1958.

muísca comparável com a *Historia indiana*. De fato, o único registro que conservamos do mesmo autor está mediado pelo crivo de Fernández de Oviedo, pouco afeto ao aventureiro tudesco. Trata-se de uma carta redigida por Federmán em agosto de 1539 na ilha de Jamaica, e endereçada a Francisco Dávila, ouvidor da Audiência de Santo Domingo, sobre sua jornada aos Andes setentrionais, e copiada // mediada por Oviedo na segunda parte da *Historia general*.⁴⁴⁰

No caso de Quesada sabemos que, graças a seu domínio da escrita, em vários momentos de sua vida confeccionou *relaçõs* e corônicas, nas quais se podem diferenciar aquelas relativas às Índias ocidentais – notadamente o Novo Reino, mas não exclusivamente – daquelas concernentes ao Velho Continente. Todavia, nenhum desses documentos foi publicado em vida do *licenciado*, e, com exclusão de um deles, todos os outros estão perdidos.⁴⁴¹ A única obra manuscrita que se conserva, com atribuição autoral suficientemente comprovada, foi intitulada *Antejobio* pelo próprio Quesada.⁴⁴² De acordo com a evidência, redigiu-a na Audiência de Santafé por volta de 1567. Consiste em uma narrativa polêmica de história contemporânea europeia, com o objetivo explícito de rebater as apreciações anti-espanholas da multi-volume *Historiarum sui Temporis* (1553-1560), escrita por Paolo Giovio (1483-1552) – de onde o título “anti-Jobio” –, um humanista italiano pertencente ao círculo do papa Leão X e inimigo declarado de Carlos V.⁴⁴³ O manuscrito do *Antejobio* foi localizado, identificado e publicado na segunda metade do século XX numa edição crítica coordenada pelo americanista espanhol e biógrafo de Quesada Manuel Ballesteros-Gaibrois.⁴⁴⁴

No que diz respeito aos textos de temática americana do conquista-dor andaluz, sabe-se por referências intertextuais que ele elaborou pelo menos um de caráter geral sobre as Índias

⁴⁴⁰ FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias*, T. III. Madrid: Ediciones Atlas, 1959, capítulos XVII e XVIII.

⁴⁴¹ Cabe indicar que se conservam diversos documentos escritos por Quesada de outros gêneros textuais, como memoriais, recomendações e a *probanza de méritos* analisada no capítulo 2. Para uma bibliografia comentada de e sobre Quesada, embora um pouco desatualizada, cf. TORRES QUINTERO, Rafael. “Bibliografía de Gonzalo Jiménez de Quesada”. In: JIMÉNEZ DE QUESADA, Gonzalo. *Antijovio*, p. CXXXIII-CLXXVI. Sobre a atividade literária de Quesada cf. RAMOS, Demetrio. *Ximénez de Quesada cronista*. Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1972; FRIEDE. *El Adelantado*, op. cit., p. 186-188; GONZÁLEZ-ORTEGA, Nelson. “Literatura, historia y nación: la función legal y subversiva que (ob)tuvo el discurso de Jiménez de Quesada en la instauración y abolición de la Nueva Granada y en la formación de la República de Colombia”. In: PARODI, Claudia, RODRÍGUEZ, Jimena (eds.), *Centro y periferia. Cultura, lengua y literatura virreinales en América*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2011, p. 161-192.

⁴⁴² Foi modernizada como *Antijovio*, op. cit.

⁴⁴³ Sobre sua atividade historiográfica cf. ZIMMERMANN, T. C. Price. *Paolo Giovio. The historian and the crisis of Sixteenth-century Italy*. Princeton: Princeton University Press, 1995. O autor menciona brevemente a crítica feita por Jiménez de Quesada a Giovio, porém escreve de forma errada o nome (Jiminez de Quesada), p. 122 e 264.

⁴⁴⁴ JIMÉNEZ DE QUESADA. *Antijovio*, op. cit.

espanholas, e vários mais com um recorte exclusivo do Novo Reino.⁴⁴⁵ Devemos à intervenção de Fernández de Oviedo, mais uma vez, a versão mediada do primeiro texto *quesadiano* desse último grupo. Com efeito, ao voltar para a Espanha em 1539, Quesada levou consigo uma *relação* da invasão às terras muíscas. O manuscrito original desapareceu, mas se conservam trechos resumidos, comentados e com bastante probabilidade, retocados por Oviedo, que o utilizou amplamente – com indicação de procedência – no livro XXVI de sua *Historia general y natural de Indias*. Referiu-se a ele como “gran cuaderno de subcesos [sic.]”.⁴⁴⁶

A densidade da descrição etnográfica e dos pormenores da invasão presente no texto de Quesada mediado por Oviedo é ainda maior do que nas outras *relações* dos capitães da expedição, o que o lhe dá um lugar de destaque na genealogia das fontes culturalmente consagradas sobre os muíscas. Discordamos de Jorge Gamboa quando escreve que Oviedo: “tomó el cuaderno que le prestó Quesada y lo copió fielmente. Se podría incluso separar esta parte y publicarla bajo el nombre de Quesada sin cometer una arbitrariedad”.⁴⁴⁷ Do nosso ponto de vista, a mediação de Oviedo não pode ser obliterada nesse caso, diferentemente da *relação* de Lebrija e San Martín.⁴⁴⁸ Entretanto, tampouco pode ser considerada uma mera invenção de Oviedo.

Alguns trechos de outro manuscrito de Quesada sobre o mesmo tema, conhecido como “Compendio historial de las conquistas del Nuevo Reyno” foi copiado textualmente ou parafraseado por sucessivos coronistas locais ao longo dos séculos XVI e XVII.⁴⁴⁹ Por exemplo, o bispo e coronista *criollo* Lucas Fernández de Piedrahita alegou ter encontrado uma cópia do mesmo numa das “livrarias da corte” na Espanha na década de 1660, e incluiu citações da mesma com indicações de capítulos na sua *Historia general de las conquistas del*

⁴⁴⁵ No *Antijovio* Quesada cita um texto de sua autoria chamado “Rratos de Suesca” ou “Los rratos de Suesca” com temática de história americana. *Antijovio*, op. cit., p. 10, 227-228, 356. Recebeu licença de impressão em 1568, porém nunca se chegou a imprimir.

⁴⁴⁶ FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Historia general*, op. cit., T. III, capítulos XVIII-XXXI. A partir de agora citaremos esta referência como “Gran cuaderno”.

⁴⁴⁷ GAMBOA, Jorge Augusto. *El cacicazgo muisca en los años posteriores a la Conquista: del sihipkua al cacique colonial, 1537-1575*. Bogotá: ICANH, 2010, p. 22.

⁴⁴⁸ No caso da *relação* de Lebrija e San Martín, o documento copiado por Oviedo está entre aspas, pelo menos na edição moderna da obra. Não acontece o mesmo com o “Gran cuaderno”, a carta de Federmán e o depoimento oral de Junco e Del Corral. Uma revisão do manuscrito original de Oviedo poderia oferecer mais pistas para interpretação.

⁴⁴⁹ Para os escritores do Renascimento era normal copiar ou intercalar textos próprios ou de outras pessoas sem indicar a fonte. Sobre a importância das cópias *verbatim* ou textuais e as concepções particulares da autoria na Espanha moderna cf. RAMOS. *Ximénez de Quesada*, op. cit., p. 120-121.

Nuevo Reyno de Granada.⁴⁵⁰ O “Compendio historial” seria, então, uma narrativa histórica fundacional de primeira mão, mas subsistem dúvidas quanto a seu conteúdo. Quão diferente seria da *relação* utilizada por Fernández de Oviedo e de “Ratos de Suesca⁴⁵¹”? Quão densamente apareceriam retratados os muíscas?

3.5.1 O “Epítome de la conquista” e Jiménez de Quesada

Outra *relação* que tange aos muíscas e ao Novo Reino, do mesmo período, intitula-se “Epítome de la conquista del Nuevo Reyno de Granada” e foi redigida entre 1547 e 1550 na Espanha.⁴⁵² Tem suscitado considerável interesse desde que o bibliófilo espanhol Marcos Jiménez de la Espada⁴⁵³ (1831-1898) achasse o manuscrito e o publicasse em 1889, como anexo de sua obra sobre o coronista Juan de Castellanos.⁴⁵⁴ A partir daí seria divulgado pela imprensa em outras ocasiões ao longo do século XX, até chegar a formar parte do panteão de obras nacionais autorizada pelo cânone hegemônico.

Embora seja de curta extensão, o “Epítome” tem chamado a atenção pela “elegância” do estilo, as aparentes incoerências e a relativa abundância de informação etnográfica, que em boa medida se sobrepõe ao “Gran cuaderno” de Quesada transmitido por Oviedo.⁴⁵⁵ A semelhança total ou parcial de várias frases de ambos os documentos levou a pensar em duas hipóteses. Por uma parte, Juan Friede e Demetrio Ramos argumentaram que o autor exclusivo desses dois textos era o *licenciado* andaluz. Ramos precisou que podia ser uma versão

⁴⁵⁰ FERNÁNDEZ DE PIEDRAHITA, Lucas. *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada*. [Sevilla?]: [Thomas López de Haro?], 1688.

⁴⁵¹ Cf. a nota de rodapé 55.

⁴⁵² Sobre a data provável de redação cf. MILLÁN. *Epítome de la conquista*, op. cit., p. 79; RAMOS. *Ximénez de Quesada*, op. cit.

⁴⁵³ Chama-nos a atenção a curiosa homofonia dos nomes *Marcos Jiménez de la Espada* e *Gonzalo Jiménez de Quesada*. Será que esse elemento subjetivo pesou inadvertidamente no interesse do erudito oitocentista por seu conterrâneo do século XVI?

⁴⁵⁴ JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marco. *Juan de Castellanos y su Historia del Nuevo Reino de Granada*. Madrid: Revista Contemporánea, 1889, p. 88-106. Uma boa transcrição encontra-se como apêndice de MILLÁN. *Epítome de la conquista*, op. cit., p. 102-119, a qual citaremos como “Epítome”. Millán respeita a grafia original e incluiu a primeira folha do manuscrito – de grande importância para a atribuição autoral – que não encontramos em outras edições. Outra boa transcrição encontra-se em TOVAR. *Relaciones y visitas*, op. cit., T.III, p. 25-48. Diferentemente das outras *relações* de Lebrija-San Martín e Díaz Cardoso, o manuscrito do “Epítome” não se encontra no AGI, senão no Arquivo Histórico Nacional da Espanha (Coleção Documentos de Índias, 27). No catálogo, aparece com a data errada de 1539. No mesmo Arquivo existe um “Extracto del epítome de la conquista de Nueva Granada” datado em 1538 (Diversos-Coleções, 45, No. 13). Disponível online no Portal de Arquivos Espanhóis: <http://pares.mcu.es/>. Não conhecemos um estudo crítico do mencionado documento. Na descrição do arquivo diz-se que é uma cópia do século XIX. Seu autor não seria talvez o bibliófilo Jiménez de la Espada?

⁴⁵⁵ Também apresenta concordância com alguns trechos do capítulo sobre o Novo Reino de *La historia de las índias* de Gómara e as “Décadas” de Antonio de Herrera y Tordesillas. Para uma interessante análise dessas concordâncias cf. RAMOS. *Ximénez de Quesada*, op. cit.

resumida de uma *relação* mais extensa feita por Quesada no novo Reino, e divulgada em forma manuscrita com propósitos pessoais.⁴⁵⁶ Por outra parte, mais recentemente, Cármen Millán de Benavides propôs de forma convincente que o documento foi confeccionado por Alonso de Santa Cruz (1505-1567), cosmógrafo maior de Carlos V e Felipe II, com aproveitamento dos apontamentos de *vários* conquista-dores. Segundo Millán, o intuito de Santa Cruz era usar o “Epítome” como material de trabalho para a elaboração de uma geografia geral das Índias. Dessa perspectiva, tratar-se-ia menos de uma *relação* da “conquista”, do que um antecedente das “relações geográficas” de Índias, isto é, descrições sincrônicas das províncias e localidades americanas, no estilo da cosmografia renascentista, que se produziram de forma massiva no reinado de Felipe II como resposta a uma iniciativa oficial.⁴⁵⁷ Embora concordemos com a atribuição autoral da professora Millán e com a caracterização da família textual do “Epítome”, parece-nos que ela não resolve dois pontos: a repetição de frases que também figuram no “Gran cuaderno”, e a exaltação da figura de Quesada como agente exclusivo da conquista das terras muíscas.⁴⁵⁸ Por tal razão, pensamos em uma hipótese a meio caminho entre as duas anteriores: o “autor” talvez fosse Santa Cruz, mas a maior parte – se não todos – dos insumos usados para sua redação procederia dos manuscritos de Quesada, o que o consagra como um texto de clara matriz ou filiação *quesadista*. Cabe notar também que o “Epítome” apresenta um dos primeiros usos do etnônimo *moxcas*, modernizado como *moscas*.

3.6 O conteúdo das *relações*

3.6.1 A tradição narrativa recebida

As *relações* de Quesada e seus capitães não surgiram em meio a um vazio discursivo. Por volta de 1539, contava-se com uma dinâmica tradição narrativa em formação, atinente ao Novo Mundo, designada de forma ampla e um tanto ambígua como historiografia indiana.⁴⁵⁹ Durante quase meio século haviam-se produzido de forma ininterrupta descrições, *relações* e corônicas referentes aos nativos americanos, algumas das quais alcançaram o raro privilégio da

⁴⁵⁶ Ibid.

⁴⁵⁷ CLINE, Howard. “The *relaciones geograficas* of the Spanish Indies, 1577-1586”. In: *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 44, No. 3, 1964, p. 341-374.

⁴⁵⁸ Exaltação que não aparece, por exemplo, na *relação* de Lebrija e San Martín, mais comedida na ponderação das ações de Quesada, e ainda menos na “Relación de Santa Marta”, que por vezes tem um tom crítico perante o *licenciado* e dá mais relevo às ações dos capitães da expedição, e inclusive menciona ocasionalmente o papel dos indígenas aliados ou inimigos.

⁴⁵⁹ ESTEVE BARBA, Francisco. *Historiografía indiana*. Madrid: Gredos, 1994 (1962). Sobre o conceito de tradição discursiva cf. STOLL. “Competencia escrita”, op. cit.

letra impressa. Portanto, julgamos conveniente examinar: quais as imagens que circulavam sobre os ameríndios por volta de 1535?

Para começar, constatamos um paradoxo que remonta a Cristóvão Colombo, o primeiro ocidental a caracterizar os habitantes originários da América por meio da escrita. Se bem o navegante italiano negou a total uniformidade entre os indígenas, ao mesmo tempo aplicou indistintamente a categoria *índio* para referir-se a todos eles, denotando assim uma percepção de diferença radical e inferioridade com relação a seu próprio coletivo cristão, que subsistiu ao longo do período colonial.⁴⁶⁰ Em outras palavras, os *índios* eram uma metacategoria na qual cabiam todos os seres humanos que povoavam o Novo Continente, porém, eles não constituíam uma massa homogênea para os viajantes europeus. Como é bem sabido, a palavra *índio* foi empregada nesse sentido por Colombo, que sempre achou que tinha aportado nas Índias de Oriente. Posteriormente, o termo se popularizou dentro e fora da Península Ibérica, juntamente com outros conceitos como *bárbaros*, *naturais* e *selvagens*.⁴⁶¹

Quais as categorizações // diferenciações básicas aplicadas por Colombo aos nativos das Antilhas? Ele instaurou um código binário que separava os índios considerados “bons” dos “maus”, identificando cada categoria com certos atributos. Essa forma de ver encontra-se na famosa *Carta* encaminhada pelo Almirante a Luis de Santángel (1493), na qual anunciava a novidade de seu “descobrimento” de ilhas previamente desconhecidas.⁴⁶² Colombo distinguia entre os habitantes da Hispaniola e os denominados “caribes”: os primeiros eram tímidos, afáveis e receberam aos espanhóis amigavelmente; os segundos, que o almirante não conheceu pessoalmente na primeira viagem, eram ferozes antropófagos e destros guerreiros que assolavam sem piedade os moradores originários das outras ilhas e ameaçavam potencialmente

⁴⁶⁰ Sobre esse paradoxo cf. BERKHOFER, Robert. *The white man's indian. Images of the American indian from Columbus to the present*. New York, Vintage Books, 1979, p. XVII. Uma obra interessante sobre a construção étnica do outro na antiguidade clássica é HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. Cf. especialmente a segunda parte: “Heródoto, rapsodo e agrimensor”.

⁴⁶¹ Colombo foi o primeiro a usar o vocábulo índio para referir-se aos habitantes do Caribe. Muito rapidamente o termo foi estendido a todos os demais moradores originários. Sobre a emergência da categoria *índio* cf. *ibid.* Sobre a categorização dos nativos americanos estabelecida pelos europeus durante as primeiras décadas cf. DELGADO-GÓMEZ, Ángel. “The earliest views of the New World natives”. In: WILLIAMS, Jerry; LEWIS, Robert (ed.). *Early images of the Americas. Transfer and invention*. Tucson e Londres: The University of Arizona Press, 1993, p. 3-20. No caso do Brasil cf. RAMINELI, Ronald. *Imagens da colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Edusp-Fapesp, 1996.

⁴⁶² Para uma edição moderna da carta: COLÓN, Cristóbal. “Traducción latina de la carta de Cristóbal Colon al señor Rafael Sánchez, hecha por Leandro Cosco e impresa la primera vez en Roma el año de 1493”. In: FERNÁNDEZ DE NAVARRETE, Martín. *Viajes de Cristóbal Colón*. Madrid: Calpe, 1922. A *Carta* a Santángel foi, depois das atribuídas a Vespucci, o texto mais disseminado sobre o Novo Mundo nas primeiras duas décadas da invasão.

aos cristãos. Assim, enquanto uns índios eram brutais, os outros eram covardes e generosos. Simplificando, pode-se argumentar que já estavam “em germe” dois arquétipos do nativo americano com desdobramentos nos séculos a vir: o bom selvagem e o grosseiro canibal.⁴⁶³ Por outra parte, para o Almirante todos eles tinham um modo de vida material rudimentar, muito “abaixo” do padrão europeu.

A passagem à Terra Firme, à Mesoamérica e aos Andes centrais veio a tornar mais complexa a imagem dos ameríndios. Em sua terceira “década” de *De orbe novo*, Pedro Mártir de Anglería insinuou que os habitantes do Darién tinham povoados fortificados e eram cidadãos (*cives*) sujeitos a leis.⁴⁶⁴ Em sua quarta “década” (1521), o mesmo autor reportou que os nativos do Iucatã eram ainda mais sofisticados do que os do Darién: viviam em cidades de pedra bem construídas, com grandes templos, caminhos pavimentados e mercados com comércio; possuíam governos estruturados e corpos judiciais, matrimônio, praticavam a religião e produziam livros.⁴⁶⁵ Como vimos no capítulo 2, a segunda *Carta de relação* de Cortés – publicada em 1522 – também mostrou que no México central havia gentes bastante mais “civis”, “políticas”, de “boa razão” e riqueza do que as antilhanas.⁴⁶⁶ Desta forma ia surgindo outro tipo ideal do indígena americano, o qual, segundo Pedro Henriquez Ureña: “Europa acogió e incorporó a su repertorio de figuras humanas. El ‘indio hábil y discreto’, educado en complejas y exquisitas civilizaciones propias, singularmente dotado para las artes y las industrias”.⁴⁶⁷ A invasão do Peru forneceria, por sua vez, outro cenário de *índios* com certo adiantamento, avaliados através das lentes ibéricas. E o que ocorreu no Novo Reino de Granada? Os *índios* dessa região estariam mais próximos dos arquétipos articulados por Colombo, por Mártir, ou por Cortés? É o que trataremos de responder na sequência.

⁴⁶³ Sobre a imagem do bom selvagem cf. CRO, Stelio. “La utopia cristiano-social en el Nuevo Mundo”. In: *Anales de Literatura Hispanoamericana*, vol. VII, 1978, p. 87-129; ROUANET, Sergio Paulo. “O mito do bom selvagem”. In: ADAUTO, Novaes (ed.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 415-438.

⁴⁶⁴ JOHNSON, Carina L. “Idoltrous cultures and the practice of religion”. In: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 67, No. 4, 2006, p. 597.

⁴⁶⁵ *Ibid.*

⁴⁶⁶ Além de Cortés, as *relações* de outros participantes da invasão à Mesoamérica também evidenciam um sentido de assombro e admiração pela cultura mesoamericana, embora o julgamento moral negativo já fosse bem marcado.

⁴⁶⁷ Citação de Pedro Henriquez Ureña apud KEEN, Benjamin. *La imagen azteca en el pensamiento occidental*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984, p. 69.

3.6.2 Representações dicotômicas dos indígenas: panches e muíscas

Da mesma maneira como Colombo identificou os índios bons e maus com uma série de atributos opostos, nas primeiras descrições os muíscas foram representados recorrendo-se a uma grade de códigos binários que os separava de outros grupos indígenas e realçava suas particularidades. Eles foram contrastados principalmente com seus vizinhos, chamados *panches* por Quesada e seus companheiros.⁴⁶⁸ Ao contrário dos muíscas, estes foram designados genericamente como tais a partir das primeiras *relações*, mas os dois grupos foram descritos como unidades étnicas.

Ao lado dos muíscas, os panches foram o único grupo aborígine que recebeu certa atenção nas primeiras *relações* do Novo Reino.⁴⁶⁹ Os invasores denominaram assim a um conjunto de comunidades com uma forma de governo menos centralizada que os muíscas e sem um padrão de assentamento fixo, qualificadas em algumas fontes como *behetrias*.⁴⁷⁰ Habitavam regiões mais baixas e quentes, nas margens montanhosas do rio Magdalena, ao sudoeste do altiplano central.⁴⁷¹ De acordo com todas as versões, eram os inimigos tradicionais dos muíscas e os hostilizavam permanentemente, principalmente aos da província de Bogotá. Ambas as etnias foram opostas ponto por ponto, embora as duas permanecessem dentro do universo comum dos *índios*, marcadas por sua incontestável inferioridade perante os ibéricos.

3.6.2.1 Belicosidade e caráter pacífico

Dois códigos binários de estirpe colombiana se destacam nas primeiras *relações*, com suas respectivas associações. Em primeiro lugar, a oposição índios pacíficos (ou menos belicosos) – índios guerreiros (ou altamente belicosos). A primeira categoria foi aplicada aos

⁴⁶⁸ Note-se que o etnônimo apresenta homofonia com os nativos *guanches* das ilhas Canárias.

⁴⁶⁹ A intensidade da atenção dada aos panches mudou com o tempo. Nas atas de Cartagena eles ocupam quase o mesmo espaço textual que os muíscas; nas *relações* de Lebrija e San Martín, de Santa Marta, no “Gran cuaderno” ou no *Epítome*, os panches já ocupam um lugar menor; nas histórias subsequentes a desproporção é muito maior em favor dos muíscas, na medida em que aumentava o registro parcial de outras coletividades étnicas do interior, notadamente dos índios *pijaos*. Para entender essa diminuição da atenção dada aos panches, deve-se levar em conta que foram dizimados muito mais rapidamente que os muíscas por conta das campanhas contra eles e as enfermidades.

⁴⁷⁰ O termo usava-se já na Península ibérica. Sobre as supostas *behetrias* que habitavam no Novo Reino de Granada ampliado cf. CÓRDOBA OCHOA, Luis Miguel, “Los mil forajidos de Antioquia y los mohanes de Ebejicó”. In: *Anuario Colombiano de Historia Social e de la Cultura*, No. 29, 2002, p. 13.

⁴⁷¹ A região ocupada pelos panches estendia-se entre o rio Guarinó e o rio Negro ao norte, até o rio Fusagasugá e o rio Coello ao sul, na parte oriental e ocidental dos atuais departamentos de Tolima e Cundinamarca, respectivamente. RINCÓN RODRÍGUEZ, Beatriz Eugenia. “Estrategias de colonización en el Tolima: Interacción sociocultural en la Villa de San Bartolomé de Honda (siglos XVI - XVII)”. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Bogotá: Universidade Nacional da Colômbia, 2013, p. 18-20.

muíscas e a segunda aos panches. Eis alguns exemplos. No questionário respondido por Quesada em 1539 lemos: “Preguntado qué gente es los indios de las dichas tierras, y si es gente belicosa, dijo que parte de las gentes es belicosa y parte de ella no, y la que es belicosa, es una nación que se llaman Panches.”⁴⁷² Federmán disse sobre os muíscas: “es gente poco belicosa y que tienen armas de poca ofensa.”⁴⁷³ San Martín y Lebrija informavam que os índios das províncias de Tunja y Bogotá eram “de mucho servicio, domésticos. Son gente que quiere paz y no guerra, porque aunque son muchos, son de pocas armas y no ofensivas [...]”. E mais adiante: “Los indios panches que están entre el Río Grande y esta tierra de Bogotá, son indios muy belicosos y guerreros. [...] Estos panches y los indios de Bogotá se hacen cruel guerra...”.⁴⁷⁴ No “Epítome” define-se primeiro aos panches como “indômitos”, “intratáveis” e muito valentes, e aos muíscas como “gente menos belicosa” e temerosa.

Nas primeiras *relações* vemos inventariadas as armas de cada grupo como signos de sua qualidade guerreira ou pacífica. Estabelece-se uma distinção capital: enquanto os panches usam o arco e a flecha, como os ameaçadores habitantes das Antilhas e Terra Firme, os muíscas carecem deles.⁴⁷⁵

3.6.2.2 Antropofagia e sua ausência

O segundo código binário consiste na oposição: comedores de carne humana – não comedores. Belalcázar, por exemplo, afirmou que nas terras onde Quesada havia “povoado” não se comia carne humana, “pero que allí junto, que se llaman los Panches, la comen; y en todo lo que este testigo tiene poblado comen la dicha carne humana”.⁴⁷⁶ Federmán, tal como os demais participantes das expedições interrogados em 1539, informou de forma análoga: “no comen carne humana...”.⁴⁷⁷ Um caso fora dessa tendência interpretativa é a “Relación de Santa Marta”, na qual se afirma que tanto os panches *como* os muíscas se comiam mutuamente: “Y como son gente feroz [os panches] y un pueblo enemigo de otro aunque esté

⁴⁷² “Actas hechas en Cartagena”, op. cit., p. 211; “Extracto de las informaciones hechas em Cartagena [por Gonzalo Jiménez de Quesada]”. In: FRIEDE. *Gonzalo Jiménez*, op. cit., p. 216.

⁴⁷³ “Actas hechas en Cartagena”, op. cit., p. 205-206.

⁴⁷⁴ San Martín e Lebrija acrescentam informação sobre as armas de cada grupo, a antropofagia dos panches e o comportamento de cada coletividade com os prisioneiros de guerra. “Relación del Nuevo Reyno”, op. cit.

⁴⁷⁵ O tema dos *índios flecheros* e sua letal erva é um tópico das corônicas e *relações* de Índias.

⁴⁷⁶ “Actas hechas en Cartagena”, op. cit., p. 208. O enunciado “todo lo que este testigo tiene poblado” refere-se aos territórios invadidos por Belalcázar no sul da atual Colômbia.

⁴⁷⁷ Ibid. p. 205-206.

junto, y que *se comen unos a otros*, nunca han querido ser amigos, si no fueron dos pueblos que lo vinieron a ser, en tiempo del licenciado [Quesada]”.⁴⁷⁸

À exceção dessa fonte, a caracterização dos muíscas como indígenas não antropófagos é significativa, já que os separava imaginariamente não só dos panches, mas também da maioria de grupos étnicos das governações de Santa Marta e Cartagena, assim como das comunidades do vale do Magdalena, do ocidente e do sul do território neogranadino, perto da fronteira com o *incario*. Com efeito, uma grande quantidade de grupos indígenas do Novo Reino ampliado foi descrita pelos ibéricos como comedora de carne humana – ou por meio do sinônimo *caribe* ou *canibal* –. Isso transparece em diferentes fontes, como a primeira parte de *La chronica del Perú* (1553), de Pedro Cieza de León, que viajou por muitos lugares dos territórios mencionados na primeira metade do século XVI, e reiteradamente anota que eram antropófagos.⁴⁷⁹ Hoje existe consenso de que em muitas ocasiões o argumento do canibalismo foi usado estrategicamente pelos conquista-dores como justificativa para escravizar diversas populações ameríndias. A esse respeito, lembre-se que em 1503 a rainha Isabel promulgou uma real provisão que autorizava a escravização e a venda de “canibais rebeldes”, especialmente os que se encontravam nas imediações de Cartagena.⁴⁸⁰

Mediante a ênfase na belicosidade, a antropofagia e outros “defeitos”, os panches são colocados no lugar paradigmático dos selvagens ruins e vis, sem lei, nem fé, nem rei, por usar uma analogia com os aborígenes do litoral brasileiro descritos por Vespucci.⁴⁸¹ No “Gran cuaderno” e no “Epítome” – ambos documentos de filiação quesadista – constam as caracterizações mais sombrias dessa etnia. Na primeira fonte está escrito:

Estos [os panches] *son muy diferentes en la lengua y en todo lo demás*, y muy enemigos de los del Nuevo Reino [os muíscas]; andan desnudos como nascieron comen carne humana [...] gente es bestial y de mucha salvajía, y de poca razón a respecto de la de Bogotá. No tienen ni conocen criador, ni adoran a nadie, sino en sus deleites está todo su cuidado [...] Son más belicosos que los de Bogotá y que los de Tunja...”⁴⁸²

⁴⁷⁸ “Relación de Santa Marta”, p. 185.

⁴⁷⁹ Uma boa edição é CIEZA, Pedro. *Crónica del Perú. El señorío de los incas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2005. Ao que parece, Cieza não passou pelo Novo Reino de Granada stricto sensu, já que não estava associado às expedições dessa região.

⁴⁸⁰ PALENCIA-ROTH, Michael. “The cannibal law of 1503”. In: WILLIAMS; LEWIS. *Early images*, op. cit., p. 43.

⁴⁸¹ CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Imagens de índios no Brasil: o século XVI”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, Vol. 4, No. 10, 1990, p. 95.

⁴⁸² “Gran cuaderno”, p. 112 e 113, grifos nossos.

Já na segunda fonte, afirma-se de forma parecida: “ques gente tan bestial que ny adoran ny creen en otra cosa syno en sus deleites y viçios, Ni en otra Policiã tienen respecto.”⁴⁸³ Note-se que o adjetivo qualificativo *bestial* que aparece no “Gran cuaderno” e no “Epítome” relegam os panches às margens do gênero humano, próximos das feras.

3.6.2.3 “Vida moral y policia”

Mediante o cotejamento com sua imagem étnica invertida, os muíscas são elevados a um degrau acima dos panches. Isso não tem a ver só com o ato de não comer carne humana, considerado como a quintessência do comportamento selvagem para os europeus. Também se relaciona à carência de outros vícios julgados muito negativamente no esquema mental judeu-cristão, como a prática do homossexualismo, chamada sodomia ou delito // pecado nefando à época, onipresente nas descrições culturais de outros grupos ameríndios.⁴⁸⁴ A esse respeito, Federmán afirmou que não ouvira que os muíscas “cometan el delito nefando”;⁴⁸⁵ no “Epítome” e no “Gran cuaderno” indica-se que são “muy limpios” de esse pecado.⁴⁸⁶

No que diz respeito à administração de justiça, tanto no “Gran cuaderno” quanto no “Epítome” há uma ponderação positiva da aplicação de penas que incluíam o castigo corporal para o delito do furto, o homicídio e o “pecado abominable”.⁴⁸⁷ Na última fonte reporta-se que no território invadido havia supostamente mais forcas que na Espanha:

La vida moral de estos indios y policia suya es de *gente de mediana razón*, porque los delitos hechos, los castigan muy bien, especialmente el matar y el hurtar y el pecado nefando, de que son muy limpios, *que no es poco para entre indios*. Y así hay más horcas por los caminos y más hombres puestos en ellas, que en España. También cortan manos, narices y orejas por delitos no tan grandes, y penas de verguena hay para las personas principales, como es rasgarles los vestidos y cortarles los cabellos, que entre ellos es gran ignominia.⁴⁸⁸

Repare-se que o rigor na aplicação de penas para os delitos, bem como a ausência de certos costumes avaliados negativamente pelos invasores, são interpretados como sinais de relativa capacidade intelectual: “es de gente de mediana razón, porque...”. No “Gran cuaderno” achamos uma ponderação similar baseada nas mesmas premissas: “Así que, son gente llegada a

⁴⁸³ “Epítome”, p. 117.

⁴⁸⁴ Também chamado “pecado abominável”. Em *La historia de las Indias*, Gómara refere-se aos indígenas “sodomitas” também como *putos*.

⁴⁸⁵ “Actas hechas en Cartagena”, p. 206.

⁴⁸⁶ “Gran cuaderno”, p. 121.

⁴⁸⁷ Ou seja, o homossexualismo.

⁴⁸⁸ “Epítome”, grifos nossos, p. 113.

razón, *para ser de aquellas partes*”.⁴⁸⁹ Contudo, a apreciação de relativa vida moral e policia dos muíscas é modulada mediante dois enunciados: *para ser de aquellas partes* (“Gran cuaderno”) e *que no es poco para entre índios* (“Epítome”). Ou seja, quer-se dizer que os muíscas têm mais uso de razão que o comum dos indígenas, porém menos do que os europeus.

3.6.2.4 Uma civilidade ambígua

Além de certos signos de “vida moral”, as primeiras *relações* ainda consignaram outros sinais de relativa civilidade entre os muíscas como o uso de roupa de algodão pintada com pincel;⁴⁹⁰ a grande extração e comércio de sal e esmeraldas;⁴⁹¹ a existência de dinâmicos mercados;⁴⁹² a divisão do tempo em meses e anos;⁴⁹³ as construções da elite e a abundância de população.⁴⁹⁴ Em relação à elaboração de “cosas artífices” – ou seja, objetos manufaturados como mantas e joias –, no “Epítome” encontramos que os muíscas eram de “mediano ingenio”, sendo que a ourivesaria “no lo hacen tan bien como los de la nueva espana” nem os tecidos “tan bien como los del peru”.⁴⁹⁵ Essa comparação é significativa, já que em meados do século XVI os habitantes de Nova Espanha e Peru já eram tidos como os dois referentes de mais civilidade e policia nas Índias ocidentais. No “Gran cuaderno” lemos que os muíscas eram “de buen entendimento y llegados a razón, y que con facilidad se aplican a la paz”.⁴⁹⁶ Dessa forma, pode-se argumentar que estariam abaixo dos indígenas mesoamericanos e dos Andes centrais no que tange à cultura material, porém acima dos *índios* de Terra Firme e das Antilhas no exercício da moral e da razão.

No entanto, é importante anotar que nas *relações* do primeiro período também encontramos vários traços de uma avaliação negativa dos muíscas. A caracterização como pessoas muito idólatras é o denominador comum, e já desponta o *topos* do comércio com o diabo, que tomaria muito realce na coronística de cunho eclesiástico a partir da segunda metade do século XVI.⁴⁹⁷ A prática dos sacrifícios animais e humanos de caráter ritual é

⁴⁸⁹ “Gran cuaderno”, p. 122, grifos nossos.

⁴⁹⁰ “La gente de ella andan vestidas de ropa de algodón, diferente de la de Santa Marta y de la del Perú. Es muy buena y pintada de pincel la más de ella.” “Relación del Nuevo Reyno”, p. 114.

⁴⁹¹ “Epítome”, p. 114.

⁴⁹² Por exemplo, “Gran cuaderno”, p. 118.

⁴⁹³ *Ibid.*, p. 111.

⁴⁹⁴ Desenvolveremos esses dois últimos pontos mais à frente.

⁴⁹⁵ “Epítome”, p. 114.

⁴⁹⁶ “Gran cuaderno”, p. 111.

⁴⁹⁷ Da mesma forma que na Nova Espanha de acordo com KEEN. *La imagen azteca*, op. cit.

mencionada.⁴⁹⁸ San Martín e Lebrija referem que são muito covardes, como os demais índios, pontuam.⁴⁹⁹ Quesada os define como mentirosos.⁵⁰⁰ Essa valoração também aparece no “Epítome”, assim como a acusação de ser “gente muy perdida por cantar y bailar a su modo”.⁵⁰¹

3.6.3 Os senhores muíscas: ricos, poderosos e de muitos vassalos

3.6.3.1 Os senhores indígenas no mundo ibérico

Desde o começo da expansão ibérica, os grupos sociais que receberam mais atenção por parte dos invasores foram as autoridades nativas e a chamada nobreza indígena, tanto do ponto de vista etnográfico como político. Podem-se mencionar dois exemplos entre muitos outros. Uma das primeiras ações de Colombo ao se deparar com terras habitadas em sua travessia marítima foi enviar homens “para saber si había Rey o grandes ciudades”. Por sua vez, na obra prima de Fernández de Oviedo sobre o Novo Mundo – o *Sumario de la natural historia de las Indias* (1526) –, o coronista consignou meticulosamente diferentes costumes e práticas dos governantes autóctones das ilhas e Terra Firme, assim como as denominações nativas para tais postos: “En Tiera-Firme el principal señor se llama en algunas partes *quevi*, y en otras *cacique*, y en otras *tiva*, y en otras *guajiro*, y en otras de otra manera”.⁵⁰² Dentre elas, a voz *cacique* foi rapidamente incorporada ao léxico ampliado da Ibero-América e generalizou-se para denominar as chefias autóctones de todos os territórios invadidos. Seu uso já consta na *Relación acerca de las antigüedades de los índios* (c. 1496), considerado o primeiro “tratado etnográfico” escrito em América, do frade jerônimo Ramón Pané.⁵⁰³

Outra forma de tratamento habitual para designar as autoridades indígenas foi *señor*, a miúdo com o qualificativo *de la tierra*.⁵⁰⁴ O substantivo senhor tinha raízes feudais nos reinos ibéricos. De acordo com Robert Chamberlain, o conceito de *senhor natural* era uma parte

⁴⁹⁸ Por exemplo, no “Epítome”, p. 115.

⁴⁹⁹ “...porque en fin, como son indios [os muíscas], luego volvieron las espadas”. “Relación del Nuevo Reyno”, p. 98.

⁵⁰⁰ “...gente tan acostumbrada a mentir”. “Gran cuaderno”, p. 113.

⁵⁰¹ “Es gente muy perdida por cantar y bailar a su modo, y estos son sus placeres. Es gente muy mentirosa, como toda la otra gente de Indias, que nunca sabe decir verdad”. “Epítome”, p. 114.

⁵⁰² FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Sumario de la natural historia de las Indias*. México: FCE, 1979, p. 116, grifos nossos.

⁵⁰³ Existe uma edição moderna: PANÉ, Frei Ramón. *Relación acerca de las antigüedades de los índios*. México, Siglo XXI, 1974.

⁵⁰⁴ No século XVI, a expressão “de la tierra” ou “da terra” denotava a qualidade de alguma coisa ou pessoa ser natural ou autóctone de um lugar específico.

integral do pensamento político da Castela na Idade Média e o Renascimento.⁵⁰⁵ Seu campo semântico era bastante amplo: podia aplicar-se ao imperador ou rei, mas também a *senhores* menores como duques, condes, marqueses e outros que tivessem autoridade sobre numerosos vassallos. O domínio de tal personagem era o *senhorio natural*. Chamberlain dá exemplos de *senhores* indígenas do Novo Mundo de acordo com o olhar dos espanhóis: Moctezuma passou a ser visto como o máximo *senhor natural* do “império azteca”, cuja autoridade se estendia sobre muitos outros *senhores naturais*; igualmente, o Inca era *senhor natural* em seus domínios andinos. Além deles, os caciques de territórios menores também eram concebidos como tais.⁵⁰⁶

Paralelamente, os europeus também empregaram desde a etapa caribenha o termo *rei* para indicar a posição do governante nas sociedades originárias. Assim, Colombo escrevia em sua primeira viagem que queria ter “grande amistad con el Rey de aquella tierra [a ilha Guanahani ou Hispaniola]”,⁵⁰⁷ e Oviedo também usa a mesma voz para caracterizar os governantes de Hispaniola no *Sumario*: “aquesta isla fué muy poblada de indios, y hubo en ella dos reyes grandes, que fueron Caonabo y Guarionex”.⁵⁰⁸ Também encontramos a mesma denominação na *Brevíssima relación* de Las Casas quase duas décadas depois, e em outras fontes que não é necessário citar.⁵⁰⁹ No entanto, convém indicar que o vocábulo rei foi menos empregado que cacique e senhor, e geralmente estava reservado às chefias dos coletivos mais populosos. Por outra parte, não encontramos o substantivo *imperador* nos documentos do período abordado para denotar governanças aborígenes, mesmo no caso de Moctezuma ou Atahualpa, o que leva a supor que ele só emergiria nos últimos decênios do século XVI.⁵¹⁰

⁵⁰⁵ CHAMBERLAIN, Robert. “The concept of the *Señor Natural* as revealed by Castilian law and administrative documents”. In: *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 19, No. 2 (May, 1939), p. 130-137.

⁵⁰⁶ Por exemplo, com relação à península de Iucatã, Chamberlain assinala: “the Xiu, the ruling family of the independent cacicazgo, or province, of Mani, who had held dominion for a considerable period before the conquest, were recognized by the crown as the *señores naturales* of their territories.” *Ibid.*, p. 131-132.

⁵⁰⁷ COLÓN. “Traducción latina”, op. cit., p. 193.

⁵⁰⁸ FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Sumario*, op. cit., p. 84.

⁵⁰⁹ Las Casas usa a voz rei – além de outras – para referir-se às autoridades nativas de diversas partes da América. No capítulo 4 trataremos deste assunto.

⁵¹⁰ Hernán Cortés chamou Moctezuma de “grandísimo señor” e “señor bárbaro”. *Cartas de relación*. Madrid: Castalia, 1993, p. 242. Mais adiante referiremos uma exceção para o caso dos muíscas e dos incas.

3.6.3.2 Os índios do Novo Reino: uma sociedade hierárquica

Nas primeiras *relações* do Novo Reino, notam-se elementos comuns com as descrições da organização social e política de Mesoamérica e dos Andes Centrais.⁵¹¹ Em primeiro lugar, Quesada e seus capitães transmitiram a impressão de uma sociedade muísca bastante hierarquizada, na qual reconheceram pelo menos três escalões sociais: 1) o povo ou *comuneros*;⁵¹² 2) uma camada intermediária de dirigentes locais; 3) os chefes regionais, notadamente o Tunja e o Bogotá.

Nessas *relações* a autoridade e poder dos caciques evidenciavam-se em vários indicadores como a quantidade de homens armados que podiam mobilizar para a guerra, a parafernália, o temor que inspiravam, os códigos de respeito usados com eles e a grande extensão de seus domínios, dentre outros. *Verbi gratia*, Quesada e seus capitães registraram que o Tunja e o Bogotá eram transportados em *literas* ou *andas* e que ninguém podia olhar diretamente para eles. Quando o Bogotá cuspiam, seus servidores colocavam a mão para receber a saliva.⁵¹³ Era bastante obedecido e podia contrair matrimônio com todas as mulheres que quisesse. Segundo o “Epítome”, Bogotá possuía mais de 400 esposas.⁵¹⁴

3.6.3.3 Os senhores muíscas e a abundância de população

Em segundo lugar, nas *relações* do Novo Reino também se presta considerável atenção às autoridades tradicionais muíscas e as categorias de descrição ressoam com as indicadas anteriormente para o mundo ibérico. A denominação mais corriqueira, tanto para os governantes intermediários quanto para os indígenas principais, é *señor*, embora também apareça frequentemente a palavra *cacique*. Usam-se qualificativos que especificam seu grau de

⁵¹¹ Um bom panorama da primeira etapa das descrições “etnográficas” na América do Sul cf. MACCORMACK. “Ethnography”, op. cit.

⁵¹² Nome dado em algumas fontes da época aos integrantes do povo.

⁵¹³ De acordo com a informação oral dos capitães Juan Del Junco e Gómez del Corral transmitida por Fernández de Oviedo: “Y es que cuando tosía o hacía señal de escopir, luego los caciques o más principales señores indios que cerca del estaban, elongaban los brazos [...] pero no miraban en ese tiempo en la cara al Bogotá, sino volvían la cabeza a otra parte hasta que había escopido aquel gran príncipe.” FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Historia general*, op. cit., T. III, p. 94. O mesmo comportamento foi reportado por um dos “homens de Cajamarca” em relação ao Inca. MACCORMACK. “Ethnography”, p. 127. Cabe mencionar que marcas de prestígio social das autoridades nativas, como ser carregados em liteiras e praticar a poligamia, também foram indicadas em outras fontes para os habitantes das Antilhas e Terra Firme. Portanto, não eram sinais exclusivos dos muíscas.

⁵¹⁴ “Cásanse todas las veces que quieren y con todas las mujeres que pueden mantener, y así uno tiene diez mujeres y otro veinte, según la calidad del indio; y Bogotá, que era rey de todos los caciques, tenía más de 400”, “Epítome”, p. 113.

poder como “mayor señor” ou “mucho mayor señor”.⁵¹⁵ De igual forma, encontramos a voz *rey* ou *príncipe* para referir-se aos governantes supremos.⁵¹⁶ Chama-nos a atenção que numa *relação* posterior ao período analisado – da década de 1580 – elaborada por um viajante espanhol aparece a palavra *emperador* para designar o cacique Bogotá e o máximo governante inca, usada talvez por vez primeira durante a época colonial.⁵¹⁷

As primeiras fontes relativas aos muíscas transmitiram a ideia de que o território estava dividido em duas grandes entidades regionais chamadas “províncias”, cujos dirigentes ostentavam a mesma denominação dos territórios que controlavam: Bogotá, ao sul, e Tunja, ao norte. Por sua vez, cada uma delas estaria subdividida em unidades menores correspondentes aos numerosos “vales”, comandados por outros senhores com um número variável de “vassalos” ou indígenas sujeitos. No “Gran cuaderno” lê-se:

Es la tierra toda allí dividida en provincias y valles, y cada señor tiene su valle, y el valle y el señor un mismo nombre; y es señor, según su calidad. Hay señor de diez mil vasallos, y tal que tiene veinte mil, y otros de a treinta mil; y tiene cada uno sus poblaciones derramadas por sus valles y territorios, de diez, de veinte, de treinta, de ciento, e más e menos casas cada pueblo, como es la disposición y fertilidad de la tierra.⁵¹⁸

E no “Epítome”:

Este Nuevo Reino se divide en 2 partes o 2 provincias; la una se llama de Bogotá, la otra, de Tunja, y así se llaman los señores de ella del apellido y tierra. Cada uno de estos dos señores son poderosísimos de [sic] grandes señores y caciques que les son sujetos a cada uno de ellos.⁵¹⁹

A citação anterior é muito expressiva da elevada quantidade de população aborígene registrada nas primeiras *relações*, que é confirmada pelas estimativas mais recentes. A apreciação dos muíscas como um coletivo populoso aparece em todas as fontes consultadas. San Martín e Lebrija deixaram a seguinte impressão sobre a primeira vista de suas aldeias: “ya aquí mostró la tierra lo que en ella había y lo que había delante, porque era muy gruesa y de

⁵¹⁵ Na “Relação de Santa Marta” a outra denominação mais comum para os governantes das comunidades étnicas é “señor de la tierra”.

⁵¹⁶ Assim, no “Epítome” aparece: “Bogotá, que era rey de todos los caciques”. Junco e Del Corral apud Oviedo chamam-no “gran príncipe”.

⁵¹⁷ “Vase por una Calçada a estas dos Ciudades [Hontibón y Bogotá], que son de Indios, que era donde asisitía el *Emperador de aquel Reino*, tiene el dia de oi Santuarios, que llaman, donde tienen mucha cantidad de Oro, i otras muchas cosas ricas de Piedras [esmeraldas] [...] De estos Santuarios, en estas Tierras, ai muchos en cantidad, aunque nosotros no podemos dar con ellos; en particular dicen, que ai uno el que llaman de Hontibón, que era del *Emperador de toda aquella Tierra*, que se dice enriquecería a todo un Reino.” Mais adiante, ao tratar do Peru, o autor escreve que Cuzco era a cidade principal: “donde tenían los *Emperadores Incas* su Corte, así ia muchos Edificios por toda aquella Tierra, de mucha curiosidad”. PÉREZ DE TORRES, Simón. “Discurso de mi viaje, dando muchas gracias a Dios, por las muchas mercedes, que en él, me ha hecho a mí”. In: GONZÁLEZ BARCIA, Andrés (ed.), *Historiadores primitivos de las Indias occidentales*. Madrid: 1749, T. III, sem paginação nem dados de impressão. Essa interessante *relação* de viagem ainda não recebeu a devida atenção dos especialistas.

⁵¹⁸ “Gran cuaderno”, p. 125. FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Historia general*, op. cit., T. III, p. 125.

⁵¹⁹ “Epítome”, p. 108.

muchos indios”.⁵²⁰ De maneira similar, uma década depois da intrusão, o visitador Díaz de Armendáriz relatava ao rei:

Fué esta tierra tan poblada de indios al tiempo de su descubrimiento, que desde la ciudad de Vélez hasta ésta, que hay treinta y dos leguas, unas más o menos, viniendo por el camino, no se ven cuatro que no muestren claramente haber sido labranzas o de maíz o de turmas [batatas], que es un mantenimiento de que hacen mucho caudal, o frisoles, o algodonaes, o hayales.⁵²¹

Para os europeus da época, o volume demográfico era um dos atributos que indicava o maior ou menor grau de civilidade de um grupo humano. Um *senhor* era mais poderoso quanto mais vassallos tivesse a seu serviço. Mais importante ainda, no contexto da colonização ibérica, grandes etnias eram sinônimo de infinidade de *índios* tributários e mão de obra, especialmente se não opunham muita resistência. Portanto, ao ressaltar a quantidade de gentes e sua aparente mansidão, as *relações* do Novo Reino denotavam que os muíscas eram uma “nação” mais organizada do que outras, mas também, que sua conquista e “pacificação” valia a pena.

3.6.3.4 Bogotá e Tunja: os maiores senhores

Voltemos às duas autoridades maiores na perspectiva dos invasores: Tunja e Bogotá. Embora eles tivessem mais poder que os restantes caciques, as *relações* concordam que o segundo era o maior senhor do Novo Reino. Por exemplo: “Este Bogotá, es el mayor señor que hay en esta tierra, porque le son sujetos otros muchos señores y muy principales de ella.”⁵²²; “La provincia de Bogotá es mayor y así el señor della es más poderoso quel de Tunja y aun de mejor gente”.⁵²³ Os documentos de caráter judicial relativos à morte do cacique Bogotá e de seu sucessor Sagipa, comunicam a mesma ideia. Assim, duas testemunhas que declararam em um juízo contra Quesada em 1541 por maltratar e matar a Bogotá descreveram-no como o maior cacique que havia naquela terra.⁵²⁴

⁵²⁰ “Relación del Nuevo Reyno”, p. 97.

⁵²¹ Carta de Díez de Armendáriz al Rey, sobre su actuación en el Nuevo Reino como juez de residencia (13 de febrero de 1547). In: COLMENARES, Germán (ed.). *Lecturas de historia colonial II. Las Leyes Nuevas y su promulgación en la Nueva Granada (1542-1550)*. Bogotá: Universidad de los Andes, 1968. *Hayales* pode referir-se à coca, que era chamada *hayo* entre os muíscas, ou talvez a uma árvore parecida com a *haya* mexicana (*fagus mexicana*).

⁵²² “Relación del Nuevo Reyno”.

⁵²³ “Epítome”, p. 108.

⁵²⁴ Um dos homens que testemunhou contra Quesada disse: “el dicho Bogotá que decían que era el mayor cacique que había en aquella tierra”; outra testemunha expressou: “Bogotá, que era señor de gran tierra, el mayor señor que había en aquella tierra.” Cf. “Fragmento de la probanza hecha por Gerónimo Lebrón contra los hermanos Jiménez. 7 de abril de 1541”. In: FRIEDE. *Gonzalo Jiménez*, op. cit., T. 1, p. 249 e 252. Cf. outros trechos do depoimento nos anexos.

Segundo Manuel Lucena Salmoral, o relevo dado ao Bogotá acima do Tunja e os outros senhores era funcional para Quesada, pois justificava a fundação de Santafé como a primeira urbe da colônia, erigida justamente na província de Bogotá, perto das habitações do cacique.⁵²⁵ Do nosso ponto de vista é uma hipótese interessante, porém, requer mais elaboração. Por que todas as fontes da primeira etapa concordam a esse respeito? Será que San Martín e Lebrija estavam influenciados por Quesada ao escrever sua *relação*, como argumenta Lucena? Por que, inclusive uma fonte pouco condescendente com o *licenciado*, como a “Relação de Santa Marta”, apresenta a mesma opinião?

Outra informação transmitida pelo “Epítome” e pelo “Gran cuaderno” diz respeito à existência de uma intensa e duradoura rivalidade pela supremacia regional entre Bogotá e Tunja:

Es el Bogotá muy temido, y más estimado que Tunja y la enemistad entre ellos es perpetuada desde largo tiempo por sus predecesores, y ninguno de ellos basta a deshacer al otro...⁵²⁶

Estos señores y provincias [Bogotá e Tunja] siempre han traído muy grandes diferencias de guerra muy continuas y muy antiguas”.⁵²⁷

Os coronistas posteriores ecoaram e forneceram mais detalhes da suposta “guerra” entre ambas as entidades.⁵²⁸ Independentemente de se existiu ou não, chama-nos a atenção, nesses textos mais tardios, que a caracterização da rivalidade entre Bogotá e Tunja apresenta algumas semelhanças com a guerra civil entre os meios irmãos Huáscar e Atahualpa pela sucessão do Tawantinsuyu. Os memorialistas do Novo Reino acrescentaram dados com aparência histórica como as datas de batalhas e os lugares de combates, que criaram um poderoso efeito de realidade e reforçava a noção de que se tratava de “reinos” poderosos, como argumentam convincentemente François Correa e Jorge Gamboa.⁵²⁹

Para além dos *senhores* Bogotá e Tunja as *relações* mencionam outros poucos caciques poderosos entre os muíscas, como o Sogamoso, o Duitama e – notadamente – o Somondoco,

⁵²⁵ LUCENA SALMORAL, Manuel. *El indofeudalismo chibcha, como explicación para la fácil conquista quesadista*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1975, p. 24.

⁵²⁶ “Gran cuaderno”, p. 107.

⁵²⁷ “Epítome”, p. 108.

⁵²⁸ CORREA, François. “El imperio muisca: invención de la historia y colonialidad del poder”. In: GÓMEZ LONDOÑO, Ana María (ed.). *Muiscas: representaciones, cartografías y etnopolíticas de la memoria*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005, p. 200-226.

⁵²⁹ *Ibid.*; GAMBOA. *El cacicazgo*, op. cit.

em cujas terras encontraram as minas de esmeraldas, como veremos mais à frente.⁵³⁰ Não por acaso, quando San Martín e Lebrija sumarizaram quais eram os “caciques mayores señores de la tierra” na parte final da carta a Carlos V, afirmaram que eram três: “el uno el caçique que llaman Bogotá y el outro el caçique que se llama Tunja y el outro Somindoco. Este es el que es Señor de las minas de las piedras”.⁵³¹

3.6.3.5 As vivendas dos caciques: cercados ou alcáceres?

Um dos índices de prestígio dos *senhores* muíscas que mais chamou a atenção dos invasores tinha a ver com as residências. Segundo as *relações*, os caciques residiam em povoados com uns poucos edifícios de grande tamanho, feitos de madeira e com telhados de palha, rodeados por altas colunas protetoras também de madeira. Estes conjuntos habitacionais foram chamados *cercados*. O comentário recorrente pode-se resumir assim: mesmo que fossem construídos com dois materiais tidos em pouca estima à época – a madeira e a palha⁵³² –, eram sumamente vistosos e diferentes de todas as edificações que os expedicionários haviam observado até então nos grupos aborígenes.⁵³³

Quesada referiu-se a tais conjuntos habitacionais como *alcáceres*⁵³⁴ e chamou a savana de Bogotá *Valle de los Alcázares*.⁵³⁵ O termo castelhano *alcázar* – ou alcácer em português –

⁵³⁰ Os cacicados Sogamoso, Duitama e Somondoco estavam na “província de Tunja”. Sobre o último, no “Gran cuaderno” lemos que era “señor de tres mil vasallos, poco más o menos, con caciques que le están a él sujetos”, p. 114.

⁵³¹ “Relación del Nuevo Reyno”, p. 113. Note-se que, ao longo da *relação*, San Martín e Lebrija nomearam outros caciques muíscas, mas não os incluíram no grupo dos “caciques mayores señores de la tierra”. Esses outros caciques eram: Duitama, Sogamoso, Pasca e Chía.

⁵³² Recordemos que por seu caráter perecedor, a madeira e a palha eram consideradas materiais pouco nobres em relação ao ferro ou à pedra, concebidos como materiais de construção nobres. Por sua vez, a madeira era mais “nobre” que o barro. PAGDEN, Anthony. *The fall of natural man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 73.

⁵³³ San Martín e Lebrija deixaram as seguintes impressões sobre o primeiro contato com o altiplano muísca: “y la manera de los edificios de casas diferente de los que hasta entonces habíamos hallado.” “Relación del Nuevo Reyno”, p. 97.

⁵³⁴ Lamentavelmente o grupo de invasores não deixou desenhos dessas construções nem de outros aspectos da cultura muísca. No contexto hispânico, as ilustrações e pinturas de grupos ameríndios foram bastante escassas nos séculos XV-XVII, e a pauta a marcariam outras potências rivais. Em seu interessante estudo sobre o tema, Santiago Sebastián e John Moffit não mencionam nenhum exemplo de aborígenes muíscas, panches, ou do Novo Reino de Granada ampliado, com exceção das gravuras de De Bry relativas a caciques muíscas que comentaremos no capítulo 4. MOFFIT, John; SEBASTIÁN, Santiago. *O brave new people. The European invention of the American Indian*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1996.

⁵³⁵ Ao que parece, o topônimo Valle de los Alcázares não foi exitoso, já que deixa de aparecer nas fontes eruditas e administrativas da segunda metade do século XVI.

procede do árabe *al-qasr*.⁵³⁶ Na Península ibérica, a palavra aplicou-se aos recintos fortificados que incluíam um palácio real ou principesco construídos originalmente pelos mouros, e posteriormente tomados pelos cristãos. Na região andaluza existiam muitos desses “palácios acastelados”. O mais famoso estava em Sevilha, e veio a ser residência dos reis hispanos desde a Idade Média sob a denominação de Reais Alcáceres de Sevilha; significativamente, uma de suas dependências foi a primeira sede da Casa de Contratação.⁵³⁷ Provavelmente Quesada se inspirou nessa construção para batizar a savana de Bogotá como *Valle de los Alcázares*.

Por outra parte, o *licenciado* comentou que as paredes dessas residências dos caciques estavam pintadas e tinham muitos “polidos primores”. Recorrendo a uma analogia erudita, comparou-os com o labirinto de Troia.⁵³⁸ Sabemos que no Renascimento a associação de Troia com a ideia de um labirinto era corriqueira na cultura letrada. Por exemplo, numa narrativa de viagem de um francês a Jerusalém datada em 1418, o autor refere que numa das ilhas gregas existia a lenda de uma “mervelleuse et orrible best” chamada Minotauro, que foi confinado numa “enrigade meson” por Dédalo, e comenta: “lequelle meson fut nommé Labarinte et aujourduy par moutz est vulguelmant appellé le cipté de Troie”.⁵³⁹ Obviamente tratava-se de Creta, que à época era confundida com Troia.⁵⁴⁰ Chama a atenção a semelhança do manuscrito francês com o consignado no “Gran cuaderno”: “quieren parescer aquella pintura que suelen los vulgares llamar labirinto”.⁵⁴¹

Voltando às *relações* do Novo Reino, eis algumas das impressões acerca dos cercados muíscas:

[Santa Fe es] tierra fría y muy llana y los pueblos muy grandes y *las casas de los caciques muy grandes y muy buenas...*⁵⁴²

Y bien mostró ser así [que el Bogotá era el principal señor de la tierra], porque le hallamos una casa de su aposento que, *para ser de paja, se podría tener por una de las mejores que se han visto en Indias.*⁵⁴³

Los edificios principales *son cosa mucho de ver*: son de madera y a modo de fortaleza o alcázar, cercados de muchas cercas por defuera y porde dentro, y de tal arte, que quieren parescer aquella pintura

⁵³⁶ Que por sua vez vem da raiz latino-hispânica *castrum* ou fortaleza. MANZANO MARTOS, Rafael. *Los alcázares españoles a finales de la Edad Media*. Segovia: Patronato del Alcázar de Segovia, 2000, p. 1.

⁵³⁷ ALMAGRO, Antonio. “Los Reales Alcázares de Sevilla”. In: *Artigrama. Revista del Departamento de Historia del Arte de la Universidad de Zaragoza*, No. 22, 2007, p. 155-185.

⁵³⁸ Cf. as citações mais adiante.

⁵³⁹ Apud MATTHEWS, W. H. *Mazes and labyrinths. A general account of their history and developments*. Londres: Longman, Green and Co, 1922, p. 156.

⁵⁴⁰ *Ibid.*, p. 157.

⁵⁴¹ “Gran cuaderno”, p. 110. Cf. a citação completa mais adiante.

⁵⁴² Depoimento de Pedro de Puelles, “Actas hechas en Cartagena”, op. cit., p. 214, grifos nossos.

⁵⁴³ “Relación del Nuevo Reyno”, p. 97, grifos nossos.

que suelen los vulgares llamar labirinto; y hay muchas cosas que ver en esos edeficios [sic.], los cuales son de los señores, y cada uno es mejor edificado, cuanto es mejor su dueño.⁵⁴⁴

Sus moradas son casas de madera, cubiertas de paja a dos aguas.⁵⁴⁵ Hay chicas, grandes y mayores, segund la calidad del morador o señor de la casa, *e las muy principales es cada una como un alcázar cercado y con muchos aposentos dentro, y es cosa mucho de ver la pintura y polidos primores de los tales edifícios*, e los patios e otras particularidades.⁵⁴⁶

Las maneras de sus casas y edificios, aunque son de madera y cubiertas de heno largo que allá hay, *son de la más extraña hechura y labor que se ha visto, especialmente la de los caciques y hombres principales, porque son a manera de alcázares*, con muchas cercas alrededor, de manera que acá suelen pintar el laberinto de Troya. Tienen grandes patios, las casas de muy grandes molduras y de bulto, y también pinturas por todas ellas.⁵⁴⁷

...el cual pueblo era muy hermoso de pocas casas y muy grandes de paja muy bien labrada las cuales casas estaban muy bien cercadas de una cerca de haces de cañas por *muy gentil arte* obradas tenían 10 o 12 puertas con muchas vueltas de muralla en cada puerta, era cercado el pueblo de dos cercas *tenía entre cerca y cerca una muy gran plaza y entre las casas tenía otra muy hermosa plaza* una casa dellas estaba llena de tasajos de venados curados sin sal.⁵⁴⁸

É claro que os citados apontamentos não chegam a rivalizar com o pasmo de Hernán Cortés ou Bernal Díaz del Castillo perante os palácios e “mesquitas” de Tenochtitlán. Entretanto, a caracterização discursiva dos alcáceres muíscas está na ordem da *admiratio* renascentista.⁵⁴⁹ Mesmo que possamos colocá-la sob suspeita de ser uma estratégia retórica dirigida a capturar a atenção do centro imperial, cabe supor igualmente que os povoados das elites muíscas certamente impressionaram aos visitantes de Ultramar.

Infelizmente, por serem fabricados com materiais perecedouros, nenhum desses “alcáceres” se conservou em pé. Resulta irônico que, apesar da admiração aparente dos intrusos, em pouco tempo eles fossem derrubados ou queimados para se erigir em seu lugar povoados castelhanos com pedra e *bahareque*.⁵⁵⁰

Com efeito, Quesada e seus capitães continuaram o costume de fundar cidades sobre ou perto de centros urbanos indígenas, tal como fizeram Cortés e seus homens com Tenochtitlán, e a cidade de Cuzco nos Andes centrais. No caso dos muíscas, estabeleceram as cidades de Tunja no mesmo local do cercado homônimo, e Santafé de Bogotá perto do cercado do cacique

⁵⁴⁴ “Gran cuaderno”, p. 110, grifos nossos.

⁵⁴⁵ Os tetos “a dos aguas” estavam compostos de duas partes inclinadas unidas no meio. Esse tipo de tetos permite a fácil drenagem da água das chuvas.

⁵⁴⁶ *Ibid.*, p. 125, grifos nossos.

⁵⁴⁷ “Epítome”, p. 112, grifos nossos. Note-se que nessa fonte o elogio da elaboração das vivendas não se circunscreve às da elite.

⁵⁴⁸ “Relación de Santa Marta”, p. 170, grifos nossos.

⁵⁴⁹ ÁLVAREZ MORENO, Raúl. “El admirarse como forma de enfrentar la nueva realidad americana”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, vol. 61, No. 2 (2004), p. 413-430.

⁵⁵⁰ O *bahareque* pode ser equiparado ao sistema de pau a pique do Brasil.

Bogotá.⁵⁵¹ Resulta significativo que Santafé (hoje Bogotá) adquirisse a preponderância regional como cabeça de reino, e atualmente seja a capital do país.

Por outra parte, é importante anotar que, ao contrário dos povos mesoamericanos e dos Andes centrais, os muíscas não deixaram amostras de grandes construções cerimoniais como pirâmides, monumentos ou imponentes tumbas. O único complexo lítico que se conserva em território muísca, possivelmente foi um centro de culto à fertilidade. Está constituído por colunas de vários metros de altura em forma fálica cravadas no solo, perto do povoado de Villa de Leyva. Na época colonial foi denominado o *Infiernito* – pequeno inferno –, mas sua descrição não consta em nenhuma crônica dos séculos XVI-XVIII. Os primeiros a escrever acerca do lugar seriam os criollos letrados do século XIX, como uma das provas da existência da “civilização chibcha”.⁵⁵²

3.6.4 A representação da riqueza

A procura de riqueza – avistada, possuída ou imaginada – constitui o principal eixo temático das *relações* consultadas, muito mais do que a descrição dos habitantes originários, os choques violentos com os mesmos ou o inventário de outros elementos naturais não investidos de grande valor econômico pelos ibéricos.

Os elementos materiais do Novo Reino que mais chamaram a atenção dos invasores foram o ouro e as esmeraldas. Eles coincidem em indicar que os muíscas – e em particular os *senhores* – possuíam grandes quantidades daqueles minerais e que os valorizavam em alto grau, associando-os a um uso ritual e de prestígio.⁵⁵³ De forma semelhante, o ouro e as esmeraldas eram muito prezados na Europa do século XVI, se bem que os imaginários sobre as mesmas diferiam muito entre os indígenas e os ibéricos. Todavia, é preciso distinguir o que as *relações* dizem acerca da riqueza imaginária e da riqueza realmente achada e reportada, embora as duas estejam intimamente ligadas no universo experiencial dos autores.

⁵⁵¹ SALCEDO SALCEDO, Jaime. “Un vestigio del *cercado* del señor de Bogotá en la traza de Santafé”. In: *Ensayos. Historia y teoría del arte*. No. 20, 2011, pp. 155-192.

⁵⁵² BOTERO, Clara Isabel. *El redescubrimiento del pasado prehispánico de Colombia : viajeros, arqueólogos y coleccionistas, 1820-1945*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia / Universidad de los Andes, 2006, p. 52-53, 58 e 62.

⁵⁵³ Essa apreciação tem sido confirmada por outras fontes as fontes de arquivo e o material arqueológico.

3.6.4.1 A riqueza desejada antes de chegar ao território muísca

Começamos pela riqueza desejada pelos integrantes das três primeiras hostes *antes* de pisar em território muísca. Como imagem mental, esta se configurou com base em expectativas prévias de terras opulentas em algum ponto localizado ao sul, sudoeste ou norte do Novo Reino, dependendo do lugar de partida de cada grupo.

No interrogatório de 1539 em Cartagena, o tesoureiro da hoste de Belalcázar testemunhou que depois de participar na toma de Cajamarca e de fundar Quito, seu chefe animou-se a avançar ao norte em busca de “El Dorado y Paquíes,⁵⁵⁴ de muy grande noticia de oro y piedras”.⁵⁵⁵ Trata-se da menção mais prematura do Eldorado que identificamos em documentos associados às terras muíscas.

No mesmo interrogatório de 1539, Federmán contou que durante sua travessia pelo interior da governação de Venezuela chegou ao território de uma *nação* chamada bayupas, no sopé de uma grande serra – a cordilheira oriental neogranadina –, onde “halló una gran muestra de oro fino”. Sendo informado que o estimado metal procedia do outro lado da serra, determinou-se a atravessá-la, o que o levaria ao cabo de quarenta dias ao altiplano muísca.⁵⁵⁶ Na carta de Federmán mediada por Oviedo a informação difere um pouco. Narra-se que a *nação* indígena onde encontrou “alguna muestra de oro fino” era a dos guaipiés, ao invés dos bayupas, onde teve “noticia que de la otra parte de las sierras, a la mano derecha, era tierra rica”.⁵⁵⁷ Independentemente da discordância das fontes, nas duas indica-se que uma evidência material – o ouro – estava associada a rumores de um povo abastado do outro lado das montanhas, isto é, os muíscas.

No que tange às *relações* de Quesada e seus capitães, o objeto que os impulsionou a continuar não foi o ouro, mas as amostras de produção de sal em forma de “grandes pães” e mantas de algodão que interpretaram como evidência de uma grande população aborígene mais à frente. Por outra parte, como vimos no capítulo 2, tanto a expedição de Quesada quanto outras que partiram do litoral caribe sul-americano antes dele, também estavam guiadas pela

⁵⁵⁴ Não conseguimos identificar a localização ou sentido de *Paquies* à época. Ao que parece, era um termo de origem indígena. Atualmente, Paquies é uma divisão territorial do município de Timaná no departamento de Huila, Colômbia. É significativo que a tropa de Belalcázar tenha sido o primeiro grupo ibérico a percorrer essa região da Colômbia.

⁵⁵⁵ Depoimento de Gonzalo de la Peña, “Actas hechas en Cartagena”, op. cit., p. 208. O estudo mais completo sobre o mito de Eldorado é RAMOS, Demetrio. *El mito de El Dorado*. Madrid: Colegio Universitario, Ediciones Istmo, 1988.

⁵⁵⁶ Depoimento de Nicolás de Federmán, “Actas hechas en Cartagena”, op. cit., p. 204.

⁵⁵⁷ FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Historia general*, op. cit., T. III, p. 50.

expectativa de encontrar um caminho ao Peru ou uma cultura indígena rica e de grande tamanho comparável à dos incas.⁵⁵⁸

3.6.4.2 Os elusivos tesouros dos caciques

Em abril de 1537 a partida quesadista ultrapassou os limites dos cacicados sujeitos ao *senhor* Bogotá, do qual foram notificados – ou pelo menos assim o interpretaram – que era muito opulento: “porque dicen los naturales de la tierra, que [o cacique Bogotá] tiene una casa de oro y mucho número de piedras esmeraldas, muy ricas”;⁵⁵⁹ “se creía y teníamos por cierta nueva que era sin número la riqueza que tenia [Bogotá] así de oro como de piedras”;⁵⁶⁰ “y dicese que es una riqueza innumerable”.⁵⁶¹

Contudo, como especificado no capítulo 1, as fontes indicam que pouco antes da chegada ao cercado de Bogotá, o cacique fugiu e escondeu seus tesouros. Durante toda a conquista, o rumor da proverbial riqueza do Bogotá reverberou nas mentes dos invasores. Após sua morte, ocorrida vários meses mais tarde, o imaginário de ouro e “pedras” do Bogotá – também chamado *Bogotá velho* – foi transferido para seu sucessor, chamado Sagipa ou *Bogotá segundo*,⁵⁶² de quem os intrusos demandaram os tesouros que supostamente havia herdado e cuja localização devia conhecer. As narrações coincidem em que Sagipa prometeu encher uma casa ou *bohío* de ouro e esmeraldas, e que perante a dilação em cumprir sua “promessa” foi julgado e achado culpado. Como resultado, morreria na prisão ou por causa dos tormentos recebidos, dependendo da versão.⁵⁶³ Conforme a informação oral de Juan del Junco e Gómez del Corral, a riqueza de Sagipa era enorme:

[Sus] tesoros e riqueza eran sin comparación, pues que estando en poder de los cristianos, les prometió un buhío lleno de oro que, segund estos capitanes [Junco e del Corral] dicen e otros que se hallaron presentes quando lo dijo, era el buhío o cámara que se halló para este prometimiento, de más de veinte y cinco pies de luengo y otros tantos de ancho...⁵⁶⁴

⁵⁵⁸ Manuel Lucena Salmoral considera que Quesada estava à procura duma mítica região conhecida como Meta. Entretanto, não encontramos suficiente evidência a este respeito.

⁵⁵⁹ “Relación del Nuevo Reyno”, p. 98.

⁵⁶⁰ *Ibid.*, p. Tovar, 101.

⁵⁶¹ “Gran cuaderno”, p. 119.

⁵⁶² Por vezes também é chamado Bogotá, por exemplo, Junco e Del Corral apud Oviedo, *Historia general*, op. cit., p. 94-95.

⁵⁶³ Na “Relación del Nuevo Reyno” lemos que morreu em prisão, porque era muito fraco. A “Relação de Santa Marta” afirma que faleceu por causa das torturas sofridas.

⁵⁶⁴ FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Historia general*, op. cit., T. III, p. 94-95.

Note-se a notável semelhança daquele episódio com a prisão, julgamento e morte de Atahualpa tratada no capítulo 2, embora as *relações* consultadas não assinalem o paralelismo.

No que diz sobre o “gran cacique Tunja”, a “Relação de Santa Marta” também transmite uma ideia de imensa riqueza. Segundo essa fonte, antes da intrusão no seu cercado, os cristãos foram informados que o *senhor* indígena tinha três casas cheias de ouro cujas colunas eram do mesmo material.⁵⁶⁵

No entanto, a fama do Novo Reino de Granada como uma terra sumamente rica transbordava a esfera dos caciques. Na carta de Federmán lemos:

... así como en España se visten e blanquean los edificios y salas de las casas con yeso, o en esta nuestra ciudad de Sancto Domingo, con cal, así aquellos indios envisten e chapán las paredes y techumbre de sus moradas con láminas de oro y las chapas que he dicho, en especial los reyes o caciques y señores principales, e sus templos u oratorios.”⁵⁶⁶

3.6.4.3 As esmeraldas de Somondoco

De acordo com o “Gran cuaderno”, as primeiras esmeraldas que obtiveram Quesada e seus homens foram um presente da primeira comunidade muísca que os recebeu de forma pacífica, num vale que denominaram San Gregorio.⁵⁶⁷ De maneira parecida, na *relação* de Lebrija e San Martín refere-se que as primeiras esmeraldas foram achadas nas vilas que percorreram antes de chegar ao cercado de Bogotá, nos começos de 1537.⁵⁶⁸ Segundo a “Relação de Santa Marta”, um pouco mais adiante passaram a outro povoado chamado Chía, onde tomaram “cantidad desmeraldas [sic] y muchas mantas de la tierra y otras muchas cosas”.⁵⁶⁹ Também no “Gran cuaderno” enuncia-se que conforme avançavam pela “provincia de Bogotá”, e antes de qualquer enfrentamento armado com os indígenas, estes obsequiavam aos espanhóis mantas, mantimentos, ouro e esmeraldas.⁵⁷⁰

As relações assinalam que depois de várias peripécias dos ibéricos,⁵⁷¹ e percebendo a alta estima que esses depositavam nas esmeraldas, os indígenas sujeitos ao Bogotá lhes falaram

⁵⁶⁵ “Relación de Santa Marta”, p. 174.

⁵⁶⁶ FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Historia general*, op. cit., T. III, p. 52. E mais adiante: “es la más rica tierra de oro y piedras esmeraldas que hay en lo descubierto, tanto por tanto, aunque es chico rincón”, p. 51.

⁵⁶⁷ “Y en fin se hizo la paz y quedaron amigos [com uma das aldeias muíscas], y dieron mantenimientos [sic] y ropas de muchas mantas de algodón, e asemismo [sic] algunas piedras esmeraldas finas, y unas mejores que otras”. “Gran cuaderno”, p. 108.

⁵⁶⁸ “...por todos los pueblos que avíamos pasado se había visto muestra de algún oro e piedras esmeraldas”. Ibid., p. 97

⁵⁶⁹ “Relación de Santa Marta”, p. 172.

⁵⁷⁰ “Gran cuaderno”, p. 109.

⁵⁷¹ A saber, a irrupção no cercado de Bogotá, que encontraram vazio de pessoas e tesouros; os primeiros enfrentamentos armados com a gente do Bogotá; e uma expedição de reconhecimento à terra dos panches.

de umas minas onde as encontrariam, com o intuito de afastá-los de suas comarcas. Assim, o *real*⁵⁷² deslocou-se em direção nordeste à procura das gemas, até um vale nos territórios do cacique Somondoco, ainda da etnia muísca, mas já dentro da “província de Tunja”.⁵⁷³ Ali, Quesada mandou uma comitiva comandada por um de seus capitães para o reconhecimento das jazidas localizadas nas imediações, cuja descrição aparece em todas as *relações* consultadas. Ressaltam elementos como a “serra” ou montanha onde se encontravam as esmeraldas, seu aspecto e os métodos de extração autóctones.⁵⁷⁴ Todavia, nessa primeira aproximação à mina de Somondoco, Quesada e sua hoste não conseguiram obter muitas pedras.⁵⁷⁵ Meses mais tarde, o próprio *licenciado* resolveu ir a inspecionar pessoalmente as jazidas, para “dar más verdadera Relacion a vuestra magestad”, em palavras de seus capitães.⁵⁷⁶

Na lógica comparativa constitutiva do universo colonial hispânico, percebe-se um sentimento de prestígio ligado às esmeraldas neogranadinas, as quais vinham a acrescentar honra e glória à Coroa, à *nação* espanhola, e ao Novo Reino por cima de outros “reinos” das Índias de Castela. Esse aspecto foi enfatizado no “Epítome”:

Y esta es una de las causas porque el dicho Nuevo Reino se debe de tener en más que otras cosas que hayan acaecido en Indias, porque en él se descubrió lo que ningún príncipe cristiano ni infiel sabemos que tenga, que es que se descubrieron, aunque mucho tiempo lo quisieron tener los indios muy secretos las minas de donde las dichas esmeraldas se sacan, que *no sabemos ahora de otras en el mundo...*⁵⁷⁷

De acordo com a mesma fonte, o achado de esmeraldas do Novo Reino não tinha comparação: “Pero en lo de las esmeraldas fue esto del nuevo reino mayor no solo que las que se hallaron em el peru em la conquista del peru [sic.] mas que em este artículo se a oydo jamas desde la creación del mundo...”.⁵⁷⁸ No capítulo 6 examinaremos com mais detalhe as representações das pedras verdes nas primeiras corônicas gerais de Índias. Por enquanto, destaquemos que elas têm sua origem nas *relações* da invasão.

⁵⁷² Termo empregado à época para referir-se ao acampamento principal das expedições invasoras.

⁵⁷³ De acordo com o “Gran cuaderno” o local onde se estabeleceu o *real* era o vale de Turmequé, batizado pelos ibéricos como *de la Trompeta*, “que es el primero valle y tierra de Tunja”. “Gran cuaderno”, p. 114.

⁵⁷⁴ Com exceção da carta de Federmán. A nosso ver, a descrição mais rica em detalhes está no “Gran cuaderno”.

⁵⁷⁵ Os métodos de extração nativos aproveitavam-se das chuvas. Portanto, é cabível que quando o capitão de Quesada visitou as minas, fosse a temporada seca.

⁵⁷⁶ “Relación del Nuevo Reyno”, p. 108.

⁵⁷⁷ “Epítome”, p. 108. Essa apreciação está em consonância com a argumentação da *Probanza* de Quesada que analisamos no capítulo 2. De acordo com o “Epítome”, as esmeraldas do Novo Reino não tinham comparação nas Índias nem em nenhuma outra *nação* conhecida.

⁵⁷⁸ *Ibid.*

3.6.4.4 A pilhagem de ouro e esmeraldas

Até agosto de 1537, o botim coletado não era considerável. As reduzidas quantidades de ouro e esmeraldas recebidas como presente ou pilhadas nas aldeias – incluídas as minas de Somondoco – deixaram aos espanhóis insatisfeitos. Porém, nesse mês, os intrusos tiveram a sorte de deparar-se com os cercados do *senhor* de Tunja e seu vizinho – o cacique de Sogamoso –, onde arrebataram por primeira vez uma grossa quantidade de ouro e gemas.⁵⁷⁹ Cabe anotar que um dos autores das *relações*, Antonio de Lebrija, era também tesoureiro oficial da expedição de Quesada. Ele e San Martín reportaram a soma de 140.000 pesos de “ouro fino”, 30.000 de “ouro baixo” e “algumas pedras” como fruto da pilhagem do Tunja; e quarenta mil pesos de “ouro fino”, bem como algum “ouro baixo e pedras” no povoado do Sogamoso.⁵⁸⁰ Em consequência, a soma total da riqueza consignada pelos dois capitães como resultado da conquista dos muíscas – que incluía as pilhagens do Tunja, Sogamoso e outro pouco de ouro e esmeraldas “que por la tierra se avía avido” –, é a seguinte:

...ciento e noventa e um myll e dosçientos e noventa e quatro pesos de oro fino y de otro oro baxo treynta e siete myll e doçientos e ochenta e ocho pess de otro oro que se llamaba *chafalonia* diez e ocho myll e treçientos e noventa pesos, oviéronse myll e ochocientas e quinze piedras esmeraldas en las que lesa y piedras de muchas calidades unas grandes y otras pequeñas y de muchas suertes.⁵⁸¹

Sabemos que tal valor foi repartido entre os membros do bando quesadista, conforme o procedimento habitual que determinava quantidades diferenciais segundo o posto e o investimento feito por cada pessoa. A maior proporção correspondeu ao *adelantado* Pedro Fernández de Lugo⁵⁸² (10 partes), em segundo lugar Quesada (5 partes) e em terceiro lugar os capitães (2 partes). De acordo com Michael Francis, tratou-se de uma dos maiores pilhagens da expansão ibérica no século XVI, talvez a segunda mais lucrativa depois do Peru.⁵⁸³ Para se ter uma ideia de sua magnitude, o tesouro acumulado por um só dos líderes espanhóis durante os primeiros anos no Novo Reino de Granada foi carregado por trinta cargueiros indígenas.⁵⁸⁴

Contudo, a *percepção* de tais lucros por parte dos capitães de Quesada não foi muito alentadora. Assim, Lebrija e San Martín escreveram que o arrecadado no cercado do Tunja era

⁵⁷⁹ AVELLANEDA. *The conquerors*, op. cit., p. 139. Sobre as diferentes versões relativas ao encontro com o Tunja cf. LUCENA SALMORAL. *El indofeudalismo chibcha*, op. cit.

⁵⁸⁰ “Relación del Nuevo Reyno”, p. 100-101. Sobre as diferentes qualidades do ouro cf. TOVAR., *Relaciones y visitas*, op. cit., T. III, p. 38.

⁵⁸¹ “Relación del Nuevo Reyno”, p. 101.

⁵⁸² Cujá morte ainda se desconhecia.

⁵⁸³ FRANCIS, Michael. *Invading Colombia: Spanish accounts of the Gonzalo de Quesada expedition of conquest*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2007, p. XIV e XVI.

⁵⁸⁴ AVELLANEDA. *The conquerors*, op. cit., p. 139.

“pouco”! Apesar disso, foi suficiente para fazer com que a tropa retornasse à província de Bogotá, dando continuidade à busca do já legendário tesouro.⁵⁸⁵ A “Relação de Santa Marta” também é bastante lacônica em relação à avaliação das pilhagens de Tunja e Sogamoso, as quais – é importante insistir – foram as únicas de considerável volume ao longo da expedição de Quesada. Na mesma linha de argumentação, no “Epítome” afirma-se: “Fue grande la rriqueza [sic] que se tomó en la un província y en la otra [refere-se às províncias de Bogotá e Tunja] pero no tanto como la del Peru con mucho”.⁵⁸⁶

Essas impressões mais moderadas das *relações* dos capitães e do “Epítome” contrastam com a carta de Federmán, caracterizada pela avaliação hiperbólica da riqueza do Novo Reino, com o depoimento de Quesada em Cartagena, com a *probanza* do mesmo autor analisada no capítulo 2 e com as primeiras corônicas gerais relativas ao Novo Reino, particularmente a de Fernández de Oviedo.

⁵⁸⁵ “Lo poco que fue se le tomó [al Tunja] en su aposento...”; “Visto por el teniente [Quesada] y capitanes la grandeza y rriqueza [sic.] de la tierra en que andábamos uvo de volver a Bogotá...”. “Relación del Nuevo Reyno”, p. 100 e 101, respectivamente.

⁵⁸⁶ “Epítome”, p. 108.

CAPÍTULO 4

O FRADE, O CONQUISTA-DOR E OS ÍNDIOS DO NOVO REINO

4.1 Las Casas e a política em relação às Índias

Bartolomé de Las Casas é uma das figuras mais emblemáticas e estudadas do império espanhol no Novo Mundo.⁵⁸⁷ Nasceu em Sevilha por volta de 1484 ou 1485 numa família de mercadores de possível origem conversa. Embora muitas vezes se apresente sua figura como a de um humilde frade que graças a seu talento e personalidade combativa conseguiu ser ouvido pelos monarcas e seus assessores, é importante levar em consideração algumas “condições iniciais” da biografia de Las Casas que permitem questionar essa ideia, sem pretender fazer delas determinantes causais unívocas. Em primeiro lugar, sem pertencer à nobreza, dois de seus tios por linha paterna, chamados Juan e Francisco Peñaloza, faziam parte da Casa Real de Isabel de Castela e Fernando de Aragão, na posição de *continuos reais*.⁵⁸⁸ Em segundo lugar, os dois eram achegados à família de Cristóvão Colombo e participaram dos primórdios da aventura colombina: Juan foi comissionado para ajudar no aprestamento das caravelas para a primeira viagem de Colombo e Francisco acompanhou o *Almirante de la Mar Oceana* como capitão de guerra na segunda travessia atlântica (1493).⁵⁸⁹ O pai do futuro coronista, o

⁵⁸⁷ A bibliografia sobre Las Casas é enorme e abrange um amplo conjunto de temas e perspectivas analíticas. A escrita de sua vida começou com o próprio frade através de suas obras, notadamente a volumosa *Historia de las Indias*. O franciscano Frei Antonio de Remesal (1570-1619) foi o autor da primeira biografia de Las Casas (*Historia de Chiapas*, 1619). Muito mais tarde, no século XIX, apareceram outros estudos biográficos amplos, ao tempo que a figura de Las Casas era reavaliada desde diversas posturas e se imprimiam pela primeira vez várias obras e documentos seus. A biografia mais atualizada realizada por um especialista é HERNÁNDEZ, Bernat. *Bartolomé de las Casas*. Taurus, Colección Españoles Eminentes, 2014. No mundo luso, a figura e legado de Las Casas também tem recebido atenção. Uma interessante abordagem é NETO, José Alves de Freitas. *Bartolomé de las Casas. A narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*. São Paulo: Annablume Editora, 2003. Para um comentário das obras de Las Casas traduzidas ao português cf. GUTIÉRREZ, Jorge Luís. “Aspectos históricos sobre a *Brevíssima relação da destruição das Índias* de frei Bartolomeu de Las Casas na ocasião da recente publicação da tradução para o português dos *Tratados*”. In: *Revista Primus Vitam*, Nos. 1 – 2, 2010, Ano 1, Centro de Ciências e Humanidades – Universidade Mackenzie, p. 1-18. Para duas boas bibliografias online remetemos a: [http://www.cervantesvirtual.com/portales/bartolome de las casas/su obra bibliografia/](http://www.cervantesvirtual.com/portales/bartolome%20de%20las%20casas/su%20obra%20bibliografia/) e <http://www.bibliotecafibgar.org/docs/produccionCientifica/01-BARTOLOME DE LAS CASAS.pdf> (última consulta 15-VI-2016).

⁵⁸⁸ Os *continuos* formavam um corpo de servidores que podiam servir “continuamente” aos reis em todo tipo de funções. Porém, não necessariamente eram nobres.

⁵⁸⁹ Sobre Francisco de Peñalosa, Las Casas escreveu que havia sido “criado de la Reina” e que participou com o velho Alonso de Lugo “en la conquista de los moros” no norte da África. LAS CASAS, Bartolomé de. *Historia de las Indias*, T. I. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1986, p. 362. Daqui em diante citada como *HI*.

mercador Pedro de Las Casas, e seu tio Gabriel Peñaloza também embarcaram nesse périplo. Seu pai adquiriu terras e recebeu um escravo indígena do comandante da expedição que levou de volta à Espanha em 1499 e obsequiou a seu filho, porém teve que renunciar a ele por ordem da rainha Isabel.⁵⁹⁰ A proximidade entre o clã dos Colombo e os Las Casas-Peñalosa foi herdada por Bartolomé, plasmando-se em seus escritos históricos como certa heroicização do “descobridor” da América, cujos diários consultou e copiou frequentemente em sua *Historia de las Indias*.

Las Casas passou sua infância e parte da adolescência em Sevilha, porto interior que se converteria no principal centro comercial e financeiro do Velho Continente ao longo do Seiscentos. Provavelmente estudou no Colégio de San Miguel da Catedral sevilhana, onde o célebre humanista Elio Antonio de Nebrija – avô de um dos capitães de Quesada – lecionou por esses mesmos anos, quando a cidade experimentava uma grande efervescência cultural.⁵⁹¹ Ali aprendeu latim, teve uma introdução à cultura clássica e recebeu as ordens menores que o facultavam para ser catequista. Em 1502, seguindo o exemplo de sua família, o jovem Bartolomé partiu para o Caribe com a armada colonizadora de frei Nicolás de Ovando, o novo governador da Hispaniola. Ele repetiria esse trajeto ultramarino várias vezes mais, além de múltiplos deslocamentos entre várias zonas das Índias, a península ibérica e outros lugares da Europa.

Durante a etapa inicial no Caribe, Las Casas integrou expedições violentas contra os indígenas, tanto na Hispaniola quanto em Cuba, onde foi designado capelão na “pacificação” encabeçada por Sebastián de Ocampo. Recebeu *encomiendas* em ambas as ilhas, ao tempo que exercia a função de doutrinador e presbítero.⁵⁹² Assim, junto com a pregação cristã, o jovem Las Casas tornou-se conquista-dor e *encomendero* por um curto tempo, as duas figuras mais vituperadas por ele nas décadas subsequentes.⁵⁹³ Os anos em que Las Casas residiu na

⁵⁹⁰ NETO. *Bartolomé de las Casas*, op. cit., p. 34. Existe pouca informação sobre sua mãe. Pedro de las Casas e Gabriel Peñaloza receberam *encomiendas* na Hispaniola em 1514. Las Casas admitiu a exploração dos índios por seu pai e tio em *HI*, T. III, capítulo 149.

⁵⁹¹ Nebrija lecionou de 1488 a 1491. Entretanto – e ao contrário do que afirmam alguns especialistas – não existe evidência de Las Casas ter sido seu aluno. BEUCHOT, Mauricio. “Humanismo novohispano: la presencia indirecta de Nebrija en Julián Garcés, Bartolomé de Las Casas y Alonso de la Vera Cruz”. In: *Revista de Filosofía*, Universidad del Zulia, No. 30, 1998, p. 78. Também não existem provas de que ele tenha estudado na Universidade de Salamanca.

⁵⁹² JULIÁN, Amadeo. “La conquista del cacicazgo de Higüey y la fundación de Salvaleón de Higüey”. In: *Clio. Órgano de la Academia Dominicana de la Historia*. No. 182, 2011, p. 11-74.

⁵⁹³ A esse respeito Losada comenta: “No solo tomó parte em las guerras de que habla em su historia, sino que también reconoce que se aprovechó del trabajo de los índios antes de recibir las sagradas órdenes”. LOSADA, Ángel. *Bartolomé de Las Casas a la luz de la moderna crítica histórica*. Madrid: Editorial Tecnos, 1970, p. 55.

Hispaniola foram fatais para a população nativa, chamada *taína* pelos cristãos. De uma relação de convivência mais ou menos pacífica com os invasores em seus cacicados tradicionais, passaram a ser deslocados forçadamente, submetidos a razias escravistas e repartidos em *encomiendas*. Os efeitos demográficos foram catastróficos. Por volta de 1550 os taínos estavam praticamente extintos.⁵⁹⁴

Os escritos de Las Casas contêm muitos exemplos de agressões que ele “viu” contra os habitantes originários de Hispaniola e Cuba. O denominador comum dessas descrições é a crueldade excessiva, que conduz ao virtual desaparecimento de uma abundantíssima população. Assim, em *Historia de las Indias* ele escreveu sobre Hispaniola: “El número de la gente que habitaban en esta isla era sin número, y así lo escribió a los Reyes el Almirante viejo [Colombo]”.⁵⁹⁵ Como veremos, esse paradigma de extrema brutalidade espanhola como explicação do colapso de uma população indígena bem numerosa foi hipostasiado por Las Casas a todas as regiões das Índias, incluído o Novo Reino de Granada. E também foi aduzido retrospectivamente por ele para explicar a crise de consciência que atravessou em 1514, quando decidiu abandonar suas *encomiendas* e dedicar seus esforços a advogar por uma expansão imperial que não aniquilasse as populações nativas.

4.2 Las Casas: representante dos pacifistas na Corte

A chamada “conversão” de Las Casas foi inspirada nas denúncias que os primeiros missionários dominicanos enviados à Hispaniola haviam feito antes dele. A primeira missão dominicana chegou à ilha em 1510, integrada por três sacerdotes (Pedro de Córdoba, Antón de Montesinos e Bernardo de Santo Domingo) e um irmão leigo. Um ano depois, Montesinos pronunciou um sermão que se tornaria ícone das mitologias de defesa dos indígenas e mesmo da gênese dos direitos humanos, recolhido por Las Casas em *Historia de las Indias* e citado inúmeras vezes desde a publicação da obra.⁵⁹⁶ Essa foi a primeira acusação veemente, pública e documentada, contra as ações dos *encomenderos* por parte de um religioso em América. Mas

Vários biógrafos sublinham o bom tratamento que Las Casas deu aos indígenas que tinha encomendados, mas não há provas acerca disso.

⁵⁹⁴ Para o demógrafo Levi-Bacchi o principal fator da hecatombe demográfica dos taínos não foram as crueldades dos espanhóis – que não nega – nem as epidemias, mas sim a profunda desarticulação das estruturas sociais causadas pela implementação da ordem colonial. LIVI-BACCI, Massimo. “The depopulation of Hispanic America after the conquest”. In: *Population and Development Review*, Vol. 32, No. 2, 2006, p. 213.

⁵⁹⁵ Citado por JULIÁN, “La conquista”, op. cit., p. 20.

⁵⁹⁶ Entretanto, Las Casas não escutou o sermão, portanto sua versão deve ser uma reconstrução que segue a pauta de inventar discursos de personagens históricos na historiografia humanista.

não foi a única. A partir daí, os dominicanos do Caribe enviaram outros memoriais ao rei protestando pelo maltrato dos ameríndios, instaurando assim um modelo de apelação que Las Casas adoptou depois. O segundo componente desse modelo – além dos memoriais por escrito – seria o envio de delegados para exercer pressão direta na Corte.⁵⁹⁷

Vale a pena anotar que, desde o Medievo, os dominicanos tinham uma tradição de apostolado missionário-intelectual e, junto com os franciscanos, participaram ativamente na expansão europeia com um papel ambíguo, tanto de justificadores quanto de críticos morais da mesma.⁵⁹⁸ Por exemplo, membros das ordens mendicantes tentaram frear a escravização da população *guanche* originária das ilhas Canárias. Por outra parte, os primeiros missionários dominicanos da Hispaniola haviam sido educados na Universidade de Salamanca, onde estava ocorrendo uma renovação intelectual da ordem, liderada por Francisco de Vitoria e seus discípulos, que integraram a chamada Escola de Salamanca. Eles ofereceram a primeira elaboração filosófica-teológica sistemática da liberdade dos nativos americanos durante as décadas de 1520-1530, atuando como o braço erudito do coletivo pacifista.⁵⁹⁹

Desse modo, quando Las Casas aproximou-se de Pedro de Córdoba e Antón de Montesinos em 1514, e quando ingressou formalmente na Ordem dos Pregadores oito anos depois, usufruiu de umas modalidades de ação já em processo de construção perante os poderosos. Com o aval de Córdoba e a companhia de Montesinos, Las Casas realizou sua primeira estância na Corte durante os anos 1515-1517, tendo audiências privadas com os monarcas e seus achegados: primeiro com o senil Fernando; depois de sua morte, com os dois regentes designados, o cardeal Francisco Jiménez de Cisneros e Adriano de Utrecht, futuro papa Adriano VI; enfim, com Carlos de Gante e seus conselheiros flamencos.⁶⁰⁰ Em 1516, Las

⁵⁹⁷ Para uma interessante análise cf. do ativismo eclesiástico hispânico cf. STAMATOV, Peter. *The origins of global humanitarianism. Religion, empires, and advocacy*. Nueva York: Cambridge University Press, 2013.

⁵⁹⁸ ORIQUE, David Thomas, O.P. “A comparison of the voices of the Spanish Bartolomé de Las Casas and the Portuguese Fernando Oliveira on just war and slavery”. In: *E-Journal of Portuguese History*, Vol. 12, No. 1, June 2014, p. 87-118

⁵⁹⁹ Lembre-se que a família Fernández de Lugo participou na ocupação violenta do arquipélago canário. No caso da Hispaniola, os religiosos que aí estavam antes dos dominicanos pertenciam a várias ordens como os mercedários e os franciscanos. Ao que parece, eles não elevaram denúncias contra as injustiças dos colonos. Porém, houve um protesto isolado por parte de um leigo chamado Cristóbal Rodríguez, conhecido como “la lengua”, que fazia parte do círculo de Colombo. LOSADA. *Bartolomé de las Casas*, op. cit., p. 60.

⁶⁰⁰ Tornado imperador de 1519 a 1556.

Casas foi nomeado “Protetor e defensor dos índios”, um título que lhe permitiria reunir grande quantidade de queixas sobre os desmandos da colonização.⁶⁰¹

Naquela conjuntura Las Casas também inaugurou sua carreira como escritor – para uma audiência privada no começo – de um enorme corpus manuscrito que incluiria cartas, petições, tratados, pareceres, projetos, relatórios e obras maiores.⁶⁰² Com efeito, a escrita e a leitura foram a partir de então duas atividades centrais para clérigo. Destaca-se o *Memorial de remedios para las Indias* (1516),⁶⁰³ a primeira de uma longa série de proposições de “denúncias e remédios”, que anunciavam as duas caras do proselitismo lascasiano: o sistemático assinalamento dos excessos de seus conterrâneos na América, e a propostas para solucionar esses problemas. Não obstante, os mais poderosos partidários dos *encomenderos* na Corte, Juan Rodríguez de Fonseca e Lope de Conchillos, opuseram grande resistência à ação do clérigo pacifista e seus simpatizantes.⁶⁰⁴

Para os propósitos da presente pesquisa resultam de maior importância as denúncias do que os remédios por via da ação e a recomendação. Com respeito a esses últimos, limitamo-nos a indicar algumas linhas gerais.⁶⁰⁵ Nas duas décadas seguintes, Las Casas alargou sua agenda conforme o expansionismo hispânico atingia novas fronteiras. Episódios de relativos êxitos e fracassos sucederam-se com certa regularidade. Assim, entre 1518-1522 orientou seu foco a Cumaná, na parte norte da atual Venezuela – na vizinhança da governação de Santa Marta – onde seu plano de criar uma zona de evangelização livre da intervenção dos colonos malogrou.⁶⁰⁶ Na década de 1530, embarcou rumo ao Peru com uma comitiva de dominicanos, com o intuito de tomar parte na evangelização da terra dos incas. Entretanto, a viagem não se efetivou e ele resolveu radicar-se na região de Nicarágua por dois anos (1535-1536), onde continuou a reprovar a escravização dos aborígenes. Nos quatro anos seguintes viajou pela

⁶⁰¹ Sobre o protetorado dos índios cf. CUNILL, Caroline. “Fray Bartolomé de las Casas y el oficio de defensor de indios en América y en la Corte española.” In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Edição digital: <http://nuevomundo.revues.org/63939>. Última consula 15-VI-2016.

⁶⁰² As obras maiores são a referida *Historia de las Indias* e a *Apologética historia sumaria*. A primeira foi elaborada entre 1527-1559 e publicada postumamente em 1875. A segunda foi escrita em sua maior parte entre 1527 e 1531 na Hispaniola, e impressa de forma integral em 1909. Nenhuma dessas obras aborda o Novo Reino de Granada.

⁶⁰³ Tratava-se de um plano de reforma que propunha a exploração agrícola por lavradores castelhanos e indígenas livres. O texto inscreve-se na corrente de literatura utópica do momento e tem duas versões, de 1516 e 1518. Lembre-se que em 1516 foi publicada a *Utopia* de Thomas More.

⁶⁰⁴ Desenvolveremos esse tema no capítulo 5.

⁶⁰⁵ Para um bom resumo das três etapas do reformismo de Las Casas cf. ADORNO, Rolena. *The polemics of possession in Spanish American narrative*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2007, capítulo 3.

⁶⁰⁶ A principal causa foi o ataque dos nativos, reagindo às agressões dos colonialistas na região; muitos colonos e religiosos morreram no conflito.

Mesoamérica, onde a luta entre pacifistas e *encomenderos* estava em alta, e seu projeto de pregação pacífica em Tuzulutlán (atual Vera Paz, em Chiapas) obteve bons resultados.⁶⁰⁷

4.3 As Leis Novas e uma *relação* bem copiosa

Nos começos de 1540, Las Casas deslocou-se mais uma vez à Espanha, em companhia do sacerdote franciscano Jacobo de Testera,⁶⁰⁸ com o duplo objetivo de recrutar religiosos para seu projeto de colonização pacífica em Tuzulutlán e participar mais diretamente na formulação das políticas indianas. Dessa vez, contava com o aberto respaldo de vários bispos do Novo Mundo e do governador de Guatemala. Em vista da ausência do monarca, que acabava de partir para Gante, Las Casas reativou as incriminações contra os conquista-dores perante o Conselho de Índias. A agitação dos pacifistas alcançou um clímax nessa conjuntura com a presença de seus procuradores em Castela, o aumento de dossiês relativos à crueldade dos colonos e a organização de várias palestras na universidade, onde as “coisas das Índias” começavam a ser examinadas com olho inquisitivo.⁶⁰⁹ Isso acontecia justo depois da invasão ao Novo Reino de Granada e paralelamente a uma cruenta luta entre fações de conquista-dores rivais no Peru.

Portanto, não se deve estranhar que, depois de uma série de fracassos do imperador na política europeia, ao voltar à Castela debilitado moralmente, ele organizasse uma junta extraordinária em Valladolid entre abril e maio de 1542 para discutir a matéria dos nativos americanos.⁶¹⁰ Pela primeira vez, o rei ocupava-se seriamente dos assuntos de Ultramar.

Neste cenário Las Casas leu um extenso relatório de denúncias sobre a “destruição” das Índias, que seria a base da *Brevísima relación* publicada dez anos mais tarde.⁶¹¹ O cosmógrafo

⁶⁰⁷ O final da década de 1530 coincidiu com uma avançada do proselitismo mendicante a favor dos ameríndios e o fortalecimento das redes pacifistas. STAMATOV. *The origins*, op. cit., p. 52-53.

⁶⁰⁸ LOSADA. *Bartolomé de las Casas*, op. cit., p. 184-188.

⁶⁰⁹ O imperador esteve ausente da Castela entre dezembro de 1540 e dezembro de 1541. Não sem certo exagero, porém com um fundo de verdade, Friede comenta que a causa pacifista naqueles anos alcançou “vastas simpatias populares”, com adeptos nas diferentes agrupações sociais. FRIEDE, Juan. “Fray Bartolomé de las Casas, exponente del movimiento indigenista español del siglo XVI”. In: *Zeitschrift für Ethnologie*, Vol. 78, N. 2, 1953, p. 245.

⁶¹⁰ Sobre os integrantes da junta do Conselho de Valladolid e o contexto político cf. ZAVALA, Silvio. “La encomienda indiana”. In: *El Trimestre Económico*, No. 8, 1935, p. 424.

⁶¹¹ Ao que parece, desde sua chegada a Castela Las Casas tinha em mente apresentar a *relação* ao rei: “por la cual ausencia no chico inconveniente siento que se seguirá a todas las Indias, porque se habrá de diferir la relación que digo que a V. M. vengo a hacer y por consiguiente el remedio”. Apud DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “‘Y hasta agora no es poderoso el rey’”. Sobre monarquía y élites de poder en los orígenes de la *Brevísima*”. In: FOLGER, Robert; OSTERREICHER, Wulf (eds). *Talleres de la memoria. Reivindicaciones y autoridad en la*

e coronista oficial Alonso de Santa Cruz deixou a descrição mais completa das sessões da junta e do conteúdo da “relación bien copiosa” lida por Frei Bartolomé na ocasião.⁶¹² Dessa vez, suas denúncias atingiram o conjunto dos territórios indianos espanhóis – inclusive o Novo Reino de Granada – e sua insistência tornou-se mais contundente. Por outra parte, deu seu parecer “acerca de lo que Su Majestad debía de mandar hacer para remediar para adelante que no se hiciesen tantos daños y muertes en los indios, diciendo que los quitasen todos a los cristianos que los tenían por repartimientos y que se pusiesen en cabeza de su Majestad”.⁶¹³ Claramente, o dominicano buscava comover a consciência régia e incentivar a reforma.

Em decorrência do proselitismo de Las Casas e seus aliados, o rei promulgou um grupo de ordenanças conhecidas como as Leis Novas.⁶¹⁴ Dos 54 artigos que as compõem, 23 dizem respeito ao status e trato dos ameríndios, os quais eram reconhecidos como “pessoas livres e vassalos” da Coroa. Dentre as regulações mais importantes estavam a abolição da escravidão ameríndia, a moderação dos tributos, a proibição de estabelecer novas *encomiendas* e a reversão das existentes para a posse da Coroa depois da morte dos titulares vigentes. Existe certo desacordo em torno da ingerência de Las Casas na formulação deste corpus legislativo.⁶¹⁵ Do nosso ponto de vista, mesmo que o frade não fosse o autor direto, sua influência foi decisiva. Os membros do coletivo *encomendero* não duvidaram a esse respeito. Por exemplo, López de Gómara escreveu: “Donde más se alteraron con ellas fue en el Perú, ca [pois] se dio un traslado [copia] a cada pueblo; y en muchos se repicaron campanas de alboroto, y bramaban leyéndolas. Unos se entristecían, temiendo la ejecución; y todos maldecían a fray Bartolomé de Las Casas, que las había procurado”.⁶¹⁶

historiografía indiana de los siglos XVI y XVII. Münster, LIT, 2205, p. 45-75. Domínguez argumenta convincentemente que a primeira versão da *Brevísima* foi redigida entre dezembro de 1540 e dezembro de 1541.

⁶¹² O episódio é tratado em SANTA CRUZ, Alonso de. *Crónica del emperador Carlos V*. Madrid: Imprenta del Patronato de Huérfanos de Intendencia e Intervenciones Militares, 1920, p. 216-222.

⁶¹³ *Ibid.*, p. 220. Sabemos que esse parecer constituiu um memorial de 16 “remédios”, dos quais só se conserva o oitavo, que diz respeito à abolição da *encomienda*. Foi publicado em 1552 junto com outros tratados ou opúsculos de Las Casas.

⁶¹⁴ Foram promulgadas em Barcelona em novembro de 1542 e impressas em julho de 1543 com o título: *Leyes y ordenanças nuevamente hechas por S. M. para la gobernacion de las Indias y buen tratamiento y conservacion de los indios*. Alcalá de Henares: Juan de Brocar, 1543. Para um breve panorama sobre esse conjunto legislativo leis e a participação de Las Casas em sua elaboração, cf. BRENNAN, Marie George. “Las Casas and the New Laws”. In: *Revista de Historia de América*, No. 61/62, 1966, p. 23-41.

⁶¹⁵ Para um bom resumo cf. MARTÍNEZ TORREJÓN, José Miguel. “Informar, conmoer, culpar. Retórica para reyes en la *Brevísima relación* del padre Las Casas”. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Vol. LVII, No. 2, 2009, p. 607-628.

⁶¹⁶ LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia general de las Indias y vida de Hernán Cortés*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979. (1552), p. 220, grifos nossos.

4.4 A última viagem e a gestação da *Brevísima*

Para implementar as ordenanças, foram mandados vários *visitadores* ao Novo Mundo: Blasco Nuñez Vela ao Peru, Francisco Tello de Sandoval à Nova Espanha e Miguel Díaz de Armendáriz ao Novo Reino de Granada.⁶¹⁷ Os colonos reagiram de forma imediata e violenta. A resposta mais agressiva teve lugar no Peru, onde Núñez Vela, que era o primeiro vice-rei do Peru, foi morto pelo bando de Gonzalo Pizarro. Na Nova Espanha a aplicação das reformas mais controversas foi suspensa enquanto se revisava sua pertinência. No Novo Reino de Granada, onde as *encomiendas* haviam sido repartidas mais recentemente, também houve protestos. Como medida provisória, Díaz de Armendáriz suspendeu a aplicação por dois anos, mas com o tempo a maioria de disposições terminou em letra-morta.⁶¹⁸ Paralelamente, as zonas centrais do império e o Novo Reino de Granada enviaram procuradores à Corte para defender seus privilégios, pressionando para que se reativassem as licenças de novas “conquistas” e se consolidasse a perpetuidade da *encomienda*.⁶¹⁹

Nessa complexa conjuntura, Las Casas recebeu o oferecimento do bispado de Cuzco, um dos mais ricos das Américas. Porém, recusou-o e optou pela modesta sede de Chiapas, seguramente para dar continuidade a seu trabalho missionário na região mesoamericana e supervisionar a aplicação das ordenanças.⁶²⁰ Sabemos que, antes de embarcar em julho de 1544, frei Bartolomé deixou uma versão resumida da *relação* que havia exposto de viva voz na junta organizada dois anos antes. O manuscrito foi endereçado ao príncipe Felipe, novo *Gobernador de los Reinos de España* após o retiro parcial de Carlos V da cena política peninsular.⁶²¹

⁶¹⁷ Já o mencionamos no capítulo 1. Díaz de Armendáriz também devia supervisionar a implantação das Leis Novas nas governações de Santa Marta, Cartagena, Popayán e Rio San Juan.

⁶¹⁸ Para garantir a revogação das ordenanças no Novo Reino de Granada, os *cabildos* das principais cidades enviaram procuradores à Espanha em 1547. Sobre a aplicação das ordenanças nesse território cf. GÓMEZ, Tomás. “Impact et rôle des Leyes nuevas en Nouvelle Grenade (1543-1564)”. In: *Cahiers du monde hispanique et lusobrésilien*, No. 26, 1976, p. 7-18. O coronista frei Pedro de Aguado fez uma avaliação mais positiva da aplicação das Leis Novas. De acordo com ele, o assunto da taxação dos tributos não teve nenhuma alteração, mas melhorou o tratamento aos ameríndios. Cf. BECKER, Jerónimo. *La política española en las Indias (Rectificaciones históricas)*. Madrid: Imprenta de Jaime Ratés Martín, 1920, p. 335.

⁶¹⁹ Para os procuradores de México e Perú respectivamente, cf. ZAVALA. “La encomienda indiana”; SOMEDA, Hidefuji. “Las Casas y el problema de la perpetuidad de la encomienda en el Perú”. In: *Histórica*, Vol. V, No. 2, 1981, p. 263-294. Para o Novo Reino cf. GÓMEZ. “Impact et role”, op. cit.

⁶²⁰ Hoje, San Cristóbal de Las Casas no estado mexicano de Chiapas. A jurisdição territorial do bispado incluía o território de Verapaz. A nomeação teve lugar em março de 1543.

⁶²¹ DOMÍNGUEZ REBOIRAS. “Todavía no es”, op. cit.

Na última experiência de Las Casas no Novo Continente,⁶²² teve de enfrentar a oposição dos colonos e de outros correligionários, que se agravou quando o dominicano tomou a decisão de negar a confissão a qualquer espanhol que utilizasse mão-de-obra indígena. Esta e outras medidas do mesmo teor seriam difundidas pelo frade em um Confessionário, imediatamente proibido pela Coroa.⁶²³

Desiludido, depois de pouco mais de um ano, em 1546 abandonou sua diocese e passou à Nova Espanha por uma curta temporada. Ali, Las Casas desempoeirou o manuscrito da *relação* e provavelmente fez uma tentativa de distribuí-lo – e quiçá até de imprimi-lo – com o pseudônimo de Bartolomé de la Peña. Incluía novas seções com notícias recentes do acontecido no Rio da Prata, na Flórida e, notadamente, a rebelião de Gonzalo Pizarro no Peru contra as Leis Novas, onde sobressai a figura de Sebastián de Belalcázar, que é referido com nome próprio. O extenso título era “Istoria sumaria y relación brevísima y verdadera de lo que vio y escribió el reverendo padre fray Bartolomé de la Peña, de la Orden de Predicadores, de la lamentable y lastimosa destrucción de las Indias, islas y tierra firme del mar del Norte”. Trata-se de um importante documento que ainda está aguardando uma análise criteriosa.⁶²⁴

4.5 A batalha dos escritos e a publicação da *Brevísima*

Frei Bartolomé retornou à Espanha em 1547 e renunciou ao bispado três anos depois.⁶²⁵ Nesse período de transição política em que Felipe foi assumindo o comando do império, Las Casas perdeu parte do ascendente sobre a Corte, mas seu ativismo não deu trégua. O principal episódio dessa etapa foi a controvérsia intelectual entre Las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda em torno da ética da “conquista” e da “natureza” dos ameríndios, que se prolongou por vários anos. Examinêmo-lo brevemente, já que representa o contexto imediato da publicação da *Brevísima*.⁶²⁶

⁶²² Entre julho de 1543 e começos de 1547.

⁶²³ LOSADA. *Bartolomé de las Casas*, op. cit. p. 238.

⁶²⁴ Conservam-se duas cópias manuscritas do século XIX na Espanha, junto com outra versão impressa incluída postumamente por FABIÉ, Antonio María. *Vida y escritos de fray Bartolomé de las Casas, obispo de Chiapa*, Tomo II. Madrid: Imprenta de Miguel Ginesta, 1879, p. 293-407. Para a tentativa de publicação cf. MARTÍNEZ TORREJÓN, José Miguel. “Fray Bartolomé de Las Casas y la ‘Brevísima relación’”. In: LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Madrid: Real Academia Española, 2013, p. 125-209. A versão de Fabié é comentada sumariamente por GUTIÉRREZ. “Aspectos históricos”, op. cit.

⁶²⁵ Desde então, Las Casas foi conhecido para muitos como “bispo de Chiapas”.

⁶²⁶ Existe uma larga bibliografia a esse respeito. Para um bom panorama cf. GUTIÉRREZ, Jorge Luis. “A controvérsia de Valladolid (1550): Aristóteles, os índios e a guerra justa”. In: *Revista USP*, No. 101, 2014, p. 223-235.

Sepúlveda foi um dos principais intelectuais espanhóis do século XVI.⁶²⁷ Natural de Pozoblanco, na serra de Córdoba – a mesma terra de Jiménez de Quesada –, estudou nas universidades de Alcalá e Salamanca, e posteriormente no Colégio de San Clemente em Bolonha. Tratava-se de um estabelecimento espanhol no qual se formaram importantes *letrados* como o gramático Antonio de Nebrija e o próprio Sepúlveda, que desde 1536 ostentou os títulos de *coronista* real e tutor do príncipe Felipe.⁶²⁸ Por outra parte, teve vínculos estreitos com altas personalidades do coletivo *encomendero*, como Luis Hurtado de Mendoza⁶²⁹, Hernán Cortés e possivelmente entrou em contato com López de Gómara e Fernández de Oviedo.⁶³⁰ Vale a pena anotar que entre as obras de Oviedo, Sepúlveda e Gómara se teceria uma densa intertextualidade.⁶³¹

Sepúlveda foi um dos principais ideólogos do belicismo ibérico, tendência que reprovava as ideias de Erasmo de Roterdã e Luis Vives, assim como as de Las Casas e dos missionários pacifistas.⁶³² Com efeito, entre 1543 e 1545 Sepúlveda redigiu um opúsculo em forma de diálogo em latim, no qual defendia a “conquista” como uma guerra justa orientada a acabar com o barbarismo indígena e expandir o reino de Cristo. O título do manuscrito era “*Democrates alter sive de justis belli causis apud indios*” ou “*Tratado de las justas causas de la guerra contra los indios*”.⁶³³ O texto apresenta uma retórica denigrativa dos nativos americanos

⁶²⁷ Para um bom resumo da trajetória de Sepúlveda, CUART MONER, Baltasar. “Juan Ginés de Sepúlveda, cronista del Emperador”. In: *Congreso Internacional "Carlos V y la quiebra del humanismo político en Europa (1530-1558)"* (Madrid, 3-6 de julio de 2000). Madrid: Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2001, p. 341-367. A biografia mais recente e completa de Sepúlveda é MUÑOZ MACHADO, Santiago. *Sepúlveda, cronista del emperador*. Barcelona: Edhasa, 2012.

⁶²⁸ Nebrija foi colegial de San Clemente entre 1465-1470 e Sepúlveda entre 1515-1523. Outro colegial célebre foi o pai de Alonso de Ercilla, autor do poema épico mais bem sucedido nas letras coloniais indianas: *La Araucana*. Cf. mais amplamente FROLDI, Rinaldo. “El Colegio de España y la literatura española”. In: *Actas del séptimo Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas : celebrado en Venecia del 25 al 30 de agosto de 1980*, Roma, Bulzoni, 1982, p. 125-151.

⁶²⁹ Presidente do Conselho de Índias entre 1546 e 1559. Fazia parte do braço granadino do poderoso clã dos Mendoza. Seu pai, o conde de Tendilla, havia sido conselheiro real, e vários de seus irmãos e parentes ocupavam altos cargos da administração colonial na América. Cf. FERRER TÉVAR, Celia. “Los Mendoza, titulares de virreinos en América”. In: *Wad-Al-Hayara. Revista de Estudios de Guadalajara*, No 16, 1989, p. 163-188.

⁶³⁰ Este assunto será tratado no capítulo 5.

⁶³¹ ADORNO. *The polemics*, op. cit. Lamentavelmente, a autora não menciona a figura de Jiménez de Quesada.

⁶³² Lafaye argumenta convincentemente que o Colégio de San Clemente foi uma “fortaleza espiritual espanhola” de tendência chauvinista e fortemente belicista. Os alunos formados nesse centro educativo conheciam-se na época como *albornoques*, em alusão a um dos primeiros reitores da instituição. Sepúlveda foi visitador do Colégio no mesmo tempo em que Gómara era capelão. LAFAYE, Jacques. *Sangrientas fiestas del Renacimiento. La era de Carlos V, Francisco I y Solimán (1500-1557)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

⁶³³ Mais conhecido como “*Democrates secundus*”. Na tese o citaremos como “*Democrates*”.

– comum na época –,⁶³⁴ baseada principalmente na primeira parte do livro de Fernández de Oviedo, *Historia general y natural de las Indias*.⁶³⁵ A parte mais forte do texto, porém, consiste em justificar a submissão dos aborígenes com recurso à teoria da escravidão natural exposta por Aristóteles na *Política*.⁶³⁶ O foco está nos indígenas mexicas, excluindo referências ao Peru e ao Novo Reino de Granada.

Como toda obra, o manuscrito precisava de uma licença real para ser publicado.⁶³⁷ Quando o padre Bartolomé voltou para a Espanha, o “Democrates” já havia sido aprovado pelos censores, mas o Conselho de Índias – muito provavelmente instigado por Las Casas – pediu uma segunda opinião por seu caráter polémico.⁶³⁸ O texto passou a ser examinado pelas universidades de Alcalá e Salamanca, dominada por dominicanos pacifistas, e a maioria dos peritos o rejeitou. O doutor andaluz não ficou satisfeito com a proibição de seu texto e a partir daí começou uma verdadeira batalha de escritos. Ele se dirigiu às altas instâncias eclesiásticas e a seus amigos através da correspondência, conseguindo que uma *Apologia* do “Democrates” se publicasse em Roma em 1550. Isso desencadeou a ira de Las Casas, que fez com que a *Apologia* fosse vetada na Espanha. Sepúlveda reagiu e escreveu um sumário em castelhano do “Democrates”, que começou a circular em manuscrito. Enfim, as notícias sobre a disputa alcançaram as altas autoridades do reino, até que Carlos V convocou Las Casas e Sepúlveda para discutir suas doutrinas em um debate público, na forma de *disputatio* medieval.⁶³⁹ Para tal fim se reuniu uma nova junta em Valladolid que teve duas sessões em 1550 e 1551, composta por vários membros do Conselho de Índias, teólogos da Escola de Salamanca e procuradores dos *encomenderos* do Peru e a Nova Espanha.⁶⁴⁰

⁶³⁴ Cf. por exemplo, LEÓN PORTILLA, Miguel. “El indio vivo visto por los frailes en el siglo XVI”. In: *Estudios de cultura náhuatl*, no. 41, 2010, p. 281-295; PRIEN, Hans-Jürgen. “Imágenes de indígenas en Nueva Granada”. In: *Anuario de Historia de la Iglesia*, Universidad de Navarra, 2008, p. 81-95.

⁶³⁵ Primeira parte, e no *Sumario de la natural historia de las Indias* (1526).

⁶³⁶ PAGDEN, Anthony. *The fall of natural man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

⁶³⁷ REYES GÓMEZ, Fermín de los. “La estructura formal del libro antiguo español”. In: *Paratesto*, 2010. No. 7, p. 9-59.

⁶³⁸ Segundo PAGDEN. *The fall*, op. cit., p. 110. Gutiérrez dá uma versão levemente diferente. GUTIÉRREZ. “A controvérsia de Valladolid”, op. cit., p. 226.

⁶³⁹ Sobre a *disputatio* cf. o interessante artigo de COLOMBI, Beatriz. “La Brevísima relación de la destrucción de las Indias de fray Bartolomé de Las Casas en el eje de las controversias”. In: *Zama*. Instituto de Literatura Hispanoamericana - Universidad de Buenos Aires. Año 5, No. 5, 2013, p. 91-102.

⁶⁴⁰ A primeira sessão ocorreu entre agosto e setembro de 1550 e a segunda, entre abril e maio de 1551. Não devemos confundir a junta de Valladolid de 1550, com a que teve lugar na mesma cidade oito anos antes, ou seja, na antessala da promulgação das Leis Novas. Um dos procuradores da Nova Espanha (Guatemala) era o futuro coronista Bernal Díaz del Castillo. Demetrio Ramos especula sobre a participação de Quesada como ouvinte, mas não oferece evidência documental.

Embora não se conservem os pareceres do júri da junta, os indícios indicam que favoreceram a postura de Las Casas.⁶⁴¹ Mas o resultado da junta não teve repercussão nenhuma na legislação colonial. Desanimado, Las Casas ensaiou uma estratégia diferente. Assim, entre setembro de 1552 e o seguinte janeiro, publicou em Sevilha, sua cidade natal, nove opúsculos ou “tratados”, utilizando paralelamente os serviços de duas casas de impressão.⁶⁴² Tratava-se de um conjunto de obras autônomas, suscetíveis de impressão independente. A ação revela-se ainda mais radical se levarmos em conta que o fez sem providenciar as necessárias licenças reais e que, até esse momento – contava com uns 68 anos –, o frade não tinha publicado *nenhum* de seus múltiplos escritos.⁶⁴³ Dentre os oito opúsculos, incluía-se uma nova versão do documento lido por ele dez anos antes na primeira junta de Valladolid, com alguns acréscimos e ajustes, agora intitulado *Breuíssima relación de la destrucción de las Indias*, que analisaremos mais à frente.⁶⁴⁴ Por enquanto, voltemos às andanças de um dos infaustos protagonistas da *Brevíssima*, o licenciado Jiménez de Quesada.

4.6 A percepção da riqueza de Quesada na Espanha e as acusações

Retomemos o fio narrativo do capítulo anterior no ponto em que Quesada, Federmán e Belalcázar viajaram à Espanha. Sabe-se que os três caudilhos zarparam desde Cartagena em julho de 1539. Quesada e Belalcázar navegaram diretamente, enquanto Federmán fez escala na ilha de Jamaica.⁶⁴⁵ Em novembro desse ano, Quesada apresentou-se perante as autoridades espanholas em Sevilha e entregou o ouro e esmeraldas correspondentes ao quinto real.⁶⁴⁶

Assim que chegou à Península, Quesada teve que enfrentar uma série de acusações na Casa de Contratação e no Conselho de Índias. Numa primeira fase, que abrange desde fins de 1539 e todo o decorrer de 1540, esses pleitos estiveram relacionados principalmente com dois assuntos: a) a apropriação ilegal da parte do botim pertencente ao *adelantado* Lugo, a outros membros da expedição e ao monarca; b) os maus tratos dados a um de seus subordinados

⁶⁴¹ Entretanto, não existe consenso entre os especialistas.

⁶⁴² A de Sebastián Trujillo e a de Juan Cronberguer.

⁶⁴³ Uma boa análise em HERNÁNDEZ. *Bartolomé de las Casas*, op. cit., “Capítulo 4: las publicaciones de la imprenta de Sevilla”.

⁶⁴⁴ O título completo com a grafia da época era *Breuffima relacion de la deftruycion de las Indias: colegida por el Obifpo dō fray Bartolome de Las Cafas o Cafaus, de la orden de Sãcto Domingo. Año 1552*.

⁶⁴⁵ THOMAS, Hugh. *The Golden Age. The Spanish empire of Charles V*. Londres: Penguin Books, 2010, p. 390.

⁶⁴⁶ FRIEDE, Juan. *El adelantado Don Gonzalo Jiménez de Quesada*. Bogotá: Intermedio, 2005, p. 69.

espanhóis.⁶⁴⁷ Os demandantes contavam com a anuência do fiscal do Conselho, o licenciado Juan de Villalobos, que foi célebre por seus enfrentamentos legais com outras figuras notórias da colonização como Cabeza de Vaca, Hernán Cortés e Bernal Díaz del Castillo.⁶⁴⁸

Villalobos acautelou vários oficiais para vigiarem os movimentos e despesas de Quesada,⁶⁴⁹ suspeito de haver trazido ilegalmente à Espanha 150.000 pesos de ouro e muitas esmeraldas sem declarar. Em janeiro de 1540, o fiscal alertava aos oficiais da Casa de Contratação:

Al comendador mayor de León [Francisco de los Cobos⁶⁵⁰] han escripto de Granada, que el licenciado Ximenez, teniente de Santa Marta, que agora vino con el *oro y esmeraldas para S. M.*, se ha loado [rumoreado] en Granada que traía suyos más de 150 mil pesos y creo que registró poco en la Casa [de Contratación] [...] hay sospecha, contra él. Suplico á Vmds. [vuestras mercedes] me escriban la cantidad que registró de *oro y plata y piedras...*⁶⁵¹

Além do citado documento de Villalobos, existem outros indícios da percepção contemporânea acerca da riqueza saqueada por Quesada no território muísca. Ao que parece, o que mais chamou a atenção foram as esmeraldas. Em primeiro lugar, numa carta a Carlos V datada em 1540, compilada pelo bibliófilo Juan Bautista Muñoz, o título que consta na entrada do catálogo é “de Jiménez de Quesada y sus esmeraldas”.⁶⁵² Em segundo lugar, um frade memorialista que conheceu o conquista-dor andaluz escreveu: “puesto que él mismo [Quesada] me dijo a mí en la ciudad de Sevilla aber traydo mucho menos [oro], y que lo más que truxo

⁶⁴⁷ De fato, os pleitos começaram em Cartagena. O primeiro a fazê-lo foi Diego Hernández Gallegos, um dos capitães da expedição de Quesada que voltou com as embarcações pelo rio Magdalena, como indicamos no capítulo 2. Ele interpôs uma demanda contra o *licenciado* por ter sido excluído da repartição do botim. Posteriormente viriam outros pleitos comentados por FRIEDE. *El adelantado*, op. cit.

⁶⁴⁸ Villalobos foi fiscal do Conselho de Índias entre 1530 e 1550. Quando morreu, contava com um *repartimiento* – ou *encomienda* – de índios no Novo Reino de Granada, cuja origem ignoramos. Talvez o recebesse como pagamento de favores por parte de Quesada ou algum outro conquista-dor. Sobre Villalobos cf. MAURA, Juan Francisco. *El gran burlador de América: Alvar Núñez Cabeza de Vaca*. Valencia: Parnaseo, 2008, p. 238-239. Friede refere-se a ele com certo exagero: “el más empecinado y eficaz defensor de los derechos de la Corona que tuvo la administración colonial durante su largo dominio sobre las Américas.” FRIEDE. *El adelantado*, op. cit., p. 70.

⁶⁴⁹ Rumorejava-se que Quesada havia levado do Novo Reino de Granada mais de 150.000 pesos, dos quais só declarou uma parte muito pequena na Casa de Contratação. JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marco. *Juan de Castellanos y su Historia del Nuevo Reino de Granada*. Madrid: Revista Contemporánea, 1889, p. 57.

⁶⁵⁰ Como explicamos mais adiante, conchunhado de Alonso Luis Fernández de Lugo.

⁶⁵¹ Apud JIMÉNEZ DE LA ESPADA. *Juan de Castellanos*, op. cit., p. 57.

⁶⁵² REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA. *Catálogo de la colección de Juan Bautista Muñoz*, T. II. Madrid: Imprenta y Editorial Maestre, 1955, p. 60. No arquivo de Índias se conserva uma “Relación de esmeraldas que trajo de Santa Marta para su Majestad el licenciado Jiménez”. AGI, Patronato, 195, R. 4.

fueron esmeraldas, muchas dellas muy finas, y entre ellas uvo esmeralda que vendió en Francia en veinte y seis mil ducados”.⁶⁵³

Como era de esperar, a existência de gemas verdes neogranadinas começaram a ser conhecidas e cobiçadas pelos membros da Casa dos Áustrias, a qual se caracterizou pela formação de coleções de obras e peças exóticas sem precedentes na Península e na própria Europa.⁶⁵⁴ Rapidamente as esmeraldas passaram a integrar as *regalias* e gabinetes de curiosidade da realeza em diferentes partes da Europa.⁶⁵⁵ Todavia, há indícios de que foram associadas com o Peru, e não necessariamente com um território muito mais difuso: o Novo Reino, o vale dos Alcáceres ou a terra de Bogotá.⁶⁵⁶ Por outra parte, na esfera local americana, as esmeraldas foram um importante motivo de pleitos desde os primórdios da invasão, entre conquista-dores, administradores do império e colonos, a começar pelos irmãos Quesada e seus colegas.⁶⁵⁷

4.7 Novas acusações contra Quesada e a viagem pela Europa

Como resultado, o conquista-dor andaluz recebeu ordem de embargo de seus bens e teve de permanecer na prisão da Casa de Contratação em Sevilha. Contudo, conseguiu evadir temporariamente essa primeira onda de processos por meio do pagamento de fianças e chegou a um convênio com Alonso Luis de Lugo, herdeiro da governação de Santa Marta, mediante o qual este lhe cedia os direitos ao governo da província.⁶⁵⁸ Vários membros do Conselho de Índias respaldaram tal pacto, mas ele foi recusado pelo imperador. Assim, o *adelantado* Lugo “júnior” viu-se levado, um pouco contra sua vontade, a tomar posse do novo governo na América, onde permaneceu entre 1543 e 1544, gerando por sua vez uma torrente de agravos e críticas entre a população nativa e os espanhóis já estabelecidos nos incipientes núcleos

⁶⁵³ Anônimo. *Floreto de anécdotas y noticias diversas que recopiló un fraile dominico residente en Sevilla a mediados del siglo XVI*. Publicalo con prólogo, notas e índices F. J. Sánchez Cantón. Madrid: Memorial Histórico Español, T. XLVIII, 1948, p. 159-160. Cf. o trecho completo nos anexos.

⁶⁵⁴ TORRES MEGIANI, Ana Maria. “Memória e conhecimento do mundo: coleções de objetos, impressos e manuscritos nas livrarias de Portugal e Espanha, séculos XV-XVII”. In: *Anais do Museu Paulista*, Vol. 17, No. 1, 2009, p. 159.

⁶⁵⁵ As *regalias* referem-se a tesouros possuídos e dados como presentes pelas casas reais cf. LANE, Kris. *Colours of paradise. The emerald in an age of gunpowder empires*. Yale University Press, New Haven and London, 2010.

⁶⁵⁶ Esses significantes, ainda móveis, são os que mais aparecem nos documentos consultados. Sobre a “confusão” das esmeraldas neogranadinas e peruanas trataremos no capítulo 6.

⁶⁵⁷ Encontram-se vários exemplos em MAYORGA GARCÍA, Fernando. *Real Audiencia de Santafé en los siglos XVI-XVII. Historia, visitas, quejas y castigos del primer tribunal con sede en la ciudad*. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá, 2013.

⁶⁵⁸ Antes disso, Quesada e Lugo haviam tido um enfrentamento legal que envolvia ouro e esmeraldas.

urbanos.⁶⁵⁹ Deve-se lembrar que Alonso Fernández de Lugo era concunhado de Francisco de los Cobos, comendador de León e um dos homens mais poderosos na Corte, cuja influência serviu-lhe para evadir a justiça em várias ocasiões.⁶⁶⁰

A partir de 1541 começou uma segunda fase na situação penal de Quesada, mais difícil de resolver do que a anterior, quando chegaram as inculpações enviadas por Jerónimo Lebrón de Quiñones contra o licenciado e seu irmão Hernán Pérez.⁶⁶¹ As novas incriminações recolhidas por Lebrón não deixavam lugar a dúvidas a respeito da desumanidade dos comandantes andaluzes, um aspecto sobre o qual as *relações* que analisamos no capítulo anterior guardaram cauteloso silêncio, enquanto enfatizavam o processo legal seguido ao *senhor* muísca.⁶⁶² É mais que provável que os atos de extrema agressão não fossem uma invenção: o procedimento da tortura foi usado frequentemente pelos espanhóis para que os indígenas da elite revelassem a localização de seus tesouros e minas, geralmente antes de serem julgados por suposta heresia ou tirania, tal como aconteceu com o supremo governante inca.⁶⁶³ Ademais, houve muitas denúncias em tal sentido contra os irmãos Quesada. O que é significativo para nós é como essa informação sobre a tortura de “Bogotá” reverberou no coletivo dos pacifistas. Mais à frente analisaremos o uso que fez Bartolomé de las Casas dos documentos remetidos por Lebrón como fonte da *Brevíssima*.

O documento encaminhado por Lebrón serviu de base legal ao fiscal Villalobos para arremeter mais uma vez contra Quesada, apesar do testemunho favorável do seu antigo capitão e amigo Juan de San Martín.⁶⁶⁴ Assim, por meio de uma real cédula datada de fevereiro de 1542, ordenou-se a detenção de Quesada exigindo uma fiança de 15.000 ducados em

⁶⁵⁹ Cf. com mais detalhes: MARTÍN ACOSTA, María Emelina. “Don Alonso Fernández de Lugo, III adelantado de las islas Canarias, conquistador de Santa Marta y San Borondón”. In: MORALES PADRÓN, Francisco (coord.). *XV Coloquio de Historia Canario-Americana*. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 2004, p. 500-512.

⁶⁶⁰ Tal fato foi objetado por Fernández de Oviedo e Las Casas em suas respectivas obras. Cf. OTTE, Enrique. “Los Botti y los Lugo”. In: MORALES PADRÓN, Francisco (coord.). *III Coloquio de Historia Canario-Americana*. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1980, vol. 1, p. 72-73.

⁶⁶¹ “Fragmento de la probanza hecha por Gerónimo Lebrón contra los hermanos Jiménez. 7 de abril de 1541”. In: FRIEDE, Juan. *Gonzalo Jiménez de Quesada a través de documentos históricos*, T. I. Bogotá: Editorial ABC, 1960; idem., *El adelantado*, op. cit., p. 81-82. Sobre Lebrón remetemos ao capítulo 2.

⁶⁶² Especialmente o “Gran cuaderno” e a “Relación del Nuevo Reyno”.

⁶⁶³ Las Casas dá numerosos exemplos de torturas a caciques para que confessassem a localização de seus “tesouros” na *Brevíssima* e em *Historia de las índias*.

⁶⁶⁴ Lembremos que San Martín era o coautor da “Relación del Nuevo Reyno”.

compensação.⁶⁶⁵ Não é demais lembrar que poucos meses depois se reuniria a primeira junta de Valladolid, onde as acusações contra os conquista-dores alcançaram um clímax. A reação de nosso personagem foi ausentar-se dos reinos hispanos pelo espaço de quase quatro anos, durante os quais percorreu outros países europeus como França, Portugal, e possivelmente Itália e os principados germânicos.⁶⁶⁶ Porém, a documentação sobre esse período é escassa e ainda discute-se seu itinerário e duração. Dessa maneira, conseguiu evadir a ordem de captura e aguardar que o clima adverso se apaziguasse um pouco.

Quesada reapareceu na Corte em meados de 1545, disposto a lidar com os pleitos pendentes. Nesse ano, já Las Casas havia partido para a Mesoamérica e o coletivo *encomendero* estava fortalecido. O claro objetivo do licenciado andaluz continuava sendo voltar às terras muíscas, e a Coroa viu nele um potencial aliado devido à sua influência entre os conquista-dores do Novo Reino e a aparente fidelidade com a causa imperial. Apesar das inculpações, sua postura “legalista” não estava sob suspeita.⁶⁶⁷ Assim, depois de negociações que duraram até começos de 1547, graças a seus recursos legais e a seu dinheiro, ele conseguiu comutar numerosas penas pelo pagamento de 100 ducados e a suspensão de seu ofício por um ano; e, pelos tormentos ao cacique Sagipa, sua punição foi maior: uma multa de mais 100 ducados, a suspensão de ofício por sete anos e o desterro por um ano.⁶⁶⁸ Em 1549, seu advogado Juan de Oribe obteve uma redução no prazo do desterro, habilitando-o a viajar ao Novo Reino de Granada, o que se materializaria no ano seguinte, onde permaneceu até sua morte.

⁶⁶⁵ FRIEDE. *El adelantado*, op. cit., p. 82. Jiménez de la Espada cita mais uma cédula de março. Novas inculpações contra os irmãos Quesada em relação aos maus tratos dos indígenas seriam feitas pelo fiscal Villalobos ao Conselho de Índias em 1543.

⁶⁶⁶ Existe certo desacordo entre os biógrafos de Quesada quanto à duração das viagens e o itinerário. A saída dos reinos ibéricos pode ter acontecido entre meados de 1541 (Lucena Salmoral) ou começos de 1542 (Friede). Menos provável parece-nos a hipótese de Ballesteros Gaibrois, que postula uma estada no norte da Itália em outubro de 1540. Em relação ao retorno aos reinos ibéricos, está comprovado que em agosto de 1545 encontrava-se em Granada. Já sobre o percurso, Ballesteros Gaibrois é o mais ousado, indicando que talvez chegasse às proximidades de Viena e inclusive da Hungria. Cf. *ibid.*, p. 82; BALLESTEROS GAIBROIS, Manuel. “Estudio preliminar”. In: JIMÉNEZ DE QUESADA, Gonzalo. *El antijovio*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1952, p. XCV-CVI.

⁶⁶⁷ BONNET VÉLEZ, Diana. “La implantación del orden colonial en el Nuevo Reino de Granada”. In: *Istor. Revista de Historia Internacional*. Ano 10. No. 37, 2009, p. 3-19.

⁶⁶⁸ FRIEDE. *El adelantado*, op. cit., p. 99.

4.8 O primeiro muísca na Europa

Com Quesada e seus homens não passaram unicamente bens de luxo do Novo Reino. O primeiro muísca a atravessar o Atlântico foi um jovem batizado pelos castelhanos como don Gonzalo de Huesca.⁶⁶⁹ Seu tio, o cacique de Guatavita, o havia dado a Quesada como símbolo de amizade quando mal contava com doze anos. O andaluz aproveitou-se dele como criado e intérprete e levou-o à Espanha em 1539.⁶⁷⁰ Gonzalo de Huesca compareceu como testemunha junto ao Conselho de Índias em 1546, para defender Quesada de várias inculpações, sobretudo as referentes à morte do cacique Sagipa. Ignora-se se ele sofreu ameaça ou pressão de Quesada. De qualquer forma, era um comportamento que cabia esperar de um subordinado – indígena ou não – para com seu protetor.

Tal como outros ameríndios de elite aculturados e letrados, don Gonzalo foi considerado um indivíduo potencialmente perigoso pelas autoridades castelhanas. Em marcado contraste com o imaginário de estupidez mental dos indígenas que primaria posteriormente, o visitador Díez de Armendáriz⁶⁷¹ assinalava que havia escutado don Gonzalo de Huesca dizer “cosas de mucho entendimento y agudeza, y tanto, que si no le hubiera visto en el tiempo que en mi casa lo he tenido, que ha sido más de un año, no lo pudiera creer”.⁶⁷² Trata-se de um testemunho precioso sobre as habilidades mentais de um muísca em meados do século XVI.

Não obstante, além de Huesca, acredita-se que pouquíssimos muíscas visitaram o Velho Continente no período colonial.⁶⁷³ Os nativos do Novo Reino tampouco despertaram a curiosidade nas cortes europeias como “espécimes” exóticos ou destros em artes corporais, diferentemente dos tupinambás, os otomíes ou – um pouco mais tarde – os esquimós.

A relação entre Huesca e seus protetores é um índice do trato preferencial – e estratégico – dado pelos conquista-dores aos muíscas de elite que aceitaram incorporar-se

⁶⁶⁹ Cf. GAMBOA, Jorge. *El cacicazgo muisca en los años posteriores a la Conquista: del sihipkua al cacique colonial, 1537-1575*. Bogotá: ICANH, 2010, p. 364, 443, 601-603; FRIEDE. *El adelantado*, op. cit., p. 97.

⁶⁷⁰ Ali permaneceu até 1545. Voltou à América por poucos meses em 1546 – permanecendo em Cartagena – e foi expulso de novo para a Espanha, onde esteve pelo menos até 1547. Nesse ano, uma real cédula autorizava aos oficiais da Casa de Contratação para que “Gonzalo de Huesca, índio” passasse ao Novo Reino. Cf. <https://www.archivesportaleurope.net>. Durante suas viagens o jovem muísca deixou de ser protegido de Quesada e passou a ter novos “amos”.

⁶⁷¹ O próprio encarregado de aplicar as Leis Novas no Novo Reino.

⁶⁷² Citado por GAMBOA. *El cacicazgo muisca*, op. cit., p. 603.

⁶⁷³ Os dois casos mais famosos foram os caciques mestiços, letrados e hispanizados Diego de Torres (cacique de Turmequé) e Alonso de Silva (cacique de Tibasosa), descendentes de conquista-dores por linha paterna e de autoridades muíscas por linha materna. Ambos viajaram à Espanha na segunda metade do século XVI com uma agenda que envolvia interesses pessoais e de suas comunidades. Cf. RAPPAPORT, Joanne. “Buena sangre y hábitos españoles: repensando a Alonso de Silva y Diego de Torres”. In: *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, Vol. 39, No. 1, 2012, p. 19-48.

pacificamente ao império espanhol. Porém, nem tudo foi cordialidade. Na sequência, passamos a examinar a forte reação que as ações violentas de Quesada e seus companheiros geraram no coletivo pacifista, e particularmente a forma como elas se plasmaram na *Brevíssima* de Bartolomé de las Casas.

4.9 Uma relação *brevíssima* com uma pretensão enorme

4.9.1 Características editoriais e textuais da *Brevíssima*

A edição princeps da *Brevíssima*, saída das prensas sevilhanas de Sebastián Trujillo,⁶⁷⁴ constituía um livrinho de 54 fólhos in-oitavo, com letra gótica, capa e iniciais a duas tintas com o escudo de armas dos Áustria. O reduzido tamanho do volume facilitou sua popularização. Conservam-se numerosos exemplares, geralmente encadernados com algum tratado do autor dominicano publicado no mesmo ano.⁶⁷⁵ Constava de um “Argumento”, um prólogo, uma introdução ou exórdio e vinte seções ou capítulos com epígrafes sem numeração.⁶⁷⁶

Ao contrário dos textos de cunho teológico-jurídico e os planos de reforma de Las Casas, a *Brevíssima* possui enxuta densidade teórica. Enquadra-se na família textual de memoriais de denúncia elaborados pelo padre, e está configurada à maneira de um inventário notarial.⁶⁷⁷ Também ostenta as características de um libelo ou panfleto: uma dialética extremamente tensa na qual abundam as figuras da inversão, o paradoxo e o oxímoro, assim como uma visão crepuscular e catastrófica expressa em língua apaixonada. No opúsculo, descreve-se de forma gráfica todo tipo de agressões sofridas pelos indígenas, como amputação de membros, uso de cães como instrumento de guerra, estupros, queima de populações e diversas formas de tortura em voga à época.⁶⁷⁸

A linguagem hiperbólica é outro dos elementos estruturantes do texto, com o frequente uso de superlativos e de adjetivos como infinito, inumerável, muito, ou a expressão “grande

⁶⁷⁴ Trujillo ou Trugillo (1540-ca. 1567), foi “uno de los más notables impresores sevillanos del siglo XVI”. Dentre outros livros, imprimiu quase todas as obras do coronista real Pedro Mexía, possível conhecido de Quesada. Para uma breve resenha desta casa de impressão cf. HAZAÑAZ Y LA RUA, Joaquín. *La imprenta en Sevilla*. Sevilla: Imprenta de la Revista de Tribunales, 1892, p. 112-113.

⁶⁷⁵ MARTÍNEZ-TORREJÓN. “Fray Bartolomé de Las Casas”, op. cit., p. 199. Na edição digitalizada consultada não aparece foliação. Os 54 fólhos corresponderiam a aproximadamente 108 páginas em termos de hoje.

⁶⁷⁶ Para um exame dos paratextos, cf. MARTÍNEZ TORREJÓN. “Retórica para reyes”, op. cit.

⁶⁷⁷ MARTÍNEZ DÍAZ, Nelson. “Estudio preliminar”. LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Barcelona: Ediciones Orbis, 1986.

⁶⁷⁸ COLOMBI. “La *Brevísima relación*”, op. cit. A autora se baseia em Marc Angenot. O oxímoro é uma figura de estilo, na qual duas palavras ou expressões de sentido oposto originam um novo sentido.

quantidade de”.⁶⁷⁹ Por exemplo: “hallaron gran cantidad de gente y despedazaron más de quinientas ánimas, hombres y mujeres y niños”.⁶⁸⁰ O emprego recorrente de sinónimos também dá ao texto um estilo extremista, como na frase: “muchos males, robos, muertes, violencias y vejaciones”.⁶⁸¹

Tal como os outros tratados de 1552, a *Brevíssima* não contou com licença de impressão. Esta situação resulta irônica, já que havia sido justamente esse o motivo que obstruiu a publicação do “Democrates” de Sepúlveda. Por volta de 1552, essa licença era concedida em Sevilha pelo arcebispo da cidade, o inquisidor geral Fernando de Valdés. Esse fato, somado à influência crescente do arcebispo na Corte de Felipe II e sua oposição aos partidários de Carlos V, pode ser tomado como indicador de que responsável último da edição das obras de Las Casas provavelmente fosse o próprio Valdés.⁶⁸² O certo é que nem o Conselho de Índias nem a Inquisição reagiram rapidamente às impressões sem licença, apesar dos veementes protestos de Sepúlveda.⁶⁸³ Contudo, com o aumento da censura sobre qualquer obra ou declaração relativa à legitimidade da presença espanhola em Índias, na segunda metade do século XVI, a obra de Las Casas foi proibida nos reinos ibéricos.⁶⁸⁴

4.9.2 Conteúdo e repercussão da *Brevíssima*

Dentre os opúsculos publicados por Las Casas entre 1552-1553, a *Brevíssima* é o mais conhecido e o que teve um maior impacto, não só durante a vida do frade, mas também ao longo dos séculos seguintes.⁶⁸⁵ De fato, tornou-se a obra do período colonial hispânico mais bem conhecida internacionalmente e um dos títulos-chaves da biblioteca indiana. Mais importante ainda, a apaixonada denúncia de seus compatriotas viria a fornecer um dos insumos fundamentais da chamada “lenda negra” anti-espanhola, principalmente nas sucessivas

⁶⁷⁹ A hipérbole é uma figura de estilo que exagera propositadamente um conceito para definir algo de forma dramática, transmitindo uma ideia aumentada.

⁶⁸⁰ *Brevíssima*, capítulo “Del nuevo reino de Granada”.

⁶⁸¹ *Ibid.*, Introdução.

⁶⁸² Essa é a hipótese de DOMÍNGUEZ REBOIRAS. “Y hasta ahora no es poderoso”, *op. cit.* Na sua recente biografia de Las Casas, Bernat Hernández apoia a mesma hipótese.

⁶⁸³ Com efeito, Sepúlveda se apressou em denunciar o fato num manuscrito intitulado: “Proposiciones temerarias, escandalosas y heréticas que notó el Dr. Sepúlveda en el libro de la Conquista de las indias que fray Bartolomé de Las Casas, obispo que fue de Chiapas, hizo imprimir *sin licencia* en 1552”, grifos nossos.

⁶⁸⁴ A *Brevíssima* não seria impressa novamente em castelhano até 1646. Adorno. *The polemics of possession*, *op. cit.*, p. 78.

⁶⁸⁵ Para as edições, reimpressões e traduções, cf. *ibid.*; MARTÍNEZ TORREJÓN. “Fray Bartolomé de Las Casas”, *op. cit.*

traduções e reedições em outros idiomas por parte das potências rivais.⁶⁸⁶ Dentre elas, a mais impactante foi, sem dúvida, a edição da *Brevíssima* feita pela casa editora de Theodor de Bry e seus filhos, cujas gravuras de cenas de brutalidade espanhola potenciaram ainda mais a força da linguagem verbal e atingiram um amplo público.⁶⁸⁷ Pode-se argumentar que as ilustrações da *Brevíssima* feitas por De Bry converteram-se em ícones visuais do ideário *lascasiano*. Por outro lado, foram as primeiras – e uma das poucas – representações iconográficas dos indígenas muíscas e dos conquista-dores do Novo Reino de Granada que circularam impressas no Velho Continente.



Figura 7. Ilustração da *Brevíssima relação* publicada pela família De Bry em latim, intitulada *Narratio regionum indicorum* (Fráncfort del Meno, 1598). Representa a tortura do cacique Bogotá por parte de Quesada e seus homens.

⁶⁸⁶ Sobre a lenda negra existem diferentes estudos. Remetemos à discussão e bibliografia – embora um pouco desatualizada – de KEEN, Benjamin. “The Black Legend revisited: assumptions and realities”. In: *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 49, No. 4, 1969, p. 703-719. Não conhecemos uma análise específica da lenda negra para o caso neogranadino. Um estudo clássico sobre a lenda negra e o papel de Las Casas é CARBIA, Rómulo. *Historia de la leyenda negra hispano-americana*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2004 (1ª ed. 1943).

⁶⁸⁷ Sobre a família De Bry e a reedição da *Brevíssima* cf. VAN GROESEN, Michiel. *The representations of the overseas world in De Bry collection of voyages (1590-1634)*. Leiden y Boston: Brill, 2008, p. 117-118. Para uma interessante análise das gravuras cf. FREIRE, Deolinda de Jesus. “Theodor de Bry e a narrativa visual da *Brevíssima relación de la destrucción de las Indias*”. In: *Revista USP*. No. 77, 2008, p. 200-215.

A *Brevísima* estava dedicada ao príncipe Felipe e seu objetivo explícito e imediato era sacudir a consciência da monarquia para que cessassem as conquistas, sob a premissa de que o rei estava mal informado em relação ao que ocorria na América, e a mera notícia das injustiças bastaria para dissipá-las.⁶⁸⁸ Entretanto, cabe apontar outro propósito subjacente: responsabilizar a Coroa pelo estado lamentável das Índias e impressionar um público mais vasto por meio da eficácia da obra impressa a respeito da “destruição” que estava tendo lugar, e que se não parasse, levaria à ruína da Espanha.⁶⁸⁹

Las Casas investia-se a si mesmo como testemunha privilegiada dos excessos dos *encomenderos* e conquista-dores. As injustiças e atrocidades vão sendo elencadas, região após região, e em ordem cronológica, ao longo de um período de quarenta anos (1502-1542), que coincidem com o arco temporal da estadia de Las Casas na América até o momento da redação da obra.⁶⁹⁰ A morte da rainha Isabel, ocorrida em 1504, assinala o começo do verdadeiro extermínio da população aborígine: “porque hasta entonces solo en esta isla [Hispaniola] se habían destruido algunas provincias por guerras injustas, pero no del todo”.⁶⁹¹ Desde então, o autor estabelece uma tendência de *incrementum magnitudo*, de acordo com a qual as tiranias e opressões cresciam exponencialmente e se diversificavam conforme avançava a invasão, e os vilões eram a cada vez piores.⁶⁹² É importante termos presente esse recurso retórico para interpretar o conteúdo relativo às terras muíscas.

Em geral, os capítulos são de extensão proporcional e cada um deles versa sobre uma região de colonização, começando pela ilha Espanhola e terminando pelo Novo Reino de Granada, que inclui a governação de Popayán e um epílogo sem solução de continuidade.⁶⁹³ O

⁶⁸⁸ Cf. o “Prólogo” da *Brevísima*, que em realidade é mais uma dedicatória. Las Casas pede ao príncipe Felipe para ser um canal de intermediação com o imperador e o pressiona para agir: “Lo cual visto [...] Vuestra Alteza tenga por bien de com eficacia suplicar e persuadir a Su Majestad [o rei Carlos] que deniegue a quien a las pidiere tan nocivas y detestables empresas [as conquistas]...”.

⁶⁸⁹ Subscrevemos essa tese de Martínez Torrejón e Domínguez Reboiras. Na *Brevísima*, destruição é sinónimo de despopulação.

⁶⁹⁰ A ordem cronológica não é totalmente estrita, mas corresponde *grosso modo* com o arco da expansão castelhana.

⁶⁹¹ *Brevísima*, capítulo “De la isla Española”. O fato da “destruição” sistemática dos indígenas começar a partir do decesso da rainha Isabel deve-se ao “grandíssimo cuidado e admirável zelo” da soberana com “aquelas gentes”. *Ibid.*

⁶⁹² Las Casas estabelece essa “regra” já no primeiro capítulo, e a recalca várias vezes ao longo do texto, reforçando assim sua eficácia retórica.

⁶⁹³ 1. De la isla Española – 2. Los reinos que había en la isla Española – 3. De las dos islas de San Juan y Jamaica – 4. De la isla de Cuba – 5. De la Tierra Firme – 6. De la provincia de Nicaragua – 7. De la Nueva España [general] – 8. De la Nueva España [particular] – 9. De la provincia y reino de Gautimala – 10. De la Nueva España y Pánuco y Jalisco – 11. Del reino de Yucatán – 12. De la provincia de Santa Marta – 13. De la provincia de Cartagena – 14. De la Costa de las Perlas y de Paria y de la isla de la Trinidad – 15. Del río Yuyapari – 16. Del

enredo opõe as ações e padecimentos de dois macro-personagens antagônicos: os indígenas e os espanhóis.⁶⁹⁴ Ecoam em Las Casas diferentes imagens da tradição clássica e judeu-cristã na caracterização de cada grupo. Quanto à representação dos primeiros, chamados de *índios* ou *naturais*, destaca sua idealização, associada ao *topos* do bom selvagem.⁶⁹⁵ Cabe ressaltar que o recurso retórico da comparação entre os indígenas e os habitantes da mítica arcádia ou idade de ouro imaginada por autores gregos e romanos, já havia sido explorada nas crônicas de Colombo e Mártir de Anglería.⁶⁹⁶ Porém, Las Casas dá a esse *topos* a máxima expressão. Para o dominicano não existem traços de maldade nos nativos americanos, e qualquer resposta violenta aos espanhóis é justificada como uma legítima defesa. Na introdução lemos que Deus os criou:

...los más simples, sin maldades ni dobleces, obedientísimas, fidelísimas a sus señores naturales y a los cristianos a quien sirven; más humildes, más pacientes, más pacíficas y quietas, sin rencillas ni bollicios, no rijosos, no querulosos⁶⁹⁷, sin rancores, sin odios, sin desear venganzas, que hay en el mundo. Son así mesmo las gentes más delicadas, flacas y tiernas en complisión⁶⁹⁸ y que menos pueden sufrir trabajos, y que más fácilmente mueren de cualquiera enfermedad; que ni hijos de príncipes y señores entre nosotros, criados en regalos y delicada vida no son más delicados que ellos, aunque sean de los que entre ellos son de linaje de labradores.⁶⁹⁹

Os indígenas também são assemelhados à imagem cristã dos mansos cordeiros, e em alguns momentos de anjos.⁷⁰⁰ Em geral, são mostrados como agentes passivos e em total desvantagem perante os invasores. Outros aspectos que vale a pena considerar é a reiteração da grande abundância de população nativa antes da invasão, assim como a rudimentar cultura material.⁷⁰¹ Destarte, nas páginas da *Brevíssima*, Las Casas configura um índio genérico com pouquíssimas diferenças entre as múltiplas regiões e etnias, que respondeu de forma semelhante aos intrusos, geralmente na ordem da passividade.⁷⁰²

reino de Venezuela – 17. De las provincias de Tierra Firme por la parte que se llama la Florida – 18. Del Río de la Plata – 19. De los grandes reinos y grandes provincias del Perú – 20. Del nuevo reino de Granada. Conservamos a grafia original.

⁶⁹⁴ Deve-se notar que nesse grupo figuram alguns conquista-dores não espanhóis, como os da Venezuela.

⁶⁹⁵ A expressão bom selvagem não é totalmente rigorosa do ponto de vista histórico, porém, descreve corretamente um dos estereótipos dos nativos americanos que começava a aparecer.

⁶⁹⁶ Mencionamos esse aspecto no capítulo 2.

⁶⁹⁷ Belicosos.

⁶⁹⁸ Constituição.

⁶⁹⁹ *Brevíssima*, Introdução.

⁷⁰⁰ “...recibiéronlos los indios como ángeles del cielo”. *Brevíssima*, capítulo “De la costa de las perlas y de Paría y la isla de Trinidad”.

⁷⁰¹ Por exemplo, a maioria dos índios descritos na *Brevíssima* andam desnudos, inclusive os de regiões frias como o Novo Reino de Granada.

⁷⁰² Essa imagem genérica e elementar dos indígenas foi-se tornando mais complexa nas obras maiores de Las Casas, onde expôs uma erudita classificação dos graus de desenvolvimento das diferentes sociedades ameríndias,

No que diz respeito aos europeus, são representados como monstros malvados orientados unicamente pela cobiça e pela ambição, sem remorso nenhum por suas ações. O termo mais usado para descrevê-los é *tiranos*, seja em sentido análogo ao moderno como agente da opressão e crueldade, ou bem aplicado àqueles que exercem um domínio injusto.⁷⁰³ Também são denominados *ladrões* e *salteadores*. A caracterização como diabos ou demônios reserva-se para os piores conquista-dores e os episódios mais extremos. Assim, no capítulo concernente à Venezuela lemos: “Han assolado, destruido y despoblado estos demonios encarnados más de cuatrocientas leguas de tierras felicísimas, y en ellas grandes y admirables provincias”.⁷⁰⁴

Outro aspecto a levar em consideração tem a ver com a elipse do nome próprio dos conquista-dores, que contrasta com o a nominação de vários *senhores* indígenas. Convém lembrar que, no discurso poético, o anonimato tem o valor de afronta. Quiçá a finalidade de Las Casas era excluir esses personagens da fama e glória da história, num momento em que as narrativas do coletivo *encomendero* tentavam fazer justamente o contrário.⁷⁰⁵ Nem mesmo os “grandes” condutores da invasão como Pizarro ou Cortés são referidos pelos sobrenomes. Dessa forma, o frade dominicano constrói a figura dos anti-heróis anônimos do paraíso tornado inferno das Índias castelhanas.⁷⁰⁶

4.9.3 O Novo Reino de Granada na *Brevíssima relación*

Quatro capítulos da *Brevíssima* abordam diferentes províncias do Novo Reino de Granada ampliado, mas só um deles trata da região *stricto sensu*. Os primeiros três correspondem a “De la Tierra Firme”, “De la provincia de Santa Marta” e “De la provincia de Cartagena”. Aqui nos concentraremos no quarto – “Del nuevo reino de Granada” – que, como

focando na Nova Espanha, o Peru e o Caribe. Chama a atenção as escassas referências aos nativos do Novo Reino de Granada em tais obras maiores.

⁷⁰³ A este respeito cf. MARTÍNEZ TORREJÓN, “Retórica para reyes”, op. cit., p. 626; COLOMBI. “La *Brevísima relación*”, op. cit., p. 99. Resulta interessante que a caracterização dos grupos indígenas como tiranias foi usada por vários autores do grupo *encomendero* para deslegitimar o governo aborígene e assim justificar a invasão e evangelização. No Novo Reino de Granada, vários coronistas religiosos dos séculos XVI e XVII aplicaram o tópico da tirania aos muíscas.

⁷⁰⁴ *Brevíssima*, capítulo “Del reino de Venezuela”. Note-se que, neste caso, os tiranos não são espanhóis, senão alemães, cuja heresia protestante é vista como um pecado que se soma aos outros.

⁷⁰⁵ Sobre o anonimato, cf. COLOMBI. “La *Brevísima relación*”, op. cit. p. 99-100.

⁷⁰⁶ Um artigo interessante a esse respeito é HERNÁNDEZ, Bernat. “ ‘Por honrar toda la vida pasada con tan buen fin’. Los cargos de conciencia en la figura del anticonquistador”. In: BARAIBAR, Álvaro et al (eds.). *Hombres de a pie y de a caballo (conquistadores, cronistas, misioneros en la América colonial de los siglos XVI y XVII)*. Nueva York: IDEA/IGAS, 2013, p. 117-131.

já indicamos, é o último do opúsculo.⁷⁰⁷ A exposição está organizada em conformidade com o esquema das outras seções: começa indicando o marco temporal, na sequência vem uma caracterização da terra, dos habitantes, e dos principais tiranos, segue enumerando as crueldades e conclui com uma coda trágica e admonitória. Consideremos cada aspecto separadamente.

4.9.3.1 O marco temporal, a terra e os habitantes

Frei Bartolomé data a invasão do Novo Reino em 1539, tomando como evento de referência a confluência de conquista-dores procedentes de quatro áreas contíguas: Santa Marta, Venezuela, Peru e Cartagena. Como sabemos, o encontro de Quesada, Federmán e Belalcázar na região muísca, procedentes de Santa Marta, Venezuela e Quito-Peru, respectivamente, foi um evento que realmente teve lugar nos primeiros meses do ano assinalado. Porém, a penetração no território pelas tropas *quesadistas* realmente ocorreu em 1537, ou seja, dois anos antes do recorte dado pelo coronista. Além do mais, a inclusão de Cartagena resulta um tanto estranha. Certamente por essa época houve expedições desde o porto caribenho em direção ao sul, mas elas não atingiram o Novo Reino de Granada *stricto sensu*, senão a margem ocidental do atual território colombiano.

Ao datar o evento em 1539 – e não em 1537 – Las Casas rodúz três efeitos de sentido. Em primeiro lugar, diminui a distância temporal do mesmo com relação ao presente narrativo (1542) e lhe confere um sentido de processo ainda aberto, em andamento. Em segundo lugar, intensifica o peso dramático desses curtos três anos, ao contrapô-los às inúmeras obras ruins que neles se realizaram: “De *infinitas* [crueldades] que *en estos tres años* han perpetrado y que agora en este día no cesan de hacer diré algunas...”.⁷⁰⁸ Em terceiro lugar, negligencia a etapa *quesadista* da invasão (1536-1538), a qual foi justamente a mais ressaltada nas *relações* do licenciado e seus capitães, pelas razões já expostas.⁷⁰⁹

O Novo Reino de Granada é descrito de forma convencional. Tal como as demais partes das Índias, sua terra “felicíssima”⁷¹⁰ e “admirável” estava povoada por “infinitas gentes” mansíssimas e boas. Não se percebe nenhum esforço por caracterizar a cultura, a sociedade, a

⁷⁰⁷ Se descontarmos a parte do epílogo. Nos anexos incluímos partes do capítulo “Del nuevo reino de Granada”.

⁷⁰⁸ Grifos nossos. A referência aos três anos repete-se mais adiante no mesmo capítulo: “que en obra de dos años o tres que ha que aquel Reino se descubrió...”.

⁷⁰⁹ Como vimos em outros capítulos, Quesada esforçou-se em demonstrar que em 1539 a “conquista” já estava completa.

⁷¹⁰ O termo denotava frequentemente a abundância e fertilidade de um lugar geográfico.

economia ou a vida material dos muíscas, nem se aplica aos mesmos uma denominação étnica geral.⁷¹¹ A referência aos corpos desnudos dos aborígenes equipara-os com os índios genéricos das Antilhas e resulta incongruente com o clima frio e o uso de roupas de algodão certificado por outras fontes coetâneas.⁷¹²

O território também é apresentado como sumamente rico: era “riquíssim[o] de oro y piedras preciosas, las que se dicen esmeraldas”. A referência ao ouro não representa nada novo na *Brevíssima*. Segundo o narrador, esse metal foi achado pelos espanhóis desde os primórdios da invasão, como bem o aponta no capítulo sobre a Hispaniola.⁷¹³ Entretanto, as esmeraldas são, sim, um elemento de fortuna diferencial, que não havia sido mencionada pelo autor até esse ponto no texto em questão. No total há seis repetições do significante esmeralda ou seu equivalente “pedras” ao longo do capítulo, o que resulta congruente tanto com a informação transmitida pelas *relações*, quanto com o impacto que a remessa de esmeraldas neogranadinas teve na Península na década de 1540.

4.9.3.2 O pior do pior: os tiranos do Novo Reino

Por ser a conquista mais recentemente ocorrida, ao final dos quarenta anos de progressivas tiranias, cabe ao Novo Reino de Granada o destaque negativo enquanto cenário das piores crueldades e dos mais abomináveis conquista-dores: “por eso han sido tales y tantas sus endemoniadas obras y las circunstancias y calidades que las afean y agravian, que han excedido a muy muchas y aun a todas, las que los otros y ellos en las otras provincias han hecho y cometido”.⁷¹⁴

Dos tiranos anônimos que aparecem nesta seção sobressai Jiménez de Quesada, que podemos identificar pela seguinte caracterização: “el tirano que llegó primero a estas tierras era natural del reino que acá está de Granada”.⁷¹⁵ Não obstante, Las Casas confunde, ou unifica, as identidades dos irmãos Gonzalo Jiménez e Hernán Pérez de Quesada, aos que se se refere indistintamente como o “tirano capitán principal” ou simplesmente “capitán”.

⁷¹¹ Aliás, esse é um denominador comum da *Brevíssima*

⁷¹² Com efeito, Las Casas escreve que um grupo de indígenas do Novo Reino estava “desnudos y sin armas”.

⁷¹³ “Y todos los ríos que vienen de la una sierra que está al poniente [...] son riquísimos de oro”. *Brevíssima*, capítulo “De los reinos que había en la isla Española”. Conforme avançava a expansão os cristãos acharam outros depósitos de ouro, principalmente nos “reinos” da Terra Firme, Venezuela, Santa Marta e o Peru.

⁷¹⁴ *Brevíssima*, capítulo “Del nuevo reino de Granada”.

⁷¹⁵ Ibid. Assim, Las Casas tomava partido pela hipótese de que Quesada era natural da cidade de Granada, um tema que tem dividido as opiniões dos historiadores a partir de então. Como já vimos, a outra possibilidade é que fosse de Córdoba.

Por causa do conteúdo do documento que serve como sustento à narração, que era justamente um depoimento contra os irmãos Quesada, não há no capítulo 20 menções específicas a Nicolás de Federmán nem a Sebastián de Belalcázar. Isso não quer dizer que o padre desconhecesse as atuações desses dois indivíduos. Com relação ao primeiro, podem-se encontrar alusões no capítulo 16, que versa sobre as perfídias dos alemães no “reino de Venezuela”.⁷¹⁶ No que se refere a Belalcázar,⁷¹⁷ é um dos dois conquista-dores cujo nome é revelado na *Brevíssima*⁷¹⁸, no capítulo relativo ao Peru, se bem que na forma de discurso reportado do frade missionário Marcos de Niza⁷¹⁹: “Asimesmo quemaron [os espanhóis] en Quito a Cozopanga, gobernador que era de todas las provincias de Quito, el cual, por ciertos requerimientos que le hizo *Sebastián de Benalcázar*, capitán del gobernador, vino de paz, y porque no dio tanto oro como le pedían, lo quemaron con otros muchos caciques y principales”.⁷²⁰

Alguns indícios documentais complementares à *Brevíssima* permitem inferir que, entre 1542 e 1544, o frade dominicano esteve atento à trajetória dos conquista-dores do Novo Reino, sobre cujo perigo alertou a casa real. Assim, em 1542 – ano da primeira junta de Valladolid e do rascunho da *Brevíssima* – advertia Carlos V com sua peculiar eloquência sobre esse novo foco da expansão ibérica:

Y porque los cristianos que están en el Nuevo Reino de Granada, que *agora ha poco que se descubrió*, han hecho y hoy hacen señaladas y espantosas crueldades y matanzas en aquellos inocentes indios, vasallos de Vuestra Majestad, justa cosa es que Vuestra Majestad ninguna piedad con ellos [los españoles] use en dejalles un solo maravedí de cuanto han robado y roban, sino que todo se lo tome absolutamente, y solamente Vuestra Majestad les deje las vidas, mandándolos desterrar a todos perpetuamente de todas las Indias...⁷²¹

⁷¹⁶ No entanto, diferentemente de Martínez Torrejón, acreditamos que o tirano principal desse capítulo não seja Federmán, mas sim seu chefe Alfinger ou Ehinger, reputado em diversas corônicas como um dos conquista-dores mais sanguinários da história da América. Com efeito, Las Casas escreve que esse “tirano infernal” era o “governador”, posição que confere com Alfinger, que ostentava tal posição, enquanto Federmán unicamente chegou a ser tenente de governador, tal como Quesada.

⁷¹⁷ Chamado Benalcázar por Las Casas.

⁷¹⁸ E previamente, na “Istoria sumaria y relación brevísima y verdadera” de Bartolomé de la Peña, como já assinalado. O outro é o conquista-dor Juan García, “estando enfermo y propinco a la muerte”, no capítulo relativo ao reino de Iucatã.

⁷¹⁹ (c. 1495-1558). Frade franciscano natural de Nice. Teve importante participação nos primórdios da evangelização dos indígenas da Nova Espanha, o Peru e a região de Arizona.

⁷²⁰ Frei Marcos de Niza citado por Las Casas, *Brevíssima*, capítulo “De los grandes reinos y grandes provincias del Perú”, grifos nossos. A figura de Belalcázar aparece com realce negativo na carta do conquistador anônimo e na “Historia sumaria y relación brevísima”. Tanto a carta (paratexto da *Brevíssima*) quanto a *Istoria sumaria* carecem de um estudo particular.

⁷²¹ Carta de Las Casas a Carlos V, citada em ARIZA, Alberto. *Fray Bartolomé de las Casas y el Nuevo Reino de Granada: V centenario del nacimiento del Protector de los americanos*. Bogotá: Editorial Kelly, 1974, p. 105-106, grifos nossos.

Um ano depois, o sacerdote andaluz, juntamente com seu colega da causa pacifista e fiel ajudante frei Rodrigo de Ladrada, insistiam sobre a catástrofe do Novo Reino, agora com a imputação individualizada dos responsáveis da ruína. Nessa oportunidade, ao invés de Federmán, falecido em fevereiro de 1542, reluzia a figura de Alonso Luis de Lugo, além de Belalcázar e dos irmãos Quesada.⁷²²

Tras ellos hay otro verdugo cruel, dignísimo de todo fuego; sus crueldades nunca se pensaron por juicio de hombres, y este es [Sebastián de] Benalcázar, inventor de nuevas maneras de atormentar y afligir y destruir y matar infinitas naciones por robarlas y cautivarlas [...]

Luego se sigue el Adelantado de las Canarias [Alonso Luis de Lugo], que lleva también capitulación, y va de prisa al Nuevo Reino de Granada a acabar de extirpar y robar el rebusco que quedara de las infelices gentes que en él vivían y moraban, que han abrasado⁷²³ y yermado⁷²⁴ aquellos más infelices tiranos, el Licenciado [Gonzalo] Ximénez [de Quesada] y su cruel hermano Hernán Pérez con su infernal compañía [...].⁷²⁵

Logo a seguir, Las Casas e Ladrada sublinhavam a necessidade de expulsar Fernández de Lugo do Novo Reino, aonde chegara para assumir o governo local em maio de 1543: “Este Adelantado debe Vuestra Majestad con brevedad grandísima echar luego de aquella tierra, como echaría de Castilla el fuego que cayese del cielo, que toda la quemase y abrasase, porque es muy nocivo y cruel y perdido hombre”.⁷²⁶

A atenção que Las Casas deu aos invasores do Novo Reino durante vários anos foi possibilitada pelo afluxo de informação manuscrita remetida por missionários pacifistas. Sabe-se que Las Casas intercedeu na designação do pessoal eclesiástico enviado à região, e que mantinha correspondência com uma parte dele.⁷²⁷ Não é demais indicar que, em meados do século XVI, um setor do clero neogranadino esteve em conflito com os conquista-dores e os denunciou perante as instâncias reais.⁷²⁸ Essas redes eclesiástico-pacifistas são fundamentais para compreendermos a gestão documental de Las Casas e a amplitude de sua denúncia.

⁷²² *Obras escogidas*, T. V, Madrid, 1958. Citado em *ibid.*, p. 104-105. Note-se a ausência de Federmán e o aparecimento de Fernández de Lugo como insigne tirano.

⁷²³ Queimado.

⁷²⁴ Arrasar, deixar ermo.

⁷²⁵ Memorial de Fr. Bartolomé de Las Casas y Fr. Rodrigo de Ladrada, 1543, vol. V p. 199. Citado em *ibid.*, p. 1055-106. A atenção e invectivas sobre Fernández de Lugo repetiram-se com brio incrementado no ano seguinte: “Uno de los más crueles tiranos, y más irracional y bestial hombre, de poco seso y peor conciencia que la de Barbarroja, es Don Alonso [Luis] de Lugo”. A caracterização de Alonso Luis de Lugo como o maior vilão é um lugar comum nas corônicas posteriores.

⁷²⁶ *Ibid.*

⁷²⁷ FRIEDE. “Fray Bartolomé de las Casas”, *op. cit.*

⁷²⁸ *Idem.* “Los franciscanos en el Nuevo Reino de Granada y el movimiento indigenista del siglo XVI”. In: *Bulletin Hispanique*. T. 60, No. 1, 1958, p. 5-29.

4.9.3.3 O martírio dos indígenas do Novo Reino

Várias injustiças são imputadas ao “tirano capital” que, como afirmamos, corresponde a uma amálgama dos irmãos Quesada. Notadamente, a prisão, tormento e morte do cacique Bogotá. Essa *persona* também é responsável por delegar em seus caudilhos – os “tiranos particulares” – outras ações reprováveis.⁷²⁹ Tal como acontece com os irmãos Quesada, o narrador funde as identidades do cacique Bogotá propriamente dito, chamado em outras fontes “o Velho”, com seu sucessor Sagipa, que foi quem realmente suportou a tortura.⁷³⁰

Dessa maneira, o frade dominicano fornece a primeira narração da morte do “señor e rei de todo aquel reino”.⁷³¹ Sua versão de Bogotá como o principal governante do Novo Reino condiz com as *relações* dos conquista-dores já analisadas, mas exclui toda referência ao cacique Tunja, o outro grande chefe muísca assinalado pelas fontes contemporâneas.⁷³² Ainda que curta, a narração desse episódio inclui detalhes concernentes ao tormento do Bogotá deliberadamente omitidos pelas supracitadas *relações*, reinterpretando-o como um assassinato injusto e contrário à ordem divina, e somando-o assim na mente do leitor à longa lista de injustiças perpetradas contra chefes indígenas nos capítulos precedentes da *Brevíssima*.

Luis Fernando Restrepo argumenta que a morte de Sagipa e outros caciques muíscas constitui “um lugar de memória” incômodo e problemático na tradição historiográfica e literária colombiana, reforçado pelas impactantes gravuras de De Bry.⁷³³ A narração desses eventos por parte de Las Casas foi a primeira a circular publicamente. Ela teve ressonâncias durante todo o período colonial e ainda na etapa republicana, como se pode

⁷²⁹ A historiografia posterior discutiu muito a imputação de responsabilidade sobre essa morte, com posições a favor e contra o *licenciado*. É provável que a “confusão” das identidades dos irmãos Quesada fosse deliberada, já que num documento escrito por Las Casas em 1543 junto com frei Rodrigo de Ladrada se refere separadamente a Hernán e Gonzalo. No caso do tormento e morte de Bogotá, a narração atribui a ação diretamente a Quesada. No caso de outras atrocidades, Quesada é o responsável de enviar a outros capitães contra os indígenas.

⁷³⁰ No caso dos caciques, os próprios documentos de base referem-se a Bogotá e não a Sagipa.

⁷³¹ Também o chama “señor universal”.

⁷³² Além de Bogotá, o único cacique muísca identificado pelo nome próprio é o “gran señor que se llamaba Daitama”. Sem dúvida, trata-se de Duitama.

⁷³³ RESTREPO, Luis Fernando. *El Estado impostor. Apropiaciones literarias y culturales de la memoria de los muíscas y la América indígena*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2013, capítulo 2. O texto do especialista em estudos culturais Restrepo realiza contribuições do ponto de vista da memória cultural sobre os muíscas. No entanto, a densidade teórica amiúde coloca em um segundo plano o passado histórico, ou os textos analisados, e tende a vitimizar aos muíscas. Por outro lado, não menciona as contribuições da Nova História da Conquista.

apreciar na obra do historiador patriótico Joaquín Acosta, publicada em 1848 em Paris.⁷³⁴ Por sua vez, nos relatos dos homicídios de caciques muíscas posteriores ao de Las Casas, percebem-se traços semelhantes ao confinamento, julgamento e morte de Atahualpa.⁷³⁵ Tratar-se-ia de um caso de influência de um contexto narrativo-historiográfico – o peruano – sobre outro – o neogranadino.

Las Casas narra mais onze quadros de crueldade extrema no capítulo consagrado ao Novo Reino, sempre aduzindo o suporte documental dos depoimentos contra os Quesada. Esse número de injustiças para um único espaço de colonização só é ultrapassado, na *Brevíssima*, pelo documento de frei Marcos de Niza, copiado *verbatim* no capítulo sobre o Peru. Merece destaque pela carga trágica o nono quadro, que diz respeito à matança de muitos indígenas que se haviam refugiado em um grande penhasco, primeiro por meio da espada e depois jogando os sobreviventes desde as alturas: “Y por consumir del todo su gran crueldad rebuscaron todos los indios que se habían escondido entre las matas y mandó que a todos les diesen de estocadas, y así los mataron y echaron de las peñas abajo”.⁷³⁶ O perpetrador de tal felonía era um espanhol pior ainda que os Quesada que – segundo Las Casas – levava muitos anos nas Índias antes de passar ao Novo Reino.⁷³⁷ Porém, neste ponto da narrativa, qualquer distinção entre conquista-dores individuais parece desvanecer-se num *continuum* de horror. Do nosso ponto de vista, aí se atinge o clímax dramático ou trágico do capítulo analisado.

4.9.3.4 A coda e a governação de Popayán

Depois da enumeração de atrocidades do capítulo 20, o autor faz uma avaliação sobre o estado de “destruição” do Novo Reino e uma advertência premonitória sobre a próxima extinção dos indígenas da zona, caso o príncipe Felipe não tomasse medidas oportunas:

...han sido tantas y tales y tan grandes las crueldades y muertes que se han hecho y se hacen hoy en el dicho Nuevo Reino de Granada por sus personas los capitanes y consentido hacer a todos aquellos tiranos y destruidores del género humano que con él estaban, que tienen toda la tierra assolada y perdida, y

⁷³⁴ Referimo-nos ao *Compendio histórico del descubrimiento y colonización de la Nueva Granada* (1848). Seria interessante pesquisar mais amplamente os lugares de memória de Las Casas na tradição cultural colombiana.

⁷³⁵ Como assinalamos no capítulo 3.

⁷³⁶ *Brevíssima*, capítulo “Del nuevo reino de Granada”. Outros coronistas locais posteriores identificaram o lugar e o responsável.

⁷³⁷ Las Casas informa que ele havia passado pela Guatemala. Entretanto, dentro da companhia de Quesada não conseguimos identificar tal personagem. Ao que parece, mais uma vez, Las Casas “funde” em um personagem só várias individualidades. Por exemplo, a sexta crueldade pode ser atribuída a B. Maldonado e a nona a Juan de Céspedes.

que si Su Majestad con tiempo no lo manda remediar [...] que se acabará en poco de tiempo que no haya indios ningunos para sustentar la tierra, y quedará toda yerma y despoblada.⁷³⁸

Ainda dentro do capítulo, a narração dedica alguns parágrafos às províncias de Popayán e Cali, “que confinan con las partes del dicho Nuevo Reino de Granada”, e tal como esse último, foram assoladas e “destruídas” por tiranos procedentes de regiões adjacentes (Cartagena, Quito, Urabá e rio San Juan), previamente treinados na prática de ferocidades.

O panorama é desolador: “Y por muchas partes hallaban ciento y docientas leguas y trecientas, todas despobladas, quemadas y destruidas grandes poblaciones”. Embora não se indiquem os anos, sabemos que essa invasão teve lugar no final da década de 1530 e, portanto, a constante de *incrementum magnitudo* também lhe é aplicada.⁷³⁹ O autor escolhe um só exemplo de injustiças perpetrada por um *encomendero*, e remata o capítulo com uma contundente crítica contra a *encomienda* em chave apocalíptica e inquisitorial: “Considérese agora, por Dios, por los que esto leyeren qué obra es esta y si excede a toda crueldad e injusticia que pueda ser pensada; y si les cuadra bien a los tales cristianos llamallos diablos, y si sería más encomendar los indios a los diablos del infierno que es encomendarlos a los cristianos de las Indias”.⁷⁴⁰

4.9.4 As fontes da *Brevíssima* e a circulação de informação sobre o Novo Reino

A *Brevíssima* é um texto que reclama para si um estatuto de verdade incontestada, separando-se – pelo menos no plano intencional – do universo da ficção. Embora não fosse concebida como uma “história” no sentido que o termo tinha naquela época, ao que parece foi lida como tal.⁷⁴¹

Las Casas utiliza distintos argumentos e aduz “provas” para legitimar a veracidade do relato. O recurso mais recorrente é sua própria experiência nas Índias. Porém, ao tratar de regiões em que nunca pisou, como o Novo Reino de Granada, refere frequentemente o que outros lhe contaram oralmente, do mesmo modo que documentos escritos como cartas, relatórios ou depoimentos orais.

⁷³⁸ Ibid.

⁷³⁹ Ibid. “Y porque sea verdadera la regla que al principio dije, que siempre fue creciendo la tiranía y violencias e injusticias de los españoles contra aquellas ovejas mansas en crueza, inhumanidad y maldad, lo que agora en las dichas provincias se hace...”.

⁷⁴⁰ Ibid. Depois dessa subdivisão vem o exórdio da *Brevíssima*. A carta do conquistador anónimo é um aprofundamento e ampliação das atrocidades da província de Popayán.

⁷⁴¹ A esse respeito concordamos com MARTÍNEZ TORREJÓN. “Retórica para reyes”, op. cit., p. 140.

No capítulo discutido, Las Casas aponta como documento de apoio uma *probanza* feita contra Quesada, “de muchos testigos, sobre los estragos y desafueros y matanzas que ha hecho y hace [o *licenciado*], la cual se leyó y está en el Consejo de las Indias”.⁷⁴² O artífice do documento era um “governador” que, segundo o frade, também chegou a roubar e matar, mas foi repellido pelos conquista-dores estabelecidos na região. Hoje sabemos que se tratava de Jerónimo Lebrón, quem efetivamente organizou uma *probanza* com diversas declarações contra os irmãos Quesada, a qual foi localizada e transcrita parcialmente pelo historiador Juan Friede.⁷⁴³

Além de repetir as imputações de fraude contra os irmãos Quesada, Lebrón adicionou outras denúncias que resultam de grande interesse para nosso exercício de arqueologia da presença muísca no espaço metropolitano e na biblioteca indiana. Com efeito, ele acusou-os de dar cruel tormento aos caciques “Bogotá o velho” e Sagipa, e de infligir outras brutalidades aos índios do Novo Reino.⁷⁴⁴ Os declarantes eram conquista-dores desconformes com o regime dos Quesada, cujos depoimentos são muito eloquentes e gráficos. Por exemplo, um dos interrogados assegurou que depois de ter mantido preso o cacique Bogotá por seis ou sete meses, e visto que ele não cumpria a promessa de abarrotar uma choça de ouro, Quesada o submeteu a várias torturas. A primeira delas era conhecida como o “tormento do trato” – ou *tracto de cuerda* – e consistia em amarrar as mãos da pessoa atrás das costas, suspender seu corpo e deixá-lo cair bruscamente, sem permitir que tocasse no chão; a segunda tortura foi verter gordura ardente no ventre; e a terceira, aplicar fogo nos pés enquanto o imobilizavam violentamente.⁷⁴⁵

Ao cotejar esses e outros fragmentos da *probanza* transcritos por Friede com o texto do capítulo 20 da *Brevíssima*, comprova-se a grande correspondência tanto da informação quanto

⁷⁴² *Brevíssima*, capítulo “Del nuevo reino de Granada”.

⁷⁴³ “Fragmento de la probanza”, op. cit. A fonte se encontra no Arquivo Geral das Índias em Sevilha. De acordo com Friede, Las Casas também utilizou – mas não citou – as seguintes fontes guardadas no Arquivo Geral de Índias no capítulo sobre o Novo Reino: uma *probanza* feita por Pedro Sotelo sobre a morte do cacique Saxagipa [Sagipa] (a qual é referida e comentada por GAMBOA. *El cacicazgo*, op. cit., p. 249); uma *probanza* sobre a morte do cacique Duitama – que Friede não conseguiu localizar – e o pleito do conquistador Lázaro Fonte contra Quesada. FRIEDE. “Fray Bartolomé de las Casas”, op. cit., p. 253. O fato de os personagens imputados na *Brevísima* serem anônimos dificulta em alguns casos seu reconhecimento.

⁷⁴⁴ Outra acusação, também presente desde a primeira fase dos litígios, refere-se a haver obrigado os seus subordinados a entregar grandes somas de dinheiro para custear sua viagem para a Espanha.

⁷⁴⁵ Uma das testemunhas citadas na *probanza* concorda com as *relações* do primeiro período em relação à qualidade do Bogotá como “el mayor cacique que había en aquella tierra”. Entretanto, como era habitual, confunde o Bogotá velho com Sagipa. No mesmo depoimento lemos que por ordem de Quesada foi enforcado um capitão nativo do cacique Bogotá.

do “tom” da linguagem empregada. Contudo, nesse caso, Las Casas não copiou *verbatim* os documentos, diferentemente do que ocorre com outros registros textuais usados por ele na mesma obra, como as cartas do bispo de Santa Marta ou de frei Marcos de Niza, que aparecem nos capítulos 12 e 19, respectivamente.⁷⁴⁶ Ao narrar o tormento e morte do cacique Bogotá, Las Casas seleciona trechos dos depoimentos – por vezes contraditórios –, simplifica-os e, sobretudo, imprime sua própria interpretação. Por exemplo, ao encerrar o relato do curto episódio, escreve: “Y estando atormentándolo [al cacique], mostró Dios señal de que detestaba aquellas crueldades en quemarse todo el pueblo donde las perpetraban”.⁷⁴⁷ Assim, a ira divina estaria se manifestando contra as ações dos conquista-dores.

Deve-se levar em consideração que, pela natureza de seu ativismo e por sua posição privilegiada na Corte, Las Casas estava bastante familiarizado com a ampla documentação emanada das diferentes instâncias da administração e da vida colonial. Menção especial merecem os inúmeros expedientes de juízos de residência e acusações que chegavam ao Conselho de Índias contra governantes, oficiais, conquista-dores e colonos, aos quais ele tinha livre acesso.⁷⁴⁸ Os documentos elaborados por frades missionários também foram fundamentais para frei Bartolomé, como já anotado. Uma vertente de pesquisa que deixamos aberta é até que ponto os episódios descritos na *Brevíssima* correspondiam com a realidade, excediam-na ou, talvez, eram ultrapassados por ela.

⁷⁴⁶ Nesses casos, Las Casas copia os textos explicitamente e usa o recurso textual das aspas. Friede também identificou e transcreveu parcialmente a carta do bispo de Santa Marta, o que permite comprovar a grande fiabilidade do texto citado na *Brevíssima*. Sobre esse documento cf. FRIEDE. “Fray Bartolomé de las Casas”, op. cit. p. 249.

⁷⁴⁷ *Brevíssima*, capítulo “Del nuevo reino de Granada”.

⁷⁴⁸ FRIEDE. “Fray Bartolomé de las Casas”, op. cit.

CAPÍTULO 5

FERNÁNDEZ DE OVIEDO E O NOVO REINO POR ESCRITO

5.1 Oviedo: de cortesão a funcionário imperial

Da mesma forma que seu contendor Las Casas, Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés (1478-1557) foi um personagem de dois mundos, que teve papéis de considerável relevo na primeira fase de expansão indiana.⁷⁴⁹ Era natural de Madri, de uma família procedente de Astúrias e vinculada à Casa Real. Ele cruzou o Atlântico onze vezes e permaneceu quase o mesmo tempo na Europa e na América. Oviedo trabalhou com três gerações de monarcas espanhóis, desde os reis católicos até Felipe II, e esteve imbuído das maneiras, aspirações e ideologia da elite europeia de começos do século XVI.

Com efeito, Oviedo esteve vinculado à Corte desde criança. Aos doze anos, começou a trabalhar na Casa real de Fernando de Aragão, primeiro como criado do sobrinho do rei, depois como *mozo de cámara* do malogrado príncipe Don Juan, único herdeiro ao trono, que morreria abruptamente em 1497. Durante aqueles anos na Corte, ele presenciou a unificação das coroas de Castela e Aragão e acompanhou de perto e de dentro os primórdios da aventura ultramarina, estando presente, por exemplo, no retorno triunfal de Colombo em 1493 depois da primeira travessia oceânica.

Com a morte do príncipe Juan, Oviedo passou à Itália por três anos, destino de ambiciosos jovens ibéricos da época, e antessala da passagem às Índias para muitos deles.⁷⁵⁰ Ali levou uma vida itinerante vinculado a algumas das casas reais mais florescentes da península, como as do Duque de Milão e dos Borgia. Os biógrafos coincidem na apreciação de que esse período teve uma importância formativa na cultura do futuro coronista. Oviedo

⁷⁴⁹ A literatura sobre Oviedo é ampla e diversa. Da mesma forma que Las Casas, ele estava muito preocupado pelo cultivo de sua imagem pública, e várias partes de sua obra servem para esclarecer aspectos de sua biografia e visão de mundo. De especial interesse são algumas seções da *Historia general y natural de las Indias*. Um criterioso estudo sobre a atividade historiográfica de Oviedo, com boa informação sobre sua vida e contexto intelectual é MYERS, Kathleen Ann. *Fernández de Oviedo's chronicle of America. A new history for a new world*. Austin: University of Texas Press, 2007. Para estudos mais específicos, remetemos à bibliografia citada nesse livro e a outros trabalhos que citaremos ao longo desse capítulo. No mundo luso, Oviedo tem sido objeto de numerosos artigos, comunicações de eventos científicos, teses e dissertações. Entretanto, não conhecemos uma abordagem geral do coronista publicada em língua portuguesa. Ao longo desse capítulo citaremos a *Historia general y natural* como HGN, diferenciando as três partes como I, II e III.

⁷⁵⁰ Da mesma forma que vários conquista-dores como Pizarro, Cortés e possivelmente Quesada.

percorreu grande parte da bota itálica e conheceu Leonardo da Vinci, o poeta napolitano Jacobo Sannazaro, bem como outros artistas e escritores humanistas. Em Milão entrou em contato com o servidor e diplomata da República veneziana Giovanni Battista Ramusio (1485-1557), que posteriormente o auxiliaria na tradução e publicação de suas obras na Itália. Ramusio destacou-se como editor independente de literatura de viagens, especialmente com os três volumes in-folio da coletânea *Delle navigationi et viaggi* (1500-1559), uma obra muito bem recebida pelos contemporâneos.⁷⁵¹ As letras e a cultura italiana clássica e renascentista influenciariam profundamente a concepção da história e o pensamento de Oviedo, embora seus alicerces continuassem sendo medievais.⁷⁵² Na península itálica, também comprou muitos livros que levou às Índias, como lembraria anos depois:

Notando lo que veía y encomendando a la memoria y a la pluma todo aquello que yo quería que no se me olvidase, discurrí por toda Italia donde me di todo lo que puede a saber e leer e entender la lengua toscana, y buscando libros en ella de los quales oy tengo algunos que ha de más de cincuenta y cinco años que están en mi compañía, deseando por su medio no perder de todo punto mi tiempo.⁷⁵³

Em 1502 Oviedo voltou para Espanha e permaneceu por mais 11 anos vinculado ao estamento burocrático, sem alcançar uma posição estável na Corte. Depois de participar nos preparativos da abortada campanha de Nápoles sob o comando de seu homônimo Gonzalo Fernández de Córdoba e sofrer perdas financeiras, Oviedo olhou para o novo continente, sem dúvida como uma forma de melhorar sua fortuna. Assim, partiu rumo ao Darién em 1514, dentro da expedição encabeçada por Pedrarias Dávila, que era a mais onerosa e massiva que se havia organizado para as Índias, concebida como um projeto colonial de longo prazo.⁷⁵⁴ Pedrarias havia sido nomeado governador e capitão geral de *Castilla del Oro*, com as ordens de

⁷⁵¹ Os primeiros textos de interesse geográfico de Ramusio são os três volumes de *Libri dele Indie occidentali* (1543). Eles continham a tradução italiana dos trabalhos de Pedro Mártir d'Anglería (livro 1), o *Sumario* de Fernández de Oviedo (livro 2) e um texto sobre a invasão ao Peru (livro 3). A relação entre Oviedo e Ramusio foi além do meramente intelectual. Em 1538 os dois assinaram um contrato para a venda de couro e açúcar da América. Entretanto, desconhece-se o resultado da iniciativa. Oviedo também lhe providenciou desenhos de espécies naturais americanas que Ramusio adaptaria em *Navigazioni*. Sobre Ramusio e sua obra cf. VAN GROESEN, Michiel. *The representations of the overseas world in De Bry collection of voyages (1590-1634)*. Leiden y Boston: Brill, 2000, p. 37-41.

⁷⁵² CARRILLO, Jesús. "From Mt Ventoux to Mt Masaya: the rise and fall of subjectivity in early modern travel narrative". In: ELSNER, Jás; RUBIÉS, Joan-Pau (ed.). *Voyages and visions. Towards a cultural history of travel*. Londres: Reaktion Books, 1999, p. 61.

⁷⁵³ FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Quinquágenas*, quinquágena III, estancia XXIII, Biblioteca Nacional de España, ms. 2219, fol. 247v. Citado por CARRILLO, Jesús. "Cultura cortesana e imperio: el *Libro del blasón*, de Gonzalo Fernández de Oviedo". In: *Locus Amoenus*, No. 4, 1998-1999, p. 146.

⁷⁵⁴ Sobre a expedição de Pedrarias e seus antecedentes cf. ARAM, Bethany. *Leyenda negra y leyendas doradas en la conquista de América. Pedrarias y Balboa*. Madrid: Marcial Pons, 2008, p. 61-85. A esquadra estava integrada por 19 navios e umas 1.250 pessoas, incluindo mulheres e crianças ibéricas. A região do Darién tornar-se-ia de importância central para a colonização da América do Sul.

realizar um juízo de residência contra o líder *de facto* da colônia, Vasco Núñez de Balboa, e de assegurar para a Coroa o domínio sobre uma área geográfica muito promissória por sua riqueza aurífera, que posteriormente passaria a fazer parte do território da Colômbia.⁷⁵⁵ Graças a seus contatos, Gonzalo Fernández de Oviedo conseguiu reunir todos os cargos de supervisão da mineração de Terra Firme e foi encarregado de marcar a ferro os indígenas escravizados.⁷⁵⁶ Apesar de prosperar economicamente na recente povoação de Santa María de la Antigua del Darién, suas ambições também cresceram, começando uma prolongada “guerra política” de litígios e petições em oposição a Pedrarias Dávila, o que o levaria à Espanha em várias ocasiões à procura do governo da colônia e outras prebendas.⁷⁵⁷

A primeira de tais viagens teve lugar entre maio de 1515 e abril de 1520. Ali, Oviedo repetiu o familiar protocolo de buscar audiências com o monarca e congratular-se com seus conselheiros para realizar seus planos. Na esfera da Corte, Oviedo teve um encontro público com Bartolomé de Las Casas, que começava a promover sua campanha anti-colonialista e já havia ganhado para sua causa o regente, cardeal Cisneros.⁷⁵⁸ Oviedo pertencia à facção do bispo Juan Rodríguez de Fonseca, fervente opositor do frade dominicano.⁷⁵⁹ A partir daí começaria uma amarga inimizade entre Oviedo e o “protetor dos índios” com desdobramentos nas obras históricas de cada um deles, e ecoado na historiografia vindoura. Efetivamente, eles representavam projetos antagônicos de colonização e legitimação da expansão imperial.

Nas suas quatro últimas décadas de vida, Oviedo passou por outras comarcas centro-americanas e consolidou sua carreira administrativa indiana. Desde 1532 estabeleceu-se na ilha Hispaniola, com a destacada posição de *alcaide* da Fortaleza de Santo Domingo e envolveu-se a cada vez mais no cultivo das letras.⁷⁶⁰ Na primeira metade do século XVI, a opulenta Santo Domingo ainda era o principal porto de entrada e saída para todos passageiros de Índias, justo

⁷⁵⁵ Precisamente por essa época a Coroa rebatizou com o topônimo *Castilla del Oro* a anteriormente chamada *Tierra Firme*.

⁷⁵⁶ Oviedo recebia um *tomín* de ouro por cada indígena ferrado.

⁷⁵⁷ A expressão “guerra política” é de Myers.

⁷⁵⁸ Tal como Las Casas, Oviedo presenciou o traspasso do trono de Fernando de Aragão para seu neto Carlos, e também se reuniu com os regentes Cisneros e Adriano de Utrecht, com muito menos sucesso que o frade. Cf. FABREGAT BARRIOS, Santiago. “Estudio preliminar”. In: FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Libro de la Cámara Real del Príncipe Don Juan, oficios de su casa y servicio ordinario*. Valencia: Publicacions de la Universitat de València, 2006, p. 19.

⁷⁵⁹ Esse tema será abordado no capítulo 6.

⁷⁶⁰ Os *alcaldes* eram os máximos chefes militares de um *alcácer*, fortaleza ou castelo.

antes de entrar em um período de declínio. Em suas obras, Oviedo referiu-se à cidade adotiva como “pátria” e tratou hiperbolicamente a riqueza da Hispaniola.⁷⁶¹

Tanto o cargo de *alcaide* da Fortaleza de Santo Domingo, quanto os anteriores empregos de Oviedo, lhe permitiram conhecer pessoalmente vários dos principais conquistadores da época, dentre eles: os filhos de Colombo, Juan Ponce de León, Bernal Díaz del Castillo, os irmãos Pizarro, Hernando de Soto, Diego de Almagro e *last but not least*, Gonzalo Jiménez de Quesada.⁷⁶² A trajetória de Oviedo na América demonstra sua profunda ligação com os interesses da exploração colonialista. Como oficial real, tornou-se uma figura de relevo na extração mineira do Darién; beneficiou-se da escravidão indígena quando esta instituição ainda era permitida;⁷⁶³ lucrou o comércio colonial como empresário privado e foi titular de *encomiendas* em Tierra Firme, como Las Casas nas ilhas.⁷⁶⁴ Não parece estranho que ao longo da sua vida fosse um enérgico defensor do sistema da *encomienda* e que esse ponto de vista aparecesse refletido em seus escritos históricos, que frequentemente foram considerados a quintessência da postura belicista.

5.2 Oviedo, escritor e historiador do Novo Mundo

Paralelamente à sua carreira como burocrata-colonizador, desde os 26 anos Oviedo começou uma prolongada atuação como escritor vinculado à Coroa, com incursões em diferentes gêneros literários.⁷⁶⁵ Em 1505, depois de seu retorno da Itália, ele recebeu o primeiro requerimento como coronista: a confecção de um tratado que recolhesse todas as notícias concernentes aos reis espanhóis. Da mesma forma que outras obras de Oviedo, a fase de elaboração desse trabalho duraria vários anos e o produto textual permaneceria inédito até a atualidade.⁷⁶⁶

⁷⁶¹ “...lo que en la isla Española sobra podría hacer ricas a muchas provincias y reinos”, FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Sumario de la natural historia de las Indias*. México: FCE, 1979, p. 85. Oviedo também compara positivamente Santo Domingo com as maiores cidades da Espanha, p. 88-89.

⁷⁶² Tomamos esta lista parcial de MYERS. *Fernández de Oviedo*, op. cit., p. 1. Curiosamente, a autora não menciona a relação entre Quesada e Oviedo.

⁷⁶³ Além da já referida “marcação” com ferro, Oviedo traficou com escravos indígenas durante sua permanência na colônia de Nicarágua. FABREGAT. “Estudio preliminar”, op. cit., p. 23.

⁷⁶⁴ Oviedo recebeu uma *encomienda* que depois perderia. Também peticionou *repartimientos* na década de 1530. MYERS. *Fernández de Oviedo*, op. cit., p. 56, 113-114.

⁷⁶⁵ Entretanto, consideramos errôneo considerar sua carreira literária como um mero apêndice de seus postos como oficial da Coroa, ou como uma simples resposta a solicitações oficiais.

⁷⁶⁶ “Catálogo real de Castilla y de todos los reinos de las Españas”. A elaboração de vários projetos textuais de Oviedo – incluída a *História general* – duraria anos e inclusive décadas. Unicamente três das onze obras maiores

A primeira obra publicada por Oviedo foi o romance de cavalaria *Don Claribalte* (1519).⁷⁶⁷ Sete anos depois, durante uma nova estada na Espanha, veio à luz em letra impressa sua segunda obra, com o título *De la natural hystoria de las Indias*, conhecida mormente como o *Sumario de la natural historia de las Indias* ou simplesmente *Sumário* (1526).⁷⁶⁸ Esse opúsculo, dedicado ao imperador Carlos e escrito sob encomenda dele, é o primeiro texto do autor relativo à América. Vários capítulos fornecem dados etnográficos dos habitantes das ilhas do Caribe e a parte de Terra Firme que Oviedo conhecia – incluindo o Darién e excluindo a Nova Espanha⁷⁶⁹ –, mas sua maior riqueza informativa radica na “história natural”, com numerosas descrições da flora e fauna da parte conhecida do Novo Mundo, que seriam aproveitadas e complementadas no seguinte empreendimento historiográfico.⁷⁷⁰ Convém ressaltar que nesse livro Oviedo ainda não abordou o relativo ao processo de invasão e colonização ibérica, designados posteriormente como “historia general”. O texto gozou de popularidade imediata, sendo reeditado e traduzido repetidamente desde então, em especial na Península itálica.⁷⁷¹ Já no século XVI tornou-se uma das obras-chave da biblioteca indiana.

No *Sumário*, Oviedo explicita uma concepção da verdade histórica sustentada na observação direta dos fatos narrados e na informação de testemunhas oculares. Ele também deixa saber aos leitores que estava avançando na elaboração de um copioso “tratado” sobre as Índias – separadamente e mais extenso do que o *Sumario* – e que aguardava pela licença de impressão.⁷⁷² Outrossim, comenta que para tal fim se encontrava reunindo documentação “por información de muchos testigos de vista, como hombre que ha deseado inquirir y saber lo cierto”.⁷⁷³ Dessa maneira, podemos datar nessa época seu projeto de escrever uma extensa

elaboradas por Oviedo foram publicadas. Para uma bibliografia comentada de sua obra cf. FABREGAT. “Estudio preliminar”, op. cit., p. 27-42.

⁷⁶⁷ *Libro del muy esforçado e invencible caballero de la fortuna propiamente llamado don Claribalte*, publicado em Valencia. Reeditado em 2001 (Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2001). Estava dedicado a Fernando de Aragão, duque de Calábria (ver figura 8). Seguramente Oviedo perseguia o sucesso literário desde a publicação desse romance. O decênio de 1510 corresponde ao auge das histórias de cavalaria na Espanha. Lembre-se que em 1508 publicou-se o *Amadís de Gaula*.

⁷⁶⁸ Toledo: Remón de Petras, 1526; com numerosas reedições.

⁷⁶⁹ “...no quiero aquí decir ni hablar de la Nueva España, puesto que es parte de Tierra-Firme, porque aquello Hernando Cortés lo ha escrito”. Ibid., p. 109.

⁷⁷⁰ No *Sumario* e na *Historia general* se descrevem mais de 250 animais e plantas americanas. BARRERA OSORIO, Antonio. *Experiencing nature. The Spanish American empire and the early scientific revolution*. Austin: University of Texas Press, 2006, p. 85, 104.

⁷⁷¹ Pietro Bembo utilizou-se dela na *Della historia vinitiana* (1552) e seu amigo Ramusio publicou-o na já mencionada coletânea *Delle navigationi et viaggi*.

⁷⁷² “Eso todo y lo demás se hallará copiosamente en mi *Tratado o General historia de Indias*, quando vuestra majestad fuere servido que salga a luz”, *Sumario*, op. cit., p. 109.

⁷⁷³ Ibid., p. 109.

história das Índias de Castela. Ainda que desentranhar as motivações subjetivas por trás dessa iniciativa seja um exercício arriscado, concordamos com os autores que sublinham a posição privilegiada de Oviedo – dadas sua formação humanística, seu caráter de áulico da Corte imperial e seu avantajado posto no Novo Mundo – para tentar se tornar “o historiador” da América e assim alcançar a fama e a honra que por outros meios lhe estavam sendo esquivas. Entretanto, consideramos que além desse interesse também deveu existir uma genuína inclinação de Oviedo para o cultivo da historiografia e a descrição da natureza. Só assim se entende que ele tenha mantido esse projeto por quase 30 anos e financiado pessoalmente a onerosa impressão de suas duas obras históricas, sem falar na escrupulosidade com que confeccionou e redigiu esses trabalhos.⁷⁷⁴



Figura 8. Gravura do prólogo do *Claribalte*, que representa a Oviedo oferecendo o livro a Fernando de Aragão, duque de Calábria.

O ano da publicação do *Sumário* de Oviedo coincidiu com a morte do humanista italiano Pedro Mártir de Anglería (1457-1526). Tal como Oviedo, Anglería esteve vinculado à Corte espanhola com diferentes funções, passando por capelão da rainha, *contino* real e

⁷⁷⁴ Sobre o financiamento da primeira parte da *HGN* cf. MYERS. *Fernández de Oviedo*, op. cit, p. 20; CARRILLO, Jesús. “The *Historia general y natural de las Indias* by Gonzalo Fernández de Oviedo”. In: *Huntington Library Quarterly*, Vol. 65, Nos. 3-4, p. 341. Na “Epístola dedicatória” da *HGN I*, Oviedo afirma que lhe custou muito tempo e dinheiro.

enviado diplomático, dentre outros.⁷⁷⁵ Também formou parte da Junta que precedeu a formação do Conselho de Índias, e foi conselheiro desse organismo nos dois últimos anos de vida. Em 1520 foi nomeado Cronista Real de Castilla,⁷⁷⁶ mas antes disso vinha publicando suas famosas “décadas” sobre o Novo Mundo, escritas em latim, que apareceram escalonadamente entre 1511 e 1530 com o título *De Orbe Novo decades*.⁷⁷⁷ Junto com o *Sumário* de Oviedo, estas seriam as duas primeiras histórias gerais sobre a América, nas diferentes acepções que a palavra *história* tinha na época.⁷⁷⁸

Seguramente Oviedo estava ciente do êxito “midiático” de Anglería e ambicionava ultrapassá-lo como autoridade e celebridade na matéria. Em seus escritos, Oviedo contrastou seu caráter de perito em assuntos indianos, baseado na experiência pessoal sobre o terreno, com a inexperiência do italiano, que não viu o continente americano “senão em sonho”. Não resulta estranho, então, que em 1532 o Conselho recomendasse o madrilenho para ocupar o posto de Cronista Real no relativo às “coisas de Índias”, que havia ficado vacante após o decesso de Anglería, e que Oviedo desempenhou até sua morte.⁷⁷⁹ A recomendação do Conselho perante o rei joga luz sobre a insistência de Oviedo em sua idoneidade para ocupar tal posto:

Gonzalo Hernández de Oviedo [...] ha tenido cuidado e inclinación de escribir las cosas de las Indias y *hase ofrecido aquí que siendo Vuestra Majestad servido recogerá todo lo que en esto tiene escrito y más escribirá todo lo que queda*, poniendo particularmente las propiedades de cada tierra e isla y extrañezas que en ella ha habido y hubiere y las condiciones de los moradores y animales de ella [...] al Consejo [...] parece que será cosa conveniente que hubiese memoria del tiempo en las que las Indias se descubrieron y desde aquel principio acá todo lo que en ellas había y ha pasado, para que se ponga en la crónica de España y no se pierda memoria y tan bien *nos parece que Oviedo tiene más habilidad y experiencia que ninguno otro de los que allí están...*⁷⁸⁰

⁷⁷⁵ ARMILLAS VICENTE, José A. “Pedro Mártir de Anglería. Contino real y cronista de Castilla. La invención de las nuevas Indias”. In: *Revista de Historia Jerónimo Zurita*. No. 88, 2013, p. 211-232.

⁷⁷⁶ E não Cronista Real *de Índias* como amiúde se afirma.

⁷⁷⁷ Anglería foi um dos popularizadores da denominação *Orbe Novo* ou Novo Mundo para a América. À maneira do historiador romano Tito Lívio, cada “década” constava de dez “livros”. Elas apareceram escalonadamente assim: 1511, primeira década; 1516, primeiras três décadas; 1521, quarta década; 1530, primeiras oito décadas. Em 1530 também foi impressa postumamente sua obra *Opus epistolarum*, que reunia mais de 800 epístolas trocadas com pessoas ilustres da época (Alcalá de Henares: Miguel de Esguía, 1530).

⁷⁷⁸ MIGNOLO, Walter. “Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista”. In: MADRIGAL, Luis Íñigo (coord.). *Historia de la literatura hispanoamericana*. Vol. 1. Madrid: Cátedra, 1992 p. 57-116.

⁷⁷⁹ O salário consignado foi de 30.000 maravedís anuais, bem menor do que o de Anglería (80.000 maravedís). Cabe insistir que, tal como Anglería, Oviedo foi nomeado coronista real, mas não de Índias. A posição de Coronista Mayor de Indias só foi oficializada no reinado de Felipe II, sendo Juan López de Velasco (ca. 1530-1598) e Antonio de Herrera y Tordesillas (1549-1626) os primeiros a ocupá-la. Cf. ESTEVE BARBA, Francisco. *Historiografía indiana*. Madrid: Gredos, 1994, p. 125-131.

⁷⁸⁰ *Petición al consejo*, 1532. Reproduzido em MYERS. *Fernández de Oviedo*, op. cit., p. 274, grifos nossos. O documento ainda transmite a ideia de que a América era um conjunto de ilhas, apesar dos avanços na exploração da Terra Firme.

Desde o começo da nova função, Oviedo negociou com os oficiais reais para garantir o livre acesso aos arquivos reais e poder requisitar relatórios escritos sobre as Índias. Sabemos também que por mais de dez anos vinha recolhendo suas próprias observações e fazendo anotações, o que significa que levou bastante a sério seu labor de cronista-historiador, com uma dedicação que por vezes raiou na “obsessão”, sem chegar a rivalizar nunca com suas ocupações administrativas.⁷⁸¹

5.3 As Índias e os índios na primeira parte da *História general*

Após a impressão do *Sumario*, Oviedo trabalhou diligentemente na sua *magna opera* americana, recopilando informação e escrevendo. Em 1535 deu o seguinte passo com a impressão da primeira parte do tratado histórico que havia anunciado, *La historia general de las Indias*, aparecida em Sevilha nas prensas da família Cromberger⁷⁸² e reimpressa em Salamanca doze anos depois.⁷⁸³ Tratava-se da primeira parte de um ambicioso projeto historiográfico que incluiria outras duas partes a serem completadas na década de 1540, as quais, não obstante, permaneceram inéditas até meados do século XIX, quando foram impressas juntamente com uma versão modificada da primeira pelo bibliófilo espanhol José Amador de los Ríos.⁷⁸⁴ Em resumo, os únicos textos *oviedanos* de temática americanista publicados no século XVI foram o *Sumario*, a primeira parte de *La historia general de las*

⁷⁸¹ Em palavras de Myers, talvez um pouco fascinada pelo personagem estudado: “He is probable the most dedicated, if not obsessive, historian of America from the period, surpassing even his archrival Las Casas”. *Ibid.*, p. 20.

⁷⁸² Os Cromberger também foram editores de Pedro Mártir de Angleria, da *Carta de relação de Cortés* e do *Octavo remédio* de Bartolomé de Las Casas (1553), bem como responsáveis pela primeira casa de impressão na América. Cf. GRIFFIN, Clive. “La primera imprenta em México y sus oficiales”. In: GARCÍA, Idalia; RUEDA RAMÍREZ, Pedro (comp). *Leer em tempos de la Colonia. Imprenta, bibliotecas y lectores em Nueva España*, México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 3-20.

⁷⁸³ Na presente pesquisa consultamos a versão digitalizada da reedição de 1547, intitulada *Coronica de las Indias. Agora nuevamente impressa corregida y emendada / con la conquista del Perú*. Imprimio en la muy noble ciudad de Salamanca: en casa de Juan de Junta, maio de 1547. Apesar da indicação de estar “emendada”, a única diferença entre esta obra e a edição princeps consiste na omissão de qualquer referência ao privilégio de impressão na primeira. De resto, são edições idênticas. A referência à conquista do Peru foi incluída pelos editores, já que se encadernava e vendia conjuntamente com a *Conquista del Peru* de Francisco de Xérez, também impressa por Juan de Junta. Cf. TURNER, Daymond. “The aborted first printing of the second part of Oviedo's *General and Natural History of the Indies*”. In: *Huntington Library Quarterly*, Vol. 46, No. 2, 1983, p. 109.

⁷⁸⁴ Sobre as edições e a recepção da *HGN* cf. BÉNAT-TACHOT, Louise. “La trayectoria editorial de la *Historia general y natural de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés”. In: CASTAÑEDA, Carmen (coord.). *Del autor al lector*. México: Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social, 2002, p. 201-226.

Indias, de 1535, e uma versão separada do Livro XL, último da trilogia, conhecida como *Naufragios*.⁷⁸⁵

Cabe anotar que a obra histórica de Oviedo geralmente é designada no mundo acadêmico pelo título da edição oitocentista, isto é, *Historia general y natural de las Indias*. Essa denominação está em sintonia com as fórmulas mais empregadas pelo autor, que ao longo do texto refere-se a ela indistintamente como “general y natural historia” ou “natural y general historia”.⁷⁸⁶ A seguir examinamos alguns aspectos da primeira parte.

Na confecção da *Historia general* Oviedo aproveitou a informação do *Sumario*, porém o grosso do volume era material novo. Constava de vinte seções denominadas “livros”,⁷⁸⁷ distribuídos em 196 fólhos,⁷⁸⁸ com um frontispício contendo o escudo de armas de Carlos V.⁷⁸⁹ O primeiro Livro é um Proêmio geral, onde o autor explicita as finalidades e premissas da obra. Aí, alinha-se com uma visão triunfalista, providencial, patriótica e heroica da expansão espanhola, salvaguardando plenamente a legitimidade dos novos domínios castelhanos e a autoridade de seu patrão Carlos V, a quem se refere como “César”, destinado a governar um “grandíssimo y nuevo império”. A obra histórica de Oviedo teria o fundamental papel de ajudar a que se publicasse e soubesse “por el restante del mundo lo que está debajo de vuestro real ceptro castellano”.⁷⁹⁰

No Proêmio, Oviedo nomeia o continente americano como “nuestras Índias”, as quais são figuradas desde a perspectiva utilitarista como uma sorte de paraíso mercantil, cujas enormes possibilidades econômicas estão totalmente à disposição da Coroa e cujos habitantes originários brilham por sua ausência na seção de abertura:

¡Cuántos valles, e flores, llanos y deleitosos! ¡Cuántas costas de mar con muy extendidas playas e de muy excelentes puertos! ¡Cuántos y cuán poderosos ríos navegables! ¡Cuántos y cuán grandes lagos! ¿Cuántas fuentes frías e calientes, muy cercanas unas de otras! ¡E cuántas de betum e de otras materias o licores! ¿Cuántos pescados de los que en España conoscemos, sin otros muchos que en ella no se saben

⁷⁸⁵ A primeira impressão do livro XL é de 1535, como parte da *HGNI*.

⁷⁸⁶ Ou também “historia natural y general”.

⁷⁸⁷ Incluindo a introdução ou Proêmio e o livro XX, que em realidade era o último da trilogia, escrito antecipadamente.

⁷⁸⁸ Ou seja, aproximadamente 400 páginas em termos de hoje. Como outros impressos do século XVI, a *HG I* de Oviedo utiliza uma paginação que se atém ao modelo dos manuscritos antigos, nos quais apenas o anverso ou *recto* dos fólhos (a metade direita) recebia numeração, mas não o verso ou metade da esquerda. Na *HG* a foliação começa depois do Proêmio ou Livro I.

⁷⁸⁹ Resulta curioso constatar a semelhança da capa dessa obra com a da *Brevíssima* de Las Casas. Tal escudo de armas é quase igual ao da edição princeps da *Brevíssima*.

⁷⁹⁰ *HG I*, Proêmio. Entretanto, Oviedo também reconheceu a violência e a crueldade da conquista, em especial nas partes II y III da *Historia general*, como veremos mais adiante.

ni los vieron! ¿Cuántos mineros de oro e plata e cobre! ¡Cuánta suma preciosa de marcos de perlas e uniones que cada día se hallan!⁷⁹¹

Os livros 2 a 4 oferecem uma pormenorizada narrativa da invasão até a década de 1520, com foco na ilha Hispaniola; os livros 5 e 6 tocam em diversos aspectos dos indígenas das Antilhas, como as causas de seu despovoamento, crenças, organização social e costumes; os livros 7 a 15 versam largamente sobre história natural, com profusas descrições de animais, plantas e aspectos naturais da América, alguns deles desenhados por Oviedo;⁷⁹² os restantes quatro livros retomam a narrativa cronológica da “historia geral”, focando nas grandes Antilhas, a península de Iucatã e a ilha de Cubagua.⁷⁹³



Figura 9. Frontispício da edição *princeps* da primeira parte da *Historia general* de Oviedo (1535)

⁷⁹¹ Ibid.

⁷⁹² Os desenhos também incluem alguns elementos da cultura material indígena. A esse respeito cf. MYERS. *Fernández de Oviedo*, op. cit. A autora reproduz e comenta os desenhos de Oviedo, indicando que na edição oitocentista foram substituídos por gravuras completamente diferentes.

⁷⁹³ No Livro 19 inclui-se uma narrativa com tom bastante crítico do fracassado experimento colonial-pacifista de Bartolomé de Las Casas nesse lugar: “la venida del licenciado Bartolomé de Las Casas: y de cómo fue con ciertos labradores a poblar las costas de Cubagua”.

Como podemos apreciar, Oviedo focaliza a temática da primeira parte da *Historia general* na chamada etapa antilhana, reservando o relativo às demais zonas para as partes II e III.⁷⁹⁴ Por outro lado, a publicação do livro ocorreu dois anos antes da irrupção de Quesada e seus companheiros nas terras muíscas. No entanto, a obra é de grande importância para nossa análise por várias razões. Para começar, ela constitui um posicionamento extenso do cronista em relação às “coisas dos índios”: tanto a discussão sobre a justiça de sua “conquista” e exploração, quanto a avaliação de suas “qualidades” e “condições” como seres humanos e cristãos potenciais. Entretanto, diferentemente de Kathleen Ann Myers, consideramos que nas reflexões do autor sobre esses diversos aspectos, a *Historia general* representa uma continuidade e aprofundamento do já delineado no *Sumario*, mais do que uma ruptura temática com esse texto.

Oviedo justifica o domínio espanhol na América mediante duas teorias: a) as Índias foram parte das lendárias Hespérides, onde os monarcas visigodos da Hispania haviam governado em tempos remotos.⁷⁹⁵ Desse modo, o desembarque de Colombo na América seria em realidade uma recuperação de antigos domínios castelhanos; b) alguns apóstolos cristãos já haviam cruzado o Atlântico e evangelizado seus habitantes, uma hipótese que se tornaria corriqueira na cronística americanista, especialmente na vertente religiosa.⁷⁹⁶ Com esse pano de fundo, os indígenas são enxergados como uma sorte de cristãos extraviados ou decaídos que deviam ser recuperados. Para reforçar essa ideia, Oviedo toma cuidado em elencar e enfatizar em vários Livros os inúmeros pecados e “qualidades” defeituosas das nações índias, empregando uma retórica de forte condenação moral. Para ele não existe a menor dúvida quanto ao influxo do Maligno entre os “naturais” do Novo Mundo, e chega até a investir a dimensão humana da América com características quase infernais, em contraste com a beleza e exuberância dos âmbitos não-humanos.⁷⁹⁷ Verbigrácia, no Livro 3 reprova: “los grandes y feos

⁷⁹⁴ Repetidamente Oviedo afirma que tratará certos temas mais amplamente nessas duas partes. Por tal motivo, embora ela estivesse nesse marco temporal, Oviedo não aborda na primeira parte a conquista do Darién nem o litoral da atual Colômbia. Inclui, sim, as primeiras explorações no litoral da Nova Espanha – Cozumel e Yucatán – nos últimos livros dessa parte.

⁷⁹⁵ Essa teoria se expõe no Livro 2, capítulo 3. Sobre o uso dessa teoria por Oviedo cf. MYERS. *Fernández de Oviedo*, op. cit. p. 121 e COELLO DE LA ROSA, Alexandre. “Héroes y villanos del Nuevo Mundo en la *Historia General* y natural de las Indias de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, Vol. 61, No. 2, 2004, p. 604.

⁷⁹⁶ Essa teoria se expõe no Livro 2, capítulo 7. Sobre seu uso por outros autores da época cf. BRADING, David. *Orbe indiano. De la monarquía católica a la República criolla*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

⁷⁹⁷ A imagem dos indígenas como acólitos do demônio – “engañados por él” – já está presente no *Sumario*: “cuya débil naturaleza los compele a fraguar los más exquisitos crímenes contra Dios, la humanidad y la naturaleza, desde la idolatría, hasta el suicidio en masa, el sacrificio humano o el canibalismo, por no hablar de la

y enormes pecados y abominaciones destas gentes salvajes y bestiales”.⁷⁹⁸ Dessa forma, além da retomada de antigos direitos territoriais, a conquista também é legitimada como um castigo divino aos “costumes criminais” dos ameríndios:

Y porque mejor se entienda que esta culpa y castigo está principalmente fundado en los delitos y abominables costumbres y ritos desta gente se dirán algunos dellos en aqueste libro quinto. De los cuáles fácilmente se puede colegir la rectitud de Dios. Y cuán misericordioso ha sido con ellos esperándolos tantos siglos.⁷⁹⁹

A *Historia general I* gerou um forte impacto no confronto a respeito da política indiana que rastreamos no capítulo anterior. O próprio Oviedo era uma figura importante do coletivo *encomendero*, e foi chamado em várias oportunidades para prestar depoimento perante o Conselho de Índias, posicionando-se a favor da *encomienda*.⁸⁰⁰ Guardadas as devidas proporções, como informante chave, homem com influência na Corte e letrado reconhecido, Oviedo foi para a rede *encomendera* o que Bartolomé de Las Casas representou para os pacifistas. Em uma ocasião, os dois personagens inclusive pleitearam por projetos divergentes de colonização no litoral venezuelano.⁸⁰¹ Nesse sentido, constatamos que a Corte espanhola era um espaço político pouco homogêneo com forças antagônicas enfrentadas.

Está comprovado que a *Historia general I* foi uma das principais fontes informativas que Ginés de Sepúlveda usou para elaborar o “Democrates”.⁸⁰² Portanto, não resulta estranho que Las Casas indicasse o nexos intertextual Oviedo-Sepúlveda e se dedicasse a rebater ponto por ponto os juízos sobre os ameríndios do *alcaide* da fortaleza de Santo Domingo, tal como fizera com Sepúlveda.⁸⁰³ Assim, em um dos opúsculos lascasianos de 1552, lemos:

Y lo que mas perjudica la persona del reverendo doctor [Sepúlveda], entre personas prudentes y temerosas de Dios y que tienen noticia ocular de las Yndias es: allegar y traer por auctor yrrefragable a Oviedo en su falsissima y nefanda hystoria que llamo general como aya sido uno de los tyranos robadores y destruydores de los yndios segun el mesmo confiessa en el prologo de su primera parte [...]

promiscuidad, el aborto, la sodomía y el bestialismo”. Sobre a presença do diabo na América e sua interligação com teorias sobre a zona tórrida cf. WEY GÓMEZ, Nicolás. “Memorias de la zona tórrida: el naturalismo clásico y la «tropicalidad» americana en el *Sumario de la natural historia de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo (1526)”. In: *Revista de Indias*. Vol. LXXIII, No. 259, 2013, p. 616.

⁷⁹⁸ *HGN I*, capítulo 6. Sobre a postura de Oviedo em relação à conquista e a discussão da “guerra justa” cf. BÉNAT-TACHOT, Louise. “Figura y configuración de “enemigo americano en las crónicas de Indias”. In: BATAILLON, Gilles et al (dir.), *Las teorías de la guerra justa en el siglo XVI y sus expresiones contemporáneas*. México: Centro de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1998, p. 93-124.

⁷⁹⁹ *HGN I*, Proêmio do Livro 5.

⁸⁰⁰ MYERS. *Fernández de Oviedo*, op. cit., p. 113.

⁸⁰¹ Trataremos disso no capítulo 6.

⁸⁰² Como vimos no capítulo 4.

⁸⁰³ Las Casas não teve acesso às partes II e III da *HGN*.

Y porende de los yndios capital enemigo. Juzgue se por los prudentes si para contra los yndios es ydoneo testigo. A este empero llama el doctor: grave y diligente coronista.⁸⁰⁴

De fato, as apreciações feitas pelo frade dominicano a respeito da *Historia general* tiveram uma notória influência na forma como a obra foi – e segue sendo – recebida. Assim, a imagem de Oviedo como “capital inimigo” dos índios prevaleceu até o século XX, embora sua postura fosse uma expressão de uma tendência mais ampla. Não pretendemos negar a forte carga valorativa e preconceituosa nem a exploração que Oviedo, como funcionário real e colono, exerceu ou favoreceu sobre os aborígenes. Todavia, nem todo o conteúdo das primeiras duas obras americanistas *oviedanas* se enquadra na leitura feita por Las Casas.⁸⁰⁵ Nessa direção, concordamos com várias pesquisas adiantadas nas últimas décadas, mais sensibilizadas com a inclinação etnográfica do coronista real, que coexistiu com seus marcados julgamentos étnicos. Alguns autores assinalam uma tensão entre as facetas do Oviedo etnógrafo e do moralista cristão,⁸⁰⁶ e reparam nas representações textuais amiúde conflitantes dos ameríndios, ora apresentados como selvagens brutais, ora como seres com certo engenho, capazes de manipular destramente os recursos da natureza e elaborar habilidosos artefatos.⁸⁰⁷

Na mesma linha revisionista, constata-se em Oviedo uma incipiente – porém explícita – crítica às modalidades da conquista violenta e ao abuso dos nativos, o que paradoxalmente o aproximaria da perspectiva de seu arqui-inimigo Las Casas, antes mesmo que este último escrevesse a *Brevíssima*.⁸⁰⁸ Surpreende-nos encontrar imagens discursivas semelhantes entre os dois personagens. No *Sumário*, por exemplo, o administrador e colono objeta mordazmente as atrocidades cometidas pelos cristãos que passaram à Terra Firme dessa forma:

...han pasado a aquellas partes personas que, pospuestas sus conciencias y el temor de la justicia divina y humana, han hecho cosas, no de hombres, sino de dragones y de infieles, pues sin advertir ni tener respeto alguno humano, han sido causa que muchos indios que se pudieran convertir y salvarse, muriesen por diversas formas y maneras; y en caso que no se convirtieran los tales que así murieron, pudieran ser útiles, viviendo, para el servicio de vuestra majestad, y provecho y utilidad de los cristianos, y no se despoblara totalmente alguna parte de la tierra, que de esta causa está casi yerma de gente, y los

⁸⁰⁴ LAS CASAS, Bartolomé de. “La octava réplica”. In: *Aquí se contiene una disputa o controversia entre el obispo don fray Bartolomé de las Casas... y el doctor Ginés Sepúlveda...* Sevilla: Casa de Sebastián Trujillo, 1552, grifos nossos. Las Casas desenvolveu amplamente suas objeções contra Oviedo em vários capítulos da *Historia de las Indias*.

⁸⁰⁵ A leitura mais atenta e menos unilateral da visão de Oviedo sobre os indígenas começou, sobretudo, na segunda metade do século XX. Cf. MYERS. *Fernández de Oviedo*, op. cit., p. 116-118.

⁸⁰⁶ Por exemplo, a crítica literária Stephanie Merrim apud Myers, *ibid.*, p. 117. Bénat-Tachot também evidencia em Oviedo uma visão dual ou tensão cognitiva e se refere à “atividade protoetnográfica” – ao invés de etnográfica – do coronista. BÉNAT-TACHOT. “Figura y configuración”, op. cit.

⁸⁰⁷ WEY GÓMEZ. “Memorias de la zona tórrida”, op. cit., p. 615.

⁸⁰⁸ Concordamos com a historiadora francesa: “Es así como ciertos capítulos de la *HGN I*, por su énfasis y su patetismo, parecen escritos por... el propio Las Casas”. BÉNAT-TACHOT. “Figura y configuración”, op. cit.

que han sido causa de aqueste daño llaman pacificado a lo despoblado; y yo, más que pacífico, lo llamo destruido...⁸⁰⁹

O que resulta mais interessante para os propósitos dessa pesquisa, é que as críticas às modalidades violentas de colonização e à cobiça de seus conterrâneos, bem como o impulso etnográfico, aprofundaram-se depois de 1540, precisamente quando Oviedo compôs algumas seções – e fez retoques – das partes II e III da *Historia general*, nas quais é narrada a invasão do Novo Reino de Granada.



Figura 10. Página manuscrita da *Historia general* de Oviedo (livro 5, capítulo 2) e ilustração de uma *hamaca* ou rede indígena elaborada pelo autor. Tomado de MYERS. *Fernandez de Oviedo*, p. 194.

⁸⁰⁹ FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Sumario*, op. cit., p. 125-126, grifos nossos. A parte grifada tem um tom característico da retórica lascasiana, com a inversão do vocabulário de conquista. No caso, a comparação é com dragões, e não lobos ou leões como Las Casas. A imagem da terra erma pela morte dos indígenas também tem um tom lascasiano.

5.4 A versão da *Historia general* não publicada em vida de Oviedo

Ao que parece, em 1535 Oviedo já contava com um esquema claro do que seriam as partes segunda e terceira da sua *Historia*.⁸¹⁰ Nos anos seguintes continuou a trabalhar nelas em Santo Domingo, de maneira que para 1541 já tinha o manuscrito pronto, bem como uma versão reelaborada da primeira parte.⁸¹¹ Tal organização obedecia basicamente a uma lógica geográfica, disposta assim: parte I: as ilhas do Caribe; parte II: os territórios atlânticos de Terra Firme; parte III: a zona do Pacífico. Sabe-se ademais que, no ano 1542, ele planejava viajar a Castela com o intuito de providenciar a licença para publicar conjuntamente as três partes, mas teve que esperar por causa da guerra contra os franceses no Caribe, e só realizaria o périplo quatro anos mais tarde (em 1546), permanecendo na Espanha até 1549. Sua nova estadia coincidiu com a forte atividade da coletividade *lascasiana* na Corte, que conseguiu bloquear a publicação da trilogia *ovideana*, apesar do fato de ser Oviedo – e não Las Casas – o designado como coronista real. Ao que parece, outra razão para a não impressão consistiu nos altos custos da mesma, devido ao enorme volume alcançado pelo manuscrito, que Oviedo mostrou-se incapaz de custear.⁸¹²

Entre 1542 e 1549, o texto base de 1541 (em especial as partes II e III) sofreu alterações e acréscimos, analisados pelo historiador Jesús Carrillo.⁸¹³ Nesses anos a *Historia* funcionou como um “repositório aberto” com fichários para cada província do império⁸¹⁴ e Oviedo não parou de incluir cada nova informação que caía em suas mãos conforme prosseguia o processo de invasão à Terra Firme, criando assim novos capítulos. Dentre eles, cabe ressaltar que ele acrescentou várias seções sobre o Novo Reino de Granada. Antes de sua última viagem para a América, deixou uma versão definitiva do manuscrito em um mosteiro de Sevilha – conhecido depois como “manuscrito Monserrate”.

O caso do que poderíamos chamar *a versão completa da História geral não impressa* é um precedente que bem pode ilustrar as “odisseias” de outras crônicas e histórias da América no período colonial, que permaneceram inéditas por vários séculos “dormindo nos arquivos”.

⁸¹⁰ Na edição princeps da *HGN I* há numerosas referências a essas duas partes.

⁸¹¹ Seguimos aqui a pesquisa de Jesús Carrillo sobre a convulsa gênese da história ovidiana cf. CARRILLO. “The *Historia general*”, op. cit., p. 236. Por outro lado, ao longo da primeira parte há referências recorrentes a certos temas que serão tratados nas duas partes seguintes, sobretudo na segunda.

⁸¹² O valor da impressão das três partes seria cinco vezes maior do que ele tinha pago pela edição de 1535. Ibid., p. 341.

⁸¹³ O manuscrito que Oviedo tentou levar à Espanha em 1542 constava de três tomos e constitui o texto central sobre o qual fez mudanças e adições nos seguintes sete anos. Carrillo argumenta convincentemente que o projeto de publicação de 1541 sofreu uma “mudança radical” nos anos subsequentes. Ibid., p. 329.

⁸¹⁴ BRADING. *Orbe indiano*, op. cit., p. 47.

Dentre elas, várias obras da biblioteca neogranadina.⁸¹⁵ Resulta interessante que isso acontecesse, inclusive, com obras redigidas por figuras tão atuantes como Bartolomé de las Casas, Ginés de Sepúlveda e o próprio Oviedo, sendo que os dois últimos possuíam o título de coronistas reais. Trata-se de um indicador das conflitivas correntes que operavam no *setting epistêmico* da Corte espanhola, as quais se opunham resistência mutuamente, bem como da política de sigilo e rigoroso controle dos impressos por parte dos monarcas ibéricos, que cresceu ainda mais desde o governo de Felipe II.⁸¹⁶ A seguir, inspecionaremos com mais atenção o processo de elaboração das porções da *Historia general* concernentes ao Novo Reino de Granada.

5.5 Oviedo e os informantes sobre o Novo Reino em Santo Domingo

Antes de partir para a Espanha pela última vez, Oviedo procurou informação para complementar os capítulos da segunda parte da *História general* relativos ao Novo Reino de Granada, bem como acrescentar novas seções sobre história natural da Terra Firme à primeira parte. Como de costume, ele obteve essa informação por duas vias: documentos escritos, por um lado, e entrevistas com testemunhas diretas, pelo outro. Quanto ao primeiro procedimento, cabe mencionar dois itens que já abordamos no capítulo 3 sob outra perspectiva: uma carta redigida por Nicolás de Federmán na ilha de Jamaica em 1539 e encaminhada ao *oidor* Francisco Dávila – “íntimo amigo” do alemão⁸¹⁷ –, providenciando breves notícias sobre a recente jornada ao território muísca;⁸¹⁸ e em segundo lugar, a *relação* elaborada em Cartagena pelos capitães Juan de San Martín e Antonio de Lebrija, endereçada ao rei, também de 1539, que já tratamos no capítulo 3. Oviedo copiou *verbatim* essa *relação* no capítulo XI do livro XXVI da *Historia general*, incentivando os leitores a cotejá-la com a missiva de Federmán:

⁸¹⁵ Remetemos ao belo artigo KIM, Yunsook. “Secuestro de la voz y de la identidad neogranadina por la Corona española durante el comienzo de la invasión: las obras que ‘sufrieron el ultraje de manuscritos entre el concurso de muchos libros impresos’”. In: PARODI, Claudia, RODRÍGUEZ, Jimena (eds.), *Centro y periferia. Cultura, lengua y literatura virreinales en América*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2011, p. 193-201. Entretanto, não compartilhamos a concepção da autora acerca da “voz e identidade neogranadina”.

⁸¹⁶ Sobre o *setting epistêmico* da Corte espanhola e a política de impressos cf. BRENDECKE, Arndt. *Imperio e información. Funciones del saber en el dominio colonial español*. Madrid: Iberoamericana, Vervuert, 2012.

⁸¹⁷ Em palavras de Oviedo.

⁸¹⁸ A carta foi entregue a Francisco Dávila por outro participante da expedição de Federmán, Pedro de Limpías. De acordo com Oviedo, o objetivo da missiva era “preparar o terreno” para garantir uma nova entrada em terras muíscas, algo que não se conseguiu concretizar. Em palavras do coronista: “para que em esta cibdad de Sancto Domingo [Francisco Dávila] se proveyese de algunas cosas necesarias para la jornada futura que Fedreman [sic] pensaba hacer a Tierra Firme”. *HGN II*, p. 51. A carta de Federmán é a fonte dos capítulos XVII e XVIII do livro XXV da *HGN*. A carta está datada em primeiro de agosto de 1539.

Agora podréis leer otra relación que yo, el cronista destas historias, saqué de una carta misiva de los oficiales de Su Majestad, que se hallaron en el mismo viaje con este licenciado [Quesada], la cual escribieron a Su Majestad, dando relación del subceso en el camino. Y copiando della lo que es substancia y al caso de la gobernación de Sancta Marta, diré lo que ellos escriben. Y si lo quisieredes cotejar con lo escrito con Fedreman, podréis entender cómo cada una parte confiesa la mucha riqueza y cantidad de oro y esmeraldas en lo nuevamente descubierto...⁸¹⁹

Em relação com os depoimentos orais Oviedo entrou em contato em Santo Domingo com outros dois capitães da expedição de Quesada: Juan del Junco e Juan del Corral, cuja informação usou no capítulos XIII e XIV do Livro XXVI.⁸²⁰ Ambos os indivíduos aportaram na Hispaniola nos começos da década de 1540 e seguiram caminhos divergentes: enquanto Del Corral prosseguiu para a Espanha, Del Junco se afincou ali e casou com uma “noble y honesta hijadalgo”.⁸²¹ O cronista toma cuidado em enfatizar o caráter de informantes confiáveis desses dois homens: “Supe de estos capitanes, *contestes*, que hay todos los animales que se hallan en Castilla del Oro en aquella provincia del Nuevo Reino de Granada...”;⁸²² “Entre otras particularidades, testificaron que...”; “Una cosa notable oí y supe destes capitanes...”; “segund estos capitanes dicen e otros que se hallaron presentes quando lo dijo...”.⁸²³

É interessante notar que Oviedo está ciente da utilidade dos testemunhos cruzados. Assim como a *relação* de Lebrija e San Martín servía para validar, ou questionar, a carta de Federmán, as informações dadas por Del Junco e Del Corral serviam para respaldar a primeira: “en conformidad y separadamente *cada uno de ellos* [Del Junco e Del Corral] *aprobó lo que en la carta de los oficiales de César escribieron a su magestad* [San Martín y Lebrija]”.⁸²⁴

Pedro Briceño foi outro conquista-dor do Novo Reino de Granada que passou por Santo Domingo um pouco depois dos mencionados indivíduos, acompanhado por Joan Oriz de

⁸¹⁹ Ibid., p. 83. Oviedo só dá o nome dos autores ao final da *relação* “Joan de Sanct Martín. Antonio de Lebrija” (p. 92) e não indica como a providenciou. Cabe pensar que foi através dos oficiais da Audiência de Santo Domingo.

⁸²⁰ Ibid. De acordo com Oviedo, ele recebeu o depoimento de Junco e Del Corral em julio de 1541. Também analisamos essa “fonte construída” no capítulo 3 sob outra ótica.

⁸²¹ Ibid., p. 96.

⁸²² Ibid., p. 94, grifos nossos. Oviedo também menciona o caráter de informantes fidedignos de Del Junco e Del Corral na versão modificada da primeira parte, ao tratar sobre os ursos: “é en aquella tierra he sabido de los capitanes Johan de Junco é Gomez de Corral, é de otras personas que se deben creer, que hay muchos osos de los mismos que hay en nuestra España en todo y por todo, é todos los otros animales que hay en Castilla del Oro.” Ibid., p. 421, ed. 1851.

⁸²³ HGN II, p. 95. A confiabilidade dos informantes aparece já desde o título do capítulo XIII: “De otras nuevas relaciones que el historiador ha sabido después que escribió lo que la historia ha contado de *personas fidedignas y merecedoras de crédito y conocidos*, así como el capitán Joan de Junco y el capitán Gómez del Corral, que se hallaron en el descubrimiento de las esmeraldas y de la provincia de los Alcázares e Nuevo Reino de Granada”, *ibíd.*, p. 94, grifos nossos.

⁸²⁴ Ibid., grifos nossos.

Zárate. Briceño havia participado da expedição de Quesada e depois foi nomeado tesoureiro real de Santa Marta, enquanto Zárate era o contador. Eles reportaram na Audiência da cidade acerca das “tiranías y desafueros” do *adelantado* Alonso Luis de Lugo em 1543. Ao que parece, Oviedo esteve presente em tal depoimento, o qual usou como insumo para o capítulo XVI.⁸²⁵

5.6 O encontro entre Oviedo e Quesada

Se admitirmos que Oviedo compôs os capítulos sobre a invasão das terras muíscas na ordem em que eles estão dispostos na segunda parte da *Historia general* – como parece mais provável –, podemos inferir que, antes de atravessar o Atlântico em 1546, ele havia concluído uma primeira narrativa global de todo o arco da empresa quesadista, bem como das duas expedições posteriores, ou seja, as de Jerónimo Lebrón e Alonso Luis de Lugo, até desembocar no ano 1545.⁸²⁶ Tal narrativa abrange os capítulos XI a XVII do livro XXVI⁸²⁷, nos quais o autor se vale das referidas informações orais e escritas que reuniu em Santo Domingo. Entretanto, a partir do capítulo XVIII o fio argumentativo dá uma reviravolta ao inserir a *relação* copiada *verbatim*, mais detalhada e ampla que as anteriores, sobre os mesmos acontecimentos já tratados, cujo autor é precisamente Quesada, a qual abordamos desde outro ângulo no capítulo 3. Assim, o mais plausível é que a nova peça informativa fosse introduzida pelo cronista quando já havia concluído o restante do livro XXVI, deixando mormente inalteradas as seções precedentes. Esse documento e, em menor medida, outros dados transmitidos oralmente por Quesada são a fonte fundamental dos capítulos restantes do livro XXVI, isto é, do XVIII até o XXXI.⁸²⁸ Portanto, percebemos que *o licenciado* foi o principal informante de Oviedo para a composição do livro XXVI. Dos 31 capítulos desse livro, 14 se

⁸²⁵ Ibid., p. 98. Além dos referidos, Oviedo obteve informação de outros invasores do Novo Reino dos quais não dá o nome próprio, como apreciamos na seguinte citação: “Johan del Junco y Gomez de Corral y otros que han venido de aquella tierra de Bogotá, dicen que...” Ibid., p. 97, grifos nossos.

⁸²⁶ Esse é o ano de uma carta que ele menciona no capítulo XVII, p. 100. Porém, devemos supor que ele continuou a fazer alterações nesses capítulos durante a estada na Espanha.

⁸²⁷ O capítulo XI foi escrito em 1540, já que no título do mesmo lemos: “hasta el año pasado de mil e quientos e treinta y nueve años...”.

⁸²⁸ O começo e o fim da informação provida por Quesada estão assinalados pelas seguintes marcas narrativas nos cabeçalhos dos capítulos XVIII e XXXI: “En que se tractan algunas cosas notables que el autor destas historias supo por información del licenciado Jiménez estando en la corte del príncipe don Felipe, nuestro señor, y el Real cuarto de Indias en la villa de Madrid” (capítulo XVIII); “en el cual se dará fin a la relación que yo hobe del licenciado Gonzalo Jiménez de Quesada” (capítulo XXXI). Contudo, o fio narrativo dos capítulos XVIII a XXXI não forma uma seqüência totalmente concatenada cronologicamente e sem repetições. Pelo contrário, abundam as reiterações e em algumas passagens as incongruências.

baseiam no *licenciado* indireta ou diretamente – ou seja, copiando *verbatim* sua relação –, sendo que a narrativa da expedição do Novo Reino de Granada só começa a partir do capítulo XI.⁸²⁹ Inspecionemos com mais detalhe os nexos entre Quesada e o autor madrilenho.

Quesada e Oviedo se conheceram na península na segunda metade de 1546 e interagiram com certa frequência pelo menos até o ano seguinte. Delineemos a densa cronologia de deslocamentos de nossos personagens nesse marco temporal e geográfico. Como já indicado, Oviedo partiu rumo à Espanha em agosto de 1546, com o intuito de publicar a três partes de sua *Historia general* e adiantar outros temas da sua agenda pessoal.⁸³⁰ Com efeito, viajou em companhia de Alonso de la Peña, como representantes dos interesses dos colonos de Santo Domingo e a Hispaniola perante o Conselho de Índias.⁸³¹ Em outubro desse ano chegaram a Sevilha e deslocaram-se até a Corte do príncipe Felipe, localizada temporariamente em Madrid, quem atuava como regente na ausência do monarca Carlos. Oviedo permaneceu nessa vila até março de 1547, e depois se encaminhou para Aranda del Duero por um curto período, aonde havia-se trasladado o Conselho de Índias junto com a Corte itinerante.⁸³² Ao que parece, o coronista trafegou depois para Salamanca nos começos de 1547, onde gestionou a reimpressão da primeira parte de sua *Historia general* em maio com o título *Coronica de las Indias*.⁸³³ Nos meses subsequentes voltou a Madrid e Aranda del Duero, passando a Sevilha no inverno de 1547-1548. Dali viajou para Valladolid em agosto de 1548, onde estavam reunidas as cortes. Finalmente voltou para Sevilha, onde ficaria até seu retorno definitivo a Santo Domingo em 1549.

Por sua vez, lembremos que Quesada retornou para a Castela em meados de 1545, após um *soggiorno* por terras europeias, disposto a resolver suas pendências legais antes de

⁸²⁹ Os capítulos I-X tratam da governação de Santa Marta.

⁸³⁰ Dentre eles está uma nova solicitação da governação de Cartagena. Oviedo também trabalhou diligentemente em outros projetos editoriais de genealogia e história espanhola que não abordaremos na tese.

⁸³¹ TURNER. “The aborted first printing”, op. cit., p. 108. Sobre a estada de Oviedo na Espanha na década de 1540 e sua atividade historiográfica cf. também RAMOS, Demetrio. *Ximénez de Quesada cronista*. Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1972; idem. “Fernández de Oviedo y el ‘enigma’ de la edición de 1547 de su *Historia general*”. In: *Boletín Americanista*, No. 19-27, 1965, p. 443-461. De acordo com Ramos, Oviedo chegou a Madrid em novembro de 1546. *Ximénez de Quesada*, op. cit., p. 35.

⁸³² Em 1547 o Conselho de Índias deslocou-se com o príncipe Felipe até Aranda del Duero. Dali passou a Segovia e a Valladolid. LEÓN PINELO, Antonio. *Tablas cronológicas de los Reales Consejos Supremo y de la Cámara de las Indias Occidentales*. Madrid: Tipografía de Manuel Ginés Hernández, 1892, p. 41.

⁸³³ Como já assinalado. Há discrepâncias quanto às datas de permanência de Oviedo em Salamanca.

regressar ao Novo Reino de Granada.⁸³⁴ Desde fins desse ano há indícios do conquista-dor em Madrid, onde entregou uma procuração para que o licenciado Juan de Oribe velasse por sua causa no Conselho de Índias.⁸³⁵ Em fevereiro de 1546 apresentou-se no Conselho de Índias nessa mesma cidade. De acordo com Demetrio Ramos, em 1547 passou para o reino de Aragão à procura da Corte, para continuar depois até Granada, onde havia vivido na juventude. Ali esteve no inverno de 1547-1548.⁸³⁶ Muito provavelmente Quesada viajou a Sevilha em março de 1548, para voltar depois a Madrid e Valladolid. Em seguida, encaminhou-se para Sevilha. Sabe-se que estava aí em abril de 1550, quando Oviedo já havia partido, mas é possível que Quesada chegasse antes. Ali ficaria até embarcar para a América em fins desse ano,⁸³⁷ e em fevereiro de 1551 chegou a Cartagena de Índias.

Sabemos que os últimos anos da década de 1540 foram de intensa seca em terras castelhanas, com a inevitável consequência de perda de safras e carestia de víveres. A situação foi especialmente difícil em 1548, quando tiveram lugar as cortes do príncipe regente em Valladolid.⁸³⁸ Foi nesse ambiente de precariedade coletiva e ativa mobilidade no circuito Valladolid-Madrid-Aranda del Duero, onde Oviedo e Quesada tiveram uma interação mais prolongada, justamente no entorno cortesão, como o cronista escreve no começo do capítulo XVIII:

Muchas veces tuve plática en Madrid con el licenciado Jiménez, y en Valladolid, en la corte del príncipe don Felipe, nuestro señor, y nos comunicamos; y a la verdad es hombre honrado y de gentil entendimiento y bien hábil. Y como yo sabía que él había conquistado el Nuevo Reino de Granada, y descubierto la mina de las esmeraldas, y había visto la relación que los oficiales habían mandado a Su Majestad Cesárea, de la cual se tractó en el capítulo XI, quise informarme de él de algunas cosas *viva voce*, y él no solamente de palabra, pero de scripto me mostró un gran cuaderno de sus subcesos, y lo tuve muchos días en mi poder, y hallé en él muchas cosas de las que tengo aquí dichas en los capítulos precedentes.⁸³⁹

Se dermos crédito à declaração de Oviedo, foi ele quem procurou o conquista-dor, quem se mostrou à disposição para transmitir-lhe informação pessoalmente. Diversas questões

⁸³⁴ Cf. o capítulo 4. Para a reconstrução da cronologia de Quesada nos baseamos principalmente em FRIEDE, Juan. *El adelantado Don Gonzalo Jiménez de Quesada*. Bogotá: Intermedio, 2005; RAMOS. *Ximénez de Quesada*, op. cit.

⁸³⁵ Juan de Oribe era procurador nesse organismo régio e foi quem representou Quesada até sua morte.

⁸³⁶ *Ibid.*, p. 35.

⁸³⁷ *Ibid.*

⁸³⁸ As sessões das cortes de Valladolid começaram em 4 de abril e terminaram em 8 de novembro de 1548.

⁸³⁹ *HGN III*, p. 101, ed. 1851. Obviamente a *relação* à qual Oviedo alude é aquela escrita por San Martín e Lebrija. A evidência indica que o primeiro encontro entre Quesada e Oviedo aconteceu antes de 1548. Já em 1547 mantinham correspondência, o que sugere a possibilidade de um encontro prévio, e pelos cenários em que ambos se deslocaram parece que aconteceu em Madrid em fins de 1546. Um terceiro lugar de encontro, menos provável, é a cidade de Sevilha.

ocorrem-nos a esse respeito. Por exemplo, quanto tempo esteve a *relação* escrita de Quesada, o dito “gran cuaderno de subcesos”, em mãos de Oviedo? Provavelmente em torno de três meses.⁸⁴⁰ Como argumentado no capítulo 3, o “gran cuaderno” perdeu-se posteriormente e tronou-se uma espécie de fonte fundacional reinterpretada, imaginada e desejada desde diferentes ângulos nos séculos XIX e XX na tradição literária neogranadina e colombiana. Alguns autores aludem a esta sorte de elo perdido no maiúsculo como *Gran Cuaderno*, e vários tentaram achá-lo com pouco sucesso.

Voltando à relação entre o conquista-dor e o coronista, conserva-se uma carta autógrafa de Quesada que apoia o argumento de um contato contínuo entre os dois personagens e confirma o papel do primeiro como fornecedor de informação. Por ela sabemos que antes de seu encontro nas cortes de 1548, Quesada já havia encaminhado a Oviedo uma *relação* que seu irmão Hernán Pérez enviou com antecedência ao rei e ao Conselho de Índias.⁸⁴¹ Da mesma forma, a pedido de Oviedo, Quesada havia tentado localizar o piloto de Índias Francisco Duarte à procura de notícias.⁸⁴²

O modo de proceder de Oviedo com Quesada não era atípico. Já vimos que na Hispaniola ele havia corrido atrás de outros invasores do Novo Reino de Granada à procura de notícias para verter na sua *Historia general*. Na última estada em Castela ele também tentou “caçar” novidades sobre outras frentes de expansão como os Andes centrais e a Nova Espanha. Para tanto entrou em contato com Alvar Núñez Cabeza de Vaca e o licenciado La Gasca, por mencionar só dois casos bem conhecidos; também procurou, sem muito sucesso, informações frescas das ações de Hernán Cortés.⁸⁴³ Em tudo isso, revela-se a urgência de terminar as partes II e III de sua obra com fontes dos acontecimentos mais recentes, frequentemente inseridos de forma atropelada e confusa na narrativa.

⁸⁴⁰ Demetrio Ramos infere que o “Gran cuaderno” esteve com Oviedo desde começos de agosto até pelo menos outubro de 1548. RAMOS. *Ximénez de Quesada*, op. cit. p. 36.

⁸⁴¹ Concordamos com Friede que deve ser a *relação* que Hernán Pérez encaminhou a Carlos V em 16 de maio de 1543, desde Cali, relatando uma fracassada expedição em busca de riquezas ao leste do Novo Reino. Trata-se da única *relação* despachada por Hernán Pérez ao rei que consta no catálogo do AGI. Encontra-se como “Relación del descubrimiento de la canela, y de su venida de las Indias, hecha por Hernán Pérez de Quesada” (Patronato, Legajo 26, Ramos 23). Disponível online: <https://www.archivesportaleurope.net>. Transcrita por Friede como “Relación del descubrimiento de la canela”. In: FRIEDE, Juan (ed.). *Documentos inéditos para la historia de Colombia*, T. VII. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1960, p. 12-16. Cf. a carta de Quesada a Oviedo nos anexos.

⁸⁴² A carta não tem data nem destinatário, porém, concordamos com Friede e Ramos na datação provável.

⁸⁴³ Cortés o remeteu a suas *Cartas de relação* já publicadas. Por outro lado, os comentários que Oviedo dedicou a Cortés no *Sumario* de 1526 não são muito elogiosos.

É cabível chamar a Oviedo e Quesada de amigos, como Ramos e Brading postulam?⁸⁴⁴ Consideramos que talvez seja um exagero. É mais cabível pensarmos em uma lógica oportunista. No entanto, destaca-se a comunidade de interesses e sociabilidades, reconstruída em detalhe por Demetrio Ramos.

Nas seções seguintes examinamos três aspectos conexos da representação do Novo Reino de Granada na *Historia general*: os caracteres naturais na versão modificada da primeira parte, a imagem dos conquista-dores e dos indígenas na segunda parte.

5.7 A natureza do Novo Reino na última versão da *Historia general*

Como resulta óbvio pelo ano de estampa da primeira parte da *Historia general* (1535), não se encontra nela informação sobre o Novo Reino de Granada, mas também pelo plano de reunir tudo o que fosse relativo à Terra Firme na segunda parte da obra, como indicado acima. Dessa forma, na edição *princeps* só se encontram algumas referências muito pontuais aos territórios do Darién e à costa norte da atual Colômbia – governação de Santa Marta –, onde Oviedo havia estado anos atrás. Nada, obviamente, do que tange aos muíscas e suas comarcas. Entretanto, entre 1535 e 1542 o cronista inseriu bastantes capítulos novos e geralmente de curta extensão, na segunda versão da primeira parte, no tocante à história natural americana, incluindo diversas espécies do continente.⁸⁴⁵

A edição oitocentista de Amador de los Ríos incorporou a maioria desses adendos.⁸⁴⁶ Aí achamos referências a seis características naturais do Novo Reino de Granada: as esmeraldas,⁸⁴⁷ o “betume”,⁸⁴⁸ os tigres,⁸⁴⁹ o “gato cervical”,⁸⁵⁰ o “oso hormiguero” – tamanduá –

⁸⁴⁴ David Brading afirma que Quesada era “bom amigo” de Oviedo, *Orbe indiano*, op. cit., p. 57. Ramos também alega que eram grandes amigos.

⁸⁴⁵ Por exemplo, 36 novos capítulos foram adicionados ao livro VI. CARRILLO. “The *Historia general y natural*”, op. cit., p. 330. Vários deles versavam sobre espécies do atual território colombiano. Vejam-se as notas de rodapé logo abaixo. Dessa forma também, Oviedo alterou assim seu projeto de tratar a Terra Firme unicamente na segunda parte.

⁸⁴⁶ Em geral, os pesquisadores assumem que a edição de Amador de los Ríos incorporou a totalidade desses adendos. Porém, de acordo com Turner, que fez um exame cuidadoso, a mencionada edição deixa muito a desejar.

⁸⁴⁷ Livro VI, capítulo XXVII: “En el cual se tracta de las dos especies ó maneras de esmeraldas que se han hallado en la Tierra-Firme, de las cuales se han llevado muchas en cantidad, de diversas estimaciones, ó presçios, e aun asaz dellas de mucho valor han discurrido por Europa é otras partes del mundo, que destas nuestras Indias se han transportado, por muchos reynos, en tanta manera que la grande abundancia é número dellas ha fecho disminuir el valor de las gemmas”, *HGN I*, 1851, p. 211-215. No livro VI, capítulo LIII – que versa sobre as marés no litoral peruano – há uma nova referencia muito pontual às esmeraldas do Novo Reino, que tal como as do Perú, se desvalorizaram por sua enorme quantidade: “Y antes questas esmeraldas de Puerto Viejo é las de Bogotá é Somindoco pareciesen, valían las cinco esmeraldas ques dicho mas de quatro mil ducados, por lo menos”, *Ibid.*, 1851, p. 260.

,⁸⁵¹ e os ursos como os da Espanha.⁸⁵² À exceção do capítulo consagrado às esmeraldas, a informação relativa aos outros elementos naturais é de caráter pontual, pois se limita a menções sucintas com o intuito de corroborar a existência, no Novo Reino de Granada, de certos animais ou substâncias avistados, também, em outras partes de Índias.⁸⁵³ Por exemplo, no capítulo do “betume”, Oviedo estabelece cinco lugares onde há fontes dessa matéria e acrescenta: “Otro pozo hay de betum en la gobernación del nuevo reyno de Granada, en la tierra de los indios bravos, que se llaman Panches”.⁸⁵⁴ Destarte, depara-se pouco de idiossincrático ou “especificamente neogranadino” na citação desses elementos naturais. Em outras palavras, para o coronista não são produtos exclusivos do Novo Reino. Uma exceção parcial é o urso como o da Espanha que, além do Novo Reino, só foi visto na “terra setentrional”, especialmente na Flórida. Porém, a descrição que o autor oferece deste animal, tal como a do gato cerval, dista de ser tão pormenorizada e rigorosa como a que caracteriza a obra de Oviedo em relação a outros exemplares do reino animal, vegetal ou mineral que ele observou diretamente e lhe chamaram a atenção por sua raridade, valor ou utilidade.⁸⁵⁵

⁸⁴⁸ Livro VI, capítulo XXVIII: “En que sumariamente se tracta un depósito, que más largamente se podrá ver en sus lugares apropiados, é donde la natura en estas Indias ha mostrado é produce, algunas fuentes é nascimentos de betum de diversas maneras”, *Ibid.*, p. 214-215. O que Oviedo chama betum, é petróleo.

⁸⁴⁹ Livro XII, capítulo X, “De los animales que en la Tierra-Firme llaman los españoles tigres, é los indios los nombran en diversa manera, segund la lengua de aquellas proviñcias, donde lo hay”, *Ibid.*, p. 401-405. Provavelmente trata-se da onça. Uma versão anterior desse capítulo foi publicada por Oviedo no *Sumario* de 1526.

⁸⁵⁰ Livro XII, capítulo XIII, “Del gato cerval”, p. 406-407. Ao que parece, trata-se da jaguatirica, ou *leopardos pardalis*. Cf. PAPAVERO, Nelson. *Sobre os nomes populares dados aos felinos do gênero leopardus (mammalia, carnívora, felidae)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2015, p. 16.

⁸⁵¹ Livro XII, capítulo XXI, “Del oso hormiguero em Castilla del Oro y em otras partes de la Tierra-Firme”, *Ibid.*, p. 409-411.

⁸⁵² Livro XII, capítulo XXXVII, “De los osos, como los de España”, *Ibid.*, p. 421.

⁸⁵³ No caso do urso “como os da Espanha”, a referência ao Novo Reino é ligeiramente mais longa, mas a descrição do elemento em si é curta.

⁸⁵⁴ Os outros cinco lugares são: ilha de Cubagua, ilha de Cuba, Nova Espanha, ponta de Santa Helena e província de Venezuela. No capítulo VII do livro XXVII Oviedo amplia a informação acerca da fonte de betume sobre a qual recebeu mais informação, localizada na ilha de Cuba. Ali cita alguns autores clássicos que trataram sobre esse mesmo elemento (Plínio e Quinto Curcio). No capítulo II do livro XIX também toca brevemente nas fontes de betum da ilha de Cubagua, perto do litoral venezuelano.

⁸⁵⁵ Raquel Álvarez Peláez considera que um dos méritos dos escritos de Oviedo estriba na qualidade de suas descrições da natureza americana. Como ilustração, ela remete aos capítulos relativos ao mamífero chamado preguiça pelos ibéricos, e à fruta denominada *nispero*. “La calidad de sus descripciones está a la misma altura – y en muchos casos es superior –, a la de las realizadas por Francisco Hernández, un especialista en botánica, por Bernardino de Sahagún, informado por los indígenas, o a las de Bernabé Cobo, cien años después.” ÁLVAREZ PELÁEZ, Raquel. “La historia natural en tiempos del emperador Carlos V. La importancia de la conquista del Nuevo Mundo”. In: *Revista de Indias*, Vol. LX, No. 218, p. 22.

5.8 A decadência do conquista-dor e os heróis do Novo Mundo

Várias pesquisas apontam que a visão de Oviedo sobre os conquista-dores como grupo – bem como os administradores coloniais e os *encomenderos* – foi se tornando a cada vez mais pessimista com a passagem do tempo.⁸⁵⁶ Na edição de 1535, a celebração do heroísmo dos conquista-dores predomina, embora com algumas notas contrastantes.⁸⁵⁷ Encontra-se, por exemplo, o seguinte louvor à superioridade dos guerreiros castelhanos:

En nuestra nación española no parece sino que comúnmente todos los hombres della nascieron principal y especialmente dedicados a las armas y a su ejercicio, y les son ellas e la guerra tan apropiada cosa, que todo lo demás es accesorio, e de todo se desocupan de grado, para la milicia.⁸⁵⁸

E o escritor declara que seu “dever” é capturar as façanhas dos homens que de outra forma ficariam relegadas ao caixão do olvido:

A lo menos, si quedaron sin galardón o pago de sus trabajos y méritos, no les falte por culpa de mi pluma e pigricia la memoria de que fueron y son muy dignos sus hechos, porque en la verdad, es mejor satisfacción que otras; y en más se debe tener lo que se escribe en loor de los que bien vivieron e acabaron como buenos y valerosos, que cuantos bienes les pudo dar o quitar la fortuna.⁸⁵⁹

Porém, na versão modificada da primeira parte – publicada por Amador de los Ríos –, Oviedo acrescentou novos capítulos com uma ênfase crítica nas ações de diversos conquista-dores. Hernando de Soto pode servir como ilustração.⁸⁶⁰ Seus crimes estariam à altura daqueles cometidos por um dos piores indianos, o arquirrival de Oviedo, Pedrarías Dávila. Essa ótica pessimista e reprobatória também perpassa as partes II e III da *Historia general*, onde abundam os vilões cristãos. Nesse sentido, Alexandre Coello propõe convincentemente que após 1535, o coronista destacará a “decadência do descobridor como modelo heroico”, configurando uns relatos menos edificantes, mais críticos e bem menos edênicos do que na primeira parte e no *Sumario*.⁸⁶¹

Os episódios narrados nas partes II e III oferecem inúmeros exemplos de indianos execráveis, ou tomando emprestado o termo de Bernat Hernández, de anti-conquistadores.⁸⁶²

⁸⁵⁶ BECKJORD, Sarah. *Territories of history. Humanism, rethoric and the historical imagination in the early chronicles of Spanish America*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2007, p. 69-74; COELLO. “Héroes y villanos”, op. cit; MYERS. *Fernández de Oviedo*, op. cit.

⁸⁵⁷ Por exemplo, a sátira da colonização de Las Casas em Cumaná e os “Naufrágios” incluídos no livro 20.

⁸⁵⁸ HGN I, Livro 16, capítulo 7.

⁸⁵⁹ Ibid.

⁸⁶⁰ Conquista-dor da América Central e do Peru, governador de Cuba e líder de expedições na Flórida. Chegou à América com a armada de Pedrarias.

⁸⁶¹ COELLO. “Héroes y villanos”, op. cit., p. 614.

⁸⁶² Tomamos emprestado o termo do estimulante artigo HERNÁNDEZ, Bernat. “ ‘Por honrar toda la vida pasada con tan buen fin’ . Los cargos de conciencia en la figura del anticonquistador”. In: BARAIBAR, Álvaro et al

Por exemplo, no livro XXVII os companheiros de Colombo são ressignificados como “alteradores y destruidores de la tierra”, e chega-se a descrevê-los como um bando de salteadores, com retórica que ressoa fortemente com Las Casas: “¡Oh malditos hombres! ¡Oh improprios cristianos! ¡Oh verdaderos lobos y no hombres humanos!”.⁸⁶³

A narrativa da invasão do Peru, na terceira parte, também é pródiga em vilões, e assume um tom marcadamente trágico. Um elemento contextual que quiçá pesou em sua configuração, foi a morte do filho de Oviedo na expedição comandada por Diego de Almagro no Chile.⁸⁶⁴ Enquanto Almagro resulta mais bem avaliado por conta de suas qualidades de liderança militar, e considerado um herói,⁸⁶⁵ Oviedo tinha em pouquíssima estima por todo o clã Pizarro. Francisco Pizarro resulta um pouco menos desfavorecido devido ao protagonismo que teve na invasão do Tawantinsuyu, o qual, no final das contas, era um dos principais territórios anexados. Já o rebelde Gonzalo Pizarro foi qualificado pelo cronista como um verdadeiro inimigo da pátria (*hostis patriae*) e um tirano, termo muito caro, também, a Las Casas.⁸⁶⁶

Não obstante, nem todos os cristãos que cruzaram o Atlântico são vilipendiados na *Historia general*. Em suas páginas também se oferecem exemplos – se bem que menos frequentes – de conquista-dores probos e, inclusive, verdadeiros heróis que sobressaíram do comum dos mortais. Esses heróis podem-se classificar em dois tipos.⁸⁶⁷ Em primeiro lugar estão aqueles navegantes que exemplificam o heroísmo do descobridor, os quais tiveram que enfrentar os perigos de um mar desconhecido em benefício da monarquia. Essa categoria tem como representantes centrais Cristóval Colombo, Fernão de Magalhães⁸⁶⁸ e Juan Sebastián Elcano.⁸⁶⁹

Em segundo lugar, estão os heróis militares, que se destacam por qualidades castrenses como a valentia, a audácia, a persistência, bem como a capacidade de comando. Dentre eles

(eds.). *Hombres de a pie y de a caballo (conquistadores, cronistas, misioneros en la América colonial de los siglos XVI y XVII)*. Nueva York: Universitat Atònoma de Barcelona, 2013, p. 117-131.

⁸⁶³ HGN I, Livro 28, cp. 6. Para um comentário desse trecho, cf. BECKJORD. *Territories of history*, op. cit., p. 72.

⁸⁶⁴ Ibid., p. 72.

⁸⁶⁵ COELLO. “Héroes y villanos”, op. cit., p. 609.

⁸⁶⁶ Sobre a postura de Oviedo acerca dos Pizarro e da invasão do Peru resultam de interesse as reflexões de MACCORMACK, Sabine. *On the wings of time. Rome, the Incas, Spain, and Peru*. Princeton y Oxford: Princeton University Press, 2007, p. 66-100.

⁸⁶⁷ COELLO. “Héroes y villanos”, op. cit. Coello mostra como Oviedo se nutre da tradição literária clássica para a figuração de seus heróis. Embora ofereça uma boa análise, não leva suficientemente em consideração o caráter mutável e não homogêneo de heróis individuais.

⁸⁶⁸ Navegante português que se notabilizou por ter comandado a primeira viagem de circum-navegação ao globo de 1519 a 1522, a serviço do rei da monarquia espanhola. Porém, morreu nas Filipinas antes de terminar o trajeto.

⁸⁶⁹ Navegante de origem basca que participou da mesma expedição de Magalhães e tomou a liderança após a morte do português, desde as ilhas Molucas até a Península ibérica.

figuram Ponce de León, o já mencionado Diego de Almagro, o próprio Quesada⁸⁷⁰ e, por acima deles, Hernán Cortés. Mesmo que a imagem deste último não seja homogênea na obra oviedana, sem dúvidas, o invasor de Tenochtitlán leva a palma como o mais glorioso dos conquista-dores, notadamente no Livro XXXIII da *Historia general*, onde é comparado com grandes figuras míticas e históricas da antiga Roma.⁸⁷¹ A respeito dele escreve:

...es muy justa cosa que en la memoria de los que viven estén escriptas las hazañas e fechos memorables de Hernando Cortés, e que ellos las enseñen a sus hijos e aquellos a los que procedieren de ellos, e de una edad a otra e de tiempo en tiempo, siempre estén acordadas e perpetuadas en la mente de los humanos, allende de lo que puede estar o quedar escripto por mí o por otro más competente historiador.⁸⁷²

No capítulo 7 veremos como a construção do herói Cortés alcançou um clímax com Francisco de Gómara, o que obscureceu a imagem dos demais conquista-dores, dentre eles, a própria avaliação historiográfica de Quesada.

5.9 Heróis e vilões do Novo Reino de Granada na *Historia general*

Oviedo expressou abertamente seu ponto de vista acerca dos europeus que invadiram o Novo Reino de Granada em várias seções da *Historia general*. Tais apreciações encontram-se agrupadas, principalmente, em vários capítulos dos livros XXV e XXVI da segunda parte, e do livro XLV da terceira parte.⁸⁷³ Estas seções intercalam segmentos de narração diacrônica com opiniões enunciadas na voz do *eu* narrador.

Dois elementos coadjuvam a entender a ostensiva presença da voz autoral nessas seções, assim como as posturas manifestadas por ela. Por uma parte, o fato de Oviedo ter participado, como ator, em vários episódios que registrou por escrito, como o processo judicial e prisão de Alonso Luis de Lugo, que foi acusado de diversos delitos após sua prática governativa nas terras muíscas.⁸⁷⁴ Por outra parte, a circunstância de ter estado a ponto de assumir em diferentes momentos de sua vida o governo de uma província fronteira com as terras muíscas – Santa Marta e Cartagena – antes que fossem invadidas, posição que não se

⁸⁷⁰ Tema abordado na seguinte seção.

⁸⁷¹ Sobre Cortés cf. BARAIBAR, Álvaro. “Hernán Cortés en la *Historia general y natural de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo”. In: *Revista Complutense de Historia de América*, 2014, vol. 40, p. 139-154.

⁸⁷² Oviedo apud Baraibar, *ibid.*, p. 150. Não obstante, Baraibar assinala que a imagem de Cortés para Oviedo tem matizes, não sempre foi encomiástica.

⁸⁷³ Os capítulos centrais a esse respeito são os seguintes: XV e XVI do Livro XXV; XII, XIV, XV, XVI e XVII do Livro XXVI; I do Livro XLV. O último capítulo trata sobre Sebastián de Belalcázar no marco da invasão ao Tahuantinsuyu.

⁸⁷⁴ Livro XXV, capítulo XVII, *HGN II*.

concretizou, mas que continuou pesando na forma subjetiva como o coronista apreciou, e porventura desejou usufruir as riquezas do Novo Reino de Granada.⁸⁷⁵

Qual o conceito de Oviedo sobre os líderes de expedições a essa região? Uma rápida leitura nos mostra que a reprovação moral prevalece nos casos de Federmán, Belalcázar e Alonso Fernández de Lugo, que poderiam entrar na categoria de vilões, enquanto a valorização positiva recebe destaque em Pedro Fernández de Lugo, Lebrón e, notadamente, Quesada, que chega a entrar na galeria dos verdadeiros heróis da empresa indiana.

Federmán⁸⁷⁶ é o primeiro conquista-dor do Novo Reino que aparece nas páginas da *Historia general*, no Livro XXV, dedicado à zona de Venezuela. Lembremos que em 1536, o aventureiro tudesco havia sido designado pelo governador de Venezuela, Jorge de Espira, para ocupar a região do Cabo de la Vela, um área reclamada tanto por este último quanto por Pedro Fernández de Lugo. Entretanto, desobedecendo às ordens de seu superior, desviou-se em direção sul em busca de uma terra abastada, chegando eventualmente, depois de muitas peripécias, à meseta muísca, onde já se encontravam estabelecidos Quesada e seus homens.

O juízo de Oviedo sobre Federmán é duplo. Por um lado, reprova a desobediência do alemão, então tenente do governador Espira: “sin su licencia, [Federmán] entró la tierra adentro”.⁸⁷⁷ Por outro lado, contesta suas pretensões sobre uma terra que já havia sido legitimamente “ganha” e “povoada” pelo *licenciado* andaluz, as quais contradiziam uma das convicções de Oviedo, de acordo com Álvaro Baraibar: “Era totalmente injusto que viniera alguien a asumir la gobernación de un territorio cuando en él estaban quienes lo habían obtenido con su esfuerzo y con el riesgo de sus propias vidas”.⁸⁷⁸ Aliás, tal ideia era bastante comum no coletivo *encomendero*. Oviedo faz exatamente a mesma reclamação a Belalcázar, que aproximou-se do Novo Reino “deseando confederación y compañía, para meterse en aquella tierra, en cuya busca y demanda había venido quinientas leguas”.⁸⁷⁹ Assim, já no Livro XXV, vai tomando forma a representação de Federmán e Belalcázar como conquista-dores ilegítimos do Novo Reino, que cristaliza no capítulo XII do Livro XXVI, o qual começa com uma reflexão de caráter mais geral:

⁸⁷⁵ Ampliaremos este assunto no capítulo 6. Na verdade, Oviedo assumiu por curto tempo o governo da província de Cartagena.

⁸⁷⁶ Escrito Federman por Oviedo.

⁸⁷⁷ Livro XXV, capítulo XVI, *HGN II*, p. 48.

⁸⁷⁸ BARAIBAR. “Hernán Cortés”, op. cit., p. 146.

⁸⁷⁹ Livro XXV, capítulo XVI, *HGN II*, p. 48, grifos nossos. As palavras em itálicas denotam a desaprovação do proceder de Belalcázar. Pelo contexto, entende-se que confederação também podia ser entendida como paz.

Muy acostumbrada cosa es en estas partes, procurar los tenientes de los gobernadores de *alzarse con los oficios*; y quien estas cosas viere, hallarlo ha en muchos que, desconocidos o mal agradecidos a quien los honra, han procurado de aniquilar a sus superiores, alzándose con la gente e intereses; e huyendo de dar cuenta a quien deben, y donde serían entendidos, toman o siguen otro camino, y cautelosamente [...] dan a entender en España tales cosas.⁸⁸⁰

Resulta significativo que Oviedo impute tal forma de agir a Federmán – que *devia* ter voltado à Venezuela para avisar a seu superior Espira – e Belalcázar – que *devia* ter reportado as descobertas a Francisco Pizarro –, mas exonera de tal responsabilidade Quesada, com o argumento pouco convincente de que sua verdadeira *intenção* era voltar a Santa Marta e informar a Pedro Fernández de Lugo das novas terras, mas, ao saber por Belalcázar que o *adelantado* acabava de falecer, refez seus planos:

Pero como mi intento es seguir verdad, informando della, no quiero consentir que se de tal culpa al licenciado Gonzalo Jiménez, *porque su propósito y obra fue obedecer y reconocer a su gobernador don Pedro de Lugo*, y como llegó Belalcázar, supo que era muerto, y no había de ir a buscarle.⁸⁸¹

A representação de Quesada como conquista-dor leal e portanto legítimo, é reforçada mediante várias estratégias retóricas ao longo dos capítulos subsequentes, entre as quais cabe indicar: o contraste com certos traços do caráter de Federmán, Belalcázar e sobretudo, Alonso Fernández de Lugo – legítimo aspirante ao comando das terras muíscas–, por exemplo, a excessiva cobiça destes três indivíduos; a exaltação das dificuldades e perigos arrostados por Quesada em sua longa marcha para o interior, que nunca desfaleceu em seu propósito; o realce de suas qualidades castrenses; enfim, os comentários favoráveis à sua petição da governação do Novo Reino, que nunca foram atendidos. Destarte, concordamos com a hipótese de Alexandre Coello, na medida em que Quesada foi tomando a estatura de um verdadeiro herói do Novo Mundo nas páginas da *Historia general*.

Um elemento não considerado por Coello complementa tal hipótese. No penúltimo Livro da trilogia, Oviedo conclui com um interessantíssimo capítulo que tem recebido pouca atenção dos especialistas.⁸⁸² Nele, o escritor madrileno elenca os sete principais “serviços” ao “cetro real de Castela” nas Índias. Brevemente, eles são: 1) a descoberta de Cristóvão Colombo; 2) a descoberta do Mar do Sul por Balboa; 3) a circum-navegação de Magalhães; 4) a conquista da Nova Espanha por Cortés; 5) a conquista do Peru por Pizarro e Almagro; 6) a

⁸⁸⁰ Capítulo XII, Livro XXVI, *ibid.*, p. 92, grifos nossos. No começo do capítulo XVII do Livro XXV está enunciada a mesma ideia: “podréis [refere-se ao leitor] mejor advertir y sentir cómo andan los capitanes de estas partes usurpando todo lo que pueden de sus vecinos y aun de sus superiores”, p. 48.

⁸⁸¹ *Ibid.*, grifos nossos.

⁸⁸² “Capítulo XVI. En que el chronista da fin á este libro, é pone siete servicios que se han hecho en las Indias al Emperador Rey, nuestro señor, é al çetro real de Castilla: é son los siguientes”, *HGN III*, p. 459.

descoberta e conquista do Novo Reino de Granada por Pedro Fernández de Lugo e Quesada; 7) a pacificação do Peru por La Gasca. O autor enuncia assim o sexto serviço:

El que hicieron “el adelantado de Tenerife don Christóbal [sic.] de Lugo, gobernador de Sancta Marta, que puso en obra el descubrimiento del Rio Grande, y envió tal teniente en el licenciado Gonçalo Ximénez de Quesada, que con mucha prudencia y esfuerzo ovo tan rica empresa é tan glorioso e falló el nasçimiento de las esmeraldas: lo cual hasta nuestro tiempo no vieron christianos ni se sabe que oviessen visto tal secreto en parte del mundo, é sobjuzgó aquel Nuevo Reyno de Granada, que los naturales llaman Bogotá, é otras provincias.”⁸⁸³

Além de ratificar a visão do Novo Reino de Granada como um território riquíssimo associado à mina de esmeraldas – aspecto que aprofundaremos no capítulo 6 –, a passagem supracitada elimina quaisquer dúvidas quanto aos merecimentos de Quesada como um dos legítimos integrantes da panóplia de benfeitores indianos, que se esforçaram em prol da expansão e glória da monarquia universal de Carlos V. Paralelamente, por sua localização calculada ao final da *Historia general*, o referido capítulo outorga à conquista das terras muíscas um protagonismo relevante no enredo da obra.

Agora, a imagem positiva de Quesada para Oviedo resulta um tanto atípica, levando em consideração o complexo caráter do coronista e sua perspectiva crítica frente a maioria dos espanhóis que passaram ao Novo Mundo. Quesada resulta ser uma exceção. Talvez tenha influído o fato de eles vieram a se conhecer quando os direitos políticos do caudilho estavam sendo revalidados e se concretizaram várias mercês, justamente no ano 1547. Além disso, alguns fatores subjetivos podem haver pesado: tal como Oviedo, Quesada estava à procura de uma governação indiana; tinha uma enérgica visão pró-imperial; e esgrimiu ora a pluma ora a espada. Por sua vez, Quesada mencionou Oviedo em seu manuscrito conhecido como *Antejobio*, como um dos pouquíssimos autores de referência confiável em matéria indiana: “Ystorias ay donde me puedo rremitir, que son las de Gonçalo Hernández de Oviedo y Pedro Cieça de León, y la de los muy doctos Francisco de Gómara y Agustín de Zárate. A ellos rremito a los deseosos letores de cosas de Yndias”.⁸⁸⁴

5.10 A voz narrativa de Oviedo e os indígenas do Novo Reino

Diferentemente do tratamento dado aos conquista-dores do Novo Reino e aos naturais das áreas visitadas pessoalmente pelo *alcaide*, como o Darién e Santa Marta, não contamos com quadros etnográficos sobre os muíscas que expressem nitidamente sua voz autoral.

⁸⁸³ Livro XLIX, *ibid.*, p. 460. Note-se a metonímia de Bogotá para o Nuevo Reino.

⁸⁸⁴ JIMÉNEZ DE QUESADA, Gonzalo. *El antijovio*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1952, p. 356.

Quando aparece, a informação sobre os nativos do Novo Reino está apresentada na forma de discurso reportado ou citado textualmente das *relações* de Quesada e seus capitães, analisadas no capítulo 3. Contudo, contamos com esporádicos “deslizamentos” da voz de Oviedo na primeira e segunda parte, que examinaremos logo a seguir.

Um aspecto que chama a atenção, da forma como são expostos os caracteres naturais do Novo Reino de Granada na última versão da *História general I*, diz respeito a alusões passageiras ao mundo indígena, e, sobretudo, aos grandes caciques da região, em concordância com as *relações* de Quesada e seus capitães.⁸⁸⁵ Assim, ao abordar a espécie dos tigres, escreve: “En muchas partes se han visto después [de serem vistos em Terra Firme, Darién, etc.], é hay estos animales de esta é de a otra parte de la línea del equinocio, donde los españoles han andado, assim como en el nuevo reyno de Granada ó señorío del príncipe de Bogotá, ó también en las costas del famoso rio de la Plata...”,⁸⁸⁶ e no que diz respeito ao gato cerval: “Aca en las Indias los hay [gatos cervales] muy fieros donde he dicho; assi como en la tierra del gran príncipe Bogotá, que los españoles llaman Nuevo Reyno de Granada: é son de muy hermoso pelo é para ricos enforros de señores y altos hombres de Estado, é los indios estímálos mucho”.⁸⁸⁷

Já na segunda parte, a voz do cronista é perceptível em dois trechos do capítulo XXVI. O primeiro consiste em um comentário de Oviedo-autor,⁸⁸⁸ realizado depois de “transcrever” o seguinte enunciado de Quesada-autor, quando os cristãos aproximavam-se da residência do cacique Tunja: “Allí se supo como Tunja *estaba rebelado contra los cristianos* y de guerra, y que estaba aguardando a que se le acercasen”.⁸⁸⁹ Vale a pena citar *in extenso* a glosa de Oviedo-autor:

*Digo yo, el cronista, no aceptando el nombre que de rebelde da la relación deste capitán o general contra Tunja, que no se puede llamar rebelde quien nunca había dado obediencia, porque, pues este licenciado es letrado, bien debe saber que rebelles, discuntur, qui in fide non permanent.*⁸⁹⁰ Así que, Tunja no había dado fe ni palabra de subjeción ni amistad, ni la quería con los cristianos, e sin su licencia e contra su voluntad se entraron en su tierra, en que pacíficamente gozaba de su señorío y libertad: justamente podría defenderse, y matar y echar los enemigos de su casa y señorío; pero dejaré agora esa disputación, que lo que los cristianos buscan, entendido está, y procederé en la relación ya dicha.⁸⁹¹

⁸⁸⁵ Até agora, esse aspecto não foi analisado nas pesquisas sobre o tema.

⁸⁸⁶ Note-se que na referência ao rio da Prata não há nenhuma menção acerca dos caciques indígenas da região. O mesmo acontece em outros muitos casos.

⁸⁸⁷ Grifos nossos.

⁸⁸⁸ Escrevemos Oviedo-autor ou Quesada-autor para diferenciá-los da intervenção desses indivíduos na forma de personagens da narração, ou seja, Oviedo-personagem ou Quesada-personagem.

⁸⁸⁹ Capítulo XXVI, *HGN* II, p. 115, grifos nossos. Essa passagem seria de suposta autoria quesadista.

⁸⁹⁰ “Dizem-se rebeldes aqueles que não permanecem na fé”.

⁸⁹¹ Capítulo XXVI, *ibid.*, p. 115, grifos nossos.

Um pouco mais adiante, ainda no mesmo capítulo, Oviedo-autor faz um comentário em relação à pergunta feita por Quesada ao Tunja, de por que esse havia querido “engañar y matar a los cristianos”. Perante esta situação, o coronista escreve: “Y a mí [Oviedo] me parece que la pregunta se estaba respondida, pues que no hay preso que no desee ser suelto”.⁸⁹²

A nosso ver, esses dois deslizamentos da voz autoral são chaves, pois refletem um matiz diferente na avaliação das ações de Quesada e seus companheiros, assim como a discussão mais ampla sobre os justos títulos da invasão. O primeiro trecho representa a única vez que Oviedo objeta a ação de Quesada, ao aludir de forma irônica a seu caráter de letrado e à aplicação tergiversada da lei. Surpreende-nos que aqui Oviedo chega a deslegitimar a ação de “conquista” violenta e a atribuição da categoria de rebeldes aos indígenas, mais uma vez alinhado com a perspectiva do coletivo pacifista. O segundo trecho também aprova a defesa violenta dos indígenas como justa o natural. Essas apreciações desconcertam se comparadas com as desqualificações dos indígenas tão frequentes no coronista até 1535, e ainda em muitos trechos da segunda e terceira parte da *História general*. Contudo, poderiam se explicar como uma sorte de “suavização” retórica de sua postura para congraçar-se com o novo clima da legislação indiana depois de 1542. Além do mais, consideramos que essas breves anotações não põem em risco o caráter heroico com que Quesada é apreciado no restante da obra.⁸⁹³

⁸⁹² Ibid., p. 117.

⁸⁹³ Outro aspecto que ajuda a entender isso tem a ver com a falta de sistematicidade na construção dos personagens em Oviedo. Em outras palavras, o herói não é um personagem unívoco: a imagem pode variar com o tempo, ou por causa dos testemunhos cruzados oferecer diferentes perspectivas (Sandra Beckjord chama isso *perspectivismo*). Essa imagem complexa dos caracteres – e inclusive dos heróis – a assinala Baraibar para Cortés, enquanto Beckjord a insinua para Colombo. Quesada não escaparia a esse tratamento.

CAPÍTULO 6

OVIEDO E AS RIQUEZAS DO NOVO REINO DE GRANADA

6.1 Os interesses colonizadores de Oviedo e o Novo Reino de Granada

Existem vários episódios na trajetória biográfica de Oviedo que revelam um importante nexos com o território do Novo Reino de Granada ampliado, na fase anterior à expedição de 1536. Explorar esses encadeamentos pode oferecer-nos pistas para entendermos melhor o interesse que o coronista demonstrou na segunda parte da sua *História general* pela terra dos muíscas, bem como sua aproximação pessoal a Quesada na segunda metade da década de 1540, questões que não têm recebido atenção suficiente pela historiografia *oviedana*, e que permitem complementar o exposto no capítulo precedente.⁸⁹⁴ Em particular, elas jogam luz sobre o potencial econômico real e imaginado da região neogranadina e o ideal de “conquista” plasmado pelo *alcaide* de Santo Domingo.

6.1.1 Oviedo em Santa Marta e os primeiros indícios de esmeraldas

Destaque-se desde já que Oviedo parou brevemente no litoral de Santa Marta em de 1514 junto à armada de Pedrarias Dávila, de caminho ao Darién. Ele faz menção dessa passagem no capítulo X do livro VII da segunda parte da *Historia general*, relativo a “algunas particularidades de la província de Santa Marta, y de los animales y aves que hay allí, y de los mantenimientos e otras cosas particulares de aquella tierra”.⁸⁹⁵ Dentre as “outras cosas particulares” estão algumas observações pessoais de índole etnográfica sobre os indígenas da

⁸⁹⁴ Uma exceção parcial é Orjuela, que chamou a atenção para vários encadeamentos entre a vida de Oviedo e o Novo Reino de Granada. Porém, discordamos da perspectiva teórica desse autor, que tenta encontrar em Oviedo a origem da literatura colombiana de forma um tanto teleológica. Por outra parte, nesse capítulo focamos em aspectos que Orjuela não aprofundou. ORJUELA, Héctor. “Orígenes de la literatura colombiana”. In: *Thesaurus. Boletín del Instituto Caro y Cuervo*. T. XL, No. 2, 1985, p. 241-292.

⁸⁹⁵ *HGN II*, Livro XXV, Capítulo IX, p. 79-82, s. XX. Oviedo também faz uma breve menção a sua estada em Santa Marta no capítulo III do livro V da primeira parte (p. 132-133). Aí comenta a respeito de uma figura indígena de ouro que representava uma relação homossexual, que ele denomina “joyel del diablo”. Vangloria-se de tê-la quebrado a marteladas com suas próprias mãos. Também comenta que ali se tomou bastante ouro. Uma nova referência à mesma peça “sodomita” encontra-se no citado capítulo da segunda parte: “que era un hombre sobre otro, en aquel malo y nefando acto contra natura, hechos de relieve y muy al próprio; la cual pieza, yo por mis manos la quebre encima de un ayunque com um martillo, en la casa de la fundición real em el Darién.” *HGN II*, p. 81.

área. Antes disso, no *Sumario de la natural historia de las Indias* (1526), Oviedo fizera uma interessante alusão à sua estada em Santa Marta e as riquezas da zona, que vale a pena citar *in extenso*:

Es opinión de muchos que en aquellas partes debe haber piedras preciosas [...]. En Tierra Firme, en Santa Marta, al tiempo que allí tocó el armada que el Católico rey don Fernando envió a Castilla de Oro, yo salté en tierra con otros, y se tomaron hasta mil y tantos pesos de oro y ciertas mantas y cosas de indios, en que se vieron *plasma de esmeraldas*⁸⁹⁶ y corniolas [cornalinas] y jaspes y calcedonias y zafires blancos y ámbar de roca; todas estas cosas se hallaron donde he dicho, y *se cree que de la tierra adentro les debía venir por trato y comercio que con otras gentes de aquellas partes deben tener*; porque naturalmente todos los indios generalmente, más que todas las gentes del mundo, son inclinados a tratar y a trocar y baratar unas cosas con otras; y así, de unas partes a otras van en canoas, y de donde hay sal la llevan adonde carecen de ella, y les dan oro o mantas o algodón hilado, o esclavos o pescado, o otras cosas...⁸⁹⁷

Trata-se de uma das primeiras referências a esmeraldas vistas por europeus no território americano, embora sua existência se antecipasse desde antes. Significativamente, as únicas duas menções anteriores que encontramos de possíveis esmeraldas, também derivam de explorações relativamente próximas ao litoral de Santa Marta. A mais antiga surgiu da viagem de Alonso de Ojeda, que em 1499 percorreu parte da península da Guajira, não longe de Santa Marta. Sabe-se que o piloto Américo Vespúcio, que também participou da expedição, levou de volta à Espanha muitas pérolas e uma esmeralda.⁸⁹⁸ Assim, nas capitulações que Ojeda recebeu em 1501 para uma segunda travessia ao litoral sul-americano, a Coroa requisitou-lhe que tomasse a maior quantidade que pudesse de “piedras verdes, de las cuales trujistes muestra [na anterior viagem]”.⁸⁹⁹ A segunda alusão a esmeraldas consta em um dos primeiros tratados relativos ao Novo Mundo, a *Summa de geografia* (1519) do conquista-dor e cosmógrafo Martín Fernández de Enciso, que obviamente Oviedo conhecia, embora não o mencione em seus textos. Enciso consignou o seguinte em relação ao rio Marañón: “En este rio fe tomarõ

⁸⁹⁶ O termo “plasma”, usado frequentemente nas fontes, refere-se a gemas de aparência “nebulosa” (*cloudy*) de menor qualidade. LANE, Kris. *Colour of paradise. The emerald in the age of gunpowder empires*. Yale University Press, New Haven and London, 2010, “Appendices”.

⁸⁹⁷ FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Sumario de la natural historia de las Indias*. México, Fondo de Cultura Económica, 1979, p. 247, grifos nossos. Esse achado foi confirmado por Diego de Alarcón, outro participante da expedição. Numa carta a sua mãe, Alarcón acusou Oviedo de apropriar-se de uma safira do tamanho de um ovo de galinha e “un rico tapiz tejido con piedras preciosas de colores y otras verdes que dicen esmeralda”. O documento foi transcrito por LÓPEZ DEL RIEGO, Visitación. *El Darién y sus perlas. Historia de Vasco Núñez de Balboa*. Madrid: Incipit Editores, 2006, p. 102. No capítulo IX do livro XXV da *HGN II*, Oviedo dá uma versão diferente dos eventos, assinalando que a safira e demais gemas foram entregues ao tesoureiro e nunca mais se soube delas, p. 80, s. XX.

⁸⁹⁸ PASTOR, Beatriz. “The difficult beginnings: Columbus as a mediator of New World products”. In: ARAM, Bethany y YUN-CASALILLA, Bartolomé (eds.). *Global goods and the Spanish Empire, 1492-1824. Circulation, resistance and diversity*. Nueva York: Palgrave-Macmillan, 2014, p. 45.

⁸⁹⁹ Infelizmente, ignoramos se Ojeda efetivamente encontrou esmeraldas na viagem de 1501. Para uma cópia das capitulações cf. *Historia de la vida y viajes de Cristóbal Colón*. Tomo III. Barcelona: J. Seix, 1878, p. 875.

cuatro indios en una canoa q veniã por el rio abaxo y tomaronles dos piedras de esmeraldas la una tã grãde como la mano deziã que a tãtos foles yêdo por el rio arriba auia una peña d aqlla piedra”.⁹⁰⁰ Então, de acordo com Enciso, havia rumores de um depósito de esmeraldas em uma montanha – *peña* – a algumas léguas de distância da desembocadura do grande curso de água da Amazônia.

Retomando a citação de Oviedo, é interessante constatar a suposição de um intercâmbio comercial entre os povos indígenas litorâneos de Santa Marta e os do interior, de onde proviriam as gemas, o ouro, as mantas e demais objetos que, segundo ele, foram tomados dos indígenas. Chama-nos a atenção a validade histórica que a inferência de Oviedo demonstraria ter mais à frente no que diz respeito ao intercâmbio de mercadorias a longa distância entre grupos autóctones, e o fato de que justamente a cultura da *hinterland* que explorava as esmeraldas, era a muísca. Não é descabido pensar que os leitores da *Summa de geografia* de Enciso, e do *Sumario* de Oviedo, podiam começar a conjecturar a existência de povos mais ricos procedentes de “tierra adentro”.

6.1.2 Oviedo, Las Casas e as governações de Terra Firme

Oviedo deve ter percebido desde então as potencialidades econômicas do litoral de Santa Marta, uma das províncias de *Castilla del Oro* à época. Com efeito, em 1519, durante sua primeira viagem à Espanha (1515-1520), ele peticionou uma mercê de terra nessa província ou governação. A narração do episódio, caracterizada por seu marcado caráter autobiográfico, encontra-se no capítulo I do livro XXVI da segunda parte da *Historia general*, o mesmo que aborda a invasão das terras muíscas.⁹⁰¹

De acordo com Oviedo, outras duas pessoas de passagem na Corte solicitaram governações indianas ao “Emperador Rey” no ano indicado. Uma delas, de identidade não especificada, pediu a ilha de Trindade, mas sua demanda não foi aceita “porque era persona sospechosa e que se dubdó que pudiese cumplir lo que prometia”.⁹⁰² A outra pessoa, cujo nome também não é revelado, peticionava uma faixa de mil léguas do litoral venezuelano até a divisa com a governação de Pedrarias. Observe-se que esse amplíssimo território incluía as zonas de

⁹⁰⁰ FERNÁNDEZ DE ENCISO, Martín. *Summa de geografia que trata de todas las partidas y provicias del mundo: en especial de las Indias. Y trata largamente del arte de marear juntamente con la epera en romance: con el regimiento del sol y del norte: agora nuevamente emendada de algunos defectos que tenia en la impresión paffada*. Sevilha: 1530 [1ª ed. 1519], folho LI. O denominado rio Marañón corresponde ao atual rio Amazonas.

⁹⁰¹ HGN II, p. 62-63. Em geral, o livro XXVI é profundamente autobiográfico.

⁹⁰² Ibid., p. 62.

Santa Marta e Cartagena. O narrador glosa que este último “salió con la merced que pidió, e hizo gastar muchos dineros a Su Majestad”.⁹⁰³ Por outras fontes sabemos que o aludido era nada menos que Bartolomé de Las Casas.

As petições de mercês de terras feitas por Oviedo e Las Casas no ano de 1519 continham dois projetos de colonização que, apesar das dissonâncias políticas de ambos os personagens, evidenciam algumas similitudes notáveis.⁹⁰⁴ No caso do primeiro, numa iniciativa que evoca a nostalgia de um passado feudal heroico, solicitou ao Conselho de Índias o deslocamento de cem fidalgos espanhóis pertencentes à Ordem de Santiago, “limpos de linhagem”, que deveriam dirigir o assentamento na governação de Santa Marta. Narrando em terceira pessoa, assinala que:

...le parecía [el] único remedio e manera mejor que todas para ser gobernada e poblada la tierra, y en más breve tiempo, y los indios mejor tractados y antes convertidos e bien industriados que por otra vía alguna de cuantas se habían intentado por otros gobernadores.⁹⁰⁵

Os aborígenes seriam distribuídos em *encomiendas* a cada um desses varões por parte do comendador da Ordem, uma espécie de administrador ou governador geral nomeado pelo rei, cuja posição seria vitalícia. Tal seria – relata Oviedo – o único caminho para garantir o bom governo e a prosperidade da terra, evitando o caos e as rapinagens decorrentes de uma “conquista” conduzida por homens da plebe: “Siguiérase de esto que los indios fueran muy bien tractados e convertidos a la fe, y la tierra muy bien poblada de hombres de honra e de buena casta que, con esperanza de estos hábitos e beneficios, fueran a vivir en aquella provincia”.⁹⁰⁶

Três ideais aos que aderiria o futuro coronista estariam representados no projeto ovideano: pureza de sangue espanhola, lealdade ao monarca e governo em mãos de uma linhagem elevada, cuja conduta fosse proba e disciplinada.⁹⁰⁷ Como afirma Lewis Hanke, tal

⁹⁰³ Ibid. Na primeira parte da *Historia general* Oviedo aborda o insucesso desse projeto colonizador de Las Casas, que é referido com nome próprio: de “la venida del licenciado Bartolomé de Las Casas: y de cómo fue con ciertos labradores a poblar las costas de Cubagua”. Chama a atenção como Oviedo mantém a identidade de certos personagens “oculta” ou ostensiva em diferentes partes e capítulos da *Historia general*. Entretanto, Las Casas não obteve as 1.000 léguas solicitadas, senão um território bastante menor do que isso e ainda assim, muito grande. Las Casas narra sua própria versão em *Historia de las Indias*.

⁹⁰⁴ Não conhecemos um estudo comparativo desses dois projetos, tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidos.

⁹⁰⁵ *HGN II*, capítulo I, libro VII, p. 62. Para uma estimulante análise desse projeto cf. TEGLIA, Vanina María. “Una corte de caballeros para el Nuevo Mundo: los proyectos (utópicos) de Gonzalo Fernández de Oviedo”. In: *Corpus*, Vol. 2, No. 1, 2012. Edição digital disponível em: <http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/corpus/article/view/1084/1434>. Última consulta: 20-VI-2016.

⁹⁰⁶ *HGN II*, capítulo I, libro VII, p. 62.

⁹⁰⁷ TEGLIA. “Una corte de caballeros”, op. cit., p. 2. Teglia chama a atenção para a preocupação de Oviedo pela pureza de sangue, a linhagem nobre e a disciplina social. Jesús Carrillo também reflete a respeito do ideal

ideal de colonização era claramente elitista; acrescentemos que implicava um olhar crítico à forma como realmente ocorreu a expansão ibérica, na qual muitos plebeus ignorantes e toscos foram galardoados com mercês.⁹⁰⁸ Aí estava, justamente, o exemplo dos *tiranos* do Peru e muitos outros casos parecidos. Em outros textos Oviedo também manifestou o sonho de um império indiano regido por cavaleiros, com uma peculiar concepção do sistema de *encomiendas*: elas não seriam o prêmio dado a homens sem ascensão social prévia, mas sim a confirmação de uma posição já adquirida, preservando assim o *statu quo* e evitando a ascensão social de indivíduos sem as “qualidades” e “condições” adequadas.⁹⁰⁹

Nesse contexto, não resulta estranho constatar o desfecho da proposta de 1519: o Conselho de Índias aprovou sua petição para ser governador de Santa Marta, porém recusou seu sonho de implantar cavaleiros em terras americanas. Na *Historia general*, Oviedo enunciou uma das razões que, segundo ele, mais pesaram nessa decisão: “E concediósele quanto pidió, excepto esta orden de caballeros que pedía, porque a algunos del Consejo de Su Majestad les pareció que era inconveniente, e que la Orden se podría hacer muy poderosa con el tiempo en estas partes”. Perante essa resposta, Oviedo recusou a concessão da governação e continuou com seus anteriores empregos. Não obstante, ele afirma que se seu plano tivesse sido implementado, os acontecimentos que ele narra no Livro XXIX da sua *História* teriam sido menos tumultuosos.

No que tange ao plano de colonização de Las Casas, cabe anotar que começou um pouco antes da iniciativa de Oviedo e correu com melhor sorte.⁹¹⁰ Tratava-se de uma tentativa de “conquista pacífica” dos indígenas por um período de dez anos, que seriam convertidos a fé católica sem a utilização de meios violentos. Também incluía outros aspectos: um programa de colonização por parte de lavradores espanhóis, a extração de recursos naturais para a Coroa e a

oviedano de um governo de cavaleiros para o império hispânico. CARRILLO, Jesús. “Cultura cortesana e imperio: el *Libro del blasón*, de Gonzalo Fernández de Oviedo”. In: *Locus Amoenus*, No. 4, 1998-1999, p. 137-154.

⁹⁰⁸ HANKE, Lewis. *The Spanish struggle for justice in the conquest of America*. Boston: Little, Brown and Company, 1965, p. 63-64.

⁹⁰⁹ Teglia apontou a similitude entre a proposta de Oviedo e algumas disposições das Leis Novas de 1542. TEGLIA. “Una corte de caballeros”, op. cit., p. 9.

⁹¹⁰ Já em 1516, o provincial da ilha Hispaniola, Pedro de Córdoba, havia pedido a Las Casas peticionar a autorização de 100 léguas de litoral de Terra Firme e Cumaná, reservada exclusivamente aos franciscanos e dominicanos, para que pudessem pregar sem interferência. Caso as 100 léguas não fossem aceitas, Las Casas devia pedir pelo menos 10 léguas ou uma ilha. A solicitação não foi atendida devido à oposição do bispo Rodríguez de Fonseca. A morte do cardeal Jiménez de Cisneros em 1517 retardou um pouco a concretização do plano. HANKE. *The Spanish struggle*, op. cit., p. 58-59. Cf. também RAMOS, Demetrio. “El P. Córdoba y Las Casas en el plan de conquista pacífica de Tierra Firme”. In: *Boletín Americanista*, No. 3, 1959, p. 175-210.

construção de fortalezas e cidades-modelo ao longo do litoral. Os aborígenes deveriam pagar tributo, mas não poderiam ser repartidos em *encomiendas* nem escravizados. Para financiar uma parte do empreendimento, era preciso contar com a participação de “cincuenta hombres que fuesen personas modestas y sujetas a razón, que de buena voluntad quisiesen ocuparse en obra tan buena, más por virtud y servir a Dios que por codicia”.⁹¹¹ Chama-nos a atenção que o clérigo concebia a formação de uma nova ordem de cavalaria para esses homens, chamada por ele “caballeros de espuelas doradas”, que receberiam mercês e estariam acompanhados de um grupo de frades dominicanos e franciscanos.⁹¹² O rei concedeu a Las Casas a maioria dos requerimentos em uma capitulação de maio de 1520, com exceção de toda a extensão de terra solicitada, que foi reduzida em algumas léguas, mas continuou a ser bastante grande.⁹¹³

O “defensor dos índios” narra os pormenores dessa disputa pelo controle da Terra Firme no segundo livro de sua volumosa *Historia de las Indias*. Um dos aspectos que mais enfatiza é a oposição que recebeu do bispo Rodríguez de Fonseca e de Fernández de Oviedo, “que por ser tan del obispo, pensaba tener en el negocio más parte”. Com efeito, além de apresentar sua própria proposta colonizadora para a governação de Santa Marta, Oviedo e Rodríguez de Fonseca expuseram uma contraproposta para o controle de Paria – o mesmo território requisitado por Las Casas –, oferecendo maiores rendimentos ao rei do que o religioso.⁹¹⁴ Como indicado no capítulo 5, esse encontro entre Oviedo e Las Casas foi o começo de uma inimizade que prolongar-se-ia até sua morte. É interessante que a querela pelo controle do território tivesse estreita relação com duas províncias do Novo Reino de Granada ampliado: Santa Marta e Cartagena.

6.1.3 Segunda tentativa com a governação de Santa Marta

As ambições de Oviedo por obter uma governação em Terra Firme não esmoreceram em 1519. Sigamos sua própria reconstrução dos fatos. Cinco anos depois, “estando la Cesárea Majestad en Valladolid”, os integrantes do Conselho de Índias lhe ofereceram outra vez a governação de Santa Marta:

⁹¹¹ LAS CASAS, Bartolomé. *Historia de las Indias*, T. I. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1986, Libro II, capítulo CXXXI. Os 50 indivíduos deveriam ser escolhidos nas colônias espanholas das Antilhas. “Pidió el clérigo mil leguas, principal y finalmente por echar del Darién y de toda aquella tierra firme a Pedrarias y aquellos que con él estaban en matar y destruir aquellas gentes encarnizadas...”

⁹¹² HANKE. *The Spanish struggle*, op. cit., p. 63.

⁹¹³ A concessão de terra cobria uma extensão de 270 léguas, desde a Península de Paria no leste até as imediações de Santa Marta no oeste, e se prolongava por mais de 2.000 léguas terra adentro.

⁹¹⁴ HANKE. *The Spanish struggle*, op. cit., p. 64.

...porque holgarían que a mí se me diese antes que a otro alguno, y también porque vían que cuando en Barcelona yo había movido este negocio [em 1519] me ofrescí a hacer más de lo que otros se ofrescían.⁹¹⁵

Como condição para aceitar o posto, ele exigiu novamente o traslado dos 100 cavaleiros da Ordem de Santiago, que mais uma vez, foi recusado pelo Conselho. Então, o futuro coronista repeliu novamente o oferecimento: “E yo repliqué que sin aquello, no hablaría em el negocio”.⁹¹⁶ Porém, as pesquisas apontam que o requisito da Ordem seguramente não foi determinante para a decisão do Conselho, senão as condições propostas pelo concorrente de Oviedo na ocasião, que resultavam mais vantajosas para a Coroa.⁹¹⁷ Tratava-se do “conquistador” veterano e empresário de Índias sevilhano Rodrigo de Bastidas (c. 1475-1527), a quem Oviedo conhecia de tempo atrás.⁹¹⁸

Em seu relato construído *a posteriori*, o oficial real comenta assim o fato de não ter obtido a capitulação em 1524:

E así se procedió en él con Bastidas, e se le dio a él aquella gobernación, e yo alcé la mano della. Pero la verdad es que si yo la quisiera sin los hábitos de Sanctiago, conmigo quedaría, e aún más larga que a él se le dio, como se puede ver por las mismas capitulaciones.⁹¹⁹

No entanto, chama-nos a atenção que, se ele não estava interessado na governação, por que a expressão de pena e a afirmação “alcé la mano della”? Talvez a razão deste sentimento tenha a ver com as promessas de riqueza do território, que daria grandes lucros desde que administrado corretamente, como lemos em outro capítulo da *Historia general*:

A mi parecer y de otros, aquella es hermosa tierra [Santa Marta], e de muy gentiles llanos de vegas y sierras, e buenas aguas, y fertilísima; y tiene buenas minas de oro, e sería muy rica cosa, si la tierra tiene gente a gobernador como convenía....⁹²⁰

Obviamente, esse governador ideal devia ser ele.

⁹¹⁵ HGN II, capítulo III, libro VII, p. 66.

⁹¹⁶ Ibid.

⁹¹⁷ De acordo com Real Díaz, o assunto da Ordem de Santiago não foi determinante na decisão de adjudicação do Conselho, senão que o conjunto de condições contratadas com Bastidas eram muito mais vantajosas para a Coroa que as de Oviedo. REAL DÍAZ, José. *El sevillano Rodrigo de Bastidas. Algunas rectificaciones en torno a su figura*. Sevilla: Imprenta Provincial, 1958, p. 16.

⁹¹⁸ A fonte para a reconstrução deste evento é o próprio Oviedo e portanto convém tomar suas palavras com reservas. Como vemos no trecho citado, ele assevera que os membros do Conselho o procuraram para ocupar a governação, porém, resulta provável que fosse ele quem tomasse a iniciativa para pedir novamente a mercê dessa terra. Rodrigo de Bastidas (ca. 1468-1527) era natural de Sevilha. Participou com Colombo na segunda travessia à América (1494). A partir de 1500 teve protagonismo na exploração e “conquista” das áreas litorâneas da atual Colômbia, sendo o fundador e primeiro governador de Santa Marta.

⁹¹⁹ HGN II, capítulo III, libro VII, p. 66.

⁹²⁰ Ibid., p. 81 e 82. Por outra parte, Oviedo se ufana de que a concessão de terras na sua capitulação era maior que a dada a Bastidas (p. 66).

6.1.4 A “pacificação” dos indígenas de Santa Marta e Cartagena

No capítulo IV do livro VII da segunda parte da *Historia general*, Oviedo descreve o que considera um plano engenhoso para “pacificar” os nativos do litoral de Santa Marta e Cartagena, bem como para obter somas importantes de ouro, mediante uma modalidade de troca de produtos conhecida como *rescate*.⁹²¹ No caso, usou sua própria caravela, comandada por seu criado, e mais vinte pessoas, para intercambiar machados de ferro ibéricos por metais preciosos extraídos pelos nativos. Ele comenta que por essa via obteve “mas de mil e quinientos castellanos”.

Quer dizer que sem ser governador *de facto* de Cartagena e Santa Marta, o *alcaide* e seus delegados lucraram com os metais preciosos locais. E no processo, obviamente conseguiram ter uma noção das possibilidades econômicas dessa região do futuro Novo Reino de Granada ampliado. Se ao anterior acrescentamos os indícios e rumores de tesouros procedentes do interior dessas duas províncias, como as amostras de ouro, esmeraldas e outras gemas que ele mesmo obteve em 1514, compreende-se melhor seus interesses nessas áreas de fronteira.

No processo de *rescatar* com os ameríndios, Oviedo também se ocupou em desarmá-los por meio da confiscação de muitos arcos e flechas. De acordo com sua narrativa, os indígenas do litoral de Santa Marta e Cartagena, temíveis por serem *caribes* e flecheiros indómitos, haviam sido rebeldes antes de sua intervenção, e só ele conseguiu aquietá-los:⁹²²

E así, todas las veces que mis navíos iban, mandé que cuantos arcos y flechas pudiesen haber y rescatar de los indios, que tantos me trujesen; e cada día e viaje que hacían, me traían tantos, que sin dubda pasaban de diez mil arcos los que yo tuve en mi poder.⁹²³

Não era curiosidade de etnógrafo ou colecionista o que impulsionava a recollecção de armas autóctones, mas sim uma estratégia para facilitar a dominação de uma terra que demandaria mais à frente, como ele mesmo confessa:

Y fue que en aquel tiempo que yo entendía en estos rescates, como tuve fin a procurar una de estas gobernaciones [...] para hacer después mis hechos e poblar con menos contradicion la tierra, tuve tanto intento a desarmar aquellos indios flecheros, como a procurar el oro.⁹²⁴

⁹²¹ Tradicionalmente entende-se como o intercâmbio voluntário ou forçado de produtos de alto valor, como ouro, por bugigangas e ferramentas como espelhos, contas de colar, machados, souras, gorros e fitas, dentre outros. Em português conhece-se como escambo, mas preferimos utilizar o vocábulo em castelhano. Para uma abordagem ampla cf. MENA GARCÍA, Cármen. “Las prácticas del rescate en Tierra Firme en los inicios de la vida colonial”. In: ELVÁS, María Salud, OLIVERO GUIDOBONO, Sandra (coord.). *Redescubriendo el Nuevo Mundo. Estudios americanistas en homenaje a Carmen Gómez*. Sevilla: Universidad de Sevilla: 2012, p. 125-138.

⁹²² No entanto, parece-nos que Oviedo nunca se deslocou à zona nessa etapa, e delegou todas as atividades de *rescate* a seus subordinados.

⁹²³ *HGN II*, capítulo IV, Livro XXVI, p. 70.

Além de uma insinuação da vontade de fazer grandes façanhas – “para hacer después mis hechos” –, nota-se que desarmar os nativos era o pré-requisito para colonizar a região e explorar mais facilmente suas riquezas. Não obstante, ele deplora o fato de que os verdadeiros beneficiados da “pacificação” seriam os subsequentes governadores de Santa Marta e Cartagena: o já referido Rodrigo de Bastidas e Pedro de Heredia, respectivamente, que não acharam “arcos contra sí” e, portanto, a ocupação da região seria menos árdua.⁹²⁵

6.1.5 Oviedo e a procura da governação de Cartagena

O relacionamento entre Bastidas e Oviedo merece um pouco de atenção, pois está ligado à posterior solicitação de uma província americana por parte do segundo. Com efeito, um ano depois de Bastidas haver aceitado a nomeação – isto é, em 1525 –, Oviedo mudou o foco de interesse para a vizinha governação de Cartagena, “porque yo sabía que era tan buena o mejor [que Santa Marta]”. Desse modo, tentou por terceira vez obter o título de governador de uma província de Terra Firme, agora sem impor a condição relativa à Ordem de Santiago.⁹²⁶ Cabe lembrar que à época já se haviam organizado várias *entradas* desde o Darién ao interior da futura província *cartagenera*, as quais renderam frutos e levaram informações sobre consideráveis depósitos de ouro, em especial as do povo chamado Cenú ou Finzenú, mencionado por Enciso na *Summa de geografia* e por Pedro Mártir em suas *Décadas*.⁹²⁷ A fama das proverbiais riquezas do Cenú só cresceria nas décadas subsequentes, concorrendo inclusive com a do Peru.⁹²⁸

Ao que parece, não foi difícil para Oviedo conseguir a *capitulação* de Cartagena em 1525: “e fuéme concedida por Sus Majestades, e diérensme los títulos y despachos para ello

⁹²⁴ Ibid., grifos nossos. Oviedo assinala que chegou a possuir mais de dez mil arcos indígenas. Obviamente, esta afirmação contradiz sua versão sobre o oferecimento da governação por parte do Conselho de Índias em 1524.

⁹²⁵ Ibid. Oviedo matiza a afirmação “porque aunque no quedasen los indios totalmente desarmados...”, resultaria mais fácil sua submissão. A expedição de Pedro de Heredia partiu de Sevilla em 1534. Sobre a trajetória indiana deste indivíduo cf. GÓMEZ PÉREZ, Cármen. “Los beneméritos de la tierra. Oro, conquista y poder en Cartagena de Indias, 1532-1560”. In: CALVO STEVENSON, Haroldo; MEISEL ROCA, Adolfo (eds.). *Cartagena de Indias en el siglo XVI*. Cartagena: Banco de la República, 2009, p. 123-149.

⁹²⁶ *HGN II*, capítulo IV, Livro XXVI, p. 70.

⁹²⁷ FALCHETTI, Ana María. “El ocaso del gran Zenú”. In: CALVO; MEISEL (ed.). *Cartagena de Indias*, op. cit., p. 71. Porém, a verdadeira “descoberta” e rapina das lendárias tumbas do Cenú devem-se ao primeiro governador de Cartagena, Pedro de Heredia. A respeito da governação de Cartagena, Oviedo comenta: “lo de Cartagena há sido rica cosa”. *HG II*, p. 66.

⁹²⁸ Cieza de León também foi um dos primeiros a referir-se a elas.

muy cumplidamente”.⁹²⁹ A ideia de ter como governador-vizinho a Bastidas, que ele considerava seu “amigo”, era esperançosa. De volta a terras americanas em 1526, tudo parecia pronto para tomar posse do novo cargo. Porém, novamente algo o deteve. Aqui convém examinar criticamente as razões que Oviedo alega para tal decisão na *Historia general*, e depois propor uma interpretação diferente e mais plausível. De acordo com sua pluma, Bastidas irritou-se ao saber que o candidato favorito do Conselho para a governação de Cartagena em 1524 havia sido o madrilenho e não ele. Em represália, uma vez que assumiu o novo cargo, o conquista-dor veterano saqueou uma ilha do litoral de Cartagena – na jurisdição dada a Oviedo –, aprisionou o cacique e mais de 500 indígenas para vendê-los como escravos, gerando assim uma agitação na população aborígine da zona, muito prejudicial para a colônia:

Rodrigo de Bastidas había enviado gente con mano armada a pagarme el amistad que yo pensaba que conmigo tenía, e saquearon la isla de Codego, que está en la boca de la bahía del puerto de Cartagena, y tomaron al cacique Carex e hasta quinientas ánimas de indios e indias chicos y grandes, a barrisco salteados, e más de diez o doce mil pesos de oro, e llevaron los indios después a los vender por estas islas.⁹³⁰

Perante tal panorama, Oviedo – que se encontrava na cidade de Panamá – escreveu ao Conselho de Índias queixando-se da ação de Bastidas e desistindo totalmente da governação: “E así enojado, alcé mano de la negociación”.⁹³¹ Em seguida, o narrador faz umas insinuações sobre o fato de Bastidas ter-se beneficiado do que estava reservado para ele: “Destá manera cesó mi gobernación de Cartagena, o por ventura outro mayor trabajo que pudiera subcederme en aquella conquista; e quedóse Bastidas con mi hacienda, que a la verdad lo era, e no pensaba yo perderla, si él viviera”.⁹³² Com um tom que lembra-nos da fábula de Esopo sobre a raposa e as uvas, Oviedo faz comentários relativos à morte deplorável por castigo divino de Bastidas e Pedro de Heredia, que se tornou governador de Cartagena em lugar do coronista.⁹³³

Alguns elementos da narrativa de Oviedo são questionáveis. Por uma parte, ele se mostra sumamente sensível com a potencial agressividade dos indígenas como um fator dissuasor para assumir uma posição que, dadas suas características, intrinsecamente implicava violência física por parte dos ibéricos. Por outra parte, Oviedo acusa Bastidas de haver agitado

⁹²⁹ Ibid.

⁹³⁰ Ibid.

⁹³¹ Ibid., p. 67.

⁹³² Ibid., grifos nossos. Oviedo comenta que depois da morte de Bastidas, tentou cobrar uma indenização ao seu filho e herdeiro, o bispo de Venezuela, já que havia feito várias despesas. Porém, não deu prosseguimento a esse processo. Ibid.

⁹³³ “E así me quedé con mi perdida e sin Cartagena, e subcedió en ella Pedro de Heredia”. Ibid. Oviedo também estende sua reflexão sobre o castigo divino por mau comportamento a Pedro de Heredia. Esse conquista-dor e a governação de Cartagena é abordado amplamente no livro, XVII, *HGN II*.

os aborígenes de uma única ilha, numa governação que abrangia centos de quilômetros. Será que por causa de Bastidas *todos* os indígenas estavam mais indóceis que antes?⁹³⁴ Além do mais, é improvável que, se realmente quisesse a governação – a julgar pela forma como se refere a ela –, desistisse *imediatamente* dela, unicamente com base nas notícias do feito por Bastidas. Essas inconsistências argumentativas estão respaldadas pela análise documental do historiador Enrique Otte, que sugere que o verdadeiro motivo por trás da decisão de Oviedo era a carência de fundos suficientes para tomar posse do cargo, e que simplesmente usou a rebelião nativa como uma escusa.⁹³⁵

Contudo, o sonho de Oviedo de ter seu próprio “feudo” americano não cessou aqui. Há evidência de que vinte anos mais tarde, em 1546, requisitou mais uma vez a governação de Cartagena, com as mesmas condições que antes, e inclusive acrescentando algumas ainda mais difíceis de ser concedidas pela Coroa, como uma licença que proibia a chegada de letrados, procuradores e párocos à região. Nessa última tentativa as suas exigências foram julgadas excessivas pelo Conselho e reprovadas desde o começo.⁹³⁶

6.2 A riqueza do Novo Reino na *Historia general*

Como vimos até aqui, o destino de Oviedo aproximou-se em quatro ocasiões do que seria o Novo Reino de Granada ampliado, quer dizer, a plataforma para a invasão do território muísca: duas vezes para solicitar a governação de Santa Marta e duas a de Cartagena. O discurso relativo a essas regiões na *Historia general* tem a marca do atrativo econômico, do qual o autor estava muito ciente. Outra fonte confirma essa percepção. Em um memorial encaminhado ao monarca em 1523, Oviedo afirmava que a Terra Firme – que incluía as duas governações – era “lo mejor de lo descubierto”; quer dizer, melhor ainda que as ilhas do Caribe.⁹³⁷ No capítulo III do Livro XXVI, ele escreve que “Cartagena há seído rica cosa. *E yo*

⁹³⁴ Certamente, não só Bastidas tinha feito isso, pois Oviedo indica que antes de 1525 – quando solicitou a governação de Cartagena – e depois do episódio do *rescate*, outras pessoas foram autorizadas por Pedrarias a fazer a mesma coisa.

⁹³⁵ Apud FABREGAT BARRIOS, Santiago. “Estudio preliminar”. In: FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Libro de la Cámara Real del Príncipe Don Juan, oficios de su casa y servicio ordinario*. Valencia: Publicacions de la Universitat de València, 2006, p. 22; MYERS, Kathleen Ann. *Fernández de Oviedo’s chronicle of America. A new history for a new world*. Austin: University of Texas Press, 2007, p. 18.

⁹³⁶ *Ibid.*, p. 47.

⁹³⁷ Apud ARAM, Bethany. “From the courts to the Court: history, literature, and litigation in the Spanish Atlantic world”. In: *Colonial Latin American Review*, Vol. 21, No. 3, 2012, p. 349.

no lo ignoraba; porque sabía muy bien estas cosas”,⁹³⁸ por conta da experiência de *rescate* com os indígenas.

As seções da *Historia general* analisadas até aqui ilustram o fato de que Oviedo acompanhava passo a passo os progressos da exploração do *hinterland* sul-americano desde sua posição como coronista oficial em Santo Domingo. Tudo indica que a representação que ele se formou do Novo Reino *stricto sensu* também esteve imbuída, desde o começo, de uma auréola de riqueza natural, quiçá em grau superior às províncias litorâneas. Assim, as primeiras menções às comarcas muíscas na trilogia *oviedana*, que se encontram no capítulo XVII do Livro XXV – correspondente à marcha de Nicolás de Federmán em direção aos Andes setentrionais –, possuem essa lógica, tanto do ponto de vista do personagem tratado (Federmán), quanto da *voz* narrativa (Oviedo).

Por exemplo, o autor relata que, “teniendo noticia [Federmán] que la otra parte de las sierras, a la mano derecha, era tierra rica, y alguna muestra de oro fino que vido [...] creyó tener adelante alguna próspera nueva”.⁹³⁹ Mais adiante, lemos: “y visto que los que estaban poblados con el licenciado, estaban prósperos y ricos de lo que había habido, y mucho más de lo que esperaban haber, *por ser el mejor rincón que hay en las Indias (aunque entre el Perú en ello)* [...] no consintió [Quesada] que los dichos capitanes [ou seja, Federmán e seus homens] viesen su campo”.⁹⁴⁰ Isto é, as notícias do Novo Reino transmitidas pelo conquista-dor tudesco colocavam a região em um nível ainda superior ao Peru! A *relação* de Federmán copiada // mediada no capítulo XVIII reforça essa tendência interpretativa.⁹⁴¹

Já no Livro XXVI, as menções ao Novo Reino também se enquadram na mesma lógica de copiosos tesouros, ponderados comparativamente com outras províncias indianas. *Exempli gratia*, o capítulo que inclui a *relação* de San Martín e Lebrija contém os seguintes enunciados no título concebido pelo coronista: “y de la grand riqueza que éstos [Quesada e seus homens] descubrieron de oro y piedras esmeraldas, e otras cosas convenientes [sic] al discurso de esta gobernación [do Novo Reino de Granada]”.⁹⁴² Este e outros apontamentos da *voz* autoral que julgamos desnecessário citar, demostram que a riqueza do Novo Reino reportada nas páginas

⁹³⁸ *HGN II*, p. 66, s. XX, grifos nossos.

⁹³⁹ *Ibid.*, p. 50.

⁹⁴⁰ *Ibid.*, grifos nossos.

⁹⁴¹ *Ibid.*, capítulo XVIII: “Em consecuencia de la relación que Federmán hace a Francisco Dávila, regidor desta cibdad de Sancto Domingo, por su carta”, p. 51-53.

⁹⁴² *Ibid.*, p. 82. No comentário introdutório à *relação*, Oviedo enuncia: “Y si lo quisiéredes cotejar con lo escripto con Fedreman, podréis entender cómo cada una parte confiesa la mucha riqueza y cantidad de oro y esmeraldas en lo nuevamente descubierto...”.

da *Historia general* estava associada aos significantes *ouro* e *esmeraldas*. Na sequência, concentrar-nos-emos no segundo deles.

6.2.1 As esmeraldas do Novo Reino de Granada na *Historia general*

Oviedo aborda o assunto das esmeraldas achadas no Novo Reino de Granada no capítulo XXVII do livro VI da primeira parte – na versão retocada⁹⁴³ – e retorna sobre ele em várias seções do livro XXVI da segunda parte, além de incluir referências pontuais em outras seções da *Historia general*. Nossa hipótese é que as esmeraldas são o elemento do reino natural que o coronista identifica mais intimamente com as comarcas muíscas, chegando inclusive a uma precoce representação das mesmas como “terra das esmeraldas”. Não sobra sugerir que tal imagem prolongou-se em grande parte até a atualidade, aplicada ao conjunto do país chamado Colômbia, por conta da extração e exportação mantida a longo prazo das valorizadas gemas. Por outra parte, Oviedo interpretou a invasão das terras muíscas em sentido teleológico, como a busca das pedras verdes, que atuariam na forma de um poderoso imã, não só da expedição de Quesada, mas também das subsequentes *entradas*. Como veremos no capítulo 7, essa identificação aparece também na obra de Gómara e há indícios de que não esteve circunscrita ao universo da palavra impressa nem ao âmbito hispânico.⁹⁴⁴

6.2.1.2 Distanciamento das autoridades

Tal como com outros elementos naturais, Oviedo invoca várias autoridades clássicas no que diz respeito às propriedades e virtudes das esmeraldas. Em primeiro lugar, ele cita, sem mencionar o autor, *De proprietatibus rerum*, uma enciclopédia que conheceu ampla circulação na Europa medieval, redigida originalmente em latim por Bartolomeu Anglicus, cujo livro XVI tratava precisamente das qualidades das pedras e dos metais.⁹⁴⁵ O coronista também nomeia o *Lapidario*, as *Ethimologias* de Isidoro de Sevilla e a *Natural historia* de Plínio o Velho.⁹⁴⁶

⁹⁴³ Na versão final da primeira parte.

⁹⁴⁴ Ver as anotações a esse respeito no capítulo 4.

⁹⁴⁵ AIZPURU, Leyre Martin; SÁNCHEZ ROMO, Raquel. “Léxico mineral en las versiones castellanas del *De proprietatibus rerum*”. In: *Interlingüística*, No. 22, 2012, p. 134. A obra foi traduzida por primeira vez ao castelhano e publicada em Tolosa em 1494. Também houve uma tradução ao castelhano das seções sobre minerais, intitulada *Tratado de los metales e piedras preciosas e de sus virtudes* (Zaragoza, 1497). Porém, a versão que Oviedo cita está em latim.

⁹⁴⁶ Oviedo ainda menciona um *Vocabulista* de Antonio de Nebrija. Na verdade, o humanista não é citado como autoridade em matéria de esmeraldas, senão em relação ao significado da palavra latina *cilindrus*, que Nebrija concebe de um modo diferente a Isidoro de Sevilla: “por columna o cosa rolliza de luengo”. O título da obra não

Todas essas referências eruditas servem-lhe para demonstrar sua competência no tema em questão, e constituem uma excelente amostra do corpus do saber culto de origem medieval em relação às pedras preciosas, conhecida como *lapidária*. Oviedo extrai delas vários exemplos de crenças que poderíamos classificar de mágicas relativas às esmeraldas. Por exemplo, afirma que a posse das pedras acrescenta a riqueza, embelece a fala, previne da gota-coral [epilepsia], e inclusive apazigua as tempestades e serve aos adivinhos.⁹⁴⁷ Mas, a maioria de virtudes das esmeraldas tem a ver com sua cor verde que, segundo as várias autoridades citadas, permitem melhorar e repor a visão. De acordo com uma anedota retomada pelo *alcaide*, o imperador Nero olhava as batalhas dos gladiadores através de uma esmeralda.

É oportuno indicar que, sendo um produto da natureza, as esmeraldas estavam integradas de direito ao estudo da história natural, e os expoentes europeus desse saber em formação no século XVI eram tributários de uma longa tradição de conhecimentos mineralógicos que remonta ao filósofo grego Teofrasto, um dos primeiros ocidentais que tentaram reunir e organizar informações atinentes às pedras preciosas, antes da era cristã.⁹⁴⁸ Boa parte das informações recolhidas por tal pensador foram compiladas por Plínio no século I na sua *Naturalis história*, obra de cabeceira para Oviedo.⁹⁴⁹ Enciclopedistas medievais como Isidoro de Sevilha e Bartolomeu Anglicus retomaram o discurso de Plínio acerca das gemas e o acomodaram em suas obras de caráter classificatório. Os autores gregos e romanos investiram muitas pedras preciosas de propriedades medicinais e miraculosas, ao que os tratadistas cristãos acrescentaram seus próprios temperos, como os exemplos referidos acima nos

era *Vocabulista*, mas sim *Vocabularius*, folio XXXI. Trata-se de um dicionário bilíngue latino-castelhano. Foi impresso em Sevilha p3or Cromberger no ano de 1506.

⁹⁴⁷ Esses atributos estariam nos livros *De proprietatibus rerum* e *Lapidario*. A lista de propriedades mágicas das esmeraldas evocada por Oviedo também inclui: que restituem a memória, restringem a luxúria, agem contra os “fantasmas e as ilusões do demônio”.

⁹⁴⁸ Teofastro viveu entre ca. 371 a. C. e 285 a. C. É considerado como o autor do primeiro tratado geológico, *De lapidibus*, no qual discute certo número de pedras, suas fontes e propriedades, e sugere processos para sua formação e transformação, notadamente para fins práticos. Embora Fernández de Oviedo não mencione a obra de Teofrasto, os autores clássicos que ele cita bebem na mesma tradição lapidária iniciada com este autor. Uma tradução latina de *De lapidibus* foi publicada em Veneza nos últimos anos do século XV, com várias reedições subsequentes. Sobre o tratado mineralógico de Teofastro e sua recepção ao longo da Idade Média e até o Renascimento cf. WALTON, Steven A. “Theophrastus on *Lyngurium*: medieval and early modern lore from the classical lapidary tradition”. In: *Annals of Science*, vol. 58, 2001, p. 357-379.

⁹⁴⁹ Para um bom panorama da tradição lapidária que se estende de Teofastro a Plínio, e deste último aos naturalistas quinhentistas, cf. LOUREIRO, Rui Manuel. “Algumas reflexões sobre as pedras preciosas nos Colóquios dos Simples de Garcia de Orta”. In: LOPES ANDRADE, António Manuel et al. (eds.). *Humanismo e ciência. Antiguidade e Renascimento*. Aveiro-Coimbra-São Paulo: UA Editora, 2015, p. 46.

demonstram.⁹⁵⁰ Os livros *lapidários*, que descreviam especificamente as características dos minerais, conheceram ampla difusão em Castela e na Europa em geral a partir do século XI, momento em que está datado o primeiro catálogo mineralógico conservado em língua vernácula.⁹⁵¹

A partir das referências livrescas que Oviedo evoca na *Historia general*, constatamos que ele estava bem familiarizado com três autores chave da tradição lapidária ocidental, com exceção de Teofrasto: Plínio, Isidoro e Bartolomeu Anglicus. Mas, essas não são as únicas referências a textos mineralógicos em sua dilatada produção textual, pois também as encontramos na sua obra em forma de diálogo intitulada *Batallas y quinquagenas*.⁹⁵² Nela, dois interlocutores – Alcaide e Sereno⁹⁵³ – conversam acerca “de la nobleza e casas principales de España [...] sus fundadores, sus rentas e armas, e sus genealogias, e muchas historias e casos intervenidos a aquellos de quien allí tracto”.⁹⁵⁴ Ao discorrer em torno do significado das “empresas”⁹⁵⁵ de vários nobres espanhóis contemporâneos, nas quais constavam as imagens de pedras preciosas, Oviedo faz gala mais uma vez de sua instrução ao evocar, além dos autores já mencionados – inclusive um anônimo lapidário –, as opiniões de Dioscórides e Solino, entre outros.⁹⁵⁶ Significativamente, uma de tais pedras é a esmeralda. Em relação a ela, o coronista real confirma, através da mediação da voz de Alcaide e Sereno, seus pontos de vista já transmitidos na *Historia general*.

Com efeito, tanto no capítulo sobre as esmeraldas desta última obra, quanto em *Batallas y quinquagenas*, percebe-se em Oviedo uma atitude bifronte perante as autoridades em matéria lapidária. Por uma parte, ele admite que a esmeralda é uma gema certamente valiosa. Lembremos que para Plínio e os autores posteriores, ela ocupava o terceiro lugar em

⁹⁵⁰ Sobre essas crenças cf. KUNTZ, George Frederick. *The curious lore of precious stones*. Nueva York: Halcyon House, 1938 [1913].

⁹⁵¹ A tradição árabe de conhecimentos lapidários também começou a ser difundida na Castela medieval, graças à escola de tradutores de Toledo. AIZPURU; SÁNCHEZ ROMO. “Léxico mineral”, op. cit., p. 135.

⁹⁵² Essa extensa obra foi elaborada entre 1535 e 1556. Trata-se de um tratado dialogado em torno dos “varões ilustres” da nobreza ibérica da primeira metade do século XVI. Existem duas edições modernas e incompletas feitas por Avella Arce (1974) e Pérez de Tudela (1983). Utilizaremos a seguinte edição: FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Batallas y quinquagenas*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000.

⁹⁵³ Ambos os personagens podem-se interpretar como *alter ego* do próprio Oviedo. Para um comentário desta obra cf. FABREGAT. “Estudio preliminar”, op. cit., p. 36-38.

⁹⁵⁴ Oviedo *apud* Fabregat, *ibid.*, p. 37.

⁹⁵⁵ “Las empresas o divisas constituyen una importante rama de la literatura emblemática, género híbrido en el que palabra e imagen aparecen asociadas para reforzar la transmisión de un contenido.” MACEIRAS LAFUENTE, Andrea. “Medicina y botánica en las empresas de reyes y caballeros recogidas por Gonzalo Fernández de Oviedo en *Batallas y Quinquagenas*”. In: *Janus. Estudios sobre el Siglo de Oro*. No. 2, 2013, p. 16.

⁹⁵⁶ Sobre as referências a esses autores às pedras preciosas em *Batallas y quinquagenas* cf. *ibid.*, p. 21-23.

primazia entre as pedras preciosas, depois dos diamantes e das pérolas, uma apreciação que era comum ainda no século XVI e que Oviedo subscreve.⁹⁵⁷ Com relação à esmeralda, na *Historia general* lemos que “no hay dinero que se le iguale”, e em *Batallas e quinquagenas*:

Desta gemma se escriuen grandes cosas, e todos los autores dicen enconformidad que es vna de las más exçelentes piedras de todas las que en mucho se deuen estimar, y la mejor de las verdes, e aprópianle muchas virtudes; y en espeçial que conforta la vista enflaqueçida e la reforma e buelue e la restituye en su ser.⁹⁵⁸

Embora o coronista concorde com a gradação das três pedras mais bem avaliadas, guarda uma prudente distância da tradição lapidária quanto aos conteúdos do saber transmitido, já que para ele a experiência devia ter a última palavra. Nesse sentido, como assinalam muitos especialistas, Oviedo demonstra uma atitude de cunho moderno sobre o conhecimento do mundo natural.⁹⁵⁹ Mostra-se especialmente cético e irônico no que tange às supostas propriedades curativas e mágicas das pedras verdes, embora não as critique explicitamente.⁹⁶⁰ Essa posição em relação à experiência aparece enunciada por boca de um dos personagens de *Batallas e quinquagenas*: “Y mexor es y más seguro no lo creer, que experimentarlo”. O mesmo personagem chega a contestar várias opiniões de Plínio e outros autores da tradição lapidária: “Todas esas propiedades son dudosas. Pero no les quitamos totalmente el crédito a las piedras, pues vemos claramente grandes efectos y propiedades en algunas, en especial en la calamita, que siempre está atenta y fija mirando en el polo ártico...”.⁹⁶¹ Na sequência, convida ao leitor para “no hacer mucho caso de lapidarios, que los más dellos andan llenos de fábulas al propósito de vender sus joyas”.⁹⁶² Os lapidários, afirma, contradizem-se e “hablan de oídas lo que dicen”. Em suma, estão tão perdidos como os alquimistas.⁹⁶³

⁹⁵⁷ A evidência sugere que Oviedo segue a classificação das três gemas mais bem avaliadas por Plínio, pelo menos as pérolas e as esmeraldas. Entretanto, não encontramos suficientes referências sobre os diamantes, um mineral bastante mais exótico no século XVI. Sobre a fascinação de Oviedo pelas pérolas cf. os vários capítulos que lhes dedicou no *Sumario* e na *HGN I*, além de muitas referências dispersas nas partes II e III. Ele possuía pérolas caríssimas.

⁹⁵⁸ FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Batallas y quinquagenas*, op. cit., T. III, p. 9, grifos nossos.

⁹⁵⁹ Por exemplo cf. CARRILLO, Jesús. “From Mt Ventoux to Mt Masaya: the rise and fall of subjectivity in early modern travel narrative”. In: ELSNER, Jás; RUBIÉS, Joan-Pau (ed.). *Voyages and visions. Towards a cultural history of travel*. Londres: Reaktion Books, 1999, p. 57-73.

⁹⁶⁰ Oviedo também não se conforma totalmente com as opiniões da tradição lapidária em relação às formas e dureza das esmeraldas.

⁹⁶¹ FERNÁNDEZ DE OVIEDO. *Batallas y quinquagenas*, T. III, p. 180. Também chama a calamita de pedra ímã.

⁹⁶² *Ibid.*, p. 181.

⁹⁶³ *Ibid.*, t. II, p. 331. Sobre a precedência da experiência sobre a autoridade na compreensão da natureza na obra de Oviedo cf. BARAIBAR, Álvaro. “Las miradas de Gonzalo Fernández de Oviedo sobre la naturaleza del Nuevo Mundo”. In: *Estudios Ibero-Americanos*, PUCRS, Vol. 40, No. 1, 2014, p. 7-23.

Se os pretensos poderes das gemas eram contestados, o que ficaria delas? Obviamente, o valor material e estético das mesmas, bem como o ditame da experiência no que concerne a suas virtudes. No caso em apreço, a *experiência* que Oviedo reclama adquire ainda mais sentido, uma vez que as esmeraldas, apesar de estarem muito presentes no imaginário ocidental até o Renascimento, eram raríssimas, e frequentemente eram confundidas com outras variedades de gemas verdes.⁹⁶⁴ Portanto, acreditamos que o historiador mexicano Lucas Alamán tinha razão ao afirmar:

De todas las piedras preciosas ninguna ha sido tan frecuentemente confundida con otras piedras verdes como la esmeralda, ó por mejor decir este nombre se ha dado á muchas substancias minerales y aun artificiales que tienen aquel color. En nuestra república [mexicana] no hay esmeraldas y las que se tenían por tales en tiempo de la conquista eran jade ó serpentina, cuya color tiene alguna semejanza con el de aquellas.⁹⁶⁵

Nesse contexto, compreende-se melhor a importância da invasão às terras muíscas – onde as esmeraldas já eram exploradas e circulavam com relativa profusão antes da invasão ibérica – para o melhor conhecimento das qualidades naturais, da origem e dos aspectos estéticos dessas gemas no Velho Continente. Voltando à *Historia general*:

...pero dexadas estas opiniones aparte, digo que en esos ni en otros auctores [citados precedentemente na *História general*] no he hallado particularidad que sea totalmente tan satisfactoria en esta materia é nacimiento de las esmeraldas, como lo que han visto nuestros españoles (y he comprendido de las esmeraldas destas nuestras Indias)...⁹⁶⁶

Segundo Oviedo, graças ao tráfico de esmeraldas e às notícias de conquista-dores que haviam visitado o Novo Reino de Granada, a partir desse momento tornar-se-ia possível formar-se uma opinião fiável sobre as pedras verdes, útil para a ciência e a comercialização das mesmas: “Y digo lo que he oydo, y dada relación de lo que he visto, ocurran los lapidarios á su experiencia é doctrina, é sírvanse desto en lo que fuere a su propósito...”⁹⁶⁷

Desse ponto de vista, a “evidência” utilizada pelo *alcaide* é dupla: a) os dados fornecidos por informantes dignos de crédito e, b) as pedras propriamente ditas, manuseadas e possuídas por ele. Consideremos cada aspecto separadamente.

⁹⁶⁴ HARRELL, James. “Archaeological geology of the world’s first emerald mine”. In: *Geoscience Canada*, Vol. 31, No. 2, 2004, p. 70.

⁹⁶⁵ ALAMÁN, Lucas. *Disertaciones sobre la historia de la república mexicana*, T. I. México: José Mariano Lara, 1844, p. 159. Alamán referia-se principalmente às supostas esmeraldas achadas no império mexicana, de cuja abundância fazem menção vários coronistas, inclusive na pilhagem de Tenochtitlán.

⁹⁶⁶ *HGN I*, p. 212, s. XIX.

⁹⁶⁷ *Ibid.*, p. 212.

6.2.1.3 O prazer de ver e colecionar

Na primeira parte da *Historia general*, os informantes em matéria de esmeraldas são os mesmos que lhe providenciaram dados sobre outros itens de história natural neogranadina. Especialmente os já citados capitães Junco e Del Corral, “mis amigos, é personas conocidas é de crédito”, além de “otros que assi mesmo vieron sacar esmeraldas en la gobernación de del nuevo reyno de Granada, donde nascen é está la mina dellas”.⁹⁶⁸ Nos capítulos da segunda parte em que se toca no assunto das esmeraldas, haveria que mencionar como informador principal a Jiménez de Quesada, e as várias *relações* que o coronista consultou, comentadas no capítulo 3.

No que se refere à evidência física, é preciso distinguir as gemas possuídas por indivíduos que Oviedo chegou a conhecer ou observou exibidas em algum lugar, daquelas outras adquiridas por ele. Vejamos com mais detalhes os exemplos em ordem cronológica. Quanto à primeira categoria – as esmeraldas olhadas, mas não possuídas por ele –, é preciso começar com um breve apontamento do coronista anterior à sua viagem a América, correspondente a sua visita à cidade de Gênova em 1499, que se encontra no texto manuscrito do *Catálogo real de Castilla*, de sua autoria, que citamos no capítulo 5.⁹⁶⁹ Ali, Oviedo afirma ter visto na catedral da cidade uma “escudilla o plato de esmeralda que llaman el Sancto Greal que tienen los genoueses”.⁹⁷⁰ Com efeito, tratava-se de um famoso objeto conhecido como *sacro catino*, que “tiene oy en grandíssima estima”, em palavras do *alcaide*. Durante muito tempo acreditou-se que era feito de esmeralda, e era identificado popularmente com o santo graal, isto é, o vaso no qual teria bebido Jesus na última ceia. Entretanto, no século XIX, análises científicas demonstraram que era de vidro.⁹⁷¹ A menção é interessante porque põe em

⁹⁶⁸ Ibid.

⁹⁶⁹ Esse extenso tratado, elaborado por encomenda real, tinha como objetivo reunir informação pormenorizada de todos os reis da Espanha. Em 1532, Oviedo entregou a primeira parte do *Catálogo* à imperatriz Isabel de Portugal (esposa de Carlos V) que talvez ainda estivesse regendo o império na ausência do marido. O texto abarcava desde o povoamento inicial da Espanha até os reinados de Juan II de Castela e Juan II de Aragão. O manuscrito autógrafo foi transcrito por Evelina Ana Romano de Thuesen. Daí tomamos a referência à esmeralda. Como em todas as obras de Oviedo, abundam as glosas autobiográficas. Para um breve comentário do *Catálogo* cf. FABREGAT. “Estudio preliminar”, op. cit., p. 34-36.

⁹⁷⁰ Apud ROMANO DE THUESEN, Evelina Ana (ed.). “Transcripción del Catálogo real de Castilla, autógrafo inédito de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés”. Tese de Doutorado em Hispanic Languages and Literatures. Santa Barbara: University of California, 1992, p. 382.

⁹⁷¹ A respeito das crenças e a curiosa história desse célebre semióforo cf. SIMPSON, Roger. “Sacred relics: travelers and the holy grail.” In: *Arthuriana*, Vol. 21, No. 2, 2011, p. 45-46. É interessante constatar que Oviedo acreditava que fosse de esmeralda, mas não se expressa a favor ou contra a sua identificação como o santo cálice.

evidência que desde sua juventude, Oviedo estava ciente do que se poderia denominar “aura mágica” das esmeraldas na tradição europeia, e já sentia uma atração por elas.

A segunda referência a esmeraldas que localizamos na obra do coronista corresponde a sua estância em Santa Marta em 1514 – citada no começo desse capítulo –, que aparece narrada tanto no *Sumario* quanto em vários capítulos da *Historia general*.⁹⁷² Poder-se-ia tratar das primeiras esmeraldas muíscas contempladas por olhos europeus, que possivelmente teriam chegado à costa caribe por meio de redes comerciais pré-hispânicas de longa distância entre os habitantes da cordilheira oriental e os litorâneos, ambos pertencentes à família linguística chibcha. Também no *Sumario*, Oviedo anota que dez anos mais adiante (1524), em Valladolid, viu uma esmeralda trazida de “Yucatán o Nueva España, entallado en ella de relieve un rostro redondo, a manera de luna de Plasma, la cual se vendió en más de cuatrocientos ducados de buen oro”.⁹⁷³

Os seguintes exemplos, de esmeraldas manuseadas pelo autor da *Historia general*, referem-se aos participantes da invasão das terras muíscas que passaram por Santo Domingo. Assim, ele indica que, no final de 1539 o capitão Pedro de Limpias, ex-companheiro e emissário de Federmán, era portador de “uma esmeralda de aquellas que nuevamente se han hallado”,⁹⁷⁴ “para muestra de la fructa de aquella tierra”.⁹⁷⁵ Da mesma forma, em 1541, Oviedo manipulou as esmeraldas apanhadas pelos capitães Junco e Del Corral, sobre as quais repara nos detalhes que lhe chamaram a atenção: “Yo he visto y tenido em mis manos, que me enseñaron estos capitanes Johan de Junco y Corral, mas de cinquenta o sessenta piezas [de esmeraldas] é algunas dellas mucho buenas e de assaz valor, y otras notables de muchas suertes”.⁹⁷⁶ Corral também transportava para Castela doze esmeraldas por encomenda de Jerónimo Lebrón: “que yo ví, buenas [...] para que allí las vendiessen”.⁹⁷⁷ Oviedo também

⁹⁷² Cf. *supra* nesse mesmo capítulo.

⁹⁷³ FERNÁNDEZ DE OVIEDO, *Sumario*, op. cit., p. 247. É difícil determinar se tal gema era de procedência muísca e havia chegado a Mesoamérica em tempos pré-hispânicos por meio do comércio de longa distância. Por outra parte, podia tatar-se do equívoco indicado por Lucás Alamán. Cf. a nota de rodapé 72.

⁹⁷⁴ *HGN II*, p. 317, s. XIX. Limpias era um homem de confiança de Federmán. De acordo com Oviedo, ele servia como capitão de avançada nas expedições de Federmán, e de *lengua* ou intérprete na região venezuelana (*ibid.*, p. 285). A respeito desse personagem cf. AVELLA, Temístocles. *Estudios biográficos de la historia de América*. Bogotá: Imprenta de Vapor de Zalamea, 1888, p. 35-36. De acordo com Avella, Limpias foi o primeiro da quadrilha de Federman que chegou às terras muíscas. Também seria ele quem divulgou o nome do “Dourado” na província de Coro.

⁹⁷⁵ *HGN II*, s. XIX, p. 321.

⁹⁷⁶ *Ibid.*, p. 370. Em outras passagens, Oviedo menciona especificamente as esmeraldas levadas por Junco, pois ele “tenía muchas esmeraldas”, *ibid.*, T. I, p. 213; e eram “buenas e preciosas”, *ibid.*, T. II, p. 184.

⁹⁷⁷ *Ibid.*, p. 372. Oviedo acrescenta: “A mí me paresçieron bien, porque son piedras limpias y grandes”.

narra que em 1545 conheceu um fidalgo rico chamado Balthasar Garçia, que havia tomado parte da invasão ao Tawantinsuyu e pouco tempo atrás havia desembarcado na Hispaniola. Segundo o coronista, conversou com ele sobre as riquezas do Peru e pediu que lhe mostrasse vários itens mineralógicos que Garçia levava para a Espanha: um grande pedaço ou *tejo* de ouro e cinco esmeraldas de bom tamanho, que Oviedo examinou e descreveu com atenção.⁹⁷⁸ A respeito das gemas expressa que eram: “grandes é en toda perfeçion é de mucho valor [...] En fin son pieças de príncipe”.⁹⁷⁹

No tocante às esmeraldas possuídas por Oviedo, contamos com duas menções. A primeira diz respeito a uma gema redonda que havia sido perfurada pelos indígenas.⁹⁸⁰ Era de grande beleza, pois uma parte dela parecia uma “piedra cristalina o espécie de guijarro blanco transparente”, e outra parte “mostraba ser muy fina esmeralda y que se podia sacar della una pieça, digna de um anillo para um príncipe o señor grande”. Oviedo também narra que contratou um lapidário italiano “llamado Roco” para que separasse as duas partes, “y se sacaron cuentas de toda perfeçion y verdor”. Já a segunda esmeralda em sua posse estava incrustada em um anel, pelo qual pagou 250 pesos de ouro, e assevera que não a venderia sequer por 500 pesos.

Dos casos nomeados infere-se que Oviedo concedia grande valor às esmeraldas como objetos de luxo. Estava interessado em observá-las, manuseá-las, admirá-las, possuí-las e talvez exibi-las como parte de sua indumentária na forma de joias. Em duas ocasiões menciona exemplares que eram dignos da nobreza – um príncipe ou grande senhor –, quer dizer, lhes atribuía um valor realmente grande. Graças à sua posição como criado do príncipe dom Juan – filho dos monarcas Fernando e Isabel – e à sua passagem por várias casas reais antes de viajar para a América, ele devia estar bem familiarizado com a joalheria usada pela nobreza europeia. Não é descabido pensar que o *alcaide* tivesse uma pequena coleção mineralógica e que as pedras verdes formassem parte dela. Mas também estava interessado em pesquisar sua procedência e descrever suas características como elementos naturais.

⁹⁷⁸ Três dessas esmeraldas estavam engastadas em grandes anéis, uma delas “puesta en un plomo, é la outra era una cuenta redonda [...]”. Ibid., T. I, p. 261.

⁹⁷⁹ Justamente, Baltasar García havia residido em Puerto Viejo e na província de Esmeraldas, no atual Equador. Nessas terras os espanhóis encontraram amostras das apreciadas pedras verdes. Sobre esse personagem cf. MEJÍA SALAZAR, Álvaro. “Baltasar García. Uno de los primeros vecinos de Portoviejo”. In: *Revista Spondylus*, No. 33, 2012, p. 21-25.

⁹⁸⁰ Supostamente da variedade procedente do Peru. Oviedo não refere as circunstâncias de sua obtenção.

6.2.1.4 A discussão sobre a procedência das esmeraldas

Na primeira parte da *Historia general*, Oviedo também se ocupou da localização ou “nascimento” das esmeraldas na América espanhola. Este tema era de grande interesse, uma vez que – como indicado acima – a informação disponível nas alturas de 1540 sobre as jazidas dessas finas pedras era assaz vaga para mentes curiosas do Renascimento como a do oficial real, cada vez mais preocupadas com a garantia da experiência como critério de verdade, e desconfiadas das autoridades do cânone medieval transmitido por via escrita.⁹⁸¹

O que se sabia de certo sobre as esmeraldas à época? Mesmo na Ásia, acreditada como o canteiro por antonomásia de todo tipo de pedras preciosas, as esmeraldas eram bastante raras na segunda metade do século XVI.⁹⁸² Examinemos a opinião de dois *connaisseurs*. O primeiro é o naturalista e médico português Garcia de Orta (c. 1500-1568), coetâneo de Oviedo, que viveu na Índia por mais de trinta anos, dedicando-se a estudar a botânica asiática e em menor medida outros elementos do mundo natural.⁹⁸³ Orta estabeleceu-se em Goa, capital da Índia portuguesa e empório mundial do comércio de gemas. Ele expressou-se de forma categórica sobre o assunto por meio do recurso expositivo do diálogo erudito, na sua afamada obra *Colóquios dos simples e drogas da Índia* (1563). Escreveu: “esmeraldas há muito poucas [nas Índias orientais], e de muito grande preço; e não se sabe a própria roca dellas”.⁹⁸⁴ Segundo este autor, abundavam na Índia as esmeraldas falsas. Um século depois de Orta, o viajante e comerciante de pedras preciosas Jean Baptiste-Tavernier (1605-1689), que fez seis viagens pela Ásia e também tinha grande conhecimento sobre a questão,⁹⁸⁵ chegou à interessante conclusão de que não existiam esmeraldas originárias do Oriente:

Enfin pour ce qui est de l'émeraude, c'est une erreur ancienne de biens de gens de croire qu'elle fe trouve originairement dans l'Orient; & même encore aujourd'huy la plupart de joüailliers & des orfèvres d'abord qu'ils voyent une émeraude de couleur haute tirant fur le noire, ont accoustumé de dire

⁹⁸¹ GRAFTON, Anthony. *New worlds, Ancient texts. The power of tradition and the shock of discovery*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1992.

⁹⁸² Dos 12 lugares de procedência das esmeraldas, de acordo com a classificação de Plínio: 5 deles localizavam-se na Ásia (Cítia, Bactria, Chipre, Pérsia, Média), 4 nos Balcãs (Macedônia, Ática, Calcedônia, Lacônia), 2 na África (Egito, Etiópia) e 1 na Europa ocidental (Sicília). Para o enciclopedista, as três melhores em ordem descendente de qualidade eram as citas, as bactrianas e as egípcias. Cf. PLÍNIO O VELHO. *Storia naturale*, T. V. Turim: Einaudi Editore, 1988, p. 783-789.

⁹⁸³ Foi leitor de Oviedo e possivelmente estudou em Espanha. Há vários paralelismos que podem-se estabelecer nas biografias e nas obras de Oviedo e Garcia de Orta. Como seu colega castelhano, Garcia de Orta colecionou esmeraldas, traficou com elas e duvidou das opiniões transmitidas pela tradição lapidária clássica a esse respeito. O artigo de Loureiro fornece uma boa análise e contextualização da temática, ainda que o autor não aprofunde na comparação entre ambos os personagens. LOUREIRO. “Algumas reflexões”, op. cit.

⁹⁸⁴ ORTA, García de. *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, T. II. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1895, p. 219. No contexto, roca significa jazida ou mina.

⁹⁸⁵ Por exemplo, Tavernier trabalhou como joalheiro do *shah* persa na sua sexta viagem.

que c'est une émeraude Orientale, em quoy ils fe trompent. J'avoue que je n'ay pu encore découvrir les lieux & les endroits de nostre Continent d'où on tire ces fortes de pierres. Mais je fuis affuré que jamais l'Orient n'en a produit, ni dans la terre-ferme, ni dans fes Ifles....⁹⁸⁶

Oviedo colocou-se nessa mesma linha de raciocínio ao escrever: “hasta nuestro tiempo nunca se supo haberse hallado tales piedras de nacimiento, por cristianos”.⁹⁸⁷ A partir desses poucos, porém autorizados testemunhos, podemos concluir que dentro da comunidade de comerciantes e naturalistas europeus dos séculos XVI e XVII interessados nas pedras preciosas, a existência de jazidas de esmeraldas na Ásia era controversa, e pelo menos alguns duvidavam dela.⁹⁸⁸ Mas, até que ponto era correta a avaliação de Oviedo, Orta e Tavernier à luz dos conhecimentos de hoje em dia? Pesquisas recentes apontam que até o fim da Idade Média, havia pouquíssimos depósitos de esmeraldas explorados no Velho Mundo. Elas procediam principalmente do Alto Egito, cuja mineração iniciou-se provavelmente no primeiro século a. C., e disseminaram-se pelo império romano através do comércio de luxo.⁹⁸⁹ Os romanos deram o nome de *Mons smaragdus* ou “Montanha das esmeraldas” a esse distrito mineiro no Egito.⁹⁹⁰ Os outros depósitos que foram explorados antes do século XVI localizavam-se em Habachtal, perto de Salzburgo, e na atual zona de Paquistão e Afeganistão.⁹⁹¹ No entanto, as verdadeiras esmeraldas em circulação eram bastante raras e muito bem cotizadas por causa de sua relativa escassez e associações curativas e simbólicas. Não só no Ocidente cristão eram um produto de luxo altamente prezado, mas também nas casas reais do Oriente Médio.⁹⁹²

⁹⁸⁶ TAVERNIER, Jean-Baptiste. *Les six voyages de Jean-Baptiste Tavernier*, T. II. Paris: [s. n.], 1679, p. 358-359. Tavernier concentrou suas viagens na Índia, Turquia e Irã. Suas narrativas foram publicadas entre 1676 e 1677 e alcançaram enorme sucesso editorial. Devo o conhecimento desta obra às anotações a respeito das esmeraldas que o conde de Ficalho fez à reedição dos *Colóquios dos simples*, op. cit., p. 227-229.

⁹⁸⁷ *HGN II*, p. 94. Oviedo começa a enumeração dos 12 tipos de esmeraldas que faz Plínio, porém a deixa inconclusa.

⁹⁸⁸ Isso não quer dizer que todos os “membros” dessa comunidade tivessem a mesma opinião. O ponto de vista de Tavernier contradizia totalmente o conhecimento recebido da tradição lapidária ocidental. Por exemplo, Plínio alegava que havia 12 classes de esmeraldas, e que a melhores eram as citas, procedentes obviamente da região de Cítia na Ásia.

⁹⁸⁹ Plínio o Velho refere-se a essas esmeraldas como “etíopes”, e eram consideradas de pouca qualidade. Segundo um especialista em “arqueologia geológica” das antigas minas de esmeraldas egípcias: “Egypt was probably the only source of emerald and other green beryl for the ancient civilizations of Europe and the Mediterranean region”. HARRELL. “Archaeological geology”, op. cit., p. 69. Dessas minas procederiam as famosas esmeraldas de Cleópatra.

⁹⁹⁰ *Smaragdus* significava esmeralda em latim.

⁹⁹¹ Um estudo interdisciplinar mostrou que as esmeraldas achadas em joias galo-romanas na França procediam justamente dos depósitos austríacos e do subcontinente indiano. GIULIANI et al. “Oxygen Isotopes and Emerald Trade Routes Since Antiquity”. In: *Science*, Vol. 287, No. 5453, 28 de janeiro de 2000, p. 631-633.

⁹⁹² LANE. *Colour of paradise*, op. cit.

Pois bem, Oviedo dá testemunho de uma importante mudança acontecida em sua época: com a chegada ao continente americano, e mais particularmente com a invasão do Novo Reino de Granada, considerável quantidade de esmeraldas passou a ser traficada pelo Velho Continente. Ele indicou no *Sumario* que esse afluxo havia começado em ínfimas quantidades desde as pilhagens do império mexica: “no hablo [de las esmeraldas] en la Nueva España, porque ya de alli se han visto y traído a España”.⁹⁹³ Outros coronistas forneceram a mesma informação.⁹⁹⁴ Contudo, até hoje não se conhecem minas de esmeraldas na Mesoamérica, e a maioria das gemas assim nomeadas correspondem a um conjunto de pedras verdes chamadas *chalchihuitl* em náhuatl, que eram altamente valorizadas pelas antigas culturas mesoamericanas, as quais atualmente são identificadas como jade e turquesa. Os *chalchihuitl* estavam carregados de significados simbólicos e eram usados para fins suntuários, religiosos e medicinais antes da intrusão dos ibéricos.⁹⁹⁵

De acordo com Oviedo, só a partir do processo de penetração nos territórios ao sul do Darién, quantidades significativas de esmeraldas foram achadas. Ele identifica duas regiões de procedência dessas esmeraldas. A primeira delas é o Novo Reino de Granada, onde elenca por sua vez dois lugares: a terra do cacique Tena⁹⁹⁶ e a jurisdição do cacique Somondoco, que já mencionamos no capítulo 3. Sobre o primeiro local dá uma informação muito breve.⁹⁹⁷ As esmeraldas de Tena seriam maiores e melhores que as de Somondoco, mas um terremoto teria derrubado “aquele monte o parte” de onde se extraíam. Esta é a única fonte que encontramos onde se mencione esse dado sobre o cacique “Tena” e as esmeraldas, que deve ter sido transmitido pelos capitães Junco e Del Corral.⁹⁹⁸ No que tange às esmeraldas de Somondoco, os dados são mais copiosos tanto na voz narrativa oviediana quanto nas *relações* do período.

⁹⁹³ Como a citação acima que ele observou em Valladolid, *Sumario*, op. cit., p. 247.

⁹⁹⁴ Por exemplo, López de Gómara refere uma enorme “esmeralda” em forma de pirâmide em Tenochtitlán.

⁹⁹⁵ MELGAR TÍSOC, Emiliano Ricardo. “Una relectura del comercio de la turquesa: entre yacimientos, talleres y consumidores”. In: LONG SOLÍS, Janet e ATTOLINI LECÓN, Amalia (coords.). *Caminos y mercados de México*. México: UNAM-INAH, p. 153-168. Além do uso mais estendido de jade e turquesa, há evidências de que o comércio suntuário de longa distância das esmeraldas muíscas efetivamente chegou até a Mesoamérica e os Andes centrais na etapa pré-hispânica. Como assinala Kris Lane, “The [Muisca green] stones appear in grave goods as far afield as Ecuador, Peru and Mexico. One apparently Olmec anthropomorphic carved emerald figure has recently been identified by spectral analysis as likely Colombian emerald”. LANE. *Colour of paradise*, op. cit., capítulo 1, “Sacred origins”. Giuliani et al. afirmam que as primeiras esmeraldas colombianas – leia-se muíscas – que cruzaram o Atlântico foram dadas a Hernán Cortés como parte dos presentes de Moctezuma, e por sua vez encaminhadas a Carlos V (“Oxygen Isotopes”, p. 633, n. 15). Entretanto, essa asseveração carece de evidência histórica.

⁹⁹⁶ Mesmo que não o mencione, dá a entender que Tena era tanto um lugar quanto um cacique.

⁹⁹⁷ *HGN I*, T. I, p. 212.

⁹⁹⁸ Inclusive, Oviedo não menciona mais o cacique de Tena no resto da *Historia general*. Algumas esmeraldas de Junco e del Corral seriam daí.

Como o depósito de Tena, o de Somondoco estava encravado em um “monte” ou “penha”, aspecto que poderia ter certas reminiscências clássicas com o supracitado *Mons smaragdus*.⁹⁹⁹ Algo que chamou a atenção dos primeiros coronistas que o mencionaram, foi a aridez desse cerro, o que levou à reflexão de como um material tão belo provinha de uma área tão pobre em outros recursos. Na primeira parte da *Historia general*, Oviedo fez uma descrição bastante pitoresca das jazidas, que mediante a comparação com a paisagem ibérica oferecia uma boa oportunidade para a apropriação simbólica dessa nova geografia que estava sendo incorporada ao universo mental da coroa de Castela:

El mayor señor de la provincia se decía Bogotá; é a la parte de Bogotá hacia el norte, está el cacique de Tena, do se solian sacar las ricas é mejores esmeraldas. É a la parte de Bogota, hacia mediodía, esta la otra mina de esmeraldas en tierra del cacique Somindoco: assi que de la una mina a la otra hay veynte leguas, é en medio de ambas minas estaba aquel gran señor, llamado Bogotá, é todas tres partes están quassi en triángulo, é *es un valle hermoso é fértil*; para subir al qual siempre se va encumbrando la tierra poco a poco desde muchas leguas, *como quien fuesse desde Sevilla a Burgos*; é assi concluyen nuestros españoles que lo han visto, que hasta llegar al dicho valle ó señorío del Bogotá, se va la tierra açando é se pasan muchas é altas sierras. Y esto baste quanto a las esmeraldas.¹⁰⁰⁰

Aqui apreciamos três *topoi* do discurso colonial sobre o Novo Reino de Granada: 1) os grandes senhores muíscas, 2) a amenidade e fertilidade da terra, e 3) a similitude dessa paisagem com as terras castelhanas, o que de fato reivindicava o nexo imaginário feito por Quesada entre o altiplano e o velho reino de Granada.

A segunda região de procedência das gemas verdes que Oviedo identifica era o Peru.¹⁰⁰¹ Muito embora a alegação de que estas seriam as mais perfeitas esmeraldas achadas nas Índias, a informação que ele fornece a esse respeito é escassíssima. Limita-se a indicar que se criavam em “guijarros [cascalho] o piedras como marmoleñas”¹⁰⁰² e descreve um dos exemplares que tinha em seu poder, que precisamente era desde tipo.

Como interpretar o relativo silêncio de Oviedo acerca das esmeraldas “peruanas”? Pois bem, acontece que até 1548, quando termina de escrever o capítulo analisado da primeira parte,¹⁰⁰³ tal nascimento ou depósito ainda não havia sido localizado pelos hispanos. Suspeitava-se que estaria próximo da cidade de Puerto Viejo, porque “ali venia la cotraction

⁹⁹⁹ Segundo Plínio, as esmeraldas do Egito encontravam-se numa colina e as de Calcedônia numa montanha. PLINIO. *Storia naturale*, op. cit., p. 783 e 787. O corsário e político inglês Francis Drake (c. 1540-1596) representou uma montanha de esmeraldas do Novo Reino de Granada no seu manuscrito conhecido como “Drake manuscript”. Ver a figura 11.

¹⁰⁰⁰ *HGN I*, p. 214, grifos nossos.

¹⁰⁰¹ Na verdade, uma região na atual República do Equador chamada Portoviejo. De acordo com o coronista, várias esmeraldas que ele possuía foram trazidas dali.

¹⁰⁰² Ignoramos o significado de *marmoleña*, mas pode estar relacionado ao mármore. No capítulo XVIII do livro XLVI Oviedo adiciona a mesma informação, *HGN III*, p. 221.

¹⁰⁰³ “...que estamos es el año de mil quinientos é quarenta é ocho”, *HGN I*, p. 214.

de aquellas”, em palavras do coronista. Porém, ele inclinava-se pela hipótese de um local um pouco mais afastado, na jurisdição do cacique de Tangarala.¹⁰⁰⁴ Ambos os lugares fariam parte do que, uns poucos anos depois, conformaria a Audiência de Quito, correspondente à república do Equador na atualidade.

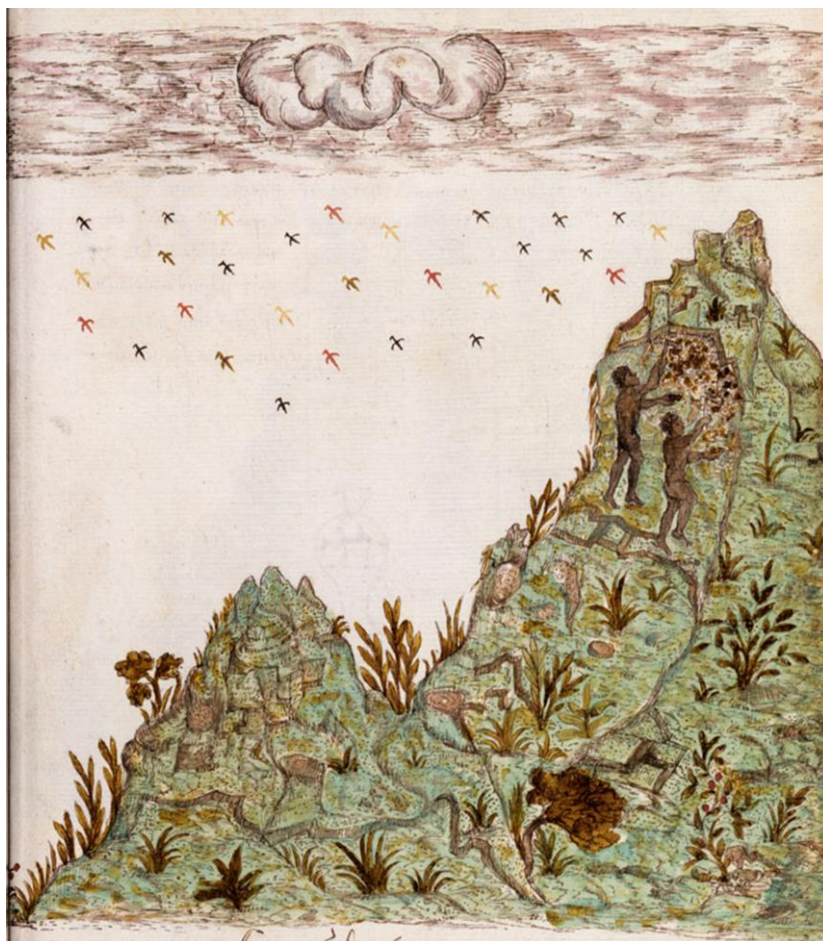


Figura 11. Ilustração da *Histoire naturelle* ou “manuscrito Drake”. O título da imagem é: “Como cresciam as esmeraldas e eram mineradas nas montanhas” (Tradução JDF). De acordo com o manuscrito a montanha estava em uma província chamada Lerayne [Nova Granada?] perto da cidade de Santa Fe. Tomado da edição fac-similar com tradução ao inglês de *Histoire naturelle des Indes: the Drake manuscript n the Pierpont Morgan Library*. Nova York, 1996, p. 266.

¹⁰⁰⁴ Ibid., p. 213-214. Cf. [??] Seria interessante aprofundar o estudo desse cacique. Tangarala, atualmente Tangarará, foi a primeira cidade fundada por Pizarro, deixando Túmbez a caminho de Cajamarca, em 1532.

Oviedo não tinha como saber o que as investigações modernas sugerem: que as supostas esmeraldas “peruanas” realmente provinham das terras muíscas.¹⁰⁰⁵ Ainda mais, que as únicas jazidas das preciosas pedras verdes nos domínios hispânicos situavam-se no Novo Reino. É uma ironia da história que as *soi-disant* esmeraldas peruanas fossem consideradas de qualidade superior às do Novo Reino durante quase toda a etapa colonial. Por exemplo, na *Historia natural y moral de las Indias* (1590) do jesuíta Joseph de Acosta, reproduz-se a mesma ideia.¹⁰⁰⁶ Uma ironia ainda maior consiste no fato de que, fora do mundo hispânico, as esmeraldas americanas fossem denominadas genericamente *peruanas* e consideradas de menor qualidade que as asiáticas ou do Velho Mundo.¹⁰⁰⁷ Quando, na verdade, a maioria delas procedia do entorno muísca, embora isto passasse de forma incógnita para os coetâneos.

Por outra parte, a imaginária mina das gemas verdes na Audiência de Quito seria infrutuosamente procurada pelo menos até o final do século XVI. Inclusive, as almeçadas pedrarias plasmaram-se no mundo simbólico da toponímia, dando nome à província e o rio de Esmeraldas, na divisa com o território colombiano, que se mantém até a atualidade. Neste sentido, concordamos com o historiador español Jesús Paniagua-Pérez: “En la zona se llegó a crear todo un mito sobre la existencia de esmeraldas, que sin duda procedían de la Nueva Granada”.¹⁰⁰⁸ O perspicaz naturalista Alexander von Humboldt pode ter sido o primeiro a olhar criticamente essas crenças nos albores do século XIX, antecipando-se também à hipótese de comércio pan-regional de esmeraldas muíscas nos Andes setentrionais antes da invasão. Ele escreveu:

El Reino de la Nueva Granada, suministra un numero de substancias que le son propias: el platino, la esmeralda, la Toluífera [...] Fourcroy¹⁰⁰⁹ dice muy equivocadamente que las esmeraldas son muy abundantes en el Perú, que de allá vienen las que están en el comercio y que no se obtienen mas hoy día y que no se conocen más las minas (Fourcroy, *Système des Connaissances Chymiques*, T. II, p. 296. Véase *Haiiy*). No se conoce la esmeralda sino en el Reino de Santa Fé, p. 152. En la provincia de Quito y en el Perú no se la ha encontrado en las rocas. Se ha creído que había minas detrás del volcán de Pichincha, por el número de esas piedras que se encontraban en las guacas (sepulcros antiguos), de allí el

¹⁰⁰⁵ Essa é a hipótese mais aceita atualmente (cf. LANE. *Colour of paradise*, op. cit.). Coube a Oviedo o mérito de aperceber-se da desvalorização das esmeraldas americanas. Nesse ponto discordo de Lane.

¹⁰⁰⁶ ACOSTA, Joseph de. *Historia natural y moral de las Indias*, T. 1. Madrid: Ramón Anglés, Impresor, 1894, Livro 4, Capítulo 14: “De las esmeraldas”.

¹⁰⁰⁷ Por exemplo Orta as chama assim.

¹⁰⁰⁸ PANIAGUA-PÉREZ, Jesús. “Riqueza suntuaria en Quito: algunas consideraciones sobre las joyas con piedras preciosas y perlas en el periodo colonial”. In: VASCONCELO S E SOUZA, Gonçalo de, et al. (coord.). *Áurea quersoneso: estudios sobre la plata iberoamericana: siglos XVI-XIX*. España: Universidad Católica Portuguesa, 2014, p. 305. O autor traça um panorama bem documentado da procura de esmeraldas na Audiência de Quito ao longo do século XVI (p. 305-307).

¹⁰⁰⁹ Refere-se ao químico e político francês Antoine François de Fourcroy (1755-1809). O título completo do livro citado por Humboldt é *Système des Connaissances Chimiques et de leurs applications aux phénomènes de la nature et de l'art* (1801).

nombre de la Provincia de las Esmeraldas. Pero esas minas al occidente del Pichincha no han sido jamás descubiertas, y la naturaleza de la roca de pórfido basáltico le es contraria. Puede ser que los habitantes de Quito obtengan sus esmeraldas de los habitantes de Santa Fé y Pasto, los peruanos las suyas de los de Quito.¹⁰¹⁰

Oviedo também não podia suspeitar que logo depois de sua morte (1557) os espanhóis esgotariam os depósitos esmeraldinos de Somondoco. Todavia, acharam jazidas muito mais abundantes em Muzo, nas imediações do território muísca, que continuam a ser exploradas até os dias de hoje. Pode-se argumentar que as pedras verdes de Muzo tornar-se-iam o primeiro produto global do Novo Reino de Granada, enchendo rapidamente os cofres da casa de Áustria e inclusive fluindo permanentemente até os grandes “impérios da pólvora” do próximo Oriente: o persa, o mogol e o otomano, como demonstrou Kris Lane.¹⁰¹¹

Por outra parte, Oviedo talvez ignorasse que desde o começo da penetração portuguesa na América do Sul as esmeraldas foram avidamente buscadas, significativamente, na forma de uma imaginária “serra resplandecente”.¹⁰¹² Tal processo teve diversos desdobramentos no plano da cultura popular e erudita, bem como na toponímia de diversos lugares, e atuou como incentivo para a invasão das terras do Sertão, como tem sido estudado na historiografia brasileira.¹⁰¹³

¹⁰¹⁰ VON HUMBOLDT, Alexander. *Alexander von Humboldt en Colombia. Extractos de sus diarios*. Bogotá: Academia Colombiana de Ciencia, 1982, p. 74.

¹⁰¹¹ No supracitado livro *Colour of paradise*, o historiador Kris Lane estudou a “biografia” das esmeraldas de Muzo no longo prazo com recurso a um amplo material de arquivo, reconstruindo todo o circuito de produção e comercialização, desde as minas locais até o Velho Continente. No entanto, o autor não se aprofunda na dimensão das representações discursivas sobre as esmeraldas, e só cita de passagem a Oviedo e outros coronistas. Sobre a exploração de esmeraldas de Muzo cf. também PUCHE RIART, Octavio. “La explotación de las esmeraldas en Muzo (Nueva Granada), en sus primeros tiempos”. In: *Actas del XI Congreso Internacional de AHILA*, 1996, p. 99-104; CASADO ALBORNIÉS, Manuel. “La producción de esmeraldas en el Nuevo Reino de Granada: la Caja Real de Muzo (1595-1709)”. In: *Estudios de Historia Social y económica de América*, Universidad de Alcalá de Henares, No. 10, 1993, p. 37-59.

¹⁰¹² Para um testemunho da época Cf. GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil. História da Província Santa Cruz*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 65. Foi escrito c. 1570 e publicado em 1576.

¹⁰¹³ Remetemos ao clássico estudo de Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2000. Cf. também WECKMAN, Luis. *La herencia medieval de Brasil*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993; DELVAUX, Marcelo Motta. “As Minas Imaginárias. O maravilhoso geográfico nas representações sobre o sertão da América Portuguesa – séculos XVI a XIX”. Dissertação de Mestrado em História, UFMG, 2009; idem. “Cartografia imaginária do sertão”. In: *Revista do arquivo público mineiro*. No. 2, 2010, p. 76-87. RENGER, Friedrich E. “Primórdios da cartografia das Minas Gerais (1585-1735): dos mitos aos fatos”. In: LAGE DE RESENDE, Maria Efigênia; VILLALTA, Luis Carlos (eds). *História de Minas Gerais. As minas setecentistas*, T. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. De acordo com Renger, a notícia as descobertas das riquezas minerais nos domínios americanos da Espanha – inclusas as minas de esmeraldas de Muzo – “impressionaram e causaram inveja na Corte portuguesa” (p. 106). Porém, o autor não cita nenhuma fonte documental que respalde tal afirmação.

CAPÍTULO 7

GÓMARA E O NOVO REINO POR ESCRITO

Oviedo e Las Casas não foram os únicos letrados espanhóis que pesquisaram e escreveram sobre o conjunto do Novo Mundo na década de 1540. Os outros dois foram o cosmógrafo real Alonso de Santa Cruz¹⁰¹⁴ (1505-1567) e o clérigo Francisco López de Gómara (1511-1559), cuja *La historia de las Indias* publicou-se no mesmo ano da *Brevíssima* (1552) e tornou-se uma das principais referências na historiografia indiana ao longo do período colonial. Concentrar-nos-emos nesse personagem, em sua obra e no capítulo dedicado ao Novo Reino de Granada em *La historia de las Indias*.¹⁰¹⁵

7.1 A formação e as redes de Francisco López de Gómara

López de Gómara ganhou seu segundo sobrenome da pequena vila onde nasceu em fevereiro de 1511, na província castelhana de Soria.¹⁰¹⁶ Portanto, existia uma brecha geracional de mais de vinte anos entre ele e os outros dois historiadores que analisamos nessa tese.¹⁰¹⁷

¹⁰¹⁴ Lembremos que ele pode ter sido o autor de “El Epítome de la conquista del Nuevo Reino de Granada”. Em sua posição de cosmógrafo-coronista real, Santa Cruz compôs uma extensa *Crónica del emperador Carlos V*, publicada no século XX. Nessa obra dedica uma parte à “conquista” do Novo Reino de Granada (Parte IV, Capítulo LVI), cujo conteúdo se assemelha bastante a algumas partes do “Epítome” e a *Historia general* de Oviedo. Para uma reflexão sobre Santa Cruz e o Novo Reino cf. MILLÁN DE BENAVIDES, Cármen. *Epítome de la conquista del Nuevo Reino de Granada. La cosmografía española del siglo XVI y el conocimiento por cuestionario*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana. Porém, ainda se requer uma investigação mais aprofundada sobre essa seção da obra. Cf. também SANTA CRUZ, Alonso, *Crónica del emperador Carlos V*. Madrid: Imprenta del Patronato de Huérfanos de Intendencia é Intervenciones Militares, 1920. Para uma aproximação geral a Santa Cruz cf. CUESTA DOMINGO, Mariano. “Alonso de Santa Cruz, cartógrafo y fabricante de instrumentos náuticos de la Casa de Contratación”. In: *Revista Complutense de Historia de América*, 2004, Vol. 30, p. 7-40.

¹⁰¹⁵ Consultamos a versão digitalizada da edição de 1553, bem como a moderna: *Historia general de las Indias y vida de Hernán Cortés*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979. As citações serão tomadas da última, usando a abreviatura *HI*.

¹⁰¹⁶ Soria era uma província localizada na parte setentrional do reino de Castela, na divisa com as coroas de Navarra e Aragão.

¹⁰¹⁷ Sendo que Oviedo nasce em 1478 e Las Casas ca. 1484. Nos últimos anos, a vida e a obra historiográfica de Gómara vem sendo estudada desde diferentes ângulos. Os trabalhos mais recentes têm contribuído com nova informação biográfica e renovadas perspectivas de análise, que obrigam a repensar o coronista. A biografia mais completa e atualizada é JIMÉNEZ, Nora Edith. *Francisco López de Gómara. Escribir historia en tiempos de Carlos V*. México: Colegio de Michoacán-INAH, 2001. Contém uma bibliografia de e sobre Gómara. A análise mais aprofundada da produção americanista de Gómara encontra-se em ROA DE LA CARRERA, Cristián. *Histories of infamy. Francisco López de Gómara and the ethics of Spanish imperialism*. Boulder: University Press of Colorado, 2005. Porém, Roa não leva em consideração o Novo Reino de Granada. Outros estudos sobre

Graças aos estudos de María del Carmen Martínez, sabe-se que era de ascendência modesta e de sangue “limpa”, isto é, sem parentesco com mouros, judeus ou conversos. Porém, algo que se tornou um obstáculo em suas aspirações sócio-profissionais seria o fato de ser filho *natural*, fora “de legítimo matrimonio nacido”, o que lhe impediria, por exemplo, ser nomeado *coronista* real, apesar de várias tentativas.¹⁰¹⁸ Concordamos com Jacques Lafaye em que esta circunstância pode ter desenvolvido nele certo ressentimento por expectativas não satisfeitas, que em parte transpareceu na sua obra historiográfica.¹⁰¹⁹

Gómara foi ordenado clérigo na diocese de Osma e estudou com Pedro de Rúa – ou Rhua –, um respeitado humanista que residia e ensinava gramática na Colegiata de San Pedro em Soria, que tinha em alta estima a escrita historiográfica. Com ele, aprendeu a matéria de *ystorias* e aperfeiçoou o latim.¹⁰²⁰ De acordo com sua biógrafa Nora Edith Rodríguez, antes de fazer vinte anos Gómara vinculou-se com García de Loaisa, bispo de Osma, presidente do Conselho de Índias por mais de duas décadas e um dos máximos representantes da coletividade belicista.¹⁰²¹ Viajou com Loaisa como parte do séquito que acompanhou Carlos V para sua coroação imperial em Bolonha pelo papa Clemente VII, em 1530.¹⁰²² Esta seria quiçá sua primeira estada na Itália, que tal como no caso de Oviedo, pôs à sua disposição um rico entorno cultural na sua etapa formativa. Está documentada sua passagem pela corte papal, e ele mesmo cita as conversações que teve com o erudito sueco Olaus Magnus (1490-1557), residente temporário em Roma, que escreveu uma das primeiras histórias modernas sobre os povos escandinavos.¹⁰²³

Depois de retornar à Espanha por alguns anos, Gómara encaminhou-se pela segunda vez a Bolonha em 1535, ingressando como capelão do colégio de San Clemente, o mesmo

aspectos pontuais serão citados ao longo do capítulo. No mundo luso, Gómara não tem gerado tanto interesse quanto Las Casas e Fernández de Oviedo.

¹⁰¹⁸ MARTÍNEZ MARTÍNEZ, María del Cármen. “Francisco López de Gómara y la Orden de Alcántara”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, Vol. 72, No. 1, 2015, p. 164.

¹⁰¹⁹ LAFAYE, Jacques. *Sangrientas fiestas del Renacimiento. La era de Carlos V, Francisco I y Solimán (1500-1557)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

¹⁰²⁰ ROA-DE-LA-CARRERA, Cristián. “Francisco López de Gómara and *La conquista de México*”. In: SCHROEDER, Susan et al (eds). *Chimalpahin’s conquest. A Nahuatl historian rewriting of Francisco López de Gómara’s La conquista de México*. Stanford: Stanford University Press, 2010, p. 36.

¹⁰²¹ García de Loaisa foi Presidente do Conselho de Índias (1524-1546); Bispo de Osma desde 1523 e titular de várias *encomiendas* americanas.

¹⁰²² Wagner considera que Gómara viajou com Diego Hurtado de Mendoza para a coroação, mas os últimos estudos indicam que ele teria ido com Loaisa. WAGNER, Henry. “Francisco López de Gómara and his Works”. In: *Proceedings of the American Antiquarian Society*, vol. LVIII, No. 2, 1948, p. 268.

¹⁰²³ *Historia de gentibus septentrionalibus* [história dos povos nórdicos] (Roma, 1555, 22 vols.).

onde havia estudado Ginés de Sepúlveda, cujo “Demócrates” citou com admiração.¹⁰²⁴ Ainda que não tivesse a condição de aluno regular, Gómara beneficiou-se do ambiente acadêmico do colégio. Um de seus colegas apresentou-o ao nobre espanhol Diego Hurtado de Mendoza, embaixador de Carlos V em Veneza, um personagem que não teve muito êxito como político, mas destacou-se como poliglota e colecionador de livros e manuscritos, bem como mecenas da literatura e das artes.¹⁰²⁵ Ele mesmo era protegido do colonialista Francisco de los Cobos e membro do clã familiar dos Mendoza, com destacadas posições na administração do Novo Mundo.¹⁰²⁶ Gómara esteve com Hurtado de Mendoza em Veneza e é cabível que consultasse sua abundante biblioteca, tendo a possibilidade de ampliar assim sua erudição.¹⁰²⁷ Nesses anos também estão documentadas suas conexões com os humanistas Ginés de Sepúlveda, Jerónimo de Zurita e Juan Páez de Castro.¹⁰²⁸ Dessa forma, muito embora sua origem humilde e ilegítima, Gómara chegaria à quarta década de vida com um nada depreciável capital relacional que o ligava com altas personalidades da cena intelectual castelhana e indiana. Ainda lhe aguardava o envolvimento com o mundo dos conquista-dores, que teria importantes consequências para a escrita da sua história do Novo Mundo.

7.2 Gómara, Cortés e a escrita da história

Em 1541, Gómara participou da fracassada expedição a Argel organizada pelo rei Carlos, na qual também tomaram parte Hernán Cortés e vários outros aristocratas espanhóis. Tradicionalmente, pensava-se que aí teve lugar o primeiro encontro entre o clérigo e o conquista-dor do México, porém, María del Carmen Martínez também desentranhou nova documentação nesse sentido.¹⁰²⁹ De acordo com os novos dados, Gómara e Cortés se conheceram na primeira viagem do último à corte – 1528 –, tal como o cronista declarou em 1549. Mais à frente, na segunda e última estada de Cortés em Castela, o clérigo estreitou os

¹⁰²⁴ Cf. o capítulo 4. Gómara não foi admitido como aluno devido a sua condição de filho ilegítimo, MARTÍNEZ. “Francisco López de Gómara y la Orden”, op. cit., p. 165. Gómara não foi formado em Alcalá como afirma David Brading (*Orbe indiano*, p. 61).

¹⁰²⁵ Hurtado de Mendoza foi embaixador em Veneza entre 1539-1546.

¹⁰²⁶ James Amelang refere-se a ele como um dos espanhóis mais singulares que estudaram e viveram no século XVI na Itália, num interessante artigo que analisa as relações culturais e religiosas entre a Espanha e a Itália. AMELANG, James. “Exchanges between Italy and Spain. Culture and religion”. In: DANDELET, Thomas James (coord.). *Spain in Italy. Politics, society and religion., 1500-1700*. Leiden: Brill, 2007, p. 438.

¹⁰²⁷ ROA-DE-LA-CARRERA. “López de Gómara”, op. cit., p. 37.

¹⁰²⁸ Ibid.

¹⁰²⁹ MARTÍNEZ MARTÍNEZ, María del Carmen. “Francisco López de Gómara y Hernán Cortés: nuevos testimonios de la relación del cronista con los marqueses del Valle de Oaxaca”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, 2010, Vol. 67, No. 1, p. 275.

laços com ele e interagiram frequentemente, especialmente em Madrid e em Valladolid entre 1544 e 1546. Cabe lembrar que esse mesmo eixo Madrid-Valladolid foi o epicentro das interlocuções entre Oviedo e Quesada dois anos depois.

A caracterização de Gómara como *capelão* de Cortés – que se origina em Bartolomé de Las Casas e repetiu-se até anos recentes¹⁰³⁰ – resulta questionada à luz da nova evidência.¹⁰³¹ Também não existem provas de que o religioso morasse com Cortés em Sevilha nos últimos meses de vida do caudilho, como se afirmava tradicionalmente. Contudo, não resta dúvida de que Gómara era muito achegado ao círculo de Cortés e recebeu o beneplácito dele para escrever “sua” história.¹⁰³² De especial interesse são os nexos que manteve com o filho e herdeiro do conquista-dor, Martín Cortés, os quais se estreitaram após a morte de do primeiro Marquês del Valle em 1547.¹⁰³³ Ao que parece, nesse ano o clérigo foi nomeado capelão real.¹⁰³⁴

Depois da campanha de Argel, Gómara começou a elaboração escalonada de quatro obras históricas. A primeira delas, concluída em 1545, narra os feitos dos irmãos Khizr e Arúj Barbarossa, os dois corsários mais temidos de seu tempo, que assolaram as costas do Mediterrâneo sob as ordens do sultão do império turco-otomano. Tal narração se conhece como *Crónica de los Barbarroja* e permaneceu inédita até o século XIX.¹⁰³⁵ Na dedicatória do manuscrito, anunciava aos leitores que estava trabalhando na vida do Marquês del Valle,¹⁰³⁶ a qual publicou-se em Zaragoza na véspera de natal de 1552, juntamente com uma história do Novo Mundo. Assim, o volume estava composto por duas partes diferenciadas, que se reconhecem claramente no título da primeira edição: *La historia de las Indias y conquista de Mexico*. Lembremos que por esses mesmos dias, os tratados lascasianos também se encontravam nas prensas peninsulares. Como era habitual nas obras históricas da época, o

¹⁰³⁰ Por exemplo, BRADING, *Orbe indiano*, p. 61.

¹⁰³¹ De acordo com um dos especialistas: “The specific nature of López de Gómara’s ties to Cortés is uncertain”. ROA-DE-LA-CARRERA. “Francisco López de Gómara and *La conquista de México*”, op. cit., p. 38.

¹⁰³² Mais do que com Cortés, Gómara fez amizade com várias pessoas chaves da “casa” de Cortés que atuaram como informantes e fornecedores de informação, como o veterano conquistador Andrés de Tapia, autor de *Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Fernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir en la Tierra Firme del Mar océano*; outro foi Pedro de Ahumada; bem como o filho do invasor de México, Martín Cortés. MARTÍNEZ. “Francisco López de Gómara y Hernán Cortés”, op. cit.

¹⁰³³ O trato de Gómara com Martín Cortés (1533-1589) e sua família estreitou-se a partir de 1549. Martín Cortés ajudou Gómara na consecução da licença para imprimir a *HI* e pagou 500 ducados ao clérigo. Ibid.

¹⁰³⁴ ROA-DE-LA-CARRERA. “López de Gómara...”, p. 37.

¹⁰³⁵ O título original era *Chrónica de los muy nombrados Omiche y Haradin Barbarrojas*. A primeira edição é de 1853 (*Memorial Histórico-Español*, Madrid, vol. 6).

¹⁰³⁶ A dedicatória a don Pedro Álvarez Osório está datada em Valladolid, setembro de 1545.

título mudou nas sucessivas reimpressões. Na segunda edição, feita em Medina del Campo um ano depois (1553) ao nome do livro foram antepostas as partículas *Hispania victrix*, que se poderiam traduzir como *Espanha vitoriosa*.¹⁰³⁷ Esse livro alcançaria um enorme sucesso editorial, tanto na Espanha como no exterior, que inclusive lograria ultrapassar a popularidade do *Sumario* e da *Historia general* de Oviedo. De acordo com Peter Burke, foi uma das 16 obras de história mais traduzidas entre os séculos XVI e XVIII na Europa.¹⁰³⁸

Entretanto, *La historia de las Indias* também alimentou a polêmica desde o momento da sua publicação, e tal como a *Brevíssima*, não escaparia à censura oficial. Dois anos depois, proibiu-se a sua reimpressão e ordenou-se a confiscação de todos os exemplares.¹⁰³⁹ A reiteração da mesma ordem em 1566 é um indício de que a primeira não foi totalmente acatada.¹⁰⁴⁰ Por sua vez, uma real cédula de 1572 ordenava apreender todos os papéis, livros e escrituras acerca da *Historia de las Indias* que estivessem em posse dos herdeiros do clérigo em Soria.¹⁰⁴¹

Nos anos subsequentes, Gómara ampliou seu escopo ao elaborar dois trabalhos de história contemporânea mediterrânea. O primeiro foi um extenso manuscrito publicado recentemente como *Guerras de mar del emperador Carlos V*, no qual o autor faz um balanço do conflito entre turcos e cristãos pelo controle do Mediterrâneo, com especial ênfase nas batalhas navais e o uso da nova técnica mortífera da artilharia.¹⁰⁴² O segundo, *Annales del emperador Carlos V*, também permaneceu inédito até começos do século XX e corresponde ao

¹⁰³⁷ *Hispania victrix primera y segunda parte de la historia general de las Indias con todo el descubrimiento, y cosas notables que han acaescido dende que se ganaron hasta el año de 1551 con la conquista de Mexico, y de la Nueva España*. Medina del Campo: Guillermo de Millis, 1553. Consultamos a versão digitalizada, bem como a edição moderna: *Historia general de las Indias y vida de Hernán Cortés*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979. As citações serão tomadas da última, com a abreviatura *HI*.

¹⁰³⁸ BURKE, Peter. "Translating histories". In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-Chia. *Cultural translation in early modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press / European Science Foundation, 2007, p. 125-141.

¹⁰³⁹ O decreto de 1553 foi publicado em Sevilha em 1554. Sobre as possíveis razões da censura cf. ROA-DE-LA-CARRERA. "López de Gómara", op. cit., p. 42.

¹⁰⁴⁰ "Real Cédula a las justicias de estos reinos y Señorios para que se recojan los ejemplares que hay impresos de 'La Historia de las Indias y conquista a Méjico' de Francisco López de Gómara, clérigo y los envíen al Consejo". 7 de agosto de 1566. AGI, Indiferente, 425, L. 24, F. 291. Disponível em <https://www.archivesportaleurope.net>.

¹⁰⁴¹ Real cédula de 16 de setembro de 1572. AGI, Indiferente, 427, dossiê 29, f. 1. Disponível em <https://www.archivesportaleurope.net>.

¹⁰⁴² Publicado recentemente como *Guerras de mar del emperador Carlos V* [*Compendio de lo que trata Francisco López en el libro que hizo de las guerras de mar de sus tiempo*]. Madrid: Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000. Edição, introdução e notas de Miguel Ángel de Bunes Ibarra y Nora Edith Jiménez. Inspirado nessa obra de Gómara, Jacques Lafaye escreveu um instigante estudo sobre a época renascentista, no qual propõe uma nova leitura sobre vários aspectos do clérigo coronista e seu tempo. LAFAYE. *Sangrientas fiestas*, op. cit.

gênero dos anais.¹⁰⁴³ Trata-se de uma fonte relevante para conhecer a época e a visão de mundo do clérigo *coronista*, que passou a maior parte de seus últimos anos na década de 1550 com a Corte nos Países Baixos. Pobre e com câncer, retornou a sua natal Soria em 1559, onde morreu prematuramente à idade de 49 anos.



Figura 12. Frontispício de *La historia de las Indias y nuevo mundo con la conquista de Mexico*, edição de 1555.

¹⁰⁴³ Conta-se com uma só edição em inglês. LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Annals of the emperor Charles V.* Oxford: Clarendon Press, 1912. Edição, introdução e notas de Bigelow Merryman, que acredita que a redação se completou entre 1557 y 1558.

As quatro obras históricas de Gómara o consagram como um dos principais observadores e autores hispanos de “história do seu tempo”. Nesse sentido, concordamos com Louise Bénat-Tachot: embora Oviedo e Gómara tenham sido até anos recentes considerados historiadores das Índias espanholas por antonomásia, seus objetos de indagação tiveram um recorte espacial mais vasto, que bem poder-se-ia considerar de pretensão global no contexto da época.¹⁰⁴⁴ Ambos foram escritores do Novo e do Velho Mundo, e nessa medida, sem dúvida as análises de sua produção americanista enriquecem-se ao levar em consideração seus escritos acerca do contexto mediterrâneo, e vice-versa.

7.3 Breve comparação entre a *História de las Indias* e a *Historia general*

Podem-se detectar vários paralelismos entre *La historia de las Indias* e a *Historia general* de Oviedo.¹⁰⁴⁵ Em primeiro lugar, as duas obras oferecem um panorama da dilatação hispana no Novo Mundo até meados do século XVI. Só que – como vimos – as partes II e III da trilogia *oviedana*, que cobrem os dinâmicos anos 1535-1548, com acontecimentos como a intrusão nas terras muíscas e as guerras civis do Peru, não foram publicadas à época. Em contraste, o livro de Gómara abarca até o ano 1550, quando o vitorioso licenciado Pedro la Gasca retornou à Espanha depois da “pacificação” dos revoltosos *peruleros*.¹⁰⁴⁶

Em segundo lugar, ambos textos apresentam uma visão que legitima o expansionismo ibérico, com um tom triunfalista, patriótica e providencialista. De acordo com esse enfoque, a invasão americana é concebida como uma continuação da expulsão das terras ocupadas pelos mouros, e, em termos gerais, considerada benéfica para os ameríndios e a monarquia. Em terceiro lugar, para Oviedo e Gómara, tal processo não está isento de críticas – sobretudo nas partes II e III da trilogia *oviedana* – ao comportamento individual dos participantes envolvidos que, de acordo com os dois autores, amiúde atuaram contra os interesses da Coroa e os valores cristãos.

Em quarto lugar, o esquema expositivo obedece a uma lógica que poderíamos chamar de segmentação regional, que conjuga elementos geográficos e cronológicos. Ao invés de um relato caleidoscópico que discorresse de ano em ano, obrigando o leitor a saltar de um lugar a

¹⁰⁴⁴ BÉNAT-TACHOT, Louise. “Figura y configuración de “enemigo americano en las crónicas de Indias”. In: BATAILLON, Gilles et al (dir.), *Las teorías de la guerra justa en el siglo XVI y sus expresiones contemporáneas*. México: Centro de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1998, p. 93-124.

¹⁰⁴⁵ A seguinte exposição não é exaustiva, limitando-nos a destacar alguns paralelismos.

¹⁰⁴⁶ Capítulo CXCII de *La historia de las Indias*.

outro a cada momento –como ocorre nos *Annales del emperador Carlos V* do próprio Gómaras–, desenvolve-se uma narrativa repartida por frentes de expansão. No caso de *La historia de las Indias*, geralmente se conta a “historia” – no sentido de *story* – de cada região de começo a fim, seja em um só capítulo, quando a densidade factual é menor, ou em vários. O discurso segmentado das seções regionais segue o contorno do mapa da América disponível à época, de norte a sul, começando pelo litoral leste, descendo até o estreito de Magalhães e remontando de sul a norte pelo flanco do Pacífico até terminar no Peru.¹⁰⁴⁷

Em quinto lugar, os dois autores evidenciam certa tensão entre um interesse ou curiosidade pelos costumes e formas de vida dos habitantes originários, com uma radical condenação de seus vícios e idolatrias. Embora sejam seres humanos, não cabe dúvida de sua inferioridade. Em *La historia de las Indias* abundam os capítulos com esse viés, destacando os “grandíssimos pecados” de “sodomia”, sacrifício humano, idolatria, e canibalismo.¹⁰⁴⁸

No entanto, também podem-se notar elementos dissímiles entre as duas obras. Diferentemente do grande número de obras do *coronista* madrilenho, a *La historia de las Indias* só ocupa um volume de relativa extensão e está dividida em capítulos, não em livros.¹⁰⁴⁹ Ainda que o autor não a usasse, poderia haver incluído a palavra epítome, compêndio ou outra similar no título da obra, a fim de realçar seu caráter abreviado.¹⁰⁵⁰ De fato, a brevidade foi um princípio metodológico adotado propositalmente por Gómaras, segundo as prescrições estilísticas do humanista espanhol Juan de Valdés.¹⁰⁵¹ Portanto, ele limita ao máximo as citações de outros autores e documentos.

Outra diferença tem a ver com a voz narrativa de cada autor no desenvolvimento do discurso, uma vez que Oviedo sobressai por sua constante insistência como testemunha ocular autorizada e ator dos fatos escritos, pela invocação de depoimentos de terceiros e cópia

¹⁰⁴⁷ O mapa em questão foi descrito por Gómaras no capítulo XII: “El sitio de las Indias”. A obra também incluía uma versão gráfica desse mapa. Essa estrita ordem quebra-se em alguns pontos que não afetam o plano geral. Gómaras inclui no enredo várias ilhas do Pacífico visitadas durante a circum-navegação de Magalhães (abordada nos capítulos XCI-CII). Para um resumo da disposição da narrativa de *HI* cf. WAGNER. “Francisco López de Gómaras”, op. cit. Para uma análise da imaginação geográfica na *HI* e sua relação à cartografia espanhola cf. PADRÓN, Ricardo. “Charting Empire, charting difference: Gómaras’s *Historia general de las Indias* and Spanish maritime cartography”. In: *Colonial Latin American Review*, Vol. 11, No. 1, 2002, p. 47-69.

¹⁰⁴⁸ Para uma lista completa de pecados dos indígenas por áreas geográficas cf. ROA-DE-LA-CARRERA. *Histories of infamy*, op. cit., p. 111.

¹⁰⁴⁹ *La historia de las Indias* consta de 234 capítulos.

¹⁰⁵⁰ Os epítomes, breviários e compêndios eram livros de referência muito populares nos séculos XVI-XVIII. BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento. De Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 154.

¹⁰⁵¹ ROA-DE-LA-CARRERA. “Francisco López de Gómaras”, op. cit., p. 39-40.

verbatim de documentos, enquanto Gómara não conta com o recurso à própria experiência americana, aspecto muito enfatizado por seus críticos, a começar por Las Casas.¹⁰⁵² Nesse sentido, Gómara aproximar-se-ia mais do seu colega clérigo, Pedro Mártir, outro “historiador de gabinete” humanista que tampouco atravessou o Atlântico.

Os dois autores também divergem na caracterização de vários acontecimentos e atores, bem como na interpretação de seu papel no processo global narrado. Assim, em Gómara é ostensiva uma maior desproporção no tratamento dado ao Peru e – de forma especial – ao México,¹⁰⁵³ com relação ao resto de episódios. Obviamente, a preferência dada pelo autor àquelas que considera as duas principais “conquistas” incide na apreciação relativa sobre o Novo Reino de Granada e seus invasores. Na sequência, aprofundaremos esses aspectos, para passar a um exame da seção concernente às terras muíscas em *La historia de las Indias*.

7.4 As imagens de Hernán Cortés e Francisco Pizarro

Tanto em *La historia de las Indias* quanto na *Conquista de México*, a figura de Cortés é apresentada como um verdadeiro herói. Na primeira, Gómara lhe dedica um curto capítulo, no qual expressa louvores ao homem que “conquistó y pobló la Nueva España y otros muchos reinos”. Logo a seguir, explica sua decisão de tratar separada e mais extensamente o tema:

Y por cuanto él hizo muchas y grandes hazañas en las guerras que allí tuvo, que, sin perjuicio de ningún español de Indias, fueron las mejores de cuantas se han hecho en aquellas partes del Nuevo Mundo, las escribiré por su parte, a imitación de Polibio y de Salustio, que sacaron de las historias romanas, que juntas y enteras hacían, éste la de Mario y aquél la de Escipión. También lo hago yo por estar la Nueva España muy rica y mejorada, muy poblada de españoles, muy llena de naturales, y todos cristianos, y por la cruel extrañeza de antigua religión, y por otras nuevas costumbres que aplacerán y aun espantarán al lector.¹⁰⁵⁴

Assim, Gómara destaca o mérito militar e colonizador de Cortés, bem como a grandeza própria da terra e dos naturais por ele submetidos. Consequentemente, a *Conquista de Mexico* conta a gesta de Cortés de forma apologética e superlativa, e transmite alguns visos de admiração e curiosidade pela cultura mexicana, sob um fundo de forte condenação moral.

O protagonismo atribuído a Cortés ultrapassa de longe a estatura histórica dos demais conquista-dores do Novo Mundo. Em *La historia de las Indias*, talvez o único personagem que

¹⁰⁵² Por outra parte, em contraste com Oviedo, Gómara não costuma mencionar as fontes documentais que utiliza.

¹⁰⁵³ Nesse sentido, Gómara estaria mais próximo da *Historia natural e moral de las Indias* (1590) de José de Acosta, sendo que nessa obra o centro da narração também corresponde ao Peru e Nova Espanha. Por sua vez, Oviedo estaria mais perto da *Historia general de los hechos de los castellanos en las Islas y Tierra Firme* (1601-1615), que concede maior proporcionalidade às diferentes regiões tratadas.

¹⁰⁵⁴ *HI*, capítulo L, p. 73.

se aproxima dele seja Cristóvão Colombo, cujos máximos elogios por parte de Gómara são: “hizo cosa de grandíssima gloria; y tal que nunca se olvidará su nombre, ni España le dejará de dar siempre las gracias y alabanza que mereció”.¹⁰⁵⁵

Quanto à representação de Francisco Pizarro, o outro candidato que poder-se-ia comparar com Cortés, dista muito de ser um herói e pelo contrário sua caracterização transluz certa ironia:

Descubrió y conquisto lo que llamamos el Perú, a costa de la compañía que tuvieron él y Diego de Almagro y Hernando Luque. Halló y tuvo más oro y plata que ningún español de cuantos han pasado a Indias, ni que ninguno de cuantos capitanes han sido por el mundo. No era franco ni escaso; no pregonaba lo que daba [...] No vestía ricamente, aunque muchas veces se ponía una ropa de mantas que Fernando Cortés le envió [...] No sabía mandar fuera de la guerra, y en ella trataba bien los soldados.¹⁰⁵⁶

7.5 A construção do herói Cortés e suas sociabilidades

É provável que a presença e conversações mantidas com Cortés impressionassem o religioso soriano. Assim comentava anos depois o retorno do invasor de Tenochtitlán à Espanha para um depoimento legal: “Llegó [Cortés] a España en fin del año de 1528, estando la corte en Toledo. Hinchó todo el reino de su nombre y llegada, y todos le querían ver”.¹⁰⁵⁷ Na mencionada dedicatória da *Crónica de los Barbarroja*, o clérigo explicitava que Cortés e os Barbarrosa eram os melhores capitães militares vivos, e apresentava os textos respectivos como obras complementares que deviam despertar a admiração dos contemporâneos, mesmo que um deles não fosse cristão.

Contudo, o entusiasmo de Gómara por Cortés não pode ser tomado inocentemente. Assim como outros condutores da invasão americana, o conquistador vivo mais bem posicionado estava muito ciente da importância de cultivar sua imagem pública. Justamente em meados do século XVI, quando paradoxalmente sua influência na Corte estava em declive,¹⁰⁵⁸ ele começou a ter mais visos de heroicidade na esfera literária. Gómara seria o primeiro dentre vários eruditos quinhentistas que compuseram textos apologéticos relativos ao invasor do México. Significativamente, o segundo seria Sepúlveda. Nos parágrafos iniciais do

¹⁰⁵⁵ Ibid., capítulo XXV, p. 44. Entretanto, deixa em suspenso o problema de se Colombo foi o verdadeiro “descobridor” da América: “Halló las Indias, aunque a costa de los Reyes Católicos; gasto muchos años en buscar con qué ir allá. Aventuróse a navegar por mares y tierras que no sabía, por dicho de un piloto, y si fue de su cabeza, como algunos quieren, merece mucha más loa”, grifos nossos. Gómara costuma traçar um breve retrato biográfico de cada personagem depois da morte, onde sintetiza seus méritos e erros.

¹⁰⁵⁶ Ibid., capítulo CXLIV, p. 209.

¹⁰⁵⁷ Apud MARTÍNEZ. “Francisco López de Gómara y Hernán Cortés”, op. cit., p. 275.

¹⁰⁵⁸ MARTÍNEZ, José Luis. “Hernán Cortés: la declinación y el fin”. In: *Revista de la Universidad de México*. No. 465, 1989, p. 9-22.

Demócrates alter há a uma referência ao Marquês del Valle.¹⁰⁵⁹ Mais adiante, Sepúlveda redigiu uma história da conquista em latim, com especial destaque da figura de Cortés, a quem considerava um “magnánimo y prudente barón”.¹⁰⁶⁰ De igual forma, o humanista Francisco Cervantes de Salazar, que se radicou na Nova Espanha, entre 1555 e 1565 compôs um panegírico de Cortés intitulado *Crónica de la Nueva España*, por petição do *cabildo* da Cidade do México.¹⁰⁶¹

Há uma boa probabilidade de que Cortés, Gómara, Sepúlveda e Cervantes de Salazar compartilhassem espaços de sociabilidade. Sabe-se que o primeiro organizava umas reuniões literárias de “varões ilustres”¹⁰⁶² na sua casa na década de 1540, graças ao testemunho de dois participantes: o religioso e literato Pedro de Navarra e o próprio Sepúlveda. Outros frequentadores confirmados incluíam membros da elite eclesiástica e da alta nobreza, alguns deles vinculados com as esferas colonialistas.¹⁰⁶³

A reflexão sobre a história e o mundo indiano fazia parte da agenda de temas discutidos. Por exemplo, num dos encontros o assunto girou em torno de qual devia ser o “cronista do Príncipe”. Em outra ocasião, Sepúlveda relata que Cortés tomou a palavra para narrar anedotas e aspectos “curiosos” de sua experiência no Novo Mundo.¹⁰⁶⁴

Independentemente dos vínculos de amizade ou patrocínio de Gómara, Sepúlveda e Cervantes de Salazar com Hernán Cortés, as obras desses três autores – juntamente com Oviedo e outros autores que não analisamos – demonstram a conformidade que se havia alcançado, dentro de um setor da cultura letrada hispana em meados do século XVI, a respeito

¹⁰⁵⁹ “Hace pocos días, paseándome yo con otros amigos en el palacio del príncipe Don Felipe, acertó á pasar Hernán Cortés, marqués del Valle, y al verle comenzamos á hablar largamente de las hazañas que él y los demás capitanes del César habían llevado á cabo en la playa occidental y austral enteramente ignorada de los antiguos habitantes de nuestro mundo. Estas cosas, fueron para mí de grande admiración por lo grandes, nuevas é inesperadas”. GINÉS DE SEPÚLVEDA, Juan de. *Democrates alter*. Edição digital a partir de *Boletín de la Real Academia de la Historia*, T. 21, 1892, p. 269 e 271. Mais adiante há uma nova referência a Cortés, que Sepúlveda destaca como líder militar (p. 311).

¹⁰⁶⁰ *De rebus hispanorum gestis ad Novum Orbem Mexicumque* [*Hazañas de los españoles en el Nuevo Mundo y Méjico*]. Primeira edição de 1780.

¹⁰⁶¹ Sobre Cervantes de Salazar cf. SÁNCHEZ AMAT, Víctor Manuel. “Francisco Cervantes de Salazar (1518-1575) y la patria del conocimiento: la soledad del humanista en la Ciudad de México”. Tese de Doutorado em Filologia Espanhola, Linguística e Teoria da Literatura, Universidade de Alicante, 2012.

¹⁰⁶² Apud Pedro de Navarra.

¹⁰⁶³ Um dos participantes era Antonio de Peralta, que anos depois se tornaria vice-rei da Nova Espanha. Sobre essas tertúlias cf. SÁNCHEZ AMAT. “Francisco Cervantes de Salazar”, op. cit.; RAMOS, Demetrio. *Ximénez de Quesada cronista*. Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1972, p. 113-114; LOSADA, Ángel. *Juan Ginés de Sepúlveda a través de su “Epistolario” y nuevos documentos*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1973, p. 238-239.

¹⁰⁶⁴ Apud LOSADA, Ángel. “Hernán Cortés en la obra del cronista Sepúlveda”. In: *Revista de Indias*, No. 31-32, 1948, p. 11

de Cortés como o mais destacado conquista-dor das Índias espanholas; consenso que, dito seja de passagem, prolongou-se até o século XIX, como assinalamos no capítulo 2, e talvez até os dias de hoje.

Que saibamos, ele foi o único chefe da invasão americana que começou a ser objeto de obras biográfico-hagiográficas no período, e sua figura eclipsou durante um tempo a do próprio Cristóvão Colombo.¹⁰⁶⁵ Por exemplo, o erudito italiano Paolo Giovio, talvez o historiador vivo mais lido na Europa quinhentista, inclui uma pequena biografia e um retrato de Cortés na sua galeria de varões famosos de todas as épocas intitulada *Elogia virorum bellica*.¹⁰⁶⁶ Lembre-se que Giovio recebeu fortes críticas de Quesada no *Antejobio*.¹⁰⁶⁷ Será que não havia por trás disso um protesto pela negligência histórica do italiano em relação à sua própria figura e papel na expansão espanhola?

É claro que por si só esses textos não garantiram a perpetuação, nem o sucesso, da memória virtuosa de Cortés, pois tiveram que concorrer com o projeto de contestação capitaneado por Las Casas, assim como interpretações rivais dentro do próprio coletivo belicista.¹⁰⁶⁸ Contudo, queremos ressaltar que a envergadura da representação positiva de Cortés por parte de Gómara esteve muito além daquela de Francisco Pizarro e obviamente também da de Gonzalo Jiménez de Quesada, como veremos mais à frente.

7.6 Características do capítulo sobre o Novo Reino

A invasão do Novo Reino *stricto sensu* é tratada em um único capítulo de *La historia de las Indias*, de pouco mais de um fólio de extensão.¹⁰⁶⁹ Dado que a edição *princeps* constava de 122 fólhos, o espaço textual conferido às terras muíscas é de menos da centésima parte. Se tomarmos como parâmetro o número total de capítulos – ou seja, 224, muitos deles de menos de um fólio de extensão – percebemos um contraste ainda mais marcado. O capítulo sobre o Novo Reino corresponde ao número 72 e está precedido, em sua ordem, por uma longa seção relativa ao Darién (capítulos 57-68), um capítulo sobre o Cenu, um capítulo que trata de

¹⁰⁶⁵ ELLIOT, John H. *The old world and the new 1492-1650*. Cambridge, Cambridge University Press, 2000 [1970], p. 11.

¹⁰⁶⁶ *Elogia virorum bellica virtute illustrium*. Basileia: Petri Pernaue Typographi, 1596.

¹⁰⁶⁷ Cf. o capítulo 3 a respeito da crítica de Quesada. Gómara também foi bastante crítico de Giovio. Cf. LAFAYE, *Sangrientas fiestas*, op. cit.

¹⁰⁶⁸ Por exemplo, de Bernal Díaz del Castillo.

¹⁰⁶⁹ O capítulo analisado corresponde ao número 72 (LXXII) de um total de 224 (CCXXIV). Na edição moderna da editora Ayacucho os capítulos estão numerados, mas nas primeiras edições, não. O “Descubrimiento de las esmeraldas” ocupa o fólhos XLI frente e verso da edição de 1553. Pode-se ler o capítulo completo nos anexos.

Cartagena, e outro de Santa Marta. Depois do 72, seguem vários capítulos concernentes à região de Venezuela.¹⁰⁷⁰

Gómara é o primeiro cronista a utilizar o topônimo *Nueva Granada* ao invés de *Nuevo Reino de Granada*, denominação que iria se popularizar durante o século XIX, quando o país adotaria o nome de República de Nueva Granada, diferenciando-se assim da categoria colonial ao suprimir a voz *reino*.¹⁰⁷¹ No entanto, o autor soriano ora assimila Nueva Granada a todo o território “conquistado” por Quesada, ora trata Bogotá e Nueva Granada como territórios diferenciados, sendo que o último abrangeria as comarcas de Tunja e dos indígenas panches.¹⁰⁷²

Do ponto de vista do estilo, o capítulo 72 exhibe três características presentes no conjunto da obra: a concisão, a densidade informativa e a narrativa contínua, isto é, sem o uso do ponto e parágrafo em cada subdivisão. Do ponto de vista temático, podem-se diferenciar quatro segmentos. O primeiro, cronologicamente orientado, narra a viagem de Quesada desde Santa Marta até as terras muíscas, o recebimento das primeiras esmeraldas e o suposto encontro com o “rey Bogotá” no “valle de los alcázares”. O segundo, de índole etnográfica, aborda alguns usos e costumes dos habitantes dessa zona, os “bogatás”. O terceiro retoma o relato cronológico da busca das esmeraldas por parte de Quesada, com uma breve descrição da jazida das gemas. O quarto, também de cunho etnográfico, sumariza as práticas dos aborígenes da zona que não habitam em Bogotá: os panches e os nativos de Tunja.

7.6.1 Os indígenas indefinidos

Os dois segmentos etnográficos que apresenta o capítulo 72 estão em sintonia com as *relações* de Quesada e seus capitães no que diz respeito à existência de três grandes conglomerados indígenas no entorno do Novo Reino: os dois “reinos” ou “senhorios” de Bogotá e Tunja, e a terra dos indómitos panches.¹⁰⁷³ O autor usa o etnônimo *bogatás* para os

¹⁰⁷⁰ Capítulos 73-84.

¹⁰⁷¹ Em sua *Historia de la revolución de la República de Colombia* (1858), José Manuel Restrepo escreveu: “La denominación de Nueva Granada no es antigua, pues apenas comenzó a usarse con bastante generalidad a principio de este siglo”. Seria interessante pesquisar uma possível influência, ou talvez um eco, da leitura da *Historia de las Indias* por parte dos criollos neogranadinos na eleição do nome da República no século XIX.

¹⁰⁷² Como se percebe no seguinte enunciado: “Las costumbres, religión, traje y armas de lo que llaman Nueva Granada son como en Bogotá, aunque algunas gentes se diferencian”, *HI*, p. 111.

¹⁰⁷³ Gómara usa ambos os termos – reino e senhorio – ao referir-se às terras de Bogotá e Tunja, respectivamente.

naturais do primeiro espaço e denomina “los de Tunja” aos segundos.¹⁰⁷⁴ Embora não empregue um etnônimo genérico para esses dois grupos, assinala a grande semelhança entre eles.¹⁰⁷⁵

A densidade da descrição de usos e costumes de muíscas e panches é bastante afim com os demais capítulos de *La historia de las Indias* e basicamente reproduz a informação das *relações* locais da etapa de invasão.¹⁰⁷⁶ Por exemplo, Gómara ecoa as ideias do “Epítome” e do “Gran cuaderno” no sentido em que os nativos da Nova Granada – à exceção dos panches – puniam com rigor os delitos: “Castigan rezio los pecados públicos. Hurtar, matar, y sodomia”. Ao que parece, esse aspecto recebe o beneplácito do coronista que, como mostrou Lafaye, caracterizou-se por um acendrado moralismo e legitimou diferentes usos da violência.

Gómara foi menos condescendente que Oviedo e Las Casas com a avaliação da religião muísca. Como os demais ameríndios, eles eram idólatras: “idolatrán reciamente, especial en bosques; adoran el Sol sobre todas las cosas; sacrifican aves; queman esmeraldas y sahúman los ídolos con yerbas. Tienen oráculos de dioses, a quien piden consejo y respuesta para las guerras, temporales, dolencias, casamientos y tales cosas”.

Por outra parte, um elemento das *relações* que também chamou a atenção de Oviedo brilha por sua ausência em Gómara: os cercados ou *alcáceres*. Tal aspecto da cultura material poderia ter sido recebido com interesse pelo público leitor, transmitindo a ideia de certo refinamento dos indígenas do Novo Reino. Tampouco há menções de qualquer traço de violência contra a população nativa, silenciando rigorosamente tudo o que Las Casas expunha e impedindo assim qualquer identificação emotiva com os vencidos.

Dessa forma, em meio à considerável quantidade de capítulos que compõem *La historia de las Indias*, muitos deles com incipientes quadros etnográficos de comunidades que escassamente recebem um nome, e com formato análogo, os muíscas aparecem dificilmente reconhecíveis para o público coetâneo, em contraste com os habitantes do Peru ou de Tenochtitlan, que recebem o tratamento mais diferenciado, extenso e com maior dose de

¹⁰⁷⁴ Ele usa o etnônimo *bogotá*s duas vezes: “entiérranse los bogotás en ataúdes de oro”; “los panches, enemigos de bogotás...”. Em contraste, designa os habitantes da provincia de Tunja como “los de Tunja”: “sepúltanse los de Tunja com mucho oro”.

¹⁰⁷⁵ “Las costumbres, religión, traje y armas de lo que llaman Nueva Granada [Tunja?] son como en Bogotá, aunque algunas gentes se diferencian”.

¹⁰⁷⁶ Nesse sentido cf. RAMOS. *Ximénez de Quesada*, op. cit. Para o tema das fontes documentais de Gómara cf. o interessante artigo BÉNAT-TACHOT, Louise. “López de Gómara: identificación de las fuentes y elaboración textual”. In: ARELLANO, I. (ed.). *Edición y anotación de textos coloniales hispanoamericanos*. España: Editorial Iberoamericana/Vervuert, 2014, p. 75-95.

admiratio. Talvez os muíscas sejam indígenas menos reprováveis moralmente que a média,¹⁰⁷⁷ mas não parecem ter nada particularmente notável em tanto em quanto *índios*.

7.6.2 A terra das gemas verdes

Tal como Oviedo, não foram os indígenas ou as façanhas de seus conterrâneos no Novo Reino o que mais interessou ao clérigo coronista, senão as esmeraldas. Caberia a Gómara a disseminação em letra impressa da primeira notificação das gemas achadas em terras muíscas.¹⁰⁷⁸ Não por acaso o capítulo intitula-se “Descubrimiento de las esmeraldas”. Nossa hipótese é que, por meio da simplificação e modificação das descrições que conhecemos por outras fontes, o clérigo faz da procura das valorizadas pedras o objetivo que impulsiona teleologicamente o encadeamento dos acontecimentos narrados, de uma forma ainda mais marcada que Las Casas e Fernández de Oviedo.

Nesse sentido, a descrição da mina das esmeraldas em terras do cacique Somondoco é a parte central do relato. Concordamos com Demetrio Ramos quando afirma que: “todo lo anterior no fue sino una forma de introducción para llegar a ello”.¹⁰⁷⁹ No capítulo lemos:

...vinieron [los españoles] a montón para sacar el quinto y repartir mil y ochocientas esmeraldas, entre grandes y pequeñas, que las comidas¹⁰⁸⁰ y hurtadas no se contaron; riqueza nueva y admirable y que jamás se vio tanta ni tan fina piedra junta. Otras muy muchas se han hallado después acá por aquella tierra; empero este fue el principio, cuyo hallazgo y honra se debe a este letrado Jiménez: notaron mucho los españoles que, habiendo tal bendición de Dios en lo alto de aquel serrejón, fuese tan estéril tierra...¹⁰⁸¹

Assim, as esmeraldas são a riqueza que sobressai e permite diferenciar ao Novo Reino de outros espaços americanos em *La historia de las Indias*.¹⁰⁸² Apesar da brevidade, ou quiçá por causa dela, cabe pensar que os leitores de Gómara estabeleceriam uma forte associação entre os significantes Nova Granada – Quesada – esmeraldas. Em outros capítulos o clérigo

¹⁰⁷⁷ Devido à mencionada administração de justiça.

¹⁰⁷⁸ Como vimos, na *Brevíssima* também há algumas menções a esmeraldas do Novo Reino de Granada, porém não têm a centralidade que lhes dá Gómara.

¹⁰⁷⁹ RAMOS. *Ximénez de Quesada*, op. cit., p. 161. Concordamos com Ramos a esse respeito.

¹⁰⁸⁰ Ignoramos a que se referia Gómara com as esmeraldas “comidas”. Será que para evitar pagar o quinto real, os conquista-dores as engoliam?

¹⁰⁸¹ *HI*, p. 111.

¹⁰⁸² Embora o ouro também esteja presente no relato. Em relação a esse metal, encontram-se unicamente duas referências: Gómara escreve que o “rey de Bogotá” eu “muchas cosas de oro” a Quesada; e na entrada pelas terras de Somondoco, lemos que Quesada capturou trezentos mil ducados de ouro. Cf. a citação mais adiante.

cronista ligava narrativamente determinados territórios com a extração de pérolas ou demais elementos naturais.¹⁰⁸³

Por outra parte, da mesma forma que Oviedo e Las Casas, Gómara inclui as pedras verdes no seletto grupo das quatro riquezas principais do Novo Mundo que enchiam as arcas e acrescentavam a glória da Coroa espanhola, sendo os outros o ouro, a prata e as pérolas.¹⁰⁸⁴ Por exemplo, no capítulo 197 lemos: “colman las perlas la riqueza de oro y plata y *esmeraldas* que habemos traído de las Indias”¹⁰⁸⁵.

7.6.3 Quesada e sua imagem como “descobridor”

Como é representado Jiménez de Quesada?¹⁰⁸⁶ O autor se refere a ele como “licenciado” ou “letrado” Jiménez” e lhe atribui de forma exclusiva as ações de “descobrir e conquistar” a Nova Granada. Com efeito, o *licenciado* constitui o único agente ibérico nomeado no capítulo, que se desloca pelo espaço, entra em contato com os nativos, recebe presentes deles, batiza lugares, dentre outros atos:

...subió [Quesada] el río Grande arriba por descubrir y conquistar [...] diéronle ciertas esmeraldas [...] subió más arriba, y en el valle de los alcázares se topo con el rey Bogotá [...] Partió Jiménez de Bogotá, pasó por tierras de Bogotá, pasó por tierra de Conzota [...] fue a Turmequé, y nombróle valle de la Trompeta [...] Habló con el señor Somondoco, cuya es la mina de las esmeraldas; fue allá, que hay siete leguas, y sacó muchas.¹⁰⁸⁷

¹⁰⁸³ Vários capítulos abordam a extração de pérolas no Novo Mundo. Por exemplo, o capítulo LXXIV intitula-se “El descubrimiento de las perlas”. A narrativa de Gómara, fortemente organizada com uma lógica geográfica – mais do que cronológica –, constitui uma sorte de mapeamento dos recursos naturais ou riquezas dos domínios hispânicos, o que se reflete no título dos capítulos.

¹⁰⁸⁴ Assim, no último capítulo da *Historia de las Indias*, intitulado “Loor de españoles”, lemos: “No tiene cuenta el oro y plata, ca pasan de sesenta millones, ni las perlas y *esmeraldas* que han sacado de bajo la tierra yagua; en comparación de lo cual es muy poco el oro y plata que los indios tenían”, *HI*, p. 320, grifos nossos.

¹⁰⁸⁵ Capítulo CXCVII, “De las perlas”, *ibid.*, p. 288, grifos nossos.

¹⁰⁸⁶ Ou “licenciado Gonzalo Jiménez”.

¹⁰⁸⁷ *Ibid.*, capítulo LXXII, p. 110-111. Ramos especula sobre uma hipotética entrevista entre Quesada e o cacique Somondoco a partir da afirmação de Gómara “Habló con el señor Somondoco”, mas à luz das fontes disponíveis, nós a julgamos pouco provável. Gómara se equivoca ao indicar que Quesada – ou os espanhóis – tomaram muitas esmeraldas da mina de Somondoco. Como vimos no capítulo 3, o maior botim de esmeraldas veio do cercado do cacique Tunja, e na mina conseguiram extrair poucas nas primeiras explorações. Cabe mencionar que, durante sua estadia na Espanha, Quesada se pronunciou em relação à correta extração das esmeraldas de Somondoco. Assim, em uma carta encaminhada em 1549 com indicações sobre o “bom governo” do Novo Reino, o *licenciado* recomendou que não se permitisse sua extração aos espanhóis: “por no tener la orden e artificio que tienen los dichos yndios para sacarlas como por la cobdiçia que generalmente se been los españoles en todas las yndias por sacarlas sin syn orden ninguna”. JIMÉNEZ DE QUESADA, Gonzalo. “Indicaciones para el buen gobierno”. In: *Boletín de Historia y Antigüedades*, Ano XIV, No. 162, 1922-1923, p. 345-361. Conserva-se o documento original: “Representación original dirigida a Su Majestad por Gonzalo Jiménez de Quesada, conquistador de las provincias de Santa Marta y Nuevo Reino de Granada; contiene 30 capítulos de buen gobierno que deberían observarse en aquellas provincias”. AGI, Patronato, 196, R. 30. Disponível em: www.archivesportaleurope.net.

Ao ler esses e outros fragmentos, temos a impressão de que Quesada andava sem companhia nenhuma por essas terras e que todo fosse agenciado por ele.¹⁰⁸⁸ A esse respeito, resultam significativas duas omissões. Por um lado, a ausência de qualquer referência ao encontro com Nicolás de Federmán ou Belalcázar no altiplano muísca, e à posterior viagem a Castela.¹⁰⁸⁹ Por outro lado, a elisão de toda menção do papel dos subordinados de maior qualificação da expedição. Em consequência, o coronista soriano imputa a Quesada várias obras singulares que, de acordo com outras *relações* do período analisadas no capítulo 3, foram realizadas por seus capitães. Notadamente, o primeiro reconhecimento da mina de esmeraldas, que as *relações* atribuem ao capitão Valenzuela e que o clérigo escritor liga exclusivamente com o autor do *Antejobio*, apoiando assim sua procura de mercês e fama: “Otras muy muchas cosas se han hallado después acá por aquella tierra; *empero este fue el principio, cuyo hallazgo y honra se debe a este letrado Jiménez* [...] También hubo el licenciado Jiménez en este viaje [...] trescientos mil ducados en oro”.¹⁰⁹⁰

É necessário reparar em outra lacuna intencional do texto. Embora no começo do capítulo se afirme que Quesada remontou o rio Grande para “descobrir *e conquistar*”, qualquer ação de guerra ou violência contra os ameríndios é obliterada.¹⁰⁹¹ Assim, a imagem transmitida de Quesada é, antes de tudo, a de um *descobridor*. De quê? A resposta é quase óbvia: das esmeraldas. Não há a mais mínima alusão à morte dos caciques muíscas e muito menos aos processos contra os irmãos Quesada por esse e outros crimes, que obviamente Gómara conhecia graças a sua proximidade do entorno régio e do coletivo colonialista. Muito pelo contrário, segundo ele, foram as habilidades diplomáticas de Quesada as que lhe possibilitaram “ganhar” muitos senhores indígenas sem jogar uma gota de sangue: “ganó asimismo [Quesada] muchos señores por amigos, que se ofrecieron al servicio y obediencia del conquistador”. Poder-se-ia dizer que para Gómara não houve realmente “conquista” dos muíscas, pois não foi necessária. Tal cenário é congruente com a caracterização dos *bogotás* como uns naturais que são “más pacíficos que guerreros”,¹⁰⁹² mas dista muito de outras frentes de expansão narradas em *La historia de las Indias*, onde abundam as ações guerreiras e heroicas. Também tem pouco

¹⁰⁸⁸ A única alusão ao fato de que Quesada não estava só é: “notaron mucho *los españoles* que...”, grifos nossos. Note-se o verbo na forma plural.

¹⁰⁸⁹ De fato, Federmán e os conquista-dores alemães da Venezuela brilham por sua ausência na *HI*. Por sua vez, Belalcázar é tratado na conquista de Quito.

¹⁰⁹⁰ *Ibid*, grifos nossos.

¹⁰⁹¹ É a única vez que aparece a voz *conquista* no capítulo ou qualquer referência a uma ação guerreira, em contraste com o recorrente uso do termo por Oviedo nas seções correspondentes ao Novo Reino.

¹⁰⁹² Assim os descreve Gómara, “aunque tenían guerra muchas veces con los panches”.

a ver com a caracterização lascasiana de Quesada como um tirano cruel, ou com o “deslizamento” narrativo de Oviedo no mesmo sentido que analisamos no capítulo 5.¹⁰⁹³

Dessa forma, podemos concluir que Quesada é representado como um conquistador virtuoso, e que a narrativa do capítulo LXXII apoiaria qualquer pretensão de mercês por parte do *licenciado*, que no momento da publicação do livro já estava de volta no território americano, porém ainda pretendia receber novas e melhores honras. Contudo, o protagonismo de Quesada no enredo global de *La historia de las Indias* não tem comparação com outros conquistadores admiráveis, como Cortés, nem com outros reprováveis, como o clã dos Pizarro. Quesada está muito longe de ser um herói ou um vilão; ele não deixava de ser um conquistador em certa forma anônimo, o mesmo que a Nova Granada e seus habitantes originários, no discurso do clérigo Soriano, onde só refulgiam as esmeraldas.¹⁰⁹⁴

¹⁰⁹³ Ou seja, a crítica ao tratamento dado ao cacique Bogotá como suposto rebelde.

¹⁰⁹⁴ Além do capítulo LXXII, o nome de Quesada não aparece mais na *História de las Indias*, em contraste com a *Historia general* de Oviedo, que tem referências pontuais a Quesada em vários capítulos e notadamente, na seção final relativa aos personagens mais meritórios, como analisamos no capítulo 5.

CONCLUSÃO E EPÍLOGO

Para terminar, voltaremos a Jiménez de Quesada e sua *Probanza de méritos y servicios*, encaminhada ao rei pouco antes de morrer.¹⁰⁹⁵ Depois de sua prolongada estância na Corte, o *licenciado* retornou à América em 1550 e passou os últimos 29 anos de sua vida no Novo Reino de Granada. Em seu prolongado *soggiorno* indiano, administrou suas *encomiendas*, conduziu diversos pleitos e participou do *cabildo* de Santa Fe. Para além disso, escreveu longamente e realizou novas *entradas* nas regiões vizinhas, apesar de sua avançada idade e frágil saúde. Com efeito, ele não abandonou sua mentalidade nem pretensões de conquista-dor. Em sua *Probanza* relatou como foi comissionado pela Audiência para “pacificar” os gualí, “índios muy dañinos y perjudiciales” que viviam nas imediações do território muísca. E em 1568 comandou mais uma expedição em busca do Eldorado na bacia do Orinoco, ao leste do Novo Reino, a qual resultou em um total fracasso.

Como vimos no capítulo 2, Quesada se equiparou com Francisco Pizarro e Hernán Cortés, considerando a invasão do território muísca como a terceira “conquista” e o espaço anexado como o terceiro reino. Nas fontes consultadas, o *licenciado* foi o primeiro em deixar constância dessas noções de *terceiridade* e saliência do Novo Reino no conjunto das Índias espanholas. A comparação com Pizarro e Cortés percebe-se já em um documento de 1560, quando solicitou a governação de Eldorado perante Felipe II.¹⁰⁹⁶ Outros aspectos da *terceiridade* aparecem reforçados na *Probanza* de 1577.

É claro, no caso de Quesada, que tais ideias faziam parte de uma estratégia pessoal para receber prebendas, a qual se inseria num sistema de valores baseado na honra e na “economia da recompensa”,¹⁰⁹⁷ muito forte no mundo hispânico do Seiscentos e ainda mais no coletivo dos conquista-dores. Melchor de Quesada deixou clara essa percepção na *Probanza* de seu irmão ao escrever: “que como vuestra alteza mejor sabe, por ley divina y humana, se debe a los

¹⁰⁹⁵ A *Probanza* é de 1577 e Quesada morreu dois anos depois.

¹⁰⁹⁶ Citado por LUCENA SALMORAL, Manuel. *Ximénez de Quesada, el caballero de El Dorado*. Madrid: Ediciones Anaya, 1989, p. 6.

¹⁰⁹⁷ A expressão é de BRENDECKE, Arndt. *Imperio e información. Funciones del saber en el dominio colonial español*. Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2012, capítulo 1.

que bien sirven remuneración y cuanto mayores son los servicios tanto más crecida ha de ser la merced que de ellos se hiciere”.¹⁰⁹⁸

~ ~ ~

As *Probanzas* eram documentos privativos que criavam um canal entre o soberano e seus súditos, mas não visavam ser publicados e circulavam menos que as *relações*. O interessante é que as ideias de *terceiridade* do Novo Reino também aparecem em algumas das poucas obras impressas por parte de letrados e memorialistas neogranadinos, ou assentados na região, a partir da última parte do século XVI e ao longo do XVII, como Bernardo de Vargas Machuca, Juan Flórez de Ocariz e Lucas Fernández de Piedrahita. Eles compartilham com Quesada as ideias de “terceiro reino”, “terceira conquista” e “terceiro conquistador”, o que indica que provavelmente se haviam tornado lugares comuns do discurso colonial local. Consideramos que, de uma tática de mérito individual, passou-se a uma retórica de orgulho corporativo ao redor da noção de grandeza indiana, que obviamente era muito excludente, pois não levava em consideração senão uma pequena capa da população do Novo Reino e baseava-se em uma perspectiva peninsular e cristã. No fim das contas, a chamada “república de espanhóis” no universo colonial só estava reservada a uns poucos beneméritos.

Seriam necessárias mais pesquisas para examinar a recorrência desses *topoi* em textos impressos e manuscritos. Também, para desentranhar se eram algo exclusivo do Novo Reino. Caberia perguntar, por exemplo: encontram-se em outros âmbitos indianos como Guatemala, Chile ou Quito? Nessa mesma direção, vale a pena ressaltar a importância de conhecer melhor a lógica de imaginação hierárquica e comparativista entre as elites letradas dos territórios periféricos ou semiperiféricos do império espanhol, os quais não formavam parte do “centro” das possessões ultramarinas, isto é, a Nova Espanha e o Peru.¹⁰⁹⁹ Porque o que estava em jogo nas noções de *terceiridade*, em grande medida, eram quais regiões formavam parte do centro colonial e quais não. Obviamente, traduzido nas linguagens da época.

Na tese esboçamos outro tema que requer maior análise, atrelado às dinâmicas de centro e periferia na escala local. Como insistimos frequentemente, o Novo Reino, localizado primeiro no território muísca, passou a ter uma jurisdição territorial muito mais ampla. Ao

¹⁰⁹⁸ Probanza de Quesada, in GAMBOA (ed.). *Encomienda, identidad y poder*. Bogotá: ICAHN, 2002, p. 157.

¹⁰⁹⁹ Sobre as dinâmicas de centro e periferia na América hispânica colonial cf. PARODI, Claudia; RODRÍGUEZ, Jimena (eds.). *Centro y periferia. Cultura, lengua y literatura virreinales en América*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2011; DANIELS, Christine; KENNEDY, Michael (eds.). *Negotiated empires. Centers and peripheries in the Americas, 1500-1820*. Nova York: Routledge, 2002; LOCKHART, James; SCHWARTZ, Stuart. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

diferenciar entre Novo Reino *stricto sensu* e ampliado, e as paulatinas interferências entre os dois, contornamos o início de um processo por meio do qual a cidade de Santa Fe tentou fazer valer seu caráter metropolitano de “cabeça do reino” e de província. Em meio a jurisdições e autoridades frágeis, tal tentativa não deveu estar isenta de contestações das outras províncias e cidades fundadas pelos primeiros invasores, que também lutavam por sua promoção. Como era imaginado o Novo Reino nos textos produzidos nas governações vizinhas como Santa Marta, Cartagena e Popayán?

~ ~ ~

Ademais das *Probanzas*, ao longo da pesquisa vimos que um importante papel coube às corônicas que circularam de forma impressa. Lembremos que os irmãos Quesada invocaram a autoridade desses textos quando escreveram: “el dicho adelantado [...] es uno de los principales descubridores y conquistadores de las Indias, que fueron Cortés y Pizarro y él, como es notorio y se ve claro por las crónicas que de aquellas conquistas andan impresas”; e mais adiante: “digo que ya se sabe, así por la notoriedad del hecho como por las crónicas españolas que tratan de este nuevo mundo de Indias, cómo yo, como capitán de esta hazaña, descubrí, conquisté y poblé este Nuevo Reino de Granada”.¹¹⁰⁰

Infere-se do anterior que as corônicas impressas coadjuvaram a ratificar, ou não, perante a incipiente opinião pública da época, e em esferas mais ou menos restritas, as representações que iam se formando sobre os conquista-dores, os recursos e os grupos indígenas submetidos. Nesse sentido, acreditamos que as corônicas tiveram relevância na formação das identidades do império espanhol como um todo, bem como nas identidades segmentadas dos diversos “reinos” indianos por separado.¹¹⁰¹

Resulta curioso que Quesada invocasse essas corônicas como prova de seu protagonismo na “conquista” do Novo Reino, enquanto outros coronistas e memorialistas locais posteriores ressentiam uma negligência histórica e historiográfica a respeito de sua pátria indiana, como afirmamos na introdução. Ou seja, para eles não era em absoluto “público y notório” o que o *licenciado* enunciava como uma obviedade. Aqui é oportuno atar as reflexões em torno de duas questões transversais da tese: entre as obras *impressas* no século XVI, quais

¹¹⁰⁰ Probanza de Quesada, in GAMBOA (ed.). *Encomienda, identidad*, op. cit., p. 157.

¹¹⁰¹ Sobre as múltiplas identidades que coexistiam na monarquia espanhola do Seiscentos, cf. RODRÍGUEZ SALGADO, María José. “Christians, Civilised and Spanish: Multiple Identities in Sixteenth-Century Spain”. In: *Transactions of the Royal Historical Society*, Vol. 8, 1998, p. 233-251.

se referiam especificamente ao Novo Reino? E como era representado em comparação com os outros espaços imperiais?

~ ~ ~

Para tanto, trazemos um pequeno mapa da historiografia indiana quinhentista à maneira de recapitulação. Até a década de 1530, unicamente quatro obras impressas trataram do Novo Mundo a partir de uma perspectiva global: o conjunto de cartas em latim de Pedro Mártir de Anglería, publicadas como *De Orbe Novo decades*; o breve tratado cosmográfico *Summa de geografia* de Martín Fernández de Enciso; o opúsculo *De la natural hystoria de las Indias*, conhecido como *Sumario de la natural historia de las Indias* de Oviedo; e a primeira parte de *La historia general de las Indias* do mesmo autor, conhecida como *História general y natural*. Elas abordam partes da “conquista”, descrição geográfica, humana e natural do que denominamos Novo Reino de Granada ampliado – com ênfase no Darién –, mas não contemplam o território dos muíscas, pela óbvia razão de que são anteriores à sua invasão.

Durante a década de 1540 se compuseram mais três obras gerais das Índias,¹¹⁰² as quais abordaram pela primeira vez o Novo Reino *stricto sensu*: as partes II e III da *História general y natural de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo, a *Brevíssima relación de la destrucción de las Indias* de Bartolomé de las Casas e *La historia de las Indias* de Francisco López de Gómara. Delas, só se chegaram a publicar as duas últimas em 1552. Tal coleção completar-se-ia posteriormente com outros dois títulos: a *Historia de las Indias* de Las Casas,¹¹⁰³ cujo recorte temporal só abarca até a década de 1520; e a *Historia natural y moral de las Indias* de Joseph de Acosta,¹¹⁰⁴ que escassamente menciona o Novo Reino. Em síntese, das obras publicadas no século XVI, só a *Brevíssima* de Las Casas e *La historia de las Indias* de Gómara concederam certa atenção ao Novo Reino. Dessa forma, elas gozaram de exclusividade como referência a essa região na segunda metade do século XVI e continuaram a ser disseminadas no resto do período colonial. Daí sua importância para a pesquisa.

~ ~ ~

¹¹⁰² Incluindo a reformulação da *Historia general* de Oviedo.

¹¹⁰³ Publicada no século XIX.

¹¹⁰⁴ Publicada em 1590.

Da mesma forma como aconteceu em outros domínios indianos, a partir da segunda metade do século XVI, no Novo Reino também se redigira outro corpus de corônicas atinentes exclusivamente ao espaço e à história local. Tratava-se de “histórias especiais” em contraste com as “histórias gerais” da América que comentamos.

Em 1624, o jurista espanhol Antonio de León Pinelo foi comissionado pelo Conselho de Índias para elaborar um repertório de todos os livros e manuscritos atinentes às Índias orientais e ocidentais. O resultado foi o *Epítome de la Biblioteca Oriental y Occidental*, publicado cinco anos depois.¹¹⁰⁵ Trata-se do primeiro repertório bibliográfico do império espanhol.¹¹⁰⁶ É importante notar que, na seção correspondente ao Novo Reino de Granada,¹¹⁰⁷ só aparecem cinco títulos de manuscritos e nenhuma obra publicada.¹¹⁰⁸

Esse panorama contrasta com o Peru e a Nova Espanha, que para a época já contavam com uma significativa biblioteca impressa de *relações* e corônicas de ampla circulação, como as *Cartas de relação* de Cortés, a *Chronica del Peru* de Cieza, e muitas mais. O mais periférico “reino” de Chile também contava com um poema épico, *La Araucana* de Alonso de Ercilla,¹¹⁰⁹ que celebrava as façanhas da guerra entre os conquista-dores e os indígenas mapuche. *La Araucana* inspirou muitos letrados, dentre eles o veterano conquista-dor do Novo Reino, Juan de Castellanos, que escreveu em Tunja *Elegías de varones ilustres de Indias*. Sua terceira parte trata do Novo Reino de Granada, mas só se publicaria três séculos mais tarde. Ao que parece, os poemas épicos sobre a “conquista” ao estilo de Ercilla foram os trabalhos de temática americana que mais circularam e se imprimiram no século XVI, acima das histórias com pretensão de ser verdadeiras.¹¹¹⁰

Assim, o Novo Reino de Granada teve um déficit historiográfico de uma narrativa fundacional que somente seria preenchido parcialmente¹¹¹¹ com a publicação da *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada* (1688) de Lucas Fernández de

¹¹⁰⁵ O título completo é *Epítome de una Bibliotheca Oriental y Occidental, náutica y geográfica, etc., en que se contiene los escritores de las Indias Occidentales especialmente del Perú, Nueva España, La Florida, El Dorado, Tierra Firme, Paraguay y el Brasil, y viajes a ellas, y los autores de navegación y sus materiales y apéndices*. Madrid: Juan González, 1629.

¹¹⁰⁶ Também incluía obras não espanholas, como portuguesas e italianas.

¹¹⁰⁷ “Título XIII. Historias del Nuevo Reyno de Granada”, p. 96-97.

¹¹⁰⁸ Entre eles figura *Ratos de Suesca*, de Quesada, que recebeu licença de impressão mas nunca foi publicado, e cujo manuscrito perdeu-se.

¹¹⁰⁹ Publicado em três volumes ao longo de duas décadas: primeiro volume, 1569; segundo volume, 1578; terceiro volume, 1589.

¹¹¹⁰ ADORNO, Rolena. “Literary production and suppression: reading and writing about Amerindians in Colonial Spanish America”. In: *Dispositio*, Vol. 11, No. 28/29, 1986, p. 1-25.

¹¹¹¹ Já que foi uma obra incompleta.

Piedrahita. É claro que as poucas páginas dedicadas a esse território na *Brevíssima* e em *La historia de las Indias* de Gómara não contribuíram a preencher a lacuna sentida pelos habitantes letrados locais, e até mesmo agiram em sentido oposto.

~ ~ ~

Acreditamos que tal vazio historiográfico estivesse ligado à percepção de um “déficit” histórico. Em outras palavras, a imagem do Novo Reino visualizada desde o centro imperial – e desde os outros territórios americanos – como um espaço periférico, marginal, sumamente afastado e encravado em montanhas tropicais, sem uma “grandeza” particularmente identificável. Uma terra propícia para os assentamentos espanhóis por seu clima, pela abundância de alimentos e de indígenas tributários, porém relativamente pobre e isolada. Essa imagem provavelmente se prolongou até o século XX, por exemplo, na caracterização que Pierre Chaunu fez da Colômbia como uma “ilha continental”:

Située à l’extrémité nord-occidentale de l’Amérique du Sud, à l’endroit où viennent converger en direction de l’isthme de Panamá les routes du Pacifique et de l’Atlantique, la Colombie se présente comme une île andine, noyée dans un océan de plaines équatoriales. Murée en elle-même par la nature, elle n’a pu encore pleinement bénéficier des grands courants d’échanges qui passent à proximité de ses frontières.¹¹¹²

Do ponto de vista geoestratégico, as fontes indicam que, em uma primeira etapa, existia a expectativa que Novo Reino podia ser importante ao criar uma passagem mais rápida para o Peru e o Mar do Sul, evitando a viagem através do istmo de Panamá, como assinalado no capítulo 2. Assim se evidencia na carta com a qual os oficiais do Conselho de Índias apresentaram a Carlos V a *relação* de Lebrija e San Martín:

Piénsase que de aqui adelante, se podrá ir a las provincias del Perú por esta gobernación de Santa Marta o por la de Cartagena, sin atravesar la gobernación de Tierra Firme [istmo] ni tornar a navegar la mar del Sur si los caminos no son muy fragosos [...] *pero esto se dice de sospecha pero no de certidumbre*, y si sale así, será muy gran aparejo para que aquello se conserve y aumente.¹¹¹³

No entanto, rapidamente ficaria evidente que a distância geográfica entre o Novo Reino e o Peru era bem maior do que se pensava, e que o trajeto era muito mais complicado do que a antiga via de comunicação. Assim, a importância geoestratégica do Novo Reino ampliado passou a estar associada preponderantemente com o porto de Cartagena de Índias, quando este

¹¹¹² CHAUNU, Pierre. “Une île continentale: la Colombie”. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 3e Année, No. 4, L’Amérique du Sud Devant l’Histoire, 1948, p. 447-449. Certamente, Chaunu é um pouco exagerado em sua avaliação, pois não toma em conta os fluxos que passavam pelo litoral caribe colombiano.

¹¹¹³ “Relación de una carta que los capitanes Juan de San Martín y Antonio de Lebrija, tenientes de oficiales que han sido en la provincia de Santa Marta, escriben a Vuestra Majestad acerca de lo sucedido en esta provincia”, in: FRIEDE, *para la historia de Colombia*, T. V. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1956, p. 262-265, documento No. 1340, grifos nossos.

se tornou o principal posto comercial e defensivo do império espanhol no litoral do Atlântico sul-americano até o século XVIII, o que obviamente significou um deslocamento do foco de atenção dos atuais Andes colombianos para a costa. Desse modo, historicamente deu-se uma fratura entre o interior andino, o Novo Reino *stricto sensu*, e o litoral caribe, que fazia parte de Novo Reino ampliado.

~ ~ ~

Os indígenas do Novo Reino, ao contrário dos mapuches, não se destacaram no olhar ibérico por algum atributo específico. Para começar, eles não eram vistos como inimigos de valia.¹¹¹⁴ Ao contrário, no corpus inaugural de *relações* e corônicas os muíscas são retratados como seres mansos, mas uma mansidão que não chegava a ser particularmente virtuosa. Na *Brevíssima*, Las Casas os caracterizados exatamente da mesma forma que os *índios* genéricos das demais regiões.

É verdade que nas primeiras *relações* se destacam certos elementos da cultura material muísca, como os cercados dos governantes, mas eles são obliterados nas narrativas de Las Casas e Gómara. O fato de serem construídos com materiais perecíveis e pouco “nobres” não permitiu que ficassem rastros arqueológicos para as gerações futuras, e o assombro que produziram estava longe de rivalizar com as duas cidades ameríndias mais descritas no século XVI: Tenochtitlán e Cuzco.¹¹¹⁵ No corpus analisado os caciques muíscas são qualificados como grandes senhores de numerosos vassallos e suas *politeias* como senhorios, reinos ou províncias, porém, a noção de “reis” indígenas era muito popular na época, inclusive para caracterizar os grupos nativos do Caribe, considerados menos sofisticados. Por sua vez, os panche, mais aguerridos e temíveis que seus rivais muíscas, tampouco ofereceram uma resistência digna de muita recordação na ótica dos coronistas imperiais.¹¹¹⁶

Nos primeiros tratados de etnologia comparada, escritos por Las Casas e Joseph de Acosta, os muíscas brilham por sua ausência,¹¹¹⁷ enquanto os incas e os mesoamericanos tomam o centro da cena. Pode-se afirmar que até o final do período colonial os muíscas como grupo étnico passaram praticamente inadvertidos fora de grupos de interesse restritos que se interessavam por seus tributos e cristianização. Isso começaria a mudar com os trabalhos locais

¹¹¹⁴ Sobre o conceito de inimigo de valia aplicado aos indígenas cf. PAGDEN, Anthony. Estudo introdutório a CORTÉS, Hernán. *Letters from Mexico*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2001.

¹¹¹⁵ Para o caso de Cuzco cf. MARTÍN RUBIO, María del Carmen. “El Cuzco incaico, según Juan de Betanzos”. In: *Estudios de Historia Social y Económica de América*, No. 10, 1993, p. 25-36.

¹¹¹⁶ Com algumas exceções na obra de Juan de Castellanos.

¹¹¹⁷ Com uma exceção muito parcial que comentaremos posteriormente.

do patriotismo ilustrado no final do século XVIII, divulgados no Ocidente por meio das narrativas de Alexander von Humboldt. Mas não há traços de *terceiridade* dos muíscas nas fontes do século XVI analisadas.

Por outro lado, a associação exoticista dos muíscas com a lenda de Eldorado só emergiu a partir do século XVII nas corônicas manuscritas locais, como as de Frei Pedro Simón e Juan Rodríguez Freile. Foi na lagoa de Guatavita, cenário imaginário e real ao mesmo tempo, escondida entre as montanhas de um dos senhorios muíscas, que uma das vertentes da lenda do homem dourado surgiu.¹¹¹⁸ Hoje, o aeroporto de Bogotá e uma das principais avenidas da cidade levam o nome *El Dorado* em memória do cacique muísca. E no Museu do Ouro, no centro da cidade, os visitantes podem apreciar uma jangada de ouro muísca que depois seria associada com a lenda. Mas não foram encontradas essas ligações nas fontes analisadas.

~ ~ ~

No que tange à ação aos conquista-dores do altiplano muísca, seu maior heroísmo deu-se na luta com as forças naturais durante o longo deslocamento desde o litoral de Santa Marta até o interior andino, associado ao *topos* cavaleiresco das privações e padecimentos. Não por acaso, Quesada escreveu em sua *Probanza* que à “descoberta” do Novo Reino: “se le da el primer lugar de desventuras espantosas y de trabajos nunca vistos y de otras calamidades nunca pensadas en la imaginación de los hombres indianos”.¹¹¹⁹ Essa ideia de padecimentos a serviço da Coroa é muito ostensiva nas *relações*, na *Historia general* de Oviedo e em outras *probanzas* contemporâneas à do *licenciado*.¹¹²⁰ No entanto, sem dúvida Quesada exagerava ao avaliar suas ações. Cabe lembrar que na mesma época já circulava de forma impressa o relato de travessias mais impressionantes, como a de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, que atravessou boa parte da América do Norte e do Sul.¹¹²¹

¹¹¹⁸ Uma recente exposição no Museu Britânico chamada *Beyond El Dorado: Power and Gold in Ancient Colombia* (2014) parece apoiar esta hipótese de permanência do referencial muísca no imaginário coletivo não-colombiano via sua ligação com a lenda do Eldorado. Duas imagens icônicas associadas a isso são a jangada de ouro muísca e o relato do cacique de Guatavita. Temos a impressão de que só a partir de finais do século XVI a laguna de Guatavita começou a figurar mais nas descrições e mapas do Novo Reino.

¹¹¹⁹ *Probanza* de Quesada, in GAMBOA (ed.). *Encomienda, identidad*, op. cit., p. 160.

¹¹²⁰ GÓMEZ GÓMEZ, Mauricio. “Ficciones de disciplinamento en las relaciones de méritos de conquistadores veteranos. Nuevo Reino de Granada, siglo XVI”. In: *Revista Tiempo Histórico*. Santiago-Chile, Año 5, No. 9, 2014, p. 17-36. GAMBOA... *Encomienda, identidad*...

¹¹²¹ Cf. a edição moderna de *Naufrações e comentários*. Porto Alegre: L&PM, 1999. Sobre vários aspectos das narrativas de Cabeza de Vaca existe muita controvérsia. Cf. MAURA, Juan Francisco. *El gran burlador de América: Alvar Núñez Cabeza de Vaca*. Valencia: Parnaseo, 2008.

Certamente o Novo Reino recebeu um destaque na *Brevíssima* por conta da violência exercida contra os aborígenes, que não deixa de ser um relevo negativo. No opúsculo lascasiano, o território muísca e Popayán aparecem como as frentes de invasão mais recentes e dramáticas, como os ápices da destruição das Índias. De acordo com o princípio interpretativo de *incremento magnitudo* da obra, as injustiças e violências de Quesada, Belalcázar e suas tropas são as piores jamais cometidas ao longo dos 40 anos que abarca a narrativa. Contudo, o anonimato dos “tiranos” que cometeram as crueldades e o emprego de elementos retóricos repetitivos fazem com que o leitor não chegue a diferenciar claramente esse território de outros âmbitos do inferno americano.

~ ~ ~

Caso a versão reformulada da primeira parte da *Historia general* de Oviedo, bem como a segunda e terceira partes, tivessem sido publicadas no século XVI, a sede de notoriedade de Quesada teria sido menos intensa. Esses manuscritos continham informação fundamental relativa ao Novo Reino: apontamentos da “história natural”, todo o arco da invasão das terras muíscas e quadros etnográficos de suas gentes. E mais importante ainda, várias *relações* do Novo Reino, a mais extensa e detalhada das quais havia sido elaborada justamente por Quesada, a quem o coronista conheceu na década de 1540. Diferentemente de outros especialistas, consideramos que Oviedo não copiou esse “gran cuaderno” fielmente: fez um resumo do mesmo, com muitas mediações e deslizamentos de sua perspectiva pessoal.

Em comparação com Las Casas e Gómara, o madrilenho destacou-se pelo zelo na procura de informação sobre o Novo Reino. Sua posição de coronista oficial e *alcaide* da fortaleza de Santo Domingo, por onde passavam muitos conquista-dores, lhe facilitaram a tarefa. Por causa da grande extensão e a inclusão quase indiscriminada dos diferentes documentos e depoimentos que chegavam a suas mãos, o resultado é uma obra multifacetada, por vezes desorganizada e contraditória. No entanto, de um grande valor documental.

Oviedo elevou Quesada à categoria de herói e concebeu a “conquista” do Novo Reino como um dos sete “serviços” mais dignos de “perpétua memória” da expansão espanhola. É cabível que em sua avaliação pesasse o considerável interesse que o Novo Reino ampliado despertou no coronista em diversos momentos. Assim, tomou parte na colonização do Darién – território que faz parte da atual Colômbia –, obteve lucros com negócios do ouro do litoral neogranadino e em duas ocasiões esteve a ponto de assumir uma governação da zona, desde onde se procederia à penetração das terras muíscas, posteriormente. Em suas obras denota-se

uma aguda consciência sobre as potencialidades econômicas da área e um hálito de nostalgia por não ter usufruído plenamente os lucros da região.

~ ~ ~

Comparado com os imensos saques do Peru, o ouro extraído do território muísca foi avaliado como pouca coisa pelos invasores. Os muíscas não possuíam minas do prezado metal e o adquiriam por meio da troca com outras etnias do Novo Reino ampliado. Insatisfeitos, destacamentos da hoste de Quesada se deslocaram pela cordilheira oriental, perseguindo – e imaginando – rumores de terras mais abastadas. Em seus roteiros toparam com outro mineral que capturou sua atenção: as esmeraldas. A descrição da mina de Somondoco ocupa um lugar ostensivo em todas as *relações* e corônicas estudadas.¹¹²² A *Historia general* de Oviedo, ao ser tanto uma corônica quanto uma espécie de coletânea de *relações*, é paradigmática nesse sentido. O coronista madrileno também foi um colecionador e negociante das gemas verdes neogranadinas.

Diferentemente de Cortés e outros conquista-dores “einentes”, no escudo de armas de Quesada não aparecem cabeças de autoridades indígenas submetidas, senão esmeraldas espalhadas por uma montanha que representa as comarcas muíscas.¹¹²³ As gemas verdes destacaram-se assim como o elemento de riqueza idiossincrático do Novo Reino, sua carteira de identidade perante os recursos de outros domínios indianos. A relevância adjudicada a elas é maior devido à sua avaliação como a “terceira” pedra preciosa em valor – aspecto que ressoa com a *terceiridade* do Novo Reino – e à falta de notícias sobre outra jazida de esmeraldas no mundo conhecido pelos europeus. No mesmo período, os lusitanos as procuravam avidamente na Ásia e, mais à frente, na América portuguesa.

Na narrativa de Oviedo as esmeraldas são um importante dinamizador da ação, mas ainda as ações guerreiras ocupam uma considerável porção do trabalho. Já em *La historia de las Indias*, a “conquista” violenta é virtualmente substituída pelo “descobrimento das esmeraldas”, como Gómara intitula o capítulo. Tudo se orienta teleologicamente para elas, e toda a ação é agenciada por Quesada, único protagonista do relato. As esmeraldas foram o

¹¹²² Com a exceção parcial da *Brevíssima*, já que não inclui uma descrição da mina, mas sim várias referências às esmeraldas como a principal riqueza da região.

¹¹²³ Sobre as cabeças indígenas como elementos simbólicos na heráldica dos conquista-dores cf. LÓPEZ-FÁNJUL DE ARGÜELLES, Carlos. “Las armerías de los conquistadores de Indias”. In: *Historia y Genealogía*. Universidad de Córdoba (España), No. 4, 2014, p. 159-163.

primeiro produto do Novo Reino ampliado que se globalizou, junto com o ouro do Zenú e as pérolas da Guajira. Foram um dos primeiros “tesouros malditos” extraídos do atual território colombiano, ao redor dos quais se gerou muito dinheiro e se derramou muito sangue até a atualidade. Vale a pena explorar mais os imaginários e representações ao redor desses produtos durante os três séculos de dominação espanhola.

~ ~ ~

Para reforçar nossa hipótese de uma estreita aliança entre a imaginação sobre o Novo Reino e as almeçadas gemas verdes, evocaremos dois exemplos um pouco posteriores ao período estudado. Em primeiro lugar, desloquemo-nos até 1611, ano em que se publicou o *Tesoro de la lengua castellana o española*, primeiro dicionário monolíngue de castelhano, elaborado por Sebastián de Covarrubias, erudito e capelão de Felipe II. Além de sua importância lexicográfica, a obra é emblemática como testemunho da cultura letrada espanhola no século XVII. Também é um documento das representações imperiais que permite aproximar-se das óticas do centro em relação às periferias da monarquia composta, aquilo que se incluía e se excluía. Pois bem, aparecem nomeados o Novo Reino de Granada, os muíscas ou algum de seus conquista-dores nas mais de 900 páginas dessa obra icônica? Com efeito, aparecem somente os significantes Nueva Granada e Gonçalo Ximenez [de Quesada], justamente na entrada da palavra esmeralda, enquanto não identificamos menções aos muíscas, Belalcázar, Nicolás de Federmán ou Fernández de Lugo.¹¹²⁴

O segundo exemplo é um pouco mais recente. Transportemo-nos ao ano 1649, na chegada de Mariana de Áustria a Madri, depois de seu matrimônio com Felipe IV. Como era frequente nesse tipo de eventos, preparou-se uma entrada triunfal para receber a jovem rainha, cuja magnificência devia refletir o poder da monarquia, ou pelo menos, a imagem que ela pretendia oferecer tanto aos súditos quanto ao resto de potências europeias, com características de um verdadeiro espetáculo público.¹¹²⁵ Um dos elementos mais espetaculares da entrada eram as construções efêmeras que se distribuíam em lugares estratégicos ao longo de percurso. Na ocasião construíram-se quatro arcos triunfais, que representavam as quatro partes do mundo nas fachadas principais, e os quatro elementos predominantes em cada uma delas na parte

¹¹²⁴ COVARRUBIAS, Nicolás de. *Parte primera del tesoro de la lengua castellana o española*. Madri: Melchor Sánchez, 1674 [1611], p. 262. Por meio de um exercício de arqueologia textual, é fácil identificar que a fonte usada por Covarrubias para a entrada “esmeraldas” baseou-se em *La historia de las Indias* de Gómara.

¹¹²⁵ MOYA GARCÍA, María. “Una visión interdisciplinar del Madrid del Siglo de Oro: ideología, sociedad y fiesta cortesana a través de las relaciones de sucesos”. In: *Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica*. Vol. 32, No. 44, 2014, p. 217-228.

posterior. Cada arco estava acompanhado por uma poesia mural, elaborada pelos mais seletos poetas da Corte.

Interessa-nos somente o quarto arco, que estava dedicado à América e decorado com a figura de Colombo dando notícias do seu “descobrimento” aos reis. Na sua frente via-se uma mulher, vestida de indígena, com um colar de esmeraldas e segurando uma rocha desse mineral. De acordo com a anônima *relação* de sucessos em que a figura é descrita, representava Santa Fe, Corte del Nuevo Reyno de Granada, en acción de ofrecerse a sus plantas”.¹¹²⁶ Os versos que o acompanhavam eram: “Santa FE da a su beldade / las *esmeraldas* que alcanza / Siendo a tanta MAJESTAD / FE el nombre, Don ESPERANZA / i el Afecto CARIDAD”.¹¹²⁷

~ ~ ~

A seguir faremos algumas reflexões sobre os desdobramentos das ideias associadas à terceiridade em uma etapa posterior ao recorte da tese, sem desconhecer que é necessário desenvolver novas pesquisas para avaliar a recorrência e frequência desses diferentes *topoi* entre os séculos XVIII e XIX.

Em primeiro lugar, temos a impressão de que no século XVIII o *topos* de terceiro reino indiano perdeu a nitidez que poderia ter alcançado antes. Isso aconteceu em meio à redefinição da hierarquia de áreas centrais, periféricas e semiperiféricas do Império espanhol gerada pelas reformas borbônicas, atrelada a fenômenos como a criação de dois vice-reinos – dentre eles o Novo Reino de Granada –, a perda de importância econômica e política do Peru e a emergência de novas zonas economicamente estratégicas como a intendência de Venezuela e o Rio da Prata.¹¹²⁸ Nesse contexto, a ideia da Nova Granada como o terceiro reino não tinha muito significado e em seu lugar apareceram novas representações de grandeza esperada, estreitamente ligadas às potencialidades comerciais, geopolíticas e produtivas do território sob as noções de “felicidade” e prosperidade tão caras às comunidades de *criollos* e

¹¹²⁶ *Noticia del recibimiento y entrada de la reina nuestra señora doña Mariana de Austria en la muy noble y leal coronada villa de Madrid*. [Madri?], [1650?].

¹¹²⁷ *Ibid*, grifos nossos.

¹¹²⁸ Sobre a definição de áreas centrais, periféricas e semiperiféricas do império espanhol e sua mutação ao longo do período colonial cf. MAHONEY, James. “Long-run development and the legacy of colonialism in Spanish America”. In: *American Journal of Sociology*, Vol. 109, No. 1, 2009, p. 50-106.

administradores espanhóis que integraram a chamada Ilustração neogranadina.¹¹²⁹ Entre esses pequenos círculos de letrados e cientistas amadores que almejavam um grande futuro para sua Colônia¹¹³⁰ destacou-se Francisco José de Caldas, diretor de um dos primeiros jornais neogranadinos, o *Semanario del Nuevo Reino de Granada* (1807-1809). Em um célebre artigo publicado em tal órgão, o jovem natural de Popayán escreveu:

La posición geográfica de la Nueva Granada parece que la destina al comercio del universo. Situada bajo de la línea a iguales distancias de Méjico y California por el Norte, como de Chile y Patagonia por el Sur, ocupa el centro del nuevo continente. A la derecha tiene todas as riquezas septentrionales, a la izquierda todas las producciones del Mediodía de la América. [...] Ya me parece que *esta colonia afortunada* recoge con una mano las producciones del hemisferio en que domina la Osa, y con la otra la del opuesto [...] Convergamos: nada hay mejor situado en el viejo ni el nuevo Mundo que la Nueva Granada. *No nos deslumbremos con las riquezas de Méjico, ni con la plata del Potosí. Nada tenemos que envidiar a estas regiones tan ponderadas.*¹¹³¹

Resulta evidente na última frase que Caldas disputava a tradicional posição de primazia indiana da Nova Espanha (México) e os Andes centrais (Potosí), vigente por mais de dois séculos de presença hispânica. A lente para avaliar tal hierarquia era a *riqueza material* produzida pelo comércio e a extração de matérias primas. O chamado que Caldas faz a seus conterrâneos pode-se enunciar assim: “no nos deslumbremos con las riquezas de México y el Perú, pues no tenemos que envidiarles nada en *posibilidades* de generar la felicidad material de nuestra patria”.

Note-se que o marco de “geo-referência” para Caldas é o Novo Reino de Granada ampliado, agora ligado à grandíssima jurisdição territorial do vice-reino, mas não o Novo Reino *stricto sensu* que aparece nas fontes examinadas na tese, isto é, o planalto habitado antigamente pelos muíscas.¹¹³² Por outra parte, no texto referido tampouco há menções às esmeraldas como principal riqueza da região, senão a um verdadeiro leque de produtos que na mente do esperançado *criollo* garantiriam a felicidade iminente da Colônia. Em certa forma, o artigo de Caldas é um inventário desses produtos nas sub-regiões do vice-reino.

¹¹²⁹ SILVA, Renán. *Los ilustrados de la Nueva Granada 1760-1808: Genealogía de una comunidad de interpretación*. Medellín: Banco de la República/EAFIT, 2002; VILLAMIZAR, Carlos Vladimir. *La felicidad del Nuevo Reyno de Granada: el lenguaje patriótico en Santafé (1791-1797)*. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2012; LANGEBAEK, Carl Henrik. *Los herederos del pasado. Indígenas y pensamiento criollo en Colombia y Venezuela*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2009, Vol. 1.

¹¹³⁰ Assim começou a ser chamado o Novo Reino de Granada ampliado, agora ligado à jurisdição territorial do vice-reino.

¹¹³¹ CALDAS, Francisco José de. “Estado de la Geografía del Virreinato de Santa Fé de Bogotá con relacion á la economía y al comercio, por D. Francisco José de Caldas, individuo meritorio de la Expedición botánica del Reino, y encargado del Observatorio astronómico de esta capital” [1807]. In: idem (ed.). *Semanario del Nuevo Reino de Granada*, Tomo I. Bogotá: Biblioteca Popular de Cultura Colombiana, 1942, p. 22-23.

¹¹³² Sobre as mudanças desse topônimo cf. a introdução.

Percepções similares que disputam a hierarquia tradicional dos reinos indianos podem-se encontrar nos escritos – quiçá um pouco menos grandiloquentes – de outros membros da mesma comunidade de interpretação¹¹³³ que também publicaram no *Semanario*, assim como em outros periódicos locais da transição entre os séculos XVIII e XIX. Por exemplo, o *criollo* originário de Cuba Manuel del Socorro Rodríguez, que fez parte do séquito do vice-rei José Manuel Espeleta e foi diretor da Biblioteca Real de Santa Fe, escreveu a respeito das habilidades mentais dos neogranadinos: “Nuestra genial disposición es susceptible de toda especie de conocimientos, no solo de las Ciencias sino de las Artes. Injustamente mirariamos con zelos a los habitantes de Mexico, del Peru, Rio de la plata, y demas paises de una y otra América”.¹¹³⁴ Então, as hierarquias indianas mais arraigadas não só começavam a serem questionadas no que tange à “grandeza” material, mas também à “disposição” de seus habitantes entre os diferentes territórios americanos. Consideramos que este elemento não tem recebido a atenção suficiente nos estudos da chamada polémica do Novo Mundo, os quais focam no binômio Velho Mundo – Novo Mundo.¹¹³⁵

~ ~ ~

Outro elemento da ilustração neogranadina, se bem que menos ostensivo que o patriotismo territorial de caráter presentista e futurista – por assim dizer –, foi um revigorado interesse pelo passado pré-hispânico e os vestígios desse passado, que deixaram de ser vistos como ídolos do demônio e passaram a ser considerados como *antiguidades* dignas de análise e preservação em coleções e museus. Como parte dessas mudanças na *episteme* colonial, destacou-se a representação dos muíscas como o principal grupo aborígine pretérito do Novo Reino, e um dos mais proeminentes da América.

Quais são as sementes dessa representação? A primeira argumentação clara e contundente da grandeza muísca encontra-se na *Historia general de las conquistas* de Piedrahita, para quem “los naturales más políticos” do Novo Reino eram os *mozcas* ou

¹¹³³ Tomo a expressão comunidade de interpretação de Renán Silva. Para um criterioso estudo da articulação entre política e ciência no *Semanario* cf. OBREGÓN, Mauricio. *Orden social y orden natural. El semanario: ciencia y política en el Semanario del Nuevo Reino de Granada*. Madrid: CSIC, 2007.

¹¹³⁴ In *Papel Periódico de la Ciudad de Santa Fe de Bogotá*, No. 11, p. 86. Apud: VILLAMIZAR. *La felicidad del Nuevo Reyno de Granada*, op. cit., p. 100. Sobre a comparação entre as “glórias literárias” neogranadinas e as da Nova Espanha e do Peru cf. as p. 129-131 e 147 do livro de Villamizar.

¹¹³⁵ GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. Historia de uma polémica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

bogotáes.¹¹³⁶ Porém, ele não pensava tal grandeza como parte da rede conceptual da terceiridade, que aplicou, sim, para o Novo Reino *espanhol* e sua “conquista”.¹¹³⁷ Em outras palavras, Piedrahita imaginou os muíscas como nobres ancestrais, porém não ousou compará-los com os incas e os mexicas.

Vale a pena ressaltar que também não achamos traços dos muíscas como *terceira* nação, povo ou civilização americana nas fontes analisadas do século XVI. A primeira razão para essa lacuna é que o conceito mesmo de civilização é oriundo do iluminismo.¹¹³⁸ Mas também se deve ao fato de que os muíscas não tinham ingressado no leque de grupos considerados mais refinados, emblemáticos ou poderosos nas principais obras de etnologia comparada do período colonial, conforme afirmado anteriormente.

Com efeito, na influente *Historia natural y moral de las Indias*, Joseph de Acosta estabelece três “gêneros de governo e vida dos índios” encontrados no Novo Mundo: 1) o reino ou monarquia¹¹³⁹, 2) as *behetrias* ou comunidades e 3) os totalmente bárbaros, “sin ley, ni Rey, ni asiento”.¹¹⁴⁰ O primeiro gênero, que era o “primero y principal y mejor” embora tendesse à tirania, somente está integrado pelos “Incas y el [reino] de Motezuma”. Como representantes do segundo gênero, caracterizado pelo governo em forma de conselhos e com certo “orden y asiento”, o erudito jesuíta menciona várias agrupações indígenas como os Arauco e Tucapel do Chile, os otomíes da Nova Espanha e – o que é mais interessante para nossos propósitos – os “Moscas” do Novo Reino de Granada:

De este género, por industria y saber de algunos principales de ellos, se hizo el otro gobierno de comunidades y behetrias, donde hay alguna mas orden y asiento, como son hoy dia los de Aráuco y Tucapel en Chile, *eran en el nuevo Reino de Granada los Moscas*, y en la Nueva-España algunos Otomítes; y en todos los tales se halla menos fiereza y mas razón. De este genero, por la valentía y saber de algunos excelentes hombres, resultó *el otro gobierno mas poderoso y pródigo de Reino o Monarquía, que hallamos en Méjico y en el Perú*, porque los Incas sujetaron toda aquella tierra, y pusieron sus leyes y gobierno.¹¹⁴¹

¹¹³⁶ FERNÁNDEZ DE PIEDRAHITA, Lucas. *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada*. [Sevilla?]: [Thomas López de Haro?], 1688, p. 14.

¹¹³⁷ Cf. a citação da obra de Piedrahita na introdução da tese.

¹¹³⁸ Sobre a sociogênese desse conceito cf. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

¹¹³⁹ Por vezes também chamado império, por exemplo: “Reinos o Imperios fundados”.

¹¹⁴⁰ Esse tema é abordado no capítulo 11 do livro VI e no capítulo 19 do livro VI.

¹¹⁴¹ ACOSTA, Joseph de. *Historia natural y moral de las Indias*, T. 2. Madrid: Ramón Anglés Impresor, 1894, p.198-199, grifos nossos. Em outra parte menciona: “En esotras naciones de Indios, como en la Provincia de Guatemala, en las Islas y *nuevo Reino*, y Provincias de Chile, y otras que eran como behetrías, aunque había gran multitud de supersticiones y sacrificios; no tenían que ver con lo del Cuzco y Méjico, donde Satanás estaba como en su Roma o Jerusalén, hasta que fue echado a su pesar; y en su lugar se colocó la Santa Cruz; y el Reino de Cristo, nuestro Dios, ocupó lo que el tirano tenia usurpado”, *ibid.*, p. 113-114, grifos nossos. Sobre o significado de *behetría* no contexto espanhol da época cf. o capítulo 3 da tese.

Já a terceira forma de governo, composta por indígenas totalmente bárbaros “que andan a mandas como fieras y salvajes”, era a mais antiga e encontrava-se na Florida, nos chichimecas da Nova Espanha e na maior parte “de los brasiles”.¹¹⁴²

De acordo com a visão de Acosta, resulta claro que os muíscas estavam em um degrau intermediário de desenvolvimento social: inferior aos incas e mexicas e superior aos mais bárbaros. Essa classificação perdurou durante quase todo o período colonial.¹¹⁴³ Já no principal escrito de corte antropológico de Bartolomé de Las Casas, a monumental *Apologética historia sumaria*, que viria a ser publicada no século XIX, só achamos duas referências muito pontuais aos muíscas,¹¹⁴⁴ enquanto o Peru, o México e em menor medida as Antilhas monopolizam a atenção. Certamente para Las Casas – que compartilha com Acosta a visão de desenvolvimento social progressivo – os indígenas do Novo Reino também não estavam no mesmo patamar que os dois entornos nativos mais densos da América.

~ ~ ~

Tal avaliação começou a mudar em fins do século XVIII. Coube a vários autores que podemos enquadrar na episteme iluminista estabelecer as condições para pensar os muíscas como *civilização*. Sem dúvida quem gerou mais impacto na república das letras foi Alexander von Humboldt através de *Vues des cordillères, et monumens des peuples indigènes de l'Amérique* (Paris, 1810). Nessa obra o viajante e naturalista alemão dedicou uma das “memórias” a um suposto calendário lunar muísca, onde lemos:

El Adelantado Gonzalo Jimenez de Quesada, llamado el Conquistador, llegó en 1537 de las playas de la Magdalena á las altas sabanas de Bogotá, admirándole ver el contraste que presentaba la *civilizacion* de los pueblos montañeses, y el *bárbaro* estado de las desparramadas hordas que habitaban las cálidas regiones de Tolú, Mahatés y Santa Marta [...] halló Quesada á los Indios Muisca, á los Guanos, Muzos y Colimas, distribuidos por Ayuntamientos, dedicados á la agricultura y vestidos con telas de algodón, mientras que aquellas tribus errantes en las llanuras vecinas, de escasa elevacion sobre el Océano, vivían embrutecidas desnudas, sin industria y sin artes.¹¹⁴⁵

¹¹⁴² Ibid, p. 199.

¹¹⁴³ PAGDEN, Anthony. *The fall of natural man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

¹¹⁴⁴ Nos capítulos 65 e 125, cujos títulos extensos são: “Capítulo 65. En el cual se prosigue la matéria de los oficiales que había en Yucatán, Guatemala, Nicaragua, Nueva Granada, Venezuela y Perú”. “Capítulo 125. Dioses de las provincias de Venezuela, Santa Marta, Honduras, Nuevo Reino de Granada”. Cf. LAS CASAS, Fray Bartolomé de. *Obras completas 6. Apologética historia sumaria*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

¹¹⁴⁵ HUMBOLDT, Alexander von. “Calendario lunar de los Muisca, antiguos habitantes de la llanura de Bogota”. In: idem. *Sitios de las cordilleras y monumentos de los pueblos indígenas de América*. Madrid: Imprenta y Librería de Gaspar, 1878.

Humboldt não só distanciou os muíscas dos bárbaros grupos circundantes, mas também abriu a porta para incluí-los analiticamente no seletivo grupo de culturas indígenas mais “civilizadas” e realizar um estudo comparativo das mesmas no horizonte da história universal. Verbi gratia, ele escreveu: que Bochica, considerado o herói civilizador, “dió á los habitantes de Bogotá una forma de gobierno que es notable por su analogía con las del Japon y del Tibet”.¹¹⁴⁶ Ao fazer paralelos com essas culturas mais conhecidas, o autor tudesco outorgava aos muíscas uma respeitabilidade histórica que até então não haviam usufruído.

Humboldt também atualizou o *topos* do injusto esquecimento, ou melhor, ainda, desconhecimento, dos muíscas, e objetou sua caracterização como uma horda selvagem:

Este pueblo [los muíscas], *cuyo nombre es casi desconocido en Europa*, confundiéndo-lo con las hordas errantes de los salvajes de la América meridional, tiene su monumento notabilísimo, que es una piedra adornada de multitud de signos geroglíficos del calendario lunar, que representa el orden en que se efectua la intercalacion que coloca el origen del año en la propia estación.¹¹⁴⁷

A clara implicação das ideias do naturalista era retirar aos muíscas do lugar que Joseph de Acosta tinha lhes adscrito como *behetrias*.

Deve-se reconhecer que Humboldt não falava no vazio. Era tributário das pesquisas dos ilustrados *criollos* agrupados em torno do *Semanario* de Caldas e da Real Expedição Botânica dirigida pelo sacerdote e botânico José Celestino Mutis. Justamente a supracitada memória de Humboldt se baseia em um manuscrito do sacerdote *criollo* José Domingo Duquesne, cujas investigações sobre o calendário muísca comenta amplamente. Da mesma forma, antes de Humboldt, Manuel del Socorro Rodríguez tinha redigido memórias encomiásticas da antiga “Cundinamarca”.¹¹⁴⁸ Humboldt foi um divulgador e “tradutor” dos posicionamentos do patriotismo científico local para uma linguagem mais erudita e um público mais cosmopolita.

~ ~ ~

O naturalista tudesco não chegou a afirmar que os muíscas fossem a *terceira* civilização *índia*. A primeira referência que achamos neste sentido procede de um autor bastante polêmico no mundo hispânico, o escocês William Robertson, em cuja popular *History of America* (1777)

¹¹⁴⁶ Ibid.

¹¹⁴⁷ Ibid., grifos nossos. Já Duquesne tinha assinalado o *topos* do desconhecimento dos Muyscas: “Pero la nación de los Muyscas, Indios del Nuevo Reino de Granada, no ha podido entrar hasta ahora á la parte de esta pequeña gloria”. Sobre Duquesne cf. mais adiante. Cf. DUQUESNE, José Domingo. “Disertación sobre el calendario de los Muyscas”. In: ACOSTA, Joaquín. *Compendio Histórico del Descubrimiento y Colonización de la Nueva Granada en el siglo décimo sexto*. París: Librería Castellana, Lasserre Editor, Imprenta de Beau, 1848.

¹¹⁴⁸ Cf. LANGEBAEK. *Los herederos del pasado*, op. cit.

escreveu: “In Bogota, which is now a province of the new Kingdom of Granada, there was a settled nation, *more considerable in number and more improved in the various arts of life, than any in America except the Mexicans and Peruvians*”.¹¹⁴⁹ Justamente essa passagem de Robertson foi traduzida e citada pelo *criollo* antioqueño José Maria Salazar em uma série de artigos publicados no *Semanario* de Caldas com o título: “Memoria descriptiva del país de Santa Fé de Bogotá”.¹¹⁵⁰ Porém, além dos antigos mexicanos e peruanos, Salazar acrescentou outra “nação” aborígine que ultrapassava aos muíscas em várias artes de civilização: os antigos habitantes de Chile.

Nem a breve referência de Robertson nem a memória de Salazar alcançaram ampla divulgação. Esse passo seria dado graças a um personagem que mencionamos várias vezes na tese: o general Joaquín Acosta, que não por acaso tinha sido apadrinhado por Humboldt durante sua estadia na França durante a década de 1820, e conheceu pessoalmente a Salazar. Com seu *Compendio histórico del descubrimiento y colonización de la Nueva Granada* (1848) os muíscas ingressaram com pleno direito na rede conceptual da terceiridade e até receberam uma nova denominação étnica – chibchas –, como para assegurar-lhes um certificado de nascimento para a nova etapa que pareciam destinados a cumprir na historiografia universal. Pouco antes de terminar seu tratado histórico, em uma carta privativa a W. H. Prescott o neogranadino manifestou:

He leído casi con el mismo gusto que la Conquista de México, su última obra sobre el Perú, y como hace algunos años que me ocupo en reunir materiales para un trabajo sobre la N. Granada, mi patria, desearía saber si VM. [Vuesa Merced] tiene intención de escribir sobre este *tercer centro de civilización*, el imperio de los Chibchas ó Muiskas que ocupaban las esplanadas altas del territorio que hoy constituye la República de la N. Granada.¹¹⁵¹

As iniciativas de Acosta para resgatar do “injusto olvido” os muíscas e imaginá-los como a terceira civilização americana tiveram bastante sucesso. Graças a elas, o etnônimo *chibcha* popularizou-se bastante a partir de 1848 e goza de aceitação até a atualidade em uma parte da comunidade acadêmica, bem como em grandes setores da opinião pública.¹¹⁵² Por outra parte, a atenção dada aos chibchas ofuscou em grande medida as outras etnias reconhecidas na Nova

¹¹⁴⁹ ROBERTSON, William. *The history of America*, Vol. II (8ª edição). Londres: A. Strahan, 1800, p. 26, grifos nossos.

¹¹⁵⁰ Publicados a partir de julho de 1809. Reproduzidos mais recentemente in: CALDAS (ed.). *Semanario del Nuevo Reino*, op.cit., Tomo II, p. 198-230.

¹¹⁵¹ Carta de Acosta a Prescott, Paris, julho 29 de 1847, transcrita por Robert Henry Davis, “Acosta y Prescott: dos prohombres de la historia científica”, in: *Boletín de Historia y Antigüedades*, Vol. 58, No. 675, 1971, p. 142, grifos nossos.

¹¹⁵² Cf. a introdução.

Granada do século XIX, inclusive aquelas cujo desenvolvimento cultural é posto hoje no mesmo nível de complexidade. O antropólogo Roberto Lleras afirma que “estudar os índios e estudar os muíscas foram sinônimos” e constata “um interesse fora do comum” por eles.¹¹⁵³ Por trás desse fenômeno, nota-se um zelo mais que puramente acadêmico. Até certo ponto, os chibchas foram vistos como os únicos ancestrais aborígenes dignos de consideração na Nova Granada, o que fez com que eles integrassem os discursos que visavam “formar as almas”,¹¹⁵⁴ mesmo que, muitas vezes, como agentes passivos. Inclusive atualmente, os chibchas são chamados “nossos antepassados” mais do que qualquer outra coletividade indígena na Colômbia, para não referir o caso da população afrodescendente ou de outras minorias étnicas.

Embora Acosta e os demais indivíduos empenhados em dar relevo histórico aos chibchas se queixassem da escassa atenção dada pela comunidade erudita internacional e, conseqüentemente, buscassem destacar sua existência e realizações, acreditamos que a tríade astecas-incas-chibchas alcançasse certo sucesso, tanto dentro quanto fora do país. Notadamente, o povo chibcha capturou certa atenção no espaço de circulação de ideias e produtos intelectuais da América hispânica.¹¹⁵⁵ A “civilização chibcha” converteu-se num *topos*, um lugar comum reproduzido em um variado conjunto de textos escritos, tais como histórias, “memórias” científicas ou etnográficas, catecismos, livros de texto, descrições geográficas, relatos de viajantes, artigos de imprensa, entradas de dicionários e enciclopédias, poemas, romances históricos, dramas e correspondências privadas. Em menor medida, também apareceu em mapas e material gráfico como pinturas, emblemas, gravuras e desenhos. Inclusive, os nomes de lugares fazem parte dos testemunhos, onde se percebe clara intenção de registrar e exaltar o valor dos antigos muíscas. O melhor exemplo foi a substituição do topônimo Santafé, capital da Nova Granada, pela palavra indígena Bogotá depois da Independência, e a utilização da palavra Cundinamarca, associada ao território dos antigos

¹¹⁵³ LLERAS, Roberto. “Los muiscas en la literatura histórica y antropológica ¿Quién interpreta a quién?”. In: *Boletín de Historia y antigüedades*, Vol. XCII, No. 829, junho 2005, p. 307.

¹¹⁵⁴ Lembrando a feliz expressão de Murilo de Carvalho.

¹¹⁵⁵ Juan Maiguashca estuda esse “mercado comum de troca intelectual” com relação à historiografia e aos historiadores no século XIX. De maneira instigante, ele define um centro e uma periferia cultural – na qual estaria localizada a Colômbia – desmarcando-se do referencial de centro localizado no Atlântico norte. Cf. MAIGUASHCA, Juan. “Historians in Spanish South America: Cross-References between Centre and Periphery”. In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila (eds.). *Oxford history of historical writing*, Vol. 4 (1800-1945). Oxford e Nova York: Oxford University Press, 2011, p. 463.

chibchas, segundo a corônica de Piedrahita, para designar sucessivamente três unidades administrativas no processo de gestação da nova República.¹¹⁵⁶

~ ~ ~

Assim como no caso de astecas, incas e mapuches, na matriz dentro da qual os chibchas foram representados sobressai a ideologia do patriotismo que caracterizou a busca identitária de um setor dos *criollos* desde a Colônia, e se multiplicou no século XIX com as manifestações mais variadas. Portanto, a reflexão que os *criollos* promoveram sobre esse respeitável ancestral está fortemente permeada pelo que Rebecca Earle denomina nacionalismo indianista, com um componente altamente retórico e emotivo, além, é claro, de um viés excludente.¹¹⁵⁷ O assunto principal em jogo é como o referente indígena pré-colombiano foi incorporado simbolicamente na ideia de nação por parte da elite hispano-americana, ao mesmo tempo em que os índios vivos, de carne e osso, eram sistematicamente excluídos e oprimidos nas novas repúblicas. Esse fenômeno, melhor documentado nos casos do México e do Peru, também esteve presente na Nova Granada. Enquanto os chibchas do passado eram idealizados, seus descendentes eram enxergados como uma “raça vencida” ou degenerada, sem rastros daquela grandeza pretérita; para não mencionar todos os outros indígenas que ainda habitavam o território nacional, muitos deles considerados ainda em “estado selvagem”.¹¹⁵⁸ Esse contraste entre o glorioso nativo morto e o índio vivo desprezível justificou de fato certas atitudes e medidas da elite em relação à questão indígena, como a dissolução dos *resguardos*.¹¹⁵⁹

O nacionalismo indianista parece estar presente em todas as representações sobre os chibchas durante o século XIX. Mais do que um objeto neutro de estudo, os chibchas foram

¹¹⁵⁶ A saber: uma pequena “república” independente (o Estado Livre de Cundinamarca); um dos três grandes departamentos da Colômbia bolivariana (1819-1830), sendo os outros dois Venezuela e Quito, e um dos 32 departamentos atuais do país. Embora na época colonial o nome da cidade fosse Santafé de Bogotá – ou Santa Fe –, quase sempre se suprimia a última parte.

¹¹⁵⁷ EARLE, Rebecca. *The return of the native. Indians and myth-making in Spanish America, 1810-1930*. Durham e Londres: Duke University Press, 2007.

¹¹⁵⁸ SAFFORD, Frank. “Race, integration, and progress: elite attitudes and the Indian in Colombia, 1750-1870”. In: *Hispanic American Historical Review*, Vol. 71, No. 1, p. 1-33.

¹¹⁵⁹ O *resguardo* foi uma instituição sócio-política conformada por um território adscrito a uma comunidade de ascendência ameríndia, com título de propriedade das terras coletivo e inalienável. Eram regidos por um estatuto especial, com regras e tradições culturais próprias. Foi instituído pela necessidade de dispor de mão de obra e provisão de alimentos, pelo qual a legislação castelhana procurou limitar a exploração dos indígenas e a entrega de terras aos invasores. Essa instituição foi mantida por algumas repúblicas hispano-americanas após a dissolução do império espanhol e continua sendo reconhecida plenamente na Constituição política da Colômbia, elaborada em 1991. Para uma obra clássica a esse respeito cf. GONZÁLEZ, Margarita. *El resguardo en el Nuevo Reino de Granada*. Bogotá: Universidad Nacional, 1970.

uma razão – ou um pretexto – para enaltecer a pátria neogranadina e gerar um sentimento de orgulho comunitário. Mas de *qual* pátria se tratava? A Nova Granada *de quem e para quem?* Os documentos consultados até agora permitem supor que a ideia de um Estado ou império chibcha era funcional para impulsionar o projeto de uma República centralista e andina, nucleada ao redor de Bogotá, que “irradiava” a civilização para as regiões baixas mais “atrasadas”.¹¹⁶⁰ Num país com tensões endêmicas entre as elites regionais, com projetos de nação rivais e em iminente risco de desarticulação – notadamente entre centralistas e federalistas –, o que poderia ser melhor do que apresentar aos cidadãos o vislumbre de uma *politeia* poderosa e bem sucedida, mesmo que fosse no passado?

Dos diferentes topoi de terceiridade evocados na tese, consideramos que o da civilização chibcha foi o mais perdurável e exitoso. Mas também existe o risco de exagerar o peso do elemento chibcha na memória coletiva da Colômbia. Não pretendo disputar o consenso que existe em torno à tese de que a construção da biografia da nação – como o foi em outras repúblicas ibero-americanas – apoiou-se principalmente na exaltação da gesta guerreira independentista e no culto aos “próceres”, com a clara intenção de legitimar, por meio da cultura da lembrança, os projetos políticos das elites. Suas esforçadas vidas, sacrifícios e façanhas de armas, suas atuações governamentais tornaram-se objeto de quase culto promovido pelo Estado e reiterado nas *histórias pátrias*.¹¹⁶¹ Do outro lado do espectro, o componente espanhol, que num primeiro momento foi rejeitado e categorizado com metáforas como “trezentos anos de despotismo”, também se incorporou lenta e consistentemente às narrativas da nacionalidade, até cristalizar no projeto pró-hispanista, conhecido como Regeneração (1886-1902). Para resumir: de um lado, a gesta independentista e os valores republicanos, do outro, a herança hispânica. Esses dois polos, acredito, monopolizaram a imensa maioria dos discursos nacionalistas do século XIX, tendendo cada vez mais do primeiro para o segundo. De fato, as festas cívicas da Colômbia comemoram: 1) o dia 20 de julho, “grito da independência”;

¹¹⁶⁰ Nesse sentido concordamos com Oscar Guarín. Cf. os artigos desse autor citados na introdução.

¹¹⁶¹ A expressão “biografia da nação” é empregada por Manoel Luiz Salgado Guimarães em “A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar”. In: PASAVENTO, Sandra Jatahy (ed.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 10. Sobre as histórias pátrias na América hispânica cf. COLMENARES, Germán. *Las convenciones contra la cultura*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1987. Um processo análogo teve lugar no Brasil. Ver o trabalho de CESAR, Temístocles. “Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos”. In: BASTOS, Lúcia; GUIMARÃES, Lúcia et al (org.). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2011, pp. 93-124. Outro autor que considero uma referência importante para a pesquisa é ARAUJO, Valdeí Lopes de. *A experiência do tempo. Conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild (Hucitec), 2007.

2) o dia 7 de agosto, batalha de Boyacá, na qual foram vencidas as tropas realistas; 3) o dia 12 de outubro – antes chamado de “festa da raça” –, chegada de Cristóvão Colombo à América. Mas não há uma festa nacional que reivindica a memória nem afrocolombiana.

Contudo, é preciso aprofundar o estudo das origens, transformações e repercussões dos topoi de terceiridade na configuração identitária da nação colombiana, desde os diferentes planos indicados na tese: os imaginários da terra, do povo invasor e dos indígenas. A presente tese pretendeu contribuir com um grão de areia nessa direção.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. Fuentes

1.1 *Corpus*

“Actas hechas en Cartagena ante el licenciado de Santa Cruz sobre el descubrimiento del Nuevo Reino de Granada”, 1539. In: FRIEDE, Juan. *Documentos inéditos para la historia de Colombia*, T. V. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1956, p. 201-216.

BELALCÁZAR, Sebastián de. "Carta del Adelantado Belalcázar al Emperador. Cali 20 de diciembre de 1544". In: *Revista Céspedesia*. N° 51-52, Vol. XIV, Cali, 1985.

[DÍAZ CARDOSO, Antonio?] “Relación de Santa Marta”. In: *Relaciones y visitas a los Andes. S. XVI*. T. I. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1995.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Coronica de las Indias. Agora nuevamente impressa corregida y emendada / con la conquista del Perú*. Imprimio en la muy noble ciudad de Salamanca: en casa de Juan de Junta, maio de 1547.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Sumario de la natural historia de las Indias*. México: FCE, 1979.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias*. Madri: Atlas, 1959, 5 vols.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias*. Madri: Imprenta de la Real Academia de Historia, 1851-1855, 4 vols.

“Fragmento de la probanza hecha por Gerónimo Lebrón contra los hermanos Jiménez. 7 de abril de 1541”. In: FRIEDE, Juan. *Gonzalo Jiménez de Quesada a través de documentos históricos*, T. I. Bogotá: Editorial ABC, 1960, p. 249-251.

LAS CASAS, Bartolomé de. “Istoria sumaria y relación brevísima y verdadera de lo que vio y escribió el reverendo padre fray Bartolomé de la Peña, de la Orden de Predicadores, de la lamentable y lastimosa destrucción de las Indias, islas y tierra firme del mar del Norte”. In: FABIÉ, Antonio María. *Vida y escritos de fray Bartolomé de las Casas, obispo de Chiapa*, Tomo II. Madri: Imprenta de Miguel Ginesta, 1879, Vol. 2, p. 293-407.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Breuiffima relacion de la deftruycion de las Indias: colegida por el Obifpo dō fray Bartolome de Las Cafas o Cafaus, de la orden de Sãcto Domingo*. Sevilla: Sebastián Trujillo, 1552.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Madri: Real Academia Española, 2013.

LEBRIJA, Antonio de; SAN MARTÍN, Juan de. “Relación del Nuevo Reyno: carta y relación para Su Magestad que escriben los oficialesde [sic] V(uest)ra M(ages)t(ad) de la provincia de Santa Marta (1539). In: TOVAR PINZÓN, Hermes. *Relaciones y visitas a los Andes. S. XVI*. T.III. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1995, p. 93-117.

LEBRÓN DE QUIÑONEZ, Jerónimo. Carta ao rei, 10 de agosto de 1537. In: LANGEBAEK, Carl Henrik. *Indios y españoles en la antigua provincia de Santa Marta, Colombia. Documentos siglos XVI y XVII*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2007, p. 9-12.

LEBRÓN DE QUIÑONEZ, Jerónimo. Cartas ai rei, 9 de maio de 1537, 10 de agosto de 1537 e 5 de junho de 1538. In: FRIEDE, Juan. *Gonzalo Jiménez de Quesada a través de documentos inéditos*. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1960, p. 127-131.

LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia general de las Indias y vida de Hernán Cortés*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.

LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania victrix primera y segunda parte de la historia general de las Indias con todo el descubrimiento, y cosas notables que han acaescido dende que se ganaron hasta el año de 1551 con la conquista de Mexico, y de la Nueva España*. Medina del Campo: Guillermo de Millis, 1553.

PÉREZ DE QUESADA, Hernán. “Relación del descubrimiento de la canela”. In: FRIEDE, Juan (ed.). *Documentos inéditos para la historia de Colombia*, T. VII. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1960, p. 12-16.

“Relación de una carta que los capitanes Juan de San Martín y Antonio de Lebrija, tenientes de oficiales que han sido en la provincia de Santa Marta, escriben a Vuestra Majestad acerca de lo sucedido en esta provincia”, in: FRIEDE, *para la historia de Colombia*, T. V. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1956, p. 262-265.

[SANTA CRUZ, Alonso de?]. “Epítome de la conquista del Nuevo Reyno de Granada”. In: MILLÁN DE BENAVIDES, Carmen. *Epítome de la conquista del Nuevo Reino de Granada. La cosmografía española del siglo XVI y el conocimiento por cuestionario*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2001, p. 102-119.

1.2 Fontes primárias suplementares

ACOSTA, Joseph de. *Historia natural y moral de las Indias*, Madri: Ramón Anglés, Impresor, 1894, 2 vols.

ACOSTA, Joseph de. *The natural and moral history of western Indies. The natural history*. New York, Cambridge University Press, 2009, 2 vols.

ACOSTA, Joaquín. *Compendio histórico del descubrimiento y colonización de la Nueva Granada en el siglo desimosexto*. Paris: A. Lasserre, 1848.

AGUADO, Pedro de. *Historia de Santa Marta y Nuevo Reino de Granada*. Tomo I. Madri: Establecimiento Tipográfico de Jaime E. Ratés, 1916.

AGUADO, Pedro de. *Recopilación historial*. Bogotá: Imprenta Nacional, 1906.

ANDAGOYA, Pascual de. “Carta de Pascual de Andagoya (22 de julio de 1539)”. In: TOVAR PINZÓN, Hermes (ed.). *Relaciones y visitas a los Andes*. S. XVI. T. I. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1993, p. 95-98.

ANÓNIMO. “Visita de 1560”. In: TOVAR, Hermes (ed.). *No hay caciques ni señores. Relaciones y visitas a los naturales de América, siglo XVI*. Barcelona: Sendai Ediciones, 1988, p. 24-123.

ANÓNIMO. *Floreto de anécdotas y noticias diversas que recopiló un fraile dominico residente en Sevilla a mediados del siglo XVI*. Publícalo con prólogo, notas e índices F. J. Sánchez Cantón. Madri: Memorial Histórico Español, T. XLVIII, 1948, p. 159-160.

ANÓNIMO. *Noticia del recibimiento y entrada de la reina nuestra señora doña Mariana de Austria en la muy noble y leal coronada villa de Madri*. [Madri?], [1650?].

AVELLA, Temístocles. *Estudios biográficos de la historia de América*. Bogotá: Imprenta de Vapor de Zalamea, 1888.

CALDAS, Francisco José de. “Estado de la Geografía del Virreinato de Santa Fé de Bogotá con relacion á la economía y al comercio, por D. Francisco José de Caldas, individuo meritorio de la Expedición botánica del Reino, y encargado del Observatorio astronómico de esta capital” [1807]. In: idem (ed.). *Semanario del Nuevo Reino de Granada*, Tomo I. Bogotá: Biblioteca Popular de Cultura Colombiana, 1942, p. 22-23.

CASTELLANOS, Juan de. *Elegías de varones ilustres de Indias*. Madri: M. Rivadeneira, 1857.

CASTELLANOS, Juan de. *Elegías de varones ilustres de Indias*. Bogotá: Gerargo Rivas Moreno, 1997.

COLÓN, Cristóbal. “Traducción latina de la carta de Cristóbal Colon al señor Rafael Sánchez, hecha por Leandro Cosco e impresa la primera vez en Roma el año de 1493”. In: FERNÁNDEZ DE NAVARRETE, Martín. *Viajes de Cristóbal Colón*. Madri: Calpe, 1922, p. 197-212.

CORTÉS, Hernán. *Cartas de relación*. Edición, introducción y notas de Ángel Delgado Gómez. Madri: Castalia, 1993.

CORTÉS, Hernán. *Letters from Mexico*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2001.

COVARRUBIAS, Sebastián de. *Parte primera del tesoro de la lengua castellana o española*. Madri: Melchor Sánchez, 1674 [1611].

DÍEZ DE ARMENDÁRIZ, Miguel. Carta ao rei, 13 de fevereiro de 1547. In: COLMENARES, Germán (ed.). *Lecturas de historia colonial II. Las Leyes Nuevas y su promulgación en la Nueva Granada (1542-1550)*. Bogotá: Universidad de los Andes, 1968.

DUQUESNE, José Domingo. “Disertación sobre el calendario de los Muyscas”. In: ACOSTA, Joaquín. *Compendio Histórico del Descubrimiento y Colonización de la Nueva Granada en el siglo décimo sexto*. París: Librería Castellana, Lasserre Editor, Imprenta de Beau, 1848.

CIEZA, Pedro. *Crónica del Perú. El señorío de los incas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2005.

[ESPINOSA, Juan de?] “Nouvelles certaines des isles du Peru (Lyon, 1534)”. Edição, tradução e notas de Kurt Baldinger e José Luis Rivarola. In: *Revista de Filología Española*, Vol. LXXII, No. 3-4, 1992, p. 429-454.

FEDERMÁN, Nicolás de. *Historia indiana. Traducida por primera vez directamente del alemán por Juan Friede.... Seguida del itinerario de la expedición*. Madri: ARO - Artes Gráficas, 1958.

FERNÁNDEZ DE ENCISO, Martín. *Summa de geografia que trata de todas las partidas y provicias del mundo: en especial de las Indias. Y trata largamente del arte de marear juntamente con la epera en romance: con el regimiento del sol y del norte: agora nuevamente emendada de algunos defectos que tenia en la impresión paffada*. Sevilla: 1530.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Batallas y quinquagenas*. Madri: Real Academia de la Historia, 2000.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Libro de la Cámara Real del Príncipe Don Juan, oficios de su casa y servicio ordinario*. Valencia: Publicacions de la Universitat de València, 2006.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Libro del muy esforçado e invencible caballero de la fortuna propiamente llamado don Claribalte*. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2001.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. “Catálogo Real de Castilla”. In: ROMANO DE THUESEN, Evelina Ana (ed.). “Transcripción del Catálogo real de Castilla, autógrafo inédito de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés”. Tese de Doutorado em Hispanic Languages and Literatures. Santa Barbara: University of California, 1992.

FERNÁNDEZ DE PIEDRAHITA, Lucas. *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada*. [Sevilla?]: [Thomas López de Haro?], 1688.

FINESTRAD, Joaquín de. *El vasallo instruído en el estado del Nuevo Reino de Granada y en sus respectivas obligaciones*. Bogotá: Universidad Nacional, 2000 [1789].

FLÓREZ DE OCÁRIZ, Juan. *Genealogías del Nuevo Reino de Granada*. Madri: Joseph Fernández de Buendía, 1674 e 1676, 2 vols.

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil. História da Província Santa Cruz*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

GINÉS DE SEPÚLVEDA, Juan. *Democrates alter*. Edição digital a partir de *Boletín de la Real Academia de la Historia*, T. 21, 1892, p. 257-369.

GIOVIO, Paolo. *Elogia virorum bellica virtute illustrium*. Basileia: Petri Pernaue Typographi, 1596.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Descripción de las Indias occidentales*. Madri: Imprenta Real, 1601.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Historia general de los hechos de los castellanos en las islas i Tierra Firme del Mar Oceano*. Madri: Imprenta Real, 1601-1615, 4 vols.

HUMBOLDT, Alexander von. “Calendario lunar de los Muisca, antiguos habitantes de la llanura de Bogota”. In: idem. *Sitios de las cordilleras y monumentos de los pueblos indígenas de América*. Madrid: Imprenta y Librería de Gaspar, 1878.

JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marco. *Juan de Castellanos y su Historia del Nuevo Reino de Granada*. Madri: Revista Contemporánea, 1889.

JIMÉNEZ DE QUESADA, Gonzalo. “Indicaciones para el buen gobierno”. In: *Boletín de Historia y Antigüedades*, Año XIV, No. 162, 1922-1923, p. 345-361.

JIMÉNEZ DE QUESADA, Gonzalo. *El antijovio*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1952.

LAS CASAS, Bartolomé de. Carta a Carlos V. In: ARIZA, Alberto. *Fray Bartolomé de las Casas y el Nuevo Reino de Granada: V centenario del nacimiento del Protector de los americanos*. Bogotá: Editorial Kelly, 1974, p. 105-106.

LAS CASAS, Fray Bartolomé de. *Obras completas 6. Apologética historia sumaria*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Historia de las Indias*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1986, 3 Vols.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Aquí se contiene una disputa o controversia entre el obispo don fray Bartolomé de las Casas... y el doctor Ginés Sepúlveda...* Sevilla: Casa de Sebastián Trujillo, 1552.

LAS CASAS, Bartolomé de. “Memorial de los remedios”. In: CASTAÑEDA, Paulino et al. (ed.). *Obras completas: Cartas y memoriales*. Madrid: Alianza Editorial, 1995, Vol. 13.

LEÓN PINELO, Antonio. *Tablas cronológicas de los Reales Consejos Supremo y de la Cámara de las Indias Occidentales*. Madrid: Tipografía de Manuel Ginés Hernández, 1892.

LEÓN PINELO, Antonio de. *Epítome de una Bibliotheca Oriental y Occidental, náutica y geográfica, etc., en que se contiene los escritores de las Indias Occidentales especialmente del Perú, Nueva España, La Florida, El Dorado, Tierra Firme, Paraguay y el Brasil, y viajes a ellas, y los autores de navegación y sus materiales y apéndices*. Madrid: Juan González, 1629.

Leyes y ordenanças nuevamente hechas por S. M. para la gobernacion de las Indias y buen tratamiento y conservacion de los indios. Alcalá de Henares: Juan de Brocar, 1543.

LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Annals of the emperor Charles V*. Oxford: Clarendon Press, 1912.

LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Guerras de mar del emperador Carlos V [Compendio de lo que trata Francisco López en el libro que hizo de las guerras de mar de sus tiempo]*. Madrid: Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000.

LÓPEZ DE VELASCO, Juan. *Geografía y descripción universal de las Indias. Recopilada por el cosmógrafo-cronista Juan López de Velasco desde el año 1571 al de 1574*. Madrid: Establecimiento Tipográfico de Fortanet, 1894.

MARKHAM, Clements. *The conquest of New Granada*. Londres: Smith, Elder & Co., 1912.

MÁRTIR DE ANGLERIA, Pedro. *De Orbe Novo – Edición princeps*. In: *Cuadernos para la investigación de la literatura hispánica*, No. 28, 2003, p. 66-240.

MARTYR D'ANGHERA, Peter. *De Orbe Novo. The eight decades of Peter Martyr D'Anghera*. Nova York e Londres: G. P. Putman, 1912, 2 vols.

[MENA, Cristobal de?]. “La conquista del Peru, llamada la Nueva Castilla (1534)”. In: *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*, Vol. 64, No. 8, p. 175-186.

ORTA, García de. *Colóquios dos simples e drogas da Índia*. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1895, Vol. 2.

PAZ Y MELIÁ, Antonio. *Nobiliario de conquistadores de Indias*. Madri: Sociedad de Bibliófilos Españoles, 1892.

PANÉ, Frei Ramón. *Relación acerca de las antigüedades de los indios*. México, Siglo XXI, 1974.

PÉREZ DE TORRES, Simón. “Discurso de mi viaje, dando muchas gracias a Dios, por las muchas mercedes, que en él, me ha hecho a mí”. In: GONZÁLEZ BARCIA, Andrés (ed.), *Historiadores primitivos de las Indias occidentales*. Madri: 1749, T. III.

PLÍNIO O VELHO. *Storia naturale*. Turim: Einaudi Editore, 1988, Vol. 5.

REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA. *Catálogo de la colección de Juan Bautista Muñoz*. Madri: Imprenta y Editorial Maestre, 1955, Vol. 2.

ROBERTSON, William. *The history of America*, Vol. II (8ª edição). Londres: A. Strahan, 1800.

RODRIGUEZ FREYLE, Juan. *El carnero*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.

SAN JOSÉ, Jerónimo de. *Genio de la historia por el P. F. Geronimo de S. Joseph carmelita descalzo*. Madri: Imprenta de Don Antonio Muñoz del Valle, 1763.

SANTA CRUZ, Alonso de. *Crónica del emperador Carlos V*. Madri: Imprenta del Patronato de Huérfanos de Intendencia e Intervenciones Militares, 1920, 4 vols.

SIMÓN, Pedro. *Noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales*. Bogotá: Imprenta de Medardo Rivas, 2 vols.

SIMÓN, frei Pedro. *The expedition of Ursua and Aguirre in search of El Dorado and Omagua*. Londres: Hakluyt Society, 1861.

TAVERNIER, Jean-Baptiste. *Les six voyages de Jean-Baptiste Tavernier*, T. II. París: [s. n.], 1679.

VARGAS MACHUCA, Bernardo de. *Apologías y discursos de las conquistas occidentales*. España: Junta de León y Castilla, 1993.

VARGAS MACHUCA, Bernardo de. *Milicia y descripción de las Indias*. Madri: Librería de Victoriano Suárez, 1892 [1599], 2 vols.

VITORIA, Francisco de. “La conquista del Perú. Carta dirigida a Miguel de Arcos”. In: *Relecciones sobre los indios y el derecho de guerra*. Madri: Espasa Calpe, 1975, p. 19-21.

VON HUMBOLDT, Alexander. *Alexander von Humboldt en Colombia. Extractos de sus diarios*. Bogotá: Academia Colombiana de Ciencia, 1982.

2. Bibliografía

2.1 Teses e dissertações

BUENO JIMÉNEZ, Alfredo. “Hispanoamérica en el imaginario gráfico de los europeos . De Bry y Hulsius”. Tese de Doctorado em Historia. Granada: Universidad de Granada, 2013.

DELVAUX, Marcelo Motta. "As Minas Imaginárias. O maravilhoso geográfico nas representações sobre o sertão da América Portuguesa – séculos XVI a XIX". Dissertação de Mestrado em História, UFMG, 2009.

FIGUEROA, Juan David. "El *Compendio* de Joaquín Acosta y la construcción de memoria en Nueva Granada (1830-1848)". Dissertação de Mestrado em História. Bogotá: Universidade Nacional da Colômbia, 2007.

FRANCIS, Michael. "'Muchas hipas, no minas'. The muisca, a merchant society. Spanish misconceptions and demographic change". Dissertação de Mestrado em História. Alberta: University of Alberta, 1993.

GARCÍA, Jorge Luis. "The foods and crops of the Muisca: a dietary reconstruction of the intermediate chiefdoms of Bogotá (Bacatá) and Tunja (Hunza) Colombia". Dissertação de Mestrado em Antropologia. Orlando: University of Central Florida, 2005.

RINCÓN RODRÍGUEZ, Beatriz Eugenia. "Estrategias de colonización en el Tolima: Interacción sociocultural en la Villa de San Bartolomé de Honda (siglos XVI - XVII)". Dissertação de Mestrado em Antropologia. Bogotá: Universidade Nacional da Colômbia, 2013

ROMANO DE THUESEN, Evelina Ana (ed.). "Transcripción del Catálogo real de Castilla, autógrafo inédito de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés". Tese de Doutorado em Hispanic Languages and Literatures. Santa Barbara: University of California, 1992.

SÁNCHEZ AMAT, Víctor Manuel. "Francisco Cervantes de Salazar (1518-1575) y la patria del conocimiento: la soledad del humanista en la Ciudad de México". Tese de Doutorado em Filologia Espanhola, Linguística e Teoria da Literatura, Universidade de Alicante, 2012.

TUCKER, Gene Rhea. "Place-names, conquest, and empire: Spanish and Amerindian conceptions of place in the New World". Tese de Doutorado em História. Arlington: Universidade de Texas, 2011.

2.2 Livros

ADORNO, Rolena. *The polemics of possession in Spanish American narrative*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2007.

ALAMÁN, Lucas. *Disertaciones sobre la historia de la república mexicana*, T. I. México: José Mariano Lara, 1844.

ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (eds.). *Historia de los intelectuales en América Latina*, Vol. 1. Madrid: Katz Editores, 2008.

ARAM, Bethany. *Leyenda negra y leyendas doradas en la conquista de América. Pedrarias y Balboa*. Madri: Marcial Pons, 2008.

ARAÚJO, Valdeci Lopes de. *A experiência do tempo. Conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild (Hucitec), 2007.

ARIZA, Alberto. *Fray Bartolomé de las Casas y el Nuevo Reino de Granada: V centenario del nacimiento del Protector de los americanos*. Bogotá: Editorial Kelly, 1974.

AVELLANEDA, José Ignacio. *La expedición de Gonzalo Jiménez de Quesada al mar del sur y la creación de Nuevo Reino de Granada*. Bogotá: Banco de la República, 1995.

AVELLANEDA, José Ignacio. *The conquerors of the New Kingdom of Granada*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.

BALLESTEROS-GAIBROIS, Manuel. *La novedad indiana. Noticias, informaciones y testimonios del Nuevo Mundo*. Madrid: Ed. Alhambra, 1987.

BARRERA OSORIO, Antonio. *Experiencing nature. The Spanish American empire and the early scientific revolution*. Austin: University of Texas Press, 2006.

BAUER, Ralph; MAZZOTTI, José Antonio (eds.). *Creole subjects in the colonial Americas. Empires, texts, identities*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009.

BECKJORD, Sarah. *Territories of history. Humanism, rethoric and the historical imagination in the early chronicles of Spanish America*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2007.

BERKHOFER, Robert. *The white man's indian. Images of the American indian from Columbus to the present*. New York, Vintage Books, 1979.

BOLAÑOS, Álvaro Félix. *Barbarie y canibalismo em la retórica colonial. Los indios pijaos de Fray Pedro Simón*. Bogotá: Cerec, 1994.

BORJA, Jaime Humberto. *Los indios medievales de Fray Pedro de Aguado*. Bogotá: CEJA, ICAHN, Universidad Iberoamericana, 2002.

BOTERO, Clara Isabel. *El redescubrimiento del pasado prehispánico de Colombia: viajeros, arqueólogos y coleccionistas, 1820-1945*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia / Universidad de los Andes, 2006.

BRADING, David. *De la monarquía católica a la República criolla*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

BRENDECKE, Arndt. *Imperio e información. Funciones del saber en el dominio colonial español*. Madrid: Iberoamericana, Vervuert, 2012.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2000.

BURKE, Peter. *História social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Como escrever a história do Novo Mundo. Histórias, epistemologias e identidades no mundo Atlântico do século XVIII*. São Paulo: EDUSP, 2012.

CARRASCO, David. *The aztecs. A very short introduction*. Nueva York: Oxford University Press, 2002.

COLMENARES, Germán. *La provincia de Tunja en el Nuevo Reino de Granada*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1997.

COLMENARES, Germán. *Las convenciones contra la cultura*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1987.

- CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC, 1992.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europea y Edad Media latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1955, Vol. 2
- DANIELS, Christine; KENNEDY, Michael (eds.). *Negotiated empires. Centers and peripheries in the Americas, 1500-1820*. Nova York: Routledge, 2002.
- DAY, David. *Conquista. Una nueva historia del mundo moderno*. Barcelona: Editorial Crítica, 2006.
- DUSSEL, Enrique. *El episcopado hispanoamericano. Institución misionera en defensa del indio*. México: Centro de Reflexión Teológica, 1979.
- EARLE, Rebecca. *The return of the native. Indians and myth-making in Spanish America, 1810-1930*. Durham e Londres: Duke University Press, 2007.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ELLIOT, John H. *España y su mundo (1500-1700)*. Madri: Taurus, 2007.
- ELLIOT, John H. *The old world and the new 1492-1650*. Cambridge, Cambridge University Press, 2000.
- ELSNER, Jás; RUBIÉS, Joan-Pau. *Voyages and visions. Towards a cultural history of travel*. Londres: Reaktion Books, 1999.
- ESTEVE BARBA, Francisco. *Historiografía indiana*. Madri: Gredos, 1994.
- FABIÉ, Antonio María. *Vida y escritos de fray Bartolomé de las Casas, obispo de Chiapa*, Tomo II. Madri: Imprenta de Miguel Ginesta, 1879, 2 vols.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Before Columbus. Exploration and colonisation from the Mediterranean to the Atlantic, 1229-1492*. Londres: Macmillan Education, 1987.
- FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (dir.). *Diccionario político y social del mundo ibero-americano. La era de las revoluciones, 1750-1850, [Iberconceptos I]*.
- FRANÇA PAIVA, Eduardo. *Uma história lexical da Ibero-América colonial entre os séculos XVI e XVIII*. Belo Horizonte e São Paulo: Autêntica, 2015.
- FRANCIS, Michael. *Invading Colombia: Spanish accounts of the Gonzalo de Quesada expedition of conquest*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2007.
- FRIEDE, Juan. *El adelantado Don Gonzalo Jiménez de Quesada*. Bogotá: Intermedio, 2005.
- FRIEDE, Juan. *Gonzalo Jiménez de Quesada a través de documentos inéditos*. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1960.
- FRIEDE. *Documentos inéditos para la historia de Colombia*. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1955-1960, 10 vols.

GAMBOA, Jorge Augusto. *El cacicazgo muisca en los años posteriores a la Conquista: del sihipkua al cacique colonial, 1537-1575*. Bogotá: ICANH, 2010.

GAMBOA, Jorge Augusto. *Encomienda, identidad y poder. Los encomenderos y conquistadores del Nuevo Reino de Granada vistos a través de las probanzas de méritos y servicios (1550-1650)*. Bogotá: ICAHN, 2002.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. Historia de uma polémica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GONZÁLEZ, Margarita. *El resguardo en el Nuevo Reino de Granada*. Bogotá: Universidad Nacional, 1970.

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. *Myth and archive. A theory of Latin American narrative*. Durham e Londres: Duke University Press, 1998.

GRAFTON, Anthony. *New worlds, Ancient texts. The power of tradition and the shock of discovery*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1992.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). *Índios no Brasil*. São Paulo: SMC, 1992.

HANKE, Lewis. *Aristotle and the American Indian. A study in race prejudice in the modern world*. Bloomington y Londres: Indiana University Press, 1959.

HANKE, Lewis. *The Spanish struggle for justice in the conquest of America*. Boston: Little, Brown and Company, 1965.

HAZAÑAZ Y LA RUA, Joaquín. *La imprenta en Sevilla*. Sevilla: Imprenta de la Revista de Tribunales, 1892.

HEMMING, John. *The conquest of the incas*. Londres: Macmillan, 1970.

HERNÁNDEZ, Bernat. *Bartolomé de las Casas*. Taurus, Colección Españoles Eminentes, 2014.

HERRERA ÁNGEL, Marta. *Popayán, la unidad de lo diverso. Territorio, población y poblamiento en la provincia de Popayán, siglo XVIII*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2000.

JIMÉNEZ, Nora Edith. *Francisco López de Gómara. Escribir historia en tiempos de Carlos V*. México: Colegio de Michoacán-INAH, 2001.

JOHNSON, Carina. *Cultural hierarchy in Sixteenth-century Europe. The Ottomans and Mexicans*. Nova York: Cambridge University Press, 2011.

KAGAN, Richard. *Los cronistas y la Corona. La política de la historia en las edades Media y Moderna*. Madri: Centro de Estudios de Europa Hispánica y Marcial Pons Historia, 2010.

KAMEN, Henry. *Spain, 1469-1714. A society in conflict*. Harlow, UK: Pearson Longman, 2005.

- KEEN, Benjamin. *La imagen azteca en el pensamiento occidental*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- KENISTON, Hayward. *Francisco de los Cobos. Secretary of the Emperor Charles V*. University of Pittsburgh Press, 1960.
- KUNTZ, George Frederick. *The curious lore of precious stones*. Nueva York: Halcyon House, 1938.
- LAFAYE, Jacques. *Albores de la imprenta. El libro en España y Portugal y sus posesiones de ultramar (siglos XV y XVI)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- LANE, Kris. *Colours of paradise. The emerald in an age of gunpowder empires*. New Haven y Londres: Yale University Press, 2010.
- LANGEBAEK, Carl Henrik. *Los herederos del pasado. Indígenas y pensamiento criollo en Colombia y Venezuela*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2009, Vol. 1.
- LANGEBAEK, Carl Henrik. *Mercados, poblamiento e integración étnica entre los muiscas. Siglo XVI*. Bogotá: Banco de la República, 1987.
- LAFAYE, Jacques. *Sangrientas fiestas del Renacimiento. La era de Carlos V, Francisco I y Solimán (1500-1557)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- LOAIZA, Gilberto. *Sociabilidad, religión y política en la definición de la nación (Colombia, 1820-1886)*. Bogotá: Universidad Externado, 2011.
- LOCKHART, James. *The men of Cajamarca. A social and biographical study of the first conquerors of Peru*. Austin e Londres: University of Texas Press, 1972.
- LOCKHART, James; SCHWARTZ, Stuart. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, Mercedes. *Tiempos para rezar y tiempos para trabajar. La cristianización de las comunidades muiscas durante el siglo XVI*. Bogotá, ICANH, 2012.
- LOSADA, Ángel. *Bartolomé de Las Casas a la luz de la moderna crítica histórica*. Madri: Editorial Tecnos, 1970.
- LOSADA, Ángel. *Juan Ginés de Sepúlveda a través de su "Epistolario" y nuevos documentos*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1973.
- LOSADA, Ángel. *Hernán Cortés en la obra del cronista Sepúlveda*. Madri: Revista de Indias, 1948.
- LUCENA SALMORAL, Manuel. *El indofeudalismo chibcha, como explicación para la fácil conquista quesadista*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1975.
- LUCENA SALMORAL, Manuel. *Ximénez de Quesada, el caballero de El Dorado*. Madri: Ediciones Anaya, 1989.
- MACCORMACK, Sabine. *On the wings of time. Rome, the Incas, Spain, and Peru*. Princenton e Oxford: Princeton University Press, 2007.

- MANZANO MARTOS, Rafael. *Los alcázares españoles a finales de la Edad Media*. Segovia: Patronato del Alcázar de Segovia, 2000.
- MATTHEWS, W. H. *Mazes and labyrinths. A general account of their history and developments*. Londres: Longman, Green and Co, 1922.
- MAURA, Juan Francisco. *El gran burlador de América: Alvar Núñez Cabeza de Vaca*. Valencia: Parnaseo, 2008.
- MAURA, Juan Francisco. *Españolas de Ultramar en la historia y en la literatura*. Valencia: Universitat de València, 2005.
- MAYORGA GARCÍA, Fernando. *Real Audiencia de Santafé en los siglos XVI-XVII. Historia, visitas, quejas y castigos del primer tribunal con sede en la ciudad*. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá, 2013.
- MCFARLANE, *Colombia before Independence. Economy, society and politics under Bourbon rule*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MILLÁN DE BENAVIDES, Carmen. *Epítome de la conquista del Nuevo Reino de Granada. La cosmografía española del siglo XVI y el conocimiento por cuestionario*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2001.
- MOFFIT, John; SEBASTIÁN, Santiago. *O brave new people. The European invention of the American Indian*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1996.
- MUÑOZ ARBELÁEZ, Santiago. *Costumbres en disputa. Los muiscas y el imperio español en Ubaque, siglo XVI*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2015.
- MUÑOZ MACHADO, Santiago. *Sepúlveda, cronista del emperador*. Barcelona: Edhasa, 2012.
- MYERS, Kathleen Ann. *Fernández de Oviedo's chronicle of America. A new history for a new world*. Austin: University of Texas Press, 2007.
- NETO, José Alves de Freitas. *Bartolomé de las Casas. A narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*. São Paulo: Annablume Editora, 2003.
- OBREGÓN, Mauricio. *Orden social y orden natural. El semanario: ciencia y política en el Semanario del Nuevo Reino de Granada*. Madrid: CSIC, 2007.
- PAGDEN, Anthony. *The fall of natural man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- PALACIOS, Marco; SAFFORD, Frank. *Colombia. País fragmentado, sociedad dividida*. Bogotá: Editorial Norma, 2002.
- PAPAVERO, Nelson. *Sobre os nomes populares dados aos felinos do gênero leopardus (mammalia, carnívora, felidae)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2015.
- PORTUONDO, María M. *Secret science. Spanish cosmography and the New World*. Chicago y Londres: The University of Chicago Press, 2009.

- PRATT, Marie Louise. *Imperial eyes. Travel writing and transculturation*. Londres e Nova York: Routledge, 2008.
- RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira*. Río de Janeiro: Jorge Zahar Editor-Edusp-Fapesp, 1996.
- RAMOS, Demetrio. *El mito de El Dorado*. Madri: Colegio Universitario, Ediciones Istmo, 1988.
- RAMOS, Demetrio. *Ximénez de Quesada, cronista*. Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1972.
- REAL DÍAZ, José. *El sevillano Rodrigo de Bastidas. Algunas rectificaciones en torno a su figura*. Sevilla: Imprenta Provincial, 1958.
- RESTALL, Matthew; FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *The conquistadors. A very short introduction*. Nueva York: Oxford University Press, 2012.
- RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- RESTREPO, Luis Fernando. *El Estado impostor. Apropiaciones literarias y culturales de la memoria de los muiscas y la América indígena*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2013.
- RESTREPO, Luis Fernando. *Un nuevo reino imaginado. Las Elegías de varones ilustres de Indias de Juan de Castellanos*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1999.
- RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa*, Vol. I. Campinas: Papyrus Editora, 1994.
- RICŒUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROA DE LA CARRERA, Cristián. *Histories of infamy. Francisco López de Gómara and the ethics of Spanish imperialism*. Boulder: University Press of Colorado, 2005.
- RUMEAU DE ARMAS, Antonio. *Fernández de Lugo en la corte de los Reyes Católicos, 1496-1497*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952.
- SALDARRIAGA, Gregorio. *Alimentación e identidades en el Nuevo Reino de Granada siglos XVI y XVII*. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2012.
- SALGADO GUIMARÃES, Manoel Luiz. "A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar". In: PASAVENTO, Sandra Jatahy (ed.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- SILVA, Renán. *Los ilustrados de la Nueva Granada 1760-1808: Genealogía de una comunidad de interpretación*. Medellín: Banco de la República/EAFIT, 2002.
- STAMATOV, Peter. *The origins of global humanitarianism. Religion, empires, and advocacy*. Nueva York: Cambridge University Press, 2013.
- THOMAS, Hugh. *The golden age. The Spanish empire of Charles V*. Londres: Penguin Books, 2010.
- THOMAS, Hugh. *Rivers of gold. The rise of the Spanish empire, from Columbus to Magellan*. Nova York: Random House, 2005.

THOMAS, Hugh. *The golden age. The Spanish empire of Charles V.* Londres: Penguin Books, 2010.

TOVAR ZAMBRANO, Bernardo. *La colonia en la historiografía colombiana.* Bogotá: La Carreta, 1984.

TOVAR PINZÓN, Hermes. *Relaciones y visitas a los Andes. S. XVI. T.II.* Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1993-1996, 4 vols.

VAN GROESEN, Michiel. *The representations of the overseas world in De Bry collection of voyages (1590-1634).* Leiden/Boston: Brill, 2008.

VILLAMIZAR, Carlos Vladimir. *La felicidad del Nuevo Reyno de Granada: el lenguaje patriótico en Santafé (1791-1797).* Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2012.

WECKMAN, Luis. *La herencia medieval de Brasil.* México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

WILKINSON, Alexander. *Iberian books. Books published in Spanish or Portuguese or on the Iberian Peninsula before 1601.* Boston/Leiden: Brill, 2010.

ZIMMERMANN, T. C. Price. *Paolo Giovio. The historian and the crisis of Sixteenth-century Italy.* Princeton: Princeton University Press, 1995.

2.3 Artigos e capítulos de livros

ACOSTA, Antonio. “Los orígenes de la crisis de 1541-1543 en la política indiana de la monarquía”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, Vol. 62, No. 2, 2005, p. 103-134.

ADORNO, Rolena. “Literary production and suppression: reading and writing about Amerindians in Colonial Spanish America”. In: *Dispositio*, Vol. 11, No. 28/29, 1986, p. 1-25.

AIZPURU, Leyre Martin; SÁNCHEZ ROMO, Raquel. “Léxico mineral en las versiones castellanas del *De proprietatibus rerum*”. In: *Interlingüística*, No. 22, 2012, p. 133-146.

ALMAGRO, Antonio. “Los Reales Alcázares de Sevilla”. In: *Artigrama. Revista del Departamento de Historia del Arte de la Universidad de Zaragoza*, No. 22, 2007, p. 155-185.

ÁLVAREZ MORENO, Raúl. “El admirarse como forma de enfrentar la nueva realidad americana”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, vol. 61, No. 2 (2004), p. 413-430.

ÁLVAREZ PELÁEZ, Raquel. “La historia natural en tiempos del emperador Carlos V. La importancia de la conquista del Nuevo Mundo”. In: *Revista de Indias*, Vol. LX, No. 218, p. 13-31.

AMELANG, James. “Exchanges between Italy and Spain. Culture and religion”. In: DANDELET, Thomas James (coord.). *Spain in Italy. Politics, society and religion., 1500-1700.* Leiden: Brill, 2007, p. 433-455.

ARAM, Bethany. “From the courts to the Court: history, literature, and litigation in the Spanish Atlantic world”. In: *Colonial Latin American Review*, Vol. 21, No. 3, December 2012, p. 343-364.

- ARMILLAS VICENTE, José A. "Pedro Mártir de Anglería. Contino real y cronista de Castilla. La invención de las nuevas Indias". In: *Revista de Historia Jerónimo Zurita*. No. 88, 2013, p. 211-232.
- AVELLANEDA, José Ignacio. "The men of Nikolaus Federmann: conquerors of the New Kingdom of Granada". In: *The Americas*, Vol. 43, No. 4, p. 385-394.
- BALLESTEROS GAIBROIS, Manuel. "Estudio preliminar". In: JIMÉNEZ DE QUESADA, Gonzalo. *El antijovio*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1952, p. XCV-CVI.
- BARAIBAR, Álvaro. "Hernán Cortés en la *Historia general y natural de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo". In: *Revista Complutense de Historia de América*, 2014, vol. 40, p. 139-154.
- BARAIBAR, Álvaro. "Las miradas de Gonzalo Fernández de Oviedo sobre la naturaleza del Nuevo Mundo". In: *Estudios Ibero-Americanos*, PUCRS, Vol. 40, No. 1, 2014, p. 7-23.
- BAUDOT, Georges. "Felipe II frente a las culturas y a los discursos prehispánicos de América. De la transculturación a la erradicación". In: *Caravelle*, No. 78, 2002. p. 37-56.
- BÉNAT-TACHOT, Louise. "Figura y configuración de "enemigo americano en las crónicas de Indias". In: BATAILLON, Gilles et al (dir.), *Las teorías de la guerra justa en el siglo XVI y sus expresiones contemporáneas*. México: Centro de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1998, p. 93-124.
- BÉNAT-TACHOT, Louise. "La trayectoria editorial de la *Historia general y natural de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés". In: CASTAÑEDA, Carmen (coord.). *Del autor al lector*. México: Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social, 2002, p. 201-226.
- BÉNAT-TACHOT, Louise. "López de Gómara: identificación de las fuentes y elaboración textual". In: ARELLANO, I. (ed.). *Edición y anotación de textos coloniales hispanoamericanos*. Madrid/Berlín: Editorial Iberoamericana/Vervuert, 2014, p. 75-95.
- BEUCHOT, Mauricio. "Humanismo novohispano: la presencia indirecta de Nebrija en Julián Garcés, Bartolomé de Las Casas y Alonso de la Vera Cruz". In: *Revista de Filosofía*, Universidad del Zulia, No. 30, 1998, p. 73-86.
- BONNET VÉLEZ, Diana. "Entre el interés personal y el establecimiento colonial. Factores de confrontación y de conflicto en el Nuevo Reino de Granada entre 1538 y 1570". In: *Historia Crítica*, Número extra, 2009, p. 52-67.
- BONNET VÉLEZ, Diana. "La implantación del orden colonial en el Nuevo Reino de Granada". In: *Istor. Revista de Historia Internacional*. Año 10. No. 37, 2009, p. 3-19.
- BORGES, Analola. "La región Canaria en los orígenes americanos". In: *Anuario de Estudios Atlánticos*, No. 18, p. 199-276.
- BORGES, Analola. "Notas para un estudio sobre la proyección de Canarias en la conquista de América". In: *Anuario de Estudios Atlánticos*. No. 20, 1974, p. 145-265.
- BOWEN, W. H. "L'histoire de la terre neuve du Peru". In: *Isis*, Vol. 28, No. 2, 1938, p. 330-340.
- BRENNAN, Marie George. "Las Casas and the New Laws". In: *Revista de Historia de América*, No. 61/62, 1966, p. 23-41.

BURKE, Peter. "Translating histories". In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-Chia. *Cultural translation in early modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press / European Science Foundation, 2007, p. 125-141.

BURKHOLDER, Mark A. "Honor and honors in colonial Spanish America". In: JOHNSON, Lyman; LIPSETT-RIVERA, Sonya (eds.). *The faces of honor. Sex, shame and violence in colonial Latin America*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1998, p. 19-24.

BUSTAMANTE, Jesús. "El conocimiento como necesidad de Estado. Las encuestas oficiales sobre Nueva España durante el reinado de Carlos V". In: *Revista de Indias*, 2000, vol. LX, No. 218, p. 33-55.

CALVO, Hortensia. "The politics of print: the historiography of the book in early Spanish America". In: *Book History*, Vol. 6, 2003, p. 277-305.

CARMONA FERNÁNDEZ, Fernando. "Conquistadores, utopía y libros de caballería". In: *Revista de Filología románica*. No. 10, 1993, p. 11-30.

CARRILLO, Jesús. "From Mt Ventoux to Mt Masaya: the rise and fall of subjectivity in early modern travel narrative". In: ELSNER, Jás; RUBIÉS, Joan-Pau (ed.). *Voyages and visions. Towards a cultural history of travel*. Londres: Reaktion Books, 1999, p. 57-73.

CARRILLO, Jesús. "The *Historia general y natural de las Indias* by Gonzalo Fernández de Oviedo". In: *Huntington Library Quarterly*, Vol. 65, Nos. 3-4, p. 321-344.

CARRISCONDO ESQUIVEL, Francisco Manuel. "Las palabras del Emperador: *descubrimiento* frente a *conquista*". In: *Hispanic Research Journal*, Vol. 15, No. 4, 2014, p. 285-301.

CASADO ALBORNIÉS, Manuel. "La producción de esmeraldas en el Nuevo Reino de Granada: la Caja Real de Muzo (1595-1709)". In: *Estudios de Historia Social y económica de América*, Universidad de Alcalá de Henares, No. 10, 1993, p. 37-59.

CASTILLA URBANO, Francisco. "Concordia y discordia en el Renacimiento: el pensamiento sobre la guerra en la primera mitad del siglo XVI". In: *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*. Año 16, No. 32, 2014, p. 25-52.

CEPEDA ADÁN, José. "La ciudad de Santa Fe, símbolo de una época". In: *Cuadernos de Historia Moderna*. No. 13, 1992, p. 73-79.

CERTEAU, Michel de. "L'opération historiographique". In: *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.

CESAR, Temístocles. "Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos". In: BASTOS, Lúcia; GUIMARÃES, Lúcia et al (org.). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2011, pp. 93-124.

CHAMBERLAIN, Robert. "The concept of the *Señor Natural* as revealed by Castilian law and administrative documents". In: *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 19, No. 2 (May, 1939), p. 130-137.

CHARTIER, Roger. "Poder y escritura: el príncipe, la biblioteca y la dedicatoria (siglos XVI-XVIII)". In: *Manuscripts*, No. 14, 1996, p. 193-210.

CHAUNU, Pierre. "Une île continentale: la Colombie". In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 3e Année, No. 4, L'Amérique du Sud Devant l'Histoire, 1948, p. 447-449.

CLINE, Howard. "Hernando Cortés and the Aztec indians in Spain". In: *The Quarterly Journal of the Library of Congress*, Vol. 26, No. 2, 1969, p. 70-90.

CLINE, Howard. "The *relaciones geograficas* of the Spanish Indies, 1577-1586". In: *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 44, No. 3, 1964, p. 341-374.

COBO BETANCOURT, Juan Fernando. "Colonialism in the periphery: Spanish linguistic policy in New Granada, c. 1574-1625". In: *Colonial Latin American Review*, Vol. 23, No. 2, 2014, p. 118-142.

COELLO DE LA ROSA, Alexandre. "Héroes y villanos del Nuevo Mundo en la *Historia General y natural de las Indias de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés*". In: *Anuario de Estudios Americanos*, Vol. 61, No. 2, 2004, 599-617.

COLOMBI, Beatriz. "La *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* de fray Bartolomé de Las Casas en el eje de las controversias". In: *Zama*. Insituto de Literatura Hispanoamericana - Universidad de Buenos Aires. Año 5, No. 5, 2013, p. 91-102.

CÓRDOBA OCHOA, Luis Miguel, "Los mil forajidos de Antioquia y los mohanes de Ebejicó". In: *Anuario Colombiano de Historia Social e de la Cultura*, No. 29, 2002, p. 7-44.

CORREA, François. "El imperio muisca: invención de la historia y colonialidad del poder". In: GÓMEZ LONDOÑO, Ana María (ed.). *Muiscas: representaciones, cartografías y etnopolíticas de la memoria*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005, p. 200-226.

CRO, Stelio. "La utopia cristiano-social en el Nuevo Mundo". In: *Anales de Literatura Hispanoamericana*, vol. VII, 1978, p. 87-129.

CUART MONER, Baltasar. "Juan Ginés de Sepúlveda, cronista del Emperador". In: *Congreso Internacional "Carlos V y la quiebra del humanismo político en Europa (1530-1558)"* (Madri, 3-6 de julio de 2000). Madri: Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2001, p. 341-367.

CUART MONER, Baltasar. "Escribir libros de historia. Algunas reflexiones sobre juristas historiadores durante el siglo XVI". In: DE DIOS, Salustiano de; INFANTE, Javier; TORIJANO, Eugenia (eds.). *Juristas de Salamanca, siglos XV-XX*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2009, p. 81-110.

CUESTA DOMINGO, Mariano. "Alonso de Santa Cruz, cartógrafo y fabricante de instrumentos náuticos de la Casa de Contratación". In: *Revista Complutense de Historia de América*, 2004, Vol. 30, p. 7-40.

CUNHA, Manuela Carneiro da. "Imagens de índios no Brasil: o século XVI". In: *Estudos Avançados*, São Paulo, Vol. 4, No. 10, p. 91-110.

CUNILL, **Caroline**. "Fray Bartolomé de las Casas y el oficio de defensor de indios en América y en la Corte española." In : *Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Edição digital*: <http://nuevomundo.revues.org/63939>. Última consulta 15-VI-2016.

DAVIS, Robert Henry, "Prescott y Acosta: dos prohombres de la historia científica". En: *Boletín de Historia y Antigüedades*, Vol. 58, No. 675, jan.-mar. 1971.

DE LA ROSA OLIVERA, Leopoldo. “Don Pedro Fernández de Lugo prepara la expedición a Santa Marta”. In: *Anuario de Estudios Atlánticos*, No. 5, 1959, p. 399-444.

DE SOLANO, Francisco de. “Significación y tipología de los cuestionarios de Indias”. In: *Cuestionarios para la formación de las relaciones geográficas de Indias. Siglos XVI-XIX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1988, p. XVII-XXVI.

DELGADO-GÓMEZ, Ángel. “The earliest views of the New World natives”. In: WILLIAMS, Jerry; LEWIS, Robert (ed.). *Early images of the Americas. Transfer and invention*. Tucson e Londres: The University of Arizona Press, 1993, p. 3-20.

DELVAUX, Marcelo Motta. “Cartografía imaginária do sertão”. In: *Revista do arquivo público mineiro*. No. 2, 2010, p. 76-87.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “ ‘Y hasta ahora no es poderoso el rey’. Sobre monarquía y élites de poder en los orígenes de la *Brevísima*”. In: FOLGER, Robert; OSTERREICHER, Wulf (eds). *Talleres de la memoria. Reivindicaciones y autoridad en la historiografía indiana de los siglos XVI y XVII*. Münster, LIT, 2205, p. 45-75.

EARLE, Rebecca. “Information and disinformation in late colonial New Granada”. In: *The Americas*, Vol. 54, No. 2, p. 167-184.

ELLIOT, John. “A conquista espanhola e a colonização da América”. In: BETHEL, Leslie (org.). *América Latina colonial*, Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 135-194.

FABREGAT BARRIOS, Santiago. “Estudio preliminar”. In: FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Libro de la Cámara Real del Príncipe Don Juan, oficios de su casa y servicio ordinario*. Valencia: Publicacions de la Universitat de València, 2006, p. 11-78.

FEEST, Christian. “Una evaluación europea del arte americano”. In: ROSTKOWSKI, Joëlle y DEVERS, Sylvie (coord.). *Destinos cruzados. Cinco siglos de encuentros con los amerindios*. México: Siglo XXI Editores, 1996.

FERRER TÉVAR, Celia. “Los Mendoza, titulares de virreinos en América”. In: *Wad-Al-Hayara. Revista de Estudios de Guadalajara*, No 16, 1989, p. 163-188.

FOLGER, Robert. “«Es benemérito para cualquier oficio»: Cervantes interpelado”. In: STROSETZKI, Christoph (ed.). *Visiones y revisiones cervantinas: Actas selectas del VII Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2011, p. 353-362.

FRANCIS, Michael. “‘La tierra clama por remedio’: la conquista espiritual del territorio muisca”. In: *Fronteras de la Historia*, Vol 5, p. 93-118.

FRANCIS, Michael. “Población, enfermedad y cambio demográfico, 1537-1636. Demografía histórica de Tunja: Una mirada crítica”. In: *Fronteras de la Historia*, Vol. 7, p. 13-76.

FRANCO SILVA, Alfonso. “El primer oro de las Indias. La fortuna de Lope Conchillos, secretario de Fernando el Católico”. In: *Historia. Instituciones. Documentos*. No. 33, 2006, pp. 123-171.

FREIRE, Deolinda de Jesus. “Theodor de Bry e a narrativa visual da *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*”. In: *Revista USP*. No. 77, 2008, p. 200-215.

FRIEDE, Juan. "Fray Bartolomé de las Casas, exponente del movimiento indigenista español del siglo XVI". In: *Zeitschrift für Ethnologie*, Vol. 78, N. 2, 1953, p. 239-256.

FRIEDE, Juan. "La censura española del siglo XVI y los libros de historia de América". In: *Revista de Historia de América*, No. 47, 1959, p. 45-94.

FRIEDE, Juan. "Las ideas geográficas en la conquista del Nuevo Reino de Granada". In: *Revista Geográfica*, Instituto Panamericano e Geografía e Historia, T. 15, No. 41, p. 45-66.

FRIEDE, Juan. "Los franciscanos en el Nuevo Reino de Granada y el movimiento indigenista del siglo XVI". In: *Bulletin Hispanique*. T. 60, No. 1, 1958, p. 5-29.

FRIEDE, Juan. "The Coat of Arms of Hernando Cortés". In: *The Quarterly Journal of the Library of Congress*, Vol. 26, No. 2, 1969, p. 64-69.

FROLDI, Rinaldo. "El Colegio de España y la literatura española". In: *Actas del séptimo Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas : celebrado en Venecia del 25 al 30 de agosto de 1980*, Roma, Bulzoni, 1982, p. 125-151.

GAMBÍN GARCÍA, Mariano. "Un guanche en la corte de los Reyes Católicos. Tras los pasos de don Enrique Canario, el último mencey de Icod". In: *Revista de Historia Canaria*, No. 185, 2003, p. 125-157.

GAMBOA, Jorge Augusto. "Las instituciones indígenas de gobierno en los años posteriores a la Conquista: caciques y capitanes muisca en el Nuevo Reino de Granada (1537-1650)". In: FLORENTINO, Manolo; VALENCIA VILLA, Carlos (eds.). *Imperios ibéricos en comarcas americanas*. Bogotá, Universidad del Rosario, 2008, p. 136-164.

GAMBOA, Jorge Augusto. "Los muisca y la conquista española: nuevas interpretaciones de un viejo problema". In: ídem. (comp.). *Los muisca en los siglos XVI y XVII. Miradas desde la arqueología, la antropología y la historia*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2008, p. 116-139.

GIULIANI et al. "Oxygen Isotopes and Emerald Trade Routes Since Antiquity". In: *Science*, Vol. 287, No. 5453, 28 de janeiro de 2000, p. 631-633.

GLASSNER, Martin. "The Chibchas: a history in re-evaluation". In: *The Americas*, Vol. 26, No. 3, 1970, p. 302-327.

GÓMEZ PÉREZ, Carmen. "Los beneméritos de la tierra. Oro, conquista y poder en Cartagena de Indias, 1532-1560". In: CALVO STEVENSON, Haroldo; MEISEL ROCA, Adolfo (eds.). *Cartagena de Indias en el siglo XVI*. Cartagena: Banco de la República, 2009, p. 123-149.

GÓMEZ, Tomás. "Impact et rôle des Leyes nuevas en Nouvelle Grenade (1543-1564)". In: *Cahiers du monde hispanique et lusobrasílien*, No. 26, 1976, p. 7-18.

GONZÁLEZ DE PÉREZ, María Stella. "El estudio de la lengua muisca". In: *Maguaré* (Bogotá), No. 5, 1987, p. 183-193.

GONZÁLEZ-ORTEGA, Nelson. "Literatura, historia y nación: la función legal y subversiva que (ob)tuvo el discurso de Jiménez de Quesada en la instauración y abolición de la Nueva Granada y en la formación de la República de Colombia". In: PARODI, Claudia, RODRÍGUEZ, Jimena (eds.), *Centro y*

periferia. Cultura, lengua y literatura virreinales en América. Madri/Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2011, p. 161-192.

GRAFTON, Anthony. "A sketch map of a lost continent: the Republic of Letters". In: *World made by words. Scholarship and community in the modern West*. Cambridge, MS: Harvard University Press, p. 9-34.

GRUNBERG, Bernard. "Le vocabulaire de la 'conquista'. Essai de linguistique historique appliquée à la conquête du Mexique d'après les chroniques des conquistadores". In: *Histoire, Économie et Société*. Vol. 4, No. 1, 1985, p. 3-27.

GUARÍN, Oscar. "De bárbaros a civilizados: la invención de los muisca en el siglo XIX". In: GÓMEZ LONDOÑO Ana María (ed.). *Muisca: representaciones, cartografías y etnopolíticas de la memoria*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005, p. 229-245

GUARÍN, Oscar. "La civilización chibcha y la construcción de la nación neogranadina". In: *Universitas Humanística*, No. 70, 2010, p. 205-222

GUTIÉRREZ, Jorge Luis. "A controvérsia de Valladolid (1550): Aristóteles, os índios e a guerra justa". In: *Revista USP*, No. 101, 2014, p. 223-235.

GUTIÉRREZ, Jorge Luís. "Aspectos históricos sobre a *Brevíssima relação da destruição das Índias* de frei Bartolomeu de Las Casas na ocasião da recente publicação da tradução para o português dos *Tratados*". In: *Revista Primus Vitam*, Nos. 1 – 2, 2010, Ano 1, Centro de Ciências e Humanidades – Universidade Mackenzie, p. 1-18.

HARRELL, James. "Archaeological geology of the world's first emerald mine". In: *Geoscience Canada*, Vol. 31, No. 2, 2004, p. 69-76.

HERNÁNDEZ, Bernat. "'Por honrar toda la vida pasada con tan buen fin'. Los cargos de conciencia en la figura del anticonquistador". In: BARAIBAR, Álvaro et al (eds.). *Hombres de a pie y de a caballo (conquistadores, cronistas, misioneros en la América colonial de los siglos XVI y XVII)*. Nueva York: IDEA/IGAS, 2013, p. 117-131.

JOHNSON, Carina L. "Idoltrous cultures and the practice of religion". In: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 67, No. 4, 2006, p. 597-622.

JULIÁN, Amadeo. "La conquista del cacicazgo de Higüey y la fundación de Salvaleón de Higüey". In: *Clio. Órgano de la Academia Dominicana de la Historia*. No. 182, 2011, p. 11-74.

KEEN, Benjamin. "The Black Legend revisited: assumptions and realities". In: *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 49, No. 4, 1969, p. 703-719.

KIM, Yunsook. "Secuestro de la voz y de la identidad neogranadina por la Corona española durante el comienzo de la invasión: las obras que 'sufrieron el ultraje de manuscritos entre el concurso de muchos libros impresos'". In: PARODI, Claudia, RODRÍGUEZ, Jimena (eds.), *Centro y periferia. Cultura, lengua y literatura virreinales en América*. Madri/Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2011, p. 193-201.

KOSELLECK, Reinhart. "'Espaço de experiência' e 'horizonte de expectativa': duas categorias históricas". In: *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006, p. 305-327.

KOSELLECK, Reinhart. “História dos conceitos e história social”. In: *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2006.

KIRSHNER, Tereza Cristina. “A reflexão conceitual na prática historiográfica”. In: *Textos de História: revista do programa de pós-graduação em história da UnB, Brasília*, Vol. 15, No. 1/2, pp. 49-61.

KROEBER, Alfred Louise, “The Chibcha”. In: STEWARD, Julian (ed.). *Handbook of South American Indian*. Vol. 2, *The Andean civilizations*. Washington: Government Printing Office, 1946, p. 887-909.

LACARRA, José María. “Ideales de vida en la España del siglo XV: el caballero y el moro”. In: *Aragón en la Edad Media. Estudios de economía y sociedad*, No. 5. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1983, p. 303-319.

LANE, Cris. “Introductory study” de VARGAS MACHUCA, Bernardo de. *The Indian militia and description of the Indies*. Durham e Londres: Duke University Press, 2008, p. XVII-LX.

LAVALLÉ, Bernard. “Criollismo y protonacionalismo en América del Sur (Siglos XVI y XVII). In: *Historia y Cultura*. Universidad de Cartagena, Año 2, No. 2, 1994, p. 9-13.

LEÓN PORTILLA, Miguel. “El indio vivo visto por los frailes en el siglo XVI”. In: *Estudios de Cultura Náhuatl*, no. 41, 2010, p. 281-295.

LLERAS, Roberto. “Los muiscas en la literatura histórica y antropológica ¿Quién interpreta a quién?”. In: *Boletín de Historia y antigüedades*, Vol. XCII, No. 829, junho 2005.

LONDOÑO, Eduardo. “La conquista del cacicazgo de Bogotá”. In: *Boletín Cultural y Bibliográfico*, Vol. 25, No. 16, 1988, p. 23-33.

LÓPEZ-FÁNJUL DE ARGÜELLES, Carlos. “Las armerías de los conquistadores de Indias”. In: *Historia y Genealogía*. Universidad de Córdoba (España), No. 4, 2014, p. 151-178.

LÓPEZ-FÁNJUL DE ARGÜELLES, Carlos. “La imaginación heráldica en la España del siglo XVI. Las armerías de los caciques y los muebles americanos”. In: *Historia y Genealogía*. Universidad de Córdoba (España), No. 5, 2015, p. 229-265.

LÓPEZ RODRÍGUEZ, Mercedes. “Los hombres de dios en el Nuevo Reino: curas y frailes doctrineros en Tunja y Santafé”. In: *Historia Crítica*, No. 19, 1999, pp. 129-152.

LOUREIRO, Rui Manuel. “Algumas reflexões sobre as pedras preciosas nos Colóquios dos Simples de Garcia de Orta”. In: LOPES ANDRADE, António Manuel et al. (eds.). *Humanismo e ciência. Antiguidade e Renascimento*. Aveiro-Coimbra-São Paulo: UA Editora, 2015, p. 37-62.

LUCENA SALMORAL, Manuel. "La capitulación de Fernández de Lugo para Santa Marta y su relación con la conquista del Río de la Plata". In: MORALES PADRÓN, Francisco (coord.). *I Coloquio de Historia Canario-Americano (1976)*. Las Palmas de Gran Canaria: Cabildo de Gran Canaria, 1976, p. 66-83.

LUCENA SALMORAL, Manuel. "La capitulación de Fernández de Lugo para Santa Marta y su relación con la conquista del Río de la Plata". In: MORALES PADRÓN, Francisco (coord.). *I Coloquio de Historia Canario-Americano (1976)*. Las Palmas de Gran Canaria: Cabildo de Gran Canaria, 1976, p. 66-83.

LUTZ GÓMEZ, Pedro. "El problema de la ubicación espacial del Nuevo Reino de Granada al momento de su creación". In: *Memoria y Sociedad*, Vol. 4, No. 4, 2000, p. 147-156.

MACCORMACK, Sabine. "Ethnography in South America: the first two hundred years". In: SALOMON, Frank e SCHWARTS, Stuart (eds.). *The Cambridge history of the natives peoples of the Americas*. Vol. III, Parte 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 96-187.

MACEIRAS LAFUENTE, Andrea. "Medicina y botánica en las empresas de reyes y caballeros recogidas por Gonzalo Fernández de Oviedo en *Batallas y Quinquagenas*". In: *Janus. Estudios sobre el Siglo de Oro*. No. 2, 2013, p. 15-26.

MAIGUASHCA, Juan. "Historians in Spanish South America: Cross-References between Centre and Periphery". In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila (eds.). *Oxford history of historical writing*, Vol. 4 (1800-1945). Oxford e Nova York: Oxford University Press, 2011.

MALAGÓN-BARCELÓ, Javier. "The role of the *letrado* in the colonization of America". In: *The Americas*, Vol. 18, No. 1, p. 1-17.

MANTILLA, Luis Carlos. "Los presupuestos teóricos del criollismo en la obra del colombiano [sic.] Luis de Betancur y Figueroa (1634)". In: *Revista Complutense de Historia de América*, No. 22, Madrid, 1996, p. 121-138.

MARTÍN ACOSTA, María Emelina. "Don Alonso Fernández de Lugo, III adelantado de las islas Canarias, conquistador de Santa Marta y San Borondón". In: MORALES PADRÓN, Francisco (coord.). *XV Coloquio de Historia Canario-Americana*. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 2004, p. 500-512.

MARTÍN BAÑOS, Pedro. "Documentos referentes al humanista Antonio de Nebrija y sus descendientes en el Legado Paredes del Archivo Histórico Provincial de Cáceres". In: CHAPARRO GÓMEZ, César; MAÑAS NÚÑEZ, Manuel; ORTEGA SÁNCHEZ, Delfín (coords.). *Nulla dies sine línea. Humanistas extremeños: de la fama al olvido*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2009, p. 197-217.

MAHONEY, James. "Long-run development and the legacy of colonialism in Spanish America". In: *American Journal of Sociology*, Vol. 109, No. 1, 2009, p. 50-106.

MARTÍN BAÑOS, Pedro. "Frey Marcelo de Lebrija (1479?-1543), primogénito del humanista Antonio de Nebrija. Ensayo bio-bibliográfico (I)". In: *Revista de Estudios Extremeños*, T. LXIII No. 2, 2007, p. 617-654.

MARTÍN RUBIO, María del Carmen. “El Cuzco incaico, según Juan de Betanzos”. In: *Estudios de Historia Social y Económica de América*, No. 10, 1993, p. 25-36.

MARTÍNEZ DÍAZ, Nelson. “Estudio preliminar”. LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Barcelona: Ediciones Orbis, 1986, p. 3-17.

MARTÍNEZ MARTÍNEZ, María del Carmen. “Francisco López de Gómara y Hernán Cortés: nuevos testimonios de la relación del cronista con los marqueses del Valle de Oaxaca”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, 2010, Vol. 67, No. 1, p. 267-302.

MARTÍNEZ MARTÍNEZ, María del Carmen. “Francisco López de Gómara y la Orden de Alcántara”. In: *Anuario de Estudios Americanos*, Vol. 72, No. 1, 2015, p. 151-176.

MARTÍNEZ TORREJÓN, José Miguel. “Fray Bartolomé de Las Casas y la ‘Brevísima relación’”. In: LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Madrid: Real Academia Española, 2013, p. 125-209.

MARTÍNEZ TORREJÓN, José Miguel. “Informar, conmovier, culpar. Retórica para reyes en la *Brevísima relación* del padre Las Casas”. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Vol. LVII, No. 2, 2009, p. 607-628.

MARTÍNEZ, José Luis. “Hernán Cortés: la declinación y el fin”. In: *Revista de la Universidad de México*. No. 465, octubre de 1989, pp. 9-22.

MARTÍNEZ-GARNICA, Armando. “Poblamiento, jurisdicción y estatus en la experiencia urbana neogranadina”. Comunicación presentada no XII Simpósio da Associação Ibero-americana de Filosofia Política. Bogotá, 12-13 de outubro de 2011. Disponível em: http://www.proyectos.cchs.csic.es/polis/sites/default/files/docpolis/armando_martinez_garnica_poblamiento_jurisdiccion_y_estatus_en_la_experiencia_urbana_neogranadina.pdf. Última consulta: 4-XII-2014.

MATALLANA PELÁEZ, Susana, “Yanaconas: indios conquistadores y colonizadores del Nuevo Reino de Granada. Siglo XVI”. In: *Fronteras de la historia*, Vol. 18, No. 2, 2013, p. 21-45.

MAZZOTTI, José Antonio. “El Dorado, paradise and supreme sanctity in Seventeenth-century Peru: a creole agenda”. In: BAUER, Ralph; MAZZOTTI, José Antonio. *Creole subjects in the colonial Americas. Empires, texts, identities*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009, p. 375-411.

MEDINA, Medófilo. “La historia comparada: retos y posibilidades para la historiografía colombiana”. In: AYALA DIAGO, César Augusto (ed.), *La historia política hoy: Sus métodos y las ciencias sociales*. Bogotá, Universidad Nacional, 2004, p. 15-32.

MEJÍA SALAZAR, Álvaro. “Baltasar García. Uno de los primeros vecinos de Portoviejo”. In: *Revista Spondylus*, No. 33, 2012, p. 21-25.

MELGAR TÍSOC, Emiliano Ricardo. “Una relectura del comercio de la turquesa: entre yacimientos, talleres y consumidores”. In: LONG SOLÍS, Janet e ATTOLINI LECÓN, Amalia (coords.). *Caminos y mercados de México*. México: UNAM-INAH, p. 153-168.

MENA GARCÍA, Carmen. “La frontera del hambre: construyendo el espacio histórico del Darién”. In: *Mesoamérica: Plumsock Mesoamerican Studies*, CIRMA, Año 24, No. 45, 2003, p. 35-65

MENA GARCÍA, Carmen. “Las prácticas del rescate en Tierra Firme en los inicios de la vida colonial”. In: ELVÁS, María Salud, OLIVERO GUIDOBONO, Sandra (coord.). *Redescubriendo el Nuevo Mundo. Estudios americanistas en homenaje a Carmen Gómez*. Sevilla: Universidad de Sevilla: 2012, p. 125-138.

MIGNOLO, Walter. “Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista”. In: MADRIGAL, Luis Íñigo (coord.). *Historia de la literatura hispanoamericana*. Vol. 1. Madri: Cátedra, 1992, p. 57-116.

MIRA CABALLOS, Esteban. “Terror, violación y pederastia en la Conquista de América: el caso de Lázaro Fonte”. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, No. 44, p. 37-66.

MOLINA MARTÍNEZ, Miguel. “Aproximación a las relaciones entre Granada y el Nuevo Mundo”. In: *Boletín AEPE*, Nos. 40-41, p. 52-56.

MOYA GARCÍA, María. “Una visión interdisciplinar del Madri del Siglo de Oro: ideología, sociedad y fiesta cortesana a través de las relaciones de sucesos”. In: *Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica*. Vol. 32, No. 44, 2014, p. 217-228.

ORIQUE, David Thomas, O.P. “A comparison of the voices of the Spanish Bartolomé de Las Casas and the Portuguese Fernando Oliveira on just war and slavery”. In: *E-Journal of Portuguese History*, Vol. 12, No. 1, June 2014, p. 87-118.

ORJUELA, Héctor. “Orígenes de la literatura colombiana”. In: *Thesaurus. Boletín del Instituto Caro y Cuervo*. T. XL, No. 2, 1985, p. 241-292.

OSTENFELD-SUSKE, Kira von. “A new history for a ‘New World’: the first one hundred years of Hispanic New World historical writing”. In: RBASA, José et al (eds.). *The Oxford history of historical writing*. Vol. 3: 1400-1800. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 2012, p. 556-574

OTTE, Enrique. “Los Boti y los Lugo”. In: Francisco Morales Padrón (coord.). *III Coloquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas, Cabildo Insular de Gran Canaria, 1980, vol. 1, p. 49-85.

PADRÓN, Ricardo. “Charting Empire, charting difference: Gómara’s *Historia general de las Indias* and Spanish maritime cartography”. In: *Colonial Latin American Review*, Vol. 11, No. 1, 2002, p. 47-69.

PAGDEN, Anthony. “Identity formation in Spanish America”. In: CANNY, Nicholas; PAGDEN, Anthony (eds.) *Colonial identity in the Atlantic World, 1500-1800*. Princeton: Princeton University Press, 1987, p. 51-93.

PALENCIA-ROTH, Michael. “The cannibal law of 1503”. In: WILLIAMS, Jerry; LEWIS, Robert (ed.). *Early images of the Americas. Transfer and invention*. Tucson e Londres: The University of Arizona Press, 1993, p. 21-64.

PANIAGUA-PÉREZ, Jesús. “Riqueza suntuaria en Quito: algunas consideraciones sobre las joyas con piedras preciosas y perlas en el periodo colonial”. In: VASCONCELOS E SOUZA, Gonçalo de, et al. (coord.). *Áurea quersoneso: estudios sobre la plata iberoamericana: siglos XVI-XIX*. España: Universidad Católica Portuguesa, 2014, p. 301-324.

PÉREZ FLORES, José Luis. “Indígenas guerreros de la Nueva España del siglo XVI. La representación de sí mismos como conquistadores”. In: *Fronteras de la Historia*, Vol. 18, No. 1, p. 15-43.

PIEPER, Renate. “Cartas, avisos e impresos: Los medios de comunicación en el imperio de Carlos V”. In: *Actas del Congreso Internacional "Carlos V y la quiebra del humanismo político en Europa (1530-1558)"* (Madri, 3-6 de julio de 2000). Madri: Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2001, p. 431-441.

PINEDA, Roberto. “Demonología y antropología en el Nuevo Reino de Granada (siglos XVI-XVIII)”. In: OBREGÓN, Diana (ed.). *Culturas científicas y saberes locales*. Bogotá: Centro de Estudios Sociales (CES), 2000. p. 23-88.

POCKLINGTON, Robert. “La etimología del topónimo ‘Granada’”. In: *Al-Cantara. Revista de Estudios Árabes*. Vol. IX, No. 2, Madri, 1988, p. 376-402.

POMIAN, Krzysztof. “*História cultural, história dos semióforos*”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François (coord.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Ed. Estampa, 1998, p. 71-95.

PRIEN, Hans-Jürgen. “Imágenes de indígenas en Nueva Granada”. In: *Anuario de Historia de la Iglesia*, Universidad de Navarra, 2008, p. 81-95.

PUCHE RIART, Octavio. “La explotación de las esmeraldas en Muzo (Nueva Granada), en sus primeros tiempos”. In: *Actas del XI Congreso Internacional de AHILA*, 1996, p. 99-104.

QUESADA GÓMEZ, Catalina. “Gonzalo Jiménez de Quesada: la retórica frente al infortunio”. In: BARRERA, Trinidad (coord.). *Herencia cultural de España en América: poetas y cronistas andaluces en el Nuevo Mundo. Siglo XVI*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2007, p. 159-180.

RAMÍREZ OCAMPO, Natalia. “Encomiendas, delitos y poder. El caso de la familia Montañón en la Real Audiencia de Santa Fe 1553-1561”. In: *Historia 2.0. Conocimiento Histórico en Clave Digital*. Bucaramanga. No. 9, 2015, p. 64-82.

RAMOS, Demetrio. “El P. Córdoba y Las Casas en el plan de conquista pacífica de Tierra Firme”. In: *Boletín Americanista*, No. 3, 1959, p. 175-210.

RAMOS, Demetrio. “Fernández de Oviedo y el ‘enigma’ de la edición de 1547 de su *Historia general*”. In: *Boletín Americanista*, No. 19-27, 1965, p. 443-461.

RAMOS, Demetrio. “Los reinos de las nuevas Españas y su persistencia en los años de la emancipación”. In: *España: reflexiones sobre el ser de España*. Madri: Real Academia de la Historia, 1998, p. 243-280.

RAPPAPORT, Joanne. “Buena sangre y hábitos españoles: repensando a Alonso de Silva y Diego de Torres”. In: *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, Vol. 39, No. 1, 2012, p. 19-48.

RODRÍGUES DE OLIVEIRA, Susane. “Semelhantes enganos: a América e os incas no discurso de José de Acosta”. In: MUNIZ, Diva do Couto Gontijo; SENA, Ernesto Cerveira de (org.). *Nação, civilização e história. Leituras sertanejas*. Goiânia: PUC Goiás, 2011, p. 173-189.

RENGER, Friedrich E. “Primórdios da cartografia das Minas Gerais (1585-1735): dos mitos aos fatos”. In: LAGE DE RESENDE, Maria Efigênia; VILLALTA, Luis Carlos (eds). *História de Minas Gerais. As minas setecentistas*, T. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 103-126.

RESTALL, Matthew. “The New Conquest History”. In: *History Compass*, Vol. 10, No. 2, p. 151-160.

RESTREPO, Luis Fernando. “The ambivalent nativism of Lucas Fernández de Piedrahita’s *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada* (1688)”. In: BAUER, Ralph; MAZZOTTI, José Antonio (eds.). *Creole subjects in the colonial Americas. Empires, texts, identities*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009, p. 334-354.

REYES GÓMEZ, Fermín de los. “La estructura formal del libro antiguo español”. In: *Paratesto*, 2010. No. 7, p. 9-59.

ROA-DE-LA-CARRERA, Cristián. “Francisco López de Gómara and *La conquista de México*”. In: SCHROEDER, Susan et al (eds). *Chimalpahin’s conquest. A Nahuatl historian rewriting of Francisco López de Gómara’s La conquista de México*. Stanford: Stanford University Press, 2010, 35-49.

RODRÍGUEZ SALGADO, María José. “Christians, Civilised and Spanish: Multiple Identities in Sixteenth-Century Spain”. In: *Transactions of the Royal Historical Society*, Vol. 8, 1998, p. 233-251.

RODRÍGUEZ, María Inmaculada. “La construcción heráldica del Imperio carolino en América. Los primeros escudos nobiliarios y urbanos”. In: DE MARIA, Sandro; LÓPEZ DE CORSELAS, Manuel Parada (eds.). *El imperio y las hispanias de Trajano a Carlos V*. Bologna: Bononia University Press, 2014, p. 517-531.

ROSS, Kathleen. “Historians of the conquest and colonization of the New World: 1550 -1620”. In: GONZÁLEZ EHEVERRIA, Roberto; PUPO-WALKER, Enrique. *The Cambridge History of Latin American literature*. Cambridge: Cambridge University Press, T. 1, 2008, p. 101-142.

ROUANET, Sergio Paulo. “O mito do bom selvagem”. In: ADAUTO, Novaes (ed.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 415-438.

RUEDA ENCISO, José Eduardo. “Juan Friede y su búsqueda de El adelantado don Gonzalo Jiménez de Quesada”. In: *Fronteras de la Historia*, No. 10, p. 331-349.

RUIZ RIVERA, Julián B. “De conquistador a colonizador: perfil antiheroico de Jiménez de Quesada”. In: *Actas del Congreso de Historia del Descubrimiento*. Vol. 2. Madri: Real Academia de la Historia, 1992, p. 579-605.

SAFFORD, Frank. “Race, integration, and progress: elite attitudes and the Indian in Colombia, 1750-1870”. In: *Hispanic American Historical Review*, Vol. 71, No. 1, p. 1-33.

SALCEDO SALCEDO, Jaime. “Un vestigio del *cercado* del señor de Bogotá en la traza de Santafé”. In: *Ensayos. Historia y Teoría del Arte*. No. 20, 2011, pp. 155-192.

SIMPSON, Roger. “Sacred relics: travelers and the holy grail.” In: *Arthuriana*, Vol. 21, No. 2, 2011, p. 42-58.

SOLANO, Francisco de. “El conquistador hispano: señas de identidad”. In: idem. (coord.). *Proceso histórico al conquistador*. Madri: Alianza Editorial, 1988, p. 15-36

- SOMEDA, Hidefujii. "Las Casas y el problema de la perpetuidad de la encomienda en el Perú". In: *Histórica*, vol. V, No. 2, 1981, p. 263-294.
- STERN, Steve. "Paradigmas de la conquista: historia, historiografía y política". In: *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana*, No. 6, p. 7-39.
- STOLL, Eva. "Competencia escrita, pragmática textual y tradiciones discursivas en la historiografía colonial (en los siglos XVI y XVII)". In: CASTEL, Víctor; CUBO DE SEVERINO, Liliana (ed.). *La renovación de la palabra en el bicentenario de la Argentina. Los colores de la mirada lingüística*. Mendoza: Editorial FFyL-UNCuyo, 2010, p. 1274-1284.
- TARACENA ARRIOLA, Arturo. "La civilización maya y sus herederos. Un debate negacionista en la historiografía moderna guatemalteca". In: *Estudios de Cultura Maya*, Vol. XXVII, 2006, p. 43-55.
- TEGLIA, Vanina María. "Una corte de caballeros para el Nuevo Mundo: los proyectos (utópicos) de Gonzalo Fernández de Oviedo". In: *Corpus*, Vol. 2, No. 1, 2012.
- THURNER, Mark. "The founding abyss of colonial history: or 'the origin and principle of the name of Peru'". In: *History and Theory*, Vol. 48, No. 1, 2009, p. 44-62.
- TORRES MEGIANI, Ana Maria. "Memória e conhecimento do mundo: coleções de objetos, impressos e manuscritos nas livrarias de Portugal e Espanha, séculos XV-XVII". In: *Anais do Museu Paulista*, Vol. 17, No. 1, 2009, p. 155-171.
- TORRES QUINTERO, Rafael. "Bibliografía de Gonzalo Jiménez de Quesada". In: JIMÉNEZ DE QUESADA, Gonzalo. *Antijovio*, p. CXXXIII-CLXXVI.
- TURNER, Daymond. "The aborted first printing of the second part of Oviedo's *General and Natural History of the Indies*". In: *Huntington Library Quarterly*, Vol. 46, No. 2, 1983, p. 105-125.
- URIBE, Maria Victoria. "Las sociedades del norte de los Andes". In: ROJAS RABIELA, Teresa (dir.) e MURRA, John V. (codiretor). *Historia de América Latina*, vol. 1. España: Editorial Trotta-Unesco, 1999, p. 315-341.
- VILLAMARIN, Juan; VILAMARIN, Judith. "Native Colombia: contact, conquest and colonial populations". In: *Revista de Indias*, Vol. LXIII, No. 227, p. 105-134.
- VILLAMARIN, Juan; VILLAMARÍN, Judith. "Chiefdoms: The prevalence and persistence of "señorios naturales" 1400 to European conquest". In: SALOMON, Frank e SCHWARTS, Stuart (eds.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas*. Vol. III, Parte 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 577-667.
- WAGNER, Henry. "Francisco López de Gómara and his Works". In: *Proceedings of the American Antiquarian Society*, vol. LVIII, No. 2, 1948, p. 263-282.
- WALTON, Steven A. "Theophrastus on *Lyngurium*: medieval and early modern lore from the classical lapidary tradition". In: *Annals of Science*, vol. 58, 2001, p. 357-379.
- WEY GÓMEZ, Nicolás. "Memorias de la zona tórrida: el naturalismo clásico y la «tropicalidad» americana en el *Sumario de la natural historia de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo (1526)". In: *Revista de Indias*. Vol. LXXIII, No. 259, 2013, p. 609-632.

WRIGHT, Elizabeth. "New World news, ancient echoes: a Cortés letter and a vernacular Livy for a new king and his wary subjects (1520–23)". In: *Renaissance Quarterly*, Vol. 61, No. 3, 2008, p. 711-749.

ZAVALA, Silvio. "La encomienda indiana". In: *El Trimestre Económico*, No. 8, 1935, p. 423-451.

ANEXOS

1. “El licenciado Gonzalo Ximénez de Quesada: caudal y esmeraldas del descubridor”

El licenciado Gonzalo Ximénez, hijo del Licenciado Ximénez,¹¹⁶² de Granada, pasó a las Indias y fue a descubrir el nuevo Reino de Granada; puso por nombre a la primera ciudad que se pobló Santa Fe. Uvo de aquel descubrimiento trezientos mil ducados, según escribe Francisco López de Gómara en la primera parte de la Historia de las Indias, f. 41; puesto que él mismo me dijo a mí en la ciudad de Sevilla aber traydo mucho menos, y que lo más que truxo fueron esmeraldas, muchas dellas muy finas, y entre ellas uvo esmeralda que vendió en Francia en veinte y seis mil ducados. Estuvo en Madrid, en corte de Su Majestad, año de 39, pretendiendo un gobierno, donde gastó tanto, que por relación de Hernando de Ávila, su mayordomo, se habla que en cinco meses que allí estuvo gastó cinco mil y dozientos y veinte y quatro ducados. Dizen que truxo de encomiendas cierta cantidad de pesos de oro, y no cumpliendo con sus dueños se retraxo a Portugal, donde fueron contra él cartas requisitorias de Castilla; concertóse con las partes y bolvió a las Indias año de 52 con título de Mariscal de Santa Marta, dexando a su padre empeñado por él en Granada.

Fonte: *Floreto de anécdotas y noticias diversas que recopiló un fraile dominico residente en Sevilla a mediados del siglo XVI.* Prólogo, notas e índices de F. J. Sánchez Cantón. Madrid: Memorial Histórico Español, T. XLVIII, 1948, p. 159-160.

¹¹⁶² Refere-se ao pai de Gonzalo Jiménez de Quesada..

2. Trechos do capítulo “Del Nuevo Reino de Granada”. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias.*

El año de mil y quinientos y treinta y nueve concurrieron muchos tiranos yendo a buscar desde Venezuela y desde Santa Marta y desde Cartagena el Perú, y otros que del mesmo Perú descendían a calar y penetrar aquellas tierras, y hallaron a las espaldas de Santa Marta y Cartagena, trecientas leguas la tierra dentro, unas felicísimas y admirables provincias llenas de infinitas gentes mansuetísimas y buenas como las otras, y riquísimas también de oro y piedras preciosas (las que se dicen esmeraldas), a las cuales provincias pusieron por nombre el Nuevo Reino de Granada, porque el tirano que llegó primero a estas tierras era natural del reino que acá está de Granada. Y porque muchos inicuos y crueles hombres de los que allí concurrieron de todas partes eran insignes carniceros y derramadores de la sangre humana, muy acostumbrados y experimentados en los grandes pecados susodichos en muchas partes de las Indias, por eso han sido tales y tantas sus endemoniadas obras y las circunstancias y calidades que las afean y agravian, que han excedido a muy muchas y aun a todas, las que los otros y ellos en las otras provincias han hecho y cometido.

De infinitas que en estos tres años han perpetrado y que agora en este día no cesan de hacer diré algunas, muy brevemente, de muchas que un gobernador (porque no le quiso admitir el que en el dicho Nuevo Reino de Granada robaba y mataba para que él robase y matase) hizo una probanza contra él, de muchos testigos, sobre los estragos y desafueros y matanzas que ha hecho y hace, la cual se leyó y está en el Consejo de las Indias.

Dicen en la dicha probanza los testigos que estando todo aquel reino de paz y sirviendo a los españoles, dándoles de comer de sus trabajos los indios continuamente y haciéndoles labranzas y haciendas y trayéndoles mucho oro y piedras preciosas, esmeraldas y cuanto tenían y podían, repartidos los pueblos y señores y gente dellos por los españoles, que es todo lo que pretenden por medio para alcanzar su fin último, que es el oro, y puestos todos en la tiranía y servidumbre acostumbrada, el tirano capitán principal que aquella tierra mandaba prendió al señor y rey de todo aquel reino y túvolo preso seis o siete meses, pidiéndole oro y esmeraldas sin otra causa ni razón alguna. El dicho rey, que se llamaba Bogotá, por el miedo que le pusieron dijo que él daría una casa de oro que le pedían, esperando de soltarse de las manos de quien así lo afligía, y envió indios a que le trajesen oro, y por veces trajeron mucha cantidad de oro y piedras, pero porque no daba la casa de oro decían los españoles que lo matase, pues no cumplía lo que había prometido. El tirano dijo que se lo pidiesen por justicia ante él mismo; pidiéronlo así por demanda, acusando al dicho rey de la tierra; él dio sentencia condenándolo a tormentos si no diese la casa de oro. Danle el tormento del trato de cuerda, échanle sebo ardiendo en la barriga, pónenle a cada pie una herradura hincada en un palo y el pescuezo atado a otro palo y dos hombres que le tenían las manos, y así le pegaban fuego a los pies y entraba el tirano de rato en rato y le decía que así lo había de matar poco a poco a tormentos si no le daba el oro. Y así lo cumplió y mató al dicho señor con los tormentos. Y estando atormentándolo, mostró Dios señal de que detestaba aquellas crueldades en quemarse todo el pueblo donde las perpetraban.

[...]

Débase aquí de notar la cruel y pestilencial tiranía de aquellos infelices tiranos cuán recia y vehemente y diabólica ha sido, que en obra de dos años o tres que ha que aquel reino se descubrió (que, según todos los que en él han estado y los testigos de la dicha probanza dicen, estaba el más poblado de gente que podía ser tierra en el mundo), lo hayan todo muerto y despoblado tan sin piedad y temor de Dios y del Rey que digan que si en breve Su Majestad no estorba aquellas infernales obras no quedará hombre vivo ninguno. Y así lo creo yo, porque muchas y grandes tierras en aquellas partes he visto por mis mismos ojos, que en muy breves días las han destruido y del todo despoblado.

Fonte: LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Madrid: Real Academia Española, 2013, p. 140-143. Disponível online na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: www.cervantesvirtual.com/portales/bartolome_de_las_casas

3. Trechos da probanza contra Quesada, 1541

Testemunho de Juan Castellanos:

...dijo que sabe que el dicho licenciado Ximenez tuvo preso al cacique que se llama Bogotá, que decían los indios que era el mayor señor que había en aquella tierra, y decían que el dicho cacique había prometido de dar al dicho licenciado un bohío [choça] lleno de oro. Y en el dicho tiempo vio cómo los indios del dicho Bogotá le traían oro y lo metían en el bohío, donde el dicho cacique estaba, y que allí le traían piedras esmeraldas, y después vio cómo por mandado del dicho licenciado dieron tormentos al dicho Bogotá, porque no había traído tanto oro como había prometido, y vio cómo le dieron el trato de cuerda y otros tormentos, y que de los dichos tormentos el dicho cacique quedó muy malo y dende a pocos días murió, teniéndole todavía preso hasta que murió. Y que sabe que el dicho cacique, cuando el dicho licenciado le prendió, estaba de paz con los cristianos... [Informação repetida por Las Casas]

Testemunho de Blasco Romero:

...dijo que sabe que, estando el dicho Bogotá que decían que era el mayor cacique que había en aquella tierra, de paz con los cristianos, el dicho licenciado le prendió y le tuvo preso seis o siete meses [cifra repetida por Las Casas]. Y teniéndolo preso, el dicho Bogotá le mandó que le daría un bohío lleno de oro, y después el dicho Bogotá hizo traer a sus indios oro para el dicho licenciado y piedras, que sería en cantidad de ocho mil castellanos¹¹⁶³ [Las Casas não dá o valor, limita-se a escrever “muchas cantidad de oro y pedras”]. Y porque no le había dado el dicho bohío lleno de oro, como le había prometido, le hizo atormentar una vez en casa del dicho licenciado, y le dieron el tormento del trato. Y otras veces le vio atormentar en casa del alférez del dicho licenciado, por su mandado, y le echaron cebo ardiendo por la barriga, estando el dicho indio echado de espaldas. Y en cada pie le echaban una herradura, hindicado [sic.] en un palo, y el pescuezo atado a otro palo, por manera que no se pudiese ir arriba ni abajo, y dos hombres que le tenían las manos, cada uno a su parte, y así le pegaban fuego a los pies, para que así estuviese atormentado.

[Las Casas repete as torturas indicadas]

Fonte: “Fragmento de la probanza hecha por Gerónimo Lebrón contra los hermanos Jiménez. 7 de abril de 1541”. In: FRIEDE, Juan. *Gonzalo Jiménez de Quesada a través de documentos históricos*, T. I. Bogotá: Editorial ABC, 1960, p. 249-251.

¹¹⁶³ Os castellanos eram uma das moedas que circulavam.

4. Carta de Jiménez de Quesada, provavelmente endereçada a Fernández de Oviedo

*...luego ayer tarde fui a entender en lo de **Francisco Duarte**, como vuestra merced me lo envió a mandar, y díjome el amigo que no estaba aquí, que estaba en Benacazón heredad suya. En viniendo veremos lo que hay en él.*

Pesome que se haya perdido la relación que envié a vuestra merced a Salamanca, porque era el mismo traslado de la mi hermano envió a su Majestad y al Consejo de Indias. E iban allí las derrotas por donde había caminado, lo que estos otros bárbaros no sabían decir, y aún estos no los hay ya, porque en esta flota postrera que se partió habrá veinte días se fueron tres que estaban aquí [quiénes serán?] y pudieran dar buena razón de ello. Aquí, ha siete u ocho días desembarcó uno de los que fueron con mi hermano a aquella jornada. No sé si es hombre de tanta capacidad que pueda dar buena razón de ello. Él está cuatro leguas de aquí donde tiene su mujer. En viniendo, yo haré lo que vuestra merced manda y lo llevaré allá, lo que a vuestra merced mejor le pareciere.*

En lo de Venezuela micer Enrique [Ehinger/Alfínger], hacedor de los alemanes, cuando tomó el asiento con Su Majestad sobre aquella provincia, que creo fue en el fin del año veintiocho, en Madrid, hubo un capítulo por el cual Su Majestad les otorga la gobernación de aquella provincia a quien los alemanes nombraren, con que sea visto (p. 314) por los de su Consejo de Indias y examinado si es hábil para el cargo y con que le tomen residencia de ciertos a ciertos años. Y conforme a esto, ellos nombraron a un alemán que se llama micer Ambrosio [de Alfínger]. El cual fue el primer gobernador de aquella provincia. Hizo dos entradas inútiles y en la postrera murió. Por la muerte de este, nombraron los alemanes por gobernador [en] el año de treinta y cuatro a Jorge Espira, también alemán, y fue allá con un teniente suyo que se llamaba Fredemán y también alemán. Y estos dos también hicieron entradas cada uno por su parte, sin provecho. Y el teniente fue aportar al Nuevo Reino de Granada donde yo estaba obra de quince días antes de mi partida para España, donde llegó perdido y desbaratado. Y asimismo el gobernador Jorge Espira, después de vuelto de su entrada a Venezuela, murió. Por la muerte del cual nombraron los alemanes por gobernador a un fulano, que no tengo memoria del nombre, mas que era alemán como los pasados, y yo sabré el nombre y avisaré a vuestra merced con tiempo. [A] este gobernador, sin nombre que digo [Felipe de Hutten], degolló un mal juez de Santo Domingo que allí enviaron los oidores y aun degolló a tres o cuatro. Y a este mismo juez que tal crueldad hizo, el cual se llamaba Carvajal, lo degolló a él un juez que envió de acá Su Majestad y los del Consejo. Por muerte del gobernador degollado, han nombrado los alemanes últimamente a un español antiguo que está ya en la tierra mucho tiempo, a quien también sabré el nombre y lo enviaré a vuestra merced.” P. 315

Fontes:

FRIEDE, Juan. *El adelantado Don Gonzalo Jiménez de Quesada*. Bogotá: Intermedio, 2005, p. 314-315

RAMOS, Demetrio. “Fernández de Oviedo y el ‘enigma’ de la edición de 1547 de su *Historia general*”. In: *Boletín Americanista*, No. 19-27, 1965, p. 458.

5. “Descubrimiento de las esmeraldas”. Capítulo LXXII de *La historia de las Indias*, López de Gómara

Para ir a la Nueva Granada entran por el río que llaman Grande, diez o doce leguas de Santa Marta al poniente. Estando en Santa Marta el licenciado Gonzalo Jiménez, teniente por el adelantado don Pedro de Lugo, gobernador de aquella provincia, subió el río Grande arriba por descubrir y conquistar en una tierra que nombró San Gregorio. Diéronle ciertas esmeraldas; preguntó de dónde las habían, y fuese al rastro de ellas; subió más arriba, y en el valle de los alcázares se topó con el rey Bogotá, hombre avisado, que por echar de su tierra los españoles, viéndolos codiciosos y atrevidos, dio al licenciado Jiménez muchas cosas de oro, y le dijo cómo las esmeraldas que buscaban estaban en tierra y señorío de Tunja. Tenía Bogotá cuatrocientas mujeres, y cada uno de su reino podía tomar cuantas pudiesen tener, pero no habían de ser parientas; todas se habían muy bien, que no hacían poco. Era Bogotá muy acatado, ca le volvían las espaldas por no le mirar a la cara, y cuando escupía se hincaban de rodillas los más principales caballeros a tomar la saliva en unas toallas de algodón muy blancas, porque no tocase a tierra cosa de tan gran príncipe; allí son más pacíficos que guerreros, aunque tenían guerra muchas veces con los panches, No tienen yerba ni muchas armas; justifican mucho en la guerra que toman; piden respuesta del suceso de ella a sus ídolos y dioses; pelean de tropel; guardan las cabezas de los que prenden; idolatran reciamente, especial en bosques; adoran el Sol sobre todas las cosas; sacrifican aves; queman esmeraldas y sahúman los ídolos con yerbas. Tienen oráculos de dioses, a quien piden consejo y respuesta para las guerras, temporales, dolencias, casamientos y tales cosas; pónense para esto por las coyunturas del cuerpo unas yerbas que llaman ;op y osea, y toman el humo. Tienen dieta dos meses al año, como Cuaresma, en los cuales no pueden tocar a mujer ni comer sal; hay unos como monasterios donde muchas mozas y mozos se encierran ciertos años. Castigan recio los pecados públicos, hurtar, matar y sodomía, que no consienten putos; azotan, desorejan, desnarigan, ahorcan y a los nobles y honrados cortan el cabello por castigo, o rásganles las mangas de las camisetas; visten sobre las camisetas ropas que ciñen, pintadas de pincel. Traen en las cabezas, ellas guirnaldas, y los caballeros, cofias de red o bonetes de algodón; traen zarcillos y otras joyas muchas partes del cuerpo; mas han primero de estar en monasterio. Heredan los hermanos y sobrinos, y no los hijos; entiérranse los bogotás en ataúdes de oro. Partió Jiménez de Bogotá, pasó por tierra de Conzota, que llamó valle del Espíritu Santo; fue a Turrneque, y nombróle valle de la Trompeta; de allí a otro valle, dicho San Juan y en su lenguaje Tenesucha. Habló con el señor Somondoco, cuya es la mina o cantera de las esmeraldas; fue allá, que hay siete leguas, y sacó muchas. El monte donde está el minero de las esmeraldas es alto, raso, pelado y cinco grados de la Equinoccial a nosotros. Los indios para sacarlas hacen primero ciertos encantos y hechizos por saber cuál es buena veta; vinieron a montón para sacar el quinto y repartir mil y ochocientas esmeraldas, entre grandes y pequeñas, que las comidas y hurtadas no se contaron; riqueza nueva y admirable y que jamás se vio tanta ni tan fina piedra junta. Otras muy muchas se han hallado después acá por aquella tierra; empero este fue el principio, cuyo hallazgo y honra se debe a este letrado Jiménez: notaron mucho los españoles que, habiendo tal bendición de Dios en lo alto de aquel serrejón, fuese tan estéril tierra, y en lo llano, que criasen los moradores hormigas para comer, y tan simples los hombres, que no saliesen a trocar aquellas ricas piedras por pan; creo que indios se dan poco por piedras. También hubo el licenciado Jiménez en este viaje, que fue de poco tiempo, trescientos mil ducados en oro; ganó asimismo muchos señores por amigos, que se ofrecieron al servicio y obediencia del emperador. Las costumbres,

religión, traje y armas de lo que llaman Nueva Granada son como en Bogotá, aunque algunas gentes se diferencian: los panches, enemigos de bogotás, usan paveses grandes y livianos, tiran flechas como caribes, comen todos los hombres que cautivan, después y antes de ser sacrificados, en venganza; puestos en guerra, nunca quieren paz ni concierto, y si les cumple, sus mujeres la piden, que no pierden ánimo ni honra como perderían ellos. Llevan sus ídolos a la guerra por devoción o esfuerzo; cuando se los tomaban los españoles, pensaban que lo hadan de devotos, y era por ser de oro y por quebrarlos; de que mucho se entristecían. Sepúltanselos de Tunja con mucho oro; y así había ricos enterramientos; las palabras del matrimonio es el dote en mueble, que raíces no dan, ni guardan mucho parentesco. Llevan a la guerra hombres muertos que fueron valientes, para animarse con ellos, y por ejemplo que no han de huir más que ellos, ni dejarlos en poder del enemigo; los tales cuerpos están sin carne, con sola la armadura de los huesos asidos por las coyunturas. Si son vencidos, lloran y piden perdón al Sol de la injusta guerra que comenzaron; si vencen, hacen grandes alegrías, sacrifican los niños, cautivan las mujeres, matan los hombres, aunque se rindan, sacan los ojos al señor o capitán que prenden y hácenle mil ultrajes. Adoran muchas cosas, y principalmente al Sol y Luna; ofrecen tierra, haciendo primero de ella ciertas ceremonias y vueltas con la mano; los sahumeros son de yerbas, y a revuelta de ellas queman oro y esmeraldas, que es su devoto sacrificio; sacrifican también para rodar los ídolos con la sangre. Lo santo es sacrificar en tiempo de guerra hombres cautivos en ella, o esclavos comprados y traídos de lejas tierras; atan los malhechores a dos palos por pies, brazos y cabellos; hay guerras sobre caza; dicen que hay tierra donde las mujeres reinan y mandan; no miran al Sol, por acato, ni al señor. Reprendían mucho a los españoles que miraban de hito a su capitán. Ciento y cincuenta leguas el río arriba hacen sal de raspaduras de palma y orinas de hombre, y es la gente de Indias que menos sin voces y ruido compran y venden. Es tierra que ni enfada la ropa ni la lumbre, aunque está cerca de la tórrida zona; el año de 47 puso el emperador chancillería en la Nueva Granada, como está en la vieja, de solos cuatro odores.

Fonte: LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia general de las Indias y vida de Hernán Cortés*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979, p. 110-112.